# ETHERNYT II

## SOB O DOMÍNIO DAS SOMBRAS

MÁRSON ALQUATI

# AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Seria praticamente impossível nomear todas as pessoas às quais me sinto na obrigação de agradecer neste momento de tamanha importância em minha vida.

Aos meus amigos, parentes, colegas de trabalho e vizinhos, enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que ***"A Trilogia dos Anjos"*** saísse do projeto e ganhasse corpo.

Um agradecimento especial aos meus avós e aos meus pais, pelo exemplo de vida, de bondade, generosidade e honestidade.

À minha amada e querida esposa Jaqueline, minha eterna musa inspiradora. E aos meus adorados filhos Jakson, Marline e Eduarda, os verdadeiros anjos da minha vida, por todo o apoio e pelo seu amor incondicional, suas palavras de incentivo e força e, também, pela sua compreensão e aceitação durante os intermináveis dias e noites em que passei pesquisando e compondo a trama na frente de um computador.

Ao meu grande amigo e estimado irmão de pena e papel, Jocir Prandi, pelas valiosas dicas e sábios conselhos.

Ao meu editor, Ednei Procópio e à Giz Editorial, por acreditarem e apostarem mais uma vez em meu trabalho.

Aos inúmeros fãs de literatura fantástica brasileira, que ao lerem o primeiro volume **"*Ethernyt - A Guerra dos Anjos"***, tornaram-se os responsáveis diretos pelo enorme sucesso alcançado, possibilitando, assim, a existência dessa sequência.

E especialmente a você, meu caro leitor. Pois, você é a verdadeira razão de esta obra existir.

"***Ethernyt – Sob o Domínio das Sombras"*** é dedicado a todos vocês!

# PRÓLOGO

Para todos os lados a que dirigia o olhar, ele encontrava sangue, destruição e morte. Milhões de corpos sem vida e outro tanto mutilados. Dor e desespero. Agonia, medo e desesperança. O mundo à sua volta ardia em chamas, transformado num gigantesco e sangrento campo de batalha.

Dois colossais exércitos, frente a frente, prestes a se enfrentarem. De um lado, o pouco que ainda restava da quase exterminada raça humana, alguns poucos milhões de indivíduos, juntamente com os anjos que, apesar de suas imponentes e majestosas asas multicoloridas, seus impressionantes arcos de fibra de carbono e escudos, as compridas e ameaçadoras lanças e suas espadas de lâminas azuladas e reluzentes armaduras e elmos, nem sombra faziam ante o descomunal exército das trevas, composto por bilhões de demônios, com ou sem asas, porém, fortemente armados, sedentos de sangue e sob o comando de ninguém menos do que Lúcifer, o senhor e líder de todos os demônios, em pessoa.

Ao identificá-lo, um arrepio de pavor percorreu-lhe as entranhas. Engoliu em seco e estremeceu, porém, permaneceu firme em sua posição, sem vacilar. Um filete de suor escorrendo pela sua testa, as mãos começaram a tremer involuntariamente. Olhando para os lados, enxergava os companheiros de armas, tão apavorados e temerosos quanto ele.

Inspirou profundamente, enquanto buscava força e coragem. Mas, como todos ali, homens, anjos e demônios, também ele estava cônscio de que poderia perecer nos próximos minutos, de modo que só lhe restava pedir, ou melhor, implorar à macabra Dama da Foice que o abraçasse de forma rápida e indolor quando sua hora chegasse.

Um repentino soar de trombetas chegou aos seus ouvidos. Os seus dedos apertaram em torno do cabo da espada, pois o guerreiro sabia que naquela lâmina azulada repousava as últimas esperanças de sua raça. A adrenalina aumentou e o coração disparou.

Um segundo soar de trombetas e ambos os exércitos lançaram-se à batalha. Eram os destinos da humanidade e do próprio planeta Terra que começavam a ser decididos naquele sangrento campo de guerra, onde homens, anjos e demônios se amontoavam na mais funesta e amaldiçoada das contendas.

Enquanto corria em direção ao inimigo – espada empunhada qual mortífera extensão de seu próprio ser, adrenalina ao máximo e o coração em disparada – sutis

lembranças de outros tempos e de outra vida ecoavam em sua mente. E, quando enfim percebeu, encontrava-se no centro do embate, encenando o último ato do Apocalipse...

À sua volta, anjos, demônios e homens combatiam-se, dividindo o mesmo fardo e o mesmo inferno, transformando-se em emissários da morte: matando, sangrando e morrendo.

Em meio aos incessantes brados de guerra, muita confusão, cotoveladas, chutes e socos. Os violentos entrechoques das espadas produziam faíscas. Chuvas de flechas e de lanças perfuravam corpos. Golpes certeiros e precisos decepavam membros e abreviavam vidas, dando vazão a um monstruoso rio de sangue.

Para enfrentar os cruéis demônios, também ele se transformou numa espécie de demônio. Com o coração e a alma na ponta da espada, corria, gritava, chutava, cortava, rasgava e matava. Sangrava e fazia muitos de seus oponentes sangrarem.

Agora o medo, a incerteza e a consternação de alguns minutos atrás, já não existiam mais. Cederam lugar à raiva, ao ódio e à fúria assassina, detentores de uma insaciável sede de sangue e incontrolável vontade de matar. Um desejo mórbido de provocar dor e de ceifar vidas apossou-se dele, fazendo-o perder a razão e o bom senso, no que o guerreiro se lançou descontrolada e inconsequentemente sobre as linhas demoníacas.

De repente, se viu sozinho e cercado pelo inimigo. Seus companheiros, ou jaziam mortos pela planície, ou encontravam-se muito ocupados para perceberem a delicada situação em que ele se encontrava. Os demônios formaram um círculo ao seu redor, no que ele girava a espada em volta da cabeça logrando mantê-los afastados por um tempo, até que, ao recuar, pisou em falso no corpo ensanguentado de um anjo e desabou sobre o macabro lago escarlate.

Instantaneamente, a turba demoníaca lançou-se enfurecida qual enxame de abelhas, sobre seu corpo. Ele tentava defender-se de seus golpes, mas as espadas e lanças o alcançaram, rasgando a sua carne e órgãos como se fossem meros pedaços de papel...

# CAPÍTULO PRIMEIRO

Thomas abriu os olhos e sentou-se na cama. Novos e antigos pesadelos insistiam em invadir os seus sonhos e não o deixavam dormir. Totalmente encharcado de suor e trêmulo, levantou-se e caminhou até à mesinha no outro lado do quarto, servindo-se de um copo de água. Não aguentava mais aquele pesadelo em que se via cercado e acabava morrendo dilacerado pelas lanças e espadas dos demônios durante a terrível Batalha do Armagedon. Sabia tratar-se só de um sonho ruim, um provável reflexo dos bizarros acontecimentos pelos quais passara e que ainda o atormentavam. Mas, em contrapartida, era um pesadelo tão real...

Seis meses haviam transcorrido desde a batalha da Fortaleza da Montanha, na Cordilheira Mitumba. Após o confronto derradeiro entre os anjos de Gabriel e o exército de demônios liderado por Lúcifer, os Escolhidos da Profecia separaram-se e paulatinamente voltaram às suas vidas anteriores.

À exceção dele e de Donald Duke, o ex-traficante de armas e falsificador, que não quis voltar para os Estados Unidos. Ambos resolveram permanecer no Congo mesmo, ajudando os anjos a reconstruírem a Fortaleza da Montanha.

Barrabás retornou ao Mosteiro da Luz, em Catanzaro na Itália, onde assumiu o posto de Grão-Mestre Provisório e, após a chegada do novo Grão-Mestre, juntou-se a Desirée e Leon na França. A ex-agente da *Sureté* e o piloto inglês, acusados pelo assassinato do diretor do serviço de inteligência francês e procurados em uma dezena de países, resolveram tirar umas férias. Aceitaram a oferta de Marcel para usarem a sua casa de campo, em Nantes, cidade localizada ao sudoeste de Paris, na região mundialmente conhecida como *Pays de La Loire*.

Já ele, transformado em agente renegado após a rápida incursão ao Brasil, onde se vingara do Superintendente Sérgio Almeida que o havia traído por dinheiro, assim que pôde, retornou à Fortaleza da Montanha, juntando-se a Duke e aos anjos.

Seis meses se passaram desde então...

Involuntariamente, recordou-se daquele mês louco de meio ano atrás. Pela sua mente desfilaram os acontecimentos daqueles trinta dias que mudaram para sempre sua vida e as de seus companheiros.

Tudo começou num domingo em que estava de folga e planejava passar o dia na praia. Ele estacionava o carro na orla de Copacabana quando recebeu uma ligação,

seguida pela ordem de investigar um crime ocorrido na paradisíaca cidade carioca de Angra dos Reis. Um proeminente diplomata estrangeiro havia sido encontrado morto em sua casa de veraneio junto a outras nove pessoas. A princípio, ele até tentara abster-se da investigação, mas terminou por aceitar a incumbência e pegou a estrada para Angra. O que jamais imaginou, no entanto, é que aquele simples caso de assassinato coletivo pudesse ser apenas o estopim inicial de uma ampla e terrível crise, tendo como pano de fundo uma conspiração a nível global, capaz de pôr em risco o próprio futuro da humanidade.

Entre segredos e enigmas, profecias apocalípticas milenares, sociedades secretas e seitas de fanáticos dispostas a promover o Armagedon Bíblico, conheceu Desirée, Barrabás e Leon.

Na esperança de elucidar o misterioso caso dos assassinatos de Angra, os quatro percorreram o Globo enfrentando tiroteios, perseguições e batalhas épicas recheadas de mistérios e perigos de todo tipo. E, inúmeras reviravoltas, traições e revelações depois, eles descobriram que anjos e demônios existiam, eram seres de carne e osso, habitavam entre nós desde o princípio dos tempos e estavam em plena guerra. Uma terrível e insana guerra, cujo saldo final poderia resultar na completa destruição da Terra, aliada à total extinção da Raça Humana.

Neste período conheceram Angelina, Sarah, Gabriel, Uriel e os demais anjos, assim como foram instruídos quanto à real origem e participação destes na História humana, ao longo da evolução do planeta. Após uma série de eventos sinistros, juntaram-se definitivamente aos Guerreiros da Luz, numa desesperada e frenética corrida contra o tempo para tentar impedir a concretização de uma antiga profecia que previa o “Fim dos Tempos”. Foi quando o verdadeiro pesadelo se iniciou e, ao invés de simples assassinos humanos, passaram a enfrentar Lúcifer e o seu exército de demônios. Eles foram convocados então, para uma reunião com seus chefes imediatos nos EUA, onde foram traídos por Sérgio Almeida. O superintendente da PF, aliado dos demons, assassinou o diretor da *Sureté* na sua frente e depois os acusou de terem puxado o gatilho. Durante a fuga, Duke juntou-se ao grupo. E como falsificador de documentos, ajudou-os a deixar a América rumo ao Congo e à base dos anjos na Terra, também conhecida como Fortaleza da Montanha.

Lá acabaria sendo travada a sangrenta e derradeira batalha contra as hostes infernais, da qual apenas uns poucos anjos, além dos cinco humanos, restariam vivos. Mas eis que Lúcifer e alguns de seus generais também conseguiram escapar e, até então, não se ouvira mais falar deles. Dias depois, durante o cerimonioso funeral dos 877 anjos mortos na sangrenta batalha, Thomas abandonou a Fortaleza da Montanha, seguindo

direto para o Brasil, onde encontrou Sérgio Almeida e o matou. Não conseguiu provar sua inocência nos assassinatos imputados a ele e aos companheiros, mas deixou o Rio de alma lavada e decidido a começar uma nova vida como um dos Escolhidos da Profecia, tornando-se um membro efetivo da Irmandade dos Guerreiros da Luz. No seu retorno à Fortaleza da Montanha, ele e os outros humanos participaram de um ritual iniciático, através do qual, foram oficialmente aceitos na Irmandade dos anjos.

Ah! Lembrava-se com orgulho daqueles momentos sublimes. Eles foram separados e deixados em salas individuais, isoladas do mundo e na mais completa escuridão, o que as tornava bastante propícias à reflexão e meditação. Gabriel afirmou que deveriam purificar as suas mentes para, só então, atingirem a plena ascensão espiritual, necessária ao rito iniciático que, em resumo, representaria simbolicamente a morte, ou seja, o fim de suas vidas anteriores, para um posterior renascimento dentro da Ordem da Luz. E como se não bastasse a escuridão carregada das salas, vendas negras foram amarradas em seus olhos, impedindo-os de visualizar qualquer coisa além das trevas.

— Precisamos mesmo usar isto? – ele perguntou ao ser vendado.

— Sim. Faz parte do ritual de iniciação – Micael explicou-lhe, deixando-o a sós com os seus pensamentos.

Antes de entrar na sala, também foi obrigado a despir-se, ficando apenas com uma minúscula sunga cor da pele fornecida pelos anjos, e se desfazer de todos os seus pertences e objetos pessoais, simbolizando, com isso, o desapego do espírito em relação à matéria e o nada que esta representa diante dos ideais, das responsabilidades e da importância de tornar-se um guerreiro da luz.

Por um longo tempo, permaneceu assim: sozinho, vendado e despido, na mais profunda escuridão. Até que, de repente, escutou o ruído da porta se abrindo.

— A partir de agora, eu serei o vosso guia e conduzi-lo-ei à *Luz de Ethernyt* – uma voz solene soou forte atrás dele. – Confiai em mim e nada temei!

Pegando em sua mão, o sujeito guiou-o pelos corredores sombrios e gelados da Fortaleza da Montanha. Andaram e andaram. Sentaram e levantaram diversas vezes. Depois andaram mais um pouco e, por fim, pararam de pé, com a venda toldando-lhe a visão o tempo todo.

De súbito, Thomas escutou o som de espadas batendo umas contra as outras e, no instante seguinte, apenas o silêncio. E novamente as espadas...

Num determinado momento sentiu o calor do fogo quase lhe tocando o rosto. E em seguida, respingos de água fria atingiram-lhe a face.

— Que os Portadores da Vida, os Harmonizadores do Pensamento e as demais entidades cósmicas, através do fogo purificador que transforma a Fênix em cinzas e da

água que a faz renascer das próprias cinzas, façam com que o vosso espírito seja purificado e conduzido à *Luz de Ethernyt* – uma voz ecoou, acima das outras, cuja cantoria traduzia-se numa suave melodia.

O guia forçou-o, então, a ajoelhar-se sobre o joelho esquerdo, no que ele sentiu a lâmina gelada de uma espada de criometal apoiar-se em seu ombro direito.

— Que a partir de agora e para todo o sempre, o vosso passado seja deixado para trás – a espada mudou para o outro ombro. – O vosso presente seja dedicado exclusivamente à luta contra o mal, sob todas as suas formas, e à guarda e proteção do Segredo, do Iluminado e do povo de *Ethernyt* – a lâmina fria repousou sobre a sua cabeça – e que o vosso futuro possa ser comemorado ante a glória e as honras da derradeira vitória final! Levantai-vos e despertai para a vossa nova vida, nobre Guerreiro da Luz!

Thomas foi posto de pé e a venda retirada.

À sua frente encontravam-se Gabriel, Sarah e os generais dos anjos, todos em suas mais belas e reluzentes armaduras.

À sua direita, os companheiros igualmente seminus e que, antes dele, também haviam passado pelo mesmo processo ritualístico. À esquerda e atrás deles, uma verdadeira infinidade de anjos que, com suas asas de plumagens multicoloridas e armaduras de gala, prestigiavam a cerimônia.

— Sejam bem-vindos à *Luz de Ethernyt*! – o Arcanjo sorriu.

— Por *Ethernyt*! – alguém gritou em alto e bom som, no que um coro formado por milhares de vozes repercutiu estremecedor por todo o complexo das Montanhas Mitumba.

A festa que se seguiu foi memorável e inesquecível...

Seis meses se passaram e Thomas ainda recordava-se de cada detalhe daqueles trinta e poucos dias que transformaram a sua vida para sempre. Bebeu mais um gole de água e voltou para a cama.

* * * * *

E enquanto na Fortaleza da Montanha o ex-agente brasileiro tentava dormir, em uma outra fortaleza, Lúcifer acordava sobressaltado.

Tivera novamente aquele sinistro sonho. Sonho não, pesadelo!

O líder dos demônios não entendia os motivos que o levavam, noite após noite, a sonhar sempre a mesma coisa: o mesmo lugar, os mesmos personagens e, sobretudo, os mesmos acontecimentos.

No sonho, ele regressava no tempo, mais precisamente ao fatídico dia da nefasta

batalha da Fortaleza da Montanha, na qual perdera quase todo o seu exército, graças a uma armadilha muito bem arquitetada pelos anjos.

Nunca esqueceria o dia em que vira os seus planos ruírem por água abaixo, após a montanha inteira congelar-se diante de seus olhos.

Mas, voltando ao sonho: ele regressava ao exato momento em que encurralava Sarah, a garota humana que os anjos insistiam em chamar de O Iluminado, contra o paredão de rochas da montanha. Ao ter a vida ameaçada por ele, Sarah agarrava-se ferrenhamente a um velho crucifixo, desgastado e deformado, preso ao seu magro pescoço por uma fina correntinha de ouro. E durante todo o tempo em que os dois ficavam frente a frente, em nenhum instante ela o soltava. Naquele momento, devido ao calor da batalha, ele não dava muita atenção ao fato. Na verdade, até zombava da menina, pois sabia que ela vivia há milhares de anos sob a tutela dos anjos, portanto, também conhecia, e em detalhes, a verdadeira história da criação das religiões como um eficiente mecanismo de controle e escravização disfarçada da raça humana, o que fazia com que ele se divertisse ante o fato de ela demonstrar tamanho apego àquele que seria tão somente mais um mero símbolo religioso.

E então, revivia em minúcias a luta com Gabriel, o qual acabava ferido no olho esquerdo por uma lasca de criometal. Nesta parte do sonho, ele sempre se enfurecia consigo mesmo, ao imaginar que o maldito Arcanjo poderia a esta altura já estar no mundo dos mortos. Por um breve momento Gabriel estivera em suas mãos, porém, no último instante fora salvo.

E o sonho terminava com a intervenção de Thomas, o desprezível e intrometido humano que, além de impedir que ele eliminasse o seu arquiinimigo, ainda feria-lhe a perna, deixando-o coxo para o resto de sua existência. A simples recordação da dor dilacerante do *criometal* da machadinha do brasileiro retalhando a sua carne o fazia acordar encharcado de suor, noite após noite, há seis meses.

Normalmente, até insistia na tentativa de dormir mais um pouco, mas era rara a noite em que o conseguia. Naquela, em especial, isso seria totalmente impossível... Principalmente depois da inesperada revelação que acabara de ter.

Se a sua interpretação estivesse correta, em pouco tempo poderia vingar-se de todos os seus inimigos e, ato contínuo, acabar de uma vez por todas com os malditos anjos e seus protegidos humanos! No entanto, nada lhe proporcionaria mais prazer e alegria do que arrancar com as próprias mãos a cabeça de certo agente brasileiro.

Levantou-se depressa e vestiu o sobretudo preto de lã, ocultando as asas, presas às costas por uma larga cinta de couro.

— O crucifixo... – murmurou entusiasmado ao deixar o quarto mancando com a

ajuda de uma bengala com o cimo dourado. – Como é que eu não pensei nisso antes?

* * * * *

— E então, Gabriel? – Duke insistiu. – Em nome da ciência...

— Você quer saber se nós anjos possuímos órgãos sexuais como os humanos? – Gabriel indagou surpreso com o súbito interesse do americano por aquele assunto.

— E também se vocês fazem sexo como nós – Duke acrescentou.

O Arcanjo dirigiu um olhar inquisidor para Thomas, sentado ao lado do negro. O brasileiro deu de ombros.

— Eu não tenho nada a ver com isso – Thomas defendeu-se rindo. – E se você quer saber, aconselho-o a deixar o pudor de lado e responder logo, senão ele não vai deixá-lo em paz. Eu o conheço muito bem e sei que, se não receber uma resposta, vai pegar no seu pé e atormentá-lo com isso durante o resto do dia.

— Ora, vamos, Gabriel – Duke implorou. – Sim ou não. Eu só quero saber se vocês transam de verdade, ou não.

— E como é que você acha que nós nos reproduzimos? – o Arcanjo se esquivou, visivelmente pouco à vontade com aquela conversa.

— É justamente isso que eu quero saber – Duke insistiu malicioso.

— Botando ovos como galinhas é que não é – Uriel intrometeu-se na conversa, rindo abertamente.

— Mas vocês possuem asas e penas como elas... – Duke argumentou chateado.

— Não adianta insistir, Duke, admita que você perdeu. – Thomas riu alto. – Eu disse que eles não botavam ovos. Você me deve trinta dólares.

— Ei, essa palhaçada toda fazia parte de uma aposta entre vocês dois? – Gabriel encarou-os furioso, ajustando o tapa-olho.

Usava-o desde que fora atingido por um estilhaço de criometal durante a batalha da Fortaleza da Montanha, perdendo o olho esquerdo.

— Não precisa se enfurecer – Duke arregalou os olhos. – Cadê o seu senso de humor? Eu, por exemplo, não tenho nenhuma vergonha em afirmar que pratico sexo regularmente e as mulheres me amam...

— Bem longe delas! – Thomas completou em tom de zombaria.

Gabriel pareceu acalmar-se um pouco e sacudiu a cabeça como quem diz: “o que foi que eu fiz para merecer isto?”.

Obrigou-se a rir, e então, mudou de assunto.

— Senhores, eu os chamei aqui a pedido de Sarah – ele começou.

— Sarah? – Thomas estranhou. – O que foi que houve?

— Ela está bem melhor de saúde e em segurança no Convento da Luz – Gabriel tranquilizou-o. – No entanto, Isabel me contatou esta manhã, solicitando que nos colocássemos em estado de alerta, pois já faz alguns dias que o Iluminado vem tendo maus presságios que a induzem a crer que algo muito grave esteja para acontecer.

— Com elas ou conosco? – Thomas inquiriu.

— É algo relacionado a Lúcifer e seus demônios? – Duke indagou com expressão preocupada.

— Não sabemos – Gabriel respondeu. – As visões de Sarah nunca são claras e Isabel não entrou em detalhes. Quanto a Lúcifer, desde a batalha de seis meses atrás não ouvimos mais falar dele ou de seus asseclas, mas tenho a certeza absoluta de que, durante esse período, o ardiloso manteve-se ativo, preparando o seu retorno.

— Bem – Thomas ponderou – pelo menos, não existe mais o risco de o infame utilizar o "*Vírus D*" como arma biológica!

— Eu não estaria tão certo disso. – Gabriel encarou-o.

— O quê? – Duke interrompeu-o. – Você está dizendo que Lúcifer ainda pode acabar botando as suas mãos nojentas no agente biológico? Mas como ele faria isso, se o verdadeiro Cofre da Morte segue desaparecido e tão bem escondido que ninguém tem notícias suas há milhares de anos?

— Desaparecido, sim, mas não destruído – ele enfatizou. – O Cofre da Morte é real, bem como o agente biológico "D", o que nos deixa margens para acreditar que possam ser encontrados. É apenas uma questão de tempo. Mais cedo ou mais tarde, alguém vai deparar com alguma pista ou, até mesmo, com uma das chaves originais e, por fim, com o próprio cofre!

— E nós não devemos nos esquecer da Profecia – Uriel acrescentou. – Na visão de Sarah, Lúcifer acaba o encontrando e usando-o para forçar a realização da Batalha do Apocalipse!

— Se isso for verdade, quer dizer que tudo o que fizemos até agora foi em vão? – Thomas bradou. – No final, eles vão conseguir o que querem?

— O futuro é como uma extensa estrada que se perde na distância – Uriel divagou. – É impossível saber o que nos espera após a próxima curva, até que a alcancemos. Mas não importa, devemos estar preparados para qualquer coisa.

— Só há uma certeza da qual não podemos fugir: a Batalha Final – o Arcanjo salientou. – Ela acontecerá e é certo que o nosso destino, assim como o da própria humanidade, dependerá única e exclusivamente do seu resultado. Porém, até que ela seja travada, muita coisa ainda deve acontecer e, meu caro Thomas, aquilo que nós fizemos

até agora não foi em vão, afinal de contas, ganhamos tempo a nosso favor para que possamos nos preparar e treiná-los para o derradeiro dia do Armagedon!

— Tudo bem – Thomas fingiu aceitar a explicação do anjo. – E quanto ao pedido de Sarah, o que faremos?

— Devemos ficar de olhos bem abertos – ele respondeu. – Contudo, precisamos esperar que Lúcifer dê o primeiro passo para agirmos. Mas não desanimem, pois eu creio que isso se dará mais cedo do que imaginamos.

* * * * *

Naquela mesma noite, tudo parecia calmo e em paz no Convento da Luz. Calmo e em paz, até demais...

Uma leve brisa de verão soprava balançando as flores multicoloridas do jardim. Eram flores amarelas, azuis, vermelhas e brancas, umas grandes e outras pequenas, cujo movimento suave dava a impressão de que bailavam em um show de harmonia e felicidade, no qual a Lua cheia funcionava como um refletor natural a iluminá-las e o sonoro farfalhar das folhas nas copas das árvores, a entusiasmada plateia a aplaudi-las.

As freiras, após um extenuante dia, se preparavam para o merecido descanso de uma boa noite de sono.

Tudo perfeito e cada coisa em seu devido lugar, à exceção dos vários espectros que, como sombras esguias, cruzavam pela mata e imperceptivelmente cercavam os altos muros da construção. Eram dezenas de encapuzados trajados de preto da cabeça aos pés e fortemente armados, ocultos pela vegetação e pelas trevas indissolúveis da noite, sua aliada incondicional.

— General Memnon – um deles chamou o líder do grupo de assalto do novo Exército de Lúcifer, composto em sua maioria por mercenários humanos movidos a dinheiro. – Todos em posição, como o senhor ordenou!

Memnon era um demônio alto, robusto e forte, de traços indígenas, cor da pele levemente avermelhada, cabelos compridos até os ombros e expressão desprovida de sentimentos, fria como o gelo.

— Excelente! – ele respondeu sério. – Preparem-se. Eu quero um ataque rápido e preciso como o planejado!

# CAPÍTULO II

Isabel e Sarah circulavam calmamente pelos corredores, em direção aos seus aposentos, como faziam todas as noites. As duas haviam tido um dia cheio, pois desde o alvorecer haviam ajudado as freiras com os seus afazeres diários. Haviam cuidado dos jardins e da horta do convento, tratado os animais do estábulo, colhido deliciosas frutas e verduras no pomar e no final do dia ainda haviam encontrado tempo para curtir uma longa e descontraída caminhada pelo bosque.

Um dia perfeito. A anja morena encontrava-se feliz por ver Sarah tão animada e quase completamente recuperada da fraqueza crônica que a colocara em estado de coma profundo há seis meses, após utilizar o seu dom para ajudar Barrabás a recuperar a memória. Isabel chegara até a imaginar que nunca mais a veria assim, alegre e disposta, embora soubesse que, no íntimo, Sarah andava muito apreensiva e preocupada devido às suas premonições e visões. Todavia, como a menina nunca lhe revelava os detalhes daquilo que via, nada podia fazer para ajudá-la.

— Isabel, eu posso lhe pedir uma coisa? – Sarah virou-se de repente.

— Claro! – Isabel surpreendeu-se com a pergunta repentina. – O que eu posso fazer por você, querida?

— As minhas visões estão me deixando um tanto preocupada.

— Eu sei – Isabel sorriu. – Percebi em seus olhos!

— Não consigo mesmo enganá-la, não é? – Sarah devolveu o sorriso.

— Eu sinto quando algo a incomoda, como se fosse comigo – a morena afirmou. – Mas o que isso tem a ver com o seu pedido?

— Eu gostaria que esta noite, em especial, você não dormisse no nosso quarto – Sarah falou. – Pois preciso ficar um pouco sozinha.

— O quê? – Isabel não entendeu direito. – Nem pensar, eu não posso...

— Se você realmente gosta de mim como diz, fará o que estou pedindo e dormirá no alojamento principal com as outras – Sarah concluiu mais ríspida do que gostaria.

— Por que você está me pedindo isto? – Isabel a encarou confusa.

– Não posso deixá-la sozinha e...

— Por favor, Isabel – Sarah implorou.

— Este pedido tem a ver com as suas visões? – Isabel mirou-a desconfiada. – Vai acontecer alguma coisa esta noite? Pois agora mesmo é que eu não a deixarei!

— Não é nada disso – Sarah mentiu. – Eu só quero ficar sozinha por um tempo, para

poder meditar sobre as minhas visões e tentar descobrir o que elas querem me dizer, pois, como você bem sabe, nem sempre elas são claras e concisas. Muito pelo contrário, normalmente são enigmáticas e obscuras, quase incompreensíveis. Sendo assim, preciso refletir sobre o seu conteúdo para não correr o risco de interpretá-las erroneamente, o que poderia ocasionar uma verdadeira catástrofe! Mas para isso é imperioso que eu permaneça isolada do mundo exterior e a sós por um tempo.

— Você tem certeza de que é isso mesmo? – Isabel encarou-a com desconfiança.

— Claro! – Sarah mentiu novamente. – Eu jamais lhe pediria uma coisa dessas, se por algum momento suspeitasse que algo de ruim pudesse acontecer. Seria loucura e irresponsabilidade de minha parte dispensar os seus cuidados e a sua proteção por um mero capricho. Quanto a isso, você pode ficar tranquila, lhe asseguro que ficarei bem. É só por uma noite e, além do mais, acredito que a meditação, assim como o isolamento, possam me trazer benefícios e, até mesmo, ajudar na minha recuperação.

— Eu não sei – Isabel titubeou. – Gabriel não aprovaria...

— Só estou pedindo um pouco de privacidade! – Sarah insistiu, elevando a voz. – Será que é tão difícil assim, para você entender isso? Ao menos por uma noite me deixe em paz. Desde que voltamos para cá, sou tratada como uma prisioneira, vigiada constantemente. Do que é que vocês têm medo, hein? Que eu vá fugir pela janela no meio da madrugada como uma adolescente mimada, para ir escondida a alguma festa proibida?

— Desculpe – Isabel estava perplexa. – Eu não imaginava que a minha presença a perturbasse tanto.

— Mas perturba! – Sarah manteve-se firme e irredutível. – E agora, se você não se importa, eu gostaria de me recolher, já é tarde e amanhã será outro dia cheio.

Elas pararam diante da porta do quarto.

— V-vou deixá-la a sós, então – Isabel abaixou a cabeça. – Caso você precise de mim, não se abstenha em chamar-me. Boa noite!

— Boa noite! – Sarah respondeu entrando e fechando a porta.

Por um minuto inteiro a menina permaneceu com o ouvido colado na porta, e somente após certificar-se de que se encontrava sozinha desabou na cama soluçando compulsivamente.

— Perdoe-me, minha querida Isabel... – murmurou entre as lágrimas.

– Eu não suportaria se algo de ruim lhe acontecesse por minha causa. Pelo menos assim, longe de mim, você terá alguma chance de sobreviver à tempestade que virá.

* * * * *

Inconformada por deixar Sarah desprotegida, Isabel seguia pelos corredores do Convento da Luz em direção aos alojamentos das freiras.

Ainda estava atônita com o comportamento agressivo da jovem, pois nunca antes a tinha visto agir de forma tão estranha. Durante séculos elas conviviam e Sarah jamais demonstrara qualquer sinal de falta de sensibilidade ou indelicadeza no trato com aqueles que a cercavam. Algo ou alguma coisa a incomodava para fazer com que agisse daquela forma grosseira.

Isabel precisava descobrir o que estava se passando, mas, fosse o que fosse, teria que esperar até o dia seguinte.

A morena encontrava-se perdida em seus pensamentos, quando um estrondo súbito sacudiu o chão sob os seus pés. Refeita do susto, ela correu até a janela mais próxima e, ao olhar através das vidraças trincadas pela explosão, imediatamente compreendeu o que sucedia: o convento estava sendo atacado!

Entre os portões de ferro que guardavam a entrada, havia um enorme buraco, por onde entravam dezenas de homens armados, encapuzados e vestidos de preto da cabeça aos pés.

Algumas freiras que aproveitavam a agradável noite de verão para se divertirem passeando pelos jardins foram covardemente fuziladas e tombaram sobre as fl ores, esmagando e encharcando-as de sangue. Outras tentaram se defender, arremessando pedras e ferramentas de jardinagem contra os invasores. Uma delas, demonstrando espantosa habilidade e sangue frio, cravou um ancinho no rosto de um inimigo, que estremeceu e caiu morto. Os seus companheiros não hesitaram, revidaram, abrindo fogo, livrando-se dela e das demais em questão de segundos.

De onde estava, Isabel assistia a tudo perplexa, paralisada de pavor.

Só então lembrou de Sarah: sozinha e indefesa em seu quarto. Instantaneamente, o torpor e a letargia se dissiparam e a anja morena disparou pelos corredores, refazendo o mesmo caminho que havia feito ao deixar a menina.

Enquanto corria, arrancou o hábito de freira e desafivelou a cinta em seu peito, liberando as asas forradas de penas brancas, no que uma espada surgiu em sua mão. Isabel voou literalmente pelo resto do corredor.

Não havia mais razão para disfarces e, além do mais, as freiras do convento desde há muito já conheciam a sua verdadeira natureza. Quanto aos invasores, a surpresa, quando a vissem, poderia representar para elas uma considerável vantagem.

Um trio de freiras armadas apareceu correndo e parou diante dela.

— O convento está sendo atacado! – gritou alarmada uma delas. – Já entraram no

prédio e estão matando todo mundo!

— Vão até o quarto de Sarah e a tirem de lá – Isabel ordenou enfática. – Usem a passagem secreta e me esperem do outro lado do túnel!

Depois do primeiro ataque ao convento meio ano atrás, o Arcanjo ordenara que fosse construído um túnel subterrâneo a partir de uma porta secreta localizada ao lado dos aposentos de Sarah, desembocando em um ponto externo, situado fora dos limites do prédio, para que numa situação extrema como aquela o Iluminado pudesse ser removido em segurança para fora do convento.

— E quanto a você? – perguntou a freira. – Não vem conosco?

— Não posso. Preciso ajudar as outras – Isabel declarou. – Vão logo. Assim que puder, eu alcanço vocês.

As freiras anuíram e correram, no que Isabel virou-se e voou escada abaixo até atingir a entrada do prédio, agora completamente tomada por freiras desesperadas, tentando defender o convento como podiam dos invasores armados até os dentes que entravam em razoável número pela porta arrombada.

A batalha era desigual, uma vez que elas portavam apenas velhas espingardas e alguns revólveres, além de espadas, facas e utensílios de cozinha, fazendo frente aos fuzis e submetralhadoras automáticas de seus algozes. A desproporção tornava-se ainda mais evidente no crescente número de freiras mortas em comparação à meia dúzia de corpos do inimigo que jaziam pelo chão do hall de entrada do convento.

Vendo aquilo, a guardiã do Iluminado não pensou duas vezes.

— Por *Ethernyt*! – gritou tão forte quanto seus pulmões lhe permitiram, voando com tudo para cima dos inimigos.

Brandindo a lâmina da sua espada de um lado para o outro, a anja morena, que para o espanto e terror de seus inimigos mostrava-se imune às suas armas, promoveu uma verdadeira carnificina, retalhando a todos os que se achavam em seu caminho e que simplesmente estancavam de medo e surpresa, assim que a viam.

Muitos foram mortos, antes que os invasores se recuperassem do choque inicial acarretado pela visão inesperada da anja guerreira, cuja espada vingadora de lâmina azulada continuava a zunir implacavelmente, dizimando-os.

As freiras aproveitaram o momento de distração e perplexidade para atacá-los e, em poucos segundos, não havia mais nenhum inimigo vivo dentro do prédio.

Isabel e elas, agora com fuzis e submetralhadoras, saíram para o pátio interno do convento e investiram sobre os que lá estavam. Foram igualmente bem-sucedidas e, ao eliminarem o último dos invasores, posicionaram-se estrategicamente sobre as muralhas, prontas para repelir novos ataques. A invasão fora contida.

A anja morena olhou ao redor e sorriu satisfeita. Orgulhosa de suas guerreiras humanas disfarçadas de freiras, que, mesmo em menor número e quase desarmadas, haviam dado conta do recado e frustrado a tentativa de assalto ao Convento da Luz. Agora tinha certeza de que valera a pena todos os anos a fio, aos quais dedicara o seu tempo e esforço, treinando e preparando-as para uma situação como aquela.

A história delas começara logo após uma visão de Sarah que a fez decidir mudar-se para aquele lugar. No princípio, Gabriel fora totalmente contrário à ideia de o Iluminado trocar a Fortaleza da Montanha por um simples convento no meio do nada e completamente desprovido de segurança. Mas a menina fora peremptória e não só o convencera a permitir que se mudasse para lá, como também a não infestar o lugar de anjos. Isabel fora a única representante do povo ethernytiano a ter permissão de viver ali. E para substituí-los, o Arcanjo optara por criar a Ordem das Protetoras da Luz, constituída exclusivamente por corajosas mulheres humanas, todas pertencentes à Irmandade dos Guerreiros da Luz e decididas a dedicar suas vidas à causa dos anjos.

Disfarçadas de freiras comuns, essas guerreiras nunca chamariam a atenção dos espiões de Lúcifer e ninguém jamais desconfiaria que o Convento da Luz pudesse ser algo diferente de um convento tradicional.

O disfarce funcionara por anos, até que um dia vieram os Escolhidos da Profecia e, com eles, Bruno Ghezi, um espião dos demônios.

Depois daquele dia, o local deixara de ser seguro. O Arcanjo sugerira que elas o abandonassem, porém Sarah negara-se, justificando que as suas previsões lhe diziam para ficar e que as coisas deveriam prosseguir como até então haviam estado. Por isso, logo após o combate da Fortaleza da Montanha, elas voltaram e retomaram as suas vidas, como se nada tivesse acontecido. Seis meses se passaram até que Lúcifer resolvesse mostrar as suas garras; e quando o fez, naquela noite, elas o derrotaram!

Isabel ainda orgulhava-se do prodígio alcançado por suas valorosas guerreiras, quando percebeu uma silhueta correndo desesperada em sua direção.

— O que houve? – ela perguntou, notando a expressão de urgência no rosto da mulher.

— É Sarah... – a freira respondeu ofegante. – Encontramos três irmãs mortas na entrada do túnel!

— E quanto a Sarah? – Isabel alarmou-se.

— Nós a procuramos por todo o convento e não encontramos nenhum sinal dela. – a freira desabafou. – Só não procuramos no túnel, pois está lacrado por dentro e não fomos capazes de abrir-lhe a passagem.

Isabel lembrou-se de que o túnel de fuga possuía uma tranca que, se acionada, só

poderia ser reaberta pelo lado de dentro. Um mecanismo de segurança, construído para que elas pudessem ganhar tempo durante uma eventual perseguição. Um feitiço que se voltara contra o próprio feiticeiro!

— Encontrem-me no bosque, na saída do túnel! – Isabel ordenou rispidamente, abrindo as asas e voando para além da construção de pedras alinhavadas, rumo ao aglomerado de árvores que a circundava.

O coração batendo acelerado parecia querer saltar pela boca, enquanto que um misto de medo e desespero passava a assolar os seus pensamentos. Para completar, a intuição lhe dizia que o Iluminado estava correndo um sério perigo...

* * * * *

Memnon percorria o túnel escuro e estreito, carregando nos ombros a jovem desacordada. Tudo transcorrera rigorosamente conforme o planejado. Havia seguido as instruções de Lúcifer e, enquanto o ataque principal distraía a atenção das freiras, ele entrara furtivamente pela janela dos fundos do prédio, a mesma que Ghezi usara para fugir na ocasião em que fora perseguido a cavalo por Thomas.

Daquela vez, o idiota deixara o Iluminado escapar. Um erro que ele, Memnon, jamais cometeria.

Ao ver-se do lado de dentro do Convento da Luz, tratara de encobrir as asas com o casaco, no que repassava o mapa mental que decorara, logo chegando ao corredor onde fi cava o quarto do Iluminado. Aproximara-se da porta já empunhando a espada. Antes de encontrar-se diante dela, porém, a mesma se abrira dando passagem a duas mulheres vestidas de freiras e armadas com espingardas. Uma terceira vinha ao lado da menina que ele de imediato reconhecera como aquela a quem buscava.

Ao vê-lo, as duas primeiras assustaram-se e, agindo por puro reflexo, abriram fogo contra ele. Uma carga de chumbo quente penetrara-lhe o peito, arremessando-o violentamente para trás.

Memnon caíra. Enquanto a regeneração celular recompunha as células danificadas, as quatro mulheres correram para o fundo do corredor, onde inseriram uma chave em um buraco da parede, abrindo uma passagem secreta, oculta por um tapete gigante ilustrado com a imagem de um anjo guerreiro, cujo olhar ameaçador seria capaz de intimidar até mesmo o mais valente dos demônios, afixado a ela como um quadro.

Mas, antes que elas pudessem cruzar pela porta de aço maciço, agora totalmente aberta, Memnon já estava de pé novamente, com as asas livres e a espada firmemente empunhada. O demônio voara sobre o quarteto, decepando a que estava mais à frente do

grupo e, antes que a cabeça da mulher chegasse ao chão, ele enfiava a espada no coração da segunda freira.

Desesperada e tremendo de medo a terceira colocara-se entre Sarah e ele, numa inútil tentativa de proteger a menina. Mas encontrava-se sozinha e desarmada...

Memnon a encarara por um momento e com um golpe extremamente rápido e preciso praticamente a partira em duas, respingando sangue para todo lado.

Sarah não fizera qualquer menção de tentar fugir dele, nem ao menos se movera de onde estava, mas mesmo assim, o demônio preferira não arriscar e desferira-lhe um violento soco no rosto, deixando-a inconsciente. Jogara-a sobre os ombros, entrara no túnel e lacrara a entrada, dirigindo-se calmamente para a saída.

Uma caminhada de dez minutos e chegaram ao que parecia ser o ponto final da passagem secreta: uma pequena reentrância escavada sob um conjunto de pedras e encoberta pela vegetação da floresta. Era a boca de uma gruta natural subterrânea, tão bem camuflada que facilmente passaria despercebida se vista de cima.

Memnon afastou com as mãos algumas pedras menores que estrategicamente bloqueavam a saída, cruzando pela espessa cortina de samambaias e finalmente foi recompensado com o ar puro.

— Pare onde está! – ouviu uma voz de mulher. – Largue a menina!

— E por que eu deveria fazer isso? – ele perguntou olhando ao redor, à procura da dona daquela voz.

— Por que eu estou mandando – Isabel pousou na sua frente.

— Um anjo – Memnon sorriu. – Eu devia ter imaginado!

Nisto, Isabel levantou a espada e atacou.

O demon largou Sarah de qualquer jeito, desviando-se da lâmina da anja de tez morena, no que rolou pelo chão e levantou-se empunhando a sua própria espada.

— Você vai pagar caro por isso, sua intrometida! – vociferou furioso.

Isabel lançou-se para cima dele e os dois lutaram ferrenhamente, ora atacando, ora defendendo-se, ora no chão, ora no ar, sobre as copas das árvores.

Os violentos entrechoques das espadas com lâminas de *criometal* produziam faíscas que reluziam à luz do luar, propiciando um aspecto sobrenatural ao combate.

Em determinado momento, Isabel logrou defender-se de um golpe mais intenso endereçado à sua cabeça e a espada foi brutalmente arrancada de sua mão.

Memnon aproveitou-se da situação. Rápido e preciso, enfiou a sua lâmina até o cabo na barriga da adversária. Isabel estremeceu e o brilho em seus olhos murchou.

Reparando no semblante de dor da anja, o índio sorriu e, não satisfeito, torceu a espada dentro dela, no que Isabel retorceu-se em extrema agonia. O que só aumentou o

prazer do demônio, que, com um puxão seco, a arrancou fazendo com que o sangue azul da anja jorrasse aos borbotões. A morena gritou e cambaleou para trás. As forças que ainda lhe restavam dissolveram-se e, de súbito, viu-se caindo sobre a relva fria. Tamanha era a dor, ela não conseguia pensar em mais nada, além de levar ambas as mãos à barriga dilacerada.

Memnon aproximou-se. Parou diante dela e esboçou um sorriso.

— Não há nada que me proporcione maior prazer do que assistir o sofrimento de um anjo, principalmente sendo causado por mim – ele declarou. – Admito que esteja me divertindo muito, mas infelizmente preciso ir, pois tenho uma entrega importante a fazer – apontou o dedo para Sarah. – Quanto a você, desejo-lhe uma morte bastante lenta e extremamente sofrível.

Limpou o sangue azul coagulado na lâmina da espada nas próprias vestes dela, e então deu-lhe as costas, retornando ao ponto onde havia deixado Sarah desacordada. Aninhou-a em seus braços e abandonou o bosque, voando sem cerimônia por sobre as copas das árvores mais altas, de forma que sua silhueta foi diminuindo aos poucos, até sumir por completo de encontro à indiferente Lua cheia.

Isabel, no auge de sua expiação, ainda contorcia-se no chão, quando as freiras chegaram. Sentia-se fraca e zonza, porém, o que mais a deixava preocupada era o fato de que a dor lacerante em sua barriga começava a atenuar, algo que definitivamente não era um bom sinal, visto que apenas confirmava o que ela já sabia: a vida estava esvaindo-se, escorrendo por entre os seus dedos. A sinistra e pérfida mão negra da Morte não tardaria a carregá-la ao Mundo Moroncial dos Espíritos e foi com extremo esforço que balbuciou as suas últimas palavras:

— E-eu falhei... O demônio... a levou... Comuniquem... ao Arcanjo.

E então, Isabel – a anja guerreira de *Ethernyt*, protetora e guardiã do Iluminado – entregou-se à "Dama da Foice". Enfim descansou, deixando-se envolver pela névoa aconchegante e acolhedora da escuridão perpétua, a cuja fleuma e paz somente os mortos têm direito...

# CAPÍTULO III

Abel, o anjo espião, caminhava lentamente sobre as muralhas do castelo de Lúcifer, disfarçando a ansiedade e o nervosismo que estava sentindo. Fazia menos de uma hora que assistira o general Memnon desembarcar do carro com uma refém a tiracolo. De onde estava, pudera ver apenas que se tratava de uma mulher franzina e pequena, cujo rosto envolto por um capuz tornava impossível a sua identificação.

Devia ser alguém importante, já que Lúcifer os recepcionara pessoalmente na entrada do castelo.

A fortaleza dos demônios localizava-se no alto de uma montanha isolada e de difícil acesso, em Salzburg, um dos nove estados da Áustria, país montanhoso localizado na Europa Central, terra de Mozart, Beethoven, Strauss e outros, como Adolf Hitler, um demônio disfarçado que, sob as ordens de Lúcifer quase conseguira aniquilar a humanidade ao liderar o genocídio nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Se a Irmandade dos Guerreiros da Luz e os anjos não tivessem interferido e frustrado os seus planos hediondos, o mundo de hoje poderia ser bem diferente do que é, ou até mesmo nem existir mais.

Abel arrepiou-se só de pensar no que poderia ter acontecido se eles tivessem obtido sucesso. Porém, aquilo era fato passado e agora ele precisava se concentrar no presente. Fazia um tempo que se infiltrara no exército de Lúcifer e, até então, havia passado despercebido. Fora graças ao seu disfarce e às informações que conseguira há pouco mais de seis meses que os anjos conseguiram destruir o nefasto exército de Lúcifer, cujo poderio militar ele mesmo pudera constatar na noite em que as tropas se reuniram ali, antes de rumarem para a África, onde fora travada a grande batalha da Fortaleza da Montanha. Naquela ocasião, ele se desesperara por não poder abdicar do seu disfarce e ajudar o seu povo, entretanto, convencera-se de que, se o destino assim não o permitira, seria por alguma razão bem específica que até então ele desconhecia.

Alguns dias depois, observara o retorno do que sobrara do poderoso exército dos demônios: Lúcifer mais uns vinte ou trinta apenas. Durante as raras conversas que tivera com os seus colegas soubera dos detalhes da batalha e a alegria que passara a sentir só não fora maior pelo fato de não poder estar presente nas comemorações da vitória. Abel não podia dar-se a esse luxo. Lúcifer havia sobrevivido à armadilha, o que tornava ainda mais imprescindível a sustentação do seu disfarce. Uma decisão que se revelara bastante sábia e acertada, diante das atuais circunstâncias.

Retrocedendo uma hora no tempo: após desembarcar, a um comando do Senhor dos demônios, Memnon retirara o capuz da prisioneira, revelando a sua identidade. Abel quase tivera um colapso ao reconhecer Sarah, “O Iluminado”...

Os desgraçados haviam conseguido de alguma maneira raptá-la.

Num primeiro momento, o anjo espião sentira-se enojado, sendo logo em seguida acometido por uma crescente sensação de pânico e desespero.

Precisava fazer alguma coisa por ela, porém, não sabia exatamente o quê. Uma mensagem sua levaria dias para chegar até o Arcanjo. Contudo, o Iluminado não disporia de tanto tempo...

Enfrentar Lúcifer e os demons sozinho? Nem pensar, seria suicídio.

E Abel optara por apenas observar de longe, cônscio de que na hora certa saberia o que fazer.

A menina fora brutalmente arrastada para dentro do castelo, provavelmente para interrogatório no porão, onde ficavam as masmorras e as câmaras de tortura. Sarah devia deter algo do interesse de Lúcifer: uma informação, um objeto, enfim, alguma coisa bastante valiosa, caso contrário, nem estaria ali, já estaria morta a muito.

Se ele estivesse certo, os demons a manteriam viva por um, talvez dois dias, no máximo! Isso, se não obtivessem o que desejavam antes desse prazo. Então, ela seria sacrificada de qualquer maneira, independente do que ainda pudesse lhes oferecer.

Não podia consentir que a matassem! A sobrevivência do seu povo e o destino de toda a Terra dependiam da garota viva, entrementes, ele teria que esperar o momento certo para agir. Mas como saber quando seria esse momento?

Teria que confiar nos seus instintos.

Desde então, já haviam se passado quase sessenta minutos.

E eis que, inesperadamente, a solução retiniu em sua mente...

* * * * *

Gabriel desligou o celular, olhando preocupado para os demais.

— O que foi? – Thomas indagou. – Parece que você viu um fantasma!

— Aconteceu o que estávamos prevendo: Lúcifer reapareceu.

— É mesmo? Onde? – Thomas animou-se. – Eu não vejo a hora de encontrá-lo frente a frente de novo. Temos umas contas para ajustar.

— Credo! – Duke benzeu-se – Eu só quero é manter bastante distância daquela imitação barata de morcego.

— Gabriel, aconteceu alguma coisa? – Uriel perguntou, percebendo a aflição e a

palidez estampadas no rosto do amigo.

— Um grupo fortemente armado, provavelmente o Exército de Lúcifer, atacou agora há pouco o Convento da Luz – o anjo loiro explicou trêmulo. – Isabel e as suas freiras resistiram como puderam e, no final, os subjugaram, evitando uma invasão em grande escala ao lugar.

— Eu acho que não entendi direito... – Duke interrompeu. – Você disse que um bando de freiras lutou contra mercenários armados até os dentes e os derrotou?

— Se você as tivesse visto em ação, não duvidaria disso – Thomas alegou.

— O Convento da Luz foi salvo – Gabriel continuou –, mas...

— Mas o quê? – Thomas pressentiu que algo estava errado. – Diga logo, o que aconteceu?

— Havia um demônio entre eles. Isabel lutou com ele, acabou ferida e agora está morta – Gabriel concluiu. – As freiras a encontraram na saída da passagem secreta que nós construímos para facilitar uma eventual fuga do Iluminado, em situações de risco!

— Isabel... Morta? – Angelina intrometeu-se. – Não pode ser!

Deve haver algum engano...

— Infelizmente não há engano algum, Angelina. Embora seja muito duro para todos nós perder alguém tão especial quanto Isabel, precisamos nos conformar com a situação. Ela está morta e não há nada que possamos fazer para reverter isso. Sinto muito.

A ex-prostituta de Paris não pôde evitar que uma lágrima de tristeza rolasse pelo seu lindo rosto de pele clara e macia. Enquanto a enxugava, lembrou-se com carinho e saudades da anja morena que, durante aqueles dias em que as duas conviveram na Fortaleza da Montanha, ela aprendera a admirar e a respeitar. Isabel, cujos sábios conselhos lhe foram de tão grande valia! Fora graças a eles que, após ser humilhada por

Kamael, Angelina criara coragem de armar-se e, pouco depois, lutara bravamente contra uma legião inteira do exército demoníaco, derrotando-a praticamente sozinha e salvando o próprio Kamael da morte certa.

Com isso, resgatara a sua honra e sua autoestima perdidas e deixara de ser vista como uma desertora exilada, para tornar-se a mais nova celebridade do mundo dos anjos, bem quista e admirada por todos. Inclusive o seu atual posto de General do exército ethernytiano devia-se a Isabel e às suas sábias palavras...

Mas agora ela estava morta! Era difícil de acreditar e, mais ainda, de aceitar.

— E quanto a Sarah? – Uriel perguntou, interrompendo os pensamentos da anja loira. – Ela está bem?

— Não sabemos – Gabriel respondeu sério. – Conforme as últimas palavras de Isabel, o demônio a carregou consigo!

— Carregou-a? – Thomas arregalou os olhos. – Para onde?

— Não faço a menor ideia – ele exclamou desanimado. – Lúcifer possui muitos esconderijos espalhados pelo mundo. Nós conhecemos uns três ou quatro apenas. E o bastardo sabe disso, portanto, não cometerá o erro de se esconder em nenhum deles.

— E então? O que faremos? – Duke indagou.

— Não posso negar que a vida de Sarah esteja correndo um sério risco – Gabriel continuou. – Também não consigo sequer imaginar o que Lúcifer poderia querer com ela, tanto que jamais me ocorreu que ele seria capaz de atacar o Convento da Luz para raptá-la. Droga! Eu não devia ter permitido que elas voltassem para lá.

— Não se culpe por isso – Uriel consolou-o. – O que está feito não pode mais ser mudado. Agora, resta-nos olhar para frente e tentar encontrar uma saída. Creio que chegou a hora de reunirmos os "Escolhidos da Profecia" novamente.

— Você está certo! – Gabriel ergueu a cabeça. – Angelina, por favor, ligue para Barrabás, Leon e Desirée e peça a eles que nos encontrem em Londres, na nova sede dos Cavaleiros da Luz, dentro de três dias!

— Três dias? – Thomas levantou-se perplexo. – E por que não, amanhã mesmo? Sarah está em perigo... Nós não podemos perder tanto tempo assim!

— Thomas – Gabriel explicou pacientemente. – Nós precisamos manter a calma e a lucidez nessa hora e nos preparar para o que podemos vir a ter de enfrentar, dadas as circunstâncias. Antes de partirmos, eu preciso tomar uma série de providências e também acho importante salientar que, devido ao fato de não sabermos para onde os demônios levaram Sarah, não há nada de concreto que possamos fazer para ajudá-la, pelo menos, não até descobrirmos onde ela está. Assim sendo, o recomendável é que tentemos obter informações úteis, antes de sairmos por aí como um bando de loucos desorientados!

— Eu só espero que quando resolvermos agir não seja tarde demais! – Thomas retrucou impotente e inconformado diante de tais argumentos.

* * * * *

Sarah foi conduzida para o interior do castelo.

Ao seu lado seguiam Lúcifer e Memnon. A menina recordava apenas de estar no corredor do convento, diante da passagem secreta e do demônio com feições indígenas, quando a escuridão dominara o seu mundo. Acordara algum tempo depois, amarrada e com um capuz enfiado na cabeça, toldando-lhe a visão.

Durante todo o tempo em que permanecera acordada dentro do porta-malas do carro, uma sensação deveras ruim insistia em afligir-lhe o coração, como se algo de

horrível tivesse acontecido. Aquele aperto no peito e a tristeza profunda não eram novidades para ela, porém, há muito tempo não os sentia com tamanha intensidade.

Recordara-se da sinistra e macabra visão que tivera na noite anterior: Isabel...

A tristeza e a angústia aumentaram. E então ela soubera, sem que ninguém lhe dissesse, que a anja morena estava morta. A dor tornara-se ainda maior, quando de súbito lembrara-se de que não se despedira dela nem se desculpara pela tentativa de mantê-la a salvo da implacável "Dama da Foice".

Ah! Como sabia ser doloroso o remorso...

Por um longo tempo, chorara sob o capuz. Mas, chegando ao castelo, engolira as lágrimas e reunira as forças que ainda lhe restavam. Em respeito à memória de Isabel e de tantos outros que, como ela, haviam doado suas vidas para protegê-la, fizera-se forte, cerceando toda e qualquer manifestação emotiva. Procurara manter-se firme e estável. Todavia, como O Iluminado, sabia exatamente o que estava por vir; o que o futuro reservava para si mesma, para todos os que já lutavam e os que ainda viriam a engajar-se naquela maldita guerra contra Lúcifer e o seu exército das trevas.

Foi empurrada porta adentro de um escritório bem decorado, repleto de móveis e vários objetos característicos da Idade Média, como armaduras e elmos, escudos e brasões decorativos e tapeçarias da época.

Lúcifer, que entrara antes, virou-se repentinamente e a encarou sério.

— Até que enfim nos encontramos novamente – ele começou. – Mas, desta vez, tomei todas as precauções para não sermos interrompidos.

— O que você deseja de mim? – Sarah indagou firme. – Matar-me ou fazer-me sua prisioneira não o ajudará a ter o que busca.

— Se fosse esse o meu objetivo, você já estaria morta – o Senhor dos demônios declarou impassível. – O que a trouxe aqui é algo muito mais significativo do que a sua morte ou encarceramento: entregue-me a *Chave Um* do *Cofre da Morte* e eu a deixo ir embora sem tocar em um único fio do seu cabelo.

Sarah gelou. Embora soubesse que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde, um súbito desespero a dominou. Ela começou a tremer. De alguma forma, Lúcifer havia descoberto o seu mais bem guardado segredo. Mas como? Teria descoberto ou estaria ele blefando na tentativa de extrair alguma informação dela?

Os fatos, porém, adiantaram-se às suas expectativas de forma que ela optou por dificultar as coisas.

— Eu não sei do que você está falando – argumentou. – E mesmo que soubesse, jamais o faria!

— Ora, deixe de tolices – o líder dos demônios vociferou. – Ambos sabemos que

você está com ela. Sempre esteve!

— V-você está enganado – Sarah titubeou. – As *Chaves*, assim como o próprio *Cofre da Morte,* nunca existiram. Apenas figuraram como elementos determinantes em um bem arquitetado plano para destruí-lo e que infelizmente não deu certo.

— Boa tentativa, mas não me convenceu – Lúcifer adiantou-se até tão próximo dela, que a menina pôde sentir na face o calor de sua respiração.

Com um movimento brusco, ele esticou o braço e agarrou a garganta de Sarah, sufocando-a com uma das mãos, enquanto que com a outra arrancava a correntinha que conectava o desgastado crucifixo dourado ao pescoço da garota.

— Me explique, se isto não é a *Chave Um* do *Cofre da Morte*, o que é então? – indagou, soltando-a. – Com certeza não é o que aparenta, uma vez que nem você nem os seus amigos anjos seguem qualquer rito religioso. Muito embora tenham sido os seus criadores, vocês apenas usaram as religiões como um artifício para atingir os seus propósitos de domínio e manipulação dos humanos, cuja ignorância e estupidez induziram-nos no passado e ainda hoje os induzem a acreditar em deuses fictícios e suas falsas promessas de fartura, salvação e vida eterna!

— Você está perdendo o seu tempo – Sarah ponderou enfática. – Sem o devido conhecimento do código secreto, será impossível decifrar as inscrições da *Chave*.

— É somente por isso que você ainda permanece com vida – Lúcifer fuzilou-a com o olhar. – Diga o que elas significam e prometo não machucá-la!

— Nunca! – Sarah estremeceu, mas manteve-se irredutível. – Você pode fazer o que quiser comigo, jamais vai obter o código, até porque eu não o sei. Caso contrário, já teria encontrado e destruído o "*Vírus D*" eu mesma, há muito tempo.

— Isto é o que vamos ver – ele sorriu. – Tenho alguns amigos que a convencerão a lhes contar até os seus mais íntimos segredos!

Sarah sentiu um calafrio a percorrer-lhe o corpo inteiro. O mesmo receio que a impedira de revelar a verdade até mesmo para Gabriel, o seu mais antigo e confiável amigo, agora precisava lhe conceber força de vontade e determinação suficientes para que não a revelasse ao seu mais odiado e terrível inimigo.

— Conduza a nossa ilustre visitante ao porão – Lúcifer ordenou a Memnon – e peça aos nossos amigos para descobrirem tudo o que ela sabe sobre as inscrições e a segunda chave. Os métodos utilizados não me interessam, desde que funcionem!

O demônio com cara de índio assentiu. Agarrou Sarah pelo braço e a arrastou pelos corredores escuros do castelo rumo à parte mais baixa e sombria do mesmo.

Lúcifer olhou para o crucifixo em sua mão. Mancando e apoiado na bengala, foi até a janela do escritório, no que leu em voz alta as inscrições nele entalhadas:

*— 1/2+VI/3+VII/4–VIII...*

Que diacho de código seria aquele? Em toda a sua existência nunca vira nada parecido. Não importava. Logo, Sarah responderia a essa pergunta e, então, o destino da Terra repousaria em suas mãos. Sorriu satisfeito.

De repente, um estrondo. O chão tremeu sob os seus pés e os vidros da janela estouraram ao receberem o choque da explosão que subitamente iluminou a noite. O impacto do deslocamento de ar fez com que Lúcifer fosse violentamente arremessado para trás, caindo sobre uma mesinha de centro que não aguentou o seu peso e partiu-se em duas. Em seguida, uma segunda e uma terceira explosões se fizeram ouvir.

Alguns segundos para se recuperar e ele já estava novamente de pé, observando, perplexo, o pandemônio que se instalara no pátio externo do castelo. Um único olhar mais atento revelou-lhe o que acontecera: o galpão que servia de paiol de munições explodira e, naquele momento, era implacavelmente consumido pelas chamas.

Vários homens e mulheres do seu novo exército corriam desorientados de um lado para o outro. Alguns, com baldes de água nas mãos, tentavam aplacar a ira das labaredas que devoravam o que restara do antigo paiol, no que os outros, de armas em punho, procuravam os hipotéticos responsáveis pela explosão.

Lúcifer também os procurou e nada. Nenhum sinal do inimigo. Por conseguinte, não se tratava de um ataque externo. E como ele não acreditava em acidentes casuais, era óbvio que o responsável por aquilo só podia ser alguém do seu próprio exército, um maldito traidor, um espião dos anjos ou alguém tão descuidado que merecia ser severamente castigado, punido com nada menos do que a morte.

Guardou o crucifixo na gaveta da escrivaninha e a trancou a chave, deixando o escritório e dirigindo-se ao pátio. Consumia-se em ódio e raiva, entretanto, tentava não perder o autocontrole, visto que estava completamente determinado a encontrar o culpado pela bagunça e puni-lo adequadamente.

* * * * *

Abel observou quando o general Memnon passou com Sarah, a poucos metros da saliência do corredor onde estava escondido. O demônio praticamente a arrastava em direção às masmorras localizadas no porão do castelo.

Era o que o anjo temia... Planejavam torturá-la!

Seguiu-os discretamente, ocultando-se entre as colunas para não ser notado.

Explodir o galpão de munições fora relativamente fácil, mas salvar o Iluminado daquele antro de horror infestado de demônios e seus seguidores seria um tanto mais

complicado. Contudo, precisava ser feito.

E ele tomara para si o encargo de realizar a difícil tarefa.

Aguardou camuflado entre duas colunas do corredor, até que Memnon cruzasse com Sarah por uma porta de ferro. Por sorte, não havia guardas no lado de fora da masmorra, o que facilitava a sua aproximação, conferindo-lhe a vantagem do elemento surpresa.

Verificou a submetralhadora Uzi que havia recebido para a ronda. Carregador cheio. Satisfeito, destravou-a enquanto retirava do bolso da jaqueta as duas granadas de fragmentação que roubara do depósito, pouco antes de mandá-lo para os ares.

Abel gostaria mesmo era de estar com a sua espada de *criometal*, pois naquela situação específica as armas dos anjos seriam bem mais eficientes do que qualquer outra de fabricação puramente humana. Principalmente ao serem usadas contra os demônios que, devido ao dom da regeneração celular, tornavam-se imunes a estas últimas. Mas ele teria que se contentar com o que dispunha: a Uzi com os seus trinta projéteis de 9 mm e as duas granadas de fragmentação.

Suspirando resignado, o anjo despiu a jaqueta e arrancou a cinta que prendia as suas asas de plumagem verde-oliva, no que elas se abriram majestosamente em suas costas como se encenassem o desabrochar de uma flor.

Finalmente, após tanto tempo, abandonaria o disfarce. Prometeu a si mesmo que, depois daquele dia, jamais tornaria a se esconder atrás de uma máscara ou de qualquer outra camuflagem. Voltaria a ser Abel, o guerreiro de *Ethernyt*! Mas para isso, precisava primeiro libertar Sarah e conduzi-la em segurança até o Arcanjo.

* * * * *

Sarah não compreendia o porquê, mas sentia-se tranquila como se pressentisse que nada de ruim lhe aconteceria. Algo em seu coração insistia para que mantivesse acesa a chama da esperança, mesmo diante das terríveis circunstâncias a que estava exposta naquele momento. Havia sido arrastada pelos corredores frios e estreitos do castelo até uma antiga cela, localizada no subsolo da construção, sem aberturas e cuja porta de ferro maciço tornava improvável qualquer tentativa de fuga.

Dois sujeitos de feições frias e animalescas aguardavam-na impassíveis diante de uma bancada de dentista abarrotada de instrumentos destinados à geração de dor, através de tortura física e psicológica. O próprio ambiente transpirava um ar pesado e ameaçador, sobrecarregado de más lembranças.

Sarah sentiu o estômago contrair-se; e estremeceu ao deparar com outro detalhe não menos importante e aterrador: assim como o índio, os dois sujeitos com aventais

sujos de sangue também possuíam corcundas, portanto, eram demônios disfarçados. E ela, melhor do que ninguém, sabia o que esses seres abomináveis eram capazes de fazer com as suas vítimas. Um calafrio percorreu-lhe as entranhas.

— Rapazes – Memnon anunciou sarcástico –, eis o seu novo brinquedinho!

Os carrascos sorriram animados, provocando uma onda de repulsa em Sarah.

Memnon a empurrou na direção deles.

— Vocês devem descobrir o que ela sabe sobre estas inscrições – ele retirou um pedaço de papel do bolso e o entregou ao mais alto dos torturadores.

— Será um prazer – afirmou o demon, cujas feições assumiram um ar sádico e ameaçador.

— Mais uma coisa, senhores – Memnon encarou-os. – Esta humana é especial: ela possui o dom da regeneração celular.

— Excelente! – o segundo torturador exclamou eufórico. – Isto quer dizer que podemos brincar com ela por muitos dias, sem que a vadia morra!

— Só não percam tempo – Memnon advertiu-os. – É uma pena que eu não possa ficar para assistir o espetáculo. Preciso voltar lá para cima e descobrir o que foram as explosões que escutei enquanto trazia a vagabunda para cá.

Nisto, dois pequenos objetos redondos rolaram na direção deles, arremessados por uma minúscula abertura na porta, que logo em seguida fechou-se novamente.

— O que... – Memnon começou a falar, mas não conseguiu terminar.

As explosões ocorreram simultaneamente, arremessando-o para trás, junto com os outros dois demônios e Sarah. Ambos foram atingidos por uma chuva de estilhaços de chumbo quente que penetrou em seus corpos, queimando e dilacerando-os.

Num átimo, a porta abriu-se, dando passagem a um anjo de asas verde-oliva que literalmente voou sobre eles. Ignorando os demônios agonizantes no chão, ele foi até a menina e a aninhou nos braços, retornando pelo mesmo caminho por onde viera e, como um raio, atravessou a porta, ganhando o corredor.

— Perdoe-me, minha criança – Abel desculpou-se, assim que eles se viram longe da câmara de torturas –, mas foi a única maneira que encontrei para tirá-la de lá!

— Abel... – Sarah sussurrou, reconhecendo-o.

— Não se preocupe, a sua dor logo vai abrandar – ele comentou, batendo as asas ainda mais depressa. – Nós precisamos sair logo deste lugar amaldiçoado, antes que os outros se recuperem e venham atrás de nós.

Atingiram a escada que os conduziria aos níveis superiores da construção. Abel pousou e cuidadosamente acomodou Sarah nos degraus.

O processo de regeneração celular da menina já estava em curso, de modo que

foram necessários apenas alguns poucos segundos para que o seu corpo exortasse os últimos estilhaços de chumbo e se restabelecesse plenamente dos ferimentos provocados pelas explosões das granadas.

Vendo-a recuperada, o anjo estendeu-lhe um pedaço de papel dobrado.

— O que é isso? – Sarah perguntou sem entender.

— Um mapa que a conduzirá para fora deste lugar – Abel declarou.

— Não – ela protestou, compreendendo que o anjo não pretendia acompanhá-la. – Você deve vir comigo e ser o meu guia. A sua missão aqui terminou. Não há mais nenhuma razão para você permanecer neste lugar. O seu disfarce ruiu e, além disso, se o encontrarem, eles o matarão!

— Eu bem que gostaria, mas infelizmente não posso – Abel reiterou. – Aqueles demons logo estarão recuperados e nos alcançarão, de modo que preciso ficar para retardá-los. Somente assim você terá tempo suficiente para deixar o castelo sem que ninguém perceba.

— Mas podemos fazer isso juntos... – Sarah insistiu.

— Seria arriscado demais. Se os demônios alcançassem o pátio externo antes de estarmos do lado de fora do perímetro dos muros, não teríamos a mínima chance – o anjo enfatizou. – Sozinha e comigo aqui para detê-los as suas chances se multiplicam consideravelmente. Agora vá, siga as anotações e você chegará a salvo em Salzburg, de onde poderá tomar um avião para qualquer parte do mundo!

E Abel depositou em suas mãos um gordo maço de dinheiro enrolado.

— Espero que aqui tenha o suficiente para levá-la em segurança até o Arcanjo. Ao sair do castelo, contorne-o, dirija-se ao muro dos fundos e você vai encontrar um buraco por onde facilmente poderá passar. Fica sob o único cipreste que existe por lá. Depois basta seguir à risca todas as instruções do papel que lhe dei e você conseguirá se safar desta!

— Não irei sem você! – Sarah bateu o pé irredutível.

— Por favor, Sarah... – Abel insistiu. – Não me prive da honra de poder salvar o Iluminado. Para mim, isso é mais importante do que a minha própria vida! Não me negue essa glória. Agora vá. Eles já devem estar chegando...

— Meu valoroso Abel, eu jamais o esquecerei – Sarah abraçou-o. – Obrigada!

Então, ainda com lágrimas nos olhos, obedeceu-o, subindo os degraus de pedra da escadaria, desaparecendo nas brumas da escuridão.

— Apenas faça valer a pena, minha amiga – o anjo murmurou, destravando a Uzi, no que a sua previsão se concretizou. – Por *Ethernyt*! – gritou a plenos pulmões, assim que divisou o primeiro demônio voando ensandecido em sua direção.

Ao mesmo tempo em que os músculos de sua garganta cumpriam a função a eles destinada, o dedo indicador acionava o gatilho da Uzi.

Três projéteis de 9 mm chisparam no ar e interceptaram o voo do seu oponente, cravando-se em seu corpo e fazendo com que desabasse no chão, sobre uma grande poça formada pelo próprio sangue.

Surgiu o segundo demon e logo atrás dele, Memnon, cujo olhar dominado pelo ódio fez com que o anjo hesitasse por uma breve fração de segundo. Todavia, não fora a simples visão do índio que lhe causara esse efeito paralisante, e sim o fato de que ele empunhava uma espada de lâmina azulada.

Ao avistá-la, o anjo gelou, no que desejou ardentemente poder estar com a sua, para enfrentá-lo de igual para igual...

Mas não podia. Então se conformou. E, girando o seletor de fogo da Uzi para o automático total, descarregou-a sobre os dois demons restantes.

Memnon moveu-se com extrema agilidade e perspicácia, posicionando-se atrás de seu comparsa infernal e, com uma forte chave de pescoço, agarrou-o, sustentando-o à sua frente como uma espécie de escudo vivo contra os projéteis de Abel.

O demon estremecia freneticamente executando uma dança macabra, à medida que dezenas de buracos surgiam por todo o seu corpo.

De repente, os disparos cessaram, dando lugar a uma sequência de cliques secos. A munição da Uzi havia acabado.

Memnon largou o corpo crivado de balas do torturador e avançou com violência incontida para cima do anjo. Abel ainda tentou se defender, utilizando a coronha da arma como bastão. Mas o demônio foi muito mais rápido do que ele e, desviando-se dos golpes, enfiou a espada em seu ombro direito.

Urrando de dor, o espião ethernytiano desabou de joelhos, soltando a Uzi com o cano ainda fumegante no chão.

Memnon pousou a sua frente e com a planta do pé empurrou-o para trás. A lâmina de *criometal* foi removida do ombro do anjo e um jato de sangue azul espirrou do ferimento, no que os outros dois demons se aproximaram, já recuperados dos tiros que haviam sofrido.

— Levem-no para a masmorra – o índio ordenou. – E façam com que o maldito sofra, só não o matem, pois Lúcifer certamente desejará cuidar disso pessoalmente!

Eles assentiram e, puxando o anjo pelos braços, o arrastaram de volta à câmara de torturas, de onde Abel estava fadado à nunca mais sair, pelo menos, não com vida.

Memnon encolheu as asas, amarrou-as com a cinta de couro e vestiu um casacão por cima, ocultando-as dos humanos que formavam o novo exército de Lúcifer – eles não

estavam preparados para vê-lo como realmente era – e disparou escadaria acima, a passos largos e rápidos, com um único pensamento na cabeça: recapturar Sarah; e depois retalhá-la com as próprias mãos, em vários pedacinhos...

* * * * *

"Apenas faça valer a pena!" – aquelas cinco palavras eclodiam sem parar em sua mente, enquanto ela galgava os degraus rumo ao pátio externo do castelo.

Antes de atingir o topo da escada, porém, ouviu o som de disparos provenientes do porão. E o seu pensamento voltou-se novamente a Abel, sacrificando-se para que ela sobrevivesse e fugisse de um destino ainda mais cruel e terrível do que a Morte.

— Eu o farei, meu amigo – jurou para si mesma. – O farei...

E então, tomada por uma estranha determinação, atravessou a única porta que a separava do hall de entrada da fortaleza de Lúcifer. Alguma coisa muito séria acontecera por ali, pois o lugar estava mergulhado no maior caos, de forma que ninguém reparou nela. Homens e mulheres corriam de um lado para o outro e gritavam sobre um ataque externo, explosões e fogo. Cruzou pelo enorme salão sem ser notada e logo ganhou a companhia da lua cheia e das estrelas, descobrindo o motivo de toda aquela confusão: um pequeno galpão de madeira ardia em chamas, enquanto os seguidores de Lúcifer tentavam inutilmente apagá-las com baldes e mais baldes de água.

"Outra providência de Abel!" – Sarah concluiu.

Sem perder tempo, adotou as recomendações do anjo e contornou o castelo, no que avistou o cipreste solitário colado à muralha; e junto dele, o buraco, exatamente como lhe fora dito. Cruzou pela fenda e, seguindo ao pé da letra as anotações do anjo, penetrou na mata escura e fechada.

Só então, respirou aliviada. Conseguira sair dos domínios de Lúcifer. Todavia, o preço de tal façanha fora alto demais.

Abel... Isabel... Ambos mortos em um único dia!

Ambos haviam abdicado de suas vidas por ela. Era justamente esse pensamento o que lhe auferia novos ânimos para prosseguir. As suas mortes só seriam justificadas com a sua vida, no que deliberou então, que a longa e perigosa jornada que tinha pela frente seria vencida e ela chegaria sã e salva à Fortaleza da Montanha!

Algo, porém, a perturbava. De alguma forma, Lúcifer havia descoberto a verdade sobre a *Chave Um* do *Cofre da Morte*; e agora ele a possuía, o que remetia aos anjos muito pouco tempo, antes que o maligno conseguisse decifrar o enigma das inscrições e, invariavelmente, descobrisse a localização da sua irmã gêmea: a *Chave Dois*...

# CAPÍTULO IV

— Incompetente! – Lúcifer vociferou. – Organize um grupo de buscas e encontre a garota. Ela não pode ter ido muito longe.

— Sim senhor – Memnon abaixou a cabeça. – Eu a trarei de volta.

— Então, vá – Lúcifer encarou-o. – Mas antes, ligue para os nossos contatos em Salzburg e ordene-lhes para ficarem atentos, de olhos bem abertos, e nos informarem sobre qualquer movimento estranho, para o caso de a menina conseguir chegar lá antes de ser apanhada pelo seu grupo. E mais uma coisa: precisamos dela viva, para decifrar o código incrustado na *Chave Um*.

— Pode deixar, antes de essa maldita noite terminar estarei de volta, e com ela – Memnon encerrou a conversa com um cumprimento e correu em direção a um grupo de mercenários que o aguardava ao lado de um jipe militar.

Enquanto corria, decidiu não perder tempo com ligações idiotas. Encontraria a garota e a traria de volta antes que ela chegasse perto da cidade. Para isso, precisaria apenas soltar os cães de Lúcifer e segui-los.

Os animais – três dobermanns negros criados desde filhotes pelo líder dos demons – eram treinados para localizar qualquer presa pelo faro e atacá-la sem dó nem piedade.

Memnon sorriu ante a ideia. Seria divertido vê-los arrancarem alguns pedaços do Iluminado, provocando-lhe dores intoleráveis.

E o melhor de tudo: ninguém o repreenderia por isso, visto que a regeneração celular atuaria e Sarah se recuperaria novamente, antes mesmo de retornarem ao castelo.

— Você – ordenou a um homem de feições rudes e com uma cicatriz no lado direito do rosto. – Vá ao canil e traga os cachorros.

O sujeito anuiu. Apagou o cigarro e foi cumprir a ordem recebida.

Memnon virou-se para o líder de pelotão do reduzido grupo.

— Você e os outros venham comigo – ele ordenou. – Esta noite está perfeita para uma caçada nas montanhas!

* * * * *

Sarah corria tanto quanto as suas pernas lhe permitiam, parando de quando em quando para recuperar as forças, afinal de contas, ela não tinha o preparo físico de um atleta e a própria altitude das montanhas tornava-se um fator restringente, já que

dificultava a sua respiração. A compensação por tamanho esforço ficava por conta de uma brisa fresca que soprava levemente, proporcionando-lhe um novo ânimo a cada rajada que a atingia. Em determinados momentos, quando parava para recuperar o fôlego, ela chegava até a sentir frio, apesar de estarem em pleno verão. Essa era a principal característica do clima temperado da Áustria: invernos extremamente frios e verões amenos.

Sarah agradeceu por ser verão e não inverno, caso contrário, enfrentaria, além do esforço físico e do ar rarefeito e pesado das montanhas, a neve e as temperaturas negativas, tão peculiares ao lugar naquela época do ano.

A trilha por onde seguia era bastante estreita, escura e repleta de pedregulhos, galhos e buracos de todos os tamanhos, que restringiam a sua velocidade. Mas pelo menos ela sabia para onde estava indo. Após entrar na mata, Sarah a localizara graças às anotações de Abel, bastante claras e objetivas. Ela sabia que se seguisse por aquela trilha, em uma ou duas horas chegaria à cidade e, então, poderia se considerar a salvo das garras de Lúcifer e seu nefasto séquito de demônios.

Depois de mais de uma hora de corridas alternadas com curtas paradas, avistou, ao longe, as luzes da cidade. Seu coração disparou, mas ela não conseguiu sentir-se animada. Havia algo de errado... Uma premonição...

Ainda não estava a salvo! A sua intuição dizia-lhe para agir com cautela e não se empolgar. Era como se ela estivesse à mercê de um grande perigo.

Naquilo, escutou latidos ferozes ao longe, e que se aproximavam depressa. Eram cães caçadores; e foi fácil deduzir o que, ou melhor, quem caçavam: ela!

Não pensou duas vezes, disparou o mais rápido que pôde rumo às luzes. Tinha que chegar lá antes de ser alcançada pelos cachorros.

O terreno montanhoso cruzava sob os seus pés a uma velocidade que ela jamais imaginou ser capaz de atingir. Os galhos das árvores, os pedregulhos e os buracos do caminho já não ostentavam mais a mesma importância de minutos atrás. O medo agora era o seu combustível. Medo dos cachorros. Medo de não conseguir. Medo de ser apanhada e de ver-se novamente diante de Lúcifer. Medo do que lhe aconteceria se fosse capturada. Medo da morte e da dor. Mas, principalmente, medo de não suportar a sessão de torturas à que certamente seria submetida e acabar revelando tudo o que sabia...

Sarah corria com o máximo de suas forças e, mesmo assim, parecia não adiantar muito, pois os latidos fi cavam cada vez mais próximos e a cidade encontrava-se ainda a uma distância razoável, inatingível, impossível de ser vencida antes deles, os cães, a alcançarem. A menina resolveu mudar de estratégia e desviou-se da trilha principal, penetrando na mata fechada e escalando a primeira árvore que avistou pela frente.

Os cachorros apareceram. Três dobermanns gigantescos e negros como a noite, cujas bocas espumavam, ávidas por carne humana. Eles vieram com tudo e saltaram ferozes em sua direção, tentando abocanhá-la com suas mandíbulas afiadas. Todavia, não obtiveram sucesso. Ela encontrava-se dependurada em um galho bastante alto, fora do seu alcance.

Um calafrio percorreu o corpo todo da menina, só de observá-los. Rosnavam e latiam ameaçadores, com os dentes à mostra, famintos por sangue.

Mais um segundo e eles a teriam alcançado.

Por hora, estava a salvo, mas encurralada naquela árvore até que os seus donos chegassem e a arrastassem de volta ao fortim de Lúcifer. E não lhe ocorria nada que pudesse fazer para mudar essa trágica situação.

No entanto, o providencial destino encarregou-se de apresentar-lhe a solução: o galho em que se encontrava alojada não suportou mais o seu peso e partiu-se, fazendo-a despencar de uma altura de mais de quatro metros. E o pior: diretamente sobre os animais enfurecidos!

Enquanto caía para a morte certa, Sarah agiu instintivamente, esticou ambos os braços à frente do corpo, fechou os olhos e gritou o mais alto que pôde, invocando o seu dom. E o inesperado milagre aconteceu...

Antes que atingisse o solo ou fosse abocanhada pelos cachorros, uma forte luz emanou de suas mãos em direção ao chão, produzindo um clarão que aumentou de intensidade rapidamente, a ponto de iluminar toda aquela parte da montanha por um breve instante.

Os três animais estremeceram ao serem envolvidos pelo facho luminoso, sendo violentamente arremessados para trás, para longe da árvore. Foi como se tivessem sido eletrocutados por milhões de volts. Um segundo depois, estavam mortos.

Sarah abriu os olhos e assustou-se sobremaneira com o que viu.

Não mais caía. Flutuava estagnada no ar, sustentada pelo halo luminoso. Então, assim como surgiu, a luz salvadora desapareceu. Voltou a cair, estrebuchando-se contra o solo.

Tão logo se sentiu recuperada do tombo, levantou-se e se aproximou dos corpos inertes das feras. Filetes de sangue escorriam por suas bocas, fora isso, nada mais seria capaz de diagnosticar a sua *causa mortis*.

Nenhum ferimento externo, nenhum hematoma. Nada.

Sarah não conseguia entender o que ocorrera ali, todavia, não havia tempo para pensar sobre isso agora. Munindo-se de toda a coragem e toda força que foi capaz de reunir, dadas as circunstâncias, arrastou os cães mortos para trás de um barranco

recoberto pela vegetação nativa, ocultando-os da vista de quem passasse pela trilha. E ainda sentindo-se bastante abalada e assombrada com o que havia sucedido, decidiu seguir em frente.

Precisava aproveitar a oportunidade que se apresentara, mesmo que de maneira tão inusitada e inesperada, para retomar o rumo de Salzburg.

Optou por não andar diretamente sobre a trilha. Agindo dessa forma, reduziria as probabilidades de ser avistada por seus perseguidores, no que rumou em direção à cidade por dentro da floresta, ocultando-se a qualquer ruído ou movimento estranho.

Enquanto caminhava, refletia sobre como fizera aquilo com os cachorros. Nunca antes o seu dom fora usado para prejudicar qualquer criatura viva. Na verdade, nem sabia que era capaz de fazê-lo. Os seus poderes revelavam-se maiores e mais intensos a cada dia, de forma que ela mesma desconhecia até onde poderia chegar com eles... Resolveu, então, deixar para meditar sobre isso depois. No momento, precisava de toda a sua concentração para chegar a Salzburg em segurança.

* * * * *

Com a ajuda de lanternas, aproximadamente trinta homens seguiam Memnon nas buscas. Eles avançavam pela floresta, na mesma direção em que os cães haviam seguido, contudo, num ritmo bem mais lento do que o imposto pelos animais.

Alguns seguiam pela trilha principal, enquanto outros por dentro da mata, para cobrirem o maior perímetro possível.

Memnon seguia o rastro deixado pelos cachorros, antecipando o prazer de vê-los despedaçando a sua presa. O sofrimento alheio, principalmente de seus inimigos, era para ele motivo de imensa satisfação e deleite.

— Mais rápido – berrou. – Mexam-se, seus molengas!

Eles precisavam acelerar o ritmo, senão acabariam perdendo o rastro dos cães. Já bastava o tempo perdido no castelo, enquanto organizavam o grupo. Mais de vinte minutos de vantagem para a menina, um tempo que agora seria necessário recuperar.

O grupo de buscas praticamente corria trilha abaixo, quando a montanha toda, de súbito, iluminou-se, como se fosse dia. Um clarão eclodiu a aproximadamente dois quilômetros de onde eles se encontravam. A impressão era de que um raio atingira o local. Mas a luz partira do chão, varando os céus, subindo muitos e muitos metros além das copas das árvores, e por um breve momento aumentara de intensidade para logo em seguida, da mesma forma misteriosa como surgira, desaparecer.

O susto fez os homens e mesmo Memnon pararem por um instante, petrificados. O

índio olhou para o céu e constatou que a noite estava clara e estrelada, sem nuvens ou qualquer outra indicação de que alguma tempestade estivesse se aproximando. Também não escutara nenhum som de trovão ou explosão que pudesse justificar o estranho fenômeno luminescente. Foi então que cogitou uma hipótese, da qual não gostou nem um pouco.

— Andem mais rápido – ordenou aos berros. – Corram como se as suas vidas dependessem disso!

Dez minutos mais tarde, chegaram ao ponto de onde o clarão se originara, e encontraram toda a vegetação ao redor de uma árvore queimada. Um círculo preto de cinzas demarcava o local. Mas nem sinal da menina fujona. E muito menos dos cães de Lúcifer, que desde o misterioso evento luminoso não foram mais ouvidos.

— Quero um pente fino neste local! – o índio esbravejou. – Revistem cada pedra, cada árvore e cada folha. Encontrem a garota!

Os homens espalharam-se e não demorou muito para um deles dar de cara com os animais mortos atrás do barranco.

— Senhor, há algo aqui – o sujeito gritou assustado.

— O que foi? – Memnon aproximou-se.

— Os cachorros... E-estão mortos... Todos os três!

— Maldição! – o demônio praguejou. – Espalhem-se e procurem pela garota. Quero cinco homens comigo, vamos seguir pela trilha até a entrada da cidade se for preciso, mas ela tem de ser encontrada!

Memnon estava consciente de que não poderiam circular pelas ruas de Salzburg portando armas automáticas e vestindo trajes militares de campanha, pois atrairiam muita atenção sobre si. De maneira alguma poderiam passar da entrada da cidade. Só então ele retirou o celular do bolso na intenção de fazer o que Lúcifer lhe ordenara ainda no castelo. Precisava corrigir o seu erro e avisar o pessoal da cidade, antes que fosse tarde demais. Mas aquela não era mesmo a sua noite de sorte: não havia sinal da operadora na parte da montanha em que estavam!

“Droga!” – teriam de se virar sozinhos, pelo menos por enquanto.

Só de pensar na possibilidade de a menina conseguir escapar e ele ter que voltar de mãos abanando para o castelo, Memnon arrepiou-se até o último fio de cabelo. O índio tinha plena ciência de que, se isso acontecesse, não haveria clemência: Lúcifer o esfolaria vivo!

* * * * *

Salzburg localizava-se no oeste da Áustria, às margens do rio Salzach e entre as Montanhas Kapuzinerberg e Monchberg, na fronteira com a Alemanha. Era cercada por lagos e cordilheiras e ponteada por paisagens pitorescas e maravilhosas. Durante a Idade Média, Salzburg chegara a ser declarada um estado próprio e independente, como o Vaticano é hoje, devido a sua importância para o mundo daquela época.

Mas, principalmente, por ser uma passagem através dos Alpes, fator geográfico relevante e que lhe conferia uma posição bastante estratégica no continente europeu. Ainda hoje, Salzburg era conhecida como uma das mais belas cidades do mundo contemporâneo. Isso se devia ao fato de conservar a suntuosa arquitetura barroca, com seus castelos e palácios monumentais, de incomensuráveis belezas e que lembravam contos de fada, além de suas ruas e becos estreitos, repletos de casas multicoloridas e bem cuidadas, contrastando com as lindas e exuberantes paisagens naturais. Enfim, Salzburg toda transpirava um delicioso e sedutor clima romântico, ideal para os apaixonados.

Amanhecia quando Sarah adentrou a cidade.

Ela teria chegado bem antes, se não tivesse sido obrigada a parar e se esconder de seus perseguidores na floresta por três vezes consecutivas, em menos de uma hora e meia de caminhada. Sentia-se bastante aliviada por ter chegado até ali. Mas ainda faltava muito para ficar completamente livre de Lúcifer e seus asseclas.

A menina consultou as anotações de Abel e pegou um táxi. Não era fluente em alemão, mas conhecia o suficiente da língua germânica para informar ao motorista o endereço para onde desejava ser levada.

Quinze minutos depois, descia do veículo, na praça central de Salzburg.

Dali, ela conseguia avistar as duas montanhas, uma em cada lado da cidade, como se fossem suas protetoras e guardiãs naturais. Mesmo àquela hora da manhã e com o sol ainda tímido no horizonte, o centro histórico da cidade já borbulhava numa efervescência humana. As ruas, assim como a praça principal, encontravam-se apinhadas de turistas passeando de um lado para outro, admirados com tanta beleza. A área toda era focada para pedestres, um lugar perfeito para se fazerem longas caminhadas, explorando as belezas da cidade. Para todos os lados onde olhasse, Sarah podia ver lindas lojinhas, cada qual com um bibelô colorido dependurado do lado de fora da porta, com flores e letras douradas, além de bonecos em diversos tamanhos, ornamentando suas fachadas.

Na praça central, dezenas de charretes estacionadas com condutores vestidos de tirolês podiam ser alugadas por um, dois ou três euros, dependendo da distância a ser percorrida. Noutras circunstâncias, Sarah concluiu que seria muito prazeroso passear pela cidade em uma delas. Contudo, no momento atual, precisava deixar os prazeres de

lado e se concentrar apenas em sair viva dali. Procurou em volta e avistou a lojinha à qual Abel se referia em suas anotações. Ficava do outro lado da praça.

Caminhou até ela e entrou.

— *Guten morgen!* – um homem gordo, de feições rosadas e bochechas grandes sorriu para ela, como manda a tradicional cortesia germânica.

— *Guten morgen, herr*... – Sarah respondeu o cumprimento.

— Sven – ele revelou o seu nome, confirmando ser quem ela procurava.

– Sven Ruschel!

— *Mein name ist* Sarah!

— Sarah? – ele não demonstrou surpresa. – *Sehr Angenehm*.

— O prazer é todo meu – Sarah respondeu em inglês. – *Sprechen sie englisch*?

— *Ich verstehe*. Eu entender um pouco. Muitos turistas passar por aqui.

— Que bom. Meu alemão é precário demais para que possamos manter um bom diálogo – Sarah sorriu, e então, a sua expressão assumiu um ar grave e sério. – Abel pediu que eu o procurasse!

— Abel? – o homem arregalou os olhos. – Ei... Eu saber quem você é! Você ser a menina que "eles" chamar de Iluminado – Sven concluiu petrificado.

— Sim – Sarah o encarou, desconfiada. – O senhor conheceu Abel a ponto de saber o que ele fazia aqui, *herr* Ruschel?

— *Ja*! A Irmandade ter braços longos – o gordo sussurrou, dirigindo-se à porta e fechando-a. – Eu ser enviado para cá logo que Abel conseguir se infiltrar no Exército de Lúcifer. A minha missão aqui ser fornecer-lhe todo o apoio necessário. Eu ser o elo entre Abel e a Irmandade!

— Então, creio que a sua missão aqui acabou, *herr* Ruschel – Sarah comentou. – Abel está morto!

— *Können sie das Wiederholen*? – Sven empalideceu de súbito.

— Como? – Sarah não conseguiu entender.

— Desculpar, você poder repetir? – ele a encarou. – Abel estar morto?

— Eu sinto muito – Sarah abaixou a cabeça, confirmando o que dissera.

A menina relatou toda a história para Sven.

— Eu mal poder acreditar... – o homem umedeceu os olhos. – Meu bom e fiel amigo Abel estar morto. E agora? O que eu fazer?

— O senhor deve vir comigo, *herr* Ruschel – Sarah convidou.

Ele refletiu por alguns instantes.

— Não. Agora é que eu precisar fi car. Meus olhos e ouvidos devem permanecer neste lugar para a Irmandade poder conhecer os passos do inimigo. Eu ajudá-la a sair de

Salzburg, mas não ir junto.

Nas três horas seguintes, Sarah fez uma rápida refeição, tomou uma ducha e trocou as roupas sujas e rasgadas por outras novas, que Sven cedeu-lhe do estoque da sua lojinha. Depois foi descansar um pouco para se restabelecer da longa noite que passara em claro. Enquanto ela dormia, o guerreiro da luz alemão, com uma foto sua e a ajuda de um sofisticado software de computador, forjava um passaporte e os documentos de identidade falsos, necessários para ela passar pela alfândega do aeroporto.

* * * * *

Sven não possuía um automóvel, de forma que eles precisaram andar até um ponto de táxi, localizado perto dali. Antes de saírem, o alemão havia exposto à menina as três opções de como eles poderiam chegar ao aeroporto, para que ela escolhesse a que melhor lhe conviesse.

O Aeroporto Internacional Wolfgang Amadeus Mozart ficava a 6 km de onde eles se encontravam, o que impossibilitava que fossem caminhando, visto que podiam ser descobertos por algum dos muitos olheiros a serviço de Lúcifer.

Opção um: ir andando, descartada.

A segunda opção: pegarem o Autocarro Linha Um, uma espécie de trem urbano. Mas para isso eles precisariam ir até a *Karajan-Platz*, onde a linha se iniciava. De lá, seguiriam até a *Hans Schmid Platz*, onde precisariam trocar de carro, mudando para a Linha Dois, para só então rumarem pro aeroporto. O trajeto todo demoraria uma média de quarenta minutos e envolveria o contato direto com muita gente.

Por isso, Sarah optou pela terceira alternativa: o táxi.

Os dois saíram da lojinha de Sven e caminharam como se fossem um casal de turistas em plena lua-de-mel, com gorros de lã nas cabeças e óculos escuros, o que, incontestavelmente, lhes munia de uma camuflagem perfeita, já que a grande maioria das pessoas por ali circulava vestida da mesma forma.

O ponto de táxi ficava em frente ao *Goldener Hirsch Hotel*.

— *Guten morgen!* – um solícito motorista abriu a porta traseira de seu veículo, convidando-os a embarcar, tão logo percebeu a intenção em usarem os seus serviços.

Sven cumprimentou-o friamente com um discreto aceno de cabeça. Em alemão, solicitou que fossem conduzidos ao aeroporto. A sua rudeza fez com que o chofer se intimidasse a ponto de não puxar conversa fiada, limitando-se apenas a dirigir.

Como haviam combinado de antemão, os dois passageiros também mantiveram a boca fechada durante os doze minutos que o táxi levou para chegar ao aeroporto. Sarah

aproveitou o silêncio para curtir a cidade e a paisagem. Gravou mentalmente o trajeto percorrido, uma vez que poderia ser-lhe útil no futuro: partindo do ponto de táxis, em frente ao restaurante do *Goldener*, eles seguiram através de um cruzamento bastante movimentado, atravessaram um longo túnel e, cerca de uns três quilômetros depois, chegaram à *Zentrum*. Atravessaram a *Salzburg West* e entraram na *Vienna A-1*, para finalmente, após agradáveis doze minutos, estacionarem defronte à entrada principal do Aeroporto Internacional Wolfgang Amadeus Mozart.

Sven pagou a corrida e eles entraram no saguão abarrotado de gente.

A percepção de Sarah alertava-a para o fato de que, desde o momento em que eles colocaram os pés no aeroporto, passaram a ser observados por um par de olhos indiscretos que os seguia para aonde quer que fossem. Olhos que pertenciam a um homem magro, com cara de fuinha e todo vestido de preto, da cabeça aos pés.

Sven Ruschel parecia não ter notado, pois se mantinha inalterado, como se nada estivesse acontecendo.

— Para onde você querer ir? – ele perguntou, dirigindo-se ao balcão de venda de passagens.

— Se houver um voo direto para Kinshasa... – Sarah respondeu-lhe, reparando que o sujeito de preto, além de não desviar os olhos deles, agora falava ao celular. – Pensando melhor, eu preciso resolver umas coisas em Nantes primeiro. É isso, vou para Nantes, na França.

— Você ter certeza? – Sven indagou, com uma pulga atrás da orelha.

Com efeito, ele desconfiara de que havia algo errado, para tão súbita mudança de planos.

— Sim, absoluta – Sarah confirmou.

Enquanto o alemão comprava a passagem, ela refletia sobre aquela decisão. Até ali, pretendia seguir ao encontro do Arcanjo, pois precisava pô-lo a par dos últimos acontecimentos. Poderia ter feito isso por telefone, contudo, Sven a aconselhara a não telefonar de Salzburg, já que os seguidores de Lúcifer poderiam ouvir a conversa. Eles controlavam metade da cidade, inclusive a empresa de telefonia local. Sabendo disso, Sarah havia decidido ir pessoalmente até Gabriel, porém, não contara com o cara de fuinha que agora os observava. Fosse ele um espião dos demons, Lúcifer logo saberia para onde estaria indo e a seguiria. Fora então que, usando de bom senso, optara por não seguir para a Fortaleza da Montanha, pois sabia que se o fizesse, poria todos lá em risco. Precisava, portanto, livrar-se dos demônios e de seus seguidores, antes de voltar a se encontrar com o Arcanjo. Entrementes, jamais conseguiria realizar isso sozinha. Necessitava de ajuda e foi aí que se lembrou de Desirée e Leon. Ambos, mais Barrabás,

encontravam-se de férias em Nantes, descansando na casa de um ex-colega dela na *Sureté*.

— Pronto – Sven interrompeu os seus pensamentos. – Aqui estar sua passagem para Nantes. Precisar nos apressar, pois o voo sair dentro de quinze minutos e você ainda precisar passar pelo *check-in*!

Enquanto caminhavam em direção ao portão de embarque, os olhos do fuinha mantinham-se o tempo todo neles, dissecando-os. Sarah não aguentou e, voltando-se abruptamente para o parceiro, foi incisiva:

— Sven, tem algo que eu preciso lhe dizer...

— Eu saber – o alemão virou-se para ela. – Também ver. Mas não se preocupar, aqui dentro eles não poder fazer nada. Você carecer apenas de tomar muito cuidado ao desembarcar, já que certamente haver outros esperando em Nantes.

— Estou consciente disso – Sarah acalmou-o. – Foi por esse motivo que resolvi mudar meu destino. Tenho bons amigos em Nantes, que me ajudarão a despistá-los, porém, estou muito preocupada com você, Sven. Sozinho aqui em Salzburg; e justo agora que eles já sabem a qual lado você pertence.

— Não se preocupar – Sven sorriu sereno. – Eu também ter bons amigos. Agora que Abel estar morto e o meu disfarce ser descoberto, eu sumir por uns tempos, mas continuar com os olhos bem abertos. E além do mais, os bastardos ter outras coisas mais importantes para se preocupar do que o velho Sven!

Chegaram ao portão de embarque.

— Ser aqui – o alemão anunciou. – Boa sorte. Sarah ir com Deus!

— Obrigado por tudo. – Sarah abraçou o alemão, deixando-o sem jeito.

Ao tocá-lo, um flash instantâneo passou pela mente da garota. Uma visão. Uma terrível e desconcertante visão.

— Ser uma honra para mim, poder servir – o alemão sorriu, trazendo-a de volta. – Fazer boa viagem! Eu esperar encontrá-la novamente no futuro.

— A minha intuição me diz que nos veremos muito em breve – Sarah mentiu, forçando-se a tirar da cabeça a visão perturbadora que acabara de ter, a qual revelara o cruel destino a que se sujeitaria o pobre Sven Ruschel. Sentiu-se impelida a alertá-lo sobre o que estava prestes a suceder, no entanto, sabia que de nada adiantaria, que o futuro revelado por sua visão era imutável e que, ao abrir o jogo, apenas anteciparia a dor e a aflição do simpático e prestativo alemão.

— Eu aguardar ansiosamente por este dia – Sven despediu-se. – Agora você ir, senão perder o avião!

— *Danke, herr* Ruschel – Sarah agradeceu na língua dele.

E então, seguiu pelo corredor de embarque.

— *Auf Wiedersehen!* – ele gritou, assim que ela cruzou pelo portão.

— Adeus, meu amigo – Sarah sussurrou entristecida, imaginando quantos ainda teriam de morrer antes que aquilo acabasse...

* * * * *

Assim que o avião decolou, Sven cruzou o saguão principal e entrou no banheiro do aeroporto. Precisava tirar uma água do joelho. Após urinar, o alemão asseava as mãos quando escutou um ruído vindo da porta do *WC*. Levantou a cabeça e avistou o sujeito magro com cara de fuinha refletido no espelho.

O homem encostou a porta e voltou-se para o guerreiro da luz, com uma arma em punho. Naquele instante, ele soube que estava diante da Morte! Não que ela fosse uma estranha, pelo contrário, era uma velha conhecida, com quem Sven mantinha há muito tempo um sinistro acordo pactual. Algumas vezes, os dois trabalhavam juntos e, em outras, encontravam-se de lados opostos, todavia, sem amizade ou rancor entre as partes. A Dama da Foice, totalmente neutra, em muitas oportunidades colaborava com ele, mas em outras conspirava ardilosamente para tentar agarrá-lo, porém sempre com total imparcialidade. E eis que finalmente chegara o momento em que ela o arrastaria pela tortuosa trilha dos infernos, como já o fizera com tantos outros antes dele.

Estranhamente, *Herr* Ruschel não sentiu medo, nem receio, nem ressentimento. Ele sabia que mais cedo ou mais tarde a sua hora chegaria.

Assim sendo, resignou-se, encarando o destino de cabeça erguida. Permaneceu como estava, imóvel e de frente para o espelho. E, talvez, por conta disso, não sentiu absolutamente nada quando o projétil explodiu a sua cabeça. Não ouviu nenhum som, não viu nada e também não sentiu nenhuma dor. Apenas viu-se subitamente envolto por uma escuridão sem par e sem fim, acompanhada por uma indescritível sensação de paz e serenidade.

Simples assim, como só a Morte sabia ser...

* * * * *

Memnon adentrou o escritório de Lúcifer, apressado e sem bater.

— Ela está indo para Nantes – informou. – Partirei para lá imediatamente!

— Você não vai a lugar nenhum. – Lúcifer esbravejou. – Eu não quero que a sua incompetência atrapalhe os meus planos novamente. Lembre-se de que foi por sua culpa

que Sarah escapou do castelo, chegou à cidade e ainda matou os meus cães!

— Sim, senhor – Memnon abaixou a cabeça, consciente que de nada adiantaria discutir. Lúcifer já havia tomado a sua decisão e ele raramente voltava atrás.

— Ligue para o nosso pessoal na França e os oriente como devem proceder neste caso – o líder dos demônios ordenou. – Lembre-se, eu a quero viva!

— Posso usar o seu telefone? – Memnon pediu.

— Pode – Lúcifer foi frio e soturno ao consentir. – Mas que desta vez não haja falhas, caso contrário, o punirei pessoalmente por elas.

E enquanto Memnon fazia a ligação, Lúcifer foi até a janela e retirou do bolso do casaco o crucifixo dourado que havia arrancado de Sarah.

— *1/2+VI/3+VII/4-VIII*... – repetiu as inscrições entalhadas em sua superfície, tentando infrutiferamente compreender o seu significado. Desalentado por não conseguir chegar a nenhuma conclusão lógica, guardou-o novamente, murmurando entredentes:

— Malditos anjos e seus indecifráveis códigos secretos!

# CAPÍTULO V

Localizada no sudoeste da França, a 386 km de Paris, na região Pays de La Loire, a cidade de Nantes ficava às margens do rio Loire, cujo nome em francês significava "Feminino", já que apresentava por toda a extensão do seu vale, uma mescla de delicadeza, beleza e elegância incomparáveis. O vale do Loire era adornado por lindas paisagens naturais repletas de castelos medievais cercados por imensos vinhedos, os quais produziam alguns dos melhores vinhos de toda a França. No passado, Nantes fora a capital da tribo gaulesa dos Namnetes até a conquista romana, originando daí o seu nome. Também era considerada o berço da reforma protestante, pois em meados de 1598, com a assinatura do *Édito de Nantes* pelo rei Henrique IV, decretara-se o fi m da perseguição católica aos protestantes.

Eram quase dez horas da noite e o sol ainda não havia começado a se pôr, fato comum no verão francês. Os dois homens aproveitavam o clima ameno e comiam "baguetes" no Chez L`Huitre, um pequeno *bistrot* localizado no bairro medieval, todo decorado com magníficas placas esmaltadas.

— É uma pena Desirée não ter vindo conosco – Barrabás comentou, em meio a uma dentada e outra. – Isto é por demais delicioso.

— Ela prefere não se expor em lugares públicos – Leon retorquiu. – Você sabe... Depois do que aconteceu em Washington, nós passamos para o topo da lista dos mais procurados em pelo menos uma dúzia de países, principalmente aqui na França.

— E você? Não tem medo de ser reconhecido? – Barrabás indagou de boca cheia.

— Já estou cansado de me esconder – Leon respondeu. – Eu acho que acabaria maluco se não viesse para a cidade com você hoje. De vez em quando precisamos ver gente diferente e curtir um pouco de movimento urbano.

Barrabás concordou com a cabeça. Ele entendia as razões que levavam o piloto a sentir-se tão necessitado de convívio humano. Desde que aportara em Nantes, há seis meses, o inglês ficara isolado na propriedade de campo de Marcel, junto com Desirée, saindo somente para curtas caminhadas e sempre nos arredores da fazenda. Era Barrabás que pegava a condução uma vez por mês e deslocava-se à cidade para refazer o estoque de mantimentos para mais trinta dias. Naquela tarde, todavia, Leon não aguentara mais o confinamento e decidira ir junto. O negro achara ótimo. Não precisaria pegar o ônibus.

Já que Leon dirigia, podiam utilizar a caminhonete Mitsubish L200 que Marcel havia deixado à sua disposição na garagem. A mesma que o piloto inglês usava todos os

dias para ensiná-lo a dirigir em meio ao campo deserto. Ele aprendera rápido e já era capaz de conduzi-la por quilômetros a fio sem cometer falhas, mas ainda não sentia-se seguro o bastante para ir sozinho à cidade com ela. Porém, com Leon junto...

Eles saíram no início da tarde e duas horas depois já haviam comprado tudo o que precisavam. E então, a pedido do inglês, resolveram passear pelo centro da cidade e jantar por lá mesmo. Visitaram a Catedral Gótica de St-Pierre, localizada bem defronte ao Castelo dos Duques da Bretanha, e depois a Passage Pommeraye, uma elegante galeria de lojas construída no século passado. Assistiram a um filme de ação, no Cine Gaumont, e queimaram todo o resto do dia sentados em um dos bancos da pracinha localizada em frente ao cinema, jogando conversa fora embalados pelo som frenético dos bondinhos que costuravam o trânsito e contemplando o vai e vem da tranquila e lúdica capital do Loire Atlântico. Decidiram jantar e terminavam de devorar as suas "baguetes" com um delicioso café expresso, quando o celular de Leon tocou. Era Desirée.

— Onde vocês estão? – a moça perguntou, assim que ele atendeu. – Faz mais de oito horas que vocês saíram!

— Desculpe. Devíamos ter avisado – Leon desculpou-se. – Foi culpa minha. Eu quis dar uma volta pela cidade, antes de retornarmos à clausura. Você devia ter vindo junto, nós nos divertimos à beça e...

— Eu espero que sim, pois as nossas "férias" acabaram – a francesa comunicou. – Angelina entrou em contato... As notícias são alarmantes.

— O que houve? – Leon indagou preocupado.

— Não posso falar por telefone. Voltem para cá imediatamente!

— Já estamos indo, até mais – ele desligou o aparelho e, de súbito, se virou para o companheiro. – Prepare-se, pois os *Escolhidos* vão entrar em ação novamente!

* * * * *

Desirée desligou o celular e, ignorando a forte dor nas costas, passou a arrumar as malas. Teriam de partir na manhã seguinte, antes do romper da aurora, já que, por razões de segurança, viajariam de carro e não de avião.

Ainda restavam dois dias para o encontro, mas, como não era aconselhável que chegassem muito em cima da hora ao local predeterminado, ela decidiu que partiriam logo e esperariam na nova sede dos Cavaleiros da Luz, em Londres, pelos demais que, conforme Angelina, só chegariam um dia depois.

Apesar da gravidade da situação, após os últimos acontecimentos no Convento da Luz, sentia-se entusiasmada ante à expectativa de poder voltar à ação novamente. Assim

como Leon, ela também não aguentava mais ficar escondida na casa de Marcel, sem nada para fazer, além de curtir a monótona vida do campo.

Nisso, ela escutou um barulho proveniente do andar de baixo da casa. Os seus sentidos entraram em alerta total. A ruiva sacou a Glock17, verificando se estava carregada e, na ponta dos pés, deslizou para fora do quarto rumo às escadas. Com o coração a mil, devido à forte descarga de adrenalina, desceu, pé ante pé, os trinta degraus que a separavam do andar térreo. Apesar da penumbra fraca que dominava o ambiente, pôde detectar um vulto esgueirando-se pela sala, no escuro.

Certa de que não podia ser nenhum dos seus dois companheiros, a ex-agente da *Sureté* olhou para a porta de entrada da casa. Estava entreaberta, mas não parecia ter sido arrombada. Estranho, pois podia jurar que a trancara pouco antes de subir.

Desirée esperou oculta no vão da escada até, fatalmente, o invasor se voltar para ela e avançar em sua direção. E quando ele se encontrava próximo o bastante, a ruiva saltou e o agarrou por trás, pressionando a pistola contra a sua cabeça.

— Quem é você? E o que quer aqui? – interpelou secamente.

— Desirée? – o vulto indagou com uma voz serena e tranquila, que soou familiar para ela. – Que bom reencontrá-la, minha amiga!

— S-Sarah? – Desirée arregalou os olhos, abaixando a arma. – O que você está fazendo aqui? Angelina acabou de telefonar dizendo que Lúcifer a havia raptado...

A francesa acendeu as luzes da sala e só então constatou o estado deplorável em que a menina se encontrava. Embora parecesse bem, Sarah causava má impressão. Além de suja e maltrapilha – vestindo roupas velhas, rasgadas e grandes demais para o seu tamanho – apresentava-se assustadoramente pálida e abatida.

— Meu Deus, o que aconteceu com você? – Desirée reagiu ante a indigesta visão.

— É uma longa história!

Sarah contou-lhe tudo acerca do sequestro e da fuga. Relatou também que havia chegado a Nantes, ainda no começo da tarde, mas que precisara de muita cautela e discrição ao sair do aeroporto, o que a fizera perder bastante tempo. Para evitar que fosse reconhecida pelos eventuais olheiros de Lúcifer de plantão, tivera de improvisar um disfarce. Providencialmente, encontrara uma indigente no banheiro do aeroporto, com a qual, após certa insistência e uma ótima gratificação em dinheiro, trocara de roupas. Vestida como mendiga, ninguém reparara nela, assim pudera deixar o lugar e adentrar a cidade de Nantes sem ser molestada.

— Afinal de contas, quem suspeitaria de uma esmoleira esfarrapada, suja e com aparência de doente? – ela acrescentou. – Depois disso, segui de ônibus do aeroporto até uma parada a cerca de dois quilômetros daqui e vim andando o resto do percurso, guiada

pelos meus instintos, até chegar a esta casa. Como as luzes estavam apagadas, destravei a porta com meu poder mental e entrei.

— Você acredita que pode ter sido seguida? – Desirée alarmou-se, correndo até a porta e trancando-a novamente.

— É provável que sim. Havia um homem no ônibus que não tirava os olhos de mim. E eu desconfio das suas reais intenções – Sarah respondeu. –, de modo que nós precisamos sair daqui o quanto antes. Onde estão os outros?

— Eles foram à cidade fazer compras, mas já devem estar chegando.

Nesse momento, as duas mulheres escutaram o som característico do arrastar de pneus freados no cascalho e a sala foi subitamente iluminada, através das vidraças da janela, por um par de faróis voltados em sua direção. Desirée correu até a abertura e observou duas caminhonetes com as traseiras repletas de figuras negras, armadas e encapuzadas. Os veículos derrubaram o portão principal da propriedade e avançavam em direção à casa.

— Corra! Para a escada! – gritou para Sarah, atravessando a sala como um raio.

Elas praticamente voaram pelos degraus acima, só parando no final do corredor do segundo andar. A francesa puxou uma corda e uma escada móvel desceu do teto. Ela subiu e, com as costas, forçou até abrir o alçapão que levava ao sótão da casa. Já nele, a ex-agente enfiou Sarah num armário embutido na parede e sussurrou:

— Aqui você estará segura, fique aí e não faça barulho. Eu vou tentar detê-los até que Barrabás e Leon cheguem.

E antes que a menina pudesse protestar, a ruiva trancou-a dentro do armário e retornou pela escada móvel, fechando o alçapão e sumindo pelo corredor do segundo andar, com a Glock17 empunhada e, pela segunda vez naquela noite, destravada.

Desirée fez uma parada estratégica em seu quarto para apanhar um pente extra para a Glock, antes de prosseguir. Através da janela, observou as caminhonetes agora paradas em frente à casa, a fim de que os encapuzados saltassem de suas carrocerias e cercassem-na. E então, cantaram os pneus e se separaram. Uma delas deu a volta e se dirigiu para os fundos da construção, enquanto que a outra avançava com tudo para cima da porta de entrada da residência de Marcel.

As aberturas de madeira, assim como metade da parede frontal da casa vieram abaixo com a colisão, em meio a um estrondo ensurdecedor que fez o chão estremecer sob os seus pés. O veículo adentrou a residência, parando no meio da sala de estar e os atacantes que vieram logo depois, aproveitaram para invadir todo o andar térreo. A ex-agente calculou que haveria no mínimo uma dúzia deles, mais os motoristas das caminhonetes, perfazendo um total de quatorze a dezesseis inimigos, armados com

submetralhadoras e fuzis automáticos. E ela, sozinha, teria de enfrentá-los munida apenas de uma pistola e dois míseros pentes de munição. As probabilidades estavam todas contra si, entrementes, não havia tempo para choro ou lamentações. Precisava virar o jogo com o que dispunha: coragem, destreza em combate e os trinta e quatro projéteis de 9 mm da sua Glock.

Desirée correu para fora do quarto, no exato instante em que dois dos inimigos atingiam o cume da escada do segundo andar. Os homens a enxergaram e ergueram as suas armas ao mesmo tempo, mas não foram rápidos o suficiente. Ela jogou-se ao chão e, enquanto rolava, disparou uma rajada curta de três tiros no que se encontrava mais à frente, perfurando-lhe a garganta e o rosto. O indivíduo foi violentamente arremessado para trás e, quando chegou ao chão, já estava pra lá de morto.

O segundo sujeito conseguiu acionar o gatilho do seu fuzil, mas não acertou em nada além da parede. A ruiva ergueu-se sobre o joelho e, mais uma vez, mandou três projéteis certeiros que o atingiram no peito, dilacerando-lhe a carne e os ossos. Ele deu alguns passos para trás, impelido pela força do impacto e, desequilibrando-se, tombou por cima do corrimão. Despencou de cabeça sobre uma mesinha de canto com alguns vasos de flores, situada debaixo da escada.

Nisto, um terceiro invasor surgiu pela escadaria e Desirée o alvejou no meio da testa, com um único tiro. Um terceiro olho desenhou-se em sua cabeça e o homem cambaleou, praticamente rolando pelos degraus e arrastando consigo os outros dois que o seguiam. A ruiva aproveitou o momento de atrapalhação do inimigo para dar meia-volta e retornar ao sótão. Entrou e bloqueou o alçapão, arrastando até ele um sofá velho de três lugares.

— Sarah, sou eu – sussurrou, destrancando o roupeiro para a menina sair. – Por favor, me ajude aqui.

As duas arrastaram os poucos móveis que encontraram no sótão, empilhando-os sobre o alçapão. Desirée foi até a janela e espiou. A noite estava nublada e não tinha lua, de forma que a escuridão era quase total.

O alçapão foi golpeado com violência, de baixo para cima. Os invasores sabiam que elas estavam lá e não demoraria para que conseguissem entrar no sótão.

— Não podemos mais esperar pelos outros. Nós precisamos sair daqui agora! – Desirée exclamou. – Venha atrás de mim e procure não fazer barulho!

Pularam o parapeito da janela e contornaram a casa sobre o telhado, encobertas pelas sombras da noite. Atingiam a extremidade oposta da construção, quando a ex-agente arriscou uma olhada para trás, em direção à janela por onde haviam saído, e avistou um par de olhos encarando-as. A eles assomava-se um cano de fuzil...

— Abaixe-se. – gritou para Sarah, lançando-se sobre a menina.

O atirador acabava de posicionar a arma, tentando enquadrá-las em sua mira, quando o primeiro projétil da Glock explodiu-lhe o olho esquerdo. Ele não teve nem tempo de sentir dor e um segundo disparo lhe arrancou o nariz. A cabeça rodopiou em um ângulo inconcebível e o corpo desabou grosseiramente sobre a amurada da janela, ficando metade para dentro, metade para fora.

Sarah virou-se assustada e viu o cadáver sendo puxado para dentro, cedendo seu lugar a outro atirador. Ergueu-se, preparada para prosseguir, no entanto, pisou numa telha mal encaixada e que, não suportando o seu peso, soltou-se de vez, provocando uma reação em cadeia que fez com que toda uma fileira de telhas se soltasse e deslizasse, arrastando-a consigo. Desirée ainda tentou segurá-la pela mão, mas não a alcançou a tempo.

A menina rolou pelo telhado e, ao findar deste, despencou no vazio, desaparecendo sob uma avalanche de telhas. A francesa cruzou apavorada a divisória do telhado, ficando fora do alcance dos atiradores no sótão e, só então, deslocou-se com muito cuidado até a borda da casa, espiando sobre a amurada. Sarah encontrava-se no chão, desacordada e coberta por dezenas de telhas quebradas. E, para complicar ainda mais as coisas, um grupo de três inimigos corria em sua direção. Por sorte, a garota caíra fora do campo de visão dos atiradores posicionados nas janelas da casa.

Sem medir as possíveis consequências, Desirée dependurou-se em uma calha de PVC que subia junto à parede lateral da casa, e o cano, não suportando o seu peso, se desprendeu, inclinando-se perigosamente sobre uma pequena árvore. No momento exato, a ruiva soltou-se, rodopiou no ar e, assim que tocou o solo, arremessou o corpo para o lado e rolou sobre a grama úmida e macia, amortecendo a queda. Ergueu-se de um salto e, enquanto corria em direção a Sarah, girou o seletor de fogo da Glock para automático total, descarregando a arma nos assassinos, que agora já se encontravam perto demais de Sarah.

O primeiro estremeceu, alvejado no peito, no que desabou de costas sobre o gramado. Debateu-se por algum tempo em espasmos musculares e, então, finalmente imobilizou-se. Os outros dois se separaram e reagiram conjuntamente, abrindo fogo contra ela. Os projéteis ricochetearam ao redor dos pés de Desirée, arrancando lascas de grama e terra e, por vezes, passando a milímetros das pernas dela. Mas a ruiva não se intimidou. Manteve-se firme em seus propósitos e nem sequer diminuiu o ritmo ou alterou o rumo. Entrementes, seus dedos pressionavam ininterruptamente o gatilho da Glock17. Uma saraivada praticamente decepou o bandido da direita que, ao ser alvejado no pescoço e nos ombros, rodopiou sobre o próprio eixo antes de cair morto.

E então, a sorte se foi... Um estalido seco anunciou que o carregador de Desirée encontrava-se vazio, obrigando-a a lançar-se ao chão para fugir de uma rajada, que passou rente à sua cabeça. Tão perto, que chegou até a queimar algumas mechas de seu cabelo. Furiosa, a francesa rolou para junto de Sarah, trocando o pente vazio pelo cheio. E numa fração de segundo depois, já estava novamente pronta para a ação.

O último atacante, uma mulher negra e bastante alta, tirou o capuz e escondeu-se na esquina da construção, disparando sem trégua na direção delas. A maioria dos projéteis ricocheteava nas telhas quebradas e no chão gramado, bem longe das duas. Felizmente, aquela seguidora de Lúcifer não possuía uma boa mira.

Desirée aguardou abaixada até que ela expusesse a cabeça para mirar e, então, mandou três projéteis certeiros em seu rosto. Voltando-se para Sarah, afastou as telhas quebradas de cima da garota e constatou que, além dos muitos hematomas espalhados pelo seu corpo, a menina havia sido atingida duas vezes, uma no tórax e outra no braço esquerdo. O sangue azul escorria de ambos os ferimentos. O desespero a dominou. Sarah não podia morrer. Não agora, e não dessa maneira...

De repente, a menina abriu os olhos e tossiu.

— A regeneração... – balbuciou fraca. – Eu só preciso... de um tempo... para me recuperar...

Aliviada, Desirée abriu um amplo sorriso e, juntando as suas forças, arrastou-a até a caminhonete inimiga estacionada nos fundos da casa e agora à sua disposição. Mas havia um problema: ambos os pneus da frente do veículo haviam sido atingidos durante o tiroteio, de forma que não poderiam ir muito longe. Desirée lembrou-se, então, do velho moinho que avistara durante uma de suas caminhadas pelos arredores. De acordo com os seus cálculos, o prédio não deveria ficar muito longe dali. Uns dois ou três quilômetros pela estrada acima. Se elas conseguissem chegar lá, estariam seguras até que Sarah se restabelecesse.

A francesa nem bem havia acomodado a garota ferida no banco do passageiro e assumido o seu lugar ao volante, quando meia dúzia de inimigos surgiu pelos flancos da casa, atirando como loucos. Ela girou a ignição e pisou com tudo no acelerador, no que a caminhonete deu um tranco para frente, adquirindo velocidade rapidamente. Mas sem os pneus dianteiros, as rodas logo entraram em atrito direto com o asfalto, produzindo faíscas e sons de doer os ouvidos. Vários tiros atingiram a lataria, arrancando lascas de tinta e abrindo um grande número de orifícios em sua superfície. O vidro traseiro estilhaçou-se, banhando-as com uma chuva de minúsculos cacos.

Os disparos continuaram até que o Exército de Lúcifer fi casse para trás, e o veículo, fora do alcance das suas armas.

Só então, Desirée permitiu-se respirar aliviada. Elas contavam agora com uma boa vantagem em relação ao inimigo, já que a outra caminhonete havia sido destruída ao ser utilizada como aríete contra a casa de Marcel. Sem ela, os assassinos gastariam um bom tempo caminhando, caso resolvessem vir atrás delas.

Dez minutos depois, a ex-agente da *Sureté* avistava a construção de pedras em formato cilíndrico, a cerca de um quilômetro mata adentro. Conduziu a caminhonete pela estreita trilha de chão batido que levava até o prédio e estacionou perto da porta de entrada. Ajudou Sarah a descer do veículo e, com um tiro certeiro na fechadura do edifício, destroçou-a, liberando a passagem.

O moinho parecia abandonado há séculos. Havia pó e teias de aranha por tudo. No centro da construção tinha uma enorme roda de pedra, movida à tração animal, que outrora devia ter sido usada para esmagar o trigo na produção da farinha. Em um dos cantos, uma montanha de sacos de linhagem vazios erguia-se do chão ao teto. No outro, um conjunto de degraus conduzia a uma plataforma superior, onde, em outros tempos, deveriam ter funcionado os escritórios do engenho. Assim que entraram, a ruiva encostou a porta e acomodou Sarah sobre os sacos vazios que lhe serviriam de cama improvisada. E então, subiu ao patamar superior da construção e abriu a modesta janela redonda, a única existente ali, de onde poderia antever todos os passos do inimigo. Sentou-se diante dela e verificou o carregador da Glock17: doze projéteis.

Não seria o suficiente para enfrentar um inimigo bem mais numeroso e melhor armado. Arrependeu-se amargamente de não ter pego ao menos um fuzil dos atacantes mortos na casa durante a fuga, já que passara ao lado deles, enquanto arrastava Sarah para a caminhonete.

A caminhonete... Era isso!

Desirée desceu em disparada e foi até ela. Deitou-se embaixo do veículo e, com um pedaço de ferro pontiagudo, pegado emprestado do moinho, fez um diminuto furo no reservatório de gasolina, no que o combustível escorreu, espalhando-se rapidamente e formando uma considerável poça ao redor da viatura. Satisfeita, entrou novamente e bloqueou a porta do moinho com tudo o que foi capaz de arrastar até ela. Ao terminar, virou-se a fim de dar uma olhada em Sarah e reparou que a menina já estava com a aparência bem melhor. Os ferimentos haviam cicatrizado e os arranhões, assim como os hematomas e os pequenos cortes, haviam sumido completamente, embora ela ainda permanecesse imóvel e desacordada sobre os sacos de linhagem.

“O milagre da regeneração”, pensou Desirée, retornando sem perda de tempo ao seu posto de observação, na janelinha do pavimento superior.

Agora só lhe restava aguardar pelo inimigo...

* * * * *

A ex-agente da *Sureté* francesa perscrutava o terreno em volta do velho moinho, procurando por qualquer sinal que pudesse indicar a aproximação do inimigo, mas até aquele momento não havia percebido nada de anormal. Encontrava-se tão absorta em sua tarefa de vigilância, que não vira Sarah agachando-se ao seu lado.

— Eles virão – a menina sussurrou. – Estarão aqui em poucos segundos.

— Sarah! – Desirée assustou-se com a súbita aparição da menina.

– Como você está?

— Plenamente recuperada – Sarah respondeu, mostrando o corpo sem nenhuma marca. Nenhum arranhão, hematoma ou ferimento.

Nesse instante, vários espectros abandonaram a relativa cobertura das árvores e se aventuraram pelo inóspito terreno em volta do moinho, cercando-o.

— Esconda-se – Desirée sussurrou ao avistá-los – Os desgraçados chegaram!

— Não se preocupe comigo, apenas mantenha-os ocupados e longe daqui por alguns minutos – Sarah ordenou. – Eu vou providenciar reforços...

E dizendo isso, a menina dirigiu-se ao outro extremo da plataforma superior do engenho, onde se sentou em posição de ioga, fechando os olhos.

Desirée, por sua vez, concentrou-se no grupo inimigo que cercava o moinho por todos os lados. Esperou até que uma dupla se aproximasse da caminhonete. Mirou e disparou uma rajada tripla na roda dianteira da mesma. Os projéteis ricochetearam no aço exposto, produzindo faíscas sobre a poça de gasolina no chão, inflamando-a. As chamas se propagaram de forma quase que instantânea e, rapidamente, atingiram o tanque de combustível.

O que se sucedeu a seguir poderia facilmente ser descrito como uma perfeita alusão ao próprio Hades. O reservatório de combustível explodiu, transformando a caminhonete toda em uma gigantesca bola de fogo que, sem misericórdia, engolfou os dois assassinos, desintegrando-os em meio ao inferno incandescente. Em frações de segundos, ambos os corpos foram reduzidos a cinzas, como se houvessem sido cremados vivos.

Os outros se assustaram com a dantesca cena e, juntos, acionaram os gatilhos de seus fuzis, crivando as paredes de pedra da antiga construção de buracos.

Desirée atirou-se ao chão e rolou para o lado, fugindo por pouco dos projéteis que entraram pela janelinha e, perigosamente, ricochetearam nas paredes internas e sujas do moinho.

Dois inimigos a menos... Mas pelas suas contas ainda faltavam sete, já que avistara

um total de nove vultos saindo da mata. Sete inimigos, para apenas nove projéteis da Glock17. Uma proporção enormemente desfavorável para as duas mulheres e que não permitia erros de pontaria. Foi então que aconteceu. De repente, Sarah ergueu-se de pé e esticou ambos os braços para cima, no que desprendeu um grito agudo e sonoro. De suas mãos jorrou um facho luminoso que atravessou as telhas do moinho, desintegrando-as.

Assustada e perplexa, Desirée limitou-se a observá-las, a Sarah e à luz azulada que brotava qual raio de suas mãos e parecia tocar as nuvens, tamanha a altura que atingia. Então, assim como surgira, o facho luminoso de pronto se desfez, e a menina desabou sobre os joelhos. Desirée correu até ela e a amparou.

— O que foi isso? – a francesa indagou, ainda perturbada com a inusitada cena que acabara de presenciar.

— Uma forma de avisar aos outros onde estamos – Sarah explicou. – Só espero que eles tenham visto!

A porta e as janelas do andar inferior do moinho explodiram sob uma chuva de projéteis.

— Nós não podemos contar com isso – Desirée afirmou, deslocando-se para a beirada da escada, mantendo-se sob a proteção da parede. – Esconda-se!

De onde estava, viu um grupo de meia dúzia de homens invadir o prédio.

A ex-agente fez um sinal para que Sarah ficasse em silêncio, enquanto girava o seletor de fogo da Glock17 para um disparo de cada vez e aguardava pacientemente, pronta para explodir a cabeça do primeiro infeliz que ousasse subir atrás delas.

* * * * *

Leon dirigia seguindo as marcas no asfalto. A impressão era de que pertenciam a um veículo, cujas rodas estiveram em contato direto com a manta asfáltica.

Barrabás encontrava-se extremamente nervoso ao seu lado. Os dois vinham da casa de Marcel, a qual havia sido completamente destruída, com as paredes crivadas de balas e uma caminhonete no meio da sala de estar. Mas o que os deixara com os nervos à flor da pele foram os sete corpos encontrados na área da propriedade, todos com a tatuagem da cruz invertida em seus pulsos, o que claramente os identificava como membros do famigerado Exército de Lúcifer. Sem contar o fato de que Desirée havia desaparecido do lugar sem deixar vestígios.

O africano ostentava em seu colo uma espingarda de cartuchos Franchi SPAS-12, originária da Itália, de onde a trouxera. Era uma arma robusta, cujo acabamento escuro do metal conferia uma aparência extremamente letal e ameaçadora a ela. Seu primeiro

nome era uma homenagem ao seu criador, o armeiro italiano Luigi Franchi, e o segundo, *SPAS-12*, significava *Sporting Purpose Automatic Shotgun*, calibre 12 mm. Era uma arma de alto impacto, porém de curto alcance, com efetivo poder de fogo de no máximo vinte e cinco metros de distância. Mas a sua mira modificada, do tipo lâmina e com a abertura mais larga, permitia ao atirador apontá-la para o centro de um alvo a qualquer distância, sem margem de erro. Media 93 cm com a coronha esticada e 71 encolhida, e pesava 3,65 kg, possuindo autonomia para oito cartuchos calibre doze no carregador, mais um na câmara.

Leon, por sua vez, portava uma pistola austríaca Glock17 com carregador extra. Uma arma leve, cujo peso, carregada, atingia apenas 1,3 kg e cuja elasticidade da sua estrutura, quase toda em plástico, e o suave mecanismo de disparo, asseguravam alta probabilidade de impacto no alvo. A arma fornecida por Marcel possuía ainda uma vantagem: capacidade para 17 cartuchos calibre 9 mm *parabellum* altamente letais.

Eles seguiam a suspeita trilha deixada pelas marcas do asfalto, na esperança de serem guiados ao encontro do Exército de Lúcifer e, por conseguinte, de Desirée.

De repente, uma explosão além da próxima curva da estrada.

Leon acelerou a L-200 e efetuou a curva a mais de 140 km/h, o que o obrigou a usar de toda a sua força e destreza para não perder o controle do veículo.

— O que é aquilo? – Barrabás indagou curioso, apontando para o lado.

— O quê? – Leon olhou na direção apontada e quase teve um surto ao avistar um facho de luz brotando do velho moinho abandonado. Foi então que abaixou os olhos e percebeu a caminhonete em chamas na entrada do mesmo, junto a vários vultos que abriam fogo contra o prédio.

Eram eles: os seguidores de Lúcifer. Certamente atiravam em Desirée, refugiada dentro do moinho. Quanto à luz, Leon não fazia a mínima ideia do que se tratava.

— Segure-se! – gritou para o africano, enquanto parava e engatava a tração nas quatro rodas, indicada para terrenos irregulares como o que se apresentava diante deles. Procedimento executado e a tração engatada, afundou o pé no acelerador e, no reflexo, girou o volante todo para a esquerda, redirecionando a L-200 para o moinho.

* * * * *

Desirée eliminara mais um oponente que ousava subir pela escada; e já estava quase sem munição, quando escutou uma enxurrada de impropérios e xingamentos oriundos da estrada do moinho, acompanhada por disparos e pelo som de um veículo se aproximando rapidamente.

Uma freada. Tiros. Gritos de dor. Mais tiros. Os invasores que se encontravam dentro do prédio correram às janelas e começaram a disparar como loucos para fora.

A ruiva arriscou uma espiada. Constatou que havia seis deles cobrindo as duas janelas e a porta de entrada do moinho. Mirou na cabeça de um dos bandidos e estava prestes a despachá-lo para o mundo dos mortos, quando Sarah gritou horrorizada.

— Um demon! – a menina apontava para a janela aberta.

Desirée foi até a abertura e, por entre as nuvens, visualizou uma espectral figura alada voando em sua direção, refletida na tênue luz da Lua, que finalmente resolvera aparecer. O demônio já estava bastante próximo e continuava avançando com as asas batendo num ritmo alucinante. A ruiva não pensou duas vezes e descarregou a Glock sobre ele, forçando-o a alterar a rota e contornar a construção.

Sarah pulou e fechou a janelinha, no que Desirée refletia por um momento sobre a sua situação: elas estavam encurraladas naquele lugar, com um bando de assassinos fortemente armados no andar de baixo e agora um demônio à solta no lado de fora do prédio. Uma posição bastante crítica, tendo em vista que a munição acabara.

Uma sombra pairou sobre as suas cabeças e, ao olharem para cima, elas deram de cara com o demônio, que se infiltrara através do buraco aberto no teto pela luz que havia brotado das mãos de Sarah, minutos antes; e pousou ameaçador diante delas.

Naquele instante crucial, Desirée fraquejou, perdendo as esperanças por efeito da desalentadora e inegável certeza de que apenas um milagre poderia salvá-las...

* * * * *

Leon cruzou em alta velocidade pelo terreno em frente ao moinho e, de repente, puxou o freio de mão, fazendo a L-200 derrapar na pista de brita, girando uma volta inteira sobre si mesma.

Assim que o veículo parou, Barrabás saltou com a SPAS-12 cuspindo fogo.

O homem que vigiava o lado de fora da construção foi atingido e teve o braço direito praticamente amputado à altura do ombro, permanecendo preso ao tórax por alguns poucos ligamentos que se recusaram a romper. Mas ele não teve nem tempo de sentir dor. Uma segunda carga de chumbo quente o atingiu, desta vez no topo da cabeça, transformando-a numa massa irreconhecível de carne e sangue.

Uma mulher de capuz saiu do moinho e disparou contra o africano, que saltou para o lado e rolou, evitando, por muito pouco, ser atingido. A assassina fez menção de repetir a manobra, no que teve a vida ceifada por três projéteis de 9 mm certeiros que cravaram-se em seu peito, oriundos da Glock de Leon.

O inglês anuiu para Barrabás e, imediatamente, retornou ao combate.

Os bandidos que estavam no interior do moinho foram atraídos pelo tiroteio. E despejaram uma longa saraivada sobre os dois intrépidos guerreiros da luz que, por questão de conveniência e falta de opção melhor, usaram a própria caminhonete dos assassinos, ainda em chamas, como escudo protetor. Por cima do capô, Barrabás mirou e estourou a cabeça do sujeito que estava à direita da única porta de acesso ao prédio, enquanto que Leon eliminava outros dois, posicionados na janela da esquerda.

— Pelas minhas contas, ainda restam três – o inglês declarou.

— Vou pegá-los, me dê cobertura – Barrabás gritou, deixando a relativa proteção do veículo em chamas para trás.

E, antes que o companheiro pudesse protestar ou tentar impedí-lo, o ex-monge africano correu, disparando um cartucho após o outro na direção da porta.

Leon rolou pelo chão e cobriu o seu avanço. Praguejando, o piloto descarregou a Glock sobre a janela da direita, forçando os inimigos que lá estavam a se recolherem atrás das paredes.

Com isso, Barrabás teve o acesso liberado e conseguiu avançar sem resistência.

No último instante, quando ele estava quase alcançando o moinho, o assassino que vigiava a entrada do lugar criou coragem e saltou diante dela, com o fuzil voltado ameaçadoramente para Barrabás. A ousadia serviu tão somente para antecipar a sua morte. Um disparo certeiro, à queima-roupa, abriu uma enorme cratera em seu peito e ele foi violentamente arremessado para trás, deixando a passagem livre.

O ex-monge aproveitou e saltou por ela, invadindo o moinho. Os dois invasores sobreviventes olharam para ele aterrorizados. E, por puro instinto, voltaram as armas em sua direção. Barrabás foi milésimos de segundo mais rápido do que eles. Jogou-se ao chão, no exato momento em que uma saraivada passava a poucos milímetros de sua cabeça. O grandalhão rolou pelo piso sujo de farinha e pó, apoiando-se no joelho e acertando o oponente que estava mais próximo no rosto. O homem tropeçou e caiu por cima do companheiro, desequilibrando e arrastando-o consigo para o chão. Barrabás mirou na cabeça do homem e apertou o gatilho da Franchi SPAS-12, apenas para escutar um estalido seco, o ruído característico de quando a arma ficava sem munição.

O sujeito desvencilhou-se do colega morto e se preparava para acionar o fuzil quando o negro saltou impetuosamente sobre ele, como um predador feroz ao atacar a presa. Esmigalhou-lhe o nariz com a coronha da SPAS-12, ao mesmo tempo em que chutava a arma do bandido para longe. O infeliz debateu-se violentamente no chão, enquanto o rosto foi ficando roxo devido à apoplexia causada pela falta de ar. O sangue espirrava aos borbotões do nariz quebrado e, então, Barrabás o acertou mais uma vez,

com toda a força e no mesmo local, deslocando o osso occipital para cima e perfurando-lhe o cérebro. No momento seguinte, os espasmos cessaram. Foi quando o ex-monge escutou os gritos provenientes do segundo pavimento da construção.

* * * * *

O demônio exibia uma expressão feroz.

Por impulso, Desirée apontou-lhe a arma, na tentativa de intimidá-lo.

— Para trás! – ela gritou. – Afaste-se, senão eu atiro!

— Dê-me a garota e prometo que a deixo viver – ele vociferou. – É a ela quem vim buscar.

— Nunca! – Desirée gritou, arremessando a Glock nele. – Corra, Sarah!

O demon desviou-se da arma e, ato contínuo, desferiu um violento soco no rosto da ex-agente que a fez tombar desacordada. Sarah tentou correr, mas teve o caminho interceptado por ele, que a agarrou pelo pescoço, erguendo-a do chão.

— Sua vagabunda – rugiu, pronto para agredi-la também. – Agora é a sua vez!

Então, de súbito e inexplicavelmente, soltou-a. Deu alguns passos cambaleantes, passando por ela; e desabou de cara no chão, ao lado de Desirée. Por um momento, a menina não entendeu nada, até que viu a adaga cravada em suas costas, bem à altura do coração. Reconheceu de imediato o cabo de marfim africano e compreendeu o que se sucedera com o ser das trevas. Tratava-se de uma arma dos anjos, cuja lâmina em *criometal* tornava-a a única coisa capaz de matar um demônio.

Ainda no chão, virou o rosto, deparando com um par de olhos negros a espreitá-la com indisfarçável surpresa.

— Você está bem? – Barrabás indagou, estendendo-lhe a mão.

— Sim, graças a você – Sarah aceitou a ajuda, colocando-se de pé.

— Eu não esperava vê-la por aqui – o grandalhão olhou-a desconfiado.

— Nem eu esperava reencontrá-lo dessa forma – a menina sorriu, ainda abalada pelos últimos acontecimentos, no que o abraçou, deixando-o sem graça. — Vejo que você soube fazer um bom uso do presente que lhe dei – comentou, apontando para a adaga cravada nas costas do demônio.

— Sempre soube que ela me seria útil – Barrabás comentou alegre, arrancando-a das costas do cadáver alado.

— Jesus Cristo! – Leon exclamou ao subir e deparar com o demônio estirado aos pés deles. – Sarah? O que é que você está fazendo aqui?

— É uma longa história... – a menina replicou. – Eu faço questão de contar, mas

antes precisamos pegar Desirée e sair deste lugar, pois a qualquer momento, podem aparecer outros como este!

Os dois homens olharam para o demon e concordaram. Barrabás jogou Desirée sobre os ombros e seguiu os companheiros pela robusta escada de madeira, saindo para a companhia das estrelas e da Lua, ainda acabrunhada no firmamento.

Os quatro acomodaram-se na L-200 cabine dupla de Marcel e, minutos depois, já estavam na estrada, deixando o velho moinho, com seus antigos e novos fantasmas, para trás...

# CAPÍTULO VI

A caminhonete, que, tirando uns poucos buracos de bala, estava intacta, passou pela movimentada *Place de La Republique*, contornando-a para entrar no *Boulevard Vincent Gãche*, deixando para trás o centro de Nantes, onde eles haviam parado por apenas alguns minutos e a pedido de Sarah, que telefonara para Gabriel relatando os últimos acontecimentos. Leon guiou-a através do *Boulevard Jean-Monnet* até entrar na *Auto Route A11,* que os conduziria diretamente a Paris.

— Você está bem? – ele dirigiu-se a Desirée.

— Sim. Apenas com um pouco de dor de cabeça, o orgulho ferido e muita raiva – a francesa respondeu, massageando o rosto machucado, onde o demônio a acertara durante o confronto no moinho.

— Conforme-se – Barrabás argumentou. – Em vista do que poderia ter-lhes acontecido, isso não foi nada!

— É, estou ciente disso – ela falou, encarando o negro. – Se vocês não tivessem chegado a tempo, não sei se estaríamos vivas agora.

— Agradeça a Sarah – Leon admitiu. – Foi graças ao facho luminoso emitido por ela que nós descobrimos onde vocês estavam.

— Falando nisso, como foi que você veio parar aqui em Nantes?

– Barrabás indagou, olhando para a menina. – E o que é que aqueles sujeitos queriam com você?

Sarah suspirou e então contou toda a sua aventura, desde o início. Para relatar tudo com precisão de detalhes, a menina precisou de um quarto das quase quatro horas e meia que eles levaram para cruzar os 386 km que separavam a cidade de Nantes da capital francesa. O resto da viagem foi dominado pelo silêncio. Todos sabiam o quanto era grave a situação: Lúcifer agora possuía a *Chave Um*, o que o deixava a um passo de localizar o verdadeiro *Cofre da Morte* e, com ele, o mortífero "*Vírus D*"!

Chegando a Paris, eles fizeram uma segunda parada para reabastecer a L-200. Enquanto Leon e Barrabás acompanhavam o processo, Desirée e Sarah aproveitaram para comprar roupas novas para a menina em um shopping 24 horas, ao lado do posto, uma vez que o vestido que a francesa emprestara para ela havia ficado grande demais. Depois, reuniram-se no restaurante interligado ao posto, onde tomaram um reforçado café da manhã, antes de prosseguirem viagem. E já clareava o dia, quando deixaram a Cidade Luz, seguindo para o norte rumo a Londres.

* * * * *

Thomas escancarou a porta do escritório-biblioteca de Gabriel e adentrou-o, seguido por Duke. O americano esfregava os olhos e bocejava, enfurecido por terem-no acordado no meio da noite. A sala estava vazia, e eles sentaram-se, esperando pelo Arcanjo.

— Espero que seja algo importante – Duke reclamou. –, pois se não for eu juro que vou chutar os traseiros angelicais desses abusados!

— Cala a boca – Thomas sussurrou. – Você não vai querer que eles ouçam isso!

A porta se abriu dando passagem a Gabriel, Angelina, Uriel e Micael.

— Boa noite, senhores – o Arcanjo cumprimentou-os. – Eu lamento muito tirá-los da cama, mas não tive escolha!

— Seja lá o que for, não podia esperar até amanhã? – Duke perguntou, com cara de poucos amigos.

— Não – Gabriel respondeu secamente. – O que nós temos para discutir possui caráter emergencial, de forma que cada minuto desperdiçado pode implicar em sérias consequências!

— O que aconteceu? – Thomas indagou preocupado. – Notícias de Sarah?

— Acabei de falar com ela – o Arcanjo respondeu tranquilizando-o. – Sarah está bem e a salvo. Conseguiu fugir dos demônios, e neste momento já está a caminho da Inglaterra, escoltada por Desirée, Barrabás e Leon.

— Graças a Deus – Thomas suspirou aliviado.

— Mas, então... – Duke inquiriu, reparando nas expressões dos anjos. – Se está tudo bem, por que é que vocês ainda continuam com essas caras de quem atropelou um urubu pelo caminho?

— O Iluminado está bem e a salvo – Uriel repetiu. – Porém...

— Porém, o quê? – Thomas sentiu um alarme ecoar em sua cabeça.

— Lúcifer agora está de posse da verdadeira *Chave Um* – Uriel adiantou-se.

— Não pode ser! – Thomas ficou pasmo. – Como ele conseguiu encontrá-la?

— Estava com Sarah o tempo todo – Gabriel explicou. – E antes que vocês me acusem de mentiroso, é bom esclarecer que nem mesmo eu sabia que o seu crucifixo era, na verdade, a *Chave Um* do *Cofre da Morte*! Sarah escondeu isso de todo mundo, inclusive de mim, durante todos esses séculos em que convivemos.

— Tanta bagunça por causa de um crucifixo? – Duke repetiu perplexo.

— Sim, mas não se trata de um crucifixo comum – o anjo asseverou, ajeitando o tapa-olho. – Conforme Sarah, esse, em especial, ostenta gravado em sua superfície um

código que, se decifrado corretamente, conduz à *Chave Dois* e, por tabela, ao *Cofre da Morte* e ao agente biológico. Foi por causa dele que os demons atacaram o Convento da Luz e raptaram-na. De alguma forma ignorada por nós, Lúcifer deve ter descoberto a sua verdadeira natureza...

— Quer dizer, então, que os bastardos já sabem onde encontrar a *Chave Dois*? – Thomas perguntou preocupado. Agora ele entendia o real motivo de os anjos estarem tão apreensivos e nervosos.

— Felizmente, ainda não – Gabriel suspirou. – Segundo o que Sarah me relatou, Lúcifer tentava obter a sua ajuda para decifrar o código das inscrições da *Chave Um*, quando ela fugiu!

— Menos mal – Duke redarguiu aliviado. – Isso significa que nós ainda temos uma chance: pode até ser que o babaca jamais chegue à solução do enigma.

— Infelizmente, não podemos contar com isso – Micael discordou. – Lúcifer é por demais ardiloso e não descansará enquanto não conseguir o que deseja, é apenas uma questão de tempo!

— Um tempo precioso que podemos muito bem utilizar a nosso favor – Gabriel anotou. – Uma vez que Sarah revelou-me a localização exata da *Chave Dois*!

— O quê? – Thomas ergueu-se do sofá. – Você está dizendo que durante todo esse tempo Sarah sempre soube onde estava escondida a maldita *Chave Dois*? E por que ela não disse antes?

— Não faz muito que uma de suas visões revelou-lhe o local onde os cientistas a esconderam – o Arcanjo explicou. – É uma pena que essa visão não tenha apontado também para o *Cofre da Morte* propriamente dito ou para o agente biológico, para que pudéssemos encontrá-lo e destruí-lo antes que os demônios chegassem perto!

— Mas como nessa história nada é fácil... – Thomas resmungou de mau humor. – Nós é que novamente vamos ter que descascar o abacaxi, estou certo?

— Foi justamente por causa disso que eu mandei acordá-los – Gabriel sorriu. – Vocês partem dentro de trinta minutos para o México!

— A *Chave Dois* está no México? – Duke indagou incrédulo.

O Arcanjo confirmou com a cabeça.

— Uriel será o seu guia. Ele os ajudará a encontrá-la, já que é versado tanto na cultura quanto na história mexicana. Agora vocês devem se preparar para a viagem. Peguem os seus pertences e aguardem no platô. Um helicóptero virá para conduzi-los até Kinshasa e de lá vocês seguirão no meu jatinho particular direto para Cancún!

— Legal! Um lugar que eu sempre quis conhecer é Cancún – Duke entusiasmou-se. – Cara... eu estou começando a gostar dessa parada de guerreiros da luz.

— E por que é que justamente “nós” devemos ir para lá e não você, ou eles dois? – Thomas quis saber, apontando para Angelina e Micael.

Duke fuzilou-o com o olhar. Não conseguia acreditar no que acabara de ouvir. De repente, sentiu vontade de esganar o ex-agente ali mesmo. Finalmente, depois de seis longos e monótonos meses enfurnados naquela maldita montanha, aparecia uma oportunidade de curtirem alguns dias num paraíso do Caribe; e o que é que o infeliz fazia? Perguntava o porquê de eles terem sido escolhidos para aquela tarefa e não os outros!

— Sarah assim determinou – Gabriel explicou. – Por alguma razão, ela parece confiar de forma inabalável em vocês humanos.

Duke soltou um suspiro de alívio.

— E a reunião de depois de amanhã, como fica? – Thomas interpelou.

— Foi cancelada – Gabriel esclareceu. – Mas eu irei assim mesmo para Londres a fim de encontrar os nossos amigos.

— E quanto a esses dois? – Thomas apontou para Angelina e Micael, deduzindo que os dois generais dos anjos não estivessem ali somente para fazer número.

— Angelina e eu seguiremos com vocês até Kinshasa e de lá, para a Áustria, onde nós comandaremos um ataque maciço ao atual refúgio de Lúcifer, agora que sabemos onde fica – o anjo de asas cinza-chumbo declarou solene, erguendo o punho fechado. – Faremos os Alpes estremecerem sob as lâminas de nossas espadas!

— Ei, não precisa ser tão melodramático – Thomas riu e, ficando sério de novo, indagou: – E depois, quando todos terminarmos as nossas tarefas?

— Encontramo-nos em Londres, na nova sede dos Cavaleiros da Luz – Gabriel respondeu. – Agora vamos. Não devemos nos demorar mais, pois, se o tempo agora está a nosso favor, a qualquer momento poderá voltar-se contra nós!

E então, homens e anjos deixaram o escritório.

* * * * *

A viagem transcorreu tranquila. Os guerreiros da luz aproveitaram os disfarces engendrados por Duke para se misturarem às pessoas comuns que lotavam o saguão do Aeroporto Internacional de Cancún. Estavam vestidos como turistas, com bigodes e cavanhaques falsos, camisas e bermudas coloridas e máquinas digitais penduradas nos pescoços.

Thomas e Duke tomavam um café, enquanto esperavam por Uriel, que falava ao celular, um pouco mais afastado, na tentativa de melhorar a qualidade do sinal. O ex-

agente folheava um panfleto turístico que continha alguns dados e curiosidades sobre a cidade que visitavam.

— Você sabia que Cancún, na língua dos maias, significa “Ninho de Cobras”? – ele indagou de repente.

— Ai, ai... Eu sabia que não deveria ter vindo... – Duke lamentou-se. – Eu odeio cobras, até mesmo minhocas me dão calafrios!

— Acalme-se – Thomas riu. – Aqui diz também que com a construção da cidade elas foram erradicadas!

— Ufa! Ainda bem... – o negro suspirou, tomando um gole de café.

Thomas continuou a estudar o panfleto, descobrindo que Cancún possuía pouco mais de trinta anos de existência e que toda a sua infraestrutura foi cuidadosamente planejada, visando transformar um lugar inóspito e isolado em um gigantesco complexo turístico, em um mundo totalmente à parte. Tudo começou nos idos de 1970, quando o governo mexicano resolveu criar uma segunda opção turística, além de Acapulco. Os estudos apontaram uma grande ilha com o formato do número sete, mas que era um imenso reduto de cobras, como o lugar perfeito para tal empreendimento. Esta faixa de terra era ideal para o projeto, pois estava localizada na costa leste da península de *Yucatán*, era banhada pelas águas cristalinas e transparentes do Golfo do México e separada do continente pela lagoa de Nichupt. Através de sofisticados softwares de computação gráfica, fundou-se em 1975 o maior complexo turístico do México. Hoje em dia, Cancún é um braço de terra Caribe adentro, interligado ao continente pelas duas extremidades, através de pontes. Formado pelo complexo turístico (ilha), e pela cidade (continente) que lhe garante o apoio logístico, o paraíso composto por 22 km de maravilhosas praias privativas de areias brancas e mar azul turquesa abriga mais de 50 hotéis de luxo e uma série de boates, cafés e clubes noturnos, muitos dos quais, famosos e badalados no mundo todo, como o *All’s Star Coffee*, o *Holywood Planet* e o *Hard Rock Coffee*, além de uma infinidade de shoppings e restaurantes típicos. E não bastasse tudo isso, Cancún ainda cerca-se de monumentais parques naturais, como o *X-Caret*, onde é possível nadar com os golfinhos, assistir a shows folclóricos no teatro dos maias e mergulhar por cavernas subterrâneas. Porém, o que mais seduz e atrai o turismo mundial para Cancún são os afamados sítios arqueológicos maias, situados a poucas horas da cidade...

— Consegui um quarto no *Fiesta Americana* – Uriel interrompeu a sua leitura do panfleto. – Vai nos custar uma pequena fortuna, mas foi o único que eu consegui.

Eles haviam chegado por volta das nove da noite e havia se passado mais de uma hora até que o anjo conseguisse um quarto de hotel para passarem a noite. Os três

deixaram o saguão, esperando encontrar uma fileira de táxis aguardando em frente ao aeroporto. Mas, para sua surpresa, não avistaram um deles sequer à disposição no ponto destinado aos veículos.

— Cadê os táxis? – Duke perguntou aflito.

— Devem estar ocupados – Uriel respondeu. – Nós temos duas opções: esperar até que um deles apareça ou então pegar um ônibus até o hotel. Os que fazem a rota da zona hoteleira passam a intervalos de dez ou quinze minutos, se não me engano.

Em consenso, eles optaram pelo coletivo; e dirigiram-se à parada situada bem defronte ao aeroporto. Cinco minutos, e um ônibus colorido despontava na esquina. Eles embarcaram e, de imediato, viram-se surpreendidos com uma calorosa saudação por parte de um sorridente motorista. Pagaram pela corrida e, por falta de opção, acomodaram-se nos últimos bancos do coletivo lotado de turistas, na maioria, casais em lua-de-mel ou famílias inteiras curtindo as férias. De repente, o interior do veículo foi sacudido por uma música típica mexicana em volume máximo. Alguns turistas, os mais afoitos, aplaudiram e gritaram animados, empenhando-se em cantar a letra da "*Macarena*", acompanhando o condutor, que, não satisfeito em berrá-la a plena força de seus pulmões, também se contorcia numa curiosa coreografia. E tudo isso, sem perder o controle do ônibus. Um verdadeiro show móvel.

— Que cara mais pirado – Duke comentou abismado.

— Deve estar chapadão – Thomas concluiu rindo.

— Não é nada disso – Uriel explicou. – A alegria e a espontaneidade fazem parte do dia a dia de todos os mexicanos que trabalham na ilha, ou que prestam serviços a ela. Os turistas adoram e jamais esquecem.

E como que para dar ênfase e corroborar as palavras do anjo, algumas pessoas levantaram de seus bancos e começaram a dançar no corredor do coletivo, imitando a esquisita coreografia do motorista.

— Isso é ridículo demais – Duke comentou, achando a maior graça. – Que mico, parece um bando de macacos imitando o chimpanzé-líder.

A música acabou e então começou de novo... A mesma música, o que fez Thomas deduzir que o motorista devia ter um CD inteiro apenas com a "*Macarena*" gravada, uma faixa após a outra. Olhou pela janela e suspirou resignado. Observou então, que cruzavam por uma larga ponte. Logo depois, entraram no *Boulevard Kukulcán*, uma larga avenida tomada por hotéis de luxo, um colado ao outro. E, atrás dos mesmos, em ambos os lados, avistavam-se as águas claras e transparentes do Caribe. Thomas abriu a boca para comentar sobre as belezas do lugar com Duke, porém, desistiu, ao ver que o americano não estava mais sentado ao seu lado. Estava ele, em pleno corredor do ônibus, dançando

e cantando a "*Macarena*", como se tivesse feito isso a vida toda. Mais um contagiado pelo ambiente festivo e alegre do coletivo. E, de todos os pretensos dançarinos, parecia o mais entusiasmado.

Thomas olhou para Uriel, sentado no outro banco; e ambos, impossibilitados de se conterem, explodiram na gargalhada.

— *Fiesta Americana*! – berrou o motorista, como fazia a cada vez que parava em frente a um novo hotel.

— Hora de descer, chimpanzé-líder! – Uriel declarou, passando pelo americano.

— Ah! Droga – Duke lamentou-se. – Logo agora que estava ficando divertido!

— Chega de frescura por hoje! – Thomas passou por ele, agarrando-o pelo braço e praticamente o arrastando para fora do ônibus, que prosseguiu em frente embalado pelo som contagiante da "*Macarena*".

Centrado no quilômetro seis do *Boulevard Kukulcán*, o hotel *Fiesta Americana* apresentava-se como um dos maiores e mais suntuosos hotéis de toda Cancún. Tinha 602 suítes de alto luxo, cada qual com a sua varanda privativa com vista para o mar, circuito de televisão por assinatura, frigobar e duas banheiras de hidromassagem, uma no banheiro e a outra na varanda. O *Fiesta* ainda dispunha de quadra de tênis coberta, sauna, um esplendoroso conjunto de piscinas guarnecidas com bar molhado, diversos bares e cafés temáticos, além de três restaurantes, um de comida mexicana, outro tipicamente italiano e um terceiro, onde eram oferecidos pratos típicos de meia dúzia de países diferentes. Isso, sem contar a praia privativa nos fundos do hotel com acesso liberado apenas para os hóspedes, junto à qual havia mais um pequeno bar, meia dúzia de quiosques, uma quadra de vôlei, dezenas de cadeiras de praia e guarda-sóis, além de um estande para praticantes de esportes aquáticos.

Uma hora e meia após acomodarem-se em uma suíte tripla, os três guerreiros da luz entregaram-se ao sono, posto que precisavam estar bem descansados para o dia seguinte. O dia em que a *Chave Dois* do *Cofre da Morte* retornaria às mãos de seus legítimos donos: os anjos!

* * * * *

Enquanto isso, em Salzburg, uma centúria de anjos guerreiros armada até os dentes e comandada simultaneamente por Angelina e Micael, vasculhava um castelo totalmente abandonado. Todos os indícios e prerrogativas apontavam para uma retirada em massa e às pressas, visto que muitos dos pertences pessoais daqueles que ali viviam ficaram para trás, esquecidos ou meramente abandonados. Mas nada de valor significativo ou que

tivesse alguma importância e merecesse a sua atenção.

— Está vazio – Angelina entrou no saguão principal. – Não tem ninguém aqui!

— Era de se esperar por algo assim – o anjo de asas cinza-chumbo comentou em tom desanimado. – Lúcifer é esperto o bastante para não se arriscar mantendo ativa uma base de operações cuja localização foi descoberta.

Na verdade, os anjos conheciam o lugar há bastante tempo. Entrementes, como mantinham um informante infiltrado, nunca atacaram. Porém, agora que este espião estava morto, o momento propício chegara. Eles só não contavam com o fato de os demônios serem capazes de organizar uma retirada de tal envergadura, em tão curto espaço de tempo.

— E agora? – Angelina indagou. – O que faremos?

— Primeiro devemos passar um pente fino em toda a propriedade, para o caso de os desgraçados terem deixado alguma pista para trás, alguma indicação para onde possam ter ido ou, ainda, algo que nos revele qual será o seu próximo passo – Micael decidiu. – Feito isso, partimos para a Inglaterra!

* * * * *

Naquela mesma noite, Lúcifer encontrava-se em frente à mesa de reuniões, de pé, pensando em como teria sido mais fácil se Memnon não houvesse permitido que o Iluminado escapasse do seu castelo, em Salzburg. A esta altura, ele já estaria com a informação de que tanto necessitava.

Sentado à cabeceira da mesa, estava Magog: cientista dos demônios, catedrático em história antiga, em genética celular e esteganografia, um ramo da criptografia que estuda os vários sistemas de códigos cifrados utilizados para ocultar uma mensagem secreta sob outra clara e que faça sentido.

Magog, além de ser o único capaz de desvendar o segredo da *Chave Um*, era um importante aliado de Lúcifer. O líder dos demons confiava nele, da mesma forma que Mephisto, o seu pai, confiara no passado.

O demônio de cabelos grisalhos analisava atentamente as inscrições do crucifixo fazia horas, digitando sem parar no teclado de um potente notebook. Auxiliado pela volumosa pilha de livros de esteganografia e criptologia que tomava a maior parte da mesa, ele já havia tentado, sem sucesso, todos os métodos conhecidos de criptografia de transposição, desde os mais antigos até os mais recentes e modernos.

Testara a técnica do *Bastão de Licurgo* ou *Scytalae*, em que se usava um bastão de madeira redondo ao redor do qual se enrolava firmemente apertada uma longa e estreita

tira de couro, tecido ou papiro, onde se escrevia a missiva clara, respeitando sempre o sentido do comprimento do bastão. Ao ser desenrolada a tira fornecia uma mensagem codificada numa indecifrável sequência de letras, sem sentido aparente e que somente alguém portador de um bastão de diâmetro igual ao do primeiro poderia decifrar.

Logo depois, arriscara o famoso método da *Régua de Saint Cyr*, que consistia em duas compridas tiras de papel ou de cartolina, uma denominada *Estator* ou parte fixa, onde o alfabeto era inscrito e ordenado na sua forma clássica, e a outra, abaixo da primeira, móvel e duas vezes mais comprida do que esta, contendo outros dois alfabetos sucessivos. Para se codificar uma mensagem devia-se alinhar a segunda tira com a primeira, num determinado ponto desta, utilizando-se uma palavra-chave e, então, as letras de uma deviam ser substituídas pelas letras da outra, desvelando-se assim, toda e qualquer missiva codificada através desse antigo método criptográfico.

E, por fim, testara o processo do *Cilindro de Jefferson*, constituído de um único cilindro composto por vinte e seis discos de madeira que giravam livremente ao redor de um eixo central contendo as vinte e seis letras do alfabeto, inscritas aleatoriamente em sua superfície externa, de modo que cada disco possuía a sua sequência única e distinta de letras. A missiva clara devia ser escrita em uma das linhas do cilindro. E então, o remetente a transcrevia usando as letras de outra linha qualquer, escolhida ao acaso, de forma que somente o destinatário que possuísse um cilindro com similar sequência de discos conseguiria transferir a mensagem para ele e decifrá-la achando uma linha que possuísse um texto com sentido.

Magog testara estes e todos os outros sistemas criptográficos usados no passado e que conhecia, sem chegar a nenhuma conclusão lógica para a solução do enigma. Ao final, todas as suas tentativas revelavam-se infrutíferas e inúteis, frustrando-o de tal maneira que ele já não sabia mais o que fazer... Aquelas inscrições no crucifixo dourado diferiam de tudo o que o velho demônio cientista já vira. Não pareciam ter sido cifradas por nenhum instrumento ou máquina da antiguidade e também não eram cifras básicas de substituição polialfabética, em que a quebra do código dependia da frequência com que o mesmo ocorria, criando padrões onde se detectavam palavras repetidas, deduzindo-se o que significavam até que se descobrisse a chave mnemônica correta e, a partir dela, se decodificasse toda a mensagem, de trás para frente. O que Magog tinha em suas mãos parecia muito mais uma simples equação de frações com alguns dos algarismos em romanos do que um código secreto milenar.

A verdade era que nem mesmo o seu computador de última geração, municiado com os mais avançados softwares de decodificação do planeta – sendo alguns de uso exclusivo militar –, fora capaz de decifrar.

— "*1/2+VI/3+VII/4-VIII*" – ele repetiu, pela enésima vez, tentando encontrar uma maneira de solucionar o problema, mas começava a ficar desanimado a ponto de atingir a exaustão física e mental.

— E então? – Lúcifer indagou. – Algum progresso?

— Nada ainda – o cientista afirmou, servindo-se de mais uma caneca de café fervente. – Eu tenho a nítida impressão de que estes números servem apenas como uma espécie de fórmula de fachada para se decifrar um segundo código oculto, que eu não consigo imaginar onde possa estar! Preciso de mais tempo para pesquisar...

— Mais tempo? Tempo é um luxo de que não dispomos – Lúcifer descontrolou-se, dando um forte soco na mesa. – Eu preciso de uma solução, já!

Magog assustou-se com a abrupta explosão do seu líder, no que deixou a caneca escorregar da mão. O líquido negro e fervente derramou-se sobre a mesa de reuniões, encharcando a pilha de livros e respingando no crucifixo dourado.

— Velho desastrado! – Lúcifer vociferou. – Veja só o que você fez!

— D-desculpe – ele balbuciou, antecipando-se já com um lenço de pano na mão, começando a limpar a bagunça. – Não se preocupe, em um minuto tudo estará como antes.

Foi então que pegou o crucifixo e o secou rapidamente com o lenço. Ao fazê-lo, notou assombrado que algo inesperado acontecia na peça.

— Mas o que é isto? – indagou surpreso.

— Isto o quê? – Lúcifer aproximou-se, num misto de curiosidade e desconfiança.

O cientista grisalho limitou-se a erguer o artefato religioso, de forma que o outro pudesse vislumbrar o seu verso, onde se achavam as inscrições. Na parte respingada pelo café quente, um único e solitário algarismo destacava-se dos demais, adquirindo brilho acentuado e coloração mais intensa.

— Tinta invisível, permanente e sensível ao calor – Magog esclareceu. – Eu li certa vez sobre isso, mas não imaginava que existisse de fato!

— Explique-se – Lúcifer ordenou, sentindo uma onda de excitação apossar-se de seu espírito.

— Os anjos devem ter usado alguma espécie de tinta invisível a olho nu, apenas nos algarismos que servem de base ao segundo código – Magog elucidou. – Uma tinta permanente, que não pode ser removida e que só é revelada mediante a exposição do objeto aonde foi usada a elevadas temperaturas.

— E o que diabos isso quer dizer? – Lúcifer indagou confuso.

O velho encarou-o sorridente.

— Que nós vamos precisar de mais café quente!

* * * * *

Barrabás guiava habilmente a L-200 pela autoestrada, a meio caminho entre Paris e Londres. Inicialmente, ele havia se recusado a aceitar o encargo com receio de cometer algum deslize ao volante, afinal de contas, ainda estava aprendendo a dirigir e nem habilitação tinha. Meia hora depois, já se sentia completamente seguro e muito agradecido a Leon por ter insistido e confiado na sua capacidade.

— Confiança é algo que só se adquire com a prática, e ambas andam sempre de mãos dadas, uma jamais podendo existir sem a outra – argumentara o inglês. – Além do mais, eu tenho certeza absoluta da sua competência.

E agora, ele também já não possuía mais qualquer sombra de dúvida quanto à sua capacidade de conduzi-los em segurança até Londres. O piloto inglês, certo disso, roncava alto ao seu lado, apesar de o sol bater diretamente sobre a sua face. Barrabás olhou pelo retrovisor e viu que Desirée e Sarah também dormiam no banco traseiro. Sorriu e voltou a concentrar-se exclusivamente no volante. Mais meia hora de viagem e eles cruzaram a fronteira da Inglaterra. Durante boa parte do trajeto, o interior do veículo permanecera imerso no mais absoluto silêncio. Graças aos documentos falsos confeccionados habilidosamente por Duke, a sua entrada no Reino Unido, após uma curta viagem de balsa, deu-se sem maiores complicações. A viagem prosseguiu e todos se mantiveram calados, cada qual absorto em seus próprios pensamentos ou, como no caso de Sarah, dormindo tranquilamente.

De súbito, a menina contraiu-se, estremeceu e gritou desesperada, debatendo-se violentamente no banco traseiro. Barrabás assustou-se e, instintivamente, pisou nos freios da L-200 forçando-a a parar no meio da pista. Alguns dos veículos que vinham atrás deles desviaram, passando ao seu lado, buzinando e xingando-o.

— Calma – Desirée acordou a menina, abraçando-a firme. – Acabou... Foi só um pesadelo!

Sarah acalmou-se aos poucos e, quando abriu os olhos, a maneira como os fitou deixou-os bastante apreensivos. Havia um misto de horror e desespero em seu olhar.

— O que foi? – Leon perguntou, virando-se para trás.

— Uma visão – Sarah explicou aflita. – Eu vi... Lúcifer... E-ele acaba de descobrir onde está a *Chave Dois*.

— Você tem certeza disso? – Desirée arregalou os olhos.

— Tanto quanto estou viva – Sarah afirmou preocupada. – Ele não só descobriu a sua localização, como acaba de enviar um grupo para resgatá-la!

* * * * *

— Pronto! Eu acho que é o suficiente – Magog retirou o crucifixo da bacia onde fora mergulhado em água fervente até afundar sob o líquido.

O velho secou-o e o ergueu triunfante. Os numerais "1, 2, 3 e 4" destacavam-se dos demais algarismos em romanos e das barras, os quais mantiveram as suas cores e brilhos originais. Ao manuseá-lo, reparou na extremidade superior do artefato, em sua face frontal, um detalhe até então despercebido e que, de repente, chamara a sua atenção. Uma minúscula inscrição também se destacava, adquirindo brilho e cor mais intensos. E o cientista dos demons olhou dos números para a inscrição e vice-versa, repetindo o processo por inúmeras vezes, como numa espécie de ritual. Com a mente fervilhando, tentava desesperadamente encaixar as peças daquele quebra-cabeça. Por duas vezes, sentara-se diante do computador portátil, consultando as suas anotações e livros. Por quase meia hora, trabalhou silenciosamente em sua teoria.

Lúcifer apenas o observava, mal contendo a ansiedade. Não o interrompeu, pois sabia que algo havia acendido uma luz na cabeça do cientista.

De repente, ele ergueu a cabeça. O brilho de seus olhos e o sorriso triunfante em seus lábios transmitiram ao líder dos demônios uma mensagem muda, daquelas que diziam tudo sem falarem nada. E, antes que pronunciasse palavra alguma, Lúcifer já sabia que ele desvendara o enigma.

— Consegui – Magog confirmou. – Eu decifrei o maldito código!

— Então, fale logo – Lúcifer implorou. – Onde está a *Chave Dois*?

— O que você sabe a respeito da inscrição "*INRI*" presa à cruz de Jesus Cristo? – ele indagou.

— O que isso tem a ver com o código? – Lúcifer irritou-se com a evasiva.

— Ela é a chave do enigma – Magog respondeu, mostrando-lhe o objeto.

A inscrição encontrava-se tão ou mais acentuada que os números em destaque.

— Seja mais específico! Eu quero saber apenas onde está a *Chave Dois* – Lúcifer explodiu. – Vá direto ao ponto.

— Segundo as línguas e dialetos predominantes na Palestina daquela época (o aramaico, o grego e o latim), a inscrição "*INRI*" é a abreviatura de "*Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum*" – ele prosseguiu, ignorando a pressão de Lúcifer. – Traduzindo, ela significa: "Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus" e foi presa à cruz, como uma referência irônica ao homem que ali estava e que era intitulado o rei do povo judeu, seguindo o mesmo intento da coroa de espinhos afixada em sua cabeça.

— Certamente já estou a par de todas essas suas assertivas, mas permaneço sem entender qual a ligação disso tudo com o maldito código dos anjos! – Lúcifer bradou com indisfarçável impaciência.

— No contexto bíblico, nenhuma – Magog sorriu. – Mas se levarmos em conta o fato de que essa inscrição no crucifixo destaca-se da mesma forma que os números inscritos em seu verso, podemos deduzir que ela seja a mensagem principal.

— E...? – Lúcifer o incentivou a continuar, irritado por ele não revelar, de uma vez por todas, a localização da *Chave Dois*. Era uma característica de Magog: dar toda uma volta para, somente no final, chegar ao "X" da questão, no que ele jamais perdia a oportunidade de exibir os seus amplos conhecimentos sobre história antiga.

— Observando-se que os números estão em ordem crescente, suponho que cada um refira-se a uma letra da inscrição, de modo que temos um código de substituição. – explicou. – Portanto, não se trata de uma fórmula fracionária, como supúnhamos. As barras estão ali apenas para separar e ordenar as equações correspondentes a cada letra da inscrição!

— Você pode ser mais específico? – Lúcifer pediu.

— Está bem – Magog concordou, apanhando uma folha de papel, onde começou a escrever, ao mesmo tempo em que explicava a sua teoria. – Vou direto ao ponto! Se substituirmos os números destacados no verso pelas letras da inscrição, teremos a seguinte fórmula: "**I**/**N**+*VI*/**R**+*VII*/**I**-*VIII*" – ele rabiscou-a no papel. – E, deduzindo que o nosso alfabeto atual originou-se do alfabeto greco-romano, podemos concluir que os números em romanos sejam claras referências às letras do alfabeto original!

— Continue – Lúcifer o incentivou a prosseguir, estreitando o olhar.

— Raciocinando desta forma, o primeiro "**I**" continua sendo ele mesmo, já o "**N**", por vir seguido do sinal de adição e do número seis em romanos, passa a ser acrescido de seis letras, transformando-se na letra "**T**". Seguindo a mesma sistemática lógica, o "**R**" passa a ser um "**Z**" e o segundo "**I**", por preceder o sinal de subtração, deve ser diminuído de oito letras, tornando-se um "**A**"!

— "I", "T", "Z" e "A" – Lúcifer repetiu as letras. – O que isto quer dizer?

— *Itzá*. – Magog corrigiu-o, consultando o notebook. – É o nome de um povo, ou melhor, de uma primitiva tribo mesoamericana originalmente chamada *Uicil-Abnal*, que floresceu no México durante o apogeu da civilização Maia, e que a partir de 1.224 d.C. estabeleceu-se em definitivo na cidade-estado de Chichén, logo após esta ter sido inexplicavelmente abandonada pelos Toltecas, seus idealizadores. Mais tarde, como eram adeptos da magia negra, os *Uicis* resolveram, de uma hora para a outra, trocar o nome da tribo para "*Itzá*", que em dialeto maia significa: "o Povo Feiticeiro".

— Aonde você quer chegar? – Lúcifer quis saber, intrigado.

— Você nunca escutou falar nas ruínas de Chichén Itzá? – Magog o encarou com uma expressão de incredulidade estampada na face.

— Sim. Mas isso é do outro lado do mundo! – Lúcifer exclamou. – O que diabos a *Chave Dois* do *Cofre da Morte* estaria fazendo em um local tão distante do mundo conhecido daquela época?

— Ambos sabemos que os anjos, por muito tempo, se fizeram passar por deuses, principalmente após criarem as religiões. Também é fato que eles se utilizaram deste mesmo artifício de dominação simultaneamente no mundo todo. Provavelmente, um grupo deve ter cruzado pelo México e, aproveitando-se da ingenuidade dos maias, ocultado a *Chave Dois* em algum lugar de Chichén Itzá. Eles só não contavam com o declínio daquela civilização e, muito menos, que a cidade acabasse em ruínas!

— Você tem certeza do que está me dizendo? – Lúcifer indagou.

— Absoluta – Magog assentiu. – Pessoalmente, eu não poderia pensar em um local melhor e mais adequado para se esconder, em caráter permanente, algo de valor tão inestimável. Se você conhecesse o lugar, entenderia o que eu quero dizer. Vá a Chichén Itzá e você encontrará a *Chave Dois*!

— Isso se ela ainda estiver por lá! – Lúcifer argumentou. – Os Toltecas podem muito bem terem-na levado consigo, na ocasião de sua retirada da cidade-estado, ou então, os espanhóis, ou algum arqueólogo, ou historiador...

— Não acredito – Magog discordou. – Os anjos que a esconderam lá certamente planejavam recuperá-la no futuro, de forma que devem tê-la escondido em algum lugar de difícil acesso, bem protegida e imune à ação do tempo, onde permaneceria oculta dos olhares curiosos até o Final dos Tempos. Os Toltecas provavelmente nunca souberam de sua existência e os espanhóis de Cortez que saquearam a cidade no séc. XV, assim como os arqueólogos e historiadores que vieram depois jamais a viram ou encontraram, pois, caso eles o tivessem feito, nós saberíamos e ela estaria exposta em algum museu. Por isso, afirmo com convicção absoluta: a maldita *chave* ainda está lá, esperando apenas por alguém que saiba onde e exatamente o que procurar.

Lúcifer ouviu atentamente os seus argumentos, convencendo-se de que o velho tinha razão. E então, levantou-se, dirigindo-se ao outro extremo da sala. Retirou o fone do gancho, discou uma determinada sequência de números e esperou.

— Sim? – Memnon atendeu do outro lado da linha, com indisfarçável sonolência na voz.

— Acorde, seu incompetente preguiçoso! – Lúcifer berrou, deixando- se dominar novamente pela raiva.

— S-sim, senhor – o índio teve um sobressalto do outro lado da linha, que fez o líder dos demons sorrir satisfeito. – Estou atento, pode falar!

— Diga aos seus homens para arrumarem as malas – Lúcifer ordenou. – Vocês vão viajar...

# CAPÍTULO VII

Ali, na fila de espera pela abertura dos portões, Thomas e Duke não podiam deixar de repensar as palavras de Uriel a respeito da Civilização Maia. O anjo lhes delineara um pouco da história daquele magnífico povo, aproveitando as duas horas e meia que o carro alugado levara para cruzar os cento e oitenta quilômetros que agora os separavam de Cancún.

O sítio arqueológico de Chichén Itzá estava localizado no centro sul da Península de Yucatán e era, sem dúvida alguma, o maior do México. Havia outros sim, como Cobá, Palenque, Tikal e Uxmal, mas nenhum que pudesse ser comparado em beleza e grandiosidade ao de Chichén Itzá. Em nível mundial, apenas o complexo de Angkor, no Camboja, o superava em extensão e área construída.

E agora que estavam prestes a conhecê-lo, eles sentiam uma onda de excitação mesclada com curiosidade. Em poucos minutos, defrontar-se-iam com a história, a mitologia, os artefatos, os templos e prédios que certamente conservavam os últimos resquícios da maravilhosa Cultura Maia. Uma fascinante viagem no tempo, orientada a uma civilização mesoamericana pré-colombiana, riquíssima e repleta de mistérios e lendas que remontavam a mais de três mil anos atrás. Assim, diante de toda aquela expectativa, era praticamente impossível que as palavras de Uriel não fizessem eco em seus pensamentos.

— Os maias surgiram por volta do século V a.C. e até meados do século VI d.C. habitaram basicamente o sul da América Central, na Guatemala e em Honduras, além de Tabasco e de Chiapas – ele contara-lhes. – E ao longo de sua deslumbrante história, desenvolveram um império glorioso e magnífico, totalmente baseado na agricultura.

“Eram um povo extremamente culto e muito à frente de sua época. Excepcionais astrônomos, os maias, além de mapearem as fases da Lua e o curso de vários outros corpos celestes, ainda conceberam o mais exato e preciso calendário do mundo, cujos anos solares duravam exatos 365,2420 dias, diferindo do modelo atualmente vigente, em meros 0,0003 dias e cujo ciclo extinguia-se a cada 52 anos, de modo que todas as suas obras arquitetônicas, templos e prédios religiosos eram devidamente orientados e erigidos segundo esse mesmo calendário.”

“Mas, apesar disso, eles não conheciam nem a roda, nem o arado. Foi então que, inexplicavelmente, da noite para o dia, abandonaram as cidades e recintos templários com edifícios gigantescos em forma de pirâmides, observatórios e poços, emigrando para

o norte, para o centro da Península de Yucatán, no México. Explicações para este fenômeno migratório não faltaram: talvez, tenha-se esgotado a fertilidade do solo e, como o seu império era baseado exclusivamente na agricultura, eles brigaram-se a procurar novos locais para se estabelecerem. Ou, então, foram expulsos por alguma terrível epidemia que se diz ter assolado a região. E ainda há a teoria que cogita a hipótese de que uma intensa e avassaladora mudança climática os impeliu a seguir para o norte. Porém, nenhuma dessas explicações foi comprovada cientificamente. E, portanto, o mistério permanece...”

“Um povo inteiro que, de repente e sem motivos aparentes, abandona as suas cidades, tão solidamente e com tanto sacrifício construídas, com seus ricos templos, suas artísticas e monumentais pirâmides, seus cenotes e poços sagrados, suas praças orladas de estátuas e grandiosos estádios. Foram centenas de anos de sua história, simplesmente deixados para trás, à mercê das ações do tempo, da natureza e da selva, que os transformaram em ruínas. Entrementes, mais incompreensível ainda é o fato de que a região na qual eles se assentaram, logo após migrarem para o norte, não lhes oferecia nenhum atrativo para a construção de cidades. Muito pelo contrário: parte dela era encoberta por terrenos semiáridos, desprovidos de rios e lagos, e a outra, completamente tomada pela vegetação selvagem, e igualmente inóspita e escassa de água.”

“O que levou os maias a escolher este local tão adverso e distinto da região que abandonaram? Um mistério que ninguém até hoje conseguiu elucidar. Novos templos e cidades foram erigidos junto às raras fontes de água do lugar, chamadas cenotes ou poços. Esses cenotes eram reservatórios naturais que armazenavam a água da chuva que se infiltrava no solo calcário, acumulando-se em expressivas quantidades. Deles dependia toda a subsistência do povo maia, visto que a Península de Yucatán, como um todo, era completamente desprovida de rios e lagos e situava-se muito longe do mar”.

“E Chichén Itzá não escapou à regra geral: foi erigida ao redor de dois desses poços ou cenotes sagrados, que, além de fornecerem água, também eram utilizados pelos sacerdotes para os sacrifícios religiosos, onde jovens eram atirados vivos, junto com ouro, joias, animais e outros bens pessoais de imenso valor, numa tentativa de se agradar aos ‘Deuses’ e, com isso, garantir chuvas para o ano inteiro, boas colheitas e uma vida longa para o povo. O próprio nome da cidade já era uma clara referência a isso: ‘*Chi*’ possuía a raiz ascendente maia e significava ‘Boca’, da mesma forma que ‘*Chén*’ significava ‘Poço’ e ‘*Itzá*’, por sua vez, ‘O Povo Feiticeiro’”.

— “A Boca do Poço do Povo Feiticeiro!” – Duke exclamara, extasiado diante de tal explicação proferida por Uriel.

O anjo concordara com ele, discorrendo que algumas correntes de pensamento

afirmavam ainda que aquela magnífica cidade-estado, cuja fundação ocorrera entre os idos de 435 e 455 d.C. e que por muito tempo funcionara como núcleo político, social, administrativo e econômico da eminente Civilização Maia, fora, na verdade, um monumental complexo religioso, no qual viviam tão somente os nobres: a realeza e os sacerdotes. O povo comum habitava em cabanas de madeira e palha, construídas dentro da mata, e só a visitava em certas ocasiões festivas e cerimoniais. Uma teoria aceitável, visto que todas as ruínas encontradas lá até hoje são de templos e de outras edificações, cujo tamanho e forma não condizem com simples casas ou rudimentares prédios de moradias.

De repente, os portões do reduto arqueológico foram abertos para o público e a longa fila começou a se mover, no que Thomas e Duke foram obrigados a deixar o passado dos maias para trás, retornando ao momento presente e concentrando toda a sua atenção na difícil missão que lhes fora imputada pelo Arcanjo: localizar e resgatar a verdadeira *Chave Dois* do *Cofre da Morte*!

— Onde devemos procurar, exatamente? – Duke indagou.

— Sinceramente, não sei – Uriel respondeu, dando de ombros. – A *Chave* pode estar em qualquer lugar!

— Sarah não lhes passou as coordenadas exatas? – Thomas o encarou.

— Não. Sabemos apenas que está em Chichén Itzá, mas não há como prevermos o local exato onde os cientistas a esconderam – Uriel explicou. – Sugiro fazermos um *tour* por aí, para ver se encontramos algo que nos leve a ela. Os nossos amigos devem ter plantado alguma pista que somente um ethernytiano ou alguém com indubitável conhecimento da história ethernytiana fosse capaz de identificar.

Os três cruzaram pelos portões e, como um esplendoroso presente para os olhos, avistaram, em linha reta, uma pirâmide escalonada.

— O *Castelo de Kukulcán*! – Uriel murmurou entusiasmado.

— Kuku-quem? – Duke indagou confuso.

— *Kukulcán*, o deus da serpente emplumada, aquele que se apresenta em forma de serpente voadora – o anjo repetiu. – A versão maia do deus asteca *Quetzalcóatl*.

— Ah, legal... – Duke fez de conta que havia entendido, quando na verdade a explicação só o confundira ainda mais.

Ao se aproximarem da pirâmide de pedras alinhavadas, Uriel explicou que ela fora o último e, sem qualquer sombra de dúvida, o maior de todos os templos da Civilização Maia. Com seus 30 metros de altura, por 55,5 metros em cada lado, era a única estrutura que excedia a altura da selva. O lugar mais alto e próximo do céu e, consequentemente, o mais importante templo religioso da cidade.

— Será que vamos ver alguma múmia aí dentro? – Duke empolgou-se.

— Dificilmente – Uriel rechaçou a ideia. – Ao contrário das pirâmides egípcias, a inexistência de câmaras funerárias no interior dessa exclui, de forma definitiva, o seu uso como tumba ou sepulcro real.

Thomas mantinha-se mudo e totalmente deslumbrado com a perfeição daquela edificação. O brasileiro já a tinha visto pela televisão e por fotos, contudo, nada podia ser comparado à experiência de estar ali pessoalmente e de sentir na própria pele a vibração energética que dela emanava. O ex-agente não entendia como os maias – primitivos viventes de uma época tão remota e longínqua da nossa atual "*Era Tecnológica*" – pudessem conceber tamanha beleza arquitetônica.

— Onde eles conseguiram tantas pedras? – perguntou, notando a inexistência, pelo menos por ali, de uma área propícia à extração delas.

— Foram extraídas de pedreiras distantes – Uriel explicou –, e então carregadas até aqui e assentadas umas às outras com uma espécie de argamassa primitiva, que era produzida a partir do calcário bruto, queimado e moído. Ao ser misturada com a água, ela adquiria propriedades semelhantes às do nosso atual cimento.

— O tataravô do cimento! – Duke exclamou boquiaberto.

— Sim – o anjo continuou. – E além de ser usado para unir as pedras, os maias usavam-no para fazer os revestimentos, os tetos e os acabamentos de seus templos e palácios.

— Com tanto peso, o solo não deveria ter cedido? – Thomas inquiriu.

— Pela lógica sim, mas a maioria dos edifícios e templos, principalmente os de aparência bissimétrica como as pirâmides, foi erigida sobre gigantescas plataformas aterradas, cuja altura podia chegar a 45 m, o que garante a sua sustentabilidade.

— Puxa... Eu estou impressionado! – Duke exclamou estupefato.

— E você ainda não viu nada – Uriel animou-se, ante a possibilidade de poder demonstrar os seus vastos conhecimentos sobre a cultura local.

E o anjo relatou então que, assim como tudo o que os maias faziam, a pirâmide também fora construída de acordo com o seu Calendário. Eram 91 degraus em cada um dos seus quatro lados, perfazendo um total de 364 degraus...

— Que somados à plataforma superior, comum aos quatro lados, resulta em 365 degraus – continuou ele. – A mesma quantidade de dias que possuímos em um ano solar. Se analisarmos que esses degraus são divididos por quatro escadarias distintas, podemos pressupor que cada lado da pirâmide representa uma estação do ano. E ainda temos a plataforma superior, cujo teto permite a entrada dos raios solares que demarcam com exatidão nas paredes internas da pirâmide, através da posição em que incidem sobre a

mesma, o exato dia do ano em que nos encontramos!

— Tá bom, essa eu só acredito vendo – Duke exclamou, subindo pelos degraus da fachada principal da pirâmide.

Thomas e Uriel deram de ombros e o seguiram. Os degraus eram muito estreitos e eles se viram obrigados a subir de lado, já que os seus pés não cabiam por inteiro neles. Chegando à plataforma quadrangular, situada no cume dos 30 metros de altura do *Castelo de Kukulcán*, Duke adentrou no templo propriamente dito e, então, pôde comprovar a veracidade das palavras de Uriel. E enquanto o americano admirava boquiaberto o Sol – que ao penetrar por um minúsculo orifício no teto incidia direta e especificamente sobre determinado ponto da parede, toda coberta por um tipo rudimentar de escrita hieroglífica, combinando símbolos fonéticos e ideogramas, de modo a fornecer a quem soubesse interpretá-la uma série de dados astronômicos, dentre os quais se destacava o tal calendário de 52 anos com os 365 dias, a que o anjo referira-se – os seus companheiros perscrutavam o recinto, procurando por qualquer indício do paradeiro da *Chave Dois*.

Passados vinte minutos e após minuciosa observação, chegaram à conclusão de que não havia nada ali. Uriel analisara detalhadamente cada símbolo, cada ideograma e cada pedra do recinto sagrado, sem encontrar absolutamente nada.

Thomas viu que ele atravessara a sala, saindo para o lado de fora da plataforma. Resolveu segui-lo. E, juntando-se a ele, o brasileiro avistou ao longe uma estrutura imensa, semidestruída, composta por uma laje flanqueada por um volumoso número de colunas de pedra, de onde partia uma larga escadaria rochosa rumo a um terraço descoberto.

— O que é aquilo? – indagou, apontando para as ruínas.

— O *Templo das Mil Colunas*, também conhecido como *Templo dos Guerreiros*. Como o próprio nome sugere, era o local onde os guerreiros se reuniam no intuito de angariar as bênçãos dos "Deuses da Guerra", geralmente antes de partir para as suas batalhas.

— Vamos até lá – Thomas propôs. – Eu não sei explicar a razão, mas algo me diz para olharmos aquele lugar mais de perto!

— Depois – Uriel assinalou. – Agora eu pretendo aproveitar que o parque ainda está quase vazio para olhar com maior atenção os lugares aonde será mais difícil de observarmos com muita gente ao redor. Mas, antes, quero tomar um bom café.

Thomas concordou; meio relutante, mas concordou. Também estava com fome, afinal, haviam deixado o hotel antes do horário do café da manhã. Os dois agarraram Duke, ainda fascinado com a mágica solar e o arrastaram de volta, pela mesma escadaria

íngreme e estreita que haviam usado para subir. No final da descida, ao transpor o último degrau, o brasileiro reparou em algo que não havia percebido antes: nas rampas que flanqueavam a escadaria e somente daquele lado da pirâmide – na fachada principal – descansavam, ameaçadoras, duas pétreas cabeças de serpente.

Com uma curiosidade incontida, aproximou-se dos ofídios de pedra e, tão logo postou-se diante das inusitadas esculturas, incompreensível sensação de reverência e respeito se apossou de seu espírito.

— *Kukulcán* – Uriel explicou, lendo seus pensamentos. – Mais uma referência ao extraordinário Calendário Maia. Nos meses de março e setembro, correspondentes aos equinócios, a sombra que domina os patamares da escada contrasta diretamente com a luz solar, projetada em uma das laterais da pirâmide, desenhando o corpo da serpente, que começa lá em cima e termina aqui, na cabeça, avançando lentamente, conforme o deslocamento do Sol. O fenômeno dura exatos vinte minutos e ocorre sempre na mesma época do ano, na qual os maias celebravam e homenageavam o Deus da Serpente Emplumada. Era como se o próprio *Kukulcán* descesse do Templo, para se juntar ao povo. É uma pena não estarmos na época dos equinócios, pois seria bastante interessante podermos contemplar ao vivo esse espetáculo...

— É, eu fico a imaginar os efeitos que uma visão dessa magnitude tinha sobre os cidadãos comuns daquele tempo – Duke comentou. – Eles deviam se borrar de medo!

— Pelo contrário – Uriel discordou. – Para eles, era o momento mais esperado da festa, o ápice de suas celebrações, pois significava que o Deus da Serpente aceitara os seus sacrifícios e oferendas, de modo que os contemplaria com chuvas abundantes, colheitas fartas e vida longa pelo transcurso de todo o próximo ano!

— Do jeito que você fala, esta coisa toda é um gigantesco calendário de pedra! – Duke concluiu admirado, apontando para a pirâmide.

— De certa forma, é sim – Uriel concordou.

Eles resolveram fazer uma rápida parada em uma cafeteria, quase em frente à pirâmide, antes de prosseguirem o *tour* e, enquanto sorviam um delicioso *cappucino*, puderam contemplá-la ao longe, em toda a sua magnitude e esplendor.

Agora, especialmente depois de tudo o que Uriel relatara sobre ela, a construção de pedra, localizada no centro perfeito do imenso e descampado, representava ser muito maior, mais bela e mais enigmática do que quando os guerreiros da luz a avistaram pela primeira vez. Um quê de nostalgia emanava do atraente monumento, assomando-se à inexplicável e intrínseca vibração energética que o lugar, como um todo, fazia brotar do chão e penetrar em cada alma que por ali se encontrava.

Thomas chegou a imaginar o povo reunido no descampado, ouvindo os sacerdotes a

gritar do alto da plataforma – Uriel havia dito que a simetria da pirâmide para com o terreno em que se localizava criava uma incrível acuidade sonora, que fazia com que todos no imenso descampado conseguissem captar nitidamente o que era proferido no topo da mesma, sem que se fizesse necessário o uso de microfones, ou que o orador precisasse elevar muito o timbre de sua voz – e imaginou que "deuses" poderiam ter concebido tão maravilhosa obra, quando, prontamente, a resposta reverberou em sua mente: os anjos cientistas de *Ethernyt*. E, de súbito, lembrou-se do motivo que os trouxera ali.

— Uriel – asseverou. – Ajudaria bem mais se você nos dissesse o que exatamente estamos procurando!

— Concordo plenamente – Duke aquiesceu com a cabeça. – Nós jamais iremos achar a *Chave Dois* perdidos desse jeito. No entanto, tendo ciência do que procurar, Thomas e eu teríamos condições de ajudá-lo mais efetivamente e não apenas assisti-lo, o que nos pouparia bastante tempo, além de aumentar consideravelmente as nossas chances de sucesso.

O anjo refletiu por alguns segundos, ponderando se deveria ou não contar-lhes toda a verdade, nua e crua, sem omissões ou adulterações. Encarou-os e, finalmente, optou pelo sim, mesmo sabendo que os interlocutores ainda não estavam preparados para o que iriam escutar e poderiam interpretar as suas palavras de maneira errada.

— Bem, particularmente eu acho que nossa busca deve ater-se à esfera religiosa da Cultura Maia – Uriel falou – por dois aspectos que eu considero fundamentais e bastante relevantes: primeiro, os únicos que se comunicavam diretamente com os "deuses" e que detinham o poder e o conhecimento sobre tudo o que sucedia dentro e fora da cidade eram os sacerdotes. E, segundo, porque os "deuses", em questão, até onde eu acredito, eram os nossos amigos cientistas!

— Mas é claro! Quem mais poderia ter trazido a tal *Chave Dois* para cá? – Duke reconheceu a lógica expressa na teoria do anjo. – Quer dizer que os deuses dos maias eram, na verdade, anjos de carne e osso disfarçados?

— Dos maias e de todos os outros povos da antiguidade – Uriel assentiu.

— Hã? Como assim? – Thomas o inquiriu.

— Vamos por etapas – o anjo arrazoou. – Para que vocês entendam melhor, nós precisamos dissecar alguns dos temas mais importantes relacionados à religiosidade dos maias. Para começar, vocês sabiam que eles também escreveram a sua própria versão da Bíblia Sagrada? – indagou de repente. – Um livro surpreendente, no qual se baseavam todas as suas crenças?

— Uma Bíblia maia? Estou pasmo! – Duke exclamou boquiaberto.

— E qual a relação disso com o que estamos procurando? – Thomas interessou-se de imediato pelo assunto.

— Prestem bastante atenção no que vou lhes dizer e vocês entenderão os meus motivos para crer que os deuses maias foram os nossos cientistas – o anjo respondeu. – O *Popol Vuh*, como eles o chamavam, é um dos três últimos livros que restaram da Cultura Maia e o único que ainda existe. Em alguns pontos específicos, ele chega a ser muito semelhante à Bíblia Cristã e, em outros, completamente adverso a ela, todavia, o curioso é que ambos foram escritos, mais ou menos, na mesma época, com uma margem de poucas décadas de diferença entre um e o outro!

— E daí? – Thomas não entendia aonde ele tencionava chegar.

— As semelhanças entre ambos deixam claro que as bases do *Popol Vuh*, escrito pouco depois que a Bíblia, foram extraídas desta, da mesma forma como os alicerces que constituem a Bíblia Cristã, assim como as Escrituras Sagradas do Judaísmo e do Islamismo, foram plagiados das antigas religiões pagãs, como a suméria, a hindu e a egípcia, dentre outras tantas. Estas, por sua vez, foram concebidas, implementadas e, aos poucos, difundidas por nós, anjos, que, em praticamente todas, figuramos como os seus "deuses" ou "entidades celestes", portanto...

— Quem implantou a religião deísta entre os maias e os povos mesoamericanos, os Incas, os Astecas e os Toltecas, certamente haveria de conhecer as bases utilizadas no outro lado do mundo e que tão bem serviram aos propósitos de seus criadores, de modo que, mantendo a sua essência, fielmente as reproduziram aqui. Destarte, esse alguém só poderia ser: os anjos cientistas! – Thomas complementou.

— Eis o meu raciocínio... – Uriel sorriu, confirmando que ele acertara em cheio.

— Mas que semelhanças pode haver entre essa tal Bíblia dos maias e a cristã? – Duke indagou, genuinamente curioso.

— São muitas – Uriel explicou. – Por exemplo: o *Popol Vuh* dos maias também narra o *Dilúvio*, e com detalhes semelhantes aos encontrados na Bíblia dos cristãos, enquanto ambos são cópias compiladas e extraídas das tabuinhas de argila sumérias que narram a *Epopeia de Gilgamesh*, o quinto rei sumério, cuja história remonta a 2.900 a.C., quando este, ao empreender uma longa jornada em busca da vida eterna, encontra o seu ancestral, Utnapishtim, a versão suméria do Noé bíblico, que lhe conta em detalhes a história da devastadora inundação global!

— Bem – Thomas divagou. – Se essa gigantesca inundação realmente ocorreu, e em escala global como dizem, não vejo nada de anormal no fato de os maias ou os sumérios também o relatarem.

— Até aí, tudo bem – Uriel concordou. – Mas eles também relatam a sua versão da

*Arca*, com direito aos animais e tudo o mais, como na versão cristã. A questão é: mesmo que tivesse ocorrido um "*dilúvio universal*", fato que, posso assegurar, nunca aconteceu, pelo menos, não nas proporções descritas, não seria estranho os maias o narrarem em seu livro sagrado, com tantos detalhes idênticos à narrativa bíblica?

— Aonde você quer chegar com isso? – Duke interrompeu-o.

— As semelhanças entre os dois livros sagrados não param por aí. Conforme as crenças maias, em socorro aos homens, *Kukulcán* também enviou à Terra a sua prole salvadora, no caso: os seus dois únicos filhos, os gêmeos Hunaphú e Ixbalanqué, para que derrotassem as "forças do mal" e, com isso, salvassem a humanidade. Mas o que mais chama a atenção nessa parte é que, do mesmo modo como Jesus Cristo nasceu da Virgem Maria, os gêmeos também foram supostamente concebidos por uma mãe virgem, e em circunstâncias um tanto incomuns. E, igualmente, sacrificaram-se pela "redenção" dos homens, ressuscitando posteriormente e ascendendo aos céus ante as promessas de um dia voltarem, para então conduzirem todos os que seguissem ao pé da letra os seus ensinamentos ao tão sonhado e desejado paraíso celeste!

— Virgem Santíssima! – Thomas estava perplexo. – Dois cristos maias!

Uriel tinha razão, eram semelhanças demais para serem consideradas simples coincidências. E como o ex-agente não acreditava em coincidências...

— Entretanto, o *Popol Vuh* dos maias discorda da Bíblia, no que tange à criação do homem – Uriel continuou. – Eles acreditavam que o ser humano fora criado por um *Grande Pai* em conjunto com uma *Grande Mãe*, através do método da tentativa e erro, assim como da adaptação às condições do ambiente e da sobrevivência do mais forte, assemelhando-se, e muito, à *Teoria da Evolução das Espécies* de Darwin. Uma visão bem mais científica do que religiosa...

— O que novamente nos remete aos cientistas de *Ethernyt*! – Thomas captou a mensagem nas entrelinhas.

Agora estava claro. O brasileiro já não tinha nenhuma dúvida de que eles estavam no lugar certo.

— E é isso – Uriel finalizou. – Agora vocês já sabem a que devemos nos ater: a tudo que de alguma forma estiver relacionado com a religião e a evoluída ciência dos maias.

— Ei, Uriel – Duke o encarou. – Já que nós entramos nesse assunto e ainda não terminamos o nosso café, você bem que podia nos contar um pouco mais sobre a real origem das religiões.

— Não sei, é uma história bastante longa – o anjo esquivou-se, na vã tentativa de eximir-se de tamanha responsabilidade, posto que aquele tema, por si só, já era perigoso e delicado demais. Apesar da receptividade positiva dos dois humanos com relação aos

assuntos anteriores, ele estava cônscio de que, se levasse a cabo aquela conversa e lhes revelasse toda a verdade, chocá-los-ia e tão profundamente que os danos decorrentes poderiam ser irreversíveis.

— Resuma-a – Thomas incentivou-o, com os olhos brilhando de expectativa.

Uriel encarou-o, virando-se em seguida para Duke, que igualmente aparentava a mesma incontrolável sede de saber. Decidiu assumir o risco.

— Está bem – assentiu. – Mas antes de contar o que sei, sinto a necessidade de adverti-los de que o advento das religiões não aconteceu como vocês imaginam, de caso pensado, como algo premeditado, muito pelo contrário, no início foi tudo meio sem querer...

"A guerra contra os demons já havia terminado há algum tempo e nós, anjos, vivíamos escondidos, enquanto os humanos agora tomavam conta de todo o planeta. Com o passar do tempo, os genes que vocês herdaram dos demons e que, até então, permaneciam dormentes, afloraram. O mundo, de súbito, viu-se mergulhado no caos e na violência incontida e sem limites, na degradação moral e no ódio irracional. A morte passou a imperar absoluta. A vida perdeu o valor e era arrancada com tanta facilidade e por razões tão fúteis, que a própria humanidade esteve na iminência de se autoextinguir. Foram tempos muito difíceis aqueles. E, quando não sabíamos mais o que fazer para reverter esse quadro terrível e desolador, o acaso encarregou-se de nos apresentar a solução. Um reduzido grupo de anjos, ao investigar possíveis pistas de um hipotético refúgio dos demônios sobreviventes em uma cordilheira montanhosa, acabou topando com um bando de nômades humanos. Imaginem vocês, o que devem ter pensado aquelas pobres criaturas, primitivas e sem instrução, ao depararem com seres alados, nunca antes vistos, dotados de asas coloridas e enfiados em reluzentes armaduras e portando escudos, espadas e lanças!".

"Instintivamente, os líderes daqueles homens e mulheres, temerosos pelas suas vidas e as de seus filhos, prostraram-se de joelhos elevando os seres desconhecidos à categoria de "deuses", no que, inconscientemente, todo o resto da caravana os seguiu. Como era de se esperar, os anjos assustaram-se com a reação deles e, simplesmente, voaram para longe, deixando-os lá, de joelhos, perplexos e aterrorizados".

"Eis que, paralelamente a isso, na mesma época, o Arcanjo já há muito estudava uma forma eficiente de conter os ímpetos humanos para a selvageria desmedida e, por tabela, reduzir a consequente taxa de mortalidade. Gabriel até já havia bolado um conjunto de rígidas regras morais, sociais e de convivência, todavia, não conseguira encontrar uma maneira viável de introduzi-lo no seio da humanidade, fazendo com que fossem amplamente difundidas, aceitas e o mais importante: seguidas. Porém, ao tomar

conhecimento do ocorrido com os anjos, teve uma luz. Reuniu-se com Sarah e os dois desenvolveram uma sucessão de idéias e planos que acabaram culminando no posterior advento das primeiras religiões deístas. Ainda primitivas e experimentais, as famosas religiões pagãs, originalmente politeístas, surgiram como uma forma de redirecionarmos a humanidade novamente ao seu eixo evolutivo e, por conseguinte, trazê-la outra vez para o nosso lado. E assim, passamos a conduzir os humanos de acordo com os nossos propósitos e vontades, pelos caminhos que mais nos pareciam favoráveis. E, ao mesmo tempo em que os limites eram estabelecidos e difundidos entre os homens, não só evitamos a sua autodestruição, como também lhes propiciamos as condições para que se desenvolvessem moral, intelectual e espiritualmente".

"Foi um grande feito. Uma vez que sabíamos pela *Profecia do Armagedon* que precisaríamos de toda ajuda que conseguíssemos juntar para quando chegasse a hora da derradeira Batalha Final. Igualmente sabíamos que, se não o fizéssemos, e naquele momento específico, perderíamos o fio da meada, além de que, cedo ou tarde, Lúcifer também acabaria acordando para essa maravilhosa oportunidade e o faria, só que do seu jeito... Seria apenas uma questão de tempo até que se deparasse com a incrível e quase ilimitada fonte de poder que se abrigava na crença humana, em relação a tudo o que não pudesse ser compreendido. O desconhecido sempre fora considerado obra dos "deuses", de modo que a crença no "Divino" existia desde os primórdios da raça humana e se manifestava na forma dos deuses-astros: o Sol, a Lua e as estrelas; dos deuses-fenômenos-da-natureza: o trovão, o raio, a chuva e a tempestade; dos animais sagrados e dos deuses antropomorfos, meio humanos e meio animais, dentre vários outros. Só o que nós fizemos, o nosso "trabalho", foi unificar todos os antigos deuses em torno de um único "Ser Superior", tornando-o inalcançável e inatingível, mas ao mesmo tempo, onipotente, onisciente e onipresente. No entanto, isso não ocorreu do dia para a noite, o processo todo levou milhares de anos, e somente após cometermos inúmeros erros e acertos, conseguimos chegar à fórmula ideal".

— Minha Santa Edwiges! – Duke estava boquiaberto. – Você está dizendo que os anjos inventaram, há milhares de anos atrás, um monte de histórias mirabolantes e as transformaram nos cultos religiosos que nortearam toda a nossa trajetória e ainda hoje nos influenciam?

A impressão que ele e Thomas tinham era de que haviam vivido a maior parte de suas vidas reclusos em uma espécie de redoma de vidro, atrelados a uma monstruosa alucinação coletiva.

— Exato – Uriel confirmou. – Mas não pensem vocês, que no início as religiões eram como são hoje. Foi necessário vários milhares de anos e um sem-número de intervenções

de todo tipo, por nossa parte, para que elas evoluíssem até atingirem os seus formatos atuais!

— Voltando ao ponto inicial da nossa conversa – Thomas cortou-o, concluindo – você acha que os cientistas tomaram conhecimento do que vocês tentavam fazer lá do outro lado do globo e decidiram aplicar a mesma fórmula por aqui? É isso?

— Eles apenas utilizaram as mesmas artimanhas usadas por nós e que já haviam dado certo: o *Dilúvio* como castigo global e o perdão de "Deus" com o posterior envio à Terra de seu filho ou filhos salvadores, nascidos de forma espetacular, cujas mães eram virgens, e que vieram para nos transmitir a mensagem da salvação e, por que não, para morrerem por nós e ressuscitarem depois de um tempo, retornando à vida para que se fizessem plausíveis as promessas de um futuro retorno dos "deuses", no qual a ressurreição e a ambicionada vida eterna seriam concedidas a todos os justos, todos os que seguissem, sem questionar, os ensinamentos e regras divinos que, a bem da verdade, eram os "nossos" ensinamentos e regras!

— Deixe-me ver se eu entendi direito – Thomas divagou. – De acordo com o que você está dizendo, as *Escrituras Sagradas* não passam de contos de fadas concebidos por vocês, anjos, com a finalidade oculta de induzir a humanidade a trilhar o caminho que "vocês" traçaram para ela, subornando-a com falsas promessas de vida eterna e, em contrapartida, ameaçando-a de danação eterna, caso não seguisse, ao pé da letra, os princípios preestabelecidos?

Verbalmente Uriel não concordou, mas também não discordou. Simplesmente, meneou a cabeça afirmativamente.

— Eu só não entendo uma coisa: como foi que os anjos conseguiram fazer com que todos acabassem acreditando tão piamente nessas "*Histórias da Carochinha*"? – Duke indagou.

— Fazendo com que elas acontecessem de fato! – Uriel rebateu. – Cada detalhe foi fruto de minucioso planejamento, antes de vir a ser executado diante dos olhos do povo, de tal forma e maneira que o evento em si, depois de levado a cabo, tornava-se real e incontestável, caindo de imediato no conhecimento público!

— Ah, agora você se ferrou – Duke sorriu triunfante, acabara de achar um furo naquela história – Uma inundação global até pode ser arranjada, mas quero ver como você explica o nascimento de crianças de mães virgens e como alguém, não divino por natureza, poderia ressuscitar depois de morto?

— Vou responder antes a segunda pergunta – Uriel suspirou. – Para um anjo, ou qualquer outro ser dotado de regeneração celular, soa relativamente simples a ideia de alguém passar-se por morto após ter sido fatalmente ferido, em um determinado

momento, e, no instante seguinte, retornar à vida, desde que esse alguém também seja portador do dom e, obviamente, não tenha sido ferido com *criometal*!

— E-então, Jesus era um anjo? – Duke o encarou extasiado.

— Não. Jesus de Nazaré foi tão humano quanto vocês – Uriel aclarou.

– Porém, possuía o dom da regeneração, assim como Thomas agora o possui!

— Isso explicaria a ressurreição – o brasileiro arregalou os olhos.

— Mas não explica o fato de ter nascido de uma mãe virgem – o americano não se deu por vencido.

— Você nunca ouviu falar em inseminação artificial? – Uriel sorriu.

— Ei, pode ir parando por aí! – Thomas adiantou-se. – Você está querendo dizer que Jesus Cristo, o maior ícone da religião cristã, foi o produto de uma inseminação artificial, conduzida por vocês, anjos, há mais de dois mil anos atrás?

— Foi exatamente o que eu disse – Uriel concordou, recostando-se na cadeira e ingerindo mais um gole do seu *cappucino*, já frio – Na mesma noite em que Gabriel apareceu para Maria, para anunciar a vinda do "Messias", ele lhe aplicou um sedativo e, enquanto ela dormia, uma equipe de cientistas a fertilizou artificialmente, com um embrião geneticamente modificado em laboratório.

Fez uma pausa e encarou-os atento, tentando avaliar em seus rostos atônitos as consequências daquela revelação.

— Pelo fato de este embrião conter em sua estrutura os genes de Sarah cruzados com os de um anjo de alta estirpe ethernytiana e também, por ter sido implantado e desenvolvido em um útero humano, Jesus, apesar de ser um humano, obteve diversos poderes considerados divinos, por exemplo: o bíblico dom de curar as pessoas com o simples toque, como Sarah fez com Thomas e depois com Barrabás; o dom de antever fatos futuros e de adivinhar o que as pessoas pensavam; e o maior de todos os dons, o de influenciá-las para sempre usando apenas a palavra. Mas a regeneração celular em seu próprio corpo, por efeito colateral da cruza dos genes, somente se efetivava após um longo período de repouso, o que justifica os três dias que ele necessitou para se recuperar da crucificação!

— E as feridas em suas mãos, pés e dorso lombar que, conforme a Bíblia, nunca cicatrizaram? – Thomas perguntou.

— Uma vã tentativa de Lúcifer para frustrar os nossos planos. Conhecedor dos nossos planos e projetos envolvendo o nazareno, o infame forneceu longos pregos de *criometal* para os romanos, assim como a lança que feriu o corpo de Jesus, no último ato da crucificação, causando a sua morte definitiva, por hemorragia interna, algum tempo após a ressurreição. Mas antes de partir, ele ainda pôde aparecer por dezenove vezes para

os seus discípulos, seguidores e amigos. Não fosse por esse ferimento fatal, Jesus ainda estaria vivo, para que pudéssemos levar adiante o plano original, descrito no Apocalipse Bíblico, de fazê-lo retornar majestosamente, cercado de seus fiéis anjos guerreiros, por ocasião da Batalha Final, quando, em sua condição de "Filho de Deus e Ressuscitado", induziria a maior parte da humanidade a lutar do nosso lado, contra os demônios... Uma armação minuciosamente esquematizada e que, na hora H, faria aumentar as nossas tropas consideravelmente, mas que foi obliterada pela maliciosa intervenção de Lúcifer. Graças à maldita lança e aos pregos de *criometal*, os nossos esforços foram por água abaixo!

Só então, o anjo de cabelos escuros e olhos azuis percebeu, através do olhar de seus perplexos ouvintes, a dimensão exata do choque que a bombástica revelação lhes infligira e concluiu que devia encerrar aquela conversa. Ergueu-se da cadeira e sorveu o resto de seu café num gole só.

— Agora devemos retomar a nossa busca pela *Chave Dois* – declarou ele, na clara intenção de pôr um fim ao assunto.

Não foi necessário, posto que nenhum dos homens estava mais a fim de conversar. Ambos encontravam-se mudos e completamente alheios ao mundo que os rodeava, totalmente desnorteados em meio às desconcertantes novidades.

— Desculpem por tê-los chocado, mas precisei tocar nesse assunto, pois acredito que o sinal que procuramos pode estar relacionado de alguma maneira ao *Popol Vuh,* ou então a algo que ligue o povo maia aos nossos cientistas. De qualquer modo, agora que vocês já sabem um pouco mais sobre a verdadeira história deste lugar e do cerne originário das religiões da Terra, julgo que será bem mais fácil de o identificarem, se, porventura, o virem por aí!

Ninguém respondeu.

"Este, definitivamente, não foi o momento certo para trazer à tona um assunto tão delicado e polêmico. Entrementes, a necessidade fez a ocasião!" – Uriel pensou, enquanto observava os companheiros, arrependido por ter ido tão longe, na sua exposição da verdade. – "Mas como saber quando seria o momento ideal para essa conversa?" – ele refletiu. – "Talvez nunca... Principalmente, se for levado em conta o tamanho da repercussão que esse assunto sempre provoca nas pessoas". Porém, ele sabia que os dois homens à sua frente não eram pessoas comuns, e sim, os Escolhidos da Profecia, e, como tal, mereciam ser expostos à luz da verdade.

Então, o anjo fez a única coisa que lhe ocorreu no momento para arrancá-los do torpor letárgico que se abatera sobre eles.

— Vamos – ordenou com a voz firme. – Já está na hora de continuarmos o nosso

*tour* arqueológico. Ainda temos diversos lugares para averiguar e pouco tempo para fazer isso!

Uriel caminhava à frente com Thomas e Duke atrás, parecendo zumbis. Seguiam o anjo mecanicamente, com olhares inexpressivos, perdidos na distância. Cruzaram por uma estradinha de pedras até chegarem ao *Ossuário*, uma estrutura bastante semelhante à da *Pirâmide de Kukulcán*, só que numa escala cinco vezes menor.

Uriel adentrou o modesto templo, verificando cada centímetro de seu interior. E só depois de alguns minutos, saiu novamente. Deu a volta ao seu redor e finalmente desistiu. Não encontrara nada de anormal ou que pudesse lhes fornecer alguma pista da *Chave Dois*.

O trio prosseguiu com o *tour* forçado. Thomas e Duke limitavam-se a tão somente acompanhar o anjo, observando-o à distância. Desde a conversa no café, os dois encontravam-se taciturnos e fechados, introspectivos e reclusos em seus próprios pensamentos. Eles rememoravam tudo o que haviam escutado, avaliando com cuidado e deliberando se deveriam ou não dar credibilidade à tão assombrosa narrativa. Mesmo parecendo absurda, amparada pela lógica científica, ela conseguia fornecer explicações mais convincentes e plausíveis do que as próprias narrativas sagradas. Só eles sabiam o quanto era difícil acreditar e, principalmente, aceitar tudo aquilo. Para tal, ambos precisariam mudar todas as suas concepções a respeito de algo em que acreditaram durante a vida inteira, e que, em apenas alguns minutos de conversa, Uriel desmantelara.

De repente, caíram em si e entraram no segundo estágio da assimilação da verdade. Thomas primeiro, Duke logo em seguida. A mente do ex-agente da PF subitamente clareou, permitindo que a voz da razão argumentasse mais alto. Naquele instante, ele se sentiu o maior tolo da face da Terra, por ter acreditado, tão cegamente e por tanto tempo, em algo que somente agora percebia ser a maior farsa da História. Uma mentira que, gostasse ele ou não, quisesse ele ou não, aceitasse ele ou não, norteara e guiara todos os seus passos até ali, mas que no final, não deixava de ser isso: uma grande e deslavada mentira! O seu estômago embrulhou. E, pelo silêncio incomum do americano ao lado, era de supor que também ele estava passando por semelhante dilema, no que Uriel parou ante uma curiosa estrutura circular, sustentada sobre uma plataforma quadrada.

— *El Caracol* – comentou entusiasmado. – O observatório dos maias!

A eloquência com que ele proferiu aquela meia dúzia de palavras foi o suficiente para trazer os outros dois de volta à realidade.

— Observatório? – Duke repetiu, sacudindo a cabeça, como que para espantar os fantasmas que ainda a rondavam. – Para observar o quê?

— O céu e as estrelas – Uriel sorriu, satisfeito ao ver que tudo voltava ao seu estado

de normalidade. – Os maias, assim como a maioria dos povos da antiguidade, eram excepcionais astrônomos, não se esqueçam.

Eles escalaram os degraus de pedra e adentraram no observatório. A estrutura do lugar era relativamente modesta em comparação com a da *Pirâmide de Kukulcán*, mas mesmo assim se fazia fascinante, dada a razão de sua existência.

O anjo, vendo seus companheiros plenamente recuperados, explicou-lhes que as minúsculas aberturas laterais que se abriam pela parede circular demarcavam, com exatidão, os quatro pontos cardeais. E também que a comprida fenda no teto fornecia uma ampla margem para especulações, posto que se assemelhava, e muito, às fendas por onde passam os potentes telescópios dos modernos observatórios astronômicos da atualidade. Thomas e Duke não conseguiram mais resistir à magia de Chichén Itzá e, quando notaram, estavam novamente envolvidos por ela. Juntos, os três reviraram cada pedacinho daquele lugar, mas também ali não encontraram nada.

Desanimados, deixaram o *Observatório* para trás. Uriel guiou-os à *Casa das Monjas* e depois ao místico *Templo de Los Retablos* e ao enigmático *Akabdzib*, estruturas menores, em pior estado de conservação e ainda parcialmente encobertas pela vegetação nativa.

Após minuciosa verificação, também não descobriram coisa alguma lá. Retornaram então, pelo mesmo caminho de terra, até chegarem novamente ao *Ossuário*. Viraram à direita e seguiram para o *Cenote Xtoloc*.

Parando diante do poço sagrado, puderam comprovar que se tratava, tão somente, de uma larga e profunda cavidade natural, formada pelo tempo e pela erosão da chuva, que ao se infiltrar no subsolo calcário, típico da região, corroera a superfície, acumulando boa quantidade de água no fundo da mesma. Conforme Uriel, esse cenote – apesar de uma cópia fiel, porém, em menor escala, do *Cenote Sagrado* – jamais fora utilizado como o último, para a realização de sacrifícios, subsistindo apenas em função do abastecimento de água da cidade. Bastou uma única olhada para o fundo do poço e chegaram à constatação de que não havia nada nele, além de milhares de litros de água.

O hipotético trio de turistas seguiu adiante, passando pelo *Mercado*, uma longa estrutura retangular, bastante comprida e danificada, cuja finalidade de existir Uriel não conseguiu esclarecer.

E, finalmente, chegaram ao *Templo das Mil Colunas* ou *Templo dos Guerreiros*, como o anjo preferia chamá-lo. Ao vê-lo crescer diante de si, Thomas não soube como e nem por que, mas pressentiu no âmago da alma que seria ali, naquele local sagrado e místico, que eles encontrariam a *Chave Dois* do *Cofre da Morte*!

# CAPÍTULO VIII

Thomas e Duke acompanharam Uriel por entre as colunas de pedra que outrora haviam servido de alicerce a um monumental terraço e analisaram minuciosamente cada uma, porém, não identificaram nada ali que pudesse ser interpretado como uma mensagem dos cientistas de *Ethernyt*.

— O que é aquilo? – Thomas perguntou, apontando para uma pequena estrutura a leste do *Templo das Mil Colunas*.

— Acredita-se serem os vestígios de uma sauna primitiva, com direito a forno subterrâneo e drenos por onde a água aquecida circulava formando o vapor – Uriel explicou.

— Os maias possuíam uma sauna? – Duke o encarou com ceticismo no olhar.

— Sim. Porém, não era algo de uso comum e nem cotidiano. Somente podia ser usada durante os rituais de purificação restritos aos sacerdotes e à realeza.

— Como sempre, o povo era discriminado... – o americano criticou rindo.

Uriel ignorou o comentário irônico e dirigiu-se para a escadaria larga e íngreme que se localizava ao centro do *Templo dos Guerreiros*, na face norte do mesmo e atrás da linha de colunas. Thomas e Duke o seguiram pelos degraus, tão estreitos quanto os da *Pirâmide de Kukulcán*. Ao alcançarem o topo da escadaria pétrea, defrontaram-se com uma bizarra estátua de pedra, aparentemente representativa de um ser sentado e inclinado para trás, com ambos os joelhos encolhidos e olhando para o lado esquerdo, em cujo colo, diretamente sobre a região abdominal, repousava uma espécie de prato fundo vazio.

— Apresento-lhes *Chaac-Mool*, o mensageiro dos deuses – Uriel esclareceu. – O prato que ostenta no colo, no passado, servia para receber as oferendas. Dizia-se que à noite, enquanto todos dormiam, ele as entregava aos “deuses”. A sua figura remonta à época *Maia-Tolteca*, precedente à época *Puuc*, na qual os Itzaes estabeleceram-se em Chichén Itzá. A escultura foi descoberta no final do século XIX pelo explorador francês Augustos Le Plongeon, neste mesmo local onde repousa agora e nesta mesma posição.

Thomas olhou ao redor e notou que a imagem de granito encontrava-se ladeada por duas colunas esculpidas em forma de serpentes.

— *Kukulcán*? – interpelou, apontando para elas.

Uriel assentiu.

— Mas não se enganem – ele prosseguiu. – O *Deus da Serpente Emplumada* era

apenas um, dentre os vários deuses cultuados pelo panteão dos maias. Existem vários outros, como *Itzamná*, a mais velha dentre os deuses, criadora do fogo e do coração, o Deus do Sol *Kinich-Ahau*, a Deusa da Lua, *Ixchel*, além de...

— Uriel, controle-se – Thomas o interrompeu. – Nós não estamos aqui para uma aula detalhada de religiosidade maia. Viemos para cá para procurar a *Chave Dois*, e é somente a isso que devemos nos ater!

O anjo concordou com ele e ambos se separaram, cada qual procurando em um diferente ponto da *Plataforma de Vênus*, nome pelo qual era conhecida a parte mais alta do *Templo dos Guerreiros*. Duke permaneceu na cola de Uriel, pois, ao contrário de Thomas, ele mantinha vívido interesse em escutar mais sobre a cultura dos maias.

Os dois avançaram rumo à fachada do templo, e o americano reparou que ela era decorada com uma série de imagens estilizadas de *Kukulcán* e as paredes que ainda restavam de pé ostentavam também máscaras com narizes protuberantes. Havia uma quantidade razoável delas.

— Quem são os narigudos? – ele indagou a Uriel, apontando para as estranhas e desproporcionais máscaras.

— Eles não... Ele! – o anjo respondeu, satisfeito em poder demonstrar um pouco mais dos seus conhecimentos. – Todas estas caricaturas são representações de uma mesma entidade: *Chaac*, o deus da chuva!

— O sujeito devia ser alguém bem importante, para ter tantas máscaras em sua homenagem – o americano comentou, incentivando-o a falar mais.

— Veja bem: os maias habitavam uma região árida e seca, onde a água quase não existia e, por isso, as suas únicas fontes, os cenotes ou poços sagrados dependiam exclusivamente das chuvas, sazonais e raras, para não secarem completamente. Por este quadro tão sombrio e desolador, você mesmo pode imaginar que importância deveria ter para eles um deus com o poder de controlar as chuvas.

Enquanto isso, no outro extremo da plataforma, Thomas observava, ao fundo da mesma, uma espécie rudimentar de bancada pétrea, suportada por um par de figuras toltecas, também em pedra, no que um flash o transportava para seis meses atrás, ao início de tudo aquilo. De repente, viu-se novamente na luxuosa mansão de Angra dos Reis, defrontando-se com a horrível imagem de uma mulher cruelmente assassinada sobre outra mesa de pedra, parecida com aquela. A visão de Sophie Lefèvre d'Aurillac seminua, com um punhal cravado no peito e com a barriga completamente dilacerada em forma de cruz invertida, mesmo depois tanto tempo, ainda o fazia sentir náuseas e calafrios. Algumas gotas de suor gelado escorreram por sua testa e ele estremeceu.

— Tudo bem? – Uriel tocou em seu ombro.

— Isto me trouxe más recordações – ele respondeu, apontando para a bancada. – Lembranças ruins que eu gostaria de poder apagar da memória para sempre!

— Entendo – Uriel comentou, sabendo muito bem ao que o outro se referia.

— Uma mesa? – Duke esticou os olhos sobre o pescoço do anjo. – O que uma simples mesa de pedra pode ter de tão ruim, exceto o fato de nos lembrar que, além do *cappucino* de algumas horas atrás, não ingerimos mais nada durante todo o dia?

— Na verdade, isso não era uma mesa de refeições – o anjo explicou. – Era um altar cerimonial em que eram feitos sacrifícios humanos em homenagem aos deuses da guerra. As vítimas eram amarradas e forçadas a se deitar de costas nela, enquanto tinham os corações arrancados, a fim de serem depositados ainda pulsantes no prato sobre o colo de *Chaac-Mool*, em oferenda aos deuses!

— Cruz-credo! – o americano balbuciou, chocado com a revelação, afastando-se rapidamente da mesa. – Esses maias eram uns dementes!

— É tudo questão de pontos de vista – Uriel discordou. – Se eles entrassem em contato com a nossa cultura contemporânea, provavelmente também nos chamariam de loucos!

— E então, Uriel – Thomas interrompeu –, alguma pista contundente?

— Infelizmente, ainda não – respondeu o Anjo, desanimado.

— Não entendo – Thomas comentou cabisbaixo. – Antes, quando estávamos lá embaixo, eu podia jurar que encontraríamos algo aqui. Tive um presságio, você sabe, daqueles que não deixam margem para dúvidas. Mas agora vejo que tudo não passou de um ledo engano. Inclusive, começo a achar que tudo isto é perda de tempo e que não vamos encontrar porcaria nenhuma neste lugar...

— Ei, vocês dois – Duke intrometeu-se. – Não podemos desanimar agora, pelo menos não enquanto ainda houver outros lugares para investigarmos. Não sei quanto a vocês, mas eu não pretendo desistir assim, tão facilmente. Continuarei procurando, mesmo que sozinho, até encontrar a maldita *Chave*!

— Você está certo – Uriel concordou. – Vamos em frente!

Depois de deixarem o *Templo dos Guerreiros* e comerem sanduíches comprados de um vendedor ambulante, os três guerreiros da luz seguiram por uma espécie de calçada cerimonial que os conduziu ao extremo norte de Chichén Itzá, diretamente ao *Cenote Sagrado*, um poço natural com aproximadamente 60 metros de diâmetro, por 35 de profundidade.

— Nossa! – Duke exclamou ao se aproximar da beirada. – É verdade mesmo que os maias atiravam pessoas vivas aí dentro?

— Era uma antiga tradição herdada dos toltecas, pois eles acreditavam que ao

arremessarem bens valiosos como ouro, joias, incenso e armas nas águas sagradas do cenote, junto com algumas de suas jovens, ainda virgens e festivamente enfeitadas, conquistariam a benevolência de *Chaac*. As chuvas, como vocês sabem, tinham uma importância vital para eles, posto que, se não chovesse o bastante durante todo o ano, não haveria uma boa colheita e, consequentemente, a própria continuidade vital da cidade ficaria comprometida.

— Considerando-se que este poço era sagrado – Thomas raciocinou –, tudo o que fosse jogado dentro dele passava a pertencer aos "deuses". Ninguém podia entrar nele, exceto os infelizes que eram sacrificados, que a julgar pela altura da qual eram atirados, provavelmente morriam antes mesmo de chegar ao fundo...

— No que é que você está pensando? – Uriel indagou curioso.

— Os cientistas, sabendo disso, não poderiam ter simplesmente atirado a *Chave Dois* aí dentro? Lá embaixo, ela ficaria segura para sempre!

— Tem lógica – Duke entusiasmou-se. – Vamos descer lá e procurar!

— Ela não está aí embaixo – o anjo contra-argumentou convicto.

— E como é que você sabe? – o americano insistiu. – Não vá me dizer que você está com medo de descer lá? Se for isso, você não precisa...

— Há alguns anos, este cenote, assim como o *Xtoloc* foram drenados para que os pesquisadores pudessem ver o que havia dentro deles – Uriel acrescentou. – Foram encontradas joias de todo tipo, armas, vestimentas, ouro, milho e incenso, mesclados a uma infinidade de ossadas humanas, todavia, não houve nenhum registro do objeto que buscamos!

— E como é que você pode ter certeza de que a *Chave Dois* não estava entre as coisas retiradas durante as drenagens? – Thomas indagou. – Ela poderia, muito bem, não ter sido mencionada nos relatórios oficiais.

— A nossa História está intimamente ligada à humana – o anjo respondeu. – E, por isso, nós precisamos monitorar todas as escavações arqueológicas do planeta, já que uma considerável parte do que é encontrado nestes lugares nos diz respeito, de alguma forma. Chichén Itzá não escapou à regra: um agente secreto ethernytiano foi especialmente enviado para cá, com a missão de acompanhar de perto cada detalhe do processo de escavação, pesquisa e restauração do reduto arqueológico. Ele a teria reconhecido se a tivesse visto.

— Ela não pode ter sido tirada daqui, sem que esse tal espião dos anjos a visse? – Duke especulou.

— Seria praticamente impossível, uma vez que o nosso agente era o encarregado da catalogação de todo e qualquer objeto encontrado durante as escavações e drenagens.

Absolutamente tudo o que foi retirado daqui, não apenas dos cenotes sagrados, mas de todo o parque, passou inevitavelmente por suas mãos.

— Mas, se você já sabia de antemão que a *Chave Dois* não estaria no poço, o que é que nós viemos fazer aqui? – Thomas o encarou indignado.

— Curiosidade histórica – Uriel sorriu-lhe. – Eu precisava ver o famoso *Cenote Sagrado* dos maias de perto e com os meus próprios olhos!

E, sem esperar pelo inevitável revide repleto de impropérios do brasileiro, virou-se e retomou o caminho de volta.

* * * * *

Enquanto eles retornavam pela calçada cerimonial, Thomas divisou novamente o *Templo dos Guerreiros* e, outra vez, a sua mente transmitiu-lhe aquela impressão de que lá estaria a resposta para o que buscavam. Era como se, inexplicavelmente, algo ou alguma coisa naquele lugar o atraísse como uma espécie de ímã invisível. Mas já tinham revirado o templo de cima a baixo, e sem sucesso. Então, por que sentia-se daquele jeito? A estranha sensação de atração devia ser tão somente mais um trote da sua mente, causado, em parte pela ansiedade e em parte pela vontade de acabar logo com aquilo e voltar para a Fortaleza da Montanha.

Nisto, ele avistou ao longe a inconfundível silhueta do *Chaac-Mool*, resguardada pelas colunas em forma de serpentes, na entrada da *Plataforma de Vênus*.

"O mensageiro dos deuses" – recordou-se das palavras de Uriel.

Então, simplesmente aconteceu... Tudo ficou claro! De repente, sentiu o fluxo de adrenalina em seu sangue aumentar significativamente, fazendo com que seu coração disparasse, quase saltando pela boca.

— É isso! – exclamou eufórico. – Só pode ser!

— Hã? O que foi? – Uriel estacou, virando-se para ele alarmado.

— Venham comigo! – Thomas gritou, lançando-se numa desenfreada corrida em direção ao *Templo das Mil Colunas* ou *dos Guerreiros*.

— Que bicho mordeu esse cara? – Duke perguntou assustado.

— Não faço a menor ideia... – o anjo encarou-o preocupado. – Mas, seja lá o que for, é melhor não o perdermos de vista!

Enquanto corria pelo terreno descampado, Thomas amaldiçoava-se por não ter percebido antes a mensagem oculta que os anjos cientistas haviam deixado para eles. Uma rápida olhada por sobre os ombros, e constatou, satisfeito, que Uriel e Duke o seguiam. Alguns turistas observaram-nos com indisfarçável curiosidade. Não era algo

comum de ver: pessoas correndo daquele jeito, em lugares como aquele. Porém, mais incomum era o fato de que, não bastasse ele, havia ainda os outros dois sujeitos nada discretos que o acompanhavam.

O ex-agente riu consigo mesmo, ao imaginar a cena grotesca, da qual eles eram os protagonistas principais. Três homens maduros e sérios correndo como se fossem tirar alguém da forca, em pleno sítio arqueológico maia. Ele na frente, sendo seguido de perto por um negro magro e com cara de bobo e um sujeito alto e enfiado em um casacão leve, mas desconexo com o calor de mais de quarenta graus que fazia.

Thomas continuou correndo tão depressa quanto suas pernas permitiam, e não parou nem mesmo quando chegou ao templo. Manteve a velocidade, desviando-se das enormes colunas de pedra e escalando em disparada os trinta e nove degraus da estreita e íngreme escadaria que desembocava na *Plataforma de Vênus*. Só parou ao ficar frente a frente com a impassível estátua de *Chaac-Mool*.

— Ufa... Mas que diabos... deu em você? – Duke indagou, estacando ao seu lado, completamente exausto e sem ar por causa da corrida. – Quer me matar?

— Você não pode me culpar por tentar, já que todos que o conhecem, o querem morto. Seria a minha maior contribuição para a despoluição do planeta – o brasileiro brincou.

— Rá, rá, rá... Muito engraçado! – o americano retrucou, com desdém. – Estou morrendo de tanto rir, seu palhaço de meia tigela...

— O que foi isso? – Uriel alcançou-os logo em seguida.

— Desculpem pelo mau jeito – Thomas falou. – Mas eu precisava confirmar uma coisa!

— E então, o que é que você sabe que nós ainda não sabemos? – o anjo inquiriu curioso.

— A resposta para o que nós procuramos esteve bem na nossa frente, durante o tempo todo e não fomos capazes de vê-la – Thomas murmurou em tom enigmático, apontando para a estátua de granito sentada e com a cabeça voltada para a esquerda.

— O *Chaac-Mool*? – Uriel perguntou cético. – O que tem ele?

— A pergunta correta é: "quem" era ele? – Thomas corrigiu-o.

— O mensageiro... – o anjo compreendeu no meio da frase, enfatizando mais a segunda parte – dos "deuses"!

— Exatamente – o brasileiro concordou. – O encarregado de fazer o meio-de-campo entre os maias e seus pretensos deuses, neste caso, os cientistas de *Ethernyt*.

— Mas não há nada aqui. Nós já reviramos este lugar todo, de cabo a rabo, e não encontramos nada! – Duke argumentou.

— Vocês têm certeza? – Thomas indagou emblemático – Olhem melhor para o nosso amigo de pedra. Agora me digam: o que é que vocês veem?

— Uma estátua de granito, apenas isso – Uriel respondeu irritado.

— Sim, mas o que ele está fazendo? – Thomas indagou sério.

— Está sentado, com as pernas encolhidas como se estivesse com uma tremenda dor de barriga e com um prato de sopa no colo – Duke resmungou.

— E o que mais? – o ex-agente insistiu.

— Está com a cabeça virada para o lado esquerdo? – o anjo arriscou.

— Bingo! – Thomas assentiu. – *Chaac-Mool* está olhando para a esquerda.

— E daí? – Duke quis saber, sem entender onde o ex-agente pretendia chegar.

— Por *Ethernyt*! – Uriel exclamou, finalmente captando a linha de raciocínio de Thomas. – Ele está olhando na direção da pirâmide!

— Ou então, para algo além dela – o brasileiro acrescentou. – Diga Uriel, o que tem daquele lado?

— Se você estiver certo, isto reduz o nosso campo de observação para três pontos bastante específicos: o *Campo do Jogo de Pelota*, o *Tzompantl* e o *Templo do Jaguar* – ele enumerou.

— *Campo do Jogo de Pelota*? – o americano achou graça. – Os maias jogavam peteca?

— Você tem alguma ideia por onde podemos começar? – Thomas interpelou o anjo, ignorando a pergunta descabida do americano.

— Vamos até lá ver o que descobrimos – Uriel respondeu.

Eles desceram e encaminharam-se para o noroeste. Contornaram a *Pirâmide de Kukulcán*, cruzaram pela calçada cerimonial que desembocava no *Cenote Sagrado* e, por fim, alcançaram o *Tzompantl*, também conhecido como o *Templo dos Crânios*.

— Que nome mais ridículo – Duke zombou. – De onde o tiraram?

— Neste lugar ficavam expostas as cabeças decepadas de todos os sacrificados no *Templo dos Guerreiros*, logo após terem os corações arrancados e serem decapitados – Uriel explicou.

Para corroborar o que dizia, bastava que se olhasse para as paredes do modesto templo, abarrotadas de figuras esculpidas em alto-relevo e estilizadas, representando crânios humanos.

— Credo! – Duke estremeceu só de olhar para elas. – O que esses caras tinham de espertos e avançados tinham em dobro de loucos e sádicos!

— Não devemos julgá-los pela sua cultura – Uriel ponderou. – Nunca existiu, assim como jamais vai existir, uma cultura cem por cento perfeita!

— Mesmo assim, eu acho que decepar cabeças humanas e exibi-las publicamente como troféus só pode ser coisa de gente desequilibrada! – Duke enfatizou.

— Espere até conhecer os detalhes do famoso *jogo de pelota* dos maias – Uriel sorriu maliciosamente.

— Pior do que isso, só se eles jogassem futebol com cabeças humanas, ao invés de bolas – o negro caçoou.

— Acertou na mosca. – o anjo declarou, virando as costas e saindo, deixando-o boquiaberto e completamente horrorizado.

* * * * *

— Você não vale nada mesmo – Thomas comentou rindo, ao juntar-se a ele.

Assim que o negro saiu e somou-se ao grupo, eles contornaram o *Tzompantl* ou *Templo dos Crânios* e alcançaram uma estrutura composta por um amplo espaço longitudinal, situado entre duas compridas e altas plataformas laterais sob a forma de rampas escalonadas, ambas paralelas entre si e formando um imenso "I" maiúsculo, direcionado para uma plataforma cerimonial ao fundo.

— Este é o *Campo do Jogo de Pelota* dos maias – Uriel declarou.

Thomas observou detalhadamente o lugar ao seu redor. Encontravam-se diante de um campo retangular de aproximadamente 135 metros de comprimento por 65 de largura, ladeado por duas paredes paralelas com mais ou menos uns oito metros de altura. Nas extremidades do estádio, ambas as paredes ostentavam salientes, a seis ou sete metros de altura, pequenos aros de pedra.

— O *jogo de pelota* é algo tão antigo quanto a própria *Civilização Maia* – Uriel ilustrou. – Era disputado por duas equipes compostas de quatro ou cinco jogadores cada. O objetivo principal consistia em arremessar uma bola ou pelota, cujo diâmetro variava entre 25 e 30 cm e que pesava em torno de 1,5 a 3 kg, através dos arcos de pedra verticais, dispostos um de cada lado do campo. O jogo começava assim que a pelota era lançada, à mão, para o campo. A partir daí, os competidores não podiam mais tocá-la e para manusearem-na, usavam bastões de madeira como primitivas raquetes. Somavam-se pontos cada vez que a pelota cruzasse por entre os arcos, e perdiam-se pontos se ela tocasse no chão mais que uma vez antes de ser enviada para o campo adversário, se tocasse em algum jogador ou ainda, se caísse fora do estádio.

— Puxa! – Duke pensou em voz alta. – Devia ser bastante interessante. Eu acho que adoraria assistir a um jogo desses...

— E mais interessante ainda eram as cerimônias e rituais pós-partidas – Uriel

acrescentou, mostrando as inscrições nas paredes das plataformas e piscando para o brasileiro maliciosamente.

Ali se encontravam retratadas, de maneira estilizada e em relevo, duas equipes adversárias. Seguindo os desenhos, podia-se ver claramente que apenas uma sagrara-se vencedora. Mais adiante, vinha uma gravura do líder da equipe campeã segurando a cabeça decapitada do líder adversário, cujo corpo, de joelhos, apresentava o pescoço jorrando sangue sob a forma de serpentes.

— Definitivamente, os sujeitos que viveram neste lugar tinham sérios problemas psicológicos! – Duke comentou, mais uma vez horrorizado.

— O que exatamente significa isso, Uriel? – Thomas perguntou curioso.

— As cerimônias pós-partidas incluíam, entre outras coisas, o sacrifício de todos os integrantes do time perdedor – o anjo respondeu laconicamente. – Ao fim de cada partida, os derrotados eram conduzidos ao *Templo dos Guerreiros*, onde tinham os corações arrancados e eram decapitados!

— Uma forma democrática de se decidir quem seria sacrificado em homenagem aos deuses da guerra – o brasileiro riu.

— E o que eles usavam para confeccionar as bolas? – Duke indagou, na intenção de desviar o assunto para algo menos macabro.

— Uma mistura de látex com a seiva de uma planta conhecida como *guamol*, o que resultava em uma espécie de borracha altamente resistente.

— Borracha? – Duke comentou aliviado. – Eu sabia, nem mesmo eles poderiam ser tão depravados a ponto de jogar bola com cabeças humanas!

— Essa borracha era apenas a parte externa da pelota – Uriel continuou com um sorriso maldoso. – O núcleo, à volta do qual era produzida a nova pelota, destinada ao próximo jogo, nada mais era do que o crânio do líder do time perdedor!

* * * * *

Ainda rindo da expressão de horror de Duke ao ficar sabendo do que eram feitas as pelotas com que os maias disputavam seus jogos, Thomas dirigiu-se para o canto sul da plataforma, onde Uriel o esperava.

— A nossa última esperança está lá em cima, no *Templo do Jaguar* – declarou ele. – É o único lugar que ainda não verificamos!

O *Templo do Jaguar* localizava-se no alto da plataforma cerimonial, no extremo sudoeste do *Campo de Pelota*. Para alcançá-lo, os três precisaram subir uma escada bastante íngreme, mas com poucos degraus, rapidamente vencidos. Logo na entrada

havia duas enormes colunas em forma de serpentes para recepcioná-los.

— Vão gostar tanto assim de cobras no quinto dos infernos! – Duke comentou nervoso, cruzando ligeiro para o lado de dentro.

— Nem todo mundo é tão paranoico como você – Thomas chacotou, passando por ele e entrando no templo.

— Qual é o seu problema? Não sou paranoico, só não gosto de cobras – o negro resmungou mal-humorado, no que Uriel apenas os seguiu, sacudindo a cabeça.

O interior do templo apresentava-se todo ornado com gravuras em alto-relevo, representando estilizadamente um grande embate entre dois exércitos distintos.

— O que é isto? Uma batalha? – Thomas indagou, aproximando-se das gravuras para poder visualizá-las melhor.

— Sim, possivelmente entre os maias e os toltecas – sugeriu Uriel, desanimando ao constatar que além dos desenhos não havia mais nada de anormal por ali. E então, relutante e acabrunhado, concluiu que a *Chave Dois*, definitivamente, não estava em Chichén Itzá. Teria Sarah cometido um engano? Se isso realmente ocorrera, teria sido a primeira vez, em milhares de anos. Não, Sarah nunca errava! O Iluminado nunca falhava em suas previsões. Mas, nesse caso, onde estaria o objeto de sua busca? Eles já tinham revirado o parque todo e, no final, sempre retornavam à estaca zero.

Para piorar, já era fim de tarde e logo começaria a escurecer, o que lhes deixava muito pouco tempo para olhar tudo de novo, com mais calma. Contudo, precisavam fazê-lo, nem que tivessem de voltar novamente no dia seguinte. Uriel se dirigia cabisbaixo para a porta de saída do *Templo do Jaguar*, quando escutou a voz de Thomas.

— Mas que diabos é isto? – o brasileiro murmurou, afastando com as mãos o pó acumulado de um pedaço da parede ao fundo do templo. Sob a espessa camada de poeira, revelou-se um conjunto de imagens estilizadas, quase imperceptíveis em meio a toda aquela sujeira e a pouca luz que incidia naquele ponto específico do lugar.

O anjo fez de conta que não escutara a pergunta do brasileiro. Estava frustrado demais para continuar a discorrer sobre os maias, ou quem quer que fosse. Tamanho era o seu desânimo, que queria apenas sair dali.

— Uriel, você falou sobre uma guerra entre os maias e os toltecas – o ex-agente insistiu, gritando para o anjo, agora parado na porta do templo. – Tem certeza de que essas gravuras retratam isso mesmo?

— Foi o que eu disse! – ele respondeu rispidamente.

— Pois não é o que está parecendo – Thomas reiterou enigmático. – Pelo que me consta, nem os toltecas e nem os maias possuíam guerreiros com asas!

— Hã? – o anjo parou de repente. – Do que é que você está falando?

— Venha ver – Thomas fez um sinal para que ele se aproximasse.

O anjo passou a mão pelos cabelos longos e negros, agachando-se ao lado do ex-agente. Seus olhos azuis, brilhantes de tanta excitação, focaram as gravuras daquele ponto específico da parede. O coração disparou. Ali, bem na frente deles, encontrava-se, sim, a reconstituição de uma batalha, mas não entre os maias e os toltecas, como sempre se acreditara.

A imagem que ali resplandecia, figurando perene diante de seus olhos atônitos, tratava-se, indiscutivelmente, da reconstituição de uma batalha entre anjos e demônios, cujas asas eram nitidamente visíveis.

— Por *Ethernyt*! – Uriel engasgou-se. – Não pode ser... E-esta imagem... Ela é... É a reprodução da Batalha do Apocalipse!

— Foi o que eu imaginei – Thomas disse eufórico. – Só não entendo como é que em todos esses séculos ninguém jamais se apercebeu desses detalhes, tão atípicos aos maias, uma vez que acho impossível que nunca tenham sido vistos.

— Você está certo – Uriel tentou justificar – Dentre os milhares de pessoas que passaram por aqui, certamente muitas viram e até estudaram essas imagens, porém, nenhuma conhecia a história *ethernytiana*. E, justamente por não saberem do que se tratava, os arqueólogos e historiadores provavelmente associaram-nas à religiosidade dos maias, relegando-as a um segundo plano ou simplesmente ignorando-as.

— Pode ser – Thomas acedeu. – Eu mesmo só consegui identificá-las em meio às outras porque conheço a história do seu povo e sabia exatamente o que procurar. Um leigo jamais as interpretaria de outra forma que não fosse como meras metáforas à religiosidade maia ou caricaturas estilizadas de seus hipotéticos "deuses".

Uriel concordou com ele, pondo-se a analisar os desenhos. Apesar de a parede ostentar uma sugestão evidente de uma batalha futura entre os anjos e os demônios, as imagens nela expostas não esclareciam o mistério da *Chave Dois*, nem forneciam qualquer pista de seu paradeiro. Mas aqueles não eram os únicos afrescos desse tipo no *Templo do Jaguar*. Olhando ao redor, Uriel constatou, para sua surpresa, que as paredes estavam repletas deles, e logo se pôs a limpar e a analisar cada centímetro do lugar.

Os companheiros, vendo-o, logo se juntaram a ele. Precisavam agir depressa e encontrar algo, já que tinham pouco tempo antes do anoitecer. Por isso, separaram-se e cada um encarregou-se de uma parede.

Mal haviam começado, um grupo de turistas invadiu o templo. O guia, ao vê-los ajoelhados diante das gravuras, deve ter deduzido que os três seriam arqueólogos ou historiadores trabalhando, pois os cumprimentou e rapidamente expôs uma ou duas particularidades sobre o lugar, conduzindo o grupo em seguida para fora do templo.

Eles esperaram pacienciosos até que todos saíssem para só então prosseguirem com a limpeza e análise das imagens. Meia hora depois, o sol havia desaparecido e o crepúsculo vespertino estendia-se sobre Chichén Itzá. Foi quando Duke subitamente quebrou o silêncio.

— Ei, Uriel, acho que encontrei algo – ele gritou, ao mesmo tempo em que usava ambas as mãos para afastar o pó de um afresco esculpido na sua parede, bem rente ao chão. – Não, eu tenho certeza absoluta que encontrei algo!

— O que foi? – Uriel de pronto atravessou o templo, agachando-se ao seu lado.

Duke, empertigado, apontou para a parede, e o anjo teve que controlar-se para não cair de maduro, tamanha a surpresa que teve ao reconhecer uma gravura peculiar e específica, dentre o confuso emaranhado de imagens. Os seus incrédulos olhos azuis detiveram-se sobre a figura humana ali retratada, de joelhos e cabeça baixa, em sinal de total submissão a um grupo composto por quatro seres alados, postados a alguns metros de distância, e sobre uma plataforma elevada. As mãos do homem, estendidas em direção aos anjos, ostentavam firmemente uma espécie de bandeja ovalada, onde repousava solene um pequeno objeto reluzente.

— É ela... – Uriel balbuciou, tocando o objeto com a ponta dos dedos. – A *Chave Dois*!

— E quem é este cara? – Duke apontou para o homem ajoelhado.

— É *Chaac-Mool*, o mensageiro dos deuses! – Uriel exclamou. – Como é que eu não pensei nisso antes? Ele é o guardião da *Chave Dois*!

— O que isto quer dizer? – o americano interpelou confuso.

— Que a minha intuição estava certa desde o início – o brasileiro explicou. – E a *Chave Dois* do *Cofre da Morte* está onde sempre esteve: em algum lugar do *Templo dos Guerreiros*, guardada e protegida pela estátua de *Chaac-Mool*!

* * * * *

Já era noite quando eles deixaram o *Templo do Jaguar* e atingiram o *Campo de Pelota*. De repente, viram-se melancolicamente encobertos pelo sucinto manto negro, que aos poucos, a tudo e a todos envolvia.

Atravessavam o terreno descampado, rumo ao *Templo das Mil Colunas* ou *dos Guerreiros*, quando repararam que uma espécie de show de luzes e sons acontecia na face oeste da *Pirâmide de Kukulcán*.

A cafeteria onde estiveram pela manhã – que ficava estrategicamente localizada bem defronte ao *Castelo de Kukulcán* – estava abarrotada de turistas entusiasmados e

emocionados, amontoados de pé ou acomodados sobre uma infinidade de cadeiras plásticas distribuídas ao longo do terreno, tentando captar tudo o que acontecia com suas câmeras digitais e filmadoras de última geração. A cada nova imagem projetada na face da pirâmide, acompanhada por um efeito sonoro diferente, um turbilhão de flashes iluminava a noite.

Thomas, Uriel e Duke cruzaram discretamente pelo lado norte da estrutura de pedra, ocultos pelas sombras. Contornaram-na sem que fossem notados e seguiram na direção sudoeste, rumando diretamente para o *Templo dos Guerreiros*.

Em poucos minutos, encontravam-se novamente cara a cara com *Chaac-Mool*. A luz da Lua incidia diretamente sobre a escultura de granito, iluminando-a e, de certa forma, conferindo-lhe um aspecto bruto, sobrenatural e ameaçador. Admirado com tamanha beleza, Uriel completou uma volta inteira ao redor do deus granítico, antes de se deter novamente.

— Não há nada aqui – Duke exclamou, afastando-se, atraído pelas máscaras de *Chaac*, o deus da chuva.

— Vamos quebrar a estátua – Thomas sugeriu. – A chave pode estar dentro!

— É improvável – Uriel discordou. – Até onde se sabe, ela foi esculpida em um bloco de granito sólido, de modo que seria impossível esconder algo em seu interior.

— E embaixo? – Thomas indagou de repente, apontando para o chão.

— Não há nada, além de pedra – Uriel respondeu descorçoado.

Enquanto isso, no outro extremo da *Plataforma de Vênus*, Duke, aproveitando-se do fato de que não haveria seguranças ou vigias por perto para censurá-lo, retirou uma das máscaras da parede posicionando-a diante do próprio rosto e, muito embora tentasse de todas as maneiras possíveis e imagináveis, não conseguiu encaixá-la sobre a face. Era grande demais para uma pessoa normal. Todas elas...

— Ei, Uriel – chamou ele, aproximando-se com o artefato nas mãos. – Os maias, por acaso, eram cabeçudos?

— Hã? Cabeçudos? Não entendi – o anjo o encarou confuso.

— Mas que pergunta idiota é essa, agora? – Thomas interpelou-o, furioso com o que julgou ser apenas mais uma brincadeira descabida do negro.

— Idiota uma pinoia. – Duke replicou afrontando-o. – Os caras que praticavam rituais usando estas máscaras certamente deviam possuir cabeças grandes, anormais até, como a desse sujeitinho aí – apontou para a estátua de *Chaac-Mool*, cujo crânio pétreo era duas vezes maior do que um crânio humano normal.

— São apenas alegorias – Uriel comentou. – As máscaras de *Chaac* não foram feitas para serem utilizadas por nenhum ser vivo.

Foi então que Thomas teve um estalo revelador.

— O que foi que você disse? – indagou tenso.

— Que as máscaras de *Chaac* possuíam finalidades exclusivamente decorativas e não de uso ritualístico e... – Uriel respondeu.

— Você não – Thomas interrompeu-o com um gesto de mão, virando-se para o americano. – Duke, por favor, repita o que você disse!

— E-eu? – ele fez uma careta de espanto. – Eu só falei que os sujeitos que usavam essas coisas deviam ser bem cabeçudos. Com crânios desproporcionais, assim como a estátua do *Chaac-Mool*.

Thomas o encarou por um segundo e, de repente, abriu-se num largo sorriso.

— É isso! Você é um gênio! – o brasileiro declarou.

— Agora sim, você está começando a me deixar assustado de verdade... – Duke recuou com os olhos arregalados.

— Me empresta a máscara e vocês já vão entender.

— O que é que você pretende fazer com ela? – Uriel indagou curioso.

— Acabo de ter uma ideia – Thomas anunciou enigmático. – Se der certo, daqui a alguns minutos nós teremos a localização exata da maldita chave!

Duke entregou a máscara e Thomas afixou-a sobre o enorme rosto de pedra de *Chaac-Mool*. Como suspeitava, ela encaixou-se perfeitamente na superfície de granito do "mensageiro dos deuses", como se houvesse sido concebida justamente para esse propósito. E, verificando que estava firme, ele a soltou, afastando-se.

Livre de obstáculos, a luz do luar incidiu sobre a estátua, projetando, a partir do protuberante nariz da máscara de *Chaac*, um facho luminoso de tonalidade azul, que inexplicavelmente, ao invés de ser direcionado para frente, voltava-se na direção da coluna da direita.

— Vejam! – Uriel apontou para a estrutura pétrea.

— Inacreditável! – Duke gaguejou perplexo com o raio azulado que demarcava de maneira singular um ponto específico, bem ao centro da referida coluna.

— O que é isso? – Thomas perguntou-se assustado.

— Provavelmente, um truque produzido por uma série de espelhos introduzidos no interior da máscara, cuja finalidade eu suponho que seja refletir a luz da Lua ou a do Sol, dependendo do horário escolhido para o ritual em questão – o anjo explicou.

Duke correu até o outro extremo da *Plataforma de Vênus* e trouxe uma segunda máscara, que ao substituir a anterior provocou o mesmo efeito luminoso. Conclusão: qualquer máscara se encaixaria sobre o rosto pétreo e produziria a mágica luminosa.

Então, Uriel vislumbrou a coluna da esquerda, a que permanecia na escuridão, e

notou horrorizado, algo que até aquele momento passara despercebido por todos.

— Por *Ethernyt*, vejam! – exclamou, apontando naquela direção.

Por intermédio das várias sombras geradas pelo reflexo lunar na face da estátua mascarada, delineava-se na coluna da esquerda a cabeça do deus *Chaac* sobrepondo-se à cabeça da serpente nela esculpida.

— Minha Santa Edwiges! – Duke recuou assustado.

— A cabeça de *Chaac* no corpo de *Kukulcán* – o anjo concluiu pasmo.

— Bem – Thomas analisou friamente –, se na coluna da esquerda nós temos os deuses e na estátua de *Chaac-Mool*, o seu mensageiro...

— Na coluna da direita temos a mensagem! – Uriel rematou eufórico.

— Nós precisamos quebrá-la, para ver o que há dentro dela – Thomas sugeriu, buscando em volta por qualquer coisa que pudesse ser usada para tal finalidade, mas não visualizou nada. – Droga! Precisamos de ferramentas...

— Mas aonde é que podemos arrumar ferramentas, a esta hora da noite? – Duke deu de ombros.

Uriel recuou um passo para trás, enquanto desabotoava o sobretudo e enfiava a mão no bolso interno do casacão, retirando uma picareta dobrável em miniatura.

— Um anjo prevenido vale por vários homens – ele riu.

— Macacos me mordam! De onde foi que você tirou isso? – Duke fez uma careta.

— Um bom soldado jamais vai à guerra desarmado – o anjo respondeu.

Alguns golpes certeiros com a picareta no ponto demarcado pela luz azul e um razoável pedaço de pedra ovalado se desprendeu da coluna, revelando uma espécie de compartimento secreto.

Os três se olharam. Uriel meteu o braço no buraco, enterrando-o até o cotovelo, e quando o trouxe de volta havia algo em sua mão. Tratava-se de um pequeno pacote embrulhado em algo que parecia ser um tipo de pele animal untada a óleo e amarrada com tiras de couro. Com o coração aos pinotes, o anjo depositou-o na bancada pétrea que servia de altar sacrificial e cuidadosamente retirou as três cordas que o mantinham lacrado, de maneira ritualística, um passo de cada vez e sempre com o máximo de atenção, para não danificar nem a pele nem o que havia dentro dela.

De repente, uma minúscula, porém reluzente peça de ouro surgiu em sua mão. O formato nem de longe lembrava o de uma chave. Era na verdade uma estrela dourada de seis pontas, constituída por dois triângulos equiláteros sobrepostos e com uma abertura centro-longitudinal profunda varando-a de fora a fora, como um pequeno corte, que representava ser bem maior de um lado do que do outro.

— Mas que droga é essa? – Thomas explodiu indignado.

— É apenas um objeto sagrado como qualquer outro – Duke concluiu frustrado.

— Vocês não estão reconhecendo? – Uriel arqueou as sobrancelhas.

— Reconhecendo o quê? – Thomas bradou. – Uma porcaria de estrela dourada que cabe na palma da sua mão?

— Não é uma estrela comum: é a *Estrela de David*! – Uriel relatou deslumbrado, enrolando-a novamente. – A verdadeira, a original, a única, da qual se originam todas as lendas!

— Continua sendo apenas uma estrela dourada – Thomas insistiu.

— Vocês não acham estranho um símbolo judaico pré-cristão do oriente médio ser encontrado no interior de uma coluna de um reduto arqueológico mexicano?

— Grande coisa – Thomas desdenhou. – Eu gostaria mesmo era de saber o que esta imundícia está fazendo aí, no lugar da *Chave Dois*?

— Você ainda não entendeu? – o anjo indagou – A "imundícia" a você se refere, não está ocupando o lugar da *Chave Dois* – sorriu triunfante. – Ela é a *Chave Dois*!

# CAPÍTULO IX

O show de luzes e sons na face principal da *Pirâmide de Kukulcán* encerrou-se no mesmo instante em que Thomas, Uriel e Duke a alcançaram, e uma multidão de turistas proveniente de todas as partes do mundo começava a deslocar-se em direção aos portões de saída do sítio arqueológico.

Os três juntaram-se à aglomeração desordenada, seguindo a corrente migratória e procurando não atrair muita atenção sobre si e, muito menos, para o embrulho que Uriel transportava sob o casaco. Mas o que não imaginavam, entretanto, é que, desde que haviam colocado os pés em Chichén Itzá pela manhã, todos os seus movimentos vinham sendo monitorados, à distância, por dois agentes secretos de Memnon.

Mantendo a mesma discrição, os homens seguiram-nos através do contingente humano que se deslocava para a saída do parque e, quando se encontravam a pouco menos de um metro do trio, um deles acelerou o passo até colar-se a Uriel. Com um ágil e imperceptível movimento, enfiou um minúsculo objeto no bolso do sobretudo do anjo, sem que este percebesse, e imediatamente reduziu o ritmo de suas passadas, sendo alcançado pelo companheiro. Desviaram-se do fluxo da multidão, saindo pela tangente. Livrando-se do tumulto, deslocaram-se até um canto ermo e escuro, longe dos olhares curiosos. Satisfeito, o mais alto discou um número em seu celular.

— *Soy jo,* Juan – sussurrou assim que foi atendido. – A "festa" está bombando e o "presente" acaba de ser entregue!

— Bom trabalho – uma voz ecoou impassível. – "Eles" já saíram?

— Afirmativo – Juan respondeu. – Os "convidados" estão a caminho de casa!

— Muito bem. Vocês sabem o que fazer – a voz acrescentou.

E antes que o espião pudesse responder, a ligação foi cortada.

Juan desligou o aparelho, repondo-o na capinha presa à cintura. E então, os dois juntaram-se novamente ao turbilhão de turistas rumo à saída do parque, conscientes de que o melhor da festa ainda estava por vir.

* * * * *

Assim que colocou os pés dentro do Volvo alugado, Thomas voltou-se para Uriel.

— Eu ainda não entendi uma coisa... – sacudiu a cabeça. – Por que é que os seus cientistas forjaram uma estrela e uma cruz de ouro, ao invés de chaves normais?

— Simplesmente, porque naquela época "chaves normais" ainda não existiam – Uriel respondeu. – Devo lembrá-lo de que o *Cofre da Morte* foi construído ainda em *Ethernyt*, muito tempo antes de a Terra tornar-se colônia penal do nosso planeta. E, além disso, uma chave normal não teria tido tanta repercussão na antiguidade como símbolo religioso e militar.

— Militar? – Duke interrompeu. – Eu sempre achei que a *Estrela de David* fosse um importante e expressivo símbolo místico-religioso, mas daí para símbolo militar, nunca imaginei...

— Esse objeto é muito mais do que vocês imaginam – Uriel explicou. – Para que vocês entendam a sua real importância no contexto histórico, deixando de lado o fato de ser a *Chave Dois* do *Cofre da Morte*, precisamos voltar ao tempo do rei que lhe conferiu, por herança, este nome: David, o rei dos israelitas...

— Pronto – Thomas resmungou, enquanto dirigia para fora do estacionamento congestionado de Chichén Itzá. – Lá vem novamente o senhor sabe-tudo com os seus infindáveis conhecimentos históricos!

— Naquela época, quando as nações pagãs iam à guerra – o anjo esclareceu, ignorando o comentário maldoso –, na maioria das vezes pintavam nos escudos de seus soldados figuras sombrias que inspiravam medo aos adversários como dragões, serpentes e leões, entre outras feras. O povo de Israel, no entanto, usava como marca a *Estrela de David*.

— Sério? – Duke indagou descrente. – Os inimigos deles, ao invés de temê-los, deviam se mijar de tanto rir!

— Pelo contrário – prosseguiu Uriel. – Até os mais corajosos dentre os inimigos de Israel estremeciam ao defrontar-se com ela!

— Mas o que é que uma simples estrela podia ter de tão especial para que eles a temessem tanto? – Duke quis saber ainda mais curioso.

— A "*Estrela de David*" jamais foi considerada uma "simples estrela" – o anjo salientou. – Ela representava, mesmo que simbolicamente, o espírito do maior rei daqueles tempos: David. Não bastasse isso, afirmava-se ainda que ela era detentora de um infinito poder: o "*Poder de Yaveh*", posto que acreditava-se ter sido arrancada do firmamento e confiada ao rei por um mensageiro celestial.

— Um anjo travestido de emissário divino? – Thomas presumiu.

Uriel concordou.

— E somente passou a ser reconhecida por seu nome atual após permanecer por um longo período sob a tutela do rei David, enquanto os cientistas procuravam por um local seguro aonde pudessem escondê-la, para sempre, de Lúcifer e seus asseclas. No início, a

*Estrela de David* era tida como um símbolo real: um selo representativo do reinado de David sobre a Terra e, posteriormente, passou a ser conhecida como o *Escudo de David*, não só por causa de seu caráter militar, mas especialmente por seu contexto místico-religioso, cuja origem deve-se à expressão hebraica *"Magen David"*, na qual o termo *"Magen"* significava: escudo, proteção ou barreira contra o mal.

O anjo inspirou o ar profundamente até recuperar o fôlego, no que olhou para os companheiros, confirmando, para seu deleite pessoal, que ambos continuavam com a atenção firmemente voltada às suas palavras.

— Muito tempo se passou, antes que os cientistas de *Ethernyt* encontrassem um local adequado e seguro para escondê-la em definitivo – ele prosseguiu, referindo-se a Chichén Itzá. – Porém, quando isso ocorreu, a *Chave Dois* ou *Estrela de David* foi novamente requisitada por eles. Mas a sua influência mística e religiosa permaneceu incólume, incorporando-se às antigas tradições do povo judeu. Isso tanto é verídico que, até hoje em dia, a *Estrela de David* representa o símbolo máster do judaísmo.

E, acariciando o embrulho em seu bolso, adentrou na parte que, tinha certeza, mais interessaria aos seus interlocutores humanos:

— Inclusive o seu formato, com seis pontas, por ser tão divergente de todas as outras estrelas já representadas pelo homem possui um significado místico-esotérico. Acredita-se que os dois triângulos equiláteros que a constituem, por estarem unidos, porém, sobrepostos um ao outro e invertidos entre si, representem simbolicamente o princípio da "dualidade masculino-feminino". – Uriel ilustrou. – Um conceito pagão, tão antigo quanto as próprias religiões, onde o triângulo superior, voltado para cima, representa o *Deus-Pai*, símbolo do poder divino masculino; e o outro, cujo vértice encontra-se para baixo, o contrário: a Deusa-mãe, símbolo do poder divino feminino.

— É a primeira vez que ouço falar numa "Deusa fêmea", com status equivalente ao do tradicional "Deus macho". – Duke sentenciou.

— Na antiguidade, a figura da "Deusa" era tão venerada e reverenciada quanto à de seu oposto masculino. Segundo as crenças pagãs, ambos detinham o mesmo poder e a mesma força e reinavam em conjunto sobre o Universo.

— O mesmo princípio que encontramos no Templo de Salomão seis meses atrás – Thomas acrescentou, ante a anuência do anjo.

— Se levarmos em conta o fato de Salomão ser filho de David, torna-se bastante compreensível tal coincidência. Mas o mais incrível nisso tudo é o paradoxo criado há pouco mais de dois mil anos, entre a *Estrela de David*, o símbolo máximo da religião judaica, e a *Cruz*, o ícone absoluto da fé cristã – Uriel continuou: – Ambas tornaram-se representações simbólicas do poder e da mensagem de Cristo, o filho de Deus e o único

caminho para a salvação da humanidade, quando, na realidade, ambas são de fato, as *Chaves Um* e *Dois* do *Cofre da Morte* e conduzem ao poderoso "*Vírus D*", o fi lho imperfeito dos cientistas de *Ethernyt* e o caminho mais curto para a extinção da raça humana!

— Minha Santa Edwiges! – Duke exclamou horrorizado. – Isso poderia ser até irônico e mesmo poético, se não fosse tão sórdido e macabro!

— De acordo com o que entendi – Thomas ergueu as sobrancelhas. –, você acaba de declarar com a cara mais deslavada do mundo que os maiores símbolos religiosos da humanidade, atualmente adorados e venerados por bilhões de pessoas ao redor do globo terrestre, são na verdade as chaves que abrem os portões do Inferno?

— Infelizmente – Uriel assentiu. – Por isso que elas foram tão bem escondidas e protegidas: para que jamais caíssem nas mãos de Lúcifer!

— Ei, pessoal, que tal falarmos sobre outra coisa? – Duke implorou tenso. – Este assunto de Inferno, "Vírus D", demônios e fim do mundo está me deixando nervoso.

— Medroso – Thomas riu. – Cuidado para não fazer xixi nas calças, neném.

— Vai se catar, seu bundão metido a besta! Seu... Seu arremedo de palhaço sem graça! – Duke explodiu, descontrolado. – Eu não estou com medo, só não quero mais falar sobre isso. Nós estamos com a *Chave Dois* e, enquanto estiver conosco, estará segura, ela e o resto do mundo.

— Duke está certo – Uriel reiterou. – Nós tivemos um dia bastante cheio hoje, mas conseguimos o que viemos buscar e o Exército de Lúcifer não deu as caras. Agora precisamos aliviar a tensão e tentar relaxar um pouco.

A partir daquele momento e até entrarem em Cancún, conversaram e discutiram sobre diversas amenidades e, em nenhum momento, regressaram ao assunto.

Uma hora e meia de viagem e chegaram à cidade propriamente dita. Ao espiar pela janela, o americano vislumbrou a placa luminosa de um restaurante tipicamente mexicano e o estômago vazio reclamou, lembrando-o de que eles não haviam ingerido nada durante o dia inteiro, a não ser um *cappucino* e sanduíches, o que fez com que se esquecesse de todo o resto, inclusive das gozações e alfinetadas de Thomas.

— Ei, que tal a gente dar uma paradinha ali? – sugeriu, massageando a barriga. – Não sei quanto a vocês, mas eu estou morrendo de fome!

O *Los Pericos* era um restaurante típico mexicano, porém, nada convencional. Começando pela decoração colorida e animada, com direito a esqueletos de plástico por todo lado, inclusive nos dois banheiros; um chafariz bem no centro do restaurante, ornamentado com frutas e legumes; um pequeno palco ao fundo, tomado por um trio de "*mariachis*" tocando músicas folclóricas mexicanas num volume exageradamente alto e

garçons fantasiados de bandoleiros, dançando e saltitando por entre as mesas, ao mesmo tempo em que equilibravam bandejas cheias de copos e garrafas sobre as cabeças ou executavam malabarismos circenses, precisos e perfeitos, com os *drinks* e pratos dos clientes, enquanto os serviam.

Em meio a toda aquela insólita agitação festiva, os guerreiros da luz relaxaram, enquanto saboreavam os apetitosos pratos típicos da cozinha mexicana, regados com gigantescos copos de chope gelado.

Durante todo o tempo em que permaneceram no *Los Pericos*, os três limitaram-se apenas a comer, beber e dar boas risadas, embalados pelas brincadeiras e traquinagens empreendidas pelos garçons-bandoleiros.

* * * * *

Duas horas depois, deixaram o restaurante e prosseguiram viagem, rumo à Ilha de Cancún, situada a uns cinquenta minutos de onde se encontravam. Mas, foi só saírem do exótico restaurante e avançarem meia dúzia de quarteirões, o Volvo passou a ser seguido por um par de faróis.

Thomas dirigia o carro alugado e, ao notá-los pelo retrovisor, inicialmente, não deu muita importância, porém, um sinal de alerta logo disparou em seu cérebro.

Virou à direita na primeira esquina. Os faróis também. Ele repetiu a manobra. E mais uma vez, lá estavam eles, como dois ameaçadores olhos luminosos a espreitá-lo. Após uma volta completa no quarteirão, Thomas decidiu que seria contraproducente de sua parte continuar ignorando-os.

— Estamos sendo seguidos – avisou aos companheiros, retomando a rua principal e pisando fundo no acelerador.

— Eu sei – Uriel anuiu. – Também já os vi.

— O quê? Seguidos? Onde? – Duke vinha distraído no banco traseiro e assustou-se, olhando para os lados e depois para trás.

— Segurem-se. Vou tentar despistá-los.

E enquanto Thomas conduzia habilmente o volante, Uriel abaixou-se, enfiando a mão sob o banco do passageiro, de onde arrancou uma pistola Smith & Wesson M-39 ASP Combat Version, que ele mesmo havia grudado ali com fita adesiva, pouco antes de deixarem o hotel, naquela manhã. O brasileiro e o americano o imitaram e, numa fração de segundo, os guerreiros da luz estavam prontos para deflagrar uma guerra.

Embora Thomas preferisse estar com a sua Automag44, ao invés da pequena M-39, se sentiu grato por Uriel ter conseguido remeter três delas clandestinamente disfarçadas

entre as suas roupas, o que jamais teria sido possível com uma arma do porte da Automag. A M-39 ASP media meros 188 mm de comprimento total e pesava apenas 652 gramas, carregada. O modelo, que originalmente fora projetado para uso em defesa pessoal, nas três armas havia sido bastante modificado. Começando pelos ângulos externos, totalmente preenchidos com solda, antes de o conjunto ser fresado, eliminando as arestas e deixando as saliências bem mais suaves. As superfícies de deslizamento haviam sido lixadas e polidas. A mola de recuperação, substituída por uma bem mais eficiente e o mecanismo do gatilho, lixado e devidamente regulado, com todos os seus componentes reajustados manualmente. Ranhuras foram abertas tanto nos carregadores quanto nas plaquetas da coronha, permitindo ao atirador que a empunhasse, uma rápida visualização da quantidade de projéteis 9 mm *Parabellum* ainda disponíveis para o uso e, por fim, foi instalada uma mira de pontaria rápida, do tipo *Guttersnipe*, uma peça rara, única e inigualável, cujo canal de secção quadrado permitia que um alvo específico, a qualquer distância, fosse enquadrado em frações de segundos, proporcionando ao atirador alta precisão e confiabilidade já no primeiro disparo. Sim. A M-39 era uma excelente arma: pequena, leve e eficiente, porém, nem de longe podia ser comparada à sua Automag44. Mas, naquele momento, era só o que tinham à disposição.

Conformado, Thomas largou-a no colo, firmando-a entre as pernas e passou a se concentrar exclusivamente no volante. Enquanto dirigia o Volvo pelas ruas da cidade de Cancún, aproximando-se cada vez mais da ilha de mesmo nome, ele percebia que o par de faróis perigosamente encurtava a distância entre os dois veículos. De repente, eles cruzaram através da ponte que ligava a ilha ao continente e logo adentraram no complexo turístico, pelo *Boulevard Kukulcán*. Os faróis continuavam atrás deles.

— O que será que eles querem? – Duke perguntou apavorado.

— Você ainda pergunta? – Thomas redarguiu irritado. – É óbvio que estão atrás da *Chave Dois*!

— Não podemos permitir que a peguem – Uriel conjecturou, destravando a sua pistola. – O nosso futuro e o de toda a humanidade dependem disso!

Sem o menor aviso, depois de uma longa curva, um furgão atravessado no meio da avenida subitamente bloqueou o seu caminho. Thomas instintivamente pisou forte nos freios, fazendo o Volvo derrapar pelo asfalto. Contudo, em vez de deixá-lo parar, o brasileiro voltou a acelerar ao máximo, girando o volante todo para a direita.

— Segurem-se! – gritou.

Imprimindo extensas marcas de pneus no pavimento, o carro deu uma guinada para frente e subiu pelo cordão da calçada, cruzando rente à traseira do furgão. Só aí, eles avistaram os pequenos clarões de disparos de armas de fogo. E, antes mesmo de

escutarem os ruídos característicos, uma chuva de projéteis abateu-se sobre o Volvo, abrindo enormes buracos na lataria. Um disparo atingiu, em cheio, o pneu traseiro direito, estourando-o. Momentaneamente, o veículo descontrolou-se, derrapando de um lado para o outro. Thomas agarrou-se firme ao volante, endireitando-o, enquanto pisava novamente nos freios. O automóvel dançou de um lado para o outro na pista. Contudo, aguentou o suficiente para que alcançassem a próxima esquina.

Eles ainda conseguiram rodar até o final do quarteirão, escapando assim do campo de mira dos misteriosos atacantes. Todavia, qualquer probabilidade de fuga se esvaíra, posto que o Volvo apresentava-se em tal estado lastimável, que jamais sairia dali sem a ajuda de um guincho.

Saltaram para fora do veículo inutilizado de armas na mão, e correram em busca de proteção, pois estavam cientes de que os assassinos ainda não haviam terminado. Logo, eles viriam para continuar o espetáculo. O furgão e o outro veículo – o que os seguira desde a cidade: um Fiat compacto – viraram a esquina, praticamente colados um ao outro e, então, avançaram em alta velocidade para cima deles. Suas luzes penetrantes romperam a escuridão da noite, ofuscando os guerreiros da luz.

Ao vê-las, Uriel saltou novamente para trás do Volvo semidestruído, de onde instantaneamente abriu fogo.

Thomas virou-se para o lado e viu Duke, imóvel, petrificado de terror no meio da avenida, olhando fixamente para os dois possantes pares de faróis que velozmente se aproximavam, como que hipnotizado por eles. O ex-agente não precisou pensar duas vezes e, num salto, arremeteu-se sobre o negro, com a mão direita empunhando firme a pistola, enquanto que, com a esquerda, empurrava-o fortemente para a calçada, ao mesmo tempo em que o Fiat passava rugindo.

Uma saraivada de projéteis disparados contra eles arrancou lascas do pavimento aos seus pés, forçando-os a mergulhar para os lados. Duke ergueu-se primeiro e, ato reflexo, correu para junto de Uriel na segurança precária, mas incontestável do Volvo.

Ainda rolando pelo chão, Thomas avistou uma arma disparando pela janela do compacto italiano, o que o forçou a continuar rolando para longe do meio da rua, de modo que parou a vários metros de distância do Volvo, na direção oposta ao veículo semidestruído. O furgão detivera-se na esquina. Cinco homens vestidos de preto, encapuzados e fortemente armados desceram pela porta lateral, com as suas armas cuspindo fogo. O eco dos disparos fez a noite clara e sem nuvens reverberar num trovejar intermitente.

Thomas movia-se, cuidadosamente agachado, acionando o gatilho da M-39 em intervalos regulares. No outro extremo da avenida, Uriel disparava incansavelmente,

atingindo um dos atacantes na cabeça. O sujeito estremeceu e tombou violentamente para trás, tingindo a manta asfáltica com seu sangue e massa encefálica. Assustados, os demais se esconderam atrás do furgão.

E o Fiat, que já manobrara, agora retornava, cercando-os pelo outro lado. Com o furgão à frente e o compacto atrás, os guerreiros da luz viram-se, de súbito, no centro de um intenso fogo cruzado. Um atirador postado sobre a janela do Fiat, com a metade do corpo para fora do carro, apontava para Thomas, teoricamente o alvo mais fácil, visto que se encontrava no meio da rua e sem proteção alguma. Mas não foi rápido o suficiente. Durante a fração de segundo que demorou para atirar, o brasileiro mirou na janela do veículo em movimento e, usando as duas mãos para firmar a pontaria, puxou o gatilho. A M-39 cuspiu seu fogo mortal e, antes que o atirador pudesse acionar a submetralhadora, despachou-o para o Inferno, com passagem só de ida. Thomas escutou o ruído do projétil de 9 mm alojando-se no crânio do homem, cujo corpo executou um violento giro no ar, seguido de um curto e torturado grito, despencando do Fiat sobre o asfalto.

A submetralhadora ainda atirou para o chão e depois silenciou. Algumas balas ricochetearam rentes aos pés do guerreiro da luz, que novamente precisou rolar pela pista para não ser atingido.

— Desgraçados! – Thomas praguejou, pondo-se de pé no exato instante em que o motorista do Fiat pisava fundo no acelerador.

O ex-agente colocou-se novamente em posição de tiro, mirando no veículo em fuga. O compacto italiano praticamente voava pela rua escura, procurando a proteção da esquina mais próxima. Aguardou até que ele cruzasse sob a faixa iluminada de um poste e então atirou no pneu direito dianteiro. Foi recompensado: a bala acertou em cheio e o pneu estourou. O carro derrapou pela pista, subiu na calçada e destruiu uma lata de lixo espalhando seu conteúdo pela calçada, antes de chocar-se de frente contra um poste de concreto, profanando ainda mais a tranquilidade e a paz da noite com o som estridente de metal retorcido e vidros se partindo.

Graças à luz do poste, Thomas pôde perceber a porta do motorista se abrir e um homem ensanguentado esgueirar-se para fora do compacto destruído. Cônscio de que o assassino se tornaria invisível assim que saísse da área iluminada, ergueu a pistola e mirou na cabeça. Um único disparo. O motorista do Fiat tombou morto.

Thomas procurou os companheiros. Uriel e Duke também não davam trégua aos atacantes. Já haviam derrubado outros quatro. O único que restava de pé abusava da proteção do furgão, expondo-se esporadicamente para disparar rajadas curtas contra eles. Concluindo que os dois guerreiros da luz dariam conta dele naturalmente e sem maiores problemas, o ex-agente cautelosamente aproximou-se do Fiat abalroado.

Um terceiro homem grunhia de dor no banco traseiro do carro, com a cabeça e a face ensanguentadas e ambas as pernas prensadas e esfaceladas de encontro ao banco do motorista. Ao ver que alguém se aproximava, ele tentou erguer a submetralhadora, mas a dor dos ferimentos e a fraqueza pela perda de sangue o impediram. Thomas arrancou a arma da sua mão e o encarou friamente.

— Você está liquidado... – afirmou com calma, procurando pronunciar bem cada palavra, pois sabia que o homem estava em pânico. – Agora que acabou, quero saber quem está por trás disso e por quê?

Embora já soubesse a resposta, ele não poderia deixar de perguntar. O hábito de agir assim, adquirido durante os seus vários anos na Polícia Federal brasileira, ainda encontrava-se profundamente enraizado em seu subconsciente, mesmo que ele já não fizesse mais parte da corporação.

— Vá... se... ferrar! – o homem balbuciou, enfiando a mão no bolso do casaco, no que Thomas escutou um ruído que o fez gelar até a última gota de sangue: o estalido de uma granada sendo armada.

— Droga! – gritou, enquanto corria o mais rápido que as suas pernas permitiam para longe do carro.

— "Por Lúcifer!" – ainda escutou o assassino berrar, antes de o Fiat elevar-se do chão, engolido por uma flamejante bola de fogo.

A onda de calor atingiu-o pelas costas e o arremessou de encontro ao chão, em meio a centenas de pedaços incandescentes e de todos os tamanhos que caíam à sua volta e sobre ele. Um segundo e havia acabado. Thomas sentiu as costas arderem, a perna direita latejava e doía, assim como o braço esquerdo e a cabeça. Abriu os olhos e, atônito, constatou que fora atingido pelos estilhaços da explosão. Ignorando a dor lacerante, virou-se. Removeu os dejetos da explosão de cima do corpo e, esforçando-se bastante, pôs-se de pé.

Uriel e Duke correram em sua direção. Provavelmente, já haviam dado um jeito no último assassino, exatamente como ele previra que ocorreria.

— Tudo bem? – o anjo perguntou ofegante, parando a seu lado.

— Acho que sim – Thomas respondeu, notando que a dor na perna e a ardência nas costas diminuíam gradativamente, assim como as outras feridas que cicatrizavam a olhos vistos, por efeito da regeneração celular. – E o pacote?

— Está seguro – Uriel respondeu, desabotoando o casaco para que ele o visse. – Agora nós precisamos sair daqui, antes que...

As palavras seguintes do anjo foram encobertas pelo som de pneus derrapando na esquina. Era outro Fiat, igualzinho ao primeiro até na cor.

Thomas virou-se, abruptamente, a tempo de ver que atrás dele materializavam-se quatro motocicletas, com dois homens cada uma.

Mais mercenários de Lúcifer, vindo para o segundo *round* da luta.

* * * * *

Os guerreiros da luz mergulharam para os lados, no exato momento em que uma chuva de projéteis atingiu o lugar em que se encontravam. Uriel e Duke rolaram pelo chão, em busca de proteção nos destroços do primeiro Fiat, que ainda queimava sob o poste de concreto.

Thomas ergueu-se de pé e girou sobre o próprio o corpo. Ergueu a arma. Mirou. Apertou o gatilho e... nada, apenas um estalido seco. O brasileiro olhou pelas ranhuras da coronha, constatando que o carregador da M-39 encontrava-se completamente vazio. Procurou por outro nos bolsos e, só então, atinou que não tinha apanhado os pentes extras para a pistola, ou seja, encontrava-se sob fogo cerrado e sem munição.

— Droga... Mil vezes droga! – praguejou furioso consigo mesmo. – Isso também já é demais!

O segundo Fiat reduziu a velocidade, permitindo ao quarteto de motocicletas que o ultrapassassem e que seus condutores avançassem sobre os guerreiros da luz, sedentos de sangue.

Uriel e Duke, mais prevenidos, tinham trocado os pentes vazios por cheios e, no momento, esvaziavam-nos sobre os atacantes. Um dos motoqueiros foi atingido no pescoço e perdeu o controle da moto, chocando-se violentamente contra o meio fio da calçada. A Honda empinou sobre a roda dianteira, arremessando os seus ocupantes para o alto, fazendo-os despencar de cabeça no chão, próximos ao local onde Thomas estava. O guerreiro correu até o piloto e, após confirmar que estava morto, abaixou-se e apanhou a arma do sujeito, uma submetralhadora Walther MPK. Uma arma que lhe era bastante familiar, pois havia treinado por trinta dias com uma delas, há pouco tempo, em uma base naval brasileira.

Desenvolvida em 1963, em puro aço estampado, na maior parte da sua estrutura básica a MPK era uma arma compacta, leve e funcional. Pesava só 3,4 kg, carregada, e media 653 mm de comprimento, com a coronha retrátil estendida. Funcionava por recuo direto, numa cadência de tiro que podia atingir até 550 disparos por minuto, a uma velocidade de 386 m/s. E, justamente por causa da funcionalidade e eficiência, fora adotada tanto pelas marinhas do Brasil e do México, como pela polícia alemã e pelas forças armadas da Venezuela e da Colômbia.

Thomas verificou o carregador reto, no estilo caixa, cuja capacidade para até 32 projéteis de 9 mm Parabellum estava quase completa. E então, pelo canto dos olhos, viu que o caroneiro, apesar de ensanguentado, já havia se recuperado do tombo. Levantara-se de pé e o mirava com uma pistola. O seu reflexo de mais de dez anos na ativa da Polícia Federal salvou-o da morte certa. Ele mergulhou para o lado, saindo do campo de mira de seu oponente no mesmo instante em que meia dúzia de projéteis explodia no concreto, sob seus pés, arrancando lascas do asfalto. Ainda rolando pelo pavimento, o brasileiro acionou o gatilho da MPK. Um projétil penetrou pela viseira de acrílico escuro do capacete do motoqueiro, alojando-se em seu rosto. O sujeito estremeceu em meio a um grito abafado, enquanto tinha a cabeça violentamente arremessada para trás. E o corpo a seguiu, despencando sobre uma lata de lixo que, ao cair, rolou, despejando todo o seu conteúdo putrefato sobre o calçamento.

Thomas levantou-se novamente, movendo a arma na direção dos três pares de motoqueiros restantes e, girando a alavanca seletora de fogo para o automático total, acionou o mecanismo de disparo. Uma saraivada certeira estraçalhou os dois ocupantes da moto mais próxima. Sem afrouxar o dedo do gatilho da MPK, o brasileiro abaixou-se e girou sobre o próprio eixo, arrancando à bala o caroneiro do banco da segunda Honda, fazendo-o literalmente voar para trás, estatelando-se no asfalto agora coberto de sangue.

Simultaneamente, Duke acertou o tanque de gasolina da última moto, fazendo-a explodir com os seus ocupantes ainda sentados sobre o assento. Ambos os corpos, em chamas, foram brutalmente ejetados a vários metros do solo. Quando retornaram ao chão, eles estavam desfigurados, irreconhecíveis, transformados em massas disformes de carne e ossos carbonizados.

O único motoqueiro sobrevivente, o que guiava a moto do meio, desesperado ao assistir o desenlace dispensado pelo destino aos colegas, entrou em pânico. Deu meia volta na Honda, na esperança de retornar ao Fiat parado no início da rua. Mas jamais conseguiu chegar até o carro.

Uriel o acertou nas costas, derrubando-o. A sua moto continuou em frente sozinha, dançando descontroladamente pelo asfalto, até chocar-se de encontro à calçada e invadir a rica vitrine de uma requintada loja de souvenires e porcelanas importadas, esfacelando a totalidade das mercadorias expostas.

Foi quando os guerreiros da luz vislumbraram algo que os aturdiu. As portas do segundo Fiat abriram-se para dois vultos, que saíram de dentro do compacto italiano e, ato contínuo, retiraram os casacos.

Thomas quase não acreditou nos próprios olhos, ao reparar que eles possuíam enormes pares de asas, desprovidas de penas. Eram demônios...

E, como agravante, ambos empunhavam espadas e adagas de lâminas azuladas, de *criometal*.

— Tava demorando... – o brasileiro murmurou, preparando-se para o que viria a seguir. Destravou a MPK e a apontou na direção deles.

Uriel correu até ele e o segurou pelo braço.

— Nós precisamos evitar a qualquer custo que os demons peguem a *Chave Dois* – o anjo alertou-o.

— E você acha que eu não sei? – Thomas o encarou. – Mas o que podemos fazer? As nossas armas não farão nem cócegas nestes caras!

— E, desgraçadamente, nós não trouxemos nenhuma arma de *criometal* – Duke lamentou com voz chorosa, aproximando-se deles.

— Quem disse isso? – Uriel retirou três adagas do bolso interno do seu casacão, oferecendo uma ao ex-agente brasileiro e outra ao americano, ficando com a terceira para si.

— Putz! Eu gostaria de saber o que é que você não tem nesse seu sobretudo? – Thomas sorriu, aceitando de bom grado a adaga oferecida.

— Facas?– Duke arregalou os olhos. – É alguma brincadeira?

O anjo não respondeu, limitando-se a encará-lo.

– V-vocês estão falando sério? – ele indagou apavorado – Nós vamos lutar com facas, contra demônios armados com espadas?

— E por que não? – Uriel rebateu sério. – Elas são tão letais quanto às lâminas das espadas deles, basta que saibamos usá-las com inteligência e perspicácia!

— Duas coisas que infelizmente você não possui – Thomas brincou.

— Vocês são dois doidos varridos, isto sim! – o negro afirmou desolado. – E eu mais ainda, por concordar com isso e permanecer aqui.

— O que diabos eles estão esperando? – Thomas reparou que, estranhamente, os demons não atacavam. Permaneciam imóveis ao lado do Fiat, apenas observando-os.

— Talvez estejam esperando por alguém, ou por uma ordem – Duke especulou.

— Pode ser, mas por via das dúvidas... – Uriel retirou o pacote com a *Estrela de David* do bolso e o estendeu para Thomas. – Pegue isto e caia fora daqui!

— Hã? Você enlouqueceu de vez? – o brasileiro contestou, recusando-o.

— Eles são apenas dois – o anjo explicou. – Nós podemos segurá-los, enquanto você foge e mantém a *Chave Dois* em segurança!

— O quê? – o americano gritou estarrecido. – "Nós" uma pinoia! Eu é que não pretendo ficar aqui e virar janta de um bando de arremedos de morcego. Vamos cair fora todos juntos!

— Não podemos – Uriel declarou. – Precisamos segurá-los, para que Thomas fuja e garanta a integridade da *Chave Dois*!

— Nunca! – Thomas abdicou da oferta. – Jamais fugi de uma boa briga antes, e não pretendo começar, logo agora!

— É preciso – Uriel persistiu. – Este pacote não pode parar de jeito nenhum nas mãos de Lúcifer. Você é um dos Escolhidos, portanto, é sua obrigação fazer com que chegue em segurança ao Arcanjo!

— Eu ainda acho que nós deveríamos nos escafeder daqui, enquanto é tempo – Duke insistiu nervoso, olhando para os demônios parados ao lado do Fiat.

— Thomas... – Uriel insistiu. – Deste pacote, depende o futuro da humanidade! Você acha mesmo que vale a pena correr o risco? Se a *Chave Dois* cair nas garras dos demons, seria como se nós mesmos apertássemos o botão do Apocalipse!

O brasileiro refletiu por um momento e chegou à conclusão de que o anjo tinha razão. A *Chave Dois* era mais importante do que qualquer outra coisa, até mesmo, do que o seu orgulho pessoal.

— Está bem – concordou por fim, enfiando o pacote no bolso interno da jaqueta. – Nos encontramos no hotel!

— Nós iremos para lá, assim que terminarmos aqui – Uriel assentiu. – Caso não estejamos de volta em uma hora, você deve partir sem nós!

Nem bem o anjo terminara de falar, os demons abriram as asas e alçaram voo.

— Vá! Antes que seja tarde demais! – Uriel gritou, destravando a Walther MPK que o brasileiro lhe entregara antes de guardar a *Chave Dois* sob a jaqueta, junto com a adaga.

Thomas correu, apanhando outra MPK do chão. Cruzou-a nas costas, pela alça de couro, e levantou uma moto. Acionou a partida elétrica e deixou a cena, cantando os pneus.

— Agora, é tudo por nossa conta – o anjo finalizou, olhando para o americano, enquanto levava a adaga às costas. – Esconda a sua adaga. Se eles não souberem que as temos, serão surpreendidos. E então, poderemos usá-las a nosso favor, como fator surpresa!

Mesmo tremendo de medo, Duke obedeceu. Escondeu a arma de lâmina azulada sob a camisa de seda, presa às costas pelo cinto. Abaixou-se e apanhou uma terceira MPK do chão.

— Você está pronto? – Uriel o encarou.

O negro olhou para os demônios voando em sua direção e suspirou. Embora ele achasse aquilo tudo uma tremenda loucura, de repente, sentiu-se tranquilo e confiante. O medo desaparecera inteiramente, cedendo lugar a uma coragem e confiança que até ele

próprio desconhecia possuir. Sim, estava pronto. Os demons que viessem. Iriam aprender a não se meter com os guerreiros da luz!

— Pois é – disse, olhando maldosamente para o anjo –, a minha mãe sempre me orientou para não andar com gente louca e desequilibrada, já que, invariavelmente, acabamos iguais a eles!

— E ela estava coberta de razão – Uriel devolveu-lhe o olhar. – Eu mesmo, não sei por que é que ainda continuo a andar com você e Thomas!

# CAPÍTULO X

A Honda em que Thomas estava era um modelo básico para trilhas, com pneus maiores e mais aderentes e motor mais potente, porém, menos estável. Em virtude disso, o ex-agente achou melhor não exagerar demais na velocidade, mantendo uma média de 120 km/h. O ar quente e seco do México chicoteava o rosto. A cabeça dava voltas e ele não conseguia raciocinar direito. Ainda se reprimia por haver deixado os companheiros à própria sorte contra os demônios. Mas, no fundo, sabia estar fazendo a coisa certa. A segurança da *Chave Dois* vinha em primeiro lugar.

Além disso, Uriel e Duke sabiam se defender muito bem sozinhos. Dariam conta do recado perfeitamente. E logo se encontrariam com ele no hotel.

Mais uns dois quilômetros e chegaria ao *Fiesta Americana*. Isto, se não ocorresse nenhum imprevisto.

Mas ocorreu... Ao aproximar-se da marina, o *Boulevard Kukulcán* desembocava numa curva acentuada para a esquerda. Thomas entrou nela sem reduzir a marcha da moto. Porém, assim que a completou, avistou um homem parado no meio da avenida. Era um sujeito alto e forte, de feições indígenas, duras e frias, encarando-o.

Ao vê-lo, o índio desafivelou a cinta presa ao peito e um enorme par de asas lisas surgiu em suas costas, ao mesmo tempo em que uma espada brotava ameaçadora em suas mãos.

Thomas sabia que jamais conseguiria passar por ele sem perder o equilíbrio da moto e cair. Além de que, uma queda àquela velocidade seria fatal. O brasileiro agiu por reflexo e virou em direção à calçada beira-mar. Ao se aproximar do meio fio, deu um puxão brusco no manete do acelerador, arremessando o próprio corpo para trás. A Honda empinou a roda dianteira e invadiu a calçada, saltando logo em seguida pela mureta de contenção da praia. Por um segundo inteiro, a moto literalmente voou, antes de pousar suavemente, enterrando as rodas na areia.

Sem reduzir a velocidade, Thomas avançou em linha reta, paralelamente ao mar e rumo à marina de Cancún. Pelo retrovisor, podia ver, entre a nuvem de areia que se erguia por onde passava, a silhueta esguia do demônio voando em seu encalço.

O perseguidor alado aproximava-se perigosamente e logo o alcançaria, tornando inevitável um confronto entre os dois. Foi então que o brasileiro teve uma ideia, meio louca, mas que, justamente por isso, poderia dar certo.

Reduziu a velocidade da moto até quase parar e, com um cavalo de pau, virou-a de

frente para o seu algoz. Engatou o ponto morto e esperou, mantendo-a acelerada.

— Pode vir, seu monte de esterco voador – murmurou para si mesmo. – Eu vou te ensinar a não se meter a besta com os guerreiros da luz!

O demônio, pego de surpresa pela mudança de atitude dele, pousou à sua frente, com a espada em riste, junto ao corpo. Por um longo instante, os dois contendores apenas se estudaram, encarando-se num terrível e silencioso impasse entre os olhos negros e decididos de Thomas e os avermelhados e frios do demon. Memnon violou o silêncio da noite.

— A *Chave* – vociferou acima dos ruídos do motor da motocicleta e das ondas do mar quebrando-se nas areias da praia. – Dê-me a *Chave* e eu prometo não matá-lo!

— Nunca lhe disseram que é feio prometer o que não se pretende cumprir? – o brasileiro desafiou-o com desdém. – Se quiser alguma coisa de mim, vai ter que pegar na marra, pois eu não pretendo facilitar a sua vida!

O demon grunhiu de raiva, avançando com a espada apontada na direção do ex-agente que, numa rápida combinação simultânea de movimentos entre as mãos e os pés, apertou o freio, engatou a primeira marcha e acelerou a moto ao máximo. Uma nuvem de areia formou-se atrás da Honda. E então, num único e preciso movimento, Thomas soltou o freio e saltou para o lado, caindo de bruços na areia.

A moto empinou sobre o pneu traseiro e literalmente voou para cima do índio, que não teve tempo de sair do seu caminho antes de ser atingido por ela. Memnon foi violentamente arremessado para trás com o impacto.

Pela força da colisão e pela aparência do demônio, estirado na areia, o brasileiro concluiu que ele se machucara bastante e, momentaneamente, encontrava-se fora de combate. Todavia, não podia matá-lo como gostaria, visto que, apesar de bastante ferido, ele mantinha a espada empunhada ameaçadoramente. Thomas sabia que por efeito da regeneração celular, em poucos minutos, o maldito se recuperaria e então viria atrás dele, furioso e sedento por vingança.

Porém, não pretendia esperar. Levantou-se e disparou em desabalada carreira para a marina, situada a pouco mais de trezentos metros de onde estava. Já no *píer*, procurou por algo que pudesse tirá-lo dali.

Os olhos treinados perscrutaram toda a marina, fixando-se, por fim, em uma placa dependurada ao lado da ponte de madeira, onde estava escrito: "*Jungle Tour – Esportes e Passeios Aquáticos*".

Thomas havia lido algo sobre aquilo no panfleto do aeroporto: o *Jungle Tour* era um passeio de aproximadamente duas horas, em que os turistas podiam conhecer, a bordo de motos aquáticas ou jet-skis, a lagoa de Punta Nizuc, os seus canais, mangues e arrecifes

de corais. Contudo, o que realmente lhe interessava naquele momento era que ao lado do pequeno cais havia uma dezena de jet-skis, presos por uma corrente e, atrás deles, várias motos aquáticas amarelas e brancas, além de duas minilanchas nas mesmas cores, amarradas por grossas e resistentes cordas ao próprio *píer*.

Instantaneamente decidiu-se por se apossar de uma delas, no entanto, sabia que para colocá-la em movimento precisaria das respectivas chaves. Mas onde encontrá-las? Foi então que ele observou, na entrada do atracadouro, um rústico armário de madeira, trancado por um pequeno cadeado. Com a adaga que Uriel lhe entregara, arrombou a porta e, como suspeitava, lá estavam as chaves das motos e dos jet-skis. O ex-agente pegou uma e leu: *Kawasaki RXP 215 - 07*.

Bastou uma única olhada nas embarcações para que localizasse a com o número 07 pintado na lataria, abaixo do banco. Era uma espécie de moto aquática mesclada com lancha em miniatura, no formato de um "V" maiúsculo, com capacidade para até três pessoas. Curiosamente era a única pintada nas cores preta e vermelha.

— Uau! Leon vai morrer de inveja quando eu lhe contar isso – sorriu, saltando para cima da moto-lancha, introduzindo a chave na ignição e girando-a. O motor Rotax, de 215 HP e 4 tempos com injeção eletrônica, entrou em ação, reverberando e quebrando a quietude da noite com suas 1500 *cc*.

Um instante sentado na RXP foi o suficiente para que ele se recordasse do curso relâmpago que foi obrigado a frequentar em Florianópolis, por ocasião dos exercícios para a segurança dos jogos do Pan2007, no Rio de Janeiro. Foram 28 horas/aula em apenas quatro dias, onde aprendeu tanto a pilotar jet-skis, quanto às motos aquáticas e minilanchas como aquela.

Com a adaga, Thomas cortou a corda que amarrava a RXP ao cais de Cancún, já olhando para o painel eletrônico digital com 18 funções, onde verificou a pressão do ar, a pressão marítima, o nível do óleo no motor, o indicador de temperatura e o marcador de combustível. Satisfeito com tudo, ele empurrou para frente a alavanca da transmissão. Lentamente, a RXP começou a se mover e assim que saiu do cais ele a empurrou até o limite máximo. A moto aquática deu um brusco salto a frente, adquirindo velocidade rapidamente. O ex-agente segurou-se firme ao volante, pois sabia que ela poderia ir de zero a vinte milhas/hora em apenas 1,35 segundos.

Segundos depois, ele praticamente voava pela lagoa de Punta Nizuc, deixando um rastro de espuma branca nas águas transparentes do Caribe.

A maresia, em alta velocidade, dava-lhe uma sensação indescritível de liberdade. Contudo, ao olhar para o retrovisor, sentiu o sangue gelar, quando divisou a figura de Memnon reerguendo-se de pé, na praia.

— Vamos lá, garota – murmurou para a Kawasaki, dando um tapinha de leve no painel. – Mostre-me do que você é capaz!

Àquela altura, Memnon já deixara a marina para trás e voava impetuosamente em seu encalço. Ele direcionou a RXP para um conjunto de canais e mangues que se localizava relativamente perto do ponto onde estava, pois sabia que, se existisse uma possibilidade de escapar do demônio com cara de índio, por mais remota que fosse, era lá que a encontraria.

— É isso aí! Vamos botar aquele paspalho para comer poeira, ou melhor, água – gritou novamente para a moto, como se as suas palavras pudessem fazê-la andar mais depressa. – O bastardo vai ter que suar muito, se quiser nos alcançar!

* * * * *

Duke correu de volta para o Volvo para proteger-se. Ao contrário de Uriel, que permaneceu completamente inerte, no meio-fio, com a MPK displicentemente colada ao lado do corpo, engatilhada e destravada, apenas esperando pelos demons que voavam em sua direção. O anjo, imóvel, aguardou até o último milésimo de segundo para agir.

Quando os atacantes estavam a pouco mais de três metros, Uriel saltou para o lado e ergueu a arma, com o dedo firme no gatilho. A Walther trovejou ininterruptamente, cuspindo uma chuva de chumbo quente sobre os seres alados.

Os demons prontamente reagiram, afastando-se para os lados e desviando dos projéteis, e avançaram em ziguezague pela avenida até o cercarem. Uriel não tinha como atirar nos dois ao mesmo tempo. Optou por eliminar o que vinha pela direita. Girou a arma para aquele lado e disparou. O demon foi alvejado com uma saraivada no peito, despencando a poucos metros dos pés do anjo. Nisto, o seu parceiro atacou pelo flanco esquerdo. Uriel instintivamente virou-se, bloqueando com a submetralhadora um golpe fatal dirigido à sua cabeça. A força do impacto da lâmina azul da espada do demônio contra a MPK foi tanta, que chegou a produzir faíscas, e a arma voou para longe das mãos do anjo, partida em duas. Uriel recuou alguns passos, assustado. Tropeçou no cordão da calçada e caiu de costas no asfalto. Vendo-o indefeso, o demônio sorriu sadicamente, enquanto erguia a espada para desferir-lhe o golpe final.

Foi quando Duke emergiu da escuridão, qual assombração, crivando o seu corpo de balas. O demônio estremeceu, executando a macabra dança da morte, antes de cair de bruços no chão.

— Isto foi para você aprender a não se meter com os guerreiros da luz! – o negro declarou, olhando num rompante para Uriel. – Fazia tempo que eu queria dizer isso!

— Obrigado – Uriel agradeceu. – Eu sabia que eles tentariam primeiro me matar e somente depois iriam atrás de você. Duke abriu a boca para dizer algo, mas conteve-se ao perceber, sobre os ombros do companheiro, uma sombra em movimento.

— Cuidado! – o americano gritou. – Atrás de você!

Uriel atirou-se para o lado, abaixando-se, no exato momento em que a lâmina de uma espada zuniu, cortando o ar, no ponto onde estivera o seu pescoço um décimo de segundo antes. Era o primeiro demônio que já havia se recuperado dos ferimentos e o atacava novamente.

Duke ergueu a arma, mas reteve o dedo no último instante, uma vez que Uriel encontrava-se entre ele e o alvo. O anjo girou sobre o eixo do próprio corpo, agarrando o punho que segurava a lâmina, impedindo-o de manejá-la contra si, enquanto que com a mão livre golpeava forte o rosto do adversário. Com a violência do soco, o demon foi impelido para trás, tropeçando no parceiro ainda caído e, perdendo o equilíbrio, desabou. A espada caiu ruidosamente no asfalto, no que Uriel a chutou para longe. Mas, ao tombar, o demônio agarrou-se firmemente nas pernas do anjo, fazendo com que ambos fossem ao chão e rolassem pela avenida, empenhados numa ferrenha luta corporal. E enquanto os dois seres mitológicos lutavam no asfalto, Duke infrutiferamente tentava mirar o demon. Entrementes, toda vez que chegava perto de conseguir, Uriel colocava-se novamente entre os dois. Foi durante uma de suas frustradas tentativas, que, pelo canto dos olhos, o americano notou uma silhueta se movendo ao fundo.

Era o segundo demônio que se levantava, já plenamente recuperado.

— Mas que droga! – praguejou nervoso. – Por que é que esses caras não morrem como todo mundo? Definitivamente, eu detesto essa porcaria de regeneração celular!

O demon o enxergou. E, de espada em punho e com uma expressão de selvageria estampada no olhar, atacou-o, sedento de sangue.

Duke apontou a submetralhadora para ele e acionou o gatilho, tão somente para constatar que a arma estava sem munição.

— Só me faltava essa, agora! – resmungou, enquanto atravessava em disparada a rua à procura de outra que a substituísse.

Mas não havia mais nenhuma à disposição. O americano virou-se, bem a tempo de observar o demônio pousar na sua frente, com menos de um metro separando-os. Não pensou duas vezes e jogou a arma vazia nele. Com um simples tapa, a criatura a desviou.

— Desista, humano desprezível – vociferou o demon, deleitando-se com o terror que infligia à sua vítima. – Não há para onde fugir!

Duke analisou todas as alternativas e chegou à conclusão de que não eram nada animadoras. Foi quando uma ideia muito doida passou pela sua cabeça e ele resolveu

arriscar, afinal de contas, não tinha nada a perder mesmo.

— Você vai me matar? – indagou, fazendo uma expressão de medo, maior do que realmente sentia.

Em resposta, o demônio limitou-se a erguer a espada.

— Tudo bem. Pode ir em frente, eu não vou resistir – Duke declarou resignado. – Mas, antes que você me mate, posso lhe fazer uma pergunta? Só uma... É como se fosse o meu último desejo!

Surpreso, o demon ficou sem reação. Pesou as implicações de tal pedido e, com a curiosidade aguçada, acabou concordando.

— Fale logo – ele vociferou. – Antes que eu me arrependa!

— É que um anjo me disse, certa vez, que os demônios não têm órgãos genitais. – o negro especulou sério. – Que vocês são hermafroditas, como as minhocas, e que as suas mulheres precisam buscar parceiros sexuais em outras espécies. Sendo assim, eu gostaria de saber se é por causa disso que a maioria de vocês possui esses chifres?

— Seu cretino! Insolente! – o demônio rugiu furioso, não só por ter sido feito de bobo, mas principalmente por ter a sua masculinidade posta em dúvida por um reles humano. Com os olhos escarlates fervilhando de ódio, deu um passo a frente e girou a espada contra o pescoço do americano.

Duke agiu com extrema rapidez. Arremeteu o corpo para trás, deixando-se cair sentado no chão, no que a lâmina afiada passou a milímetros de seu rosto, raspando de leve na ponta do nariz, antes de chocar-se contra a parede de tijolos atrás dele. Enquanto caía, o negro esticou a perna para frente, acertando um potente chute na virilha do demônio, que, urrando de dor, abaixou a espada e curvou-se.

— Tudo isso, só por causa de uma perguntinha de nada? – o americano indagou, rindo e se afastando dele.

O demônio parecia a ponto de explodir de tanto ódio. Disposto a fazê-lo pagar caro por tamanha afronta, lançou-se com tudo para cima dele.

Duke saltou para o lado, escapando pela segunda vez da lâmina inimiga, e, com um ágil movimento de braço, cravou a adaga com força nas costas do seu oponente alado. O demônio estremeceu e ainda deu dois passos, antes de desmoronar, arfando muito, ao sentir o ar esvaindo-se dos pulmões perfurados pelo *criometal*. O sangue rapidamente chegou à boca e uma incômoda sensação de congelamento dominou-lhe o corpo. A dor nas costas, ao invés de ceder, aumentava ainda mais. Subitamente, foi sentindo-se fraco. Já não conseguia mais respirar, o ar não chegava aos pulmões e os olhos embaçaram. Aterrorizado, compreendeu o que estava acontecendo: era a mão negra da Morte que chegava para buscá-lo, enquanto a vida se esvaía pelo ferimento aberto das costas. Fitou

desesperado o seu algoz. Num último esforço, ele ainda logrou levantar-se, erguendo a espada. Cambaleou por alguns metros na direção do negro e, com um forte urro, caiu morto, afogado em meio a uma poça do próprio sangue.

Assustado, e por precaução, Duke afastou-se alguns passos. Por um longo espaço de tempo, o americano permaneceu ali, paralisado pelo horror, apenas contemplando-o chocado, sem conseguir afastar os olhos do demônio morto.

De repente, uma mão forte agarrou-o pelo ombro, tirando-o da letargia. E, num ato reflexo, em meio a um grito de pavor, o negro saltou para o lado, empunhando a adaga novamente.

— Calma. Sou apenas eu – Uriel sorriu.

— Nunca mais... faça isso! – o americano repreendeu-o ofegante, com o coração aos pinotes e, só então, reparou que o anjo, apesar de sujo de sangue, não aparentava estar ferido. – Cara, se eu continuar a conviver com esse tipo de situação, logo vou ter que começar a frequentar um bom cardiologista!

— Tudo bem com você? – Uriel perguntou, notando o estado lastimável em que ele se encontrava, todo sujo e com a ponta do nariz sangrando.

— O que você acha? – o negro encarou-o furioso e visivelmente descontrolado. – Somos atacados por um exército inteiro de mercenários satânicos duas vezes numa mesma noite e, então, um maldito demônio que insistia em não morrer, por pouco, não arranca a minha cabeça, aí vem você com essa sua mão idiota e quase morro de susto! E você ainda pergunta se eu estou bem? A resposta é não, não e não! Eu não estou bem! Tanto é que, quando tudo isso acabar, vou precisar passar o resto da vida fazendo terapia!

Uriel apenas olhou-lhe condescendente, permitindo que ele desabafasse.

Nem bem terminou de falar, Duke lembrou-se do segundo demônio, aquele com que Uriel lutava ferozmente antes de se separarem. Esticou o pescoço em direção ao lugar onde acontecera o combate e vislumbrou o corpo inerte do enviado de Lúcifer, estirado de costas no asfalto e com a própria espada encravada no peito.

— O que houve com o seu nariz? – o anjo perguntou curioso.

Só então o negro percebeu o sangue na ponta do nariz. Lembrou, de súbito, que, ao desviar-se da lâmina do demônio que agora jazia morto aos seus pés, fora atingido de raspão. O sangue subiu-lhe à face e, enfurecido, ele começou a chutar o corpo do infeliz, xingando-o com todos os palavrões, impropérios e desaforos que conhecia.

Uriel o conteve. E, a pedido do anjo, eles acomodaram os corpos dos demônios no furgão, já que os humanos, de um modo geral, ainda não estavam preparados para vê-los. E então, eles próprios também embarcaram no utilitário, já que o Volvo não apresentava mais a menor condição de circulação, e deixaram o ensanguentado campo de batalha

para trás.

Uriel tinha ciência de que o tempo de que eles dispunham era muito curto. Logo, as autoridades locais chegariam, fazendo uma avalanche de perguntas. Perguntariam sobre o que ocorrera ali e, principalmente, sobre a enorme quantidade de cadáveres espalhados pela avenida. E ele não pretendia, de forma alguma, ficar para responder. Também havia Thomas e o pacote com a *Chave Dois*. Precisavam encontrá-lo no hotel. Antes, porém, era imperioso que sumissem com os cadáveres dos demônios.

Pensando em tudo isso, ele pisou ainda mais fundo no acelerador.

* * * * *

Naquele mesmo instante, um outro acelerador também era acionado ao limite máximo de sua capacidade. A moto aquática saltava, praticamente voando sobre as ondas, a uma velocidade tamanha que qualquer falha de seu condutor implicaria em desastre e morte certa. O motor Rotax rugia, violando o silêncio da noite, enquanto a RXP cruzava como um raio pelos mangues e arrecifes de corais de Punta Nizuc. Em certos trechos, o canal se estreitava, e Thomas tinha que usar toda a sua perícia e astúcia para manter-se na tênue linha de águas, ladeada pela vegetação nativa. Em alguns pontos, a passagem se afunilava de tal modo que a Kawasaki precisava passar quase raspando entre as duas margens laterais e, em outros, a situação invertia-se e o guerreiro da luz se via em mar aberto, até atingir o próximo agrupamento de ilhas.

E foi em um desses agrupamentos que Thomas penetrou em um manguezal um tanto sinuoso, onde se via obrigado a fazer muitas curvas acentuadas para desviar-se dos barrancos e dos galhos de árvores que se interpunham à frente. E, para piorar, ele não podia nem pensar em reduzir a velocidade da RXP, posto que o seu implacável perseguidor alado se aproximava. Ele voava acima da linha das árvores e, com isso, encurtava rapidamente a distância entre os dois.

De repente, Thomas olhou sobre o ombro e assustou-se ao vê-lo a poucos metros da moto-lancha. Instintivamente, o ex-agente retirou a MPK das costas e, da maneira como pôde, disparou uma rajada curta contra ele. Os projéteis passaram longe, mas fizeram com que o demon recuasse, antes de investir novamente contra a presa.

Thomas precisou abaixar-se para desviar de um galho grosso que transpunha o canal de um lado ao outro, à altura de sua cabeça, como uma espécie de ponte natural entre as duas ilhas que o cercavam.

— Ufa! – exclamou, erguendo-se novamente. – Essa foi por pouco!

Arriscou mais olhada sobre o ombro, no que constatou que estranhamente o seu

perseguidor não estava mais lá. Ele sumira de vista.

O brasileiro perscrutou todo o canal e os manguezais ao redor e não encontrou nenhum vestígio dele. Procurou então, no céu, até aonde os seus olhos alcançavam, e nada... O demon desaparecera como num passe de mágica, sem deixar rastros! Quem sabe, mudara de ideia e resolvera deixá-lo em paz ou, talvez, exausto de persegui-lo, resolvera descansar um pouco antes de continuar.

Entrementes, e por via das dúvidas, o ex-agente preferiu não crer em nenhuma das duas hipóteses e, dando de ombros, prosseguiu com a sua jornada noturna entre os arrecifes de corais de Cancún, percebendo a sutil beleza do lugar. Era uma pena que a escuridão da noite ocultasse a maior parte das suas maravilhas naturais, como a riqueza da vegetação das ilhotas e os animais que as habitavam, os enormes paredões de corais multicoloridos, a fauna e a flora marinhas, além do próprio mar de águas claras, límpidas e semitransparentes do Caribe. À luz do Sol, teria sido um excelente passeio. Porém, naquele momento, dispunha apenas do luar, que ao penetrar através dos galhos das árvores revelava-lhe, tão somente, onde era água e onde era terra, e nada mais.

Guiado pela tênue luz da Lua, Thomas percebeu que logo adiante seria obrigado a fazer uma curva bastante fechada, no formato de um “L” maiúsculo. Sabendo que jamais conseguiria vencê-la naquela velocidade, retraiu a alavanca da transmissão, reduzindo assim a rotação do motor. A RXP desacelerou abruptamente, pouco antes de entrar na curva, de modo que foi relativamente fácil para o ex-agente mantê-la sob controle durante toda a manobra. E ele já estava quase terminando de vencer a curva, quando notou um movimento atípico na margem direita do canal.

A partir daí, foi tudo muito rápido, impossibilitando qualquer chance de reação por parte do brasileiro. Memnon emergiu do meio das árvores, voando rasteiro sobre a moto aquática. Ele veio por trás e agarrou Thomas pelas costas, erguendo-o no ar. A RXP, por sua vez, dançou descontroladamente de um lado para o outro, até chocar-se frontalmente contra uma pedra saliente, à beira de um barranco. Com a violência do impacto, o motor Rotax não resistiu e explodiu, transformando-se em uma gigantesca bola de fogo. Por alguns segundos, a noite tornou-se dia e a tranquilidade habitual de Punta Nizuc foi substituída por um possante estrondo que certamente fez até o mais corajoso dos animais residentes nas ilhotas estremecer de medo.

Thomas foi pego de surpresa e, quando percebeu, literalmente flutuava sobre os manguezais, enlevado pela jaqueta de couro, enquanto era conduzido na direção de uma ilhota específica. Lá chegando, Memnon arremessou-o brutalmente de encontro aos galhos mais altos de uma frondosa árvore ribeirinha. Ele colidiu de cheio contra o tronco. A pancada deixou-o tonto, arrancando-lhe momentaneamente as forças. Mas, antes que

ele caísse no vazio, o demônio, o agarrou de novo pela jaqueta e, pousando sobre um galho, aparentemente capaz de suportar o peso de ambos, virou-o de frente e fê-lo sentar-se, a sete metros de altura do solo.

— Acabou – rugiu ele. – Primeiro vou pegar a *Chave Dois* e depois vou matá-lo, bem lentamente. O que, confesso, será um imenso prazer.

Thomas tentou, mas não foi capaz de mover os lábios ensanguentados. Ainda se sentia bastante tonto e não conseguiu evitar que o rival lhe arrancasse o embrulho e a arma das mãos. Limitou-se a observá-lo, torcendo que a regeneração celular entrasse logo em ação, desanuviando sua cabeça e restabelecendo um mínimo da sua habitual força.

A MPK foi sumariamente arremessada dentro do canal, afundando rapidamente nas águas calmas e cristalinas. Quanto ao pacote, Memnon decidiu-se por abri-lo ali mesmo, no topo da árvore, cortando com a lâmina azul da espada as estreitas tiras de couro que o amarravam. Em seguida, desembrulhou-o, admirando deslumbrado, a estrela de ouro de seis pontas. Com cuidado e reverência, posicionou-a sob um filete de luz da Lua que forçava passagem através do espesso emaranhado de folhas e galhos acima deles. Ao fazê-lo, a peça brilhou como se adquirisse luz própria, ofuscando-lhe a visão. Satisfeito com o resultado, o índio a enfiou numa pequena bolsa de couro que trazia presa à cintura e encarou o pedaço de pele em que ela se mantivera envolta por tanto tempo. Julgando não ter mais nenhuma utilidade, descartou-o, arremessando-o por sobre os ombros.

E, tão logo o fez, aproximou-se de Thomas, guardando a espada na bainha presa ao cinto. No lugar dela, uma adaga materializou-se em sua mão.

— Agora chegou a sua vez, humano execrável – ele rugiu. – Pretendo cortá-lo em tantos pedaços que jamais os seus amigos vão conseguir encontrar todos...

Memnon estava a um passo de Thomas, quando o brasileiro, de súbito, reagiu. O ex-agente girou o corpo sobre o próprio eixo e, num ágil e rápido movimento de pernas, pôs-se de pé, com a adaga cedida por Uriel na mão, viajando diretamente para o pescoço de seu oponente. Memnon agiu por puro reflexo, no que se arremeteu para trás, erguendo instintivamente o braço. Com isso, bloqueou o golpe fatal, mas a lâmina cravou-se no antebraço direito, atravessando-o de fora a fora. Urrando de dor, o demon acertou um forte chute no peito do brasileiro, que, perdendo o equilíbrio, despencou qual um fruto maduro de cima da árvore, batendo de galho em galho, até o chão. A violenta trombada do corpo de Thomas sobre o instável barranco ribeirinho da ilhota fez com que um substancial pedaço deste se desprendesse e desmoronasse, arrastando-o consigo para dentro da lagoa. Por um átimo de segundo, o brasileiro ficou suspenso no ar, até que finalmente afundou desmaiado nas águas do canal.

— Seu miserável! – Memnon gritou, removendo a adaga do braço. E enrijeceu-se ao

deparar com a lâmina levemente azulada. – É *criometal*... Maldito humano! Vou arrancar cada gota do seu sangue!

Estava pronto para ir atrás de Thomas, quando avistou, com o canto dos olhos, a figura de um anjo voando em sua direção. Levou a mão à espada, mas a dor lacerante no antebraço o impediu de retirá-la da bainha.

— Maldição! – praguejou, concluindo que não poderia lutar com o anjo daquele jeito. E então, decidiu abandonar o campo de batalha, no que abriu as enormes asas e voou para longe dali.

* * * * *

Uriel viu o demônio fugir e até pensou em ir atrás dele, mas um pressentimento fez com que olhasse para baixo, no que avistou um corpo afundando lentamente nas águas do canal. Reconheceu as roupas.

— Por *Ethernyt*! – exclamou alarmado. – É Thomas!

Sem medir as consequências, o anjo mergulhou e agarrou-o pela gola da jaqueta, arrastando-o para fora da água. Para o seu alívio, um exame mais detalhado revelou que o brasileiro ainda respirava. Apesar de bastante machucado e com alguns ossos quebrados, ele sobreviveria.

Exausto e ofegante, Uriel deixou-se cair sentado ao seu lado. Por sorte, Duke avistara o clarão provocado pela explosão da RXP e ele decidira investigar a sua origem.

O anjo recordou-se do motivo que os levara a passar por tudo aquilo: a "*Estrela de David*". Ignorando o cansaço, ajoelhou-se ao lado do amigo desacordado e o revistou. Nada nos bolsos. Não encontrou o embrulho que lhe confiara.

— Não pode ser... – murmurou desolado, ao concluir que haviam falhado em sua missão. – Os demons estão com a *Chave Dois*!

Levando as mãos ao rosto, Uriel deixou-se cair de costas no chão. Era o fim da linha. Estava tudo acabado. Eles haviam perdido. Lúcifer, que já possuía a *Chave Um*, logo poria as suas mãos pútridas e nojentas na sua irmã gêmea e, por tabela, no *Cofre da Morte* e no temível "*Vírus D*". A Terra sucumbiria e a humanidade deixaria de existir. Desesperou-se, perdendo de vez toda e qualquer esperança no futuro. Fechou os olhos, na vã tentativa de livrar-se daquele terrível pesadelo. Mas eis que, ao abri-los novamente, e voltá-los para o céu, ele notou algo preso em um galho, poucos metros acima de onde estavam. A coisa destoava da paisagem, balançando, suavemente embalada pela brisa que soprava da lagoa.

— Por *Ethernyt*! – Uriel sentiu o coração disparar, ao identificar o objeto.

Uma renovada onda de esperança invadiu-lhe por inteiro.

Nem tudo estava perdido... Afinal de contas, ali, dependurada naquele galho, se encontrava a pele que por mais de dois mil anos havia protegido a verdadeira *Chave Dois* do *Cofre da Morte*!

# CAPÍTULO XI

A cabeça doía, assim como quase todo o seu corpo. Tateando, ele reparou que se encontrava deitado de costas entre duas poltronas não muito confortáveis e escorado por um pequeno travesseiro. Os ouvidos treinados captaram um ruído fraco, porém intermitente, de motor. Tentou abrir os olhos. Uma forte luz ofuscou-os, forçando-o a cerrá-los novamente. Então, mais devagar, repetiu o processo, abrindo-os aos poucos e acostumando-se paulatinamente com a brusca mudança na claridade do ambiente.

Foi quando percebeu que estava no interior de um jatinho, o que explicava as poltronas desconfortáveis e o ruído intermitente de motor. Mas como viera parar ali? Juntando os fragmentos de memória, recordou-se dos últimos acontecimentos, antes de perder a consciência: a emboscada em Cancún, o pacote lhe sendo entregue, a fuga de moto, o demônio com feições indígenas no meio da rua, a perseguição na lagoa de Punta Nizuc, a trombada com a árvore, a frieza do demônio ao roubar-lhe a *Chave Dois* e, por fim, a queda e a escuridão. Esforçando-se, conseguiu sentar. A cabeça latejou e ele gemeu.

— Uriel, ele acordou – Duke anunciou alegre.

O anjo sentou-se diante dele, com o americano ao lado.

— Você está bem? – indagou em tom preocupado.

— Um pouco dolorido, mas nada que uma boa dose dupla de "*Scotch*" não resolva – Thomas respondeu, massageando o pescoço.

— Sinto muito, não temos bebidas alcoólicas a bordo – Uriel declarou, aliviado por constatar que estava tudo em ordem com o companheiro.

— Bem... Neste caso, um analgésico e um copo de água já estão de bom tamanho – Thomas coçou a cabeça com as pontas dos dedos.

— Eu vou buscar – Duke prontificou-se, sumindo pelo corredor.

— Como foi que eu vim parar aqui? – o brasileiro indagou.

— Nós estávamos indo para o hotel, encontrá-lo, quando vimos uma explosão no meio da lagoa – o anjo explicou. – Eu resolvi investigar e o encontrei tomando banho de rio desacordado. O resto você pode deduzir sozinho!

— Pelo visto, eu estou lhe devendo mais uma – Thomas agradeceu. – Obrigado, Uriel, é a segunda vez que você salva a minha vida.

— Eu só estava no lugar certo, na hora certa – ele sorriu.

— E o demon com cara de índio? Você o pegou? – Thomas inquiriu.

— Infelizmente não. Tive que optar entre salvá-lo ou ir atrás dele...

Thomas praguejou. Sabia muito bem quais eram as implicações das palavras do anjo: a perda da *Chave Dois*.

Duke retornou com um par de comprimidos e a água. O brasileiro reparou que ele machucara a ponta do nariz. Um esfolão deixara-o vermelho e inchado, assemelhando-se ao nariz de um palhaço. O ex-agente precisou controlar-se para não rir. Apanhou os comprimidos e a água, ingeriu-os e agradeceu. Mais uma olhada para o rosto do negro e ele não resistiu.

— O que foi isto no seu nariz? – apontou. – Está parecendo que você foi escalado pelo Papai Noel para substituir a rena do nariz vermelho no próximo Natal.

— Engraçadinho... – Duke desdenhou. – Trata-se de um ferimento de guerra e o demônio que o causou agora está no fundo do mar, sendo devorado pelos peixes, o desgraçado!

— Bem... Deixando as cicatrizes de guerra de lado, a esta altura, vocês já devem ter reparado que eu não estou mais com a *Chave Dois* – o ex-agente da PF comentou envergonhado. – O sujeito que me atacou a levou. Eu fui incapaz de protegê-la. Falhei justamente no momento mais crucial.

— Não foi culpa sua – Uriel abrandou. – Ninguém poderia imaginar que haveria um terceiro demônio esperando-o. E além do mais, você fez tudo o que estava a seu alcance para tentar impedi-lo.

— Sim, mas pelo visto não foi o suficiente – Thomas o encarou sério. – E agora? O que faremos? Sem a *Chave Dois*, jamais conseguiremos descobrir a localização do *Cofre da Morte* antes de Lúcifer!

— Hum... Eu não estaria tão certo disso – Uriel declarou confiante. – Nós ainda temos uma poderosa carta na manga!

— Do que é que você está falando? – o brasileiro quis saber intrigado.

— Eu não sei por que razão, mas durante a fuga o demon esqueceu-se, ou então, simplesmente desconhecendo a sua real importância, descartou a pele que envolvia a *Estrela de David*, e eu a achei dependurada num galho de árvore – o anjo mencionou triunfante, retirando-a do bolso e mostrando-a dobrada aos atônitos companheiros.

— Eu não entendo que importância pode ter um pedaço de pele velha? – Duke manifestou-se confuso.

— A *Estrela de David*, sendo a *Chave Dois* do *Cofre da Morte* – o anjo elucidou –, em conjunto com a *Chave Um* pode abri-lo, todavia, não revela a sua localização!

— O que você está querendo dizer? – Thomas indagou, sentindo de antemão que ficaria animado com a resposta.

— Por sorte, estava escuro e o demônio não viu isto – Uriel desdobrou a pele e a

esticou, com a parte interna voltada para os companheiros.

Thomas precisou se conter, para não gritar e para que o seu coração não saltasse pela boca, ao divisar no verso da pele, um comprido texto, todo escrito à mão e com uma tinta de tonalidade acastanhada, pouco mais escura que a sua própria cor, tornando-se quase imperceptível.

— Minha Santa Edwiges! – Duke murmurou abismado, levando a mão à boca.

— Isto é o que eu estou pensando? – Thomas interpelou.

— Sim – o anjo assentiu. – Isto é um mapa. Ou melhor, o mapa que vai nos levar diretamente ao verdadeiro *Cofre da Morte*!

* * * * *

Gabriel reconheceu de imediato a tonalidade acastanhada da tinta impressa no verso da pele. Acomodado atrás de uma escrivaninha, ele tinha à sua frente somente Thomas, Uriel e Duke, recém-chegados a Londres.

— Essa tinta... – disse o anjo. – Parece-me a mesma que era usada na época de Cristo, produzida a partir da mistura entre fuligem de carbono, borra de vinho, resina e seiva de sépia.

— Mas, é claro! – Uriel acrescentou. – Foi nessa época, que nós tivemos o último contato com os cientistas e lhes demos a conhecer os nossos planos para a etapa final do advento das religiões: o Projeto Redenção, que culminou na história de Jesus!

— Que tal vocês dois pararem com essa enrolação e irem direto ao que interessa? – Thomas sugeriu. – Eu gostaria é de saber o que está escrito aí nessa porcaria, pois não entendi uma palavra sequer deste texto idiota.

— Você não entendeu porque ele foi escrito em latim arcaico – o Arcanjo explicou tranquilamente. – E, além disso, está codificado!

A porta do escritório se abriu, cedendo passagem a Barrabás, Desirée, Sarah e Leon. Todos se cumprimentaram e tomaram os devidos lugares.

— Ei, Duke, o que aconteceu com o seu nariz? – Leon perguntou ao americano em tom de gozação. – Já sei. Você andou mentindo e ele cresceu.

— Pinóquio é a tua mãe! – Duke revidou, fingindo-se de ofendido. – Isto aqui é um ferimento de guerra. Portanto, eu exijo mais respeito!

A brincadeira serviu para descontrair o ambiente e todos riram, inclusive ele.

— Senhores – Gabriel pediu atenção, fitando-os com a expressão séria. – Agora que estamos todos aqui, acredito que nós já podemos começar a reunião, e sugiro que não percamos tempo, pois encontramo-nos com um imenso problema nas mãos!

Ele e Uriel resumiram os últimos acontecimentos, atendo-se apenas aos eventos mais relevantes.

— E isto é tudo o que temos – finalizou, mostrando a pele amarelada.

— Posso dar uma olhada? – Sarah solicitou.

Gabriel estendeu-lhe o objeto. A menina o apanhou nas mãos e fixou os olhos no texto, lendo-o em voz alta:

*T: Eternum, ad suus gaudium, in eternum, a divinus.*

*r: In vestri regnum, a paradise, in suus deity, eternum, a vestri regnum.*

*i: In divinus, ad filius, in caelum, in filius, a ominipotens.*

*t: In divinus, ad eternum, a sanctus.*

*h: In vestri luxlucis, ad suus gaudium.*

*e: Perpetuus, in filius, pro totus infinitio.*

*m: Perpetuus, in filius, ad abbas, in vestri luxlucis, a divinus.*

*i: In paradise, hodie & usquequaque.*

*u: In abbas, ad filius, in suus gaudium, ad eternum, a divinus.*

*s: In caelum, ad filius, in eternum, a divinus.*

*V: In hominis dolor, ad veritas, eternum, in vita & mortis, ad eternum.*

*I: In hominis dolor, ad veritas, in filius, a timor bellum, ad veritas.*

*I: In vestri regnum, ad filius, in suus gaudium, a hominis dolor, in paradise, ad eternum.*

— Eu o traduzi – o Arcanjo comentou. – Aparentemente, trata-se de uma oração antiga e sem nenhum sentido lógico, com várias sentenças repetidas e algumas letras isoladas precedendo cada frase, mas deslocadas do contexto geral. Contudo, eu tenho certeza quase absoluta de que se trata de uma espécie de código criptográfico. Só não consegui ainda identificar qual.

E então, ele mostrou uma folha de papel com a tradução:

*T: Eterna, a sua felicidade, no eterno e divino.*

*r: No vosso reino, o paraíso, na sua divindade, eterno, o vosso reino.*

*i: No divino, o filho, no céu, no filho, o onipotente.*

*t: No divino, o eterno, o santo.*

*h: Na vossa luz, a sua felicidade.*

*e: Perpétuo, no filho, por todo o infinito.*

*m: Perpétuo, no filho, o pai, na vossa luz, o divino.*

*i: No paraíso, hoje e sempre.*

*u: No pai, o filho, na sua felicidade, o eterno e divino.*

*s: No céu, o filho, no eterno e divino.*

*V: Na dor do homem, a verdade, eterna, na vida e na morte, o eterno.*

*I: Na dor do homem, a verdade, no filho, o medo da guerra e a verdade.*

*I: No vosso reino, o filho, na sua felicidade, a dor do homem, no paraíso, o eterno.*

— Gabriel – Sarah acrescentou com a pele na mão. – Você está absolutamente certo. Isto até pode parecer, porém, não é uma simples oração, sem sentido aparente. Tudo aqui faz sentido, basta analisarmos pelo ângulo correto.

Todos os olhares da sala voltaram-se para ela.

— E que ângulo seria esse? – o Arcanjo quis saber.

— Esta oração, confusa e sem nenhum nexo, não o faz recordar de nada? – ela indagou, incentivando-o a raciocinar.

— Não – ele respondeu, puxando da memória.

— Observe as letras que você afirma estarem deslocadas do contexto geral. Elas são a chave para a solução do enigma, posto que formam uma espécie de jogral, que lido de cima para baixo resulta na expressão: "*Trithemius VII*"!

— Por *Ethernyt*! – o anjo loiro empalideceu. – Não pode ser...

— Pode sim, Gabriel – Sarah sintetizou. – Tanto, que nós estamos diante de uma versão em latim da famosa "*Ave Maria de Trithemius*"!

* * * * *

Enquanto isso, no outro extremo da Europa, em um castelo na Romênia, os dois corpos moviam-se freneticamente sobre uma imensa cama de casal do século XVIII, unidos como se fosse um só, num intenso e animado ritual de prazer e luxúria.

Os protagonistas da fogosa cena de amor estavam quase a ponto de atingirem o clímax juntos, quando foram subitamente interrompidos pela inoportuna e estridente campainha do telefone, sobre o criado-mudo.

— Não atenda... Por favor... – a demon de pele avermelhada implorou ao amante que a penetrava ardentemente. – Isso... Assim... Não... Não pare... Continue...

E ele se sentiu tentado a ignorar o aparelho e continuar com o sexo prazeroso e revitalizador que somente ela conseguia lhe proporcionar. Tivera inúmeras amantes antes dela, e mesmo depois de tomá-la para si, mas nenhuma outra se igualava a ela. Zelfa era simplesmente incomparável: arrebatadora e implacável na cama. E ela sabia como

manipular os seus instintos masculinos, satisfazendo plenamente a cada uma e a todas as suas necessidades sexuais.

O telefone vibrou novamente.

Por mais que desejasse e se sentisse tentado a fazê-lo, ele não podia meramente ignorar o chamado. Esperava por aquela ligação, de modo que precisava atendê-la. Com um salto, saiu de cima da amante e sentou-se na cabeceira da cama, levantando o fone do gancho.

— O que você quer? – rosnou, ignorando as lamentações de Zelfa, inconformada por ter o ato sexual encerrado tão abruptamente.

Lúcifer escutou, pacientemente, por alguns segundos, secando as gotas de suor que escorriam pelo rosto, com a toalha que Zelfa lhe alcançara.

— Muito bem. Já estou indo – rugiu. – Nos encontramos na biblioteca, em vinte minutos!

Recolocou o fone no gancho e levantou-se, dirigindo-se ao banheiro. Pretendia tomar uma ducha antes de encontrar-se com Memnon.

— Você vai sair assim? – Zelfa quis saber. – E quanto a mim?

— Assuntos urgentes requerem a minha atenção imediata – Lúcifer redarguiu, asperamente. – Mas prometo não demorar mais do que o estritamente necessário!

Vinte minutos depois, os dois demônios estavam frente a frente, na biblioteca do castelo romeno com o qual Lúcifer presenteara a amante, e que agora se transformara na sua nova base de operações. O senhor dos demônios percebeu que o índio estava com o antebraço seriamente machucado, mas preferiu não perder tempo com aquilo.

— Onde está? – indagou, esticando a mão para ele.

Memnon retirou a *Estrela de David* da pequena bolsa de couro presa à cintura e entregou-a ao seu comandante.

Lúcifer analisou-a minuciosamente e por um longo período de tempo, girando-a em todos os ângulos possíveis e imagináveis, à procura de um detalhe que Memnon nem sequer imaginava existir.

— Eu não estou vendo nenhuma indicação de onde o *Cofre da Morte* pode estar. – Lúcifer enfatizou. – Você tem certeza de que essa é mesmo a *Chave Dois*? A *Estrela de David* original?

— Absoluta – o índio respondeu. – Os meus homens testemunharam quando ela foi retirada, por Uriel e os humanos, do *Templo dos Guerreiros* em Chichén Itzá.

— E eles lhe disseram se havia algo mais? Uma caixa, um pedaço de tecido, um envoltório, ou qualquer outra coisa que pudesse conter um mapa?

Memnon imediatamente lembrou-se da película que descartara, mas admiti-lo a

Lúcifer seria o mesmo que assinar a própria sentença de morte.

— Não – ele mentiu. – Se havia algo mais, não fui informado.

— Seu imprestável, incompetente! – Lúcifer esbravejou furioso. – Sem o mapa, jamais encontraremos o maldito cofre! Está na cara que os anjos o ludibriaram mais uma vez e, o que é pior: estão de posse do mapa. Maldição!

O índio estremeceu de medo, diante do olhar furioso com que o seu comandante o encarava.

— E agora, seu ignóbil... O que você sugere que façamos? – Lúcifer indagou-lhe, avançando irado em sua direção.

— Senhor – Memnon argumentou, recuando para longe das mãos assassinas do líder – Se os anjos estiverem de fato com o tal mapa, eles certamente encontrarão o *Cofre da Morte*, porém, jamais conseguirão abri-lo sem as chaves que estão em nosso poder! Sugiro deixarmos que eles o encontrem para nós e, então, os interceptamos e destruímos. E o agente biológico será todo nosso!

— Explique-se melhor – Lúcifer conteve o ímpeto que sentia de matar o índio ali mesmo e resolveu conceder-lhe mais uma chance.

— De certa forma, nós temos como monitorar todos os seus passos – o demônio de feições indígenas regozijou-se, sacando do bolso do sobretudo de lã um dispositivo rastreador via satélite de última geração. – Ainda no México, por uma determinação minha, nossos soldados conseguiram implantar um microchip localizador em Uriel, o braço direito do Arcanjo!

* * * * *

— Ave Maria? Trithemius? – Thomas manifestou-se. – Do que diabos vocês dois estão falando?

— Isto está me cheirando a mais uma espécie de quebra-cabeça sem graça como os que tivemos que decifrar seis meses atrás, só que em latim – Leon brincou.

— De certa forma é isso mesmo – Sarah aclarou. – A "*Ave Maria de Trithemius*" é, na verdade, um código criptográfico de substituição polialfabética, o que torna a nossa tarefa de decifrá-lo um pouco mais complicada.

— Eu espero que vocês saibam decodificá-lo, para que possamos descobrir o que está oculto nas suas entrelinhas – Desirée declarou ansiosa.

— Sabemos. Contudo, precisamos da chave mnemônica correta. Sem ela, jamais conseguiremos sequer encontrar a mensagem criptografada, quanto mais, decifrá-la! – Gabriel explicou.

— E onde se consegue essa coisa? – Thomas perguntou.

— Acho que sei a quem recorrer – o Arcanjo pegou o celular e discou o número sete duas vezes.

Esperou alguns segundos.

— Kamael – falou, assim que o general dos anjos atendeu do outro lado da linha. – Eu preciso de um favor seu: você poderia trazer aqui no escritório aquele seu livro de esteganografia militar ethernytiana?

Enquanto o anjo loiro falava, Thomas e os outros apenas o observavam.

— Tudo bem... Eu aguardo, mas não demore muito – pediu, antes de recolocar o aparelho no bolso.

— E então? – Sarah indagou. – O que ele disse?

— Que vai encontrar o livro e em seguida o trará para nós!

— O que é esse bendito livro? – Thomas indagou curioso.

— Trata-se de um compêndio de todos os códigos secretos militares de *Ethernyt* – ele respondeu. – Se existe uma chave para decifrarmos esse texto, ele nos revelará!

— Kamael também está aqui? – Duke indagou surpreso, pois até onde ele sabia, o general dos anjos jamais deixava a Fortaleza da Montanha.

— O General Kamael veio a Londres para experimentar uma prótese que mandei fazer especialmente para ele – Gabriel justificou.

Era do conhecimento de todos os presentes que o anjo de asas negras perdera a mão esquerda ao tentar salvar um companheiro da morte, durante o primeiro embate contra o exército dos demons, na sangrenta batalha da Fortaleza da Montanha. E, desde aquele trágico dia, ele vinha tentando se readaptar da melhor maneira possível sem a mão, o que, para um soldado, acostumado a lutar e a treinar pessoalmente seus subordinados, não era nada fácil.

— Enquanto ele não chega – Desirée solicitou –, que tal se vocês nos contassem um pouco mais sobre esse tal Trithemius?

— Johannes Trithemius foi um abade alemão de origem humilde, nascido em 1462, e que, aos vinte anos de idade, durante uma viagem, passou uma noite em um mosteiro em Sponheim – Gabriel começou a narrativa. – Na manhã seguinte, ao voltar à estrada, foi surpreendido por uma forte nevasca, que o obrigou a retornar para o mosteiro. E durante os vários dias em que permaneceu enclausurado lá, esperando a tempestade passar, ele meditou muito, chegando à conclusão de que aquela nevasca era um sinal de que deveria se tornar um monge. Após um ano como monge, acabou sendo eleito abade. E como abade, Trithemius foi um exímio reformador, ávido por restabelecer a glória e a antiga magia perdida dos “Séculos de Ouro” da vida beneditina medieval! E durante a sua

gestão, ele reformou a biblioteca do mosteiro, ampliando-a de quarenta para mais de dois mil livros, em vinte anos. E foi em um desses livros que o jovem abade encontrou a maior paixão da sua vida: a esteganografia, um ramo da ciência que estuda a cifragem de textos, em que uma mensagem secreta codificada oculta-se dentro de uma mensagem clara, transformando-se em um código criptográfico de substituição polialfabética. E então, Trithemius elaborou o seu próprio sistema de codificação, e o transcreveu para um de seus livros. E este código de Trithemius recebeu a alcunha de "Ave Maria", devido à sua semelhança com a oração de mesmo nome...

— Espere aí – Thomas o interrompeu. – Há alguma coisa errada nessa história. Como é que um abade alemão, que viveu no século XV, poderia ter inspirado os anjos cientistas de *Ethernyt* a transcreverem uma mensagem cifrada, usando o seu sistema de codificação, mil e quinhentos anos antes de seu tempo?

Gabriel abriu a boca para responder, mas Sarah antecipou-se a ele.

— O que Gabriel acaba de relatar é o que conta a história oficial de Trithemius. – ela explicou. – No entanto, a realidade nua e crua não ocorreu exatamente assim.

— Como? – Leon indagou, erguendo as sobrancelhas.

— Johannes Rueschenstein foi um dos maiores Grão-Mestres da Irmandade dos Guerreiros da Luz de todos os tempos – a menina revelou. – E toda essa história que o Arcanjo lhes relatou, até hoje considerada a oficial, foi parte integrante de uma bem elaborada estratégia para ocultar os nossos códigos secretos dos demônios!

— Códigos estes que, a bem da verdade, nasceram ainda em *Ethernyt*, durante a primeira grande guerra contra os demons – o Arcanjo acrescentou nostálgico –, e que resolvemos adotar também aqui na Terra, após o início da segunda.

Os cinco humanos se entreolharam estupefatos.

— Rueschenstein? – Leon questionou.

— O verdadeiro sobrenome de Johannes – Gabriel explicou.

— Era de se esperar... – Thomas desabafou, suspirando profundamente. – Mais um capricho dos anjos. Até o nome do sujeito era falso! Por que é que, em se tratando de vocês, nada é o que parece ser?

— Nós solicitamos a Johannes que adotasse o sobrenome Trithemius, como uma homenagem ao anjo idealizador dos nossos códigos secretos e que morreu ainda em *Ethernyt*, por ocasião da primeira guerra contra os demons – Sarah o interrompeu. – Entrementes, não pedimos a ele que o fizesse por um simples capricho, assim como também não foi por mero capricho que decidimos trancafiá-lo por quase toda a sua vida no mosteiro de Sponheim. A decisão partiu dele, para proteger-se de Lúcifer! Ao alterar o sobrenome, o jovem Johannes afastou toda e qualquer possibilidade de os demons

descobrirem o seu paradeiro, já que há muito o estavam caçando como a um cão raivoso, apenas por ter herdado do pai, também Grão-Mestre da Irmandade dos Guerreiros da Luz, o comprometimento de manter os códigos secretos ethernytianos em segurança e protegidos, até o fim de seus dias. E Johannes o fez, compilando as duas centenas e meia de pergaminhos, nos quais todos os códigos originais foram inicialmente manuscritos, transcrevendo-os para um único e exclusivo volume: o livro que atualmente o general Kamael mantém sob tutela.

— Voltando um pouco na história – Gabriel acrescentou. – Lúcifer pessoalmente assassinara os pais de Johannes. Como os demons obtiveram acesso ao sobrenome da família, sempre foi e ainda é uma incógnita. Mas, a tempo, descobrimos que o jovem Rueschenstein, por um providencial lapso do destino, sobrevivera ao ataque, porém, era impiedosamente caçado pelos demons. Concluímos então que, para o seu próprio bem, ele precisava mudar de nome e desaparecer do mapa por um tempo...

— Foi quando providenciamos a sua famosa viagem para Sponheim e a nevasca que o encarcerou no mosteiro – Sarah continuou. – Um plano mais que perfeito, pois Johannes permaneceu lá por mais de vinte anos, sem que ninguém desconfiasse de sua verdadeira identidade. Apenas Gabriel e eu sabíamos quem era ele realmente, de modo que fomos os seus únicos contatos, fora os monges do mosteiro, por vinte anos!

— E quanto à *Ave Maria*? – Barrabás adiantou-se. – Qualquer internauta, hoje em dia, pode ter acesso a ela, bastando meia dúzia de toques em seu teclado.

— É uma versão falsa, criada no intuito de distrair o inimigo – Gabriel declarou. – A verdadeira "*Ave Maria de Trithemius*" permanece onde sempre esteve, guardada a sete chaves, no livro de esteganografia militar ethernytiana de Kamael.

— Putz! – Desirée exclamou empolgada. – Que história!

Naquilo, a porta do escritório-biblioteca se abriu e Kamael entrou, trazendo um enorme livro, revestido por uma película escura, enegrecida e adornada por uma série de símbolos em alto-relevo – que nenhum dos humanos reconheceu – na capa.

Thomas cumprimentou-o, reparando que, no lugar da mão esquerda amputada, o general dos anjos exibia agora uma espécie de gancho biônico de cinco pontas. Mas, como os demais, não se atreveu a comentar coisa alguma.

Kamael cumprimentou a todos os presentes discretamente, com um breve aceno de cabeça, e sentou-se ao lado de Gabriel, na única cadeira vaga à mesa.

— Aqui está – largou o livro sobre a mesa – Agora me digam: o que exatamente vocês procuram?

— A chave mnemônica correta para quebrarmos o código contido neste texto, e que julgamos ser uma versão da "*Ave Maria de Trithemius*" – Gabriel apontou para a oração

escrita em latim na pele.

O general leu em silêncio o texto e o jogral circulado na tradução do Arcanjo e, só então, abriu o livro e folheou-o, até encontrar a página certa.

— Pronto, eis a sua chave – comemorou, repassando-o aberto para o Arcanjo.

— Excelente! – Gabriel vibrou. – Não percamos mais tempo.

Com papel e caneta nas mãos, os dois anjos se puseram a trabalhar. Os demais limitaram-se a observá-los, em silêncio absoluto, mas extremamente ansiosos.

Vários minutos se passaram. Cada segundo representava durar uma eternidade. Até que, de repente, o anjo loiro de uma vista só ergueu a cabeça sorridente.

— E então? – Thomas indagou impaciente. – Conseguiram alguma coisa? Vocês decifraram o maldito código?

— Encontramos a mensagem oculta do texto, se é isso o que você quer saber – o general respondeu.

— E o que ela diz? – Duke indagou, ávido de curiosidade.

Gabriel ergueu o papel onde transcrevera o código, devidamente decodificado, e o leu em voz alta:

— "*Unus malum sedeo sub in rex regis at genus deus: Khufu, Kheph, Menkau.*"

— Não entendi bulhufas! – Duke comentou, esboçando uma careta.

— E o que significa isso? Vocês poderiam traduzir? – Thomas pediu, irritado por eles não revelarem logo do que se tratava.

— Significa: "*O mal reside sob os reis da tríade divina: Khufu, Kheph, Menkau*". – Kamael traduziu. – Mas isto é irrelevante. O que realmente importa, é que nós já sabemos onde se encontra o verdadeiro *Cofre da Morte*!

# CAPÍTULO XII

— No Egito? – Thomas indagou. – Vocês têm certeza?

— Absoluta – Gabriel confirmou. – E sem margem de erro!

— Arcanjo, eu estou um tanto curiosa – Desirée interferiu, aproximando-se da mesa. – Como foi que vocês chegaram a esta conclusão?

— Aproximem-se todos. Vou demonstrar na prática como foi que decodificamos a "*Ave Maria de Trithemius*" – ele solicitou.

Os cinco humanos posicionaram-se ao redor da mesa.

— Muito bem – ele começou. – Como já foi dito antes, trata-se de um código de substituição polialfabética, que precisa de uma chave mnemônica para ser decifrado. E o jogral, composto pelas letras isoladas no início de cada frase do texto, nos indica qual é essa chave: "Trithemius VII". Que, por sua vez, refere-se à sétima "*Ave Maria"* do livro de Kamael. – acrescentou, erguendo-o para que todos pudessem ver.

Eles observaram que o livro continha um capítulo inteiro dedicado a Trithemius e aos seus códigos, ocupando um total de doze páginas, onde cada uma continha uma versão diferente da tal "*Ave Maria"*. Kamael folheou-as, até encontrar a que continha o número sete, em romanos, no cabeçalho. E então, foi fácil para os guerreiros da luz deduzirem que se tratava de um simples jogo de troca-troca.

Naquela página, constava todo o alfabeto de "A" a "Z", uma letra em cada linha e, ao lado de cada letra, uma sentença curta em latim, repetida também em hebraico, grego e aramaico.

— Nesta sétima versão da "*Ave Maria*", a letra "A", por exemplo, corresponde ao termo "*Paradise*", o "B" a "*Sanctus*", e assim sucessivamente – o general explicou. – De forma que, para quebrarmos o código, precisamos substituir cada sentença pela sua letra correspondente, formando, a cada frase inteira do texto, uma única palavra da mensagem oculta.

— E são as letras isoladas do jogral, no começo de cada frase, que determinam se a palavra, em questão, deve iniciar com a letra maiúscula ou minúscula – o Arcanjo complementou. – Assim, somos capazes de definir o início e o final de cada frase, na mensagem oculta e, também, de distinguir os nomes de pessoas e lugares, em meio às outras palavras...

— Foi dessa maneira que decodificamos, na íntegra, a "Ave Maria" dessa pele – Kamael prosseguiu – e chegamos à frase em latim, cuja tradução é: "O mal reside sob os

reis da tríade divina: Khufu, Kheph e Menkau".

— E onde é que isso se encaixa com o Egito? – Thomas quis saber.

— Essa eu mesma respondo – Desirée prontificou-se. – Khufu, Kheph e Menkau são os nomes egípcios dos faraós da *Quarta Dinastia*, que em grego são identificados como: Quéops, Quéfren e Miquerinos!

— Estamos falando das pirâmides de Gizé? – Leon arriscou.

— Exato – a ruiva explanou. – As três maiores e mais enigmáticas edificações de todo o Egito. Embora elas não sejam as mais antigas, acredita-se que todas as outras que ainda existem sejam reproduções grosseiras suas.

— As Pirâmides de Gizé representam três gerações de faraós da *Quarta Dinastia* egípcia – Uriel completou eufórico. – Considerados descendentes diretos dos deuses, esses governantes "divinos" inscreveram os seus nomes no horizonte remoto do Egito antigo, erigindo os seus túmulos como uma espécie de trindade divina: três gerações de deuses-reis, três pirâmides.

— Resumindo, quer dizer então que o verdadeiro *Cofre da Morte* encontra-se escondido em algum lugar, dentro das pirâmides do Egito? – Duke aventurou-se.

— Ou sob elas – Desirée especulou. – Lembrem-se da mensagem oculta!

— *O mal reside "sob" os reis da tríade divina* – Barrabás rememorou.

— Só saberemos depois de revirarmos cada pedra do lugar – Thomas comentou, virando-se para Gabriel. – Devemos partir o quanto antes.

— E o que é que vocês estão esperando? – o anjo rebateu.

* * * * *

Thomas acordou. Bocejou e espreguiçou-se demoradamente. Olhou pela janela do jatinho e viu que lá fora já era noite. O céu estava escuro, mas estrelado. Consultou o relógio e constatou ter dormido quatro horas, direto. Pudera, o cansaço dos últimos dias pesara, fazendo com que pregasse os olhos logo após a decolagem, e só acordasse naquele momento. Ao seu lado Desirée, dormia tranquilamente. Nas duas poltronas à frente deles, Barrabás e Uriel conversavam baixinho e, nas duas últimas, no final do corredor do *Learjet* da Irmandade da Luz, Duke e Leon – substituído a contragosto por um piloto descansado – disputavam acirradamente o título de maior roncador.

Thomas olhou novamente para Desirée. Dormindo, ela parecia ainda mais bela, mais charmosa, mais... Foi então, que o brasileiro percebeu que sentia algo mais por ela do que simplesmente carinho e amizade. Algo que ele não conseguia explicar, mas que mexia com os seus sentimentos e desejos mais íntimos e profundos. De repente, sentiu-se

tentado a tocá-la, a acariciar o seu belo rosto, a beijar os seus lábios, sentir o corpo dela junto ao seu. Mas, de súbito, voltou à realidade.

— O que diabos está acontecendo comigo? – sussurrou, afastando-se da moça e voltando a espiar pela janelinha da aeronave.

Fazia mais de sete meses que ele não transava. Desde que terminara com a sua última namorada, poucos dias antes de ser convocado para investigar os assassinatos na mansão em Angra dos Reis, ele não mantinha relações sexuais. Os seus hormônios estavam em polvorosa, e concluiu que, se não desse, e logo, um jeito naquela situação, em poucos dias estaria subindo pelas paredes! E, sem querer, voltou a pensar na bela e estonteante mulher de olhos claros e cabelos ruivos que dormia ao lado.

Tentando afugentar esses pensamentos tentadores, todavia proibidos, ele revisou mentalmente o pouco que sabia a respeito do lugar para onde estavam indo. O Egito situava-se no nordeste do continente africano. Um país com pouco mais de 997.700 km2, cuja maior parte do inóspito território era árida e desabitada. Dos seus aproximados 63 milhões de habitantes, a maioria vivia no *Vale do Nilo*, numa região de apenas 900 km de extensão. Quanto à cidade do Cairo, Thomas sabia que era a capital e a maior cidade do Egito. Situada às margens do Rio Nilo, possuía cerca de 16 milhões de habitantes, ou seja, vinte e cinco por cento da população total do país. Fora fundada oficialmente em 969 d.C. e, atualmente, era a sede da Liga Árabe. Uma cidade que facilmente podia ser comparada a um museu a céu aberto, composto pela miscelânea do antigo com o moderno.

Algum tempo depois, já sobre a capital egípcia, o ex-agente se impressionou com a vista, uma vez que em toda a sua extensão, não se via um verde sequer... Apenas o cinza frio e sem vida do concreto, presente nas construções. Porquanto, o Cairo era uma cidade sem árvores! E ao cruzarem sobre o Nilo, Thomas pôde observar ainda, a cor escura das águas barrentas e poluídas, cujas margens encontravam-se cobertas de lixo.

— Isto é tão triste – uma voz sonolenta ressoou ao seu lado. – Terrível contraste entre a evolução do ser humano e o seu completo desrespeito pela natureza!

Ao virar-se, ele quase se chocou contra o rosto de Desirée.

— Ops! – desculpou-se. – Não vi que você estava acordada!

— Já faz um tempo – disse a francesa, desgostosa e com a voz afetada, enquanto fitava a desoladora paisagem abaixo deles. – Acho que nós, seres humanos, só vamos ficar satisfeitos quando poluirmos o último dos rios, matarmos o último dos animais, pisotearmos a última das flores e derrubarmos a última das árvores... – profetizou ela entristecida. – E, quando este terrível dia chegar, só então, descobriremos que não se pode respirar, comer e nem beber o dinheiro que lucramos fazendo isso!

* * * * *

Thomas consultou o relógio: duas horas da manhã. Fazia apenas quinze minutos que haviam pousado e ele já suava às bicas. O Cairo era uma cidade quente e úmida, cujas temperaturas variavam naquela época do ano entre os 35 ºC e os 38 ºC.

O ponto de táxi do *Aeroporto Internacional Al-Qahira* estava repleto de pessoas disputando os raros carros que passavam. Thomas e companhia aguardaram durante meia hora, até chegar a sua vez. Os guerreiros da luz dividiram-se em dois grupos de três, embarcando em carros separados para deslocarem-se até o hotel aonde tinham feito reservas.

Thomas seguiu com Desirée e Uriel, em um velho Fiat 147, caindo aos pedaços, enquanto Barrabás, Leon e Duke vinham logo atrás, em outro, idêntico ao primeiro. O motorista do Fiat de Thomas acelerava tudo a que tinha direito, e depois largava o carro na banguela. Então pisava fundo novamente, repetindo o processo durante todo o percurso. Em determinado ponto do trajeto, Thomas arriscou uma olhada para trás e viu que o motorista do táxi de Leon os imitava, de forma que ambos os carros voavam aos solavancos pelas avenidas e ruas semidesertas do Cairo. Foi a gota d'água...

— Ei, Uriel – cutucou o anjo, sentado no banco da frente. – Todos os motoristas egípcios costumam dirigir assim, dessa forma amalucada?

— A maioria. É uma espécie de tradição nacional – o anjo respondeu sarcástico. – Alguns conseguem, até mesmo, ser bem piores do que esses dois.

Como que para corroborar as palavras do anjo, o Fiat passou sobre um buraco, e o tranco fez com que Thomas batesse forte a cabeça contra o teto.

— Tradição ou não, se esse doido varrido não parar com isso agora, eu juro que vou arrebentar a cara dele – o brasileiro ameaçou irritado, massageando a testa.

— Veja pelo lado positivo – Uriel brincou. – Em que outro lugar do mundo, nós podemos passear de táxi ao mesmo tempo em que curtimos uma deliciosa massagem lombo-cervical?

— Agora me deu vontade de bater em você! – Thomas declarou, com o dedo em riste, simulando indignação.

Pouco depois, o motorista, um fumante compulsivo que tragava um cigarro após o outro, virou-se para Uriel e estendeu-lhe a carteira.

— *La', shukran*! – o anjo recusou, agradecendo-lhe em árabe.

Passaram pelo shopping *Khan el-Khalili* e dobraram na *Wekala al-Balaq*, uma das avenidas comerciais mais famosas da capital egípcia. Entraram na *Abdel Hamid Badawi* e, após intermináveis vinte e cinco minutos de solavancos, estacionaram em frente ao

luxuoso *Concorde El Salam al-Qahira*. O hotel era um dos mais majestosos e imponentes da cidade. Um verdadeiro hotel cinco estrelas. Desceram dos veículos e, enquanto Uriel acertava as corridas, os outros cinco reuniram-se no hall de entrada.

— Nós é que devíamos estar recebendo por aceitarmos andar nessas latas velhas jurássicas, caindo aos pedaços e fedendo a cigarros de quinta categoria – o brasileiro comentou baixinho com Desirée.

— Sem contar a aula forçada de direção saltitante... – a ruiva brincou.

— Ai! Ui! Eu espero que vocês nunca mais me convidem para passear de táxi – Duke reclamou, massageando o pescoço, ao aproximar-se deles. – As minhas costas estão me matando!

— O que foi? A dondoca ficou doloridinha? – Leon zombou dele.

— Da próxima vez, Uriel – Thomas entrou na brincadeira, ao perceber que o anjo se juntava novamente ao grupo –, alugue uma limusine de luxo, para que o nosso amigo do "narizinho esfolado" possa passear mais confortavelmente!

— Vão catar minhocas no banhado! – o americano explodiu. – Seus branquelos metidos a besta!

— Não ligue para estes bobalhões – Desirée apaziguou os ânimos. – No fundo, eles gostam de você e é justamente por isso que vivem lhe incomodando.

Após uma breve escala na recepção, eles seguiram direto para as suítes. Afinal, precisavam recuperar as energias dispendidas na viagem, para o dia seguinte, posto que pretendiam partir ao nascer do sol, rumo ao platô de Gizé.

Thomas, Duke e Uriel acomodaram-se numa suíte tripla, Barrabás e Leon numa dupla e Desirée, por ser a única mulher do grupo, ficou com uma apenas para si.

O carregador largou as mochilas dos três num canto, foi até a parede no extremo do quarto e ligou o ar condicionado. Depois, abriu as cortinas brancas e de cetim da janela e verificou se o pequeno bar de canto estava de acordo. Então se virou para os hóspedes, com a mão estendida.

Como estes não lhe deram a mínima atenção...

— *Baksheesh* – o rapaz solicitou.

— Ah! Sim, a gorjeta – Uriel abriu a carteira e lhe entregou uma cédula de dez euros, o equivalente a 47,30 libras egípcias. – Espero que seja o suficiente!

Ao ver a nota, o sujeito estampou um sorriso que lhe iluminou a face, de orelha a orelha. Agradecendo a generosa gorjeta, saiu e fechou a porta.

Só então, eles se sentiram à vontade para examinar melhor o quarto.

— Caramba! – Duke exclamou, admirado com tanto luxo. – Eu juro que quando retornar aos EUA vou atear fogo no meu apartamento!

* * * * *

A Kombi alugada partiu do *Concorde El Salam al-Qahira* um pouco antes de o sol despontar no horizonte e, em poucos minutos, entrou na *Avenida das Pirâmides*, cujo destino final era o platô de Gizé.

— Existe uma estrada asfaltada até lá? – Duke admirou-se. – Eu pensei que nós teríamos que viajar montados em camelos.

— Se você quiser, ainda está em tempo – Thomas caçoou. – Nós podemos parar e deixá-lo aqui. E você nos segue de camelo.

— A avenida foi construída em 1860 – Desirée explicou, antes que o americano revidasse à provocação do brasileiro –, para que passassem por ela todos os ilustres convidados que compareceram à inauguração do Canal de Suez, nesse mesmo ano.

Poucos minutos depois, avistaram o complexo funerário.

Gizé situava-se no outro lado do Nilo, onde todos os braços do rio se juntavam e terminava o seu delta, a apenas treze quilômetros a oeste da cidade do Cairo.

— Credo! Este lugar me dá arrepios – Duke exclamou, avistando ao longe as três maiores pirâmides de todo o Egito. – É como se estivéssemos indo para um imenso e funesto cemitério, superlotado de fantasmas.

— E estamos – Uriel comentou. – O próprio Egito é uma tumba gigante, repleta de múmias e cercada de monumentos à morte.

— Dizem que todos os que permanecem muito tempo por aqui, também acabam mumificados – Leon completou, num tom macabro.

— Puxa, eu adoro quando vocês falam assim... – o americano zombou. – Me soa tão animador e reconfortante!

As três construções triangulares se agigantavam diante de seus olhos fascinados, à medida que eles se aproximavam delas. Mas foram obrigados a abandonar a Kombi alugada a quinhentos metros do complexo, em um amplo e moderno estacionamento, de onde tiveram que prosseguir a pé, pelo restante do caminho.

— O homem teme o tempo, e o tempo teme as pirâmides, pois o tempo resiste a tudo, todavia, as pirâmides resistem ao tempo – a bela francesa repetiu solenemente o provérbio egípcio aprendido nos seus tempos de escola, ainda em Paris.

Thomas já havia reparado que, além das três pirâmides principais, havia várias outras construções menores dispostas ao longo do terreno, principalmente a leste da tumba de Quéops.

— As pirâmides menores pertenceram a nobres egípcios de alta hierarquia, mas que

não foram nem reis e nem rainhas. E as demais estruturas sediaram uma série de templos sagrados dedicados aos diversos deuses do panteão egípcio – Uriel explicou, como que adivinhando os seus pensamentos.

— Não é uma maravilha? – Leon comentou. – E pensar que estas coisas foram construídas há mais de quatro mil e quinhentos anos, e ainda permanecem de pé!

— Quatro mil e quinhentos anos? Incrível! – Duke murmurou fascinado.

— Talvez por isso, nos causem tamanha fascinação – Uriel confirmou.

— Para termos uma ideia de quão antigas são as pirâmides, quando os chineses iniciaram as obras para a construção da grande muralha da China, as três principais já existiam há quase mil e oitocentos anos! – Desirée complementou.

— E eu me achava velho... – Barrabás brincou.

Aproximaram-se um pouco mais do complexo funerário e então discerniram nas areias a figura mitológica da Esfinge. O ser antropomórfico de pedra, meio bicho e meio gente, com corpo de leão e cabeça em forma humana, envolta pelo toucado real e esculpida em pura rocha, media aproximadamente 72 m de comprimento por 9 m de altura. As suas feições altivas, desprezando as mutilações provocadas pelo homem e pelas ações da natureza, encaravam com um sorriso enigmático o deserto através do *Vale do Nilo*. O olhar voltado para além do sol nascente, para o infinito insondável do universo, transcendendo o tempo e o espaço.

Thomas observou a fisionomia serena da estátua, e sentiu uma profunda paz de espírito, análoga à que experimentara ao ser tocado pela primeira vez por Sarah, no Convento da Luz, há mais de meio ano atrás e à que sentira em Chichén Itzá, aos pés da pirâmide escalonada de *Kukulcán*.

Era como se o rosto de pedra possuísse um poder cósmico capaz de irradiar uma vibração positiva tão forte, que acalantava a todos que por ali passavam, invocando os ecos de uma idade longínqua e as realizações de uma civilização gloriosa, governada diretamente pelos “deuses” – no caso, os anjos cientistas de *Ethernyt*.

— Durante séculos a fio, esta monstruosidade assistiu, passivamente, ao homem primitivo dar os seus primeiros passos rumo à civilização, antes de ser inteiramente engolida pelas areias do deserto – Uriel relatou, percebendo o interesse do brasileiro pela esfinge. – E permaneceu soterrada até que Quéfren a desenterrasse, durante a construção da segunda pirâmide da Tríade Divina, garantindo a sua imortalidade!

— Eu sempre achei que a Esfinge tivesse sido construída na mesma época que as pirâmides – Thomas argumentou.

— Algumas lendas afirmam que ela foi erigida muito tempo antes das tumbas dos faraós da Quarta Dinastia. Antes até do que o surgimento da linguagem escrita, o que,

inevitavelmente, nos reporta ao início da própria história humana – Uriel concluiu. – Segundo estas lendas, a Esfinge existe há mais de dez mil anos, ou seja, ela possui a idade do próprio Egito. E dizem que foi concebida por *Rá*, o deus-sol egípcio, com a finalidade de proteger a Terra contra o mal.

— Ei, esta história está com todo jeito de possuir um dedinho dos anjos cientistas – Barrabás ponderou. – Analisem comigo: uma estátua de pedra gigante construída por um "deus" para proteger o planeta contra o mal.

— Um dedinho só, não – Thomas concordou. – A mim parece que aí tem uma mão inteira dos cientistas, cheia de dedos!

— Vocês estão dizendo que *Rá*, o deus-sol dos egípcios, era um anjo disfarçado? – Leon indagou cético.

— Tem lógica, Leon – Uriel acedeu. – Assim como o mal, ao qual essas lendas se referem pode muito bem ser o nosso famoso "*Vírus D*"!

— Isto é loucura! – o piloto exclamou. – Vocês estão viajando na maionese!

— Loucura ou não, faz sentido – Thomas concordou com o anjo.

— Além de esclarecer muita coisa – Desirée raciocinou –, como, por exemplo: a inexplicável e enigmática construção das pirâmides e os misteriosos barcos voadores, tão amplamente descritos na mitologia egípcia!

— Barcos voadores? – Duke a encarou rindo. – Do que é que você está falando?

— Os egípcios praticavam um culto regular ao Sol, venerando-o como a um deus – ela descreveu –, o Deus-Sol Rá, que, segundo as lendas mais remotas, deslocava-se pelos céus da Terra, a bordo de seu barco voador. Alguns textos, extraídos de tumbas mais antigas, relatam, em pormenores, as inúmeras viagens celestiais feitas pelos faraós, mediante a ajuda dos "deuses" e de seus misteriosos "barcos voadores". Lendas também revisitadas por diversas culturas humanas, como a hindu, com as suas "*vimanas*", e a própria Bíblia, quando relata, em diferentes passagens, as aparições das "carruagens celestes" e "nuvens de fogo", puxadas por "cavalos invisíveis".

— Provavelmente, estes relatos referem-se às nossas espaçonaves, ou melhor, à grande nave-mãe dos cientistas, a única que restou das que nos trouxeram à Terra – o anjo ilustrou. – Ou então, aos nossos veículos menores de exploração planetária, que com o passar do tempo viraram sucata e precisaram ser aposentados.

— Quanto à construção das pirâmides, sempre foi um mistério para os cientistas modernos – Desirée acrescentou, continuando a sua linha de raciocínio. – Ninguém até hoje conseguiu explicar de modo convincente como é que um povo tão primitivo, como se supõe que eram os seres humanos daquele tempo, poderia ter tido a capacidade de erigir monumentos e templos tão grandiosos, resistentes e perfeitos sob os pontos de vista

arquitetônico, geográfico e astronômico. Tal façanha, somente seria possível, se alguém de profundo saber científico os tivesse orientado e conduzido.

— Como assim? – Duke interpelou curioso.

— Vamos até a *Grande Pirâmide* e eu mostro – Desirée convidou-os animada.

Chegando aos pés da estrutura milenar, ela e Uriel começaram a relatar as suas inúmeras curiosidades arquitetônicas, revezando-se, ora um, ora o outro.

— A pirâmide de Quéops foi até a construção da Torre Eiffel, em 1889, o maior monumento erigido pelo homem – o anjo ilustrou. – Ela cobre uma área que totaliza 52.611 m2, o que equivale a 8 campos de futebol, e mede 149,45 metros de altura, o que corresponde a um prédio de 40 andares!

— Em toda a sua estrutura foram utilizados cerca de 2.600.000 blocos de pedra, perfeitamente recortados, pesando em média 12 toneladas cada um, o que resulta em um peso total superior a 31.200.000 toneladas – a ex-agente francesa continuou. – E para suportar todo esse peso, o solo rochoso sobre o qual foi erigida passou por um meticuloso processo de nivelamento. Ainda sob o ponto de vista arquitetônico, um outro fator que causa espanto nos círculos científicos é que esses blocos gigantes de pedra foram perfeitamente assentados, uns sobre os outros, de tal forma que não se pode passar nem mesmo uma simples folha de papel entre eles!

— Um outro dado interessante – foi a vez de Uriel – é que todas as suas faces possuem o mesmo ângulo de inclinação: 51°52´.

— Nossa – Duke exclamou admirado. – Eu não consigo nem imaginar quantos escravos morreram para que eles construíssem tudo isso!

— Nenhum – Desirée enfatizou. – Todos os cem mil operários que durante mais de vinte anos ajudaram a erigir a *Grande Pirâmide* eram homens livres, pagos pelo faraó com comida e cerveja...

— Isto só pode ser piada – Duke olhou para ela com uma careta. – Os coitados se mataram trabalhando, por vinte anos a fio, erguendo pedras de doze toneladas, para receberem em cerveja? Que otários!

— Cerveja e comida – a francesa ruiva salientou. – Naquela época, não existia tanta oferta de alimentos como existe hoje em dia, e o pouco que se disponibilizava para o comércio local, custava caro demais. O povo tinha que se sujeitar ao trabalho em Gizé para poder comer. O que não deixa de ser uma espécie de escravidão, mas num contexto bem mais amplo do que no sentido literal da palavra.

E então, foi a vez de Uriel discorrer sobre o porquê de a *Grande Pirâmide* ser considerada perfeita também sob o ponto de vista geográfico.

— A sua construção aconteceu exatamente no ponto que corresponde ao centro da

massa terrestre, no eixo leste-oeste, que equivale ao Paralelo 30, o mais longo que corta o planeta, passando pela África, Ásia e Américas! E não acaba por aí: o mais incrível é que o meridiano mais longo e extenso da Terra, o que atravessa a Ásia, a África, a Europa e a Antártida, também passa através dela, no exato ponto onde se cruza com o Paralelo 30, separando os continentes e os oceanos, em duas metades exatamente iguais. Outro fator geográfico bastante intrigante é que, além de tudo isso, a *Grande Pirâmide* situa-se exatamente no centro gravitacional da Terra...

— Nem um centímetro a mais, ou a menos – Desirée tomou a palavra. – E as suas quatro faces são precisamente orientadas pelos pontos cardeais, de modo que os seus lados sejam simétricos às linhas norte, sul, leste e oeste que o homem moderno desenha atualmente no globo terrestre.

— Isto prova, e de forma irrefutável, que os egípcios de quatro mil e quinhentos anos atrás já conheciam o formato e o tamanho exatos da Terra – o anjo ajudou. – E eles também eram exímios astrônomos.

— Como os maias? – Duke perguntou curioso.

— Eu diria que até mais... – o anjo confirmou. – Para que vocês possam ter uma noção, se analisarmos o alinhamento existente entre as três pirâmides, a de Quéops, a de Quéfren e a de Miquerinos, veremos que ele não é perfeito entre si, no entanto, as três foram erigidas a uma distância diretamente proporcional e na mesma disposição que as estrelas da constelação de Órion, vistas aqui da Terra, mais especificamente: a *Zeta Alnitak*, a *Epsilon Alnilam* e a *Delta Mintaka,* vulgarmente conhecidas como as *Três Marias*!

— É verdade que até os seus corredores internos alinham-se perfeitamente ao Cinturão de Órion? – Leon indagou, lembrando que certa vez lera algo sobre isso.

— Corretíssimo – O anjo confirmou.

— Inacreditável! – Thomas murmurou pasmo.

— Calma que eu ainda não terminei – Uriel riu.

— O que mais eles poderiam saber que você ainda não citou? – Duke indagou.

— Eu acredito que não seja por acaso que a circunferência de qualquer uma das três pirâmides maiores, dividida pelo dobro de sua altura, resulte no famoso número de Ludof, o "*Pi*", vocês sabem: 3,1416...

Thomas, Duke e Leon ficaram, supondo que fosse possível, ainda mais perplexos e boquiabertos. Exceto Uriel, apenas Barrabás e Desirée não demonstravam estarem tão impressionados. E foi justamente a francesa quem desferiu o golpe de misericórdia:

— Também não deve ser por um mero acaso que a sua altura, multiplicada por um milhão, corresponda exatamente à distância entre a Terra e o Sol!

# CAPÍTULO XIII

A entrada da pirâmide de Quéops situava-se no centro da face norte da estrutura e dava em um corredor estreito que descia num ângulo de vinte e seis graus, indo de encontro a outro, ascendente, comprido e íngreme.

— Esta não é a entrada original – explicou Uriel. – Ela foi aberta em 820 d.C. pelo califa Al Mamoun e seus homens. O acesso dos egípcios ficava direcionado para a estrela *Alfa* da *Constelação do Dragão*. O problema é que, com o passar do tempo, a constelação mudou de lugar e a entrada original se perdeu.

Uriel caminhou até um vigia barbudo e negociou a entrada dos guerreiros da luz no monumento. Ele desejava explorá-lo antes que chegassem os ônibus com as suas hordas de turistas. Nada que uma expressiva soma em dinheiro não resolvesse.

Munidos de lanternas, apesar de as lâmpadas elétricas mergulharem o lugar em uma espécie de luz amarelada, os seis adentraram a pirâmide. Ao colocarem os pés dentro da obra faraônica, logo perceberam que as suas paredes internas eram lisas e desprovidas de desenhos, hieróglifos ou murais. Um fato bastante atípico, já que os faraós egípcios costumavam imortalizar cenas da própria história nas paredes de seus templos e construções póstumas. Seguindo Uriel, Thomas e os outros desceram pela rampa de acesso frontal e ingressaram no corredor ascendente, pelo qual seguiram até alcançarem uma intersecção dupla, exatamente onde o caminho principal cruzava com outros dois túneis menores, sendo um descendente e o outro, paralelo à base da pirâmide.

— E agora? – Duke indagou confuso. – Subimos, descemos ou o quê?

— Vamos continuar pelo corredor principal – Uriel determinou. – Precisamos verificar todos os locais onde o *Cofre da Morte* possa estar. E, para começar, nada melhor do que a "*Câmara do Rei*", o ponto mais elevado e também o mais importante de toda a pirâmide. Se não encontrarmos nada por lá, aí descemos, verificando as demais salas e câmaras.

Alguns metros corredor acima e eles desembocaram em uma ampla galeria, cujo teto pétreo, sustentado por grossas vigas de madeira, era bastante alto. E as paredes, razoavelmente afastadas uma da outra.

— Uau! – Duke exclamou admirado. – Eu jamais imaginei que pudesse existir algo assim no interior de uma pirâmide. Este lugar é maior do que o prédio inteiro em que eu morava, nos EUA!

— E você ainda não viu nada – Uriel sorriu.

Eles permaneceram por um longo tempo parados na *Grande Galeria*, que servia de acesso à câmara real, analisando cada detalhe da construção, em busca de alguma pista. O silêncio era absoluto. A imensa passagem, que em um ângulo inclinado para cima levava à *Câmara do Rei*, tinha uns 45 m de comprimento por 2 de largura e 8 de altura. A parte inferior das paredes laterais consistia em enormes monólitos de calcário polido que alcançavam uma altura de mais de 2 m, seguindo-se, então, sete séries paralelas de vigas encorpadas, cada uma delas deslocada cerca 8 cm mais para dentro da galeria do que a imediatamente anterior. Devido a isso, a passagem inicialmente larga tornava-se cada vez mais estreita. À medida que se aproximavam do final, as duas paredes se inclinavam uma em direção à outra e, por essa razão, o teto no final da galeria media apenas 1 m de altura, forçando os hipotéticos exploradores a se abaixarem para poder passar. E para completar, as vigas de granito de 8,5 m de altura, dispostas uma diante da outra, não se encontravam na horizontal: assim como os monólitos, elas se inclinavam para cima, seguindo o mesmo ângulo de inclinação da *Grande Galeria*. O acabamento das vigas e das placas era de tal perfeição que, mesmo com as lanternas acesas, Leon julgou que teriam dificuldade para discernir uma ranhura entre elas.

— Essa galeria é, sem sombra de dúvida, o prodígio de engenharia mais ousado e inconcebível de toda a história da humanidade! – comentou Uriel extasiado. – Aqui sim, nós somos obrigados a reconhecer que todas as teorias já formuladas sobre as pirâmides devem ser meramente parciais e incompletas.

Mais ou menos no meio da passagem e à sua esquerda, Thomas vislumbrou um corredor descendente, escuro e estreito, de aproximadamente um metro quadrado de largura. Segundo Uriel, fora projetado como um corredor de fuga, escavado em segredo pelos próprios trabalhadores que erigiram o monumento, para que pudessem escapar após o sepultamento do faraó. Aquela seria a única saída para quem estivesse dentro da pirâmide na ocasião do funeral, uma vez que, encerrado este, a entrada principal da tumba deveria ser lacrada, com todos os que conheciam os seus segredos dentro do monumento, evitando futuros saques aos tesouros reais depositados junto à múmia.

— Mas há também quem diga que a *Grande Pirâmide* não foi erigida como uma tumba ou um templo mortuário – comentou o anjo. – e sim como um templo místico de aprendizagem e iniciação aos mistérios ocultos do antigo Egito. E esse corredor seria na verdade uma entrada secreta para os que a usavam com esta finalidade!

Eles continuaram em frente, parando diante de uma porta quadrada de dois por dois e com quase um metro de espessura, situada exatamente no centro da pirâmide, e que estava aberta, convidando-os a entrar em uma pequena câmara, mergulhada na mais completa escuridão.

Thomas adentrou-a, descobrindo uma sala vazia.

— Mas não tem nada aqui! – comentou irritado, passando o facho da lanterna pelas paredes lisas, cobertas de pó e teias de aranha.

— Era exatamente isso que os egípcios queriam que os saqueadores de túmulos pensassem – o anjo revelou. – Sigam-me. Esta câmara em que estamos é apenas uma antessala da verdadeira *Câmara do Rei* – ele se dirigiu à parede dos fundos da sala e direcionou a luz da lanterna para um vão de mais ou menos um metro entre ela e o chão de granito polido, e que permitia a passagem de uma pessoa agachada. – O lugar que procuramos se encontra do outro lado desta passagem.

— Que sujeitos mais paranoicos! – Duke riu.

— Vamos – Uriel declarou, engatinhando pela passagem. – Esta é a entrada da famosa *Câmara do Rei*, originalmente erigida para receber a múmia do faraó, após a sua morte.

Um após o outro, eles atravessaram pela diminuta abertura, constituída de um único bloco de pedra suspenso com 8,40 m de comprimento e que ligava a antessala à câmara real.

— Antigamente havia aqui um portão vertical de granito de aproximadamente três toneladas e meia, bloqueando essa entrada – Uriel comentou, finalmente entrando na verdadeira câmara real de Quéops, com Thomas logo atrás.

O ex-agente, assim que adentrou o recinto, pôs-se a perscrutá-lo.

Era uma sala retangular com uns 5 m no eixo norte-sul e 10 m no leste-oeste, cuja altura atingia os 6 m. As paredes consistiam em cinco vigas de granito sobrepostas — não encaixadas entre si —, sendo o chão também recoberto com placas de granito. Ambos pareciam ser de mármore liso, e o teto, que consistia em nove gigantescas vigas de granito rosa de Assuan, fora montado de maneira tão precisa, que os seus rejuntes eram vistos apenas como finas linhas escuras.

Mas, para o desalento do brasileiro, a câmara igualmente encontrava-se vazia, à exceção de um sarcófago de granito negro que se encontrava de pé, encostado na parede ocidental da sala, aberto e desocupado.

— O túmulo de Quéops! – Leon murmurou respeitosamente. – Eu nem acredito que nós estamos no local que serviu de morada final ao grande faraó!

— Não foi bem assim – Uriel interrompeu-o. – Não há evidências de que este sarcófago tenha sequer recebido um corpo, quanto mais os restos mortais de Quéops ou de qualquer outro faraó da Quarta Dinastia!

— Hã? – o inglês ficou confuso. – Mas você disse que esta câmara...

— Eu disse que ela foi construída para receber a múmia do faraó e não que isso

realmente tenha acontecido!

— Acredita-se que esse lugar serviu a um falso funeral, ordenado pelo faraó para despistar os saqueadores – Desirée antecipou-se. – Tanto é que o seu corpo jamais foi encontrado. Provavelmente, Quéops foi sepultado num outro lugar, em algum ponto ainda inexplorado da *Grande Pirâmide*.

— Pessoal, esqueçam o tal faraó. Nós não estamos aqui atrás de múmias velhas – Thomas encerrou o assunto. – Vamos ao que realmente interessa: o *Cofre da Morte*!

Os seis guerreiros da luz espalharam-se pela *Câmara do Rei*, à procura de qualquer detalhe que pudesse lhes fornecer uma pista. Porém, não encontraram absolutamente nada. Determinados a não desistir, deixaram a câmara real e retornaram pela galeria, até alcançarem o corredor de fuga dos trabalhadores. E então, em fila indiana, seguiram através dele, devagar e curvados para não rasparem as cabeças contra o teto de apenas um metro de altura.

— Ai! Os caras que projetaram e construíram isso deviam ser anões de picadeiro – Duke reclamou ao bater a cabeça pela terceira vez.

— Cale a boca e ande mais depressa – Leon o empurrou rindo. – Aposto que até um caracol consegue ser mais veloz do que você.

— Você diz isso, por que não é a sua cabeça! – o negro rebateu indignado.

— Ei, vocês dois, vamos logo – Uriel recomendou. – Daqui a pouco, este lugar vai ficar infestado de turistas e daí não teremos mais privacidade!

— É culpa desse destrambelhado que não sai do lugar – Leon justificou-se.

— Eu não sei se vocês repararam – o americano grunhiu –, mas é difícil até de se andar nesta maldita caixa de fósforos. Ai, minha cabeça!

Então, chegaram a uma segunda câmara, idêntica à do Rei, só que bem menor e ainda inacabada.

— Eis a *Câmara da Rainha*! – Uriel falou. – Jamais foi terminada, e, portanto, nunca foi usada.

Uma rápida olhada revelou-lhes que também ali não havia nada. Eles saíram por uma porta diferente da que tinham usado para entrar, cruzando um corredor horizontal, idêntico aos outros, e que os conduziu de volta à bifurcação tripla da passagem principal, por onde haviam entrado na pirâmide.

Uriel optou pelo terceiro caminho, que descia rumo à base da estrutura. Era um corredor estreito e mal iluminado que desembocava em uma câmara subterrânea que, segundo o anjo, era conhecida como "*Câmara Secreta*".

— Alguns arqueólogos acreditam que aqui pode ter sido a verdadeira tumba do faraó – Uriel explicou –, mas não há provas disso.

— E, pelo visto, também não é onde está o *Cofre da Morte* – Thomas comentou desanimado, reparando que, assim como as outras salas, aquela também encontrava-se completamente vazia.

— Receio que não – Uriel concordou, visivelmente desapontado.

— E agora? – Leon perguntou. – Para onde vamos?

— Confesso que estou perdido – o anjo admitiu. – Não sei mais o que fazer, nem onde procurar. Esta é a última câmara conhecida da *Grande Pirâmide*.

— Você disse bem... – Desirée aquiesceu. – As salas em que estivemos até agora são as que todos conhecem. Entrementes, deve haver muitas outras, ainda ocultas, no interior da pirâmide, caso contrário, o seu tamanho descomunal não se justificaria. Sem contar que ainda restam dezenas de outros monumentos a serem verificados no platô de Gizé, além deste. Nós não podemos desistir, pelo menos, não sem esgotarem-se antes todas as possibilidades.

— Desirée tem razão – Thomas concordou. – E já que nós estamos aqui, sugiro começarmos a procurar por salas e câmaras ocultas.

— Mas como encontrá-las? – Barrabás indagou. – Se os próprios arqueólogos e historiadores ainda não as encontraram?

— Só existe uma maneira – Uriel concluiu. – Para descobrirmos se há realmente outras câmaras ou salas secretas na pirâmide, teríamos que usar explosivos, mas isso poderia comprometer seriamente a sua estrutura física.

— Ok, vocês começam a procurar e marcar os lugares mais prováveis, enquanto eu e Duke vamos até à cidade, providenciar algumas barras de C-4 ou tubos de dinamite – Thomas sugeriu. – De quanto explosivo você acha que iremos precisar, Uriel?

— Eu conheço um sujeito, que pode conseguir a quantidade que vocês quiserem – Duke ofereceu-se. – E então, é só voltarmos à noite, e...

— Vocês estão ficando malucos? – Desirée arregalou os olhos, estupefata.

— Só porque pretendemos explodir um prédio velho, a fim de salvarmos o resto do mundo? – Thomas rebateu.

— Prédio velho? – a ruiva franziu as sobrancelhas. – Vocês, por acaso, têm ideia do que a *Grande Pirâmide* de Quéops representa? Ela é a única das sete maravilhas da antiguidade que ainda permanece de pé! Eu jamais poderia consentir, em sã consciência, que vocês a destruíssem!

— Se não fizermos, Lúcifer o fará... – Thomas argumentou. – E então, não será apenas uma pirâmide, mas o mundo todo que deixará de existir!

* * * * *

Enquanto os outros discutiam o que fazer, Barrabás, que até ali permanecera em silêncio, teve uma espécie de premonição, um *déjà vu* breve, e se dirigiu à parede sul da câmara. Ao iluminá-la com a claridade artificial da lanterna, o ex-monge reparou em algo que até então passara despercebido, mas que agora chamava a sua atenção. Passou a mão sobre a espessa camada de pó que a cobria, retirando o suficiente para deixar à mostra um estranho símbolo hieroglífico, entalhado no centro exato da parede. Sobre a figura em baixo-relevo, havia uma espécie de massa calcária que, por ser da mesma cor do resto das paredes e por ser a sala mal iluminada, a ocultara por milhares de anos...

Até aquele momento!

Barrabás retirou a adaga de criometal do bolso e com a ponta da lâmina raspou a parede até que toda a massa fosse removida. A gravura media pouco mais do que cinco centímetros de comprimento, por dois de largura, e tinha a forma semelhante à de uma cruz, mas com a haste superior vertical substituída por uma alça ovalada.

Instintivamente, ele recuou, assustando-se ao reconhecer o símbolo hieroglífico utilizado pelos egípcios para representar a imortalidade.

— A "*Cruz Ansata*"! – a voz robusta trovejou no cubículo fechado.

E, de súbito, todos os olhares voltaram-se para ele.

— O que você disse? – Uriel perguntou, imaginando não ter escutado direito.

— Eu encontrei um "*Ankh*" esculpido na parede – Barrabás relatou, ainda sob o efeito hipnótico da descoberta. – Deve significar alguma coisa!

— Um "*Ankh*"? Onde? – o anjo aproximou-se curioso.

— Bem aqui – o grandalhão apontou, saindo da frente para que todos pudessem observar a estranha cruz incrustada no meio da parede.

— Por *Ethernyt*! – Uriel exclamou aturdido. – N-não pode ser...

— Primeiro nos diga o que é essa coisa. E, depois, nós decidimos se pode ou não pode ser – Thomas sugeriu, divisando a imagem.

— O "*Ankh*", ou "*Cruz Ansata*", é o símbolo hieroglífico comumente usado pelos egípcios para assinalar a vida após a morte. – o anjo explicou. – Antigamente, era o símbolo da *Vida Eterna*, posto que representava a união de Ísis e Osíris, que, juntos, concebiam as cheias periódicas do Rio Nilo, tão fundamentais para a sobrevivência e a fartura do povo egípcio. Segundo acreditava-se, as cheias proporcionavam a própria eternidade à nação egípcia, uma vez que sem elas, vida alguma sobreviveria. E ainda havia a fantástica história de Osíris que, de acordo com a mitologia, foi magicamente ressuscitado da morte por Ísis, após ter sido cruelmente assassinado e esquartejado por Set. Mas o que mais me intriga é encontrarmos um "*Ankh*", justamente aqui!

— E o que tem de errado nisso? – Duke indagou curioso. – Eu não acredito que encontrar um símbolo da Vida Eterna dentro da tumba de um faraó seja algo tão fora de propósito assim.

— E não seria, se a *Grande Pirâmide* tivesse sido construída na *Quinta Dinastia* e não na *Quarta*, a qual o faraó Quéops pertencia, posto saber-se que o "*Ankh*" surgiu somente a partir da quinta geração de reis egípcios! – Barrabás explicou.

— Além disso, até hoje ele só havia sido encontrado em templos como *Karnac*, *Edfu*, *Hatshepsut* e *Luxor*, mas nunca em pirâmides – Uriel acrescentou.

— E você acha que este símbolo idiota pode ter alguma ligação com o *Cofre da Morte*? – Thomas quis saber subitamente interessado.

— No Egito Antigo, o "*Ankh*" também era conhecido como a "*Chave da Vida*" – Barrabás concluiu.

— Humpf – Thomas grunhiu desdenhoso. – O *Cofre da Morte* está muito longe de ser comparado a isto. No máximo, ele poderia ser chamado de "*Chave da Morte*"!

— Não se esqueçam de que o "*Vírus D*", antes de ser utilizado como arma biológica, foi empregado, e com sucesso, nas lavouras de *Ethernyt*, salvando os ethernytianos da extinção – Uriel interveio. – Portanto, cabe-nos afirmar que foi originalmente concebido para abrir os portões da vida e não os da morte!

— Putz! Vendo a coisa por esse ângulo, muda tudo! – Thomas exclamou.

— Você acha que isto pode ser alguma pista, Uriel? – Desirée indagou.

— Não sei – o anjo respondeu. – Mas não estamos em posição de descartar nada, sem antes investigarmos!

Barrabás contou como encontrara a gravura e, um minuto depois, todos os seis guerreiros da luz estavam com as adagas raspando a massa de vários pontos distintos da parede sul da *Câmara Subterrânea*. Após trinta minutos de trabalho, um conjunto inteiro de símbolos hieroglíficos materializou-se ali. E eles se afastaram, visualizando pela primeira vez o que havia oculto debaixo da grossa camada de massa calcária. E não foi fácil acreditar no que estava diante de seus olhos...

— O que são todos esses desenhos? – Duke perguntou.

— São hieróglifos – Desirée esclareceu encantada. – A escrita sagrada dos faraós e sacerdotes!

— No Egito Antigo, apenas os membros da realeza, os sacerdotes e os escribas conheciam a arte de escrever e interpretar estes sinais sagrados – Uriel acrescentou.

— Sagrados? Este monte de desenhos estranhos de passarinhos e de pessoas com cabeças de animais? – Duke riu. – A mim, parecem somente rabiscos de crianças!

— Porque você não os compreende – Uriel contrapôs, observando as gravuras, uma

de cada vez. E explicou que se tratava de uma sequência de eventos, onde cada fato era relatado por um conjunto de desenhos específico.

— Mas afinal, o que está escrito aí? – Thomas impacientou-se.

— Veja este – o anjo apontou para a representação de um homem com cabeça de falcão, dentro de um barco rodeado por estrelas. – É a expressão egípcia "*Djai*", que significa: "*Deus Rá viajando no céu, a bordo de seu navio sagrado*".

— Ou seja: os anjos cientistas em sua nave espacial! – Desirée concluiu. – Mas o que levou os egípcios a representarem os cientistas como um deus-falcão?

— E ao que mais poderia ser comparado, naquela época remota, um ser alado que subia, descia e varava os céus voando? Um deus-pássaro! Já o falcão, simbolizava a realeza divina desse "*Deus*" perante os homens.

— Minha Santa Edwiges! – Duke exclamou perplexo. – Será que existe alguma passagem histórica que não tenha o envolvimento dos anjos?

— E agora, vejam este...

Na figura seguinte, o "Deus cabeça de falcão" estendia um "*Ankh*", na direção de um homem, cujo toucado real ostentava uma serpente com o pescoço dilatado.

— E esse é o Faraó – ele explicou. – Eu sei por que a serpente na sua cabeça é a deusa *Wadjyt*, a protetora dos soberanos do Egito.

Duke esboçou uma careta de repulsa, à simples menção da serpente.

— Me corrija, se eu estiver errada... – Desirée especulou. – Pelo que eu entendi, esta gravura representa *Rá*, o "*Deus-Sol*", concedendo a *Vida Eterna* ao faraó?

— Sob o ponto de vista arqueológico e humano, sim – ele concordou. – Porém, sob o ponto de vista ethernytiano, representa, tão somente, um dos cientistas entregando aos cuidados do faraó a "*Chave da Vida*", ou seja, o *Cofre da Morte*!

— Céus! – Desirée estremeceu. – Então, ele está mesmo por aqui? Mas onde?

— Nós já procuramos em todos os lugares possíveis e imagináveis – Leon falou.

— Eu creio que a próxima gravura responderá a sua pergunta...

Os seis pares de olhos voltaram-se para o último hieróglifo, onde se via um leão com cabeça humana e de feições serenas, deitado sobre um "*Ankh*".

— É claro: a *Esfinge*! – a francesa não se conteve e concluiu. – O *Cofre da Morte* está em algum lugar sob a *Esfinge*!

— Se for verdade, como é que vamos chegar até ele? – Thomas se perguntou. – Aquele monstro de pedra deve pesar milhares de toneladas!

— Deve existir alguma espécie de câmara secreta debaixo dela – Uriel cogitou. – De modo que o nosso problema resume-se em descobrir onde fica a sua entrada.

— Não me perguntem como... – Barrabás declarou enigmático. – mas acho que eu já

sei!

O ex-monge estendeu o braço direito para frente e com a mão aberta pressionou com força a pedra em que o primeiro "*Ankh*" fora entalhado, no centro da parede sul.

— O que você está... – Thomas começou a perguntar, no que foi abruptamente interrompido por um estalido seco, no mesmo instante em que o bloco desapareceu, deslizando parede adentro, até tombar estrepitosamente do outro lado.

Em seguida, Barrabás repetiu o processo com a pedra em que estava o segundo "*Ankh*", e a parede inteira deslocou-se para o lado, revelando uma passagem secreta em forma de túnel descendente. Cinco queixos caíram e cinco bocas se abriram, mas nenhum som foi emitido. O espanto era geral. Perplexos e mudos, os guerreiros da luz apenas se entreolharam, ainda sem compreender direito o que havia acontecido ali.

Uriel foi quem primeiro se recuperou do choque, passando pela abertura.

— Por que é que eu não estou surpreso? – Thomas encarou o africano, antes de seguir o anjo.

— Porque isto já está virando rotina – Leon respondeu-lhe, entrando logo atrás dele, seguido de perto por Desirée e Duke.

Ao passar, Barrabás puxou a parede de volta, ocultando novamente o túnel.

* * * * *

Pelos cálculos de Uriel, a passagem secreta iniciava na *Câmara Subterrânea* da *Grande Pirâmide de Quéops* e seguia para o rumo sul, num ângulo reto, sob a estrada elevada que a conectava a sua irmã menor, a *Pirâmide de Quéfren,* e desembocava em algum lugar sob a *Esfinge*. Eles estavam a quarenta metros abaixo do nível do solo e, surpreendentemente, ainda conseguiam respirar normalmente, mérito de um perfeito sistema de ventilação que só existia ali. Nenhuma outra tumba, em todo o Egito, fora provida de ventilação, de espécie alguma. O que era perfeitamente compreensível, uma vez que as tumbas eram erigidas para encerrar corpos sem vida. Concebidas para que nenhum ser vivo pudesse invadi-las após encerrados os funerais, eram hermeticamente seladas. Todas as entradas eram obstruídas por imensos blocos monolíticos que, em geral, pesavam toneladas. Além do mais, cadáveres não respiram, portanto, não precisam de ar. No entanto, o simples fator da existência de um sistema de ventilação instalado naquela pirâmide, em seus túneis, câmaras reais, galerias e passagens subterrâneas secretas, deixava claro que ela jamais fora predestinada aos mortos, e sim aos vivos, que, por sua vez, possuem a necessidade de respirar.

Thomas ainda refletia sobre isso quando o túnel acabou e, de súbito, eles deram de

cara com uma parede de pedras alinhavadas bloqueando o caminho.

— E agora? – Duke perguntou. – Não podemos seguir em frente.

— Quem disse? – Thomas indagou, enquanto verificava o muro. – Esses blocos estão somente encaixados uns nos outros, e não são tão grandes. Podemos derrubá-los. O que é que vocês acham de repetirmos o que fizemos na Mesquita da Rocha, seis meses atrás, quando encontramos o Templo de Salomão?

— Podemos tentar – Barrabás consentiu.

— É. Eu acho que pode funcionar – Uriel concordou.

— E o que foi que vocês fizeram lá? – Duke interpelou curioso.

— Agarramos o mais novo integrante do grupo e usamos a cabeça dele como um aríete. – Leon brincou, esticando os braços em sua direção.

— Nem pensem em se aproximar de mim, seus psicopatas! – o ex-traficante de armas americano recuou nervoso. – Ninguém vai usar a minha cabeça como marreta!

— Relaxe, Donald – Desirée acalmou-o. – Eles só estão curtindo uma onda com a sua cara!

— Em Jerusalém, nós derrubamos um muro igual a esse, lançando-nos todos juntos contra ele – Uriel explicou rindo.

Duke fuzilou Leon com o olhar.

Os cinco homens posicionaram-se a certa distância do muro. Duke observou que Thomas cochichava algo no ouvido de cada um dos outros, em seguida, olhavam para ele e riam.

Malditos... Cretinos! Deviam estar zombando da sua cara. Isso só serviu para deixá-lo fulo da vida, de modo que resolveu descarregar toda a raiva que estava sentindo contra a parede de pedras.

— Um... Dois... Três e... Já! – Desirée gritou.

Os cinco correram. E, quando estavam a menos de um metro do muro, quatro deles interromperam a corrida e estacaram.

Duke, que não esperava por aquilo, por conseguinte, não conseguiu parar. Chocou-se de cheio contra o paredão de pedra, que desmoronou de uma vez só em meio a um estrondo ensurdecedor, cujo eco reverberou por todo o túnel. Uma espessa nuvem de poeira branca elevou-se do chão, cobrindo-o em toda sua extensão e, quando se dissipou, restava o americano, totalmente coberto de pó e todo esfolado, estrebuchado no chão, em meio aos escombros.

— O que foi isso? – Desirée indagou, olhando reprovadoramente para os quatro homens parados de pé na sua frente.

— O muro estava ruindo – Thomas respondeu, caindo na gargalhada. – Bastava um

simples empurrão e ele viria abaixo!

— Por que isso então? – ela apontou para Duke ainda caído.

— Não podíamos perder uma oportunidade dessas de sacanear o Pato Donald – Thomas admitiu rindo.

— Vocês quatro não valem nada – ela repreendeu-os, enquanto ajudava Duke a levantar-se do chão e bater o pó acumulado nas roupas e nos cabelos.

— Vocês combinaram isso? – ele rosnou enfurecido.

— Imagine – Leon desdenhou, fazendo cara de inocente. – Nós jamais faríamos uma barbaridade dessas com você!

— Seus mentecaptos! Filhos da mãe! Bastardos! Cretinos! – Duke berrou. – Isto não vai ficar assim... Vocês vão me pagar... Juro pela minha alma!

— Podia, pelo menos, jurar por algo que valesse mais a pena? – o ex-agente da PF zombou.

— Veja pelo lado positivo, Donald – Leon gracejou. – Agora, ninguém mais vai reparar no seu nariz esfolado.

— É porque agora eu estou "todo" esfolado, seus... Seus abortos da natureza!

Com isso, todos caíram na gargalhada, exceto Duke, que emburrou de vez.

E ainda estavam rindo quando a poeira assentou, permitindo que enxergassem o que havia do outro lado do muro tombado.

Então, o sorriso morreu em seus rostos.

* * * * *

— Jesus Cristo! – Leon exclamou, petrificado de horror ante a imagem grotesca que desfilava diante de seus olhos perplexos. Um cenário digno de filme de terror.

Iluminada pela tênue e artificial luminosidade das lanternas, a boca do túnel se abria exatamente no centro de uma galeria retangular de sete metros por doze, e três de altura, perfurada na placa calcária existente sob a *Pirâmide de Quéfren*, conforme dedução posterior de Uriel. Mas, o que havia lá, fugia completamente da razão...

Centenas de ossadas humanas encontravam-se empilhadas pelo chão, em meio a pilhas e pilhas de sacos com comida deteriorada, jarros de barro e tesouros de valor inestimável, compostos por coroas, cetros, moedas, estátuas e diversos outros objetos cunhados em ouro, cobre e prata, mesclados a incomensuráveis quantidades de joias e diamantes de todos os tipos, formatos e tamanhos.

— Nós estamos ricos! – Duke vibrou eufórico, enchendo os bolsos de moedas de ouro e ignorando os esqueletos. – Ricos não... Milionários, bilionários, trilionários!

— Sossega o rabo... Criatura abespinhada! – Leon censurou-o, aplicando-lhe um safanão na cabeça. – Nós estamos aqui para localizar o *Cofre da Morte* e impedir que o "*Vírus D*" acabe nas mãos erradas, não para saquear os mortos!

— O dono disto está morto há quatro mil e quinhentos anos, portanto, não vai se importar se nós levarmos algumas moedas conosco, nem mesmo se levarmos tudo – o americano rebateu, continuando a pilhagem do macabro tesouro.

Mas eis que surgiram, junto à parede dos fundos da câmara, de modo repentino, duas ameaçadoras sombras refletidas à luz das lanternas, o que provocou calafrios em todos. Imóveis e imersos em um silêncio mortal, eles sacaram as armas e aguardaram que se assomassem ao umbral, a qualquer momento, as silhuetas de Deus sabe quem, ou o quê. Aqueles segundos transcorreram tensos e intermináveis e, para a estranheza dos guerreiros da luz, nada e nem ninguém se fez presente no umbral da câmara.

Armando-se de coragem, Uriel dirigiu-se até lá. E, as sombras, como surgiram, desapareceram. Ele deu mais dois passos. E com a ajuda da lanterna, localizou o seu agente causador: duas figuras humanas, cobertas por resplandecentes superfícies de tonalidades douradas que, ao entrarem em contato com a luminosidade da lanterna, pareciam dotadas de vida própria. Ao compreender do que se tratava, o anjo respirou aliviado. Encostadas à parede, de pé e de frente uma para a outra, tal qual sentinelas do tesouro, erguiam-se duas enormes estátuas negras, de tamanho natural, exibindo lenços egípcios na cabeça, saiotes, peitorais, braceletes e sandálias de ouro. Cada uma portava uma clava, igualmente dourada, na mão direita e um bastão mediano com a extremidade superior arqueada, na mão esquerda.

Ainda à luz das lanternas, os outros se aproximaram. E ao repararem nas feições das estátuas, estacaram assustados. Ambas possuíam cabeças de abutre.

— Relaxem – Uriel acalmou-os. – Apresento-lhes *Mut*, os guardiões do antigo Egito. Se eles estão aqui, com certeza, esta câmara deve ser a antessala de um túmulo.

— E por que você acha isso? – Thomas quis saber.

— Por ser *Mut* considerado um gênio protetor dos mortos, uma espécie de deus a velar pelo descanso eterno do faraó, ele normalmente resguardava a tumba real.

— Isto quer dizer que...

— Estas estátuas, provavelmente, guardam o verdadeiro túmulo de Quéops! – o anjo revistou a parede atrás dos guardiões, encontrando uma tocha apagada. Retirou-a do pedestal dourado cravejado de diamantes e com o isqueiro acendeu-a.

Naquele instante, Thomas já sabia o que ele pretendia fazer.

— Ei, Duke, observe isso – o ex-agente cutucou o negro, no exato momento que o ethernytiano enfiava a tocha acesa em um buraco da parede.De repente, diversas outras

tochas dispostas ao longo da câmara foram, uma a uma, acendendo-se sozinhas, como em um passe de mágica.

De súbito, a galeria ficou iluminada como se fosse dia claro.

— Apaguem as lanternas – Uriel solicitou. – Podemos precisar delas mais tarde.

— Caracas – Duke murmurou atônito. – O que foi isso?

— O mesmo sistema de iluminação utilizado no Templo de Salomão, em Israel – Leon mencionou admirado.

— Pudera – Desirée não pareceu muito surpresa. – Tanto o Templo de Salomão quanto as Pirâmides de Gizé foram erigidos sob a supervisão e orientação técnica dos anjos cientistas, o que significa que essa tecnologia deve ser bem mais antiga do que os locais onde foi empregada.

— Falando nisso, que diabo de lugar é este? – Thomas foi mais objetivo.

— Os egípcios acreditavam na vida após a morte – Uriel explicou. – E por causa disso, quando um faraó morria, tinha o corpo mumificado e era sepultado com tudo o que poderia precisar na ocasião de sua ressurreição, quando faria a longa viagem até "*Duat*", o mundo dos mortos, para obter dos deuses o fruto da *Árvore da Vida*, o que lhe garantiria a tão almejada *Vida Eterna*. Mas para chegar lá ele precisaria de água, comida, tesouros, pertences pessoais, escravos, empregados e animais de estimação, para oferecê-los como oferenda aos deuses. Tudo o que lhe pertencera em vida devia ser sepultado com ele, para lhe pertencer também na morte.

— E você acha que isto aqui... – o brasileiro especulou.

— É o tesouro particular de Quéops, os seus pertences pessoais, os empregados e os suprimentos para a *Grande Viagem* – o anjo antecipou-se. – De modo que tudo o que vemos aqui, me induz a crer que estejamos na antecâmara da verdadeira tumba do grande faraó!

— Isto explicaria o fato de o seu corpo nunca ter sido encontrado... – Desirée deduziu.

— Mas onde está ela, a tumba? – Thomas indagou, olhando em volta.

— Na verdadeira *Câmara do Rei* – o anjo apontou para o ponto escuro no final da galeria. – Onde deve estar também o *Cofre da Morte*!

Sem perda de tempo, atravessaram a antecâmara, constatando que a entrada da verdadeira *Câmara do Rei* encontrava-se obstruída por uma enorme pedra calcária e arredondada, calçada em ambos os lados e na frente, por três blocos menores, mas ainda assim, bastante pesados e volumosos. Tentaram removê-los e nada. Foi quando Leon reparou que, ao lado da instransponível barreira, descansava no chão um conjunto de meia dúzia de toras de madeira, provavelmente utilizadas no transporte das pedras até

aquele lugar.

E então, graças a um amplo esforço coletivo – onde até mesmo a ajuda de Desirée foi requisitada –, as toras foram usadas como alavancas improvisadas, e os blocos que calçavam a pedra redonda foram aos poucos sendo removidos, um de cada vez. Após concluírem o trabalho de remoção dos blocos, posicionaram-se à esquerda da enorme pedra redonda, calçando-a com as alavancas improvisadas e empurraram-na, no que ela obedientemente rolou para o lado, liberando a entrada.

Mas, ao contrário do que Uriel suspeitava, a passagem não dava para a câmara mortuária, e sim para uma longa escada de madeira, estreita e íngreme, mergulhada na mais completa escuridão.

Os guerreiros da luz se entreolharam, e então buscaram Uriel.

— Vamos lá – ele ordenou, iniciando a descida. – Devagar e com muito cuidado. Não sabemos em que situação essa escada está. Um único passo em falso e morremos todos!

Com tochas na mão, um após o outro, os seis guerreiros começaram a descer os estreitos degraus, em fila indiana.

— O que é isto? – Duke perguntou, dirigindo a chama para perto de um bicho peludo, encolhido de medo, no canto de um degrau.

— Sossega – Leon respondeu atrás dele. – É só um rato.

— Ratos? E você me diz para sossegar? Se um desses tentar morder o seu dedão do pé, ele não vai conseguir, pois você está de tênis – o americano falou temeroso. – Em compensação, se ele tentar comigo, os únicos obstáculos que vai encontrar é uma unha comprida e as tiras de couro das minhas sandálias!

— Neste caso, eu preciso admitir que você tem razão. Por acaso, o esmalte que você usa é venenoso ou tóxico? Se for, alguém precisa avisar aos pobres ratinhos para não o morderem – Leon brincou.

— Rá, rá, rá! Estou morrendo de tanto rir. Mais uma piada dessas e vou testá-lo no seu traseiro! – Duke ameaçou com o dedo em riste.

E prosseguiram, cada qual portando a sua tocha acesa. Aos poucos, a escuridão do ambiente foi sendo substituída pela iluminação das chamas crepitantes.

Os degraus terminaram. Pisavam agora em solo firme. Uriel repetiu o processo de enfiar a tocha em um buraco na parede e, com isso, ativou o sistema de iluminação.

A *Câmara do Rei* era relativamente pequena: cinco metros de largura por sete de comprimento e por quatro de altura. Nas paredes pintadas de amarelo, cuja tonalidade dourada suavizava o tom sombrio do lugar, simbolizando o pôr do "*Deus-Sol Rá*" sobre as montanhas do oeste, havia uma série de murais desenhados em vermelho, preto e branco,

cujos temas reportavam ao caráter funerário e religioso do ambiente. Um deles chamava mais a atenção e retratava simbolicamente o traslado do defunto à cripta, conduzido sobre um caixão por cortesãos usando os típicos saiotes egípcios, a cabeça raspada e coberta por vendas brancas, em sinal de luto. Já a múmia do faraó, na representação seguinte, aparecia sobre uma padiola em formato de leão, instalada no interior de uma capela, por sua vez, montada dentro de uma barca real. Mas, antes desses, um outro mural retratava a cerimônia de abertura da boca do defunto, onde se podia distinguir um sacerdote manipulando uma estranha alavanca, em forma de alicate, com a qual claramente se atinha a abrir a boca do morto. Entre eles, espalhados sobre uma mesa, os vários objetos utilizados no cerimonial: um dedo humano amputado, um leque com uma única pena de avestruz, o quarto traseiro de um boi e um objeto desconhecido até mesmo para Uriel, em forma de duplo penacho. Acima deles, uma fileira com cinco taças de ouro e prata. E, localizado bem no centro da câmara, um gigantesco e reluzente objeto atraía a atenção de todos. Tratava-se do único elemento físico do lugar: um sarcófago de jade, todo incrustado em diamantes e com a tampa repleta de detalhes em ouro.

— Quéops! – Desirée murmurou emocionada. – Nós o encontramos!

# CAPÍTULO XIV

— E quanto ao *Cofre da Morte*? – Thomas indagou, percebendo que o sarcófago era o único ornamento da sala, além das pinturas nas paredes.

— Só nos resta uma coisa a fazer – Uriel olhou para a tumba –, abri-lo para ver o que o morto tem a nos dizer!

Os seis rodearam a cripta adornada nas quatro quinas por esculturas angelicais em alto-relevo, que, segundo Uriel, tratavam-se das deusas *Ísis*, *Néftis*, *Neith* e *Selkit*, do panteão egípcio.

— Mas que, na verdade, eram anjas a serviço dos cientistas – concluiu. – Assim como todos os outros "deuses" e "deusas" das antigas civilizações da Terra.

Os cinco homens posicionaram-se ao redor da tumba e, num esforço conjunto, ergueram a tampa, depositando-a com extremo cuidado no chão, ao lado do esquife.

Debruçaram-se sobre a cripta e a perplexidade foi geral. Dentro, ocupando todo o espaço interno, jazia, resplandescente e soberba, uma esfinge de ouro. Era a tampa de um segundo ataúde, com pouco mais de dois metros de comprimento, e cuja face humana repousava serena sobre as patas de leão. Os olhos eram confeccionados em minúsculas pedras de aragonita e obsidiana e as sobrancelhas adornadas em lápis-lazúli reluziam, ofuscando-os. Mas não foi isso o que mais intrigou a Thomas, e sim o fato de que, enquanto o ataúde revestia-se de um ouro brilhante, as mãos e o rosto ali retratados possuíam uma tonalidade cinza cálida, simulando assim a mórbida cor dos mortos.

— Vejam – Uriel apontou para as mãos da esfinge, cruzadas sobre o seu peito e ostentando, cada uma, um objeto. – Os emblemas reais: o *Cajado* e o *Chicote*. O que reforça ainda mais a minha convicção de que um faraó repousa dentro deste ataúde.

Em respeitoso silêncio, os guerreiros da luz retiraram também a tampa desse segundo sarcófago. E um novo susto... Ao invés da múmia, depararam com um felino de focinho longo, dentes afiados e orelhas eretas, grandes e pontiagudas, cujo centro do crânio, de face negra, exibia um par de olhos âmbar, rasgados e penetrantes como lâminas de adagas. Instintivamente, os seis recuaram. E o anjo, mais uma vez, foi o primeiro a se recompor do susto inicial. Ele reaproximou-se da cripta, reparando que os olhos do animal com aspecto de chacal, assim como todo o resto do seu corpo de pele escura e lustrosa, eram artificiais, incrustados em ouro, calcita e obsidiana, e pintados sobre a madeira de que era constituído.

— É uma estátua de *Anúbis* – ele declarou aliviado.

— *Anúbis*? – Thomas repetiu.

— A primeira transformação pós-mortem do faraó que repousa neste túmulo – Uriel explanou sério. – Os egípcios veneravam *Anúbis* como a principal deidade protetora dos mortos. O seu papel era extremamente relevante como "*o abridor dos caminhos*", assumindo para si a primeira das mutações que o morto devia sofrer em seu caminho para "*Duat*", o mundo do além. Em quase todas as sepulturas do Egito antigo, *Anúbis* aparece montando guarda próximo ao defunto do faraó. Contudo, eu jamais esperava encontrá-lo no lugar dele!

— O que isso quer dizer? – o brasileiro inquiriu.

— Não sei – Uriel retorquiu pensativo. – Mas se levarmos em conta que o chacal sagrado dos egípcios também era conhecido pela alcunha de "*o senhor da mumificação e do cofre*", acredito que sob ele...

— Encontra-se o *Cofre da Morte*! – Thomas deduziu atônito.

— E o que estamos esperando? – Duke encarou-os, já com as mãos na imagem, que, ao contrário do que eles supunham, era extremamente leve e, num único esforço coletivo, foi retirada de dentro do sepulcro, revelando um fundo vazio no mesmo.

— Hã? – Duke estranhou, olhando para o esquife. – Cadê a múmia?

— Pelos meus cálculos, deve estar debaixo disso – Uriel explicou, removendo a placa de madeira que compunha o fundo falso do caixão.

E desta vez não houve nenhuma surpresa.

Lá estava ela: a múmia de Quéops, envolta em um grosso tecido de gaze, escurecido e deteriorado. Todavia, permanecia intacta e na mesma posição em que fora posta, quatro mil e quinhentos anos antes, de barriga para cima e com um "*Ankh*" de ouro de uns setenta centímetros sobre o peito, entre os braços cruzados. Sobre si repousavam várias guirlandas de flores, arranjadas com folhas de oliveira e salgueiro, entre pétalas de loto-azul e centáureas, plenamente conservadas, apesar da passagem dos milênios, o que era um mistério sem solução.

E era só. Para a decepção de todos, sob o corpo, não havia nada além do enorme bloco de granito, sólido, duro e impenetrável, que servia como base de sustentação ao pesado sarcófago de jade do faraó. Nenhum sinal do *Cofre da Morte*, do "*Vírus D*", ou de qualquer coisa que pudesse indicar a sua localização.

— E agora? – Barrabás interpelou preocupado.

— Não sei – o anjo entregou os pontos descorçoado. – Pela lógica, o *Cofre da Morte* deveria estar escondido aqui, nesta sala... Mas onde?

* * * * *

— Uma múmia de verdade! – Duke exclamou abismado, debruçando-se sobre o sarcófago. – Eu gostaria de saber como eles faziam isso...

— O processo da mumificação, em si, era bastante complexo – Leon explicou. – Vou tentar resumir em poucas palavras o que eu sei a respeito: primeiro se retirava os órgãos internos do cadáver, posto que eram os primeiros a entrar em decomposição e depois, o seu cérebro, que era fisgado e retirado pelo nariz do morto, por uma haste comprida em formato de anzol. Em seguida, o corpo era lavado e limpo com essências aromáticas e "*natro*", uma espécie de sal. E após empacotado, o cadáver era coberto com "*natro*" e deixado para desidratar por quarenta dias. Concluído esse período, ele passava por um novo banho, era envolto com linho ensopado em resina e mais uma dose de "*natro*" e finalmente era enfaixado. Normalmente, todo o processo levava em torno de setenta dias, mas era capaz de preservar um corpo que por ele passasse por milhares de anos, como acabamos de comprovar.

— Cruzes! – Duke arrepiou-se. – Eu não imaginava que fosse assim. Me dá um troço só de pensar no cérebro sendo pescado e arrancado pelo nariz!

— Você deveria experimentar – Thomas zombou. – Seria uma experiência única e inesquecível...

— Melhor não – Leon interrompeu-o. – Você já pensou o mundo ter que aturar essa cabeça de porongo mumificada por mais alguns milhares de anos?

— Eu tenho uma ideia melhor: por que é que vocês não tentam se enforcar em um pé de cebola? – o americano entrou na brincadeira. – Os dois juntos, e de mãos dadas, de preferência.

Foi então que uma voz soou do alto da escada.

— Rendam-se, ou seremos obrigados a matá-los!

* * * * *

Como se fossem um só, os seis guerreiros da luz instantaneamente voltaram-se naquela direção. Depararam com uma dúzia de homens encapuzados e trajados de negro, apontando-lhes fuzis. E, no pulso do que gritara: a tatuagem da cruz invertida.

— Protejam-se! – Thomas gritou, mergulhando e rolando pelo chão, ao mesmo tempo em que sacava a Automag44.

Uriel e Leon seguiram o seu exemplo e saltaram um para cada lado, enquanto uma série de mortíferas línguas de fogo brotava dos canos das armas dos mercenários de Lúcifer. Uma chuva de projéteis passou zunindo por eles, ricocheteando aos seus pés e

arrancando lascas do piso e do bloco de sustentação do esquife de jade.

Desirée, Barrabás e Duke instintivamente se abaixaram, protegendo-se atrás do sarcófago e do bloco granítico.

De joelhos no chão, Thomas mirou e acertou um inimigo na cabeça, fazendo-o despencar do alto da escada. Uriel atingiu mais dois, enquanto Leon acabava com um quarto, metendo-lhe uma bala na garganta. De súbito, três pistolas automáticas rugiram juntas de trás do esquife de jade – onde jazia, alheia à confusão, a múmia de Quéops – eliminando outros três inimigos.

Thomas ainda rolava pelo chão para escapar de uma rajada, quando sentiu uma fisgada na perna direita, seguida por uma onda de dor que lhe atravessou o membro. Droga! Fora atingido. Indiferente à dor, o brasileiro continuou rolando em meio ao pó acumulado de milhares de anos e ainda alvejou mais dois atacantes, antes de parar com o rosto praticamente colado a um enorme camundongo de pelagem acinzentada. O roedor encarou-o, amedrontado, e então, pressentindo o perigo, fugiu desesperado, sumindo por debaixo da escada de madeira.

Já regenerado do tiro na perna, o ex-agente ergueu-se de pé. Foi quando escutou um gemido abafado e, ao procurar pela sua fonte, avistou Leon ferido e retorcendo-se no chão. Sem pensar em nada, Thomas correu até ele, descarregando o pente da Automag nos inimigos que não paravam de despontar no alto da escada. Abaixou-se ao lado do piloto inglês e constatou que ele fora atingido no ombro direito e desmaiara, mas ainda respirava... Aliviado, Thomas substituiu o carregador vazio da Automag44 por outro cheio, preparando-se para investir com tudo contra a horda de seguidores de Lúcifer, entretanto, conteve-se ao reparar que Uriel rendia-se, abaixando a arma. Por alguma razão alheia à sua compreensão, o anjo moreno olhava aterrorizado para o sarcófago, às suas costas.

De repente, um silêncio desconcertante e perturbador passou a imperar na *Câmara do Rei*. O tiroteio cessou. O que significava que os demais guerreiros da luz também haviam desistido da luta. Incrédulo quanto ao que estava acontecendo, Thomas virou-se para trás lentamente, a tempo de ver o que provocara tal reação nos companheiros, e sentiu ambas as pernas afrouxarem, ao avistar o demon de feições indígenas – com quem lutara em Cancún – pressionando uma adaga contra o pescoço de Desirée.

— Larguem as armas, ou a vagabunda morre! – Memnon ordenou.

* * * * *

Disfarçado com roupas pretas, capuz e uma capa comprida que encobria as asas,

Memnon passara-se por um simples soldado do Exército de Lúcifer, até se aproximar da escada e ser alvejado pelo primeiro disparo de Thomas, despencando do alto da mesma. E ele esperara imóvel no chão até se regenerar e ninguém mais se preocupar consigo, então, simplesmente arrastara-se, centímetro a centímetro, até alcançar um ponto relativamente próximo a Desirée, Barrabás e Duke, de onde investira sobre eles sem ser visto, rendendo a ex-agente francesa.

O plano funcionara com perfeição absoluta. Os seus homens haviam monitorado todos os passos dos guerreiros da luz, desde que eles desembarcaram no Egito, até aquele momento e ele, Memnon, refizera o caminho por dentro da *Grande Pirâmide*, tomando as precauções necessárias para que os dois grupos não se cruzassem antes da hora certa. Descobrira a passagem secreta na *Câmara Subterrânea* e, a partir daí, Lúcifer juntara-se a eles.

Em questão de uns poucos minutos, o senhor dos demônios decifrara os hieróglifos da parede sul da sala e a abrira. O que para um leigo seria praticamente impossível, para ele fora tão fácil quanto tirar o doce de uma criança. Os mercenários sob o seu comando invadiram a *Câmara do Rei*, os guerreiros da luz foram rendidos e agora se encontravam amarrados a um canto da sala.

— Por que não os matamos de uma vez? – o índio indagou.

Lúcifer deu uma volta ao redor do sarcófago e o encarou sério.

— Simplesmente, porque seria fácil demais para eles – respondeu, batendo com a bengala na perna capenga. – Eu quero que sofram bastante, antes de passarem para o mundo dos mortos!

— Ei, mula-manca – Thomas gritou. – Você se deu mal, meu chapa. O verdadeiro *Cofre da Morte* não está aqui!

— Cale a boca, seu maluco! – Duke sussurrou apavorado. – Você quer morrer?

Memnon fez menção de partir para cima do brasileiro, no entanto, foi contido por um gesto de seu líder. Lúcifer aproximou-se deles e se abaixou até que o seu rosto quase tocasse no do ex-agente. A voz saiu serena e controlada.

— Você realmente acredita nisso? – ele inquiriu, com ar de incredulidade, ante a arrogância demonstrada pelo prisioneiro.

— Será que além de manco, você também ficou cego? – Thomas rebateu. – Olhe à sua volta. Não há nada aqui, além da esfinge de ouro, do chacal e do sarcófago de jade, que certamente vale uma fortuna, mas não deixa de ser uma porcaria de caixão com uma múmia de quatro mil anos dentro!

— Confesso, a sua ingenuidade e ignorância me surpreendem – Lúcifer declarou impassível, aproximando-se ainda mais do rosto do brasileiro. – É por isso que a sua raça

medíocre merece o fim à que está predestinada!

— Eca! Você nunca ouviu falar em uma coisa chamada higiene bucal? – Thomas comentou com cara de nojo e fazendo pouco-caso do comentário do demon. – Uma boa escova com um pouco de creme dental ajudaria com esse seu mau hálito terrível!

— Cuidado, agente Thomas. O seu sarcasmo ainda vai matá-lo!

Lúcifer levantou e afastou-se dois passos, então virou-se subitamente, acertando um violento chute no estômago do brasileiro.

Thomas contorceu-se de dor, caindo de lado no chão.

— A minha vontade seria cortá-lo em pedacinhos, agora mesmo – Lúcifer rugiu. – Porém, tenho outros planos para você e os seus amigos.

Virou as costas e afastou-se.

— Cara... Eu ainda não acredito que você chamou o capeta, em pessoa, de mula-manca – Duke olhou para Thomas com profunda admiração.

— E também de cegueta e bafo de onça! – Barrabás complementou rindo.

— Pessoal – Desirée chamou-os. – Eu detesto interromper, mas o que é que eles estão fazendo?

Com dificuldade para respirar, devido à dor, Thomas sentou-se novamente, bem a tempo de observar meia dúzia de mercenários empurrarem o sarcófago de jade para o lado. O ataúde deslizou, lenta e sofridamente, sobre o bloco de pedra retangular que o sustentava há quatro milênios e despencou de encontro ao piso, em meio a um forte estrondo que reverberou por toda a câmara mortuária como um potente trovão. Com a pancada no chão, a múmia de Quéops rolou para fora do sarcófago, parando junto aos pés de Duke com o rosto voltado para o americano, como se protestasse silenciosamente pela profanação de seu descanso sagrado.

— Deus do céu! – o ex-traficante gritou horrorizado, encolhendo-se todo de pavor. – Isto é sacrilégio!

— Falta de respeito com os mortos – Desirée comentou indignada.

Sem tomar conhecimento da indignação e revolta dos guerreiros da luz, Lúcifer retirou do bolso as duas *Chaves* do *Cofre da Morte*: o Crucifixo de Sarah e a *Estrela de David* e, solenemente, as entregou nas mãos de um homem, cujos longos cabelos brancos e a corcunda saliente, não escondiam a sua já avançada idade, nem a sua real identidade.

— Agora é com você, meu velho – deliberou o demônio.

— Magog? Não pode ser... – Uriel balbuciou como se tivesse visto um fantasma. – Por *Ethernyt*! É ele mesmo, o desgraçado está vivo!

— Você conhece aquele outro cara? – Thomas quis saber curioso.

— Conheci. Muito tempo atrás – o anjo sussurrou. – E seria capaz de jurar que o

maldito havia morrido durante a campanha final da nossa segunda guerra contra os demons, aqui mesmo, na Terra!

Magog empunhou firmemente as relíquias religiosas, introduzindo a ponta inferior do crucifixo através do orifício central maior da *Estrela de David*, transpassando-a de um lado ao outro.

— O que ele está fazendo? – Duke perguntou.

— Unindo as duas *Chaves*. É a única maneira de abrir o *Cofre da Morte* – Uriel explicou. – Ambas precisam encaixar-se perfeitamente uma à outra, caso contrário, ao invés de abri-lo, elas o lacrarão para sempre. O orifício menor da *Estrela de David* deverá travar o crucifixo, no ponto exato do encaixe entre as duas, transformando-as em uma nova e única *Chave*.

— Falando no maldito cofre – Thomas quis saber. – Cadê ele, afinal?

Em resposta à indagação do ex-agente brasileiro, alguns homens desceram pela escada trazendo uma pesada marreta e duas picaretas de pontas duplas de diamante. Eles atravessaram a câmara e posicionaram-se de frente para o bloco de granito.

E ao comando de Lúcifer, começaram a golpeá-lo violentamente. Lascas de pedra de todos os tamanhos saltavam para os lados, à medida que o bloco ia se deformando e diminuindo de tamanho.

— O que diabos eles pretendem com isso? – Thomas ficou apreensivo.

— Montar uma pedreira comercial para vender cascalho é que não deve ser – Duke zombou.

Uriel abria a boca para expor sua teoria, quando foi abruptamente interrompido pelo estridente som de metal batendo contra metal. Um dos capangas de Lúcifer que manejavam as picaretas havia encontrado algo no meio da base granítica.

— É o *Cofre*! – alguém gritou. – Encontramos!

E os golpes, tanto da marreta quanto das picaretas, intensificaram-se.

— Isso é impossível! – Thomas exclamou boquiaberto. – Como é que um objeto qualquer poderia parar dentro de um bloco de pedra maciça?

— Só tem um jeito – Uriel especulou. – Mas para isso seria preciso que o bloco, em questão, fosse “fabricado” em torno do referido objeto.

— Os egípcios sabiam fabricar blocos de pedra? – Duke interpelou, cético. – Eu sempre acreditei que os extraíssem de pedreiras convencionais, trazendo-os até aqui de alguma maneira.

— Eu também – admitiu o anjo de cabelos negros e olhos azuis. – Todavia, não vejo nenhuma outra explicação para o que estamos vendo.

— Se isso for verdade, muda tudo o que sabemos sobre a origem dos misteriosos

monólitos gigantes usados na antiguidade – Desirée comentou perplexa. – Não foram extraídos de pedreiras locais, como se acredita, e sim, fabricados artesanalmente com alguma espécie de cimento calcário altamente resistente, sendo moldados conforme a necessidade de cada obra!

Uma marretada mais forte desfez em dezenas de pedaços o que ainda restava do já fragilizado bloco de granito, no núcleo da *Câmara do Rei*, liberando uma espécie de caixa retangular azulada, de cerca de um metro e meio de comprimento, por um de largura e um de altura e que, pela cor, deixava claro do que era feita: *criometal* puro.

Quatro homens se adiantaram e cada um, pegando em uma alça, ergueram o objeto, depositando-o com extremo cuidado aos pés de Lúcifer. Ele a examinou minuciosamente, sorrindo satisfeito ao constatar que, apesar de todas as marretadas e picaretadas que recebera, a superfície da caixa não apresentava nem um arranhão sequer. Em seguida encarou Magog, que confirmou ser o que eles procuravam no que o velho demônio de cabelos grisalhos estendeu-lhe a nova *Chave*, oriunda da fusão entre as duas anteriores.

— Uriel? – Desirée o interpelou com um olhar inquisidor.

— Sim. É ele... – o anjo aquiesceu atônito. – O verdadeiro *Cofre da Morte*!

# CAPÍTULO XV

Uma caveira deformada ocupava toda a tampa da caixa, de fora a fora, prevenindo aos mais desatentos sobre o perigo de seu conteúdo.

Lúcifer olhou para ela e sorriu jubiloso. Finalmente, após tanto tempo, a balança do destino começara a pender para o seu lado. Ele encontrara o *Cofre da Morte* e, por tabela, o tão almejado "*Vírus D*". Em breve, o mundo inteiro se ajoelharia diante dele e os anjos deixariam de existir, assim como os seus patéticos pupilos humanos.

O líder dos demônios encostou a ponta dos dedos na tampa da caixa, retraindo-os involuntariamente, em virtude da reação natural causada pela sensação gélida que o *criometal* transmitia ao ser tocado. Apenas as quatro alças laterais não haviam sido confeccionadas com o metal ethernytiano. Elas eram de ouro, reluzente e puro.

— A *Chave* – ele esticou o braço para Magog, que, de pronto, depositou a peça única, formada pela união das duas *Chaves* anteriores, em sua mão.

Lúcifer mirou a fechadura da caixa, cuja forma estrelada, em baixo-relevo, exibia seis pontas triangulares, alternadas entre si, sendo três delas de maior e as outras três de menor profundidade. No centro do entalhe havia um minúsculo corte horizontal, onde ele introduziu a ponta inferior e deformada do crucifixo de Sarah, atrelado agora à *Estrela de David*. Os dois triângulos equiláteros e sobrepostos de que era composta a última peça encaixaram-se perfeitamente sobre a figura em baixo-relevo.

E então, com os dedos entrelaçados na parte superior do crucifixo, ele girou o conjunto formado pela fechadura e as duas *Chaves* unidas. Escutou-se um duplo clique, e a tampa do *Cofre da Morte* levantou-se automaticamente.

Por um longo espaço de tempo, Lúcifer permaneceu imóvel, apenas admirando o interior da caixa, com a face iluminada por uma intensa luz amarela que brotava de dentro do recipiente, até que, de súbito, ele recompôs-se da letargia e esticou o braço, puxando um frasco transparente do tamanho de uma garrafa térmica pequena, cheio de um líquido viscoso e brilhante de cor amarelo-fosforescente.

— O "*Vírus D*"! – Uriel engasgou-se ao reconhecê-lo.

Lúcifer analisou-o por alguns minutos e então devolveu o frasco à caixa, de onde retirou um grosso rolo contendo vários pergaminhos amarelados e repletos de anotações, entregando a Magog, sem nem ao menos dar-se ao trabalho de verificar o seu teor.

Durante intermináveis vinte minutos, o velho cientista dos demons concentrou-se nos hieróglifos, sem ser incomodado, até encontrar o que queria.

— Exatamente como eu suspeitava – anunciou eufórico. – Tragam o prisioneiro!

Dois sujeitos de compleições fortes – com as mesmas deformações salientes nas costas, características dos demons e anjos ao ocultarem as suas asas sob os compridos casacos e capas – desapareceram escada acima.

Lúcifer esperou até eles saírem da *Câmara do Rei*, então, virou-se para o índio.

— Memnon – ele fez um aceno com a cabeça na direção dos dois últimos soldados humanos do grupo, parados ao pé da escada.

O demon anuiu, partindo na direção deles. Os mercenários encontravam-se tão distraídos conversando, que nem notaram o par de adagas em suas mãos. De repente, ágil como um felino, Memnon as arremessou juntas. Ambos os homens tiveram as gargantas destroçadas pelas lâminas afiadas e morreram segundos depois, sem emitir nenhum som.

O índio abaixou-se entre eles e retirou as facas, limpando-as nas próprias roupas negras dos mortos. Mas, ao levantar-se novamente, notou um movimento no chão, à esquerda da sua posição.

— E quanto a esse infeliz? – apontou para um terceiro sujeito, ferido na coxa e que se arrastava, tentando infrutiferamente erguer-se de pé.

— Eu o quero vivo – Lúcifer bradou. – Não deixe que saia daí.

Memnon anuiu e, ato contínuo, desferiu um potente chute na perna dilacerada do coitado, que urrou de dor, desmaiando logo em seguida.

Minutos mais tarde, os dois demônios disfarçados retornaram, arrastando pelos braços um terceiro sujeito, aparentemente debilitado, com as mãos e pés amarrados e a cabeça enfiada num capuz preto. Desceram pela escada de madeira e passaram por cima dos mercenários mortos por Memnon, como se nem existissem, e seguiram até o cerne da câmara, empurrando o prisioneiro, que desabou aos pés de Lúcifer.

Foi quando, do fundo da câmara, os guerreiros da luz observaram algo nele que fez com que se arrepiassem até o último fio de cabelo: um par de asas verde-escuras.

— Santo Deus! – Desirée gaguejou titubeante. – É... É um anjo!

* * * * *

Assim que o capuz do prisioneiro foi arrancado, revelou-se um rosto desfigurado e abatido, mas que Uriel prontamente reconheceu.

— Por *Ethernyt*! É Abel... – ele balbuciou chocado, sentindo um misto de raiva e repulsa pelo estado lastimável em que o compatriota ethernytiano encontrava-se.

O corajoso e intrépido espião dos anjos, que ajudara Sarah a fugir do castelo de Lúcifer, situado em Salzburg, na Áustria, ainda permanecia vivo... Mas fora cruelmente

torturado. Por todo o corpo e principalmente no rosto, o anjo apresentava ferimentos provocados por instrumentos cortantes forjados em *criometal*. Filetes de sangue azul coagulado manchavam tanto as suas vestes rasgadas como os cabelos desalinhados e sujos, e escorriam da cabeça, passando pelo olho esquerdo, através de uma profunda incisão no rosto que praticamente ligava o globo ocular aos lábios inchados e também cortados, até o pescoço e o restante do corpo, igualmente mutilado.

O anjo espião de asas verde-escuras encontrava-se tão debilitado e fraco que não conseguia mais reunir energia suficiente nem para levantar a cabeça e, muito menos, para sustentar-se de pé sozinho.

— Segurem-no – Magog ordenou, enquanto abria um estojo de metal, do qual sacou uma seringa com agulha de dez centímetros.

Os demons agarraram Abel pelos braços e o ergueram.

Lúcifer retirou, pela segunda vez, o frasco com o "*Vírus D*" de dentro do *Cofre da Morte* e o entregou ao demon cientista.

Magog introduziu a comprida agulha e sugou para a seringa algo em torno de 50 ml do soro amarelo-fosforescente. Ele dirigiu-se a Abel e, com precisão cirúrgica, inseriu a agulha numa artéria do pescoço do anjo, injetando todo o conteúdo de uma só vez.

Abel estremeceu. E, contorcendo-se, involuntária e violentamente, soltou-se dos demons que o sustentavam e desabou no chão, urrando de dor. O seu pescoço parecia queimar por dentro, enquanto o composto entrava em contato direto com a sua corrente sanguínea. Uns poucos segundos, e as toxinas maléficas do agente biológico misturaram-se ao sangue azul, aniquilando completamente as suas defesas naturais, para, a partir daí, começarem a percorrer todo o sistema circulatório, reconstruindo o seu DNA. O processo de mutação acabou se expandindo para cada célula do corpo, e a níveis insuportáveis, a lacerante queimação que iniciara no pescoço, alastrando-se de forma feroz e implacável pela sua corrente sanguínea. De repente, e sem aviso, o sangue coagulado de suas feridas abertas começou a ferver, literalmente, mudando de cor do azul para verde fosforescente. Ato contínuo, cada orifício de seu corpo passou a exalar uma espécie de fumaça amarelo-esverdeada, quase imperceptível, que aumentava consideravelmente o seu sofrimento e agonia. Era como se ele estivesse sendo incinerado vivo, de dentro para fora.

Inconformados e impotentes, Uriel e os demais guerreiros da luz assistiram, sem que nada pudessem fazer, à letífera agonia do anjo-espião, sofrendo junto com ele a cada grito ou gemido de dor que chegava aos seus ouvidos.

— Esse suplício não acaba nunca? – Thomas pediu, visivelmente chocado com o prolongado sofrimento impingido ao anjo. – Por que ele não morre de uma vez?

— A morte seria como uma bênção, se comparada aos efeitos reais do "*Vírus D*" –

Uriel respondeu, com a voz embargada. – Por isso, ele é tão terrível: os infectados podem sofrer por semanas a fio, antes que a mutação se complete.

— Mutação? – Thomas encarou-o, franzindo as sobrancelhas. – Do que diabos você está falando?

— Vocês dois, calem a boca! – Memnon interrompeu-os, acertando um violento pontapé no rosto de Uriel. O anjo caiu de lado, cuspindo uma golfada de sangue azul.

— Seu desgraçado, filho da mãe, ou melhor, de uma morcega velha decrépita! – Thomas explodiu. – Eu juro que vou matá-lo, antes disso tudo acabar!

— Não me faça rir, humano idiota – o demon desdenhou, golpeando-o forte na cabeça com a coronha da sua própria Automag44, juntada por ele do chão, logo após a rendição dos guerreiros da luz.

Thomas viu o mundo em volta escurecer diante de seus olhos e, por pouco, não perdeu os sentidos. Respirou fundo, oxigenando o cérebro e, então, sentiu um filete de sangue escorrer pela testa, enquanto que a visão lentamente retornava ao normal. Ainda zonzo, observou Memnon se afastando. Naquele instante, o ex-agente jurou matá-lo, pela segunda vez, em menos de um minuto.

— Pronto... Já chega! – Magog anunciou, consultando o seu relógio de pulso. – Segurem-no novamente!

Os demons hesitaram, mas acabaram obedecendo. Ergueram o anjo moribundo, cujos urros de dor haviam se convertido em gemidos fracos e quase inaudíveis.

— O que o cabeça-branca pretende fazer agora? – Duke indagou.

— Não sei – Barrabás confessou. – Mas seja lá o que for, eu acredito que não será agradável de ver!

Confirmando a projeção do ex-monge negro, Magog novamente inseriu a agulha no pescoço de Abel, desta vez com a seringa vazia, enchendo-a com uma substância viscosa, levemente esverdeada – o subproduto da ação do "*Vírus D*" junto ao sangue azul do anjo – e, em seguida, injetou algumas gotas da nova substância de volta no frasco com o agente biológico original. Instantaneamente, o líquido amarelo-limão começou a ferver, transmutando para verde-fosforescente. O cientista dos demônios repetiu o processo com os outros duzentos e noventa e nove frascos cuidadosamente acondicionados em três camadas, no *Cofre da Morte*.

Cada vez que a seringa ficava vazia, ele a enchia novamente, usando Abel como o principal fornecedor de matéria-prima e, meia hora depois, todos os trezentos frascos estavam prontos.

Lúcifer ordenou aos demônios inferiores que os recolocassem na caixa, tendo em vista o máximo de cuidado possível. E, sorrindo satisfeito, virou para Magog.

— Hoje será o marco inicial de uma nova era: a nossa era! – disse triunfante.

— E eu fico muito feliz que tudo esteja correndo de acordo com os seus planos – Magog complementou.

— Não mais do que eu, meu fiel amigo – Lúcifer regozijou-se.

— E o que eu faço com isso? – Magog indagou, mostrando a seringa, que ainda continha algumas gotas do novo soro genético criado a partir do sangue de Abel.

— Injete nele – o líder dos demons apontou para o mercenário desmaiado ao pé da escada – e a seguir, vamos embora deste lugar detestável e imundo.

— E quanto a eles? – Memnon apontou para os guerreiros da luz – Se quiser, eu posso dar um jeito...

— Deixe-os. Se não morrerem asfixiados, assim que bloquearmos para sempre a entrada da câmara – Lúcifer girou o dedo ao redor do lugar, direcionando-o para o sujeito desacordado –, morrerão pelas mãos do nosso ilustre amigo infectado!

Magog posicionou-se então ao lado do homem, injetando as duas últimas gotas do soro esverdeado na sua perna machucada, diretamente sobre o ferimento aberto, e se afastou rapidamente.

Embora o sujeito continuasse desmaiado, estremeceu violentamente e começou a debater-se em desespero, rolando de um lado para o outro e manchando de sangue o chão à sua volta. Naquele momento, Memnon compreendeu as intenções de Lúcifer para com os prisioneiros e exultou. Ele mesmo jamais conseguiria pensar em algo melhor.

— Senhor – chamou um dos demônios encarregados de guardar novamente os frascos na caixa retangular. – Nós terminamos.

— Muito bem. Tragam o *Cofre da Morte*. Vamos embora dessa pocilga imunda – Lúcifer ordenou, sendo o primeiro a deixar a *Câmara do Rei*, ao lado de Magog.

Os dois demônios seguiram logo atrás deles, carregando o *Cofre da Morte*. E o índio foi o último a sair da sala, tomando a precaução de apagar e levar consigo todas as tochas.

Assim que eles saíram, a pedra redonda acima da escada foi recolocada na sua posição original, bloqueando a única saída da *Câmara do Rei,* que, subitamente, viu-se mergulhada na mais profunda escuridão.

Pouco depois, ouviu-se uma explosão ensurdecedora na antecâmara e uma parte do teto desabou perto da escada e ao lado do soldado agonizante, transformando-se em um amontoado de blocos de pedra e pedaços de madeira.

Frações de segundos se passaram, e várias outras explosões em série sucederam à primeira, confirmando o que os guerreiros da luz já suspeitavam: a galeria inteira, que funcionava de antecâmara para a sepultura de Quéops, estava sendo destruída!

E então, foi a vez da escada de madeira que conduzia a ela estremecer, rangendo

alto, antes de ruir e engrossar ainda mais a espessa nuvem de pó que já tomava conta de toda a *Câmara do Rei*.

# CAPÍTULO XVI

Thomas abriu os olhos, sentindo-os arderem por causa da poeira, que igualmente irritava a sua garganta e o nariz, dificultando a sua respiração.

A escuridão era total e absoluta.

— Estão todos bem? – indagou, sentindo como se cada palavra dita arrancasse um pedaço da laringe.

E só tranquilizou-se um pouco ao escutar as vozes dos companheiros, menos a de Leon, ainda desacordado. Mas, o que realmente o perturbava eram os gemidos fracos e angustiados de Abel, o anjo-espião de asas verde-escuras usado como cobaia por Magog, somados aos sons emitidos pelos espasmos de seu corpo em plena mutação, como uma espécie de sinfonia macabra saída diretamente das entranhas do Inferno.

— Maldição! – Uriel esbravejou. – Nós precisamos sair daqui.

— Eu concordo com você, mas como? – disse Desirée. – Estamos amarrados e não podemos enxergar nem mesmo os nossos próprios narizes!

— Não por muito tempo – Duke fez-se ouvir. – Eu tenho um canivete suíço no bolso da calça. Se conseguir pegá-lo...

Esticou milímetro a milímetro os dedos, que, apesar de doloridos, obedeceram aos comandos do seu cérebro, até finalmente tocarem no cabo de madrepérola do canivete da "*Swiss Army*".

— Mais um pouco... – ele gemeu. – Pronto. Estou com ele na mão.

E, deixando de lado a preocupação de que, enquanto tentava se soltar, poderia cortar uma veia ou artéria – o que seria fatal –, o americano começou a rasgar a corda firmemente enrolada em seus punhos atados à altura das costas. Depois do que pareceu uma eternidade, quando os dedos já mal aguentavam segurar o instrumento cortante, os pulsos soltaram-se.

— Consegui – exclamou, aliviado. – Estou livre.

— E o que você está esperando para soltar o resto de nós? – a voz de Thomas soou rouca através da escuridão.

— Para isso, primeiro preciso encontrar vocês – ele respondeu, movimentando devagar os braços para frente, sem se importar com a forte dor nos ombros.

Tateando no escuro, o americano encontrou e, ato contínuo, soltou cada um dos companheiros, usando sempre a pequena porém afiada lâmina do seu canivete suíço para romper as cordas que os prendiam.

Uriel, ao ver-se livre, e com o auxílio do seu isqueiro, encontrou as lanternas que eles haviam trazido, abandonadas no canto oposto ao da parede sul da *Câmara do Rei*. Foi até lá, ligou uma e, com a luz emitida por ela, perscrutou toda a sala.

Leon, ferido no ombro, permanecia desmaiado, enquanto que Abel e o soldado de Lúcifer – ambos infectados pelo "*Vírus D*" – ainda se debatiam no chão, no outro extremo da câmara, embora com menos intensidade do que antes. E, para o desalento geral, a escada pela qual haviam entrado na *Câmara do Rei* não existia mais. Em seu lugar havia apenas um amontoado de pedaços de madeira e blocos de pedra caídos do teto. Uma atmosfera de tensão tomou conta de todos, tão logo eles constataram que estavam presos naquele lugar, para sempre...

A única saída da câmara mortuária de Quéops estava bloqueada por toneladas de pedra, há quase quatro metros de altura e sem nenhum acesso alternativo.

— E agora? – Duke choramingou abatido. – Vamos morrer aqui?

— Não – Uriel enfatizou, retirando o casaco e desafivelando a larga cinta presa ao peito. – Vou ver se consigo encontrar uma passagem.

As enormes asas de penas brancas abriram-se majestosamente às suas costas e o anjo voou até o único acesso à *Câmara do Rei* e empurrou a pedra que o bloqueava. A rocha redonda, devidamente calçada por fora, não se moveu sequer um milímetro do lugar. Ele tentou outras duas vezes, sem sucesso, e então desistiu.

— Não adianta. Jamais conseguiremos removê-la pelo lado de dentro – ele relatou desanimado, ao pousar. – Ela deve estar calçada por fora. E, com a galeria destruída, ninguém poderá vir nos salvar. Estamos fadados a ficar presos aqui para sempre.

— Minha Santa Edwiges, me acuda! – Duke desabafou. – Eu jamais imaginei que fosse morrer dessa forma: sepultado como uma múmia, só que vivo!

Ninguém achou graça. Um desânimo coletivo invadiu o ambiente e, de repente, a atmosfera no interior da *Câmara do Rei* tornou-se por demais sombria e pesada, como apenas a iminência da Morte sabia ser.

Afastando os pensamentos mórbidos que passavam a dominá-la, Desirée optou por abaixar-se ao lado de Leon e examinar o seu ferimento. O projétil penetrara pelo ombro do inglês, saindo pelas costas. Felizmente não atingira nenhum órgão vital. No entanto, se ele não recebesse logo o tratamento médico adequado, não sobreviveria, visto que já perdera bastante sangue, e o precioso líquido continuava a esvair-se aos montes pelo ferimento aberto.

Enquanto isso, Thomas, Duke e Uriel decidiram imobilizar o soldado de Lúcifer, e o acomodaram, amarrado e amordaçado, em um canto da sala.

Barrabás, por sua vez, optara por andar, calado e pensativo, de um lado ao outro da

*Câmara do Rei*, analisando cuidadosamente as paredes, o teto e o chão do lugar.

— Ei, Uriel – Thomas chamou-o de lado, assim que terminaram com o soldado de Lúcifer. – O que você quis dizer quando mencionou que um infectado pelo "*Vírus D*" poderia sofrer por semanas, antes que a "mutação" se completasse? Que história é essa de mutação?

O anjo encarou o brasileiro e abriu a boca para explicar, quando foi bruscamente interrompido pela voz rouca e poderosa de Barrabás.

— Você pode me emprestar o seu isqueiro? – o ex-monge negro pediu.

— Claro – o anjo assentiu, apontando para o sobretudo no chão. – Está no bolso do casaco. Pode pegar.

Barrabás abaixou-se e começou a procurar pelo objeto.

— E então? – Thomas insistiu. – O que você quis dizer com aquilo? Que história é essa de mutação?

E novamente, quando o anjo ia falar, foi interrompido.

— O que é isso? – Barrabás indagou, segurando um minúsculo objeto piscante, do tamanho de um botão de camisa, retirado da vestimenta do anjo.

Thomas já imaginava algo bem desaforento para dizer a ele, quando reconheceu o objeto cuja luz vermelha piscava de forma intermitente em sua mão.

— Um microchip localizador! – o ex-agente exclamou surpreso. – Onde foi que você o encontrou?

— Estava no bolso do casaco de Uriel – Barrabás respondeu.

— Por *Ethernyt*! – o anjo ficou aturdido. – Isso explica como foi que Lúcifer nos encontrou aqui. Os seus agentes devem tê-lo implantado ainda no México, de forma que esteve comigo o tempo todo sem que eu o percebesse...

Thomas arrancou o microchip das mãos do negro e o atirou no chão, pisando em cima dele e despedaçando-o. Só então a luzinha vermelha parou de piscar.

Nisso, Barrabás, que voltara a procurar pelo isqueiro de Uriel, encontrou-o, no bolso interno do casaco, acendendo-o para certificar-se de que ainda funcionava.

— Excelente! – exclamou entusiasmado, ao ver a chama tremulante.

— Para que você precisa tanto de um isqueiro? – Thomas replicou, estranhando o súbito interesse do ex-monge pelo objeto. – Por acaso, resolveu começar a fumar, de uma hora para outra?

— Vocês ainda não perceberam? – o grandalhão encarou-os desapontado.

— Percebemos o quê? – o brasileiro devolveu o olhar.

— Nós estamos respirando – ele declarou triunfante.

— Ah, sim. Grande novidade – Thomas desdenhou. – Fazemos isso desde o dia em

que nascemos e só agora você percebeu?

— Estamos em uma câmara subterrânea, completamente isolada da superfície, e hermeticamente lacrada por toneladas de pedra – o ex-monge da luz argumentou. – O nosso suprimento de oxigênio já deveria ter-se esgotado há muito tempo, todavia, ele prossegue renovando-se continuamente.

E então, ele acendeu novamente o isqueiro e pôs-se a caminhar, bem devagar, por toda a *Câmara do Rei*, passando a chama rente às paredes.

— Por *Ethernyt*! – Uriel arregalou os olhos, compreendendo, de súbito, onde ele pretendia chegar com aquilo. – Barrabás, você é um gênio!

— Será que alguém poderia me explicar o que está acontecendo? – o brasileiro franziu as sobrancelhas, ainda sem entender nada.

A resposta, porém, surgiu por si mesma, quando a chama, de repente, tremulou mais forte na direção oposta à parede.

— Achei – Barrabás exclamou eufórico.

— Achou o quê? – Thomas quis saber, cada vez mais intrigado.

— Uma entrada de ar – Uriel respondeu, raspando o espaço entre os dois blocos de pedra por onde o oxigênio penetrava na câmara.

— E o que tem isso de tão especial?

— Onde há uma entrada, sempre há uma saída! – o negro completou, ao mesmo tempo em que, com a chama do isqueiro, contornava o bloco menor, certificando-se de que o ar penetrava pelos quatro lados do mesmo.

De súbito, afastou-se, acertando um potente chute com a sola do pé no centro da pedra. De nada adiantou. O bloco permaneceu imóvel.

— Droga! Sem as ferramentas certas, nós jamais conseguiremos removê-lo – Uriel concluiu.

Foi aí que Barrabás notou, ao focar a luz do isqueiro diretamente sobre o bloco em questão, que no centro da pedra havia um pequeno orifício, semelhante ao buraco de uma fechadura. Sem dizer nada, procurou em volta, e os seus olhos estacaram ao encontrarem o "*Ankh*" de ouro de Quéops, ainda preso por bandagens ao peito do faraó mumificado.

— Me ajudem aqui – solicitou, abaixando-se ao lado da múmia.

— O que você pretende fazer? – Thomas o encarou atônito. – Agora vamos começar a pilhar os mortos?

Sem responder-lhe, Barrabás concentrou-se em rasgar, com as próprias mãos, as bandagens, arrancando sem nenhuma cerimônia a cruz egípcia da múmia.

Já de volta à parede, ele introduziu a ponta inferior do "*Ankh*" no orifício central da pedra – que, para o assombro de seus observadores, se ajustava perfeitamente ao seu

formato – até sentir que a chave encontrava-se no ponto certo. Então, segurando com as duas mãos na alça superior, forçou-a para a direita.

A *Cruz Ansata* girou, e eles escutaram um estalido seco, quando as engrenagens milenares foram acionadas. A pedra deslizou automaticamente para trás, caindo ao chão do outro lado da parede e revelando, além desta, uma espécie de túnel secreto.

— Eu não acredito! – Thomas exclamou boquiaberto.

— O que foi isto? – a voz de Duke soou perplexa atrás deles.

— "Isto" é uma passagem de ar – Uriel ilustrou. – Se nós a seguirmos até o fim, provavelmente, encontraremos uma saída!

* * * * *

De lanterna acesa na mão, Thomas seguia na frente, orientando Duke ao longo do túnel. Eram apenas eles dois... Os outros haviam ficado na *Câmara do Rei*, pois a fenda revelara-se pequena demais para Barrabás e Uriel a atravessarem. Desirée, por sua vez, decidira ficar cuidando de Leon, que passara a ter febre alta, um pouco antes de eles se aventurarem pela passagem de ar.

A sua missão consistia em duas etapas: na primeira, eles precisavam encontrar a saída do túnel, e na segunda, dar um jeito de remover a pedra redonda que bloqueava a entrada da *Câmara do Rei*, para que os outros também pudessem sair.

O ex-agente brasileiro estava preocupado, mas para não deixar o seu já nervoso companheiro ainda mais nervoso, resolveu permanecer calado. O que o incomodava era saber que, em geral, túneis como aquele partiam de grutas ou cavernas naturais, cujas entradas costumavam ser fechadas, lacradas para sempre, após o término das escavações. Torcia para não ser esse o caso, pois se fosse eles já estavam mortos. Apenas não sabiam ainda. Suspirou e procurou não pensar mais nisso, concentrando-se exclusivamente na tarefa que tinha pela frente.

À medida que avançavam pelo túnel, a passagem estreitava-se, infligindo-lhes uma incômoda sensação de claustrofobia. Thomas enfiou a mão no bolso, tocando no isqueiro de Uriel, que pegara emprestado. Retirou-o e o acendeu.

— O que é que você pretende fazer? – Duke indagou com voz cansada atrás dele. – Este não é o melhor momento para começar a fumar.

— Pretendo apenas verificar se existe alguma abertura nas rochas.

Os dois observaram com ansiedade a chama do isqueiro que, para a sua decepção, permaneceu imóvel.

— Pelo jeito, não há abertura nenhuma por perto – o americano murmurou, em tom

desanimado.

— É, parece que não... – Thomas concordou, guardando novamente o objeto.

A caminhada recomeçou. O teto do túnel foi ficando cada vez mais baixo, até que ambos tiveram de se curvar para poderem prosseguir.

— Aaaaaiii! É impressão minha ou este lugar está ficando cada vez menor? – Duke indagou, raspando a cabeça no teto.

— Não reclame. Isso é um bom sinal – o brasileiro comentou otimista. – Talvez, até estejamos próximos de uma saída!

— Maravilha! – Duke vibrou, indo da frustração à euforia num piscar de olhos. – Que tal irmos mais depressa? Eu estou louco para sair deste lugar nojento...

Thomas concordou e eles apressaram o passo, até que o teto de pedra ficou tão baixo que eles tiveram de se agachar para poderem continuar em frente. Foi quando o facho da lanterna de Thomas incidiu sobre um pedaço do chão e Duke, de quatro, viu milhares de pequenas manchas escuras se movendo.

— O que são essas coisas, aí no chão? – ele perguntou apreensivo.

— Relaxa. São apenas baratas!

— Baratas? Eu detesto baratas! – o americano murmurou enojado.

— Relaxa cara. Apesar de serem nojentas, elas não mordem.

Lentamente prosseguiram, engatinhando sobre o mar de baratas. E quanto mais avançavam, mais o chão por onde passavam enchia-se dos asquerosos insetos.

Naquela altura, Duke já estava a ponto de entrar em pânico. Fazia cara de asco, ao ter de passar sobre elas, esmagando-as com as mãos, os joelhos e os pés. De repente, uma família inteira de ratos cruzou à sua frente. Alguns roedores, ao vê-lo, ficaram a encará-lo, curiosos. Afinal, eles nunca tinham visto um ser humano antes, pelo menos, não ali, no seu ambiente natural. Certamente, deviam achá-lo tão repugnante e amedrontador quanto ele os achava. Num primeiro momento, ao vê-los, o americano imobilizou-se, petrificado de terror, olhou para eles e arregalou os olhos, pensando nas duas opções que tinha: gritar ou desmaiar...

Como o chão estava imundo e repleto de baratas, ele preferiu gritar.

* * * * *

Já fazia mais de uma hora que Thomas e Duke haviam atravessado pela fenda na parede e desaparecido no túnel encontrado por Barrabás.

O ex-monge encontrava-se sentado no chão, ao lado de Uriel, enquanto que Desirée fazia as vezes de enfermeira improvisada, revezando-se entre os três enfermos, cuidando

conjuntamente de ambos. Eles haviam sido dispostos perto um do outro, de forma que ela não precisasse dispender muita energia, deslocando-se entre os pacientes.

Dos três, Leon era o que aparentava estar em pior estado, pálido e com febre alta. Os outros dois continuavam a gemer e a debater-se, embora com menor intensidade agora, enquanto os seus corpos queimavam por dentro.

— O que você acha? – Barrabás indagou a Uriel. – Eles encontrarão uma saída a tempo?

— Não se preocupe, meu amigo – o anjo tranquilizou-o. – Assim como existem entradas para uma sala, existem também saídas. Se eles conseguirem chegar ao final do túnel, é provável que encontrem uma!

— Eu não estou preocupado – Barrabás comentou, tentando imprimir um tom casual à própria voz. – Só o que me incomoda um pouco é você utilizar as expressões: "se" e "provável"...

* * * * *

— Relaxe. Eles já foram embora!

— Relaxar? Você não faz ideia do quanto eu odeio essa palavra! – Duke berrou descontrolado, olhando para os roedores que, apavorados com o surto histérico daquele humano doido, desapareciam na escuridão.

— Tudo bem. Então, não relaxe – Thomas riu, seguindo em frente.

E, para o desespero do americano, que vinha logo atrás, o teto continuava abaixando gradativamente, cada vez mais.

— Porcaria – ele resmungou. – Se continuar desse jeito, daqui a pouco teremos que rastejar por esse chão imundo!

Não demorou muito e a sua predição concretizou-se. Repentinamente, o teto da passagem de ar ficou tão baixo que, para os guerreiros seguirem adiante, só rastejando sobre as baratas.

— Droga! Eu sabia – lamentou-se Duke, em vias de vomitar. – O que foi que eu fiz para merecer tamanho castigo? Devo ter misturado purgante ao vinho da "*Santa Ceia*" na minha última encarnação...

— Cale essa boca, antes que uma barata acabe dentro dela! – Thomas recomendou, examinando o caminho à frente com o facho da lanterna, e constatando que, além dos roedores, baratas e demais insetos, havia também, e por toda a parte, uma substância viscosa, cujo cheiro extremamente forte e nauseante, ele imediatamente reconheceu ser excremento de morcego.

Ele preferiu não comentar aquilo com o companheiro, para não deixá-lo ainda mais nervoso. Ao invés disso, pediu apenas que desligassem as lanternas, a fim de economizar as baterias, pois poderiam precisar delas mais adiante.

— Fica frio – ele observou sério, ante a discordância do americano sobre isso. – Trata-se somente de uma medida de segurança, para o caso de o túnel ser mais longo do que imaginamos.

— E rastejar em meio a esse mar de criaturas repugnantes, no escuro? – rebateu Duke. – Negativo. Nem pensar. De jeito nenhum.

— O que é que você prefere? Desligar as lanternas agora e preservar as baterias para quando precisarmos delas de fato, ou então ficarmos sem luz daqui a pouco e não achar nunca mais a saída deste maldito lugar?

Duke refletiu por um instante, antes de acatar a ideia.

— E tem mais uma coisa – Thomas anunciou, não conseguindo se conter. – Eu acho que vi cocô de morcego pelo chão!

— Morcegos? – o negro assustou-se, batendo a cabeça no teto baixo. – Aaai! Era só o que me faltava: ratos voadores... Será que são vampiros sugadores de sangue?

— Não seja bobo! Eles devem ser frutívoros – o brasileiro respondeu calmamente. – Mas, por precaução, mexa-se devagar, não faça barulho e permaneça abaixado, assim, eles não nos atacarão. Nem tomarão conhecimento da nossa presença e continuarão pendurados no teto, dormindo. E não se esqueça: por nada deste mundo acenda a sua lanterna, posto que a luz os assanharia. E, aí sim, eles viriam com tudo para cima de nós. Por último, enquanto estivermos rastejando sobre os seus excrementos, não leve as mãos aos olhos ou à boca.

— Obrigado. Vou tentar me lembrar disso – o negro zombou. – Pensar em toda essa caca de morcego em baixo de nós vai ser tão reconfortante, tão animador...

— A propósito, procure pensar nisto como um bom sinal.

— Tá bom. Agora só falta você me dizer que está achando bacana ter um bando de ratos com asas defecando nas nossas cabeças!

— Não, é claro que não – Thomas riu. – O que eu quero dizer é que, se eles estão aqui, devem ter entrado por algum lugar, o mesmo buraco que para nós pode significar uma saída...

— Tem lógica – Duke gostou da ideia.

— Agora chega de conversa. Vamos em frente, pois quanto antes nos pusermos a andar, mais depressa sairemos deste maldito lugar.

Rastejaram por algum tempo, até que, de repente, escutou-se um grito histérico, que ecoou por todo o túnel, provocando uma súbita revoada de morcegos sobre suas cabeças.

— O que diabos foi isso? – Thomas perguntou sobressaltado, após os animais se acalmarem e retornarem aos seus lugares no teto do túnel.

— U-um bicho peludo passou por cima da minha mão, que nojo! – o americano resmungou nervoso.

Somente depois que Duke escutou a merecida bronca e se acalmou novamente, é que eles recomeçaram a rastejar. Foi quando o ex-agente cogitou algo que o fez sentir um calafrio na espinha: um morcego era bem menor do que um ser humano, o que o tornava capacitado a atravessar buracos muito pequenos. Buracos que talvez Duke e ele jamais conseguissem transpor...

* * * * *

Ambos sentiam-se nauseados por causa do cheiro forte exalado pela volumosa quantia de excremento de morcego sobre a qual viam-se obrigados a rastejar, entretanto procuravam controlar-se para não vomitar.

O ex-agente podia sentir a substância viscosa grudando na pele das mãos, braços e pernas, além de senti-la pingando sobre a cabeça e as costas. E, para completar o cenário, havia ainda os guinchos agudos que eles escutavam, misturados ao farfalhar sonoro de asas, o que o fez julgar que devia estar anoitecendo e os roedores alados começavam a acordar. Logo começariam a sair em busca de alimento, portanto, eles precisavam se apressar e encontrar a saída do túnel.

— Minha Santa Edwiges, me acuda! – Duke gritou, debatendo-se todo. – Tem um morcego enroscado no meu cabelo... Socorro!

— Cala essa boca, estrupício! – Thomas repreendeu-o, rindo. – Desse jeito, você vai acordar o bando todo!

E eles continuaram rastejando no escuro por mais um tempo, até que o teto do túnel ficou ainda mais baixo. O que não deixava de ser um alívio, pois não havia mais morcegos ali e a quantidade de excrementos diminuíra consideravelmente. Thomas considerou as alternativas: estariam eles rumando para a saída, ou para um beco sem saída? Rejeitou a segunda hipótese. Seria trágico demais, depois de tudo pelo que eles passaram. Porém, de repente, as paredes afunilaram-se, raspando de ambos os lados nos ombros largos do brasileiro, no que ele parou de avançar e virou-se para trás.

— O túnel está ficando muito estreito. Pelo menos, para mim. Daqui a pouco, eu mal vou conseguir me mexer.

— E o que é que você quer que eu faça? – Duke indagou, visivelmente irritado.

— Que prossiga sem mim. A passagem pode ser estreita demais para mim, mas não

deve ser para um cabo de vassoura com pele como você.

— Agora você pegou pesado. Eu só não acerto um tremendo chute no seu traseiro branco, porque as minhas pernas estão viradas para o outro lado.

— Sugiro que você pegue as duas lanternas e tente alcançar o fim do túnel – Thomas argumentou, ignorando os protestos do outro. – Se encontrar uma saída, pode retornar mais tarde, com ajuda e...

— Nada feito, cara – o americano discordou veementemente. – Não vou deixá-lo para trás neste lugar maldito e nojento, e também não pretendo prosseguir sozinho. Nós entramos nessa enrascada juntos e vamos sair dela juntos.

— Mesmo que para isso tenhamos que morrer entalados os dois?

— Se tivermos que morrer, morreremos juntos como uma equipe – o americano declarou, surpreendendo a si mesmo e ao brasileiro. – Agora chega de falar bobagens. Siga em frente e eu o acompanharei. E ande logo com isso, porque senão eu dou um jeito de virar as minhas pernas e começo a chutar sem parar esse seu traseiro fedorento!

— Ok – Thomas riu. – Você venceu. Vamos continuar...

Algum tempo depois, com os ombros sangrando de tanto raspá-los nas paredes estreitas de pedra, Thomas não diminuía o ritmo, de modo que a regeneração celular não dava conta de curá-lo de um raspão, e ele logo se encarregava de substituí-lo por outro. Quando menos esperava, o brasileiro sentiu uma lufada de ar no rosto.

— Pare! – o ex-agente sussurrou ao companheiro que vinha atrás, agarrado em seu tornozelo.

— O que foi agora? – Duke perguntou nervoso. – Ai, ai... Não me diga que você viu mais morcegos?

— Não. Eu senti um sopro de ar – Thomas respondeu, tentando virar-se, numa tentativa de esticar o braço para trás, a fim de pegar o isqueiro no bolso da calça. Mas não conseguiu se mover nem um milímetro sequer.

O túnel estava ficando tão baixo e apertado, que logo mais ele seria impedido de continuar avançando.

— Ei, Duke – chamou ofegante. – Tente apanhar o isqueiro de Uriel, que está no meu bolso.

— Ok. Espere um pouco... – o americano moveu-se lentamente. – Acho que não vai dar... Puxa, como está apertado aqui... Ah, acho que eu estou conseguindo... Mais um pouquinho... Pronto... Peguei... Você quer que eu o acenda?

— Não – Thomas respondeu seco. – Pois, mesmo que houvesse uma abertura nas proximidades, o meu corpo bloquearia a passagem do ar. Eu vou tentar esticar a mão para trás e você me passa o isqueiro. Acha que consegue?

— Talvez. Não custa nada experimentar...

Com extrema dificuldade, e após muita superação, Thomas logrou escorregar o braço perpendicularmente ao seu corpo, esticando-o à altura da coxa e espremendo-se contra a parede. Com semelhante esforço, o ex-traficante conseguiu entregar o isqueiro ao companheiro. O ex-agente pegou o objeto, e espremeu-se novamente contra a parede, até posicioná-lo a sua frente e, só então, acendeu-o, tomando a precaução de prender a respiração antes, para não influenciar no movimento da chama. A labareda dançou tremulante em sua direção.

— Maravilha! – exclamou entusiasmado.

— O que foi? – a voz de Duke soou de algum ponto atrás dele. – Vamos cara, me diga logo. O que aconteceu?

— A chama do isqueiro inclinou-se na minha direção!

— Isto quer dizer...

— Que estamos perto de uma saída. Agora falta pouco, vamos.

Com as esperanças renovadas, os dois guerreiros da luz recomeçaram a rastejar, centímetro a centímetro. Ambos estavam completamente exaustos, mas a ansiedade por um pouco de ar fresco e luz natural, assim como a possibilidade de encontrá-los logo, fornecia-lhes uma carga extra de energia para prosseguirem.

Alguns metros depois, Thomas divisou uma luz ao longe.

— Eu acho que estou vendo uma luz no fim do túnel – ele anunciou alegre.

Atrás dele, Duke começou a rir baixinho, eufórico.

— Só espero que não seja o farol de um trem – o americano brincou.

Foi quando, ao rastejarem mais alguns metros, o chão repentinamente desapareceu, desmoronando sob o peso dos seus corpos. Eles rolaram e caíram, desembocando em uma minúscula sala. A fraca iluminação do lugar provinha de um tímido filete de luz que entrava por entre a fissura nas pedras de uma parede que ia do chão ao teto.

Ao erguer-se e verificar ao redor, Thomas sentiu como se o seu coração parasse de bater dentro do peito. A tão sonhada abertura não devia ter mais do que uns três centímetros de largura por cinco de comprimento e localizava-se no alto da parede, a mais de dois metros do chão.

Duke parou ao seu lado, batendo o pó da roupa e perguntando excitado:

— A saída. Onde está?

Thomas limitou-se a apontar para o buraco na parede, desanimado.

— Mas que porcaria! – o americano desabafou, chutando o ar. – Ela é minúscula demais! E agora, o que faremos?

Notando o tom melancólico na voz do companheiro, Thomas tentou consolá-lo.

— Bem, pelo menos agora podemos nos sentar. Vamos aproveitar e descansar um pouco – ele disse, sentando sobre a montanha de terra que se formara atrás deles.

Ao acender a lanterna, devido aos excrementos de morcego, deixou-a escorregar da sua mão. O objeto caiu e rolou pelo chão poeirento e sujo. O facho luminoso percorreu toda a sala, focando no lado esquerdo da abertura e revelando algo inesperado: a parede não era sólida, como parecia à primeira vista. Na verdade, ela era formada por blocos de pedra soltos e mal encaixados entre si.

— Caramba! – gritou o negro, mal acreditando no que via.

Juntos, e como se fossem um só, os dois arremeteram-se sobre o aglomerado de pedras soltas, que desmoronou em meio a uma sufocante nuvem de poeira branca.

Thomas ergueu-se primeiro, girando o facho da lanterna ao redor, e quase caiu para trás, ao perceber que eles estavam agora em uma espécie de templo ladeado por doze colunas de bronze e, para variar, com um altar pétreo ao centro. Uma enorme quantidade de objetos de ouro e prata, joias de todos os tipos e tamanhos, cerâmicas trabalhadas e toda uma série de artefatos arqueológicos, de valor inestimável, estavam espalhados de qualquer maneira pelo piso quadriculado, vigiados por dezenas de esqueletos humanos escorados nas paredes ou deitados sobre o chão.

O brasileiro deduziu que eles se encontravam em uma espécie de templo antigo. Só então, reparou nos minúsculos orifícios estrategicamente perfurados nas paredes ao longo de todo o imenso salão e que permitiam que o ar entrasse em abundância no local, apesar de ele se encontrar lacrado.

Duke juntou-se a ele e, boquiabertos, os dois deram uma rápida volta pelo lugar, apreciando a sua arquitetura bem definida e os seus incomensuráveis tesouros, mas, sobretudo, procurando por uma hipotética saída. Entrementes, não havia nenhuma. Nenhuma porta, nenhuma janela ou pedra que pudesse ser removida. Apenas quatro paredes e o túnel pelo qual eles tinham vindo.

— Que lugar é este? – Duke quebrou o silêncio reinante.

— Não faço a mínima ideia – Thomas respondeu. – Mas precisamos encontrar um jeito de sair daqui e salvar os outros.

— E como é que você pretende fazer isso? – o americano quis saber, esbarrando sem querer em um suporte de tocha preso à parede.

Para a sua surpresa, o objeto subitamente desprendeu-se, girando para o lado e o desequilibrando.

— Mas que dro... – resmungou, calando-se ao escutar um forte ranger de metal, ao mesmo tempo em que observava, totalmente perplexo, a parede de pedra à sua frente subir lentamente, como um portão eletrônico.

Um jorro de ar fresco penetrou pela fenda, que parou de aumentar de tamanho ao atingir a altura de trinta e cinco centímetros do chão.

— N-nós conseguimos! – ele exclamou exultante.

— Deixe de falsa modéstia, cara – Thomas bateu nas costas dele. – Você conseguiu! Embora tenha sido por acaso, o mérito é todo seu.

Os dois guerreiros da luz espremeram-se entre o chão e a parede suspensa, e se arrastaram para o outro lado. Lá fora, já era noite alta. A lua cheia reinava absoluta no firmamento, iluminando o Platô de Gizé em sua totalidade.

Eles precisavam se apressar. Os últimos turistas já saíam da *Grande Pirâmide* e não demoraria muito para que os seguranças assumissem novamente seus postos, vedando-lhes a entrada no monumento.

— Obrigado, Senhor. Muito obrigado! – Duke agradecia de joelhos na areia, com as mãos erguidas para o céu.

Thomas virou-se para trás e assustou-se ao constatar de onde eles haviam saído: do pé direito da *Esfinge*... O templo ficava dentro dela!

— Contando, ninguém acredita... – o ex-agente murmurou baixinho, tocando no ombro do companheiro, que permanecia ajoelhado e com as mãos para cima. – Deixe de palhaçada e vamos salvar os nossos amigos!

— Não. Primeiro eu quero voltar lá dentro e pegar um pouco daquele ouro para nós – Duke afirmou empolgado, abaixando-se para espiar pela abertura.

Thomas agarrou-o pelo colarinho e, num puxão seco, ergueu-o de pé.

— Deixe isso para depois, agora nós precisamos salvar os nossos amigos.

— Mas só preciso de alguns minutos. Para quem já esperou tanto, uns minutos a mais ou a menos, não farão diferença. Prometo fazer rápido. Vou entrar, pegar duas ou três coisinhas e...

Nisso, eles escutaram o mesmo rangido metálico de antes. E, para o total desespero do americano, a parede começou a baixar novamente, lacrando para sempre a entrada do templo secreto com o inestimável tesouro dentro, enterrado sob a gigantesca pata de leão da impassível guardiã das pirâmides.

# CAPÍTULO XVII

— Não é justo! – Duke lamentava-se, enquanto eles cruzavam correndo o Platô de Gizé, em direção à *Grande Pirâmide*. – Todo aquele ouro dando sopa, e nós não pegamos sequer uma moedinha. Eu não me conformo!

— Acalme-se – Thomas consolou-o. – Ainda há o tesouro de Quéops na *Câmara Subterrânea* para você saquear!

— É mesmo... – o americano animou-se. – Eu havia me esquecido desse!

Correram ainda mais depressa. Chegando à *Grande Pirâmide*, os guerreiros da luz dirigiram-se sem demora à *Câmara Subterrânea* e abriram a passagem secreta na parede sul da mesma. E eles cruzaram o túnel descendente que, por sua vez, desembocava na antecâmara da tumba do faraó. Mas o que encontraram no lugar desta última foi tão somente um grande amontoado de pedras bloqueando a passagem.

— Malditos! – Thomas esbravejou. – Eles explodiram o túnel.

— Mas fizeram o trabalho pela metade – Duke exclamou, apontando o facho da lanterna para o cume da montanha de detritos, onde havia uma abertura de razoável tamanho entre as rochas.

Os dois escalaram pelas pedras maiores até ela e, com as mãos, removeram os pedregulhos soltos à sua volta, até que o buraco atingisse o tamanho de um homem. Passaram por ele e, arrastando-se espremidos entre o teto e a montanha de pedras, prosseguiram lentamente e com cautela, até atingirem a entrada da galeria que servia de antessala à verdadeira *Câmara do Rei*.

Forçando com ambos os pés, Thomas empurrou para o lado de dentro o bloco de pedra calcária que bloqueava a passagem, o qual rolou montanha abaixo, arrastando consigo uma razoável quantidade de pedregulhos. Então, ele próprio deslizou sobre as pedras soltas, até que os pés tocassem no chão da galeria. E avançou alguns passos, girando a lanterna ao redor, com a finalidade de visualizar melhor o que os aguardava pela frente.

Surpreendentemente, a antecâmara permanecia intacta. Ela parecia ter resistido bravamente às explosões em série provocadas por Lúcifer e sua corja, encontrando-se praticamente como eles a tinham visto da última vez.

Mas não... Reparando melhor, havia algo de diferente agora, em relação à última vez. Algo que fez com que o brasileiro sentisse uma incontrolável vontade de rir. E a vontade aumentou ainda mais ao imaginar a expressão do infortunado companheiro ao

descobrir que não havia mais o tesouro de Quéops para saquear. Todo o ouro, as joias e a prata de horas atrás haviam sumido, como por encanto. Apenas os jarros de comida putrefata e de vinho azedo foram deixados num canto, apodrecendo junto aos esqueletos dos serviçais do faraó.

Duke juntou-se a ele, com um semblante de frustração e raiva deformando o seu rosto ao vislumbrar a antecâmara vazia.

— Agora sim... Isso se transformou em uma questão pessoal! Quem é que esse arremedo de demônio duma figa e metido a besta do Lúcifer pensa que é para roubar o meu tesouro? – ele vociferou furioso.

— Seu tesouro? – Thomas riu. – Eu pensei que fosse de Quéops!

— Você sempre se prende tanto assim aos detalhes? – Duke contestou. – Qual é a sua, hein? E por que é que você está rindo? Isto não tem graça nenhuma!

— Veja pelo lado positivo, cara! – o brasileiro argumentou. – Apesar de tudo, nós estamos com sorte, afinal de contas, ainda estamos vivos, encontramos a saída do túnel e, de quebra, topamos com dois valiosos tesouros num mesmo dia.

— E, inacreditavelmente, conseguimos perder os dois – o americano resmungou mal-humorado. – Eu não vejo sorte nenhuma nisso!

Thomas deixou-o resmungando sozinho, e atravessou a galeria, detendo-se em frente à rocha redonda que bloqueava a entrada da *Câmara do Rei*. Uma olhada mais de perto e concluiu que eles jamais conseguiriam removê-la, só em dois... Nem a ela, e nem aos três blocos retangulares e maciços que a escoravam de ambos os lados e na frente.

— E agora? – Duke indagou, juntando-se a ele. – O que faremos?

— Acaba de me ocorrer uma ideia... – o rosto de Thomas iluminou-se. – O que é que você acha de irmos até a cidade fazer umas comprinhas?

— Compras? – o americano encarou-o, convicto de que escutara mal.

— Isso mesmo – o brasileiro assentiu. – Você falou a sério, quando afirmou ter amigos aqui no Cairo que poderiam nos arranjar C-4 suficiente para explodirmos o Egito inteiro se quiséssemos?

— É claro que sim – o ex-traficante de armas anuiu. – Mas faz muito tempo que eu não os vejo. Nem sei se ainda estão no ramo.

— Nós só vamos descobrir se formos até eles! – Thomas finalizou, girando sobre os calcanhares e retornando em direção à montanha de pedregulhos.

* * * * *

Sem imaginar por onde andariam os companheiros, Uriel e os outros esperavam

pacientemente. Thomas e Duke tinham cruzado a passagem havia mais de hora e até o momento não se tinha nenhuma notícia deles, nem se haviam, ou não, encontrado a saída. Se é que existia uma... E se é que eles ainda estavam vivos... O anjo esperava sinceramente que sim, pois, caso contrário, nenhum deles sobreviveria para contar a história. Estavam aprisionados quarenta metros abaixo do deserto, em uma câmara secreta, e sem nenhuma ligação com o mundo exterior, sem água ou comida e ainda sem remédios ou condições adequadas para atender os enfermos. Os três estavam deitados lado a lado no chão: Leon seriamente ferido; Abel e o soldado de Lúcifer agonizantes sob os efeitos do *"Vírus D"*.

E, para piorar, acontecera algo na passagem que impedia a circulação do ar, e o oxigênio que agora penetrava na *Câmara do Rei* já não era suficiente para todos eles, tornando-se cada vez mais escasso. Se continuasse assim, logo acabariam morrendo sufocados. As tochas haviam sido levadas e a única luz de que dispunham provinha de duas lanternas, cujas baterias já davam os primeiros avisos de que não iriam durar muito. E também fazia frio, muito frio... Sinal de que já deveria ser noite lá fora, uma vez que as noites no deserto tinham esta particularidade: a temperatura despencava, tornando-as insuportavelmente geladas, o oposto dos dias, cujo calor era infernal.

Barrabás esquentava-se, recolocando o pesado sarcófago de jade de volta no lugar de origem, embora a base retangular que o sustentara por quatro milênios não existisse mais. No momento, arrumava a múmia de Quéops, instalando-a no interior do esquife, na mesma posição em que se encontrava antes de ter a sua tumba violada, inclusive com o "*Ankh*" novamente entre as mãos entrecruzadas sobre o peito.

Procurando não pensar no pior, Desirée concentrava-se nos seus três pacientes: Leon, o soldado de Lúcifer e Abel. O inglês queimava em febre e alternava entre raros momentos de lucidez e longos períodos de tempo perdido na inconsciência. O ombro ferido apresentava claros sinais de infecção. Ele precisava receber logo o tratamento médico adequado, caso contrário, aquele ferimento, até então superficial, poderia se transformar em letal. O soldado de Lúcifer permanecia como eles o tinham deixado, amarrado, e debatendo-se violentamente contra o chão e as paredes. O sujeito urrava de dor por debaixo da mordaça improvisada com um pedaço de tecido da sua própria camisa. O sangue em sua perna ferida agora fervilhava, adquirindo uma tonalidade marrom-escura, quase preta. Quanto a Abel, o estado também parecia ter piorado. O anjo de asas verde-escuras agonizava, gemendo baixinho. O seu sangue, assim como o do capanga de Lúcifer, fervilhava e mudava de cor a olhos vistos. Do azul original, tornara-se verde e agora transmutava para marrom-avermelhado. A sua pele também estava avermelhando, e os olhos azuis pareciam querer saltar das órbitas, ao mesmo tempo em

que se tornavam escarlates como o fogo que o consumia internamente. E, para completar o quadro lúgubre, as penas das asas começavam a cair aos borbotões.

De repente, os olhos do anjo-espião se abriram. Encarou Desirée e os seus lábios moveram-se.

— Uriel... – sussurrou. – Por favor... Uriel!

Um segundo depois, o anjo de asas brancas ajoelhava-se ao seu lado.

— Vou deixá-los a sós – a francesa levantou, afastando-se.

Uriel apoiou a cabeça do amigo no colo e, combatendo a tristeza que sentia por vê-lo naquele estado deplorável, esboçou um parco sorriso.

— Quanto tempo, meu amigo – balbuciou. – É bom revê-lo!

— Pena... que as circunstâncias... não sejam outras... – Abel murmurou baixinho, entre gemidos de dor – Sarah... conseguiu?

— Sim – Uriel respondeu. – Graças a você, ela encontra-se em segurança! Neste momento está em Londres, com o Arcanjo e os outros!

E ele não soube dizer se foi a sua imaginação pregando-lhe uma peça, ou se foi mesmo verdade, mas podia jurar que identificara um leve sorriso no rosto abatido e desfigurado de Abel.

— Então... eu posso afirmar... que valeu a pena... – o anjo-espião murmurou. – Agora sim... morrerei em paz.

— Não diga isso – Uriel balbuciou com os olhos azuis marejados de lágrimas. – Você não vai morrer. Eu vou tirá-lo daqui e...

— Não, Uriel... ambos sabemos... o que vai acontecer comigo... e o que deve ser feito... Assim sendo... eu gostaria que... você o fizesse.

— Nunca! – Uriel recuou. – Me peça qualquer coisa, menos isso!

— Por favor... meu amigo e irmão – Abel implorou. – Você sabe... tanto quanto eu... que não há mais volta... o meu destino já foi traçado... por isso, invoco o direito... de morrer... como um... guerreiro de *Ethernyt*!

— Não, eu não posso! – Uriel largou-o, levantando-se atônito.

— Eu lhe imploro... em nome da razão... e da nossa amizade – ele pediu. – Por favor... mate-me... enquanto é tempo!

— Já disse que não posso! – Uriel afastou-se perturbado. – Não é correto. Você é meu amigo e, além disso, é um anjo. Um ethernytiano, tal como eu!

— Lúcifer... também o era... e veja... no que... ele se transformou.

Uriel estremeceu ante aquela colocação, como se tivesse levado um forte soco no estômago. Fechou os olhos e meditou por um instante. E então, voltou a ajoelhar-se ao lado do amigo e compatriota.

— Por favor... não deixe que o mesmo... aconteça comigo... permita-me morrer com a dignidade... de um ethernytiano – ele implorou – Depressa... meu leal amigo... antes que seja... tarde demais... eu sinto que a minha alma... está me abandonando.

— Mas como farei isso, se Lúcifer levou todas as nossas armas? – Uriel declarou, numa última e desesperada tentativa de eximir-se de tão infeliz tarefa. – Não há nada de *criometal* nesta câmara. Mesmo que eu quisesse, não teria com o que matá-lo!

— O ar... sem ele... nós também morremos – Abel lembrou-o. – Depressa... não sei... por quanto tempo mais... conseguirei deter... a mutação.

Uriel empalideceu, sabendo que não teria outra opção além de atender ao último pedido do amigo. Tremendo e com os olhos cheios de lágrimas, ele posicionou ambas as mãos em torno da garganta de Abel.

— Você está pronto? – indagou, com a voz embargada.

— Por *Ethernyt*... acabe logo... com esse martírio.

Uriel cerrou os olhos, enquanto direcionava toda a sua força para as mãos.

— "*Obrigado, irmão*!" – ele ainda teve a nítida impressão de escutar, por entre os gemidos sufocados do anjo moribundo.

* * * * *

A Kombi alugada avançava pelas ruas e avenidas do Cairo, a uma velocidade muito acima da permitida pela legislação local. Os seus ocupantes não tinham tempo a perder com esse tipo de detalhes. Eles precisavam encontrar o endereço anotado no pedaço de papel, grudado com fita adesiva no painel do veículo, o quanto antes.

Thomas dirigia pela *Sharia el-Corniche*, entrou derrapando no *Nilo Boulevard* e passou como um raio pelo *Shepheard's Hotel*.

— E agora? – o brasileiro indagou. – Acabamos de passar pelo tal hotel.

— Vire à esquerda, na segunda rua – Duke informou, consultando um pequeno mapa de bolso que trazia aberto no colo.

A Kombi entrou na *Sharia el-Harny* e, um minuto depois, cruzava pelo prédio da embaixada americana no Egito.

— Você tem certeza de que estamos no lugar certo? – Thomas encarou-o.

— É o que diz neste mapa. Agora, vire naquela rua – o americano apontou para uma avenida larga que cortava perpendicularmente a *Sharia el-Harny*.

Thomas obedeceu e, com um cavalo de pau, entrou na *Sharia el-Qasr el-Aini* e depois em uma rua bastante estreita, de casas caiadas.

Em frente a um cinema, dezenas de adolescentes se amontoavam na bilheteria,

fazendo uma enorme algazarra, enquanto outros saíam lá de dentro, dando socos no ar ou simulando golpes de caratê. Ao vê-los, o ex-agente achou mais prudente reduzir a velocidade, mesmo assim, cruzou por eles como um foguete. E então, a uma quadra dali, a um sinal de Duke, ele estacionou a Kombi na entrada de um beco estreito e escuro, de onde prosseguiram andando. A pouca claridade que escapava pelas frestas das venezianas entreabertas e cobertas de fuligem era praticamente a única iluminação daquele corredor sombrio e imundo. Acima deles, várias vozes berravam dentro dos cortiços. Risadas, discussões, aparelhos de televisão e rádios no último volume ditavam a melodia do gueto egípcio.

Thomas lamentou estar desarmado. Mas, com relação a isso, não havia nada que pudesse fazer, uma vez que Lúcifer e os seus capangas haviam levado todas as armas após o confronto na *Câmara do Rei*.

— Por que todo traficante de armas vive em lugares fedorentos como este? – ele indagou, perscrutando o ambiente sujo e malcheiroso ao redor.

— Mohamed não é traficante – Duke replicou. – É um negociante que se dedica ao comércio clandestino de armamentos há mais de vinte anos, desde que abandonou a célula terrorista da qual fazia parte quando o conheci.

— Um terrorista? – Thomas estacou, entrando em estado de alerta total. – Você nos trouxe a um maldito reduto terrorista? Seu idiota, inconsequente!

— Sossega – o americano sorriu. – Mohamed Zaki é um amigo pessoal. Nós dois já fizemos muitos negócios no passado. Ele é confiável.

Além disso, já faz bem mais de vinte anos que ele não atua no ramo do terrorismo internacional...

— Duvido – Thomas rebateu. – Uma vez terrorista, sempre terrorista!

— É como você: uma vez babaca, sempre babaca! – Duke rechaçou.

— Já que não temos outra opção, vou confiar em você – o ex-agente declarou. – Mas será que podemos confiar no seu amigo?

— Mohamed precisa vender o seu produto, neste caso o C-4 e as armas que nós queremos comprar... Encare como um simples negócio de compra e venda. Portanto, ele não tem motivo algum para se meter a besta conosco.

— Assim espero, pois é a integridade do seu traseiro que está em jogo!

— Ei, deixe o meu traseiro fora disso, seu branquelo pervertido – Duke zombou.

Eles apressaram o passo e logo chegaram ao final do gueto, parando em frente a uma enorme porta de ferro enferrujada. Duke apanhou o celular e discou um número preestabelecido.

— Mohamed? Somos nós... Sim... Estamos aqui – ele falou. – Ok!

Nem bem ele terminou de falar, a porta rangeu, abrindo-se automaticamente, e uma forte luz vinda do interior do galpão cegou-os momentaneamente.

— Fiquem onde estão! – uma voz rouca soou em inglês.

Uma dupla de seguranças armados com fuzis saiu e os revistou de cima a baixo. Ao constatarem que estavam desarmados, fizeram um sinal para dentro do galpão e a luz se apagou. Só então eles puderam ver onde se encontravam: num pavilhão todo revestido de concreto e sem janelas.

Thomas escutou um motor em funcionamento à distância e, ao olhar para cima, observou meia dúzia de exaustores presos ao teto, os quais se encarregavam de trocar o ar interno, mantendo-o seco e fresco. O conjunto devia funcionar como uma espécie de desumedecedor de ambientes, o que garantia a integridade dos produtos expostos. Mas o que mais impressionava mesmo eram as armas: várias dezenas de fuzis de assalto M-16, Heckler & Koch e AK-47, empilhados como gravetos em uma fogueira, e centenas de submetralhadoras Uzi e Steir, amontoadas num canto. Pistolas de todos os calibres e todos os tamanhos descansavam sobre uma gigantesca prateleira, junto a milhares de carregadores extras para todas as armas. Uma metralhadora Mag belga, montada em seu tripé, erguia-se no chão, em meio a inúmeras lanternas, óculos para visão noturna, roupas camufladas, facas de combate, rádios, lançadores de foguetes, granadas, bazucas antitanque e até rifles de caça, aglomerados em pequenas ilhas. E, para completar o arsenal, na extremidade do galpão, e de frente para eles, um tanque de guerra e dois jipes militares.

Thomas assoviou admirado, mal acreditando nos próprios olhos. Havia naquele lugar o suficiente para se equipar um exército inteiro, e tudo equipamento de ponta, de última geração...

— Boa noite, cavalheiros – um árabe bastante magro saiu das sombras.

Além de esquelético, Mohamed Zaki era comprido como um cabo de vassoura e usava óculos de grau. Thomas imaginou, pela aparência debilitada e frágil do sujeito, que ele provavelmente estaria com Aids, ou câncer, ou alguma outra doença degenerativa e terminal. Contudo, absteve-se de qualquer comentário.

— Mohamed, que bom revê-lo – Duke estendeu a mão, receoso.

— Donald Duke – o árabe o abraçou, ignorando a mão oferecida. – O que foi que você andou aprontando? Um passarinho me contou que você deu bandeira e teve que passar uma longa temporada de férias na prisão.

— Dez anos é um pouco mais do que uma longa temporada – Duke suspirou. – Agora, mudando de assunto, estou vendo que o seu negócio prosperou bastante desde a última vez em que nos vimos!

— Estamos no Oriente Médio, meu caro... – Mohamed respondeu sorridente. – Por aqui, o que não falta são clientes interessados nos meus produtos e serviços!

— E quanto a sua saúde? – o americano perguntou condolente.

— Como você pode observar, a doença avançou. De uns anos para cá, passou a me consumir gradativamente. Mas ainda estou vivo, e isso é o que importa!

— Hã-hã – Thomas pigarreou. – Desculpem. Eu detesto interromper, mas como não podemos mais perder tempo, obrigo-me a ir direto ao assunto: você conseguiu o que lhe foi solicitado?

— Agente Especial Rafael Thomas, direto e objetivo como fui informado!

— Você me conhece? – Thomas encarou-o, franzindo as sobrancelhas.

— Neste ramo em que atuo, é imprescindível conhecermos as pessoas com quem mantemos relações. No seu caso, porém, é mais simples: todos o conhecem. Você é uma espécie de celebridade entre os mais procurados de pelo menos uma dezena de países ao redor do globo. Você, o piloto inglês e a francesa bonitona!

— Isso o incomoda? – o ex-agente pôs-se na defensiva.

— De maneira alguma – Mohamed garantiu. – Eu sou um profissional. O que os meus clientes fazem ou deixam de fazer não é problema meu. Desde que não afetem os meus lucros, é claro!

— Melhor assim – Thomas relaxou. – Agora, voltemos aos negócios: onde está a nossa encomenda?

Em resposta, o árabe fez um sinal e dois outros homens saíram das sombras do galpão carregando uma pesada caixa de madeira retangular, que foi depositada, sem cerimônia alguma, aos pés dos visitantes.

— Está tudo aí, conforme o solicitado – Mohamed alegou.

Nisso, os capangas retiraram a tampa, deixando à mostra uma dúzia de tabletes de explosivo plástico C-4, já com os devidos detonadores instalados e, num estojo a parte, um controle remoto.

Enquanto Thomas testava os dispositivos, Mohamed Zaki abaixou-se e retirou dois coldres de ombro preenchidos com duas pistolas Beretta 93-R, além de meia dúzia de carregadores extras.

O ex-agente verificou-as, assim como aos carregadores, jogando-os em seguida de volta para dentro da caixa. Só então, Thomas retirou o envelope do bolso, entregando-o ao traficante.

Tão logo o árabe encerrou a contagem do dinheiro, o portão de ferro do pavilhão abriu-se novamente. Sem despedidas formais ou qualquer palavra proferida, além de um rápido e singelo adeus, os guerreiros da luz se dirigiram para a saída. Todavia, antes de

deixarem o "*Shopping da Morte*" de Mohamed Zaki, Thomas ainda passou a mão em duas lanternas de longo alcance.

— Isso é o nosso brinde! – declarou sem olhar para trás.

Cinco minutos depois, os pneus da Kombi cantaram alto, além do beco.

* * * * *

Chocados e sem compreender nada, Desirée e Barrabás observaram, impotentes e calados, o inconformado Uriel cumprir o último desejo do amigo moribundo: Abel, o intrépido anjo-espião de *Ethernyt*, que morreu praticamente sem impor resistência às mãos fortes que apertavam o seu pescoço. E ainda encontrou forças, no derradeiro instante final, para agradecer a benevolente ação do compatriota ethernytiano, pouco antes de soltar o último suspiro.

Uriel esperou até ele ficar totalmente imóvel. Só então, abriu os olhos e o soltou, deixando-se cair involuntariamente sentado ao seu lado. O anjo estava descorçoado e tremia, olhos fixos no corpo inerte do compatriota morto, como que hipnotizado por ele. E, não conseguindo suportar a dor, entregou-se copiosamente às lágrimas.

— Não fique assim, você fez a coisa certa – Desirée consolou-o, aproximando-se por trás e o abraçando carinhosamente. – O coitado finalmente descansou!

— Abel era um irmão de armas e também um grande amigo... E eu o matei, com as minhas próprias mãos – o anjo lamentou-se inconformado.

— Eu disse e repito: você fez a coisa certa. Não se puna por isso!

— Fiz o que tinha de fazer, sei disso. Assim como sei também que a morte foi o melhor para ele. Então, por que é que me sinto tão mal e com o coração tão apertado? – o anjo indagou, entre lágrimas.

— A perda daqueles que amamos normalmente nos causa dor – Barrabás falou, com a cátedra de quem realmente entendia do assunto. – No entanto, nós precisamos aceitar e compreender a Morte, não como algo definitivo, mas sim como uma simples e breve separação, posto que, um dia, todos os que amamos e que já se foram contarão com a nossa companhia na dimensão moroncial dos espíritos. Afinal de contas, morrer é o destino derradeiro de todos nós, humanos ou anjos!

— Barrabás está certíssimo! – Desirée acrescentou. – Eu também acredito na morte apenas como uma passagem para um outro plano, uma outra dimensão. Ela não pode ser o fim de tudo, caso contrário, que razão haveria para a nossa existência?

— Obrigado. Eu realmente agradeço pela força, e até posso aceitar a morte como uma passagem para outra dimensão ou o que quer que seja – Uriel desabafou. – Mas

jamais aceitarei o fato de ter matado alguém da minha própria espécie! E pior ainda, um amigo como Abel, irmão em armas e companheiro de tantas e gloriosas batalhas!

— Mas você não o matou – o ex-monge contra-argumentou solidário. – Ponha uma coisa na cabeça: foram os malditos demons que o fizeram, ao injetarem o "*Vírus D*" em seu pescoço. Você apenas cumpriu o seu último desejo, antecipando o que era inevitável, e livrando-o da agonia e do sofrimento a que estaria sujeito até sabe quando.

— Sim, mas...

— Uriel, ele já estava morto antes mesmo de você sufocá-lo – Desirée insistiu. – Era apenas uma questão de tempo até que o agente biológico cumprisse esse papel. O que Barrabás disse está correto. Você não o matou, pelo contrário, salvou-o de uma morte lenta, dolorosa e desonrosa... Graças a você, Abel será para sempre lembrado como o valente guerreiro que era.

— Veja bem – Barrabás sobrepôs-se aos argumentos da companheira. – Se fosse eu no lugar dele, ficaria eternamente grato se alguém fizesse o mesmo por mim. Que honra seria, se todos nós pudéssemos desencarnar pelas mãos de um amigo. Alguém em quem confiássemos e que nos fosse leal até o fim, além de forte o bastante para não esmorecer com a nossa morte. Alguém que, apesar de tudo, fosse capaz de suportar a dor da perda e seguisse em frente para, no futuro, vingar-nos dos nossos verdadeiros assassinos!

O anjo ficou calado e pensativo por alguns instantes, refletindo sobre as sábias palavras do ex-monge congolês. De repente, ergueu a cabeça, encarando-os com um olhar de resoluta determinação.

— Vocês têm razão... – ele exclamou decidido, enxugando com o dorso da mão, ainda trêmula, as lágrimas que insistiam em rolar pelo seu rosto, antes de erguer-se de pé novamente e encarar, pela última vez, o corpo desfigurado e sem vida de Abel. E então, a tristeza refletida em seu olhar, transformou-se em puro ódio. – A partir de hoje, a minha vida ganhou um novo sentido: vingança! – declarou, dirigindo-se única e exclusivamente ao morto. – Diante de seu corpo, juro que, custe o que custar, vou fazer com que Lúcifer e o seu séquito paguem extremamente caro pelo que fizeram a você, meu amigo!

Abaixou-se, acondicionando o cadáver de Abel entre os braços e, ato contínuo, o conduziu solenemente até o sarcófago de Quéops. Barrabás de imediato compreendeu o que o anjo pretendia fazer. Antecipou-se e arrastou a tampa do esquife de jade para o lado. Respeitosamente, o corpo de Abel foi depositado ao lado da múmia do Faraó, passando a dividir com o milenar rei egípcio o dilatado espaço interno do sarcófago. E, enquanto o grandalhão recitava um mantra budista, o anjo recolocou a tampa em seu devido lugar. Agora Abel poderia descansar em paz.

— Uriel – Desirée aproximou-se, com uma dúvida a toldar-lhe os pensamentos. E,

determinada a ir até o fim, prosseguiu. – Desculpe tocar nesse assunto agora, mas não pude deixar de escutar a sua conversa com o seu amigo. E algo nela me deixou bastante intrigada: ele mencionou algo a respeito de Lúcifer também ter sido um anjo, antes de se transformar no que é hoje e, também, algo sobre mutação. O que exatamente ele quis dizer com isso?

— Certo! Já está mesmo na hora de vocês conhecerem toda a verdade – o anjo suspirou resignado. – Mas vou logo avisando que é uma longa história.

— Isso não será nenhum problema – Barrabás posicionou-se ao lado da ruiva. – Já que nós temos todo o tempo do mundo para ouvi-la!

Uriel preparava-se para começar a falar, quando foi subitamente interrompido por uma forte explosão.

A entrada da *Câmara do Rei* voou pelos ares, fazendo o chão estremecer sob os seus pés, ao passo que uma espessa nuvem de poeira invadia o lugar.

Instintivamente os guerreiros da luz jogaram-se ao chão. E, antes que pudessem se recuperar do susto inicial, escutaram uma voz conhecida.

— Vamos logo, seus molengas! Mexam-se, vamos sair daqui antes que este lugar inteiro desabe sobre as nossas cabeças – Thomas gritou do ponto onde antes estivera a intransponível pedra redonda, em cujo lugar, restava agora somente um monte de pó e pedregulhos soltos.

— Bem – Uriel sorriu aliviado, virando-se em seguida para Desirée e Barrabás. – Eu acho que a nossa conversa vai ter de ficar para mais tarde!

# CAPÍTULO XVIII

Enquanto terminava de vestir-se após o reconfortante banho quente, Thomas se entretia, espiando preocupado através da janela de seu dormitório, localizado no terceiro andar da casa pertencente à Irmandade dos Guerreiros da Luz, em Londres, no centro de um dos mais belos e atraentes bairros da capital inglesa.

O *Richmond-upon-Thames* localizava-se a sudoeste do rio Tâmisa e era usado pela realeza, pelos ricos e pelas celebridades londrinas como uma espécie de refúgio da agitação do centro da cidade. Uma agitação que até podia ser considerada natural, em se tratando de uma das principais metrópoles do mundo, pois Londres, além de abrigar um dos três principais complexos financeiros da economia global e funcionar como ponto-chave para as conexões internacionais de transporte aéreo, era também uma das cidades mais povoadas da Europa. A população, com raiz basicamente cosmopolitana, resultante da miscigenação entre vários povos e culturas diferentes, contava com aproximadamente 7.517.000 habitantes, divididos entre os seus 1.579 km2 de área física. Sem contar que a capital inglesa era também um dos mais populares destinos turístico-culturais do mundo, atraindo todos os anos milhões de turistas, interessados em ver e conhecer os seus inúmeros monumentos históricos e arquitetônicos, como a *Abadia de Westminster*, o *Big Ben*, o *Palácio de Buckingham*, o *Museu Britânico*, o *Parlamento* e a *National Gallery*, entre outros.

Entrementes, nada disso interessava agora ao guerreiro de olhos negros, cuja mente ocupava-se com os últimos e estarrecedores acontecimentos daquela que se revelara uma semana infernal. Ainda pensativo, ele ouviu uma voz feminina que o deixou excitado só de escutá-la. Nos últimos tempos, isso vinha acontecendo com uma frequência muito maior do que ele gostaria. Pudera, seus hormônios estavam em polvorosa e, além disso, a dona da voz mexia também com os seus sentimentos.

— Quase dois milênios se passaram e Londres continua com o status de ser uma das cidades mais importantes da Europa! – Desirée comentou nostálgica, da porta do quarto. – Você tem uma bela vista da cidade por essa janela!

Ela estava mais linda do que nunca, de banho tomado e trajando um conjunto de saia e blusa que realçava ainda mais as curvas de seu corpo.

— É sim. Uma bela vista... – ele concordou encabulado, procurando disfarçar a atração quase irresistível que sentia pela ruiva.

Se ela percebeu alguma coisa ou não, era algo que ele nunca saberia, mas o fato é

que isso estava deixando-o louco.

— Sabia que Londres foi fundada pelos romanos? – ela indagou, aproximando-se, até quase tocá-lo.

O perfume que exalava de seu corpo inebriou-o, exigindo uma tremenda força de vontade para que não a agarrasse e a beijasse ali mesmo.

— Pelos romanos? – perguntou, afastando-se um pouco.

— Isso mesmo – Desirée prosseguiu. – A sua ancestral "*Londinium*" foi erigida às margens do rio Tâmisa, em 43 d.C., e durou por apenas dezessete anos. Em 60 d.C., foi pilhada pelos celtas, liderados pela rainha Boadicéia. E acabou sendo reconstruída só no século II da era cristã, tornando-se então a capital da nova província romana chamada Bretanha, substituindo a antiga Colchester.

Sempre que podia, ela fazia questão de lembrar ao ex-agente que, além de tudo, era a mulher mais inteligente e bem instruída que ele conhecera.

— Mas com a queda do império romano, "*Londinium*" foi abandonada – a ruiva prosseguiu. – Até que, em 851 d.C., o rei Alfredo, o Grande, a reocupou, dando início à sua gloriosa história atual, da qual somos testemunhas oculares ainda hoje. Mas não foi para falar de Londres e nem da Inglaterra que eu vim...

— Não? – Thomas foi pego de surpresa, permitindo, inconscientemente, que a imaginação enchesse a sua libido masculina de esperanças.

E então, a francesa relatou a conversa que ouvira entre Uriel e Abel, pouco antes de eles explodirem a entrada da *Câmara do Rei*.

— Tem certeza de que ele disse isso mesmo? – Thomas indagou completamente perplexo, esquecendo-se de todo o resto.

— Absoluta. Porém, quando Uriel ia começar a nos explicar do que se tratava, vocês apareceram. E na ânsia de retornarmos para cá, no hotel e também no avião, eu acabei me esquecendo e só agora lembrei disso!

— Bem... Só tem um jeito de descobrirmos a verdade – o brasileiro concluiu. – Vamos agora mesmo arrancá-la do Arcanjo!

* * * * *

A porta do escritório abriu-se violentamente, cedendo passagem aos guerreiros da luz, que o adentraram sem pedir licença, detendo-se em frente à escrivaninha de mogno, onde já estavam reunidos Gabriel, Uriel e Sarah.

Nenhum dos três demonstrou surpresa com a súbita invasão.

— Aconteceu alguma coisa? – Uriel indagou calmamente.

— Nós queremos a verdade! – Thomas esbravejou furioso, com o dedo em riste, apontando para o nariz de Gabriel. – E se, depois do que ouvir, eu ainda desconfiar que esteja faltando algo, juro que arrebentarei essa sua maldita cara angelical. Então, após ela se regenerar, a arrebentarei de novo, e de novo. Até você nos contar tudo!

— Que bom que vocês vieram – o Arcanjo sorriu inabalável, ignorando a nada sutil ameaça do brasileiro. – Eu já ia mandar chamá-los. Por favor, sentem-se.

Thomas, Duke, Desirée e Barrabás acomodaram-se em quatro das cinco cadeiras vazias, estrategicamente dispostas ao redor da mesa e de frente para os dois anjos e o Iluminado.

— Antes de iniciar as devidas explicações, sinto-me na obrigação de informar-lhes que Leon continua sedado e em observação, mas passa bem. Dentro de alguns dias, ele estará novinho em folha, pronto para outra – Gabriel informou.

— Pelo menos, uma notícia boa! – Thomas resmungou mal-humorado.

— Agora vamos ao que interessa – continuou. – Para que vocês compreendam o que vou lhes expor, será necessário retrocedermos no tempo, mais precisamente ao princípio de tudo...

"Após a fome assolar *Ethernyt* e dizimar boa parte da população dos anjos, os cinco maiores cientistas do planeta anunciaram a descoberta de um agente biológico capaz de reverter o quadro nefasto a que a nossa raça estava condenada. Devidamente testado e aprovado, o tal agente biológico começou a ser produzido em larga escala e distribuído por todo o planeta. E as plantações começaram a reagir, multiplicando a produção de alimentos, de forma que o fantasma da fome foi banido para sempre de *Ethernyt*. Todavia, a ambição e a ganância pelo poder levaram um grupo de anjos a se rebelar contra o sistema. E com o auxílio de um dos cientistas, Miroel, seduzido pelas tentadoras propostas dos insurgentes, o agente biológico foi roubado e utilizado como arma química contra os mais influentes e poderosos cidadãos da elite ethernytiana, apenas porque discordavam publicamente de suas ideias revolucionárias. Os rebeldes tomaram o poder e planejavam dominar através da força o planeta inteiro, usando o agente em todos que se opusessem ao seu regime de governo, onde os seus principais líderes tornar-se-iam poderosos ditadores. Contudo, a rebelião foi contida a tempo, frustrando os seus planos. Os insurgentes foram julgados e condenados à morte pelo mesmo agente biológico usado por eles para eliminar os seus opositores".

— Blá, blá, blá... Tudo isso nós já sabemos – Thomas o interrompeu. – Pare de nos enrolar com esta conversa fiada e nos conte, de uma vez por todas, algo de novo. Lembre-se: é a sua linda carinha de anjo que está em jogo!

— Thomas tem razão, Gabriel – Desirée assentiu. – Descontando o fato de que um

dos cientistas tenha se aliado aos rebeldes, o resto nós já sabíamos.

— O que queremos saber é o que isso tudo tem a ver com a tal "mutação" que Abel tanto temia, a ponto de pedir que Uriel o matasse. E o que foi que ele quis dizer quando mencionou o fato de Lúcifer também já ter sido... – Thomas hesitou, procurando pelas palavras certas.

— Um anjo? – Gabriel interrompeu-o. – Tem tudo a ver, posto que ele próprio é o resultado de erros gravíssimos que remontam ao longínquo passado ethernytiano!

— Como assim? – Barrabás quis saber.

— O principal articulador e líder dos rebeldes foi um anjo da mais alta nobreza ethernytiana, chamado Mephisto. Para quem ainda não sabe: o pai de Lúcifer!

Thomas sentiu o chão desaparecer sob os seus pés. Podia esperar tudo, menos isso. E um grande nó começou a formar-se em seu estômago, enquanto que a cabeça girava, tentando digerir o que os ouvidos haviam captado.

— I-isso quer dizer que... – o ex-agente da PF balbuciou hesitante.

— Que naquela época os demons não existiam, e tanto Mephisto como Lúcifer e todos os outros ainda eram anjos – Gabriel revelou.

— E como foi que eles se transformaram em demônios? – Duke indagou atônito, verbalizando a pergunta que ecoava na mente dos quatro humanos.

— Céus, a mutação! – Desirée concluiu perplexa.

— Sim – Gabriel anuiu cabisbaixo. – É exatamente isso que faz o "*Vírus D*". Ao contrário do que vocês imaginavam, ele não mata propriamente, mas reconstrói todo o DNA dos infectados, alterando irreversivelmente o seu padrão genético original, numa espécie de "regressão evolutiva". Contudo, para um melhor entendimento dos fatos e do processo da mutação em si, deixem-me continuar o meu relato...

Então, ele contou que Lúcifer, em nenhum momento, comungara com a rebelião perpetrada pelo pai. Muito pelo contrário, naquela época, o atual líder dos demônios era um ferrenho defensor da justiça e da paz. Ele participara, inclusive, do grupo que lutara contra os rebeldes e restabelecera a paz, assumindo para si um importante e decisivo papel na derrota destes, dentre os quais incluía-se o seu próprio pai.

— Espere aí. Lúcifer lutando do lado dos mocinhos? – Thomas sacudiu a cabeça. – Me desculpe Gabriel, mas essa não dá para engolir!

— Sei que é difícil de aceitar, mas é a verdade! – Uriel confirmou as palavras do conterrâneo ethernytiano.

— Agora sim, confesso que não estou entendendo mais nada – Desirée declarou confusa.

— Como descreveria Oscar Wilde – Sarah emendou contundente –, a verdade pura e

simples raramente é pura e jamais é simples!

— Não entendo – Duke manifestou-se. – Se Lúcifer fazia parte dos bonzinhos e o "*Vírus D*" foi utilizado apenas em alguns poucos anjos da elite ethernytiana, que logo depois morreram, e nos rebeldes como sentença pós-condenatória, a troco de que ele também se transformou em demônio?

— Essa é uma pergunta que eu me faço há milhares de anos. – Gabriel expôs, com profunda tristeza no olhar. – Não o "como", mas o porquê...

E então, relatou que após a rendição dos insurgentes, estes foram julgados por um tribunal composto pelos sobreviventes da elite ethernytiana, muitos dos quais parentes e amigos das primeiras vítimas do "*Vírus D*", que acabaram sendo mortas no princípio da mutação, evitando assim que a mesma atingisse o seu ápice. Movidos pela raiva e pelo ódio, esses juízes parciais e sedentos de vingança decidiram que os rebeldes seriam punidos pelo método do olho por olho e dente por dente, através do mesmo agente biológico que haviam usado contra os seus amigos e parentes. Até aí, tudo bem. Porém, o que se seguiu, acabou transformando-se na maior e mais bárbara injustiça de toda a história ethernytiana: o tribunal decretou que, além dos rebeldes, também os seus familiares, incluindo mulheres e filhos, independentemente de terem ou não participado da rebelião, sofressem as consequências dela. Entre essas vítimas, quase todas inocentes e sem nenhuma ligação com a insurreição, estava Lúcifer, que, mesmo tendo lutado contra ela, por ser filho de Mephisto, foi condenado à injusta e cruel punição. Após receberem a injeção letal, foram abandonados agonizantes, para que sofressem até a morte, na metade negra de *Ethernyt*, em uma região pantanosa, onde quase não havia alimentos, os rios eram de lava vulcânica e o sol era bloqueado pelas cinzas expelidas dos inúmeros vulcões em constante atividade.

— E foi neste lugar inóspito e desprovido das mínimas condições para a vida que Lúcifer e os outros cumpriram, por semanas a fio, todas as etapas da mutação que os transformou naquilo que são hoje – Gabriel completou. – Daí a origem das lendas de que o *Inferno* seja um local ligado ao fogo e à danação eterna.

— Agora eu entendo os motivos de Lúcifer para ser tão revoltado – o brasileiro comentou. – O cara ajuda a conter uma rebelião e é punido junto com os rebeldes, só por ser filho de um deles... Uma tremenda injustiça!

— No lugar dele, eu também me sentiria traído e ansiaria por vingança! – Duke acrescentou.

— É inacreditável! – Desirée manifestou-se perplexa ao extremo. – Os demons, seus maiores inimigos, foram gerados por vocês mesmos!

— Infelizmente, sim – Gabriel anuiu. – Para vocês verem como nós, anjos, não

somos tão diferentes assim de vocês, humanos. Igualmente cometemos muitos erros, alguns hediondos e irreparáveis, durante a nossa trajetória histórica.

— E até hoje pagamos por eles – Uriel acrescentou.

— Então, foi daí que surgiu a crença de que Lúcifer seria um anjo rebelde, que se insurgira contra Deus e acabara sendo banido do Paraíso para a Terra, onde acabara se transformando no demônio? – Duke concluiu estupefato.

— Isso mesmo! As Escrituras Sagradas atuais não mentem, quando o remetem à categoria de "Anjo Caído", expulso do Céu, neste caso, de *Ethernyt*, por causa de uma rebelião. Contudo, equivocam-se completamente ao imputarem-lhe a articulação e a liderança da mesma.

— Gabriel, me confirme uma coisa – Thomas pensou em voz alta. – Já que você tocou na semelhança histórica existente entre os erros cometidos pela sua raça e os da raça humana, o que acontece se o agente biológico for usado em seres humanos?

— Ainda não sabemos – Uriel respondeu, antecipando-se ao Arcanjo. – Foi por essa razão que decidi trazer aquele sujeito infectado do exército de Lúcifer conosco. Para observarmos o que acontecerá com ele, se haverá uma mutação completa como nos anjos ou se simplesmente morrerá!

— Falando no diabo, onde está o infeliz? – Thomas quis saber.

— Venham comigo – o Arcanjo levantou-se. – Vou levá-los até ele!

* * * * *

A grossa corrente de aço presa à parede rangia, detendo os impulsos selvagens e descontrolados do soldado de Lúcifer, que tentava a todo custo livrar-se dela. Estava preso no interior de uma antiga cela, localizada no porão da casa secular pertencente à Irmandade dos Guerreiros da Luz. A pele do sujeito assumira uma coloração bem mais avermelhada do que a última vez em que eles o tinham visto, naquela mesma manhã, quando o deixaram aos cuidados dos guardas do Arcanjo. Os olhos do sujeito haviam se transformado em duas esferas negras e uniformes, que representavam querer saltar das órbitas, e os seus dentes estavam mais salientes e pontiagudos, semelhantes aos de um vampiro, e não apenas os caninos, mas todos eles. Da perna ferida e de seus pulsos, machucados pelas presilhas das correntes, escorria um sangue viscoso e preto.

Os guerreiros da luz assustaram-se sobremaneira ao vê-lo nessas circunstâncias, posto agora saberem tratar-se de um ser mutante. O primeiro exemplar de uma nova raça de demons, desprovida de asas e chifres, e claramente inferior à casta de Lúcifer e dos demais demônios originais e de seus descendentes, cujas matrizes haviam sido anjos

evoluídos e não seres humanos comuns, que, por sua vez, eram resultantes de uma regressão evolutiva gerada a partir da cruza entre as outras duas espécies.

Ao vê-los ali, Micael aproximou-se, cumprimentando-os com a cabeça.

— O processo já está quase concluído – ele anunciou. – Nós ainda não sabemos como e nem a razão, mas nos humanos a mutação parece ocorrer em ritmo acelerado, completando-se em algumas horas, ao contrário do que ocorre com a nossa raça, em que demora semanas inteiras para se completar.

— Isto se deve porque nos humanos o conflito entre os genes torna-se menor, já que a base geral do DNA deles é composta tanto pelos nossos genes quanto pelos dos demons – Gabriel explanou. – E também pelo fato de que o novo soro possui em sua composição, além do "*Vírus D*", propriamente dito, as moléculas sanguíneas de Abel transmutadas, componente que deve acelerar ainda mais o processo de mutação.

— Não entendi bulhufas – Duke coçou a cabeça.

— Vou tentar explicar-lhes a nossa genética de uma forma simplificada – Gabriel discorreu paciencioso. – O agente biológico original desenvolvido pelos cientistas, ainda em *Ethernyt*, possuía a incrível capacidade de reconstruir, na íntegra, o DNA básico das plantações e, com isso, tornava-as muito mais fortes e totalmente imunes às pragas e às intempéries da natureza, além de acelerar o processo de amadurecimento de seus frutos, propiciando cerca de três fartas colheitas, no mesmo período de tempo em que antes se obtinha apenas uma. E o melhor de tudo era que os alimentos geneticamente modificados não nos prejudicavam, pois perdiam, através de um complicado processo de absorção molecular, todas as suas propriedades mutantes, tão logo a respectiva mutação chegasse ao fim. O mesmo ocorre com os demons, de modo que, se injetarmos o sangue de um deles em um anjo, ou num humano, nada acontecerá. A mutação pelo "*Vírus D*" só ocorre uma única vez e, no decorrer do processo, perde todas as suas propriedades mutantes!

Ele respirou profundamente, a fim de recuperar o fôlego.

— Continue, está ficando interessante! – Desirée comentou animada.

Gabriel sorriu, explicando que os anjos possuíam o que eles mesmos chamavam de "*Genoma Original*", ou "*DNA Original*". E que, no caso de um anjo ter o "*Vírus D*" aplicado em sua corrente sanguínea, esse "*Genoma Original*" sofria uma substancial reconstrução, numa espécie de retrocesso evolutivo, onde toda a sua cadeia de DNA era alterada, transformando-o em um novo ser: neste caso, um demônio, cujo DNA passava a ser chamado de "*Genoma Inferior de Primeiro Grau*".

— Resumindo – Uriel sintetizou a explanação –, os demons ou demônios nada mais são do que anjos desevoluídos!

— Convencido – Duke brincou.

E Gabriel prosseguiu, ilustrando que esses primeiros demons ou anjos mutantes desevoluídos foram classificados como de *Estirpe Superior*, por serem mais fortes e inteligentes do que os seus descendentes diretos, rotulados como de *Estirpe Inferior* ou *Secundária*. A diferença entre ambos era evidente e palpável: os *Inferiores* e seus descendentes possuíam salientes deformações ósseas em suas cabeças, como chifres, provenientes de uma falha genética originada na sua formação. E, em consequência do cruzamento entre os "*Genomas Inferiores de Primeiro Grau"* de seus pais, eram mais fracos, impulsivos e bem menos inteligentes. No caso dos humanos, isso podia ser ainda pior, devido a que era mais acentuado o retrocesso evolutivo. Por serem eles provenientes da cruza entre anjos e demons, os *Genomas Original* e *Inferior* de seus progenitores entravam em conflito direto, de forma que se anulavam mutuamente e, por conseguinte, uma expressiva e importante parcela da herança genética dos seus "pais biológicos" acabava extraviando-se em algum ponto do caminho.

— A principal consequência disso é também a razão de os humanos serem como são – discursou – fracos, frágeis, suscetíveis a doenças de toda sorte e dotados de uma regeneração celular deficiente e uma expectativa de vida ínfima e medíocre.

— Também não precisa avacalhar – Duke fingiu indignação. – Depois de tudo isso, estou me sentindo pior do que um protozoário unicelular.

— Anime-se – Micael conformou-o. – Neste momento específico, posso afirmar com toda a convicção que você não é mais a criatura menos evoluída da face da Terra!

— Verdade? – Thomas brincou. – E como pode ser possível, alguém ser menos evoluído do que esse destrambelhado?

— Repita isso – Duke franziu as sobrancelhas – e eu vou bater tanto na sua cara que, ao terminar, até uma ameba vai ser mais evoluída do que você!

— Calma aí rapazes, não briguem. Eu referia-me a ele – o anjo apontou para o demônio acorrentado. – O coitado acaba de sofrer um segundo retrocesso evolutivo e ostenta agora o último lugar na cadeia evolutiva. Se não fosse pelo sangue de Abel, adicionado ao agente biológico, ele já estaria pra lá de morto, posto que o seu débil organismo não suportaria os efeitos da recombinação molecular. Entrementes, com o *Genoma Original* de Abel compondo uma parte da fórmula do novo soro criado por Magog, tanto ele quanto todos os outros que ainda vão surgir, além de sobreviverem à mutação, serão agraciados com o dom da regeneração celular. Mas, em contrapartida, terão a sua expectativa de vida reduzida pela metade. O que para Lúcifer certamente não será nenhum problema, uma vez que após a Batalha Final, vencendo eles ou não, os novos demons deixarão de ter utilidade.

— Que droga! – Thomas exclamou preocupado. – Com a regeneração celular, os

novos demônios criados pelo “cabeça branca” tornar-se-ão tão perigosos quanto os já existentes.

— Minha Santa Edwiges nos proteja! – Duke lastimou-se nervoso. – Agora sim, nós e todo o resto do mundo estamos ferrados!

— Mas, se nem vocês sabiam, como os demons poderiam saber que o sangue de um anjo misturado ao “*Vírus D*” original seria capaz de manter a matriz humana com vida durante o processo de mutação? – Barrabás quis saber.

— Magog – Uriel anunciou. – O desgraçado sabia exatamente, e durante todo o tempo, o que estava fazendo!

— Magog é o seu nome atual – o Arcanjo explicou. – Antes de aliar-se à rebelião de Mephisto e ser condenado à mutação junto com os outros, ele chamava-se Miroel!

— Santo Deus! – Desirée arregalou os olhos. – O cientista traidor!

— Um dos cientistas de *Ethernyt*, trabalhando para Lúcifer? – Duke o encarou. – Esta história está ficando cada vez mais sinistra.

— Isso explica o seu amplo saber acerca do agente biológico e de como adaptá-lo para ser usado com êxito em seres humanos – Barrabás concluiu.

— Correto – o Arcanjo confirmou. – Miroel ou Magog, tanto faz. O que importa mesmo é que agora, com ele na jogada, o “*Vírus D*” torna-se ainda mais perigoso!

— Voltando ao assunto da genética – Thomas indagou curioso –, por que é que Sarah é tão diferente do resto dos humanos, visto que ela também foi gerada através de uma cruza entre anjos e demônios? E, quanto a mim, por que eu adquiri o dom da regeneração? Por acaso, também sou um ser mutante, como esse aí?

— Sarah é um caso único – ele respondeu. – Talvez, por ser fruto do amor entre uma anja e um demon, e não do ódio entre as espécies progenitoras, ou por qualquer outra razão que nós ainda desconhecemos, os *Genomas Original* e *Inferior* dos seus pais não conflitaram entre si, pelo contrário, fundiram-se e geraram o que chamamos de *Genoma Superior*, conferindo-lhe o dom da regeneração celular e uma expectativa de vida similar à nossa, além dos seus poderes precognitivos e extrasensoriais. Quanto a você, meu caro, acredito que, ao salvá-lo da morte, uma pequena parte do *Genoma Superior* dela tenha sido transferido, embora adormecido, para o seu corpo, o que explica você ter adquirido o dom da regeneração celular. Porém, isso não lhe confere a imortalidade, nem aumenta a sua expectativa de vida original, e muito menos, o torna um mutante.

— E quanto a esse cara – Duke perguntou, apontando para o novo demônio. – O que vai acontecer com ele?

— Será eliminado assim que a mutação se completar – Micael declarou.

— Não temos alternativa – Gabriel reiterou. – Após iniciado, o processo da mutação

torna-se irreversível, de forma que ele jamais voltará a ser humano.

— Um indivíduo infectado pelo "*Vírus D*", independentemente de ser humano ou anjo, não tem apenas a sua forma física afetada, mas também os seus instintos e percepções sofrem expressivas alterações – Micael explicou. – Assim, a essência do mal, existente em seu subconsciente, aflora e vem à tona, suprimindo o seu lado bom, que praticamente deixa de existir.

— E nas matrizes humanas, isso é ainda pior – Gabriel acrescentou. – Pelo que podemos constatar através do nosso amigo, a mutação afeta sobremaneira o cérebro do infectado, reduzindo aos níveis mínimos a sua capacidade de discernimento entre o certo e o errado, assim como anula a maior parte da sua capacidade de raciocínio, praticamente transformando-o num animal selvagem e irracional, incapaz de medir as consequências dos próprios atos.

Nisso, o demon os enxergou. Os seus olhos encheram-se de ira e de ódio, e ele, de súbito, passou a urrar desesperado, jogando-se para frente e forçando violentamente as correntes, na inútil tentativa de soltar-se. Os urros e gritos eram medonhos e pavorosos, capazes de botar para correr até os mais valentes guerreiros.

— Seus malditos! – ele gritava, com a voz transfigurada. – Soltem-me! Eu quero sair daqui! Vocês pagarão por me prenderem! Seus malditos!

— Ele, assim como todos os transformados, já não tem mais nenhum domínio sobre a própria mente, tendo todos os pensamentos direcionados para a sua sede de sangue e morte. Com a mutação, as lembranças de sua vida anterior são aniquiladas, deixam de existir. No lugar delas: só a fome de destruição e a ânsia de causar dor e sofrimento.

— Como é que Lúcifer pretende controlar um exército inteiro desses monstros? – Desirée interpelou, assustada com a ferocidade da criatura.

— Da mesma forma como controla a todos os seus demônios – Sarah explicou. – Através da força bruta e da imposição de suas vontades pelo medo, apelando aos seus impulsos mais selvagens e hediondos, e oferecendo-lhes como fator de recompensa muito sangue a derramar. Aos que o seguirem, o Mundo; e aos que se opuserem a ele, a Morte, lenta e dolorosa...

— E como, infelizmente, os instintos de todos os demônios convergem para uma sede insaciável por sangue e poder, não creio que ele encontre muita resistência para induzi-los a aliarem-se ao seu exército amaldiçoado – Gabriel cogitou.

— Pelo menos, agora sabemos o que acontece com humanos infectados pelo agente biológico – Uriel apregoou. – Transformam-se em demônios "*Classe C*".

— É por isso que vocês o chamam de "*Vírus D*"? – Duke perguntou. – Porque ele possui a propriedade de transformar qualquer ser vivo em demônio? Já sei, a letra "*D*"

deve-se à inicial da palavra "*demon*", acertei?

— Que besteira – Thomas riu. – De onde foi que você tirou isso?

— Na minha concepção, sempre achei que o "*D*" representasse a letra inicial da expressão "*death*", que em inglês significa "*morte*". Assim sendo, o agente biológico também poderia ser chamado "*Vírus da Morte*", em função do seu caráter altamente letal – Desirée comentou. – Mas, pelo visto, estava redondamente enganada...

— Duke está certo! O "*D*" é na realidade a primeira letra da palavra "*demon*" – o Arcanjo explicou, ante o olhar estupefato de Thomas.

— É claro que sim – o americano exclamou, mostrando a língua ao brasileiro. – No início, era assim que eles eram chamados!

— Mas essa alcunha não lhes foi atribuída por acaso – o anjo continuou. – Vocês nunca se perguntaram qual a verdadeira origem do termo "*demon*"?

— Como assim? – Barrabás quis saber.

— O agente biológico salvador de *Ethernyt* foi inicialmente batizado de "*Demon 666*", em homenagem aos seus criadores, onde, isolado, o termo "*Demon*" constituía-se a partir da soma das primeiras letras dos nomes dos cinco cientistas ethernytianos, que, pela exata ordem cronológica de seus nascimentos, chamavam-se: Daniel, Ethel, Miroel, Othoniel e Nizael. Já os algarismos "*666*", que hoje em dia são erroneamente associados ao esoterismo místico do número da "*Besta*", significavam, naquela época, tão somente o número de tentativas efetuadas, até a fórmula final do agente biológico ser alcançada!

— "*Demon 666*" – Desirée repetiu. – Agora eu entendo a associação do número *666* com o número da *Besta*. Na verdade, o agente biológico é a própria *Besta*, dado o mal que pode causar! E nada mais justo do que a raça surgida a partir dele ostentar o mesmo nome: os *Demons*!

— Muito bem – Thomas suspirou, voltando-se de súbito para Gabriel. – Detesto mudar de assunto assim, mas acaba de me ocorrer algo que preciso perguntar, antes que me esqueça.

— Fique à vontade – o Arcanjo colocou-se à disposição.

— O que exatamente Lúcifer pretende fazer com todos aqueles trezentos frascos, cheios do mutante biológico? – o ex-agente perguntou intrigado. – A teoria de que ele, o maluco, pretendia apenas chantagear o mundo com uma arma biológica qualquer, há muito tempo já não faz mais nenhum sentido!

Gabriel olhou para o demônio sem asas e respirou fundo, antes de responder.

— Partindo do princípio de que apenas uma única gota do soro seja capaz de dar início ao processo de mutação, e ciente de que Lúcifer possui trezentos frascos cheios deste mesmo soro, eu presumo então que a sua intenção seja usar até a última gota para

transformar o maior número possível de seres humanos em novos demônios, e assim, dar o pontapé inicial do seu sórdido e macabro plano de dominação global, o que inevitável e decisivamente culminaria na fatídica *Batalha do Apocalipse*!

— Minha Santa Edwiges! – Duke exclamou apavorado. – Alguém precisa avisá-lo de que isso é uma loucura sem pé nem cabeça!

— E por acaso vocês já possuem alguma estimativa de quantas pessoas podem ser infectadas, no total, se os trezentos frascos forem usados até a última gota? – Desirée indagou bastante aflita.

— De acordo com os números que possuímos – Uriel disse –, aproximadamente um terço de toda a humanidade, ou seja, algo em torno de dois bilhões de pessoas!

# CAPÍTULO XIX

Situada na Europa Oriental, a Romênia limitava-se ao norte e ao leste com a Ucrânia, a República da Moldávia e o Mar Negro, a oeste com a Sérvia e a Hungria e ao sul com a Bulgária. Possuía o nono território mais extenso, dentre os membros da União Europeia, com aproximadamente 238.400 km2, subdivididos em 41 condados, cuja capital e maior metrópole era Bucareste. Curiosidade: apenas três por cento do seu território era ocupado por águas. O nome Romênia era proveniente de Roma, ou melhor, do Império Romano, e enfatizava as suas origens como antiga província de Roma. Na antiguidade, o Império Romano era conhecido, em latim, pela alcunha de "*Romania*", uma expressão também comumente usada para indicar o grupo formado pelos países dos quais se originaram as primeiras línguas românicas.

A Romênia também era famosa por ter sido, na época das Cruzadas, a casa do temido Conde Vlad Dracul, hoje em dia conhecido como Conde Drácula. Uma figura lendária, nascida em 1431, cujo ódio herdado do pai pelos turcos otomanos tornara-o um guerreiro intrépido e corajoso, mas igualmente sanguinário, posto que mantinha o hábito de empalar os seus inimigos, ainda vivos. Uma forma medonha de execução, em que a vítima era amarrada a um cavalo e impelida em direção a uma estaca de madeira untada com óleo. Após atravessar o seu corpo através do ânus, a estaca era içada na vertical. E, como o empalado ficava suspenso do chão, o peso do seu próprio corpo, somado à ação da gravidade, compelia-o a descer lentamente pela estaca, cuja estrutura lisa, durante o processo, acabava destroçando os seus órgãos internos. Um espetáculo macabro e horrendo, de sangue e morte, que durava horas a fio. E, para melhor apreciá-lo, o conde costumava ordenar e degustar suntuosos banquetes defronte às suas vítimas agonizantes. Provavelmente, as lendas dos vampiros que matam a sede com o sangue humano tiveram a sua origem nesta hedionda passagem da história romena. Mas o que ninguém jamais soube, porém, é que o Conde Vlad Dracul, o empalador, foi ao seu tempo, como tantos outros personagens ilustres da nossa história, mais um demônio disfarçado, sob as ordens de Lúcifer.

E agora, a mesma Transilvânia, cujo passado fora o palco desta arrepiante fábula real, novamente se renderia aos sórdidos e nefastos objetivos do Senhor dos Demons e do seu exército amaldiçoado. Só que, desta vez, seria o ponto de partida para algo muito maior e mais expressivo do que um simples massacre de turcos otomanos...

Localizado na parte ocidental da Romênia, no alto das Montanhas Cárpatos e no

pequeno Condado de Harghita, situava-se o imponente castelo de Zelfa, a atual base de operações dos demons. A preferida de Lúcifer caminhava impacientemente, de um lado para o outro, no dormitório do casal, atordoada pelos gritos e urros incessantes que vinham do porão e varavam a noite enluarada e gélida, como ecos de um passado distante, já esquecido, mas que retornava impiedosamente para atormentá-la.

Nervosa, ela voltou-se para a cama no centro do aposento, onde Lúcifer dormia tranquilamente, como se nada fosse capaz de estragar ou interferir em seu repouso. Nem mesmo os gritos de quase mil homens amontoados no piso duro do porão, sofrendo de dores atrozes, em consequência da mutação induzida pelo soro biológico aplicado por Magog, horas atrás. Lúcifer acompanhara uma parte do processo, até se cansar. E então, subira para o quarto. Zelfa já o esperava na cama, e eles se amaram como sempre faziam quando ficavam juntos e a sós. Após o prazer consumado, o líder e senhor dos demônios simplesmente mergulhara em um sono profundo.

Zelfa, em compensação, não conseguira pregar o olho por um minuto sequer. Desde que o amante adormecera, os gritos e urros de dor no subsolo haviam aumentado de intensidade, deixando-a ainda mais apreensiva, de modo que não conseguira relaxar. E isso a fizera passar a noite inteira andando sem parar, de um lado ao outro do aposento. Embora ela sentisse um imenso prazer com o sofrimento alheio, aquilo era demais.

Droga... Mil vezes droga!

Lúcifer bem que poderia ter escolhido qualquer outro lugar para levar adiante suas malditas experiências genéticas. Mas não. Ele escolhera justamente o seu castelo. E não havia absolutamente nada que ela pudesse fazer em relação a isso. De repente, a demon surpreendeu-se rindo alto e de si mesma. Afinal de contas, jamais houvera algo que pudesse fazer em relação às decisões de Lúcifer, senão acatá-las. Sempre fora assim. E assim continuaria sendo, até o final dos tempos...

Andando e refletindo sobre a vida, Zelfa varou a noite, cujo curso transcorreu de forma natural: lenta e impassível. E somente no romper da aurora do novo dia foi que a algazarra do porão começou a diminuir, lenta e progressivamente, até finalmente se extinguir por completo.

Zelfa suspirou aliviada, retornando ao conforto dos lençóis de seda e aninhando-se nos braços do amado, quando Lúcifer de súbito despertou e, num salto, pôs-se de pé, assustando-a.

— Sinto muito – declarou ele, percebendo a expressão de desalento estampada no rosto da demon. – Mas agora eu preciso descer ao porão. Está na hora de conferir os resultados do trabalho de Magog.

— Tudo bem – Zelfa murmurou resignada. – Quando você retornar, eu estarei

esperando.

Lúcifer não respondeu, limitando-se apenas a vestir-se. E, assim que concluiu a tarefa, voltou-se para se despedir da amante, mas desistiu ao percebê-la enterrada no travesseiro, a vagar pelo inexorável mundo dos sonhos. Deixou o quarto, procurando fazer o mínimo barulho possível para não acordá-la e, enquanto vagava pelos escuros corredores do castelo rumo ao porão, sentia que a ansiedade de apreciar os primeiros exemplares do seu novo exército aumentava gradativamente a cada passo, na mesma proporção em que os seus batimentos cardíacos. Sim, aquele tinha tudo para tornar-se um dia memorável e inesquecível, não só para ele, mas para toda a raça dos demons!

E, no exato momento em que os primeiros raios de sol alcançaram os muros do castelo e, por conseguinte, clarearam os corredores através dos vitrais coloridos que faziam as vezes de janelas, Lúcifer concluiu que a razão de sentir-se tão empolgado e otimista com relação àquele dia resumia-se ao fato de que, se tudo corresse de acordo com os prognósticos, o Armagedon, assim como a derrocada final dos anjos e de seus lacaios humanos, teria início antes mesmo do próximo pôr do sol...

* * * * *

Depois de um dia inteiro de trabalho, Ian Taricescu descansava, sentado sob a porta da casa simples, localizada no miolo central da pequena Borsec, bem defronte à pracinha arborizada, onde seus filhos gêmeos, Calin e Traian, brincavam alegres com meia dúzia de outras crianças, todas com idades entre oito e dez anos.

E enquanto observava os meninos correrem por entre as árvores da praça, Ian mais uma vez contava os últimos "*leus*" que haviam sobrado do seu minguado salário como operador de empilhadeira. A saúde financeira da família piorara bastante desde que Dácia, a esposa de Ian, adoecera, acabando entrevada em uma cama. O mal que a consumia a debilitara de tal maneira que ela fora obrigada a abandonar o emprego de recepcionista na mesma fábrica de água mineral aonde Ian trabalhava e que, diga-se de passagem, era a única fonte de renda e emprego para a maioria das pouco mais de três mil pessoas que resistiam à tentação de trocar Borsec por uma cidade maior e com mais recursos.

Para se ter uma ideia de quão atrasada Borsec era, na cidade não existiam lojas, nem supermercados e, muito menos, *shopping-centers*. A população adquiria tudo o que necessitava, inclusive medicamentos, nas diversas feiras livres que aconteciam a céu aberto e ao longo de toda a cidade.

Ian terminou de contar as moedas e guardou-as, voltando-se para o interior da

residência, mais precisamente para o relógio afixado na parede oposta da cozinha.

Suspirou resignado. Estava na hora de chamar as crianças para tomarem banho e se arrumarem, posto que, logo mais à noite, os três haviam combinado de rezar pela recuperação plena de Dácia, na igreja ortodoxa romena, da qual, não apenas eles, mas a maioria totalitária da população de Borsec fazia parte. Ian abria a boca para chamar os gêmeos, quando percebeu, de relance e pelo canto dos olhos, um brilho ofuscante na Montanha Bistrita, que se erguia ao final da cidadezinha, além da praça.

Inicialmente solitário, o brilho logo ganhou a companhia de outro, e mais outro, e assim sucessivamente. Fenômeno que se repetia também nas Montanhas Calimani, Giurgeu e Ceahlau, que juntas formavam um gigantesco paredão natural ao redor da pequenina e isolada cidade romena.

E então, as palavras morreram nos lábios de Ian, antes mesmo de haverem sido pronunciadas. Apavorado, o romeno não conseguia acreditar nos próprios olhos. Os brilhos tomavam a forma de dezenas de helicópteros militares de combate, dos quais saltavam silhuetas em forma humana, mas inacreditavelmente dotadas de enormes pares de asas que abertas lembravam as asas de um morcego. E para o seu desespero, as sinistras criaturas aladas, trajando imponentes armaduras negras, que reluziam ao menor contato com os raios do sol poente, e armadas com o que Ian imaginou serem espadas flamejantes, voavam ameaçadoramente em sua direção. Petrificado de terror, o romeno observava, sem reação, a aproximação dos arrepiantes seres que, a bem da verdade, se pareciam com demônios surgidos diretamente das entranhas do Inferno. Dezenas de demônios de carne e osso, que agora infestavam o céu escarlate do fim da tarde, tal qual uma praga de gafanhotos gigantes!

Num átimo de lucidez, Ian voltou-se para ambos os lados, e o seu desespero se multiplicou consideravelmente, posto que, exceto ele, ninguém mais parecia reparar na nuvem negra que cercava e avançava para Borsec. Todos à sua volta continuavam a desempenhar os seus afazeres como se nada estivesse acontecendo.

Seria aquilo tudo fruto de uma alucinação sua? Estaria ele vendo coisas?

De repente, a confirmação de que o pesadelo era real: línguas de fogo partiram dos helicópteros, riscando o céu com seus longos rastros de fumaça branca. As sucessivas e ensurdecedoras explosões que se seguiram, transformaram Borsec numa versão reduzida do próprio Inferno. Carros, ônibus e caminhões eram violentamente arremessados para o alto e engolidos por gigantescas bolas de fogo, enquanto árvores, vias, casas e edifícios desintegravam-se em meio às labaredas, que, em pouco tempo, espalharam-se por toda a cidade. A histeria e o pânico generalizado apossaram-se das ruas de Borsec.

De volta à realidade, como por encanto, Ian Taricescu correu até o quarto, onde

Dácia dormia alheia à balbúrdia, e retirou de dentro do armário a velha espingarda de caça calibre 32 mm, junto com uma caixa de cartuchos carregados, antes de partir em desabalada carreira na direção da praça. Enquanto corria, a aflição crescia desmedida em seu peito. Dividido entre permanecer com Dácia na casa ou salvar Calin e Traian, agora à mercê do que quer que fossem aquelas monstruosidades aladas na praça, Ian optou pela segunda alternativa. Só então, o barulho dos rotores dos helicópteros pôde ser ouvido, e as pessoas, que corriam desesperadas de um lado para o outro, sem entender direito o que estava acontecendo, resolveram olhar para o céu. E elas foram surpreendidas pelos demônios, que despencaram sobre elas como um enxame de abelhas assassinas. No entanto, poucas foram mortas pelas espadas, que de flamejantes não tinham nada. Por alguma razão desconhecida, os invasores alados limitavam-se a tão somente nocauteá-las, através de socos e pontapés e, nos casos mais difíceis, com os cabos das espadas.

Ian encontrava-se a meio caminho entre a sua casa e a pracinha, quando teve a passagem interceptada por um deles, que pousou suave, mas ameaçadoramente à sua frente, com as enormes asas de morcego abertas e uma espada de lâmina azulada na mão. O instinto de caçador do romeno gritou mais alto e, numa fração de segundo, a espingarda rugiu, cuspindo um punhado de chumbo quente no rosto do monstro, que urrou e, em função do impacto, foi violentamente arremessado para trás, desabando de costas sobre a calçada.

Ian sorriu, aliviado. Afinal de contas, eles podiam ser mortos!

Todavia, a alegria do caçador de fi m de semana durou pouco e foi substituída pelo temor e desespero, quando, para o seu assombro e incredulidade, mesmo depois de alvejada pela carga letal, a insólita criatura das trevas ergueu-se novamente de pé, como se nada tivesse acontecido e com o rosto inexplicavelmente sem nenhum arranhão.

O romeno recuou assustado, mas não o bastante para evitar o golpe certeiro que arrancou a espingarda de suas mãos e, ato contínuo, atingiu-o, derrubando-o ao chão. Tonto, porém ainda consciente, ainda viu, por detrás do seu agressor, que as aeronaves começavam a pousar, uma após a outra, despejando de dentro centenas de demônios de um outro tipo, desprovidos de asas, mas mesmo assim demônios.

“Meus filhos... Calin e Traian... Dácia...” – ele pensou aflito, esquadrinhando a área toda, até onde as vistas alcançavam, em busca de algum sinal das crianças, em meio ao pandemônio generalizado. Nada. Nenhum vestígio dos gêmeos. Nem na pracinha, nem em qualquer outro lugar ao alcance dos olhos.

Foi quando um brusco e impetuoso pontapé interrompeu os seus pensamentos, fazendo com que a busca angustiada pelos meninos cedesse lugar à escuridão...

* * * * *

— Excelente. Mantenha-me informado – Lúcifer sorriu ao celular. – Quanto aos prisioneiros, aguardem por Magog. Ele já está a caminho com o soro. Não façam nada antes de ele chegar!

Sem esperar pela resposta, desligou o aparelho e o guardou no bolso do casacão.

— E então? – Memnon indagou curioso.

— Missão cumprida: Borsec, Dudesco e Bumbacari já estão sob nosso controle. – Lúcifer declarou entusiasmado. – E as nossas tropas, neste exato momento, seguem para Ciocile, Periprava e Agighiol. Ao despertar do sol de amanhã, Magog terá à sua disposição milhares de matrizes humanas para aplicar o soro biológico. No entanto, como o nosso estoque do mesmo é limitado, serão escolhidos para a mutação apenas os espécimes mais fortes e saudáveis!

— E quanto ao restante da população? – Memnon quis saber, com expressão sádica no olhar.

— As mulheres e crianças serão mantidas prisioneiras, pois poderemos precisar delas em um futuro próximo. Quanto aos homens e rapazes descartados na seletiva para a mutação, assim como os velhos e os doentes, serão sumariamente eliminados.

— Uau! Tudo isso em uma única noite – Memnon exclamou admirado.

— E é apenas o começo – Lúcifer sorriu. – Amanhã, após concluídas as mutações, teremos, pelos meus cálculos, mais de quinze mil novos membros em nossas fileiras, o bastante para tomarmos a capital, Miercurea-Ciuc e, em seguida, todo o restante do Condado de Harghita. Feito isso, partiremos para Bucareste e os demais condados. E em menos de uma semana, a Romênia será nossa – o sorriso alastrou-se em sua face. – E então, dominaremos a Europa e, depois, o Mundo!

* * * * *

Ian Taricescu vagarosamente descerrou os olhos, ignorando a quase intolerável dor de cabeça que inconscientemente implorava-lhe para que não o fizesse. Arrastava-se pela rua, com ambas as mãos atadas às costas, seguindo a longa fila formada pelos cidadãos de Borsec, que marchavam em duplas, na direção do único ginásio de esportes da cidade, sob a vigilância constante de uma centena de demônios do segundo grupo, os “sem asas”. Com dentes pontiagudos, pele avermelhada e olhos negros e sem a íris branca, eles eram extremamente agressivos e os conduziam à base de gritos e berros, chutes e empurrões.

“Deus... O que está acontecendo aqui?” – o romeno indagava-se a todo instante,

tentando manter-se lúcido em meio àquela loucura descabida.

E enquanto cruzava pelas ruas semidestruídas de Borsec, em meio ao crescente torvelinho de indagações sem resposta a poluírem a sua mente, Ian procurava, sem sucesso, por um sinal dos meninos entre as casas e prédios incendiados, muitos dos quais ainda queimavam ao sabor do fogo.

E eles chegaram ao ginásio municipal, onde, na porta principal, um demônio de média estatura, grisalho e com banca de manda-chuva examinava os prisioneiros, um a um, antes de serem arrastados como animais para dentro do prédio.

— São os últimos – um dos "sem-asas" que os escoltava vociferou, empurrando-os na direção do grisalho. – As mulheres e crianças estão trancadas na igreja.

— E os velhos e doentes?

— Os que sobreviveram às explosões, foram eliminados.

— Muito bem! – o demônio grisalho murmurou, analisando com muita atenção a última leva de prisioneiros. – Acredito, então, que já podemos começar...

Ian e os demais homens foram brutalmente conduzidos para dentro do ginásio, e assustaram-se ao depararem com centenas de conterrâneos espalhados pelo chão, aos gritos e retorcendo-se em extrema agonia. Diante da inesperada cena de horror, alguns dos companheiros de Ian tentaram fugir, porém, foram severamente contidos pelos guardas de plantão com chutes, socos e empurrões. E todos foram obrigados a sentar, lado a lado, em um semicírculo no canto dos fundos da construção.

Alheio ao que acontecia ao redor, Ian não conseguia afastar da cabeça as terríveis palavras que escutara pouco antes de ser empurrado para dentro do prédio. "*Os velhos e doentes, eliminados*". Foi quando pensou em Dácia, e a dor que brotou no seu coração ao fazê-lo somente serviu para confirmar o que ele já sabia: que nunca mais a veria de novo!

Dácia... A sua linda e amada esposa... A mãe de seus filhos... Morta por aqueles monstros! A raiva que sentia superava até mesmo o medo do que estava por vir, e só não calava mais forte em seu peito do que a aflição causada pela falta de notícias dos gêmeos.

De repente, o demônio de cabelos brancos, auxiliado por um trio de assistentes, aproximou-se deles. Analisando-os individualmente, elegeu o homem ao lado de Ian para tornar-se a primeira vítima. Os guardas o agarraram e arrastaram à força para o centro do círculo, segurando-o firme, enquanto que uma seringa cheia de um líquido verde-fosforescente era enfiada de qualquer jeito em seu pescoço, à altura da jugular. Um horrendo grito de dor ecoou da garganta do sujeito, antes que ele desabasse como um saco de batatas vazio no chão, retorcendo-se em agonia. E, um após o outro, todos os apavorados romenos acabaram recebendo o mesmo tratamento.

Chegou a vez de Ian. Ele tentou resistir como pôde. Todavia, não foi páreo para a

dupla de demons, que facilmente o dominou e arrastou até o grisalho, no que o velho brutalmente enfiou a desgastada seringa em seu pescoço, direto na jugular, injetando apenas algumas gotas do soro na corrente sanguínea.

Instantaneamente, o romeno sentiu o pescoço pegar fogo, como que a incinerá-lo de dentro para fora e, gradativamente, o resto do corpo pareceu também inflamar-se por dentro, queimando-o vivo. Não mais suportando a agonia, os inevitáveis gritos de dor brotaram inconscientemente de sua garganta e ele desabou no chão, passando a debater-se em extrema expiação. A cabeça latejava a níveis insuportáveis. A pele e os músculos pareciam rasgar-se, assim como o esqueleto ósseo e os órgãos internos que davam a impressão de despedaçar-se. Já os olhos, o nariz, a boca e os ouvidos ardiam e, da mesma forma que todos os poros e orifícios de seu corpo, expeliam gases de tons marrom-esverdeados e sangravam, à medida que o próprio sangue também escurecia e mudava de cor.

De repente, tudo nele se transformara em dor e sofrimento. As crianças, Dácia, Borsec, a Romênia e o resto do mundo já não tinham mais a menor importância. Era como se simplesmente nunca tivessem existido.

E então, ele mesmo, Ian Taricescu, deixou de existir...

* * * * *

Gabriel adentrou a sala de reuniões com uma aura de preocupação e tensão que pôde ser sentida por todos os presentes.

— Começou... – ele declarou, tomando o seu lugar à mesa. As demais cadeiras encontravam-se ocupadas pelos guerreiros da luz. – Como eu suspeitava, Lúcifer não perdeu tempo. Acabo de ser informado de que há uma semana a nação da Romênia encontra-se completamente incomunicável. Todas as suas fronteiras foram fechadas, ninguém entra e ninguém sai. Portos e aeroportos estão inativos e as suas emissoras de rádio e televisão pararam de transmitir, da mesma forma que as linhas telefônicas ficaram mudas e o fornecimento de energia elétrica foi cortado. É como se deliberada, inexplicável e subitamente a Romênia houvesse retornado à Idade da Pedra. E, para variar, o restante do mundo, embora em estado de alerta geral, ainda ignora os reais motivos por trás desse repentino e autoimposto isolamento romeno. Nem mesmo os seus embaixadores e autoridades, os que se encontram fora dos limites territoriais do país, têm qualquer informação concreta a respeito do que se passa do lado de dentro de suas fronteiras...

— E você suspeita que a única razão plausível para isso seja o início do tal *Projeto*

*Armagedon*, arquitetado por Lúcifer? – Thomas indagou.

— É exatamente o que eu quero que vocês descubram – o anjo demandou.

— Como assim, nós? – Duke arregalou os olhos.

— Ele quer que voemos à Romênia para investigar o que está acontecendo por lá, seu cabeça-de-vento! – Leon explicou.

Fazia quatro dias que o piloto inglês saíra da cama. E, embora ainda necessitasse de cuidados especiais e uma tipoia para apoiar o braço ferido, ele estava ansioso para entrar novamente em ação.

— Quando partimos? – Desirée prontificou-se, indo direto ao ponto.

— Em uma hora – Gabriel respondeu. – Uriel e Micael irão junto com vocês. Eu e os outros vamos acompanhar Sarah à Fortaleza da Montanha, onde a sua segurança estará garantida até que tudo acabe. Por ora, é só. Partiremos amanhã cedo e os encontraremos lá, assim que vocês terminarem na Romênia!

— Por que é que você sempre fica com a parte mais fácil? – Duke quis saber. – E nós com a mais difícil?

— Tá aí uma coisa que eu também gostaria de saber! – Leon sorriu.

— Porque vocês são os "*Escolhidos da Profecia*", e não eu... – o anjo de um olho só respondeu calmamente. – Portanto, é sua a função participar ativamente de tudo o que diz respeito a ela!

— Só o que me interessa agora é partir logo – Thomas grunhiu, erguendo-se de pé. – Ando ansioso para chutar o traseiro de alguns demônios...

* * * * *

Naquele instante, no lado oriental da Europa, um gigantesco exército, composto exclusivamente por demônios inferiores (os sem-asas), reunia-se em frente ao castelo de Zelfa, em meio a centenas de helicópteros militares especialmente projetados para o transporte de tropas, e estrategicamente posicionados nas duas cabeceiras laterais de uma improvisada pista de pouso e decolagem. Só ali devia haver uns duzentos mil soldados. Na última contagem geral, entrementes, os números haviam ultrapassado a marca dos dez milhões de demônios inferiores, criados a partir das matrizes humanas romenas, e que agora estavam espalhados ao longo de todo o país, guardando as suas fronteiras. Para o deleite de Lúcifer, Magog havia conseguido aquilo em uma semana e com o conteúdo de apenas dois dos trezentos frascos do "*Demon666*".

Espalhado estrategicamente por todo o território romeno, em centenas de bases militares, esse fenomenal contingente encontrava-se pronto para embarcar em aviões e

helicópteros de grande porte e decolar rumo aos mais diversos pontos do continente europeu pré-designados para o início da avassaladora ofensiva global: o primeiro ato do Apocalipse planejado por Lúcifer. Os seus líderes, vários milhares de descendentes diretos da primeira casta dos demônios, os que possuíam asas e pequenos chifres na cabeça, aguardavam apenas a sua ordem, para partirem. Cada líder de pelotão vestia a sua armadura negra e tinha a espada de *criometal* presa à respectiva bainha. A novidade ficava por conta dos volumosos tanques duplos presos às costas e ligados através de uma mangueira fina a um misto de lança-chamas com lançador de granadas e metralhadora, especificamente projetado e desenvolvido por Magog para a segunda fase da operação. Já os soldados, por falta de opção e de armaduras para todos, vestiam apenas roupas pretas comuns e portavam as armas que estavam ao seu alcance, posto que a maior parte dos estoques bélicos dos demônios perdera-se durante a execrável batalha da Fortaleza da Montanha.

No interior do castelo, Lúcifer reunia-se e acertava os últimos detalhes com seus generais, os últimos dezessete demons originais (com asas, mas sem os chifres), todos sobreviventes da mesma batalha da Fortaleza da Montanha, onde, além da perda das armas, perecera quase todo o seu exército.

— Senhores – declarou Lúcifer. – Estamos prontos para iniciar a segunda fase do *Projeto Armagedon*? As nossas tropas se encontram devidamente armadas e instruídas a despeito de como procederem durante a ofensiva desta noite?

Os dezessete generais confirmaram com acenos de cabeça.

— Excelente! Como todos vocês já o sabem, foram milhares de anos de espera, planejamento e ações que nos remeteram a este ponto – ele continuou. – E agora que estamos tão próximos de atingir os nossos objetivos, não podemos vacilar. No ataque desta noite, cada um deve dar o máximo de si, para que o resultado final surta o efeito planejado. Se tudo der certo, eu asseguro que até o final do dia de amanhã estaremos com o mundo inteiro aos nossos pés. Então, será apenas uma questão de tempo até o último anjo sucumbir sob as chamas da vingança, refletidas nas lâminas de *criometal* das nossas espadas. Os malditos haverão de pagar por todos os males e sofrimentos que causaram ao nosso povo. Agora vamos, pois está na hora de cumprirmos o nosso destino!

Sob uma intempestiva onda de aplausos e gritos, o líder máximo dos demônios foi o primeiro a abandonar a sala de reuniões, dirigindo-se imediatamente aos muros externos do castelo, de onde ficou a contemplar, apoiado na bengala, a barulhenta e espalhafatosa partida de suas tropas.

— Que comece o Armagedon! – murmurou para si mesmo, enquanto observava a última aeronave desaparecendo no horizonte.

# CAPÍTULO XX

As estrelas reluziam no firmamento como pedras preciosas incrustadas no céu escuro daquela agradável noite de verão. As copas das árvores, iluminadas pela luz da Lua cheia, bailavam serenas ao compasso de uma suave brisa noturna, afastando um pouco da sensação desagradável de calor quase insuportável do dia anterior.

Londres descansava após mais um longo e cansativo dia, sem sequer imaginar as surpresas que aquela madrugada ainda reservava. Na casa dos guerreiros da luz, no *Richmond-upon-Thames*, não era diferente, todos repousavam, recuperando as energias para a viagem do dia seguinte. Todos menos Sarah... A menina não conseguira pregar o olho. E então, numa tentativa de sossegar seu coração, aflito com a visão que tivera pouco antes de deitar-se, resolvera caminhar pelo jardim repleto de flores multicoloridas que circundava a residência.

Ela sabia que o destino estava traçado e o futuro era imutável, porém mesmo assim mantinha esperanças de que a sua visão pudesse estar distorcida ou, até mesmo, ser apenas o fruto dos seus mais íntimos temores. Mas não. Como *Iluminado*, sabia que isso era impossível. As suas visões, fossem elas boas ou más, sempre traziam, em sua essência, a antecipação de fatos e acontecimentos futuros. E todas elas, sem exceção, tornavam-se realidade, mais cedo ou mais tarde, não abrindo nenhuma margem para que aquela, em especial, fugisse à regra. Por mais que ela relutasse em aceitar, ainda naquela noite, a *Profecia do Armagedon* seria iniciada. Sarah sempre soubera o que iria acontecer, mas agora que o momento havia chegado, sentia que ainda não estava preparada para vivê-lo... Ninguém estava!

Uma luz acendeu-se no hall de entrada, e uma silhueta saiu da casa.

— Sarah? – a voz de Gabriel ecoou preocupada.

— Estou aqui – a menina gritou alto, para ser ouvida do jardim.

— E o que você está fazendo aqui fora, numa hora dessas? – interpelou o Arcanjo, aproximando-se a passos largos. – Algum problema?

— Nada com o que se preocupar – Sarah mentiu. – Só estou com um pouco de insônia e decidi dar uma volta pelo jardim, para relaxar. Nada como a companhia das flores para acalentar o nosso espírito quando ele se encontra irrequieto!

— Enquanto estivermos em Londres, não estaremos seguros. Principalmente, você – o Arcanjo repreendeu-a aborrecido. – Você não deveria sair de dentro da casa sem me avisar, ainda mais à noite e sozinha.

— Desculpe. Você tem toda razão! – Sarah reconheceu.

— Tudo bem. Agora, devemos voltar lá para dentro – Gabriel assentiu, pouco mais calmo.

Eles retornavam para a casa e estavam quase chegando à varanda, quando Sarah estacou rígida. De repente, um arrepio gelado percorrera-lhe a espinha.

— O que houve? – Gabriel perguntou assustado, ao perceber a expressão aflita no rosto da menina.

E antes que ela pudesse responder, os ouvidos de ambos captaram o ronco de motores acima das nuvens e, numa fração de segundos depois, o mundo explodiu ao seu redor.

* * * * *

As imagens passavam depressa pelas diminutas janelas de plexiglás do jatinho da Irmandade dos Guerreiros da Luz, como um filme em rotação acelerada. Apenas a Lua cheia parecia inerte em seu trono celestial, limitando-se a acompanhar o *Learjet* em sua jornada através da Europa central, rumo à oriental.

Sentado ao lado de Desirée, que agora dormia tranquilamente após ingerir dois comprimidos no intento de aliviar a dor nas costas, Thomas não conseguia aquietar os próprios pensamentos que, virava e mexia, insistiam em transmitir-lhe a estranha sensação de que eles jamais deveriam ter saído de Londres. Sensação desconfortável que lhe toldava a mente desde que eles haviam deixado o esconderijo dos guerreiros da luz, no subúrbio londrino. Ele não sabia explicar exatamente o que era, mas sentia que algo de muito grave estava para acontecer. Era como se pressentisse um grande mal tomando forma sobre a capital inglesa. Entrementes, não havia nada que ele pudesse fazer. No momento estava a meio caminho da Romênia. Tentou relaxar, fechando os olhos e se concentrando tão somente na perigosa missão que eles tinham pela frente. Se Lúcifer tivesse realmente estendido seus braços, como os tentáculos de um polvo, sobre a Romênia, uma incursão lá não seria nada fácil...

E estava quase conseguindo desligar a mente de Londres, quando a voz metálica e grave de Leon ecoou pelos comunicadores internos do *Learjet*.

— Ei, pessoal. Acordem! Vocês precisam ouvir isso!

Um duplo “click”, e uma confusa cacofonia de sons e vozes subitamente invadiu a aeronave, despertando a todos. Uma voz masculina, em particular, fazia-se ouvir acima dos ruídos de explosões, gritos, buzinas, sirenes e outros sons indecifráveis.

— Londres está sendo bombardeada... Santo Deus... Repito... A cidade encontra-se

sob intenso ataque... (chiado)... Paraquedistas... Milhares deles... Oh... Londres está em chamas... Esperem... Mas, o que é aquilo? Não pode ser... (estática)... Parecem asas... (chiado)... Deus nos acuda... S-são demônios... Sim, demônios! E o céu está infestado deles... Eles estão queimando tudo e... Droga! Estão vindo para cá... Socorro... Nããoooo... (explosão e silêncio)...

Seis rostos atônitos encontraram-se, mal acreditando no que haviam acabado de escutar. Londres, sob ataque dos demons? Parecia uma brincadeira de mau gosto. Mas infelizmente não era. Outro duplo "click", e a voz metálica de Leon de novo soou afetada, pelo intercomunicador.

— Vocês acabaram de escutar a torre do Aeroporto de Heathrow – ele explicou atribulado. – Como pudemos perceber, Londres está sendo atacada e destruída pelas hordas demoníacas de Lúcifer e, com vistas nisso, acho que a nossa atual missão na Romênia tornou-se obsoleta e desnecessária. Não sei quanto a vocês, mas eu já tomei a minha decisão, e redirecionei o nosso voo de volta para a Inglaterra!

* * * * *

April Heinfield retornava para casa, após um longo dia de trabalho em um dos mais movimentados hospitais londrinos. Apesar de exausta e de a madrugada correr solta, ela optara por retornar a pé até a residência, situada há poucos quarteirões dali. Depois de vinte e quatro horas de confinamento nos corredores escuros do hospital, o que ela mais desejava naquele momento era poder respirar um pouco de ar puro e fresco e desfrutar a agradável sensação de liberdade que sentia com os seus longos e bem cuidados cabelos castanhos, soltos e esvoaçando, suavemente embalados pela refrescante brisa noturna do ameno verão europeu. Além do mais, aquela madrugada, em especial, estava perfeita para uma caminhada.

Desde que se formara médica traumatologista, há pouco mais de um ano, April cumpria, sempre que podia, a mesma rotina revigorante de voltar para casa a pé. Era uma forma de aliviar a cabeça do estresse diário a que era sujeita. Não via a hora de ter o seu próprio consultório, para poder abrir mão daquele sofrível emprego no hospital e, assim, dispor de mais tempo livre para cuidar da própria vida. Sim, ela adorava o que fazia. Sentia prazer em ajudar as pessoas. Mas, em certos momentos, responsabilizar-se pelo setor de emergências e pronto-socorro de um grande hospital não era uma experiência das mais agradáveis.

Ainda pensando no consultório que um dia montaria, a jovem médica parou na esquina, esperando que o sinal abrisse para cruzar a avenida. Contemplava, distraída, o

movimento dos carros e ônibus que disputavam com motos e pedestres o direito de transitarem absolutos pela faixa congestionada, quando, de repente, o mundo ao seu redor pareceu transformar-se em uma aterradora versão do Inferno. Um após o outro, os ônibus, carros e motos, assim como os prédios e casas, sucessivamente transformaram-se em gigantescas bolas de fogo. As pessoas que ainda transitavam pela rua foram pegas de surpresa e, em um primeiro momento de letargia, limitaram-se tão somente a encarar abestalhadas os veículos e prédios explodindo sistematicamente ao seu redor.

Mas, logo se recuperaram do choque inicial e entraram numa espécie de histeria coletiva, gritando e correndo desesperadas, fugindo sem rumo, em louca debandada por entre os destroços dos veículos em chamas e os cadáveres oriundos das primeiras explosões, além dos feridos e mutilados, que já se espalhavam por todos os lados.

April, apesar do seu juramento como médica, não reagiu de forma distinta. Pelo contrário, ela não prestou atenção em nada e nem em ninguém, e quando deu-se por conta de seus atos, estava como todos os outros, a correr e berrar desnorteada pelas ruas e avenidas do centro, em meio às explosões ininterruptas. Naquele momento, só o que importava para a médica era chegar à sua casa, que ficava a apenas dois quarteirões dali. Mas ela não conseguiu chegar, nem mesmo, à próxima esquina...

Uma violenta onda de calor, provocada pela explosão de uma bomba a poucos metros de onde estava, atingiu-a em cheio, arremessando-a para trás. April caiu sobre uma caixa de correio que, com o impacto de seu corpo, tombou, espalhando centenas de correspondências que ainda não haviam sido recolhidas pela empresa de correios local. Caída, momentaneamente surda e o corpo inteiro dormente, a médica observou atônita o céu se encher de minúsculos pontinhos negros, recortados contra a luz da Lua, pontos estes que foram crescendo e crescendo, até adquirirem a inconfundível e surpreendente forma de milhares de paraquedistas armados até os dentes.

O que estava acontecendo? O que significava tudo aquilo? Nada ali fazia sentido! Nem as explosões, nem os prédios e veículos em chamas, nem os mortos e feridos e, muito menos, os paraquedistas armados que agora infestavam o céu londrino.

Difícil de acreditar: Londres estava sendo atacada!

“Mas por quê? E por quem?” – April se perguntou, confusa e amedrontada.

Os sons lentamente voltaram aos seus ouvidos, no que ela decidiu não esperar para descobrir a resposta. Levantou-se com dificuldade e, apesar das lacerantes dores que sentia por todo o seu corpo, recomeçou a correr o mais depressa que as suas pernas cambaleantes permitiam. Um filete de sangue escorria pela sua testa. Ela o ignorou. E enquanto corria, desviando-se dos carros em chamas e dos pedaços de corpos humanos espalhados pelo chão em meio a enormes poças de sangue, ela avistou uma criança, um

menino de não mais do que dois anos de idade, chorando por entre os escombros de uma casa destruída.

Ao vê-lo sozinho, indefeso e possivelmente ferido, o seu lado médico e salvador de vidas aflorou novamente. April não pensou duas vezes e disparou em sua direção.

Foi então que o que ela julgava impossível aconteceu: a situação de ambos, que já era péssima, piorou ainda mais. April precisou de todo o seu autocontrole para não entrar em parafuso quando, simplesmente do nada, materializou-se entre ela e o menino uma aterrorizante figura alada que, com as suas enormes asas abertas, pousou no pavimento, de frente para o garoto. Era inacreditável, porém os seus olhos não a enganavam. Aquele ser só podia ser um demônio...

Um demônio de verdade, de carne e osso, e tão real quanto o chão debaixo de seus pés! Mas o que era aquilo em suas costas, entre as asas?

April logo reconheceu o objeto e uma nova dúvida se formou em sua mente: por que um demônio precisaria de um tanque de oxigênio?

Nisso, ela enxergou a mangueira que partia do tanque e terminava nas mãos da criatura. De repente, a médica compreendeu do que se tratava e, sentindo as pernas fraquejarem, estacou completamente apavorada.

Felizmente, a nefasta e assombrosa criatura encontrava-se do outro lado da avenida, de costas para ela. E parecia não ter registrado a sua presença até aquele momento, pois avançava firme e inabalável em direção ao menino, com o lança-chamas numa mão e algo semelhante a uma espada de lâmina azul na outra. Enquanto caminhava, ele prendeu o lança-chamas ao lado do tubo de oxigênio que o alimentava e ergueu a espada, pronto para atacar a criança.

Agindo contra todos os seus instintos naturais de sobrevivência, em uma atitude impensada, a jovem médica juntou uma enorme pedra do chão e arremessou contra as costas do monstro alado. Graças à boa pontaria de April, a pedra acertou em cheio no alvo. E o estalido metálico do inusitado objeto lançado contra o lança-chamas em suas costas surtiu o efeito desejado. Atraiu a atenção do demônio, que se voltou para a mulher com uma expressão assassina no olhar, que a fez estremecer de medo e se arrepender na mesma hora do que havia feito. Mas agora era tarde demais...

— Deixe a criança em paz! – ela gritou. – E vá procurar alguém do seu tamanho para atormentar, criatura do inferno!

Com um arrepiante grito de ódio, o monstro abriu as asas e veio em sua direção.

Desesperada, mas incapaz de mover um músculo sequer, April permaneceu ali. Imóvel e petrificada de terror diante da morte certa que se aproximava dela como um raio: fulminante e inevitável.

* * * * *

No outro extremo de Londres, estendidos no chão, Sarah e o Arcanjo encaravam assustados as chamas que devoravam tudo ao seu redor, inclusive o que restara da antiga casa da Irmandade dos Guerreiros da Luz, reduzida agora a uma montanha de escombros e ferros retorcidos. A construção desmoronara bem diante dos seus olhos, pouco depois de uma bomba explodir sobre ela.

O anjo ergueu-se de pé e ajudou a menina, bastante machucada, a levantar-se.

— Você está bem? – indagou, preocupado com os ferimentos da garota.

Sarah anuiu, enquanto a regeneração celular cumpria o seu papel curativo. Uma vasta quantidade de explosões podia ser escutada ao longe, na direção do centro da cidade, onde focos de incêndio surgiam por todos os lados, acompanhados de compridas línguas de fogo que brotavam do nada e pareciam rasgar o céu londrino como espadas flamejantes, para então desaparecerem da mesma maneira repentina como surgiam, e reaparecerem novamente em outros pontos da capital inglesa.

— Por *Ethernyt*! – Gabriel murmurou apavorado, com o olhar fixo e voltado para onde o Inferno parecia ter aberto os seus portões. – N-não pode ser: Londres está sob ataque do demons!

Foi quando um súbito movimento na montanha de entulhos atraiu a sua atenção. E estupefato, ele observou a prótese biônica de Kamael emergir do meio dos escombros. Correu até ela e, em ritmo acelerado, removeu todos os pedaços de madeira, ferro e tijolos quebrados que se encontravam ao seu redor.

Alguns minutos depois, o general de uma mão só erguia-se de pé ao seu lado. O seu corpo apresentava inúmeras escoriações e um sem número de machucados feios que aos poucos foram cicatrizando, até desaparecerem por completo.

— Que diabos está acontecendo por aqui? – Kamael interpelou confuso, ao perceber o caos que se abatia sobre Londres.

— Parece que Lúcifer resolveu mostrar sua cara ao mundo! – Gabriel respondeu de expressão fechada.

— Mas o que ele pretende, ateando fogo à cidade? – Kamael indagou. – Repetir a façanha de Nero?

— Trata-se de guerra psicológica – o Arcanjo esclareceu. – Lúcifer é um grande estrategista militar, o melhor e mais astuto que já conheci. O fogo que agora consome Londres tende, por natureza, a transmitir aos seus habitantes uma perfeita alusão ao Inferno Bíblico e, com isso, instaurar o pânico e a confusão entre as pessoas, posto que a

maioria delas, por ignorância, vê nos demons seres mitológicos e sobrenaturais contra os quais não podem lutar!

— Entendi. E com essa abordagem apocalíptica, eles, os demons, praticamente não encontrarão nenhuma dificuldade para dominar a cidade e a sua população, que, graças à tolice de suas crenças religiosas, pensará tratar-se do Fim dos Tempos, não reagindo ao ataque!

— Isso mesmo. A ideia é induzir a maioria a, em vez de pegar em armas e os enfrentar, ajoelhar e rezar, à espera de um milagre que nunca virá. E, com isso, antes mesmo que a noite termine, eles os terão subjugado, sem excessivo derramamento de sangue, preservando a matéria-prima necessária para que, a partir dos prisioneiros capturados, Magog possa, graças ao novo "*Demon666*", acrescentar milhões de novos membros às fileiras de Lúcifer!

— Por *Ethernyt*! – o guerreiro de asas negras exclamou horrorizado, diante dos desanimadores prognósticos do companheiro. – Gabriel, nós não podemos deixar isso acontecer. Precisamos fazer alguma coisa para impedi-los!

— Olhem – Sarah gritou, apontando para o céu.

Gabriel sentiu um frio na barriga, ao notar que as línguas de fogo aproximavam-se a uma velocidade alarmante do ponto em que eles estavam.

— No momento – voltou-se para Kamael –, a única coisa que podemos fazer é tentar encontrar uma maneira de sairmos vivos desse inferno!

O general concordou, tateando a cintura em busca da espada e... Nada. Só então, recordou-se de tê-la depositado sobre a cama, instantes antes de a casa ruir. E, assim como ele, o Arcanjo também estava desarmado.

Isso era péssimo. Os demons aproximavam-se cada vez mais, e eles não tinham nada com o que se defenderem do iminente ataque.

— General Kamael, a sua prótese... – Sarah gritou para o anjo, como se houvesse lido os seus pensamentos. – Ela é feita de *criometal*, o que a torna uma arma letal!

Kamael olhou para a mão artificial e sorriu, retirando a luva de couro preta que a cobria. Os cinco dedos em forma de ganchos ficaram à mostra. Os dois anjos tiraram os casacos e livraram as asas rapidamente.

Gabriel apanhou Sarah no colo e eles voaram como loucos na direção oposta à das línguas de fogo expelidas pelos potentes lança-chamas de seus inimigos. Mas não foram rápidos o bastante. Os demons logo os avistaram e, de imediato, deram início a uma perseguição mortal pelas ruas e vielas dos subúrbios londrinos. Por onde eles passavam, as pessoas, assustadas, gritavam e corriam quando os enxergavam voando acima de suas cabeças e, mais ainda, quando viam os demons, literalmente cuspindo fogo, em seu

encalço. Eles não titubeavam em usar os seus lança-chamas e granadas incendiárias em tudo o que viam pela frente, deixando atrás de si um desolador rastro de destruição, sangue e morte.

Os anjos voavam muito baixo, por entre as copas das árvores e rente aos carros e prédios em chamas, na esperança de despistarem os seus perseguidores. Por duas ou três vezes tiveram as penas das asas chamuscadas, ao passarem entre as labaredas de veículos e construções incendiados. De repente, ao dobrarem uma esquina, foram surpreendidos por um segundo agrupamento de demônios que, ao avistá-los, se abateu sobre eles como um enxame de abelhas assassinas. Acuados e sem escolha, eles entraram na primeira viela disponível, o que acabou revelando-se uma péssima ideia, uma vez que acabaram encurralados em um beco sem saída.

Exaustos e sem ter para onde fugir, os dois pousaram junto à parede, nos fundos do beco. Gabriel desceu Sarah ao chão, enquanto Kamael adiantava-se, já em posição de combate, com a prótese pronta para retalhar todos que ousassem se colocar ao seu alcance. Se o seu destino seria o de morrer ali, pelo menos ele arrastaria consigo um bom número de inimigos.

Neste meio tempo, o grupo de perseguidores os alcançou e juntou-se ao outro, que já avançava pelo beco.

— Venham, seus bastardos! – Kamael gritou confiante. – Que eu estou mesmo louco para transformá-los em carne picada!

A confiança depositada em seu tom de voz, aliada à ameaçadora prótese azulada, fez com que os demons hesitassem por alguns segundos, detendo-se a poucos metros de onde eles estavam. Formando um semicírculo em torno dos três, eles avançaram, lenta e cautelosamente. A prudência deles era perfeitamente compreensível, tendo em vista que, pela primeira vez desde o início do ataque a Londres, enfrentavam anjos guerreiros, e não simples humanos, fracos e indefesos. E os anjos sempre vinham acompanhados de suas espadas, ou outro tipo qualquer de arma produzida em *criometal*, a única coisa capaz de matá-los.

Mas eis que um demon, mais atento do que os outros, percebeu que nenhum dos anjos estava armado, pelo menos não com armas normais. Nem eles e nem a menina humana de aparência frágil e delicada escondida atrás deles. Sem perda de tempo, alertou aos demais, gritando a plenos pulmões, para ser ouvido acima da balbúrdia da rua.

— Eles estão desarmados!

Nisso, a cautela dos atacantes perdeu toda a razão de existir, e a horda assassina investiu para cima do trio, com tudo a que tinha direito e sedenta de sangue, tal qual uma alcatéia de lobos selvagens e esfomeados ao deparar-se com uma presa frágil, suculenta e

aparentemente inofensiva.

* * * * *

April podia sentir a morte a galope, vindo em sua direção. Ela tentou mover os músculos das pernas, mas eles não responderam aos comandos do cérebro. O medo e o terror a imobilizavam, de modo que somente um milagre seria capaz de salvá-la.

O seu algoz voava furioso, com a espada à frente do corpo, pronta para ser usada contra ela. Sem qualquer chance de escapar, April fez a única coisa que podia: fechou os olhos e resignou-se, esperando já conformada pelo golpe fatal que arrancaria a sua vida. E durante aqueles intermináveis momentos que, para ela, pareceram durar uma eternidade, toda a sua existência passou diante dos olhos, como num filme.

Foi então que o milagre aconteceu...

E ele veio sob a forma de um ônibus em alta velocidade, que acertou em cheio o demônio, arremessando-o a dezenas de metros de distância. Com o impacto, o tanque preso às costas da criatura rompeu-se e explodiu, envolvendo tudo ao redor, inclusive o próprio demon, numa bola de fogo viva.

April abriu os olhos. E por um instante não entendeu nada. Viu o demônio que tencionara matá-la a algumas dezenas de metros, debatendo-se pelo asfalto, envolto em chamas, e... Um pouco além da esquina, o ônibus de linha, parado e com a frente toda amassada.

A partir disso, a médica inglesa tirou as suas próprias conclusões. De repente, o veículo andou de marcha à ré, parando na sua frente, com a porta aberta.

— Vamos logo, moça. Pegue o menino e entre! – gritou o motorista, um sujeito bem afeiçoado, careca e de meia idade, mas dono de uma forma física de dar inveja a muitos garotões de vinte anos.

Refeita do susto inicial, April atravessou a avenida, juntou o menino no colo e, sem diminuir as passadas, saltou direto para dentro do ônibus, que arrancou bruscamente, queimando os pneus. Ela teve que se segurar para não cair, e precisou de toda a sua força para jogar o corpo de lado e sentar na poltrona livre atrás do motorista.

Pela janela lateral, observou que eles passaram como uma flecha pelo demônio atropelado e incinerado vivo, e que, inacreditavelmente, erguia-se novamente de pé. Ele até tentou segui-los voando, entrementes, não foi páreo para o possante motor do ônibus conduzido com extrema habilidade pelo careca, de modo que, gradativamente, foi ficando para trás e cada vez mais distante, até desaparecer por completo.

Só então, April dignou-se a olhar ao redor, reparando que nos demais assentos do

coletivo urbano havia outras sete pessoas que, como ela e o menino agora em seu colo, provavelmente também haviam sido salvas pelo calvo e simpático motorista. A médica observou-o por entre o vidro que os separava e, por um breve instante, sentiu uma profunda admiração por aquele homem, além de intenso respeito.

Enquanto avançavam pelo caos em que Londres havia mergulhado, apavorados e confusos, os outros passageiros limitavam-se a chorar e a tremer de medo, alheios a grande parte do que acontecia ao redor e imersos em seus próprios pensamentos...

Mas não April, que, atenta, observou que os demons paraquedistas – diferentes do que a atacara, por não possuírem asas – pousavam aos milhares. E, antes mesmo de botarem os pés no chão, eles já acionavam os lança-chamas, ateando fogo a tudo o que encontravam pela frente: aos prédios de apartamentos, aos arranha-céus, casas, praças, carros tombados e monumentos históricos. Enquanto isso, os seus cúmplices, os com asas, em menor número, porém igualmente ameaçadores em sua tarefa de juntar os seres humanos em pequenos grupos, os imobilizavam e amarravam uns aos outros.

Para todo o lado que ela voltasse o olhar, havia morte, fogo e destruição. Confusas e desesperadas, algumas ensanguentadas e outras mutiladas, muitas pessoas gritavam e corriam desnorteadas pelas ruas, vielas e avenidas londrinas, até serem inadvertidamente capturadas. Pelo menos, as bombas haviam dado uma trégua.

O "ônibus da salvação" praticamente voava pelas ruas, desviando-se da maioria dos obstáculos encontrados pelo caminho, e incapaz de ser contido pelos demônios, devido à alta velocidade imprimida. Tudo corria bem, até que, de repente, ao virarem na última esquina antes do acesso à rodovia *A40*, avistaram uma barricada, montada de forma improvisada com meia dúzia de carros tombados, bloqueando a passagem, ao lado de um caminhão militar para o transporte de tropas. Como simultaneamente acontecia em todos os acessos da capital inglesa, um pelotão de demônios inferiores posicionava-se diante da imprevista e inusitada barreira, vigiando-a para garantir que absolutamente ninguém deixaria a cidade sem permissão. E eles tinham conseguido, até aquele momento...

— Segurem-se! – o motorista gritou, pisando fundo no acelerador.

O ônibus deu uma guinada para frente e arremeteu-se de encontro à barricada.

Ao verem o veículo que vinha em sua direção, sem nenhuma intenção de parar, os demons assustaram-se e, instintivamente, jogaram-se para os lados, frações de segundos antes do impacto.

Adivinhando o que aconteceria a seguir, April segurou-se firme, com uma mão no banco, enquanto que com a outra, além do próprio corpo, protegia o menino que salvara minutos atrás.

O ônibus atingiu violentamente a barricada, entre dois carros tombados, que na

pancada foram arremessados para os lados, abrindo uma estreita passagem, porém larga o suficiente para que eles passassem. Pelo vidro traseiro, April ainda avistou alguns dos demônios da barricada correndo atrás do veículo, mas como não possuíam asas, logo ficaram para trás e desistiram. E então, a própria Londres ficou para trás.

— Ufa! Nós conseguimos... – o motorista careca suspirou aliviado, diminuindo a pressão no acelerador pela primeira vez desde que a médica embarcara.

— Não – April discordou dele, tocando em seu ombro respeitosamente. – O senhor conseguiu, senhor...

— Baker, Erick Baker – ele apresentou-se. – Mas pode me chamar só de Erick e, de preferência, sem o senhor. E você, como se chama?

— April Heinfield.

— Você foi muito corajosa lá atrás, April. Arriscando a própria vida para salvar o menino. Ele é seu filho?

— Não. Eu o vi sozinho e perdido em meio aos escombros e resolvi ajudá-lo. Mas o que fiz não foi nada, se comparado ao que o senhor fez, e ainda está fazendo por todos nós – April declarou. – Obrigada, senhor Erick!

— Não me agradeça, pois não fiz mais do que a minha obrigação!

— Mesmo assim, obrigada mais uma vez. Se não fosse pelo senhor e seu ônibus, nós provavelmente já estaríamos mortos a esta altura!

Logo alcançaram a rodovia *A40* e seguiram em direção a Oxford, situada a oeste de *High Wycombe*. Estranhamente, a pista dupla que normalmente estaria repleta de veículos encontrava-se totalmente deserta, sem um único carro sequer, em nenhum dos dois sentidos. Em compensação, também não se via sinal algum dos demoníacos seres que continuavam atacando e destruindo Londres.

Eles haviam conseguido fugir do "Inferno" e, por ora, estavam a salvo.

Mesmo assim, Erick Baker não aliviou muito o pé do acelerador e, por um bom tempo ainda, manteve o veículo em alta velocidade. Afinal, precaução nunca era demais...

Apesar de bastante avariado e com a frente completamente destruída, o valente "ônibus da salvação" ainda aguentou firme por mais algumas dezenas de quilômetros, antes de finalmente empacar, ao lado de um barranco de terra à margem da rodovia.

Os nove passageiros e o motorista, ainda chocados com os horrores que haviam presenciado, desceram do veículo. E não demorou muito para eles escalarem o barranco, de onde puderam observar, desolados e perplexos, a espessa nuvem de fumaça negra que se elevava sobre Londres, enquanto a cidade sucumbia, implacavelmente devorada pelas chamas da destruição.

Nenhum deles sabia exatamente o que estava acontecendo: quem ou o que eram

aquelas criaturas parecidas com demônios, ou ainda, o que elas queriam?

Não obstante, todos eram unânimes em admitir que o terror vivenciado pela sua cidade e por eles próprios devia ser apenas o começo... O princípio de algo muito mais terrível, sombrio e assustador.

Algo tão calamitoso e aterrorizante, que nem mesmo nos seus piores e mais sórdidos pesadelos, eles seriam capazes de conceber...

Para uns, o Apocalipse. Para outros, o Armagedon. O nome pelo qual o conheciam, porém, não tinha nenhuma importância, já que, no fundo, todos tinham a plena ciência do que se tratava. E era justamente isso o que mais os desconcertava:

O “Fim dos Tempos” havia chegado!

# CAPÍTULO XXI

A mão biônica de Kamael movia-se de um lado para o outro, à frente de seu corpo, na tentativa desesperada de conter o ataque inimigo.

Dois demons sem asas jaziam mortos aos seus pés, enquanto ele eliminava mais um, literalmente rasgando-o ao meio com os ganchos de *criometal*. Os restantes, dois oficiais de segundo escalão (com asas e chifres) e dez soldados (sem asas), resolveram investir contra ele, todos ao mesmo tempo.

O general ethernytiano conhecia bem as suas limitações, de modo que sabia ser impossível enfrentar tantos inimigos de uma só vez. Mesmo assim, Kamael não recuou. Armando-se de toda a coragem que possuía, estava pronto para morrer, se preciso fosse, mas não pretendia sucumbir sem antes despachar um bom número de inimigos.

Já o Arcanjo, não podia fazer muita coisa para ajudá-lo, pois além de estar sem a sua espada, ainda havia o Iluminado. A portadora da luz de *Ethernyt* precisava ser protegida acima de tudo, já que não era apenas o destino deles, mas o de toda a Terra que estava em jogo naquele momento.

Ignorando isso, Gabriel deixou Sarah num canto escuro da parede e adiantou-se, pronto para juntar-se ao companheiro, no que foi contido pelo general ethernytiano.

— Proteja o Iluminado! – Kamael gritou, ao mesmo tempo em que girava sobre o próprio corpo, usando os ganchos da mão artificial para arrancar, em um único golpe, ambos os olhos de um inimigo, enquanto rasgava a garganta de outro. – Eu posso dar conta deles sozinho!

O Arcanjo abriu a boca para protestar. Contudo, deteve-se, quando do nada os atacantes começaram a cair um após o outro, como peças de um jogo de dominós. Os dois anjos entreolharam-se, confusos, sem compreender direito o que ocorria com os demons, que inexplicavelmente continuavam a desabar aos seus pés, como sacos de batatas vazios largados ao chão. Entretanto, como os oponentes eram muitos, Kamael ainda precisou bloquear uma investida contra sua cabeça, aparando a lâmina azul da espada inimiga entre os ganchos da mão biônica, aproveitando para parti-la ao meio, ante o olhar atônito do demon que o atacava. Sem perda de tempo, o general desferiu um potente soco no adversário com a mão que ainda tinha, enquanto usava os novos dedos de *criometal* para decepá-lo. E voltou-se mais uma vez para os outros, notando que eles continuavam a cair ao seu redor, sem que os tocasse. Só então, percebeu as flechas de *criometal* cravadas em seus corpos.

E no céu, logo acima deles, camuflado pela semi-escuridão do beco, um guerreiro alado de asas bege, armadura e elmo negros, e portador de um enorme e imponente arco de fibra de carbono, especialmente projetado para competições, e que, naquele momento, se fazia retesado ao máximo de sua elasticidade, pronto a ceifar as vidas de todos que se colocassem no caminho de suas setas.

Manejado com extraordinária desenvoltura e agilidade pelo guerreiro alado, o arco negro se transformou em um exímio mensageiro da morte, cuja mensagem letal foi rapidamente entregue aos três últimos demônios, antes mesmo que eles percebessem a presença do seu remetente, que, logo em seguida, pousou suavemente à frente de Kamael.

— Angelina! – o general exclamou surpreso, ao reconhecer a armadura e o elmo com as duas asas fundidas nas laterais.

— Desculpem a demora. Eu vim assim que pude – Angelina abreviou, retirando o elmo e liberando os longos cabelos loiros, o arco devidamente atravessado às costas, junto à aljava vazia. – Quando consegui me livrar dos escombros, vi-os voando para cá, com um bando de demons em seu encalço. Então, foi só o tempo necessário para que eu encontrasse as minhas coisas no meio daquela bagunça, vestisse a armadura e os seguisse até aqui.

Gabriel sentiu uma ponta de remorso por haver esquecido dela. Tudo acontecera tão rápido que ele não tivera tempo nem de pensar em quem estava ou não na casa no momento da explosão... A única coisa que passara pela sua cabeça, ao avistar o grupo inimigo voando em sua direção, fora a necessidade de manter Sarah em segurança e bem longe deles, de modo que os companheiros soterrados, humanos e anjos, haviam deixado de ser prioridade.

— Mas como você nos encontrou? – Kamael indagou, abaixando-se para juntar uma espada do chão. – Digo, como soube exatamente onde nós estaríamos?

— Foi Sarah – Angelina respondeu. – Eu não sei explicar como, mas ela guiou-me telepaticamente até este beco!

— É verdade – Sarah aproximou-se, saindo das sombras. – Enquanto nós voávamos para cá, eu avistei Angelina e resolvi contatá-la mentalmente. Ajudei-a a encontrar os seus pertences e depois a nos encontrar!

— Bem... De qualquer modo, devemos lhe agradecer por nossas vidas. – Gabriel sorriu para a ex-cafetina de Paris.

— E eu, pela segunda vez... – Kamael referia-se à sangrenta Batalha da Fortaleza da Montanha, onde ele também acabara sendo salvo da morte, no último instante, pela destemida anja loira, pouco tempo depois de humilhá-la na frente de todos por puras questões de preconceito. Um erro do qual ele jamais se perdoaria enquanto vivesse.

— Ora, deixem disso – Angelina sorriu orgulhosa, enquanto reabastecia a aljava com as flechas que retirava dos corpos dos demons. – Eu apenas fiz o que qualquer um de vocês teria feito se estivesse no meu lugar. E agora, devemos nos preocupar em sair logo daqui, antes que apareçam mais desses imbecis!

— Eu concordo plenamente – Gabriel aquiesceu, seguindo o exemplo de Kamael e juntando uma espada qualquer do chão. – Precisamos encontrar um jeito de deixar a cidade sem sermos vistos. Antes, porém, temos que recuperar nossas armaduras e armas soterradas sob os destroços da sede dos Guerreiros da Luz...

— Voltar ao *Richmond-upon-Thames*? – Kamael o encarou incrédulo. – Não me parece uma boa ideia!

E, naquele caso, a lógica era totalmente a favor do general, uma vez que o bairro em questão ficava do outro lado de Londres, e encontrava-se no momento dominado pelos demônios, assim como cada canto da cidade.

Fora do beco a balbúrdia aumentara consideravelmente, na proporção em que as ruas eram tomadas pelas tropas infernais. Se eles fossem vistos ou se entrassem em confronto direto com o inimigo, estariam perdidos.

— Jamais passaremos despercebidos por eles! – o general de uma mão só ponderou desanimado. – Seremos mortos assim que colocarmos os narizes para fora deste maldito beco!

— Não se cruzarmos por debaixo deles... – Sarah comentou, apontando para a tampa de um bueiro no final do beco. – A rede de esgotos de Londres é composta por gigantescos túneis subterrâneos que atravessam praticamente a área urbana inteira da cidade, e são interligados entre si, de modo que podemos seguir incólumes por eles até a ex-sede da Irmandade.

— Deve haver um verdadeiro labirinto de túneis aí embaixo – Kamael protestou. – Como vamos saber qual deles nos levará ao *Richmond-upon-Thames*?

— Eu saberei – Sarah enfatizou.

Gabriel abaixou-se e retirou a tampa de ferro, depositando-a com o máximo de cuidado ao lado da abertura, evitando assim fazer barulho.

— Pronto – exclamou, retorcendo o nariz por causa do mau cheiro que exalava da abertura.

— Então – Kamael apontou enojado para o buraco –, quem vai primeiro?

* * * * *

A cidade, em chamas, já podia ser avistada ao longe, para o desespero de Leon. A

densa fumaça que se erguia acima dela agia como uma punhalada em seu peito. Era como se uma parte de seu próprio ser tivesse sucumbido com ela. Afinal de contas, nascera lá, crescera, estudara e vivera em Londres até entrar para a Força Aérea Britânica. Por isso, vê-la destruída era algo que o afetava profundamente.

— Eu juro por tudo o que é mais sagrado que Lúcifer vai pagar e muito caro por isso – prometeu para si mesmo, em voz alta.

Foi quando avistou algo que lhe chamou a atenção. O *Learjet* voava relativamente baixo e, talvez por isso, o piloto tenha facilmente avistado o ônibus quebrado e com a frente destruída, estacionado com os faróis ainda acesos ao lado de um barranco à margem da *A40*, sobre o qual reunia-se um reduzido grupo de pessoas olhando desoladas na direção da cidade. Certamente, sobreviventes do ataque, que, de alguma maneira, haviam conseguido furar o cerco dos demônios e escapar.

E ele não pôde evitar de conjecturar sobre o fato de aquelas serem as primeiras almas humanas que avistava na rodovia *A40*, deserta em ambos os sentidos, um fato extremamente atípico, já que tradicionalmente ela era bastante movimentada. Olhou mais uma vez para as nove criaturas solitárias sobre o barranco e tomou, por conta própria, uma drástica decisão. Manobrou o *Learjet*, descrevendo um amplo círculo no céu escuro, até posicioná-lo em rota de cruzeiro, paralelo à *A40*. Baixou o trem de pouso e reduziu a altitude gradativamente, iniciando o ritual de aterrissagem.

E enquanto Leon preparava a aeronave para o pouso sobre a rodovia, ele avistou a alguns quilômetros do ônibus, o motivo de a mesma estar tão vazia: uma gigantesca cerca de arame farpado no meio da pista, na divisa entre os municípios de Oxford e Londres, impedia a passagem de centenas de veículos que aguardavam do outro lado, vigiados por meia dúzia de tanques de guerra e um sem número de caminhões e jipes do exército britânico, além de um destacamento inteiro de infantaria pesada. Os militares, armados com fuzis e posicionados lado a lado, formavam uma espécie de cordão de isolamento que bloqueava a passagem, a poucos metros da improvisada cerca.

O resto, o piloto adivinhou sozinho: todos os demais acessos à cidade deveriam estar igualmente bloqueados, em uma estratégia bilateral, provavelmente implantada também pelos demônios, em todas as saídas da capital inglesa, de forma que, a esta altura, Londres encontrava-se completamente isolada do resto do mundo.

— Eu não acredito nisso! – o inglês exclamou perplexo. – Londres sitiada... Mas por que diabos o exército não a invade de uma vez?

A resposta era óbvia: por causa dos milhões de reféns. Uma invasão precipitada, a esta altura dos acontecimentos, seria catastrófica. Ainda ponderando as implicações de tudo aquilo, o inglês concluiu o processo de aterrissagem, pousando suavemente sobre a

*A40*. O *Learjet* taxiou pela autopista até parar ao lado do pequeno barranco de terra, onde se encontravam os atônitos e assustados passageiros do ônibus semidestruído.

Amedrontados, todavia sem ter para onde fugir, os dez se limitaram a observar os guerreiros da luz descerem, um após o outro, pela escada lateral da aeronave.

Aliviados ao perceberem que não eram demônios, alguns arriscaram correr em sua direção, estacando apavorados, porém, ao avistarem Uriel e Micael, com as suas enormes asas angelicais repletas de penas brancas e cinzas. Uns recuaram involuntariamente e os outros permaneceram onde estavam, petrificados pelo terror.

— Não tenham medo. Nós somos os mocinhos! – Duke gritou, alto o suficiente para que todos pudessem ouvi-lo.

— Aproximem-se. Não lhes faremos mal – Uriel prometeu. – Sabemos que tudo isso é um tanto surreal e inacreditável. Entretanto, depois do que vocês vivenciaram esta noite, não há mais motivos para nos escondermos sob disfarces.

— Santo Deus! – um homem calvo e de meia idade, vestindo o uniforme de uma companhia de transporte urbano, aproximou-se com cautela, olhar fixo em suas asas. – V-vocês são... São...

— Anjos – Micael ajudou-o. – Sim, é o que somos.

Ao escutar aquilo, o sujeito prostrou-se de joelhos, em sinal de reverência, e com a cabeça baixa, constrangendo o anjo de asas cinza-chumbo.

E, antes que os outros o imitassem, Uriel pegou-o pelos ombros e o reergueu de pé.

— Por favor. Não faça isso – Uriel censurou-o irritado. – Nós somos anjos, sim... Mas não da forma como vocês imaginam!

— O senhor é o motorista do ônibus? – Thomas indagou, reparando no crachá e no uniforme que ele vestia. – Nós precisamos dele emprestado.

— É todo seu... Se conseguirem fazer com que saia do lugar.

— Deixem isso comigo. É a minha especialidade. Eu só preciso das ferramentas certas e de um pouco de tempo – Leon interveio, voltando-se para o *Learjet*.

— E para que precisamos dessa lata-velha? – Duke quis saber, franzindo a testa.

— Para irmos à cidade, criatura abespinhada! – Thomas respondeu. – A menos, é claro, que você prefira ir andando até lá.

— Mas e o avião? – o americano insistiu. – Podemos ir nele.

— Impossível – o ex-agente explanou. – Seríamos abatidos pelos demons, antes mesmo de encontrarmos um espaço seguro para pousar... Se pretendermos entrar lá sem sermos vistos, precisaremos ser mais discretos.

— Além do mais, nós precisaremos do *Learjet* inteiro para sairmos daqui, quando o resgate terminar – Desirée acrescentou, massageando a nuca dolorida.

— Desculpem a intromissão – o motorista careca deu um passo à frente. – Mas eu não os aconselho a irem para lá, é muito perigoso!

— Infelizmente, não temos opção – Barrabás objetou. – Os nossos amigos estão lá. Precisamos encontrá-los e ajudá-los a sair daquele inferno com vida. Muita coisa depende disso!

— Mesmo assim – Erick Baker persistiu. – É praticamente impossível entrar ou sair de Londres agora. A cidade toda está toda dominada por aquelas criaturas...

— Senhor Baker – Desirée leu o nome dele no crachá, interrompendo-o. – Quando o senhor estiver a par de toda a história, vai compreender melhor as nossas razões. Por ora, enquanto o nosso amigo conserta o ônibus, que tal nos sentarmos para conversar sobre os acontecimentos desta noite?

* * * * *

As tubulações da rede de esgotos de Londres formavam um labirinto muito mais complexo e intrincado do que eles haviam imaginado. Não fosse pelo poder de Sarah, provavelmente se perderiam para sempre naquele emaranhado de túneis fedorentos.

Os três anjos voavam a menos de um metro acima do fétido rio que corria sob a cidade, sempre seguindo as orientações precisas da menina, carregada por Gabriel. O cheiro de excrementos e podridão tornara-se quase insuportável. Em contrapartida, eles não toparam com nenhum demônio durante todo o trajeto subterrâneo até a ex-sede dos guerreiros da luz, no *Richmond-upon-Thames*.

De repente, Sarah fez um sinal.

— É ali – ela apontou para uma escada vertical e toda enferrujada que se elevava até uma tampa de bueiro, idêntica à do beco por onde eles haviam ingressado nos túneis. – Estamos exatamente sob as fundações da casa!

Kamael subiu e forçou-a para cima com os ombros. A tampa cedeu. Com todo o cuidado do mundo, o general a arrastou para o lado e, apenas com os olhos para fora, perscrutou o terreno em volta. Nenhum demônio por perto.

— Está limpo – declarou por fim. – Podemos subir!

Um após o outro, os quatro saíram do bueiro, agradecidos por livrarem-se de vez dos odores desagradáveis e nauseantes dos imundos esgotos londrinos.

— Muito bem – o Arcanjo assumiu aliviado. – Agora vamos para a parte mais difícil, e que consiste em encontrarmos as nossas armas e armaduras no meio dessa bagunça generalizada.

— Impossível – Kamael murmurou desanimado, olhando para os destroços da casa.

– Jamais conseguiremos remover todo esse entulho, sem equipamento especial.

— Para aquele que acredita, nada é impossível. Afastem-se, por favor! – Sarah ordenou, esticando ambos os braços para a frente, com as palmas das mãos abertas e voltadas para o céu.

E, antes que os anjos pudessem impedi-la, a menina invocou o seu poder de luz, que emanou das mãos sob o formato de um potente facho luminoso, cobrindo na totalidade as ruínas da casa. Então, ela fechou os olhos e ergueu abruptamente ambos os braços para o céu, até ficarem paralelos ao corpo.

A montanha de entulhos estremeceu e se abriu como se estivesse sendo rasgada ao meio por mãos invisíveis e poderosas. E, para o espanto e incredulidade dos anjos, dela emergiram, flutuantes como plumas ao vento, um par de reluzentes armaduras militares ethernytianas e duas espadas envoltas nas respectivas bainhas.

Nisso, o raio luminoso foi perdendo a intensidade e o brilho, até se dissipar por completo. Os objetos despencaram ruidosamente sobre os entulhos.

E então, Sarah estremeceu e também desabou na grama, desmaiada. Esse era o preço cobrado pelo seu dom. Cada vez que ela o utilizava, a energia dispendida drenava completamente as suas forças.

Os três anjos correram até ela, e Gabriel a ergueu nos braços.

— Você está bem? – ele indagou, assim que a menina tornou a abrir os olhos.

— Um pouco fraca – ela sussurrou. – Mas isso logo passa.

— Você não deveria usar o seu dom assim – Kamael a repreendeu.

— Era o único jeito... – Sarah o interrompeu ofegante. – Agora, peguem as suas coisas e preparem-se... Nós precisamos correr... cada segundo que passa é um segundo a menos... Eles estão em sério perigo... e não sabem!

— Do que é que você está falando? – o Arcanjo encarou-a intrigado.

— Ou melhor, de quem? – Angelina completou. – Quem está em perigo?

— Os *Escolhidos*... Eles precisam de nós!

— Mas eles estão a caminho da Romênia – Gabriel argumentou.

— Não estão mais... Retornaram a Londres... Estão em sérios apuros... E se não fizermos alguma coisa logo... os perderemos para sempre!

O inconfundível ronco de dezenas de motores de helicópteros trovejou sobre as suas cabeças. Ao olharem para cima, avistaram uma infinidade de manchas escuras cruzando os céus, em direção ao centro da cidade. E, como não conheciam a identidade de seus ocupantes, eles optaram por retornar imediatamente à segurança dos túneis de esgotos...

* * * * *

A estrada completamente deserta à frente era um verdadeiro convite à reflexão. Erick Baker dirigia o ônibus em direção à cidade, aproveitando para refletir melhor sobre a sinistra história que escutara poucas horas antes. Era um tanto absurda e surreal, mas veracidade comprovava-se pela visão das extraordinárias figuras aladas, acomodadas nos dois primeiros assentos do veículo. Anjos de carne e osso, enfiados em suas poderosas e brilhantes armaduras e armados até os dentes, muito diferentes daqueles seres místicos e divinos que habitavam o imaginário dos homens. E ainda havia os outros: os demônios, seres cuja crueldade e sede de sangue ele mesmo pudera comprovar durante a terrível e esmagadora ofensiva que praticamente destruíra a sua cidade natal. Seres malignos que, agora ele sabia, pretendiam espalhar um tipo de vírus altamente mortífero pelo mundo, para dar vazão aos seus execráveis e insanos propósitos de vingança e dominação global, culminando, por conseguinte, na total extinção da raça humana. E, para completar: os Guerreiros da Luz, os únicos seres no Universo capazes de detê-los. Um grupo de elite paramilitar misto constituído basicamente por homens e anjos, ao qual pertenciam os seus quatro passageiros, e mais o trio que permanecera junto ao barranco, tomando conta das pessoas que ele salvara no início da noite.

Mais de uma vez flagrou-se espionando pelo retrovisor, observando e analisando com incontida curiosidade as particularidades e os armamentos de cada um dos seus inusitados passageiros. Uma coisa era certa: jamais vira tantas armas juntas.

Além das compridas e ameaçadoras espadas de lâminas azuladas, que a dupla de anjos portava presas às suas armaduras, todos possuíam adagas. E os dois humanos ostentavam, ainda, um par de machadinhas, um fuzil de assalto M-16, com lançador de granadas M-203 acoplado, uma submetralhadora israelense Uzi de 9 mm e duas pistolas automáticas: uma Glock17 (Duke) e a Automag44 (Thomas).

A incoerência e excentricidade daquilo tudo dava a impressão de que a qualquer instante ele poderia acordar e ver que tudo não passara de um terrível pesadelo. Mas sabia que isso não aconteceria, pois o pesadelo era real. E ele precisava enfrentá-lo. Por isso, Erick oferecera-se de bom grado para dirigir o veículo até um ponto perto da cidade e, também, para servir de guia aos guerreiros da luz durante a incursão pelo território inimigo, já que o outro inglês, o piloto que viera com eles e que igualmente conhecia a cidade tanto quanto, se encontrava momentaneamente impossibilitado de assumir este papel, por causa da tipoia no braço...

— Olhem! – o grito inesperado de Duke tirou-o dos devaneios e o reconduziu à dura realidade, no que também ele avistou a esquadrilha de helicópteros do exército britânico cruzando os céus, em direção à cidade.

No princípio, todos no ônibus animaram-se com a suposta intervenção militar. Todavia, em pouco tempo, a animação transformou-se em tormento ao observarem, atônitos e impotentes, as aeronaves sendo sistematicamente abatidas por estranhas e poderosas línguas de fogo, que surgiam do nada e as engoliam, até que, em poucos minutos, não restasse mais nenhuma sobre Londres.

O peso do silêncio dominou-os durante o resto do trajeto.

— Chegamos – declarou Erick, estacionando o veículo na entrada de uma curva fechada, a cerca de três quilômetros da entrada da cidade. – Agora é com vocês!

Dois minutos depois, cinco sombras esgueiravam-se silenciosamente em direção à barricada que bloqueava, de dentro para fora, o acesso à *A40*.

Micael fez um sinal, e todos pararam, enquanto ele sacava da sacola um potente binóculo de longo alcance, equipado com lentes infravermelhas para visão noturna.

Através dele, o anjo constatou que a barricada não era vigiada por fora, apenas por dentro, o que claramente anunciava que o inimigo não esperava por uma invasão. A intenção dos demons era tão somente evitar possíveis tentativas de fuga da cidade.

— Vamos logo, falta muito pouco para o amanhecer – Uriel consultou o relógio. – Lembrem-se: nós precisamos agir rápido e entrar na cidade antes do nascer do sol, caso contrário, seremos descobertos e perderemos o elemento surpresa.

Encobertos pela penumbra da noite e pela densa vegetação que crescia ao redor da pista, eles cautelosamente avançaram. Aproximaram-se pé ante pé, até alcançarem o lado externo da barricada. E, atingindo o objetivo, silenciosamente, espiaram por sobre a montanha de entulhos que a compunha.

Perto dali, uma dúzia de demons entretinha-se em um acalorado debate sobre como proceder à partilha dos espólios do ataque, espalhados pelo chão. Havia de tudo ali: bebidas, cigarros, eletrodomésticos, roupas, armas, joias e diversos outros objetos de luxo e lazer.

Mas nenhum sinal dos helicópteros abatidos e, muito menos, de suas tripulações...

— Muito bem, qual é o plano? – Duke quis saber.

— Entramos e matamos todos eles – Thomas respondeu, destravando o seu M-16/M-203.

— Mas são muitos. É suicídio! – o americano rebateu nervoso.

— Por acaso, você tem alguma ideia melhor?

Diante da negativa do americano, ambos giraram os seletores de fogo das armas para o automático total e as destravaram. Os anjos desembainharam as espadas, e uma adaga extra foi entregue a Erick.

O confronto parecia inevitável. Havia apenas um problema: depois da primeira

investida, os demons saberiam que eles tinham voltado à cidade e os caçariam como animais. Um preço relativamente pequeno, diante do objetivo maior, que era achar o Iluminado e os outros e conduzi-los em segurança para fora daquele lugar. Um preço que todos eles estavam dispostos a pagar.

E os cinco valentes e determinados guerreiros encontravam-se prestes a invadir o território inimigo, quando o impensável aconteceu...

De súbito, dois demons mais exaltados decidiram resolver a questão da partilha dos espólios à própria maneira, e partiram para uma violenta luta corporal, atraindo a atenção do resto do grupo, que formou um círculo ao redor dos brigões. Enquanto a dupla digladiava-se rolando pelo chão aos socos e pontapés, a entusiasmada plateia ria e batia palmas, assistindo ao inusitado duelo e incentivando ora um ora o outro.

E eles estavam tão distraídos e absortos na confusão, que nem perceberam as cinco sombras a esgueirarem-se por entre as paredes mais distantes da barricada.

Os guerreiros da luz passaram por eles com tamanha facilidade, que o brasileiro não conteve um riso de escárnio, tão logo viraram a primeira esquina e os gladiadores e seus entusiasmados espectadores sumiram do seu campo de visão. Contudo, o seu sorriso não durou mais do que uma reles fração de segundo, pois logo pôde observar com maior atenção ao redor, e vislumbrar uma Londres apocalíptica, completamente arrasada. Para todos os lados que olhasse, ele via carcaças de veículos queimados ou capotados e prédios e casas em chamas ou desmoronados. E, para piorar a situação, o dia começava a nascer, trazendo consigo a luz do sol, de maneira que os efeitos devastadores da noite anterior tornavam-se ainda mais visíveis.

Avançaram mais alguns quarteirões, sentindo aumentar a frustração e a raiva, à medida que constatavam no que Londres fora reduzida.

A paisagem era desoladora. Carros, prédios, casas, monumentos, praças, árvores, tudo queimado e destruído, ou ainda ardendo sob as chamas. De repente, Uriel percebeu que havia algo de errado naquela grotesca versão do Inferno: desde que entraram na cidade, eles não viram sequer uma pessoa, nem viva, nem morta. Apesar do sangue nas ruas, até mesmo os milhares de cadáveres que eles esperavam encontrar, apodrecendo pelo chão, se faziam ausentes. Londres se transformara em uma cidade-fantasma. Nada de humanos. E, para a sua surpresa, nada de demons também. Tirando os da barricada, nenhum outro havia cruzado o seu caminho até então.

Onde estariam todos? E o que acontecera aos helicópteros do exército britânico que eles viram ser abatidos enquanto se dirigiam para lá? E aos seus tripulantes?

As respostas, para estas e todas as outras perguntas que ainda surgiriam, teriam que esperar, uma vez que a prioridade do momento era encontrar Sarah e os outros, e tirá-los

dali em segurança, pois sabiam que, se alguma coisa de ruim acontecesse ao Iluminado, o mundo inteiro sofreria as consequências!

E então, os guerreiros da luz prosseguiram, cautelosamente, rumo ao *Richmond-upon-Thames*, antes da invasão o bairro aristocrático mais elegante, belo e charmoso dos subúrbios londrinos; e agora, o lugar aonde permaneciam depositadas todas as suas esperanças em relação ao futuro...

As deles e as de todo o resto da humanidade!

# CAPÍTULO XXII

Amanhecia em Londres, quando Lúcifer entrou na Câmara *Waterloo* do Castelo de *Windsor*, em *Castle Hill*. O lugar encontrava-se apinhado pelos demons, que o haviam transformado em uma espécie de centro de comando da invasão londrina.

Lúcifer sorriu ao relembrar como fora fácil tomar o castelo. Os seus seguidores precisaram apenas de uns poucos minutos para renderem a força de segurança local, cuja resistência anulara-se no momento em que os guardas avistaram os primeiros demônios voando ameaçadores em sua direção. A superstição e o medo falaram mais alto e os desarmaram, abrindo o caminho para que as tropas demoníacas invadissem a residência oficial de fim de semana da Família Real britânica.

O mesmo acontecera em praticamente toda a cidade. As pessoas foram pegas de surpresa pela súbita visão apocalíptica, não impondo praticamente nenhuma resistência às tropas luciferianas, que em pouco tempo as subjugaram. Os sobreviventes, ainda perplexos com a escala atingida pela destruição, foram aprisionados e arrastados como animais selvagens ao coração de Londres, onde Magog e vários auxiliares trabalhavam arduamente, selecionando os mais saudáveis e fortes, que receberiam o soro mutante, dos que seriam descartados e mortos. Os escolhidos eram violentamente separados do grupo principal, e ali mesmo, no meio da rua, recebiam o "*Demon666*", em suas jugulares, sendo posteriormente largados ao chão e ignorados em sua agonia e dor, enquanto se debatiam e rolavam, sentindo seus corpos incendiarem-se por dentro, como se o próprio fogo do Inferno os consumisse.

O líder dos demônios voltou o olhar para o emaranhado de fios que saía de duas câmeras filmadoras estrategicamente posicionadas diante de uma poltrona, no canto noroeste da Câmara *Waterloo*.

— Tudo pronto para a transmissão, senhor! – um demônio superior declarou, ao vê-lo entrar.

— Então, não percamos mais tempo... – Lúcifer sorriu, dirigindo-se ao centro da sala, onde se encontravam, sentados ao redor da gigantesca mesa de banquetes com capacidade para acomodar cento e cinquenta pessoas, os membros da Família Real, o primeiro-ministro e demais autoridades, que juntos formavam a elite do poder inglês.

* * * * *

Thomas olhava desolado ao redor, enquanto seguia os companheiros pelas ruas semidestruídas da cidade que até o dia anterior fora uma das maiores e mais belas do mundo. Era difícil de acreditar que tanto estrago pudesse ter sido causado em apenas uma noite. A terrível noite em que Londres deixara de existir.

Malditos demônios! O ex-agente sabia que tudo ali podia ser reconstruído, mas, mesmo que a capital inglesa viesse a ser algum dia totalmente restaurada, ela nunca mais voltaria a ser a mesma Londres de antes. Haveria, para sempre, os fantasmas daquela noite de horrores a rondarem-na...

A fumaça e o cheiro de queimado faziam a sua garganta arder, assim como os olhos e o nariz. Mas o que realmente incomodava o brasileiro, no entanto, não era o grande desconforto físico, nem a indignação ou a raiva que sentia, e sim a sua impotência diante daquilo tudo. O guerreiro da luz estava cônscio de que absolutamente nada que ele e os companheiros fizessem seria capaz de reverter a situação. Havia também a preocupação crescente com relação à Sarah e aos outros, diante da qual, todo o resto das suas inquietações reduzia-se ao nível de meros grãos de areia na imensidão do deserto. Preocupação esta que era fomentada pela total ausência de comunicação com a sede da Irmandade dos Guerreiros da Luz na cidade. Desde que o ataque a Londres iniciara, no começo da madrugada, eles vinham, em vão, tentando estabelecer contato com os rádios e telefones da casa, aparentemente fora do ar. Nem mesmo quando ligavam para os celulares do Arcanjo, Angelina ou de Sarah obtinham alguma resposta. Sim, a súbita falha na comunicação podia ser interpretada como um sinal de que também por lá as coisas não deviam estar muito boas.

Descartando a enxurrada de pensamentos pessimistas que o rondava, Thomas acelerou o passo, concentrando-se apenas no caminho, até que, de repente, o silêncio e a calmaria foram substituídos pelo som de rotores de helicópteros e ordens gritadas a poucos quarteirões dali. Os cinco entreolharam-se. E, sem que nada precisasse ser dito, a um sinal de Uriel, eles correram em fi la indiana na direção dos sons. Enquanto seguia os anjos, Thomas sentia o coração acelerando, na medida em que a adrenalina era liberada na sua corrente sanguínea.

Alguns quarteirões depois, a um novo sinal de Uriel, eles pararam. Os helicópteros encontravam-se agora próximos de onde eles estavam, com os motores trovejando alto. Avançaram até a esquina, além da qual eles puderam vê-los, protegidos por uma alta montanha de entulhos.

Naquele instante, descobriram o real motivo pelo qual as ruas da periferia de Londres encontravam-se tão vazias: centenas de demons inferiores arrastavam as pessoas para fora de suas casas semidestruídas, amarravam-nas e as empilhavam umas sobre as

outras, no meio da rua, de onde eram literalmente jogadas para dentro dos helicópteros, até não haver mais espaço para um alfinete. Ao completar a lotação de uma aeronave, as portas eram fechadas e a mesma decolava rumo ao centro da cidade, onde certamente haveria de descarregar a carga humana, antes de retornar para uma nova remessa. E tão logo um helicóptero decolava, outro tomava o seu lugar.

— O que eles estão fazendo? – Duke sussurrou assustado.

— Reunindo toda a população de Londres em um único lugar – Uriel deduziu. – Para submetê-la mais facilmente ao processo da mutação!

— E, pelo que podemos deduzir – Micael acrescentou sério, apontando para um segundo grupo de demônios, que recolhia os cadáveres da rua e das casas destruídas e os empilhava na carroceria de um caminhão basculante –, Lúcifer não pretende sair desta cidade tão cedo.

— Por que vocês acham isso? – Erick ficou intrigado.

— Cadáveres apodrecem com o tempo e, quando isso acontece, passam a exalar odores que tornam o ar, ao redor de si, praticamente irrespirável – o anjo explicou. – Pensando assim, se você pretende se estabelecer por um longo período de tempo em um determinado local, deve primeiro torná-lo habitável. E é exatamente isso o que eles estão fazendo, limpando Londres de forma sistemática: seguindo um raio de ação circular que, partindo das periferias da cidade, gradativamente vai se fechando rumo ao centro, para transformá-la na sua principal base de operações...

— De onde pretendem comandar o Armagedon global! – Uriel completou.

— Santo Deus – Erick exclamou perplexo. – Isto é tão... Tão insano!

— Não vejo lógica nenhuma nisso – Thomas replicou. – Por que eles estabeleceriam sua base aqui, sabendo que, assim que a notícia correr e o mundo acordar para o que está acontecendo, exércitos de todos os lugares se organizarão e revidarão?

— Eu concordo – Duke acrescentou. – Se eu fosse um demônio, não gostaria de estar aqui quando isso acontecer.

— Pois é justamente aí que vocês dois se enganam – Micael discordou. – Lúcifer é esperto e sabe muito bem o que está fazendo, e que nenhum exército humano, por maior e mais bem equipado que seja, será páreo para seus demônios, já que estes, como bem sabemos, não podem ser mortos por armas convencionais!

— Assim sendo, um ataque maciço a Londres serviria apenas para lhe fornecer matrizes humanas de excelente qualidade a serem transformadas em novos demons – Uriel complementou, apontando para os destroços ainda incandescentes de um dos helicópteros do exército britânico abatidos, caído no meio da avenida. – Exatamente como aconteceu com esse e com os outros que vimos serem derrubados durante a noite

passada. Os militares que se encontravam neles certamente foram mantidos vivos e, depois de capturados, conduzidos ao mesmo lugar para onde os eleitos à mutação estão sendo levados!

— Vendo por esse ângulo, nós podemos concluir que é exatamente isso o que os desgraçados querem – Thomas rematou pasmo. – Eles tencionam ser atacados para, através dos soldados capturados, adicionarem milhares de novos demônios mutantes às suas fileiras!

— Céus! Como se não bastassem tantas mortes, eles ainda querem mais? – Erick indagou horrorizado. – Nós precisamos impedi-los!

— Certo. Mas devemos primeiro encontrar Sarah e os outros e tirá-los daqui, antes que seja tarde demais – Uriel afirmou, encerrando a questão.

— Só que, para fazer isso, precisamos dar um jeito de passar por esses caras – Duke apontou para os demons além da esquina.

— Temos de contorná-los sem que eles percebam o que estamos fazendo, já que o *Richmond-upon-Thames* situa-se do outro lado da cidade – Micael raciocinou.

— Então, vamos logo – Thomas deliberou, puxando a fila.

Porém, o destino tinha outros planos para eles...

Enquanto deixavam a proteção natural da montanha de entulhos e avançavam por uma viela lateral, um grupo de demons inferiores surgiu do interior de um prédio semidestruído, no meio da viela, arrastando um corpo completamente carbonizado. Por um breve momento de letargia, os dois grupos ficaram frente a frente, e se encararam, sem esboçar reação alguma, imóveis como estátuas de pedra.

Então, os demônios reagiram e gritaram, soando o alarme...

* * * * *

Um chiado de estática preenchia a cabine do *Learjet*, enquanto Leon insistia em tentar restabelecer o contato com a sede dos guerreiros da luz em Londres.

Ao lado do rádio, uma pequena tela transmitia imagens recebidas por satélite de um canal de TV de Oxford, onde o assunto principal do dia era o “ataque terrorista” infligido à capital inglesa durante a noite anterior.

— Ataque terrorista uma ova! – ele resmungou, irritado pela forma equivocada com que a notícia estava sendo apresentada ao mundo.

Ele olhou para a tela e observou o repórter, que transmitia diretamente da barreira montada pelo exército britânico na *A-40*, com a imagem de Londres ao fundo, totalmente encoberta por uma cortina de fumaça que parecia tocar o céu. A mesma visão que Leon

tinha da cabine do jatinho.

— Ainda não temos nenhuma informação concreta sobre o número de vítimas... – dizia o sujeito, todo empertigado. – E, até o presente momento, ninguém assumiu a autoria desse que já é, sem dúvida alguma, um dos maiores ataques terroristas da história, superando até mesmo o *11 de Setembro* americano. Autoridades do mundo todo decretaram estado de alerta máximo, diante da possibilidade de suas nações tornarem-se alvos de novos atentados. Não mudem de canal, pois voltaremos a qualquer momento com mais novidades sobre a destruição de Londres... Aaron Blainey, de Oxford, para o seu noticiário da manhã!

Então, a telinha de súbito preencheu-se com o rosto perfeito e bem maquiado da apresentadora do telejornal matutino.

— Neste momento, o Presidente dos Estados Unidos, David J. Fynch, acaba de convocar uma reunião de caráter emergencial com os líderes dos países membros da Organização das Nações Unidas, a realizar-se ainda hoje, na sede geral da ONU, em Nova York, onde será discutido o grave ataque terrorista a Londres, e um conjunto de medidas e ações a serem adotadas para que situações como essas possam ser evitadas no futuro. Ainda sobre Londres, embora não tenhamos nenhum relatório concreto da dimensão da tragédia, a Cruz Vermelha Internacional informa que está envian...

De repente, a transmissão foi interrompida. A telinha encheu-se de chuviscos e a imagem tremeu, sumindo momentaneamente, para retornar, logo em seguida, com um novo rosto encarando a câmera, em substituição à bela âncora do telejornal local.

Um rosto bastante familiar, e que fez com que Leon gelasse dos pés à cabeça, ao reconhecê-lo...

* * * * *

Thomas pulou para o lado, ao mesmo tempo em que disparava uma rajada tripla contra o demônio mais próximo, calando os seus gritos de alarme e arremessando-o violentamente para trás, o que fez com que se precipitasse sobre os companheiros e os arrastasse consigo para o chão.

Uriel e Micael aproveitaram e adiantaram-se com as espadas desembainhadas, eliminando-os, antes que eles pudessem se levantar para revidar ao ataque. Toda a ação durou menos de dois segundos. Contudo, os disparos do M-16 de Thomas alertaram aos demais, que interromperam a tarefa de recolher os corpos e se voltaram contra eles.

Os guerreiros da luz sabiam que de nada adiantaria aventurarem-se numa tentativa de fuga, pois invariavelmente seriam alcançados, tendo que lutar do mesmo jeito, só que

muito mais cansados e em outro terreno, talvez não tão propício para um enfrentamento daquela natureza.

Ao invés de debandarem, prepararam-se da melhor forma possível para o embate.

E os demons vieram, qual enxurrada, em sua direção. Os dois anjos ergueram as espadas, em prontidão, e os humanos, com as adagas de *criometal* ao alcance das mãos, destravaram as armas, girando os seletores de fogo para a posição de automático total.

Thomas enfiou a adaga entre os dentes, enquanto mirava o M-16 na direção da turba que se aproximava feroz. Ele aguardou até o primeiro inimigo entrar no seu raio de alcance... E acionou o gatilho, mantendo-o pressionado ininterruptamente ao girar a arma de um lado para o outro, até acabar a munição.

Duke, ao seu lado, imitou-o, fazendo a mesma coisa com a Uzi.

Os demons começaram a cair feito moscas, atrapalhando o avanço dos próprios companheiros, que vinham atrás e tropeçavam em seus corpos caídos, também indo parar no chão, em meio ao enorme emaranhado de braços e pernas.

Aproveitando a confusão que se formara, os anjos voaram para cima deles, com as lâminas das suas espadas golpeando e despedaçando-os, antes que a regeneração celular os colocasse novamente de pé. Quando a munição das armas acabou, Thomas, Duke e Erick juntaram-se a eles, com as adagas dilacerando a pele avermelhada dos demons ainda caídos, enquanto Uriel e Micael passavam a preocupar-se com os que não haviam sido atingidos pelos projéteis das armas humanas. As espadas cortavam o ar, produzindo faíscas ao se chocarem contra as lâminas inimigas e arrancando rios de sangue dos demônios, cuja cor variava do vermelho ao negro, conforme a hierarquia genética dos mesmos. A luta prosseguiu feroz e violenta, até que... Acabou!

De repente, não restara mais nenhum demônio vivo. O chão estava apinhado de cadáveres mutilados, e os guerreiros da luz, cobertos de sangue e suor da cabeça aos pés. Ofegantes e assustados, eles se reagruparam no meio-fio, verificando, para alívio geral, que nenhum dos cinco havia sido ferido.

— Eu não acredito... N-nós os matamos! – Erick Baker estremeceu, encarando a adaga ensanguentada em sua mão, como se ele próprio não fosse capaz de acreditar no que acabara de fazer.

— Não fizemos nada de errado, senhor Baker – Micael falou, compreendendo a aflição do inglês. – Éramos nós ou eles!

— Não há nada do que se envergonhar – Thomas acrescentou. – Eu mesmo...

— Vocês não estão me entendendo – o motorista interrompeu-os. – Eu não estou envergonhado e muito menos arrependido do que fiz. Muito pelo contrário, estou me sentindo bem demais e, de certo modo, apreciando a possibilidade de poder executar

pessoalmente alguns dos desgraçados que destruíram a minha cidade natal, junto às esperanças e às vidas de milhões de pessoas...

E, sem esperar por uma resposta dos seus perplexos ouvintes, o motorista calvo abaixou-se e juntou uma comprida espada do chão, sacudindo-a no ar a fim de testar o seu peso.

— Bem-vindo ao time! – Duke deu um tapinha nas costas dele.

— Por essa eu não esperava – Thomas cochichou pasmo, com Uriel.

Foi então que, sem nenhum aviso, um helicóptero passou por eles e pousou no meio da avenida perpendicular à viela em que eles estavam, despejando no asfalto um pelotão inteiro de demons inferiores, enquanto outro já tomava posição na esquina oposta, os cercando de ambos os lados.

Sem ter para onde correr, Thomas retirou o M-16 das costas e mirou no segundo grupo, apenas para descobrir que o fuzil encontrava-se sem munição. Ele praguejou, reconhecendo logo em seguida a voz metálica que soou pelo alto-falante da aeronave.

— Soltem as armas! Vocês estão cercados e não têm para onde fugir – Memnon rosnou. – Rendam-se... ou serão mortos! Vocês têm um minuto para decidir!

Duke prontamente obedeceu. Largou a adaga no chão e levantou as mãos para o alto, no inconfundível e universal sinal de rendição.

— Não lhes deem ouvidos – Micael advertiu-os. – Eles pretendem nos matar de qualquer maneira! Não vamos lhes facilitar as coisas!

O americano abaixou e pegou a adaga de volta, enrubescendo diante dos olhares indignados que os companheiros lhe dirigiam.

— Será impressão minha, ou você está se borrando todo de medo? – Thomas o encarou.

— Eu não sei se você reparou, mas aqueles sujeitos querem nos matar – o negro respondeu, vermelho de raiva.

— Você já devia estar acostumado a isso – o brasileiro riu sarcástico. – Aposto que todo mundo que o conhece deseja matá-lo. Acho até que, se existissem dois de você, um acabaria matando o outro!

E enquanto falava, ele viu o demônio com cara de índio saltar do helicóptero para juntar-se ao primeiro grupo. E o sorriso instantaneamente morreu em seus lábios. A tensão fez com que todos os músculos do seu corpo enrijecessem, de modo que nem escutou os insultos furiosos que Duke lhe dirigia.

— Finalmente nos encontramos de novo... – o ex-agente vociferou com tamanha raiva na voz, que fez com que o americano parasse de lhe xingar e olhasse assustado na direção do índio enorme de aparência maligna.

— Quem é aquele? – Erick indagou, instintivamente encolhendo-se.

— Alguém com quem eu possuo algumas contas a acertar – Thomas esclareceu, trincando os dentes, enquanto disfarçadamente carregava o M-203 com uma granada de fragmentação.

Ao findar do minuto estipulado para a rendição, que obviamente não aconteceu, Memnon ergueu a sua espada acima da cabeça e a girou uma volta inteira ao redor do próprio corpo, tornando a baixá-la em seguida e, bruscamente, retendo-a apontada na direção dos guerreiros da luz, no universal comando de "atacar", o que instigou as dezenas de demônios, que surgiam de ambos os lados da apertada viela londrina, a investir contra o reduzido grupo.

O M-203 de Thomas expeliu o seu petardo mortal na direção do pelotão maior, atingindo em cheio o helicóptero, que explodiu, transformando-se em uma gigantesca esfera incandescente e espalhando fogo e morte ao redor.

Memnon foi arremessado para o lado, impelido pela onda de calor da explosão, e praguejando, ergueu-se novamente. Furioso, o índio sacudiu a cabeça para afastar a tontura, e abriu as enormes asas, voando para o centro do combate, onde as espadas dos anjos giravam frenéticas, de um lado para o outro, ora bloqueando os golpes das armas inimigas, ora dilacerando a carne avermelhada de seus donos, como se fossem feitos de papel. O sangue inundava o pavimento, misturando-se ao mar de corpos dos demônios já eliminados.

Duke trocara o carregador da Uzi e mandava bala nos oponentes mais próximos, e que já os haviam alcançado, derrubando-os feridos no asfalto, para que Erick e Thomas os abatessem como frangos no matadouro, cortando as suas gargantas com as adagas e as espadas confiscadas dos demons mortos.

Após liquidar mais um inimigo, o brasileiro ergueu a cabeça, e viu que Memnon voava em sua direção, com a espada nitidamente pronta para terminar o serviço que o seu dono deixara pela metade em Punta Nizuc, e depois em Gizé.

Ele avançava ferozmente, liderando dezenas de demônios inferiores, que por sua vez vinham por terra, enquanto um outro contingente de idêntico tamanho progredia pelo lado oposto, encurralando os guerreiros da luz ao centro.

Thomas percebeu a intenção deles em encurralá-los e resolveu agir. Retirou uma granada do bolso, com a qual recarregou o M-203, lamentando-se por não ter trazido mais carregadores extras para o M-16.

Todavia, ele não teve tempo de usar a arma, pois os dois grupos de demônios os alcançaram, praticamente ao mesmo tempo, quando um inimigo mortalmente ferido por Uriel se desequilibrou e chocou-se contra as suas costas, derrubando-o. Durante a queda,

o fuzil escapou de suas mãos, deslizando para longe. Desesperado, Thomas pressentiu um súbito movimento à frente, mas quando ergueu a cabeça, já era tarde demais.

Uma lâmina desceu impiedosa em sua direção.

Teria sido o seu fim, se Uriel não a tivesse bloqueado com a própria espada e, em seguida, eliminado o demônio que a empunhava. Ainda caído, o ex-agente agradeceu a inesperada, contudo oportuna, ajuda.

Micael, Duke e Erick também se juntaram a eles, formando um círculo em volta de Thomas, com as espadas e adagas prontas para defendê-lo. Os demônios cercaram-nos por todos os lados, encurralando-os.

E os guerreiros da luz passaram a contar apenas com a habilidade e a experiência de Uriel e Micael para permanecerem vivos por mais alguns instantes, já que Thomas ainda estava no chão e Duke e Erick não eram tão hábeis como os anjos com suas espadas. Os dois ainda derrubaram mais quatro oponentes, enquanto Thomas erguia-se novamente de pé, ajudado pelo americano. De costas uns para os outros, os cinco se posicionaram em círculo, prontos para a morte certa e inevitável, mas conscientes de que resistiriam até o último instante. Até que o último deles sucumbisse nos braços negros da Dama da Foice, arrastando consigo o maior número possível de inimigos.

Foi então que o imprevisto aconteceu...

— Parem. Eu os quero vivos! – a voz grossa de Memnon trovejou forte, e os seus comandados prontamente obedeceram e recuaram.

Os guerreiros da luz se entreolharam, confusos e petrificados, diante de mais de uma centena de inimigos sedentos de sangue, mas que, repentinamente, pararam de atacá-los. De repente, um corredor se abriu entre os demons, para a passagem do índio de aparência maligna que, sem demonstrar pressa alguma, aproximou-se do minguado grupo composto pelos homens e anjos.

— Ora, ora. Mas o que temos aqui? – ele inquiriu, encarando-os com ceticismo e surpresa. – Vocês são mesmo bem persistentes. Eu realmente não esperava vê-los de novo, depois do nosso último encontro!

— Você ainda não viu nada – Thomas resmungou. – Chegue mais perto e eu lhe mostro do que a minha adaga é capaz.

— Eu sinto em decepcioná-los, mas o seu tempo acabou. Entreguem as armas e eu prometo não matá-los – Memnon propôs.

— Você deve ser mesmo um perfeito idiota, para acreditar que cairíamos nessa patacoada – Thomas zombou. – Nós lhe entregamos as nossas armas, e você nos leva diretamente ao seu maldito cientista da cabeça branca, para sermos transformados em novos demônios. Não, muito obrigado. Preferimos morrer!

— Então, que assim seja... Matem-nos – ele ordenou, erguendo a espada.

O círculo de demons comprimia-se sobre os guerreiros da luz, no exato instante em que Thomas enxergou o M-16/M-203 deslizando em sua direção, sem ninguém o tocar, como se estivesse sendo movido por mãos invisíveis.

Mas o que realmente o deixou pasmo, foi o que ele pensou ter visto acontecer no centro das fileiras inimigas. Estaria imaginando coisas? Não... Aquilo era real!

De repente, três anjos conhecidos, fortemente armados, materializaram-se entre elas, surgidos do nada, como se tivessem simplesmente brotado do chão.

Dois deles portavam as tradicionais espadas, com as quais estripavam todos em sua volta, enquanto o terceiro manejava um enorme arco de fibra de carbono com tamanha perspicácia e maestria, que demônio algum conseguia se aproximar dele. Todos os que tentavam, eram abatidos pelas suas flechas com pontas de *criometal*.

— São eles – Uriel gritou entusiasmado, ao reconhecer as armaduras.

E, com as esperanças renovadas, arremeteu-se de encontro ao paredão inimigo.

A súbita aparição de Angelina, Kamael e Gabriel no meio das tropas demoníacas provocou tamanho rebuliço e confusão entre as tais, que ninguém mais conseguia se entender. As setas letais de Angelina zuniam, cortando o ar e derrubando um razoável número de inimigos, enquanto as lâminas das espadas de seus dois companheiros e a mão biônica de Kamael subiam e desciam avassaladoramente, cortando e retalhando os demons, abrindo assim, o caminho para o encontro dos dois grupos de guerreiros da luz.

Aproveitando-se da distração providencial, que envolvera até mesmo Memnon, Thomas mergulhou em direção ao M-16, rolando por debaixo da lâmina da espada do demônio, que passou rente à sua cabeça. O ex-agente esticou o braço, e a arma saltou sozinha para a sua mão.

— Sarah – murmurou, adivinhando que somente o Iluminado poderia estar por trás da mão invisível que conduzira o M-16 até ele.

Nesse momento, o índio o alcançou.

Thomas rolou pelo chão e ajoelhou-se, utilizando o fuzil para bloquear um novo golpe destinado à sua cabeça. O violento entrechoque entre a lâmina da espada e o M-16 foi tão intenso, que o fuzil partiu-se em duas metades distintas. O ex-agente olhou perplexo para os pedaços da arma em suas mãos e, então, girando sobre o próprio corpo, arremessou a coronha com a máxima força em direção ao rosto de Memnon.

O demon saltou para o lado, esquivando-se dela. E, quando se voltou novamente para o guerreiro, deparou com o M-203, ainda acoplado ao cano da arma, apontado para si. Memnon gritou, tomado pelo pavor, no que Thomas limitou-se a sorrir-lhe, enquanto pressionava o gatilho.

A granada de fragmentação explodiu à queima-roupa, arremessando o demônio violentamente para trás, ao mesmo tempo em que um desmesurado buraco surgia em seu peito, e ele desfalecia imóvel sobre o calçamento.

— Credo... Isso foi nojento! – Duke exclamou, franzindo a testa.

— Cada um tem aquilo que merece – Thomas respondeu, aproximando-se do corpo estraçalhado e inerte do índio. E ficou pasmo ao constatar que o buraco em seu peito já começava a se fechar, por efeito da regeneração celular. – Vamos sair logo daqui! – ele gritou, arrastando o americano consigo, antes que ele pudesse se aproximar mais do demônio caído, pois um grupo de demons já se acercava dele, impedindo que fosse morto pelas suas adagas e espadas.

— Ei! Espere – Duke protestou. – Eu ainda não vi direito o tamanho do estrago que você fez naquele pele-vermelha filho da mãe.

— Se você não correr, e bem ligeiro, será o "pele-vermelha" ali quem fará um belo estrago no seu traseiro fedorento – o brasileiro rebateu.

— Por aqui! – Gabriel gritou, enquanto eliminava mais dois inimigos e Angelina lograva manter os demais afastados deles com suas flechadas certeiras.

— Mas eu só quero dar uma olhadinha e... – o negro insistiu.

— Cale a boca e corra, antes que o maldito se regenere por completo – Thomas o advertiu impaciente.

Eles correram até o Arcanjo, que protegia, juntamente com Angelina, a entrada de um bueiro, cuja pesada tampa de ferro maciço havia sido retirada e, no momento, encontrava-se ao lado da abertura.

— Ah, agora eu entendo a sua aparição milagrosa – Thomas disse, olhando para o buraco e depois para o anjo. – Você gosta mesmo de causar impacto quando chega!

— Também estou contente em revê-lo! – Gabriel sorriu. – Mas não temos tempo para confraternizações. Precisamos sair daqui antes que eles se reorganizem.

— Entrem logo... – Angelina gritou rispidamente, disparando uma seta atrás da outra, a fim de manter os demônios restantes a uma distância segura. – As minhas flechas estão acabando, de modo que não sei por quanto tempo mais poderei segurá-los!

— Venham – Kamael chamou de dentro do buraco. – Eu os ajudo.

Duke saltou na frente e Thomas o seguiu, notando que todos os companheiros já estavam lá, inclusive Sarah. A menina parecia mais abatida do que o normal, mas se mantinha firme e resoluta.

Gabriel e Angelina juntaram-se a eles, e o anjo repôs a tampa do bueiro em seu devido lugar, porém virada para baixo, o que dificultaria a sua retirada pelos demons, e ainda a bloqueou com uma espada, atravessando-a entre a argola de aço que servia para

içá-la e o teto do bueiro.

Rápido e preciso, Kamael distribuiu dois pares de lanternas entre os guerreiros, para que pudessem vislumbrar o emaranhado de túneis e passagens que os aguardava pela frente.

— Que fedor dos diabos – Duke exclamou, torcendo o nariz enojado.

Pancadas fortes na tampa do bueiro se fizeram ouvir, ecoando por todo o complexo subterrâneo.

— Falando neles... – Thomas resmungou mal-humorado.

— E agora? – Uriel indagou preocupado.

— Vamos por ali – Sarah apontou para o túnel do meio, por onde corria um rio de sujeira e podridão com mais de um metro e meio de profundidade.

— Vocês só podem estar de gozação, se acham que eu vou entrar nessa pocilga! – Duke reclamou, virando-se para a entrada do bueiro.

— Você é quem sabe... – Thomas deu de ombros, antes de seguir os outros pelo caminho indicado por Sarah. – Se quiser ficar, o problema é seu!

Duke permaneceu irredutível, decidido a permanecer ali. Porém, um novo estrondo, ainda mais forte do que os anteriores, sacudiu a tampa de ferro acima da sua cabeça, fazendo-o pensar melhor, e ele chegou à conclusão de que um pouco de cocô nas pernas não deveria ser tão ruim assim.

— Ei, esperem por mim! – gritou, lançando-se atrás dos companheiros.

# CAPÍTULO XXIII

— Maldição! – Memnon esbravejou, encarando furioso o emaranhado de túneis à sua frente.

Eles jamais conseguiriam encontrar os malditos anjos e seus amigos humanos naquele intrincado e complexo labirinto de esgotos. Mas o índio estava cônscio de que eles tentariam sair da cidade. E, para isso, precisariam passar pelas barreiras de contenção, montadas em todos os acessos à cidade.

— Vamos – ele ordenou rispidamente aos soldados que o acompanhavam. – Eu quero que todas as barreiras limítrofes sejam alertadas e fiquem de sobreaviso – e olhou para o líder do grupo. – Onde fica a mais próxima daqui?

— Na saída para Oxford! – o demon respondeu, apontando na direção da cidade vizinha.

— Leve-me até ela – Memnon exigiu. – Mas antes, separe os seus soldados em dois grupos: o primeiro seguirá conosco e o segundo ficará encarregado de alertar as nossas outras posições. Ninguém deve sair de Londres, sob pena de morte para os que o permitirem!

— Sim senhor – o demônio engoliu em seco, retirando-se em seguida a fim de cumprir as ordens recebidas.

Do pelotão que acompanhava Memnon, eram apenas três os que possuíam asas, fora o índio. Entretanto, diferentemente deste, o trio também possuía os pequenos chifres no alto da cabeça, o que, devido à sua natureza de raça secundária e herança genética diretamente ligada aos demons originais, automaticamente os remetia ao *status quo* de comandantes de pelotão no exército das trevas. Memnon observou-os cumprindo as suas ordens, ressentindo-se ao lembrar-se de que, àquela hora, Lúcifer já estaria dando início à segunda etapa do seu plano de dominação global. E ele, como todos os outros generais, planejara estar presente à transmissão em que o líder supremo dos demônios falaria às nações da Terra, mas, graças aos anjos e seus amigos, isso tornara-se impossível. Eles pagariam muito caro por atrapalharem os seus planos!

O demônio retornou, interrompendo as suas divagações.

— Estamos prontos, senhor – disse ele.

— Então, vamos logo. Quero as cabeças deles fincadas em estacas, antes do final da manhã!

* * * * *

A podridão e o mau cheiro dos esgotos londrinos penetravam impiedosamente pelas suas narinas, deixando-os enojados e ávidos por encontrar logo a saída daquele lugar repugnante e repleto de ratos e baratas.

Duke chutava-os para longe, com raiva.

— Na minha encarnação passada, devo ter feito muita coisa errada – ele comentou desanimado, com Erick. – E agora estou pagando por isso!

— E por que você acha isso? – o careca o encarou.

— Esta é a segunda vez, em menos de um mês, que eu sou obrigado a andar no meio de bichos tão repugnantes. Primeiro foram as baratas e os morcegos no Egito, e agora, estes malditos ratos comedores de estrume alheio. Isto só pode ser castigo...

— E é... para os ratos! – Thomas emendou, ao passar por eles. – Por eles terem que aturar alguém tão feio e chato como você!

E, antes que o outro pudesse responder à sua provocação, o brasileiro apertou o passo, desaparecendo nas sombras.

— Feio e chato é você, seu monte de excremento de cavalo! – o americano gritou alto, correndo atrás dele.

— Shhhhhhhhhh! – o Arcanjo repreendeu-o, pedindo silêncio. – Por favor, não seja tão espalhafatoso, ou vai acabar denunciando a nossa posição ao inimigo!

— Desculpe – Duke enrubesceu, olhando furioso na direção do ex-agente, que se limitou a abanar-lhe a mão.

— Eles são sempre assim? – Erick perguntou a Uriel, que vinha ao seu lado. – Digo tão cordiais e delicados um com o outro?

— Sim – o anjo respondeu, sorrindo. – Tão cordiais e delicados quanto um par de macacos africanos empenhados em disputar o mesmo galho na árvore. Eles vivem se engalfinhando, mas não conseguem ficar longe um do outro por muito tempo.

Meia hora se passou, e eles chegaram a um ponto onde os túneis faziam a volta e retornavam ao centro da cidade.

— É ali – Sarah apontou para uma escada de ferro, idêntica a todas as outras que existiam naquele lugar.

Kamael subiu pelos degraus enferrujados e afastou a tampa do bueiro, apenas o suficiente para que uma pequena fresta lhe permitisse perscrutar o terreno em volta.

— Tudo limpo! – disse ele, empurrando a tampa para o lado, tomando o cuidado para não fazer mais barulho do que o necessário.

E eles saíram, respirando aliviados por deixarem o mundo fedorento dos esgotos

londrinos para trás.

Thomas, de pronto, verificou onde estavam: haviam retornado à superfície, em uma viela lateral tão estreita que dois automóveis não poderiam circular lado a lado por ela. As casas e prédios ao redor encontravam-se como todo o resto da cidade: abandonados e em ruínas, ainda em chamas ou completamente queimados. Era como se eles estivessem em uma antessala do Inferno.

Gabriel e Kamael dirigiram-se cautelosamente até o final da rua e espionaram por detrás do esqueleto do que um dia fora um carro de passeio, cujo modelo e marca tornaram-se inidentificáveis pelo fogo que o consumira.

Thomas alcançou-os logo depois e, ao espionar também, constatou que estavam novamente na entrada da cidade, a algumas centenas de metros da barreira pela qual haviam cruzado ao penetrarem em Londres. Tomando conta dela, o mesmo grupo de demônios de antes, ainda partilhando os espólios da invasão. Todos menos um, que jazia morto no chão, em meio a uma enorme poça de sangue preto. Provavelmente, um dos brigões.

"Obviamente, o que perdeu a luta" – Thomas pensou, imaginando com os seus botões como teria sido o desenrolar da peleja que culminara na morte do infeliz. Mas isso agora era irrelevante, já que os três pares de olhos dos guerreiros da luz estavam mesmo voltados para o veículo ao lado do morto.

— Nós precisamos daquele caminhão, se quisermos chegar inteiros ao avião – Kamael comentou, verbalizando o pensamento comum do trio.

— Concordo – Gabriel acrescentou. – Mas, para conseguirmos colocar as nossas mãos nele, só tem um jeito...

— E que jeito seria esse? – Thomas encarou-o, sabendo de antemão que o loiro não se referia a pedir "por favor" aos demônios.

— O único que existe, em se tratando de algo que pertence aos nossos inimigos – o Arcanjo declarou, desembainhando a espada. – Forçando-os a nos cederem!

O fator surpresa sempre fora considerado um diferencial de peso em qualquer guerra travada pela humanidade, desde o princípio dos tempos. Graças a ele, muitas vitórias improváveis tornaram-se reais, mesmo quando todos os prognósticos agiam contra os seus vencedores. Graças a ele, exércitos modestos e reduzidos derrotaram forças inimigas várias vezes maiores, batalhas consideradas praticamente perdidas foram vencidas, cidades impenetráveis foram tomadas, nações poderosas subjugadas e povos inteiros escravizados. Tudo em consequência do fator surpresa. Alexandre Magno, Júlio César, Pompeu e muitos outros imortais guerreiros da antiguidade, em inúmeras ocasiões, valeram-se dele para derrotar os seus inimigos, e praticamente conquistar o

mundo conhecido da época em que viveram, escrevendo, com sangue e astúcia, os seus nomes nos anais da história. O Arcanjo sabia disso. E, por essa razão, resolveu basear-se também nele para executar o seu plano de ataque contra os demons da barreira. Eles jamais esperariam que alguém não humano pudesse atacá-los no seu próprio território e, muito menos, que esse alguém compreendesse um grupo de anjos bem armados e com excepcional treinamento militar.

Quando a ofensiva veio, os demons estavam desprevenidos e não tiveram tempo de reagir. Foram mortos em questão de poucos segundos, antes mesmo de identificarem os seus algozes. As flechas de Angelina e as quatro espadas dos demais anjos fizeram o trabalho sujo, enquanto que os humanos tomavam conta de Sarah.

De repente, tudo estava terminado. Uma dúzia de corpos espalhados pelo asfalto coberto de sangue. E os cinco anjos sem nenhum arranhão.

Mais uma vez, o fator surpresa mostrara-se eficiente e desequilibrara a balança a favor de quem melhor soubera utilizá-lo. E então, os nove guerreiros da luz reuniram-se novamente, em frente ao veículo que os conduziria para fora daquele inferno.

Por unanimidade, Erick Baker foi o escolhido para dirigir o caminhão militar até o ponto da *A40*, onde o *Learjet* os aguardava. À exceção de Uriel, que preferira fazer companhia ao motorista inglês, na cabine, os quatro anjos restantes, Sarah, Thomas e Duke acomodaram-se nos bancos duros da traseira do veículo, que, lentamente, pôs-se em movimento.

E eles ainda estavam ultrapassando a barreira, quando Duke gritou horrorizado, apontando para a avenida que conduzia ao coração de Londres, na qual dois jipes militares abarrotados de demons surgiram do nada e partiram em seu encalço.

Para o assombro dos ocupantes do caminhão, acima dos veículos, com as asas de morcego sustentando-os, voavam Memnon e outros três demônios superiores, todos armados com lança-chamas e lançadores de granadas projetados por Magog.

— Mas que inferno! – o brasileiro resmungou mal-humorado. – Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece!

— E agora? – Duke interpelou desesperado, enquanto Erick Baker afundava o pé no acelerador, fazendo o caminhão dar um forte salto para frente.

— Agora você se ajoelha aí e começa a rezar por um milagre – Thomas grunhiu, procurando desesperadamente por qualquer coisa em que pudesse apoiar-se para não cair da traseira do caminhão.

* * * * *

A alguns quilômetros dali, na cabine do *Learjet*, Leon desligou o gravador, assim que o rosto maligno de Lúcifer desapareceu da tela. Recostado no assento, chocado e tenso, com as mãos trêmulas e os nervos ainda à flor da pele, ele mal podia acreditar em tudo o que vira, e principalmente no que ouvira, durante aqueles poucos minutos de transmissão.

A sua cabeça girava sem parar, num redemoinho de emoções, quase sempre ruins e desesperadoras. Sim, aquele já era, sem sombra de dúvida, o seu pior pesadelo.

"Isso não pode estar acontecendo... Não com a minha cidade natal... Não com o país que eu tanto amo" – pensou, sentindo-se completamente desorientado.

Contudo, não era a total destruição de Londres que mais o abalava, e sim o conteúdo sinistro e avassalador do discurso que acabara de escutar. Depois daquele dia, o mundo jamais voltaria a ser o mesmo. E então, apavorado, ele compreendeu que a desgraça de Londres era tão somente o começo de algo muito pior e mais terrível, que ainda estava por vir!

Leon fechou os olhos e rezou para que, quando os abrisse novamente, acordasse para uma realidade diferente, onde nada daquilo seria verdade...

Um barulho repentino na porta da cabine o tirou do torpor e o trouxe de volta à mesma realidade, dura e sombria, de antes.

— Depressa, ligue os motores... – Barrabás gritou. – Rápido!

O tom de urgência na voz do ex-monge negro afugentou os últimos resquícios de letargia que o dominavam. Uma rápida olhada pela porta, e ele constatou que Desirée e os outros também estavam lá, devidamente acomodados nas dez poltronas do avião.

— Você não ouviu? – o negro rugiu impaciente. – Ligue os motores e bote essa coisa para andar!

— E quanto a Thomas e os outros? Não podemos deixá-los...

— Não se preocupe. Eles já se encontram a meio caminho daqui, mas estão com sérios problemas – Barrabás explicou. – Sarah comunicou-se telepaticamente comigo e pediu que decolássemos imediatamente.

— Está bem – disse o piloto, e asseverou: – Como Iluminado, ela deve saber o que está fazendo!

Minutos depois, o *Learjet* já havia feito a volta, com o nariz agora apontando para Oxford, e começava a ganhar velocidade na pista asfaltada da *A40*, quando os guerreiros da luz despontaram no horizonte...

— Olhem, lá estão eles! – Barrabás apontou.

Leon avistou-os de súbito e, pasmo, mal pôde crer nos próprios olhos!

* * * * *

Os dois jipes lotados de inimigos aproximavam-se perigosamente do caminhão, que, por questões óbvias, era muito mais lento. E, para piorar a situação, havia ainda o quarteto de demônios voadores com suas armas, cujo poder destrutivo podia ser medido ao longo de toda a autoestrada.

O caminhão, habilmente conduzido pelas mãos firmes de Erick, serpenteava a toda velocidade pela *A40*, avançando em ziguezague, numa desesperada tentativa de evadir-se das granadas de fragmentação que ininterruptamente explodiam a sua volta, arrancando o asfalto e abrindo enormes crateras na rodovia.

Por sorte, a mira dos demons não era lá essas coisas, e até o momento nenhum petardo havia atingido o veículo. Erick girava o volante para a direita, trazendo-o em seguida para a esquerda, e vice-versa, enquanto Uriel tentava manter-se ao seu lado.

Num brusco movimento, endireitou-o, reduzindo a marcha, antes de entrar na última curva, vencendo-a a quase cento e dez quilômetros por hora, o que, para um caminhão de grande porte como o que dirigia, tornar-se-ia inviável para qualquer outro, mas não para o exímio motorista que ele era, acostumado a dirigir veículos até maiores pelas movimentadas avenidas da capital inglesa. E, por um breve instante, o caminhão ameaçou pender para o lado, equilibrando-se sobre apenas três rodas, para o desespero de Uriel, que só voltou a respirar novamente quando o veículo retornou à sua posição normal, sobre as seis. A curva terminou, e lá estava ele: o *Learjet*. Mas, ao contrário do que esperavam, o avião não permanecia parado.

Ele taxiava pela pista, pronto para decolar.

— Segurem-se aí atrás! – Erick gritou, puxando o volante todo para o seu lado, no exato momento em que uma granada explodia na frente deles, não os atingindo, por pouco.

Tiveram muita sorte, porém o parabrisa do caminhão trincou-se em inúmeras teias de aranha, e acabou esfacelando-se em milhões de pedacinhos. E, mesmo com o ar esmagando-os contra os assentos e dificultando a sua respiração, Erick manteve a alta velocidade rumo ao avião, emparelhando com ele em poucos segundos. Uriel abriu a janelinha que os separava da carroceria e gritou a plenos pulmões:

— Conseguimos emparelhar com o avião... É agora ou nunca!

— Ok – Gabriel anuiu, levantando-se. – Já estamos indo!

— O que ele quis dizer com: "já estamos indo"? – Duke quis saber, pressentindo que coisa boa não devia ser.

— Que está na hora de saltarmos para o avião – Thomas respondeu, na maior calma

do mundo.

— O quê? Isso é loucura – o americano empalideceu. – Nós estamos a mais de cem por hora, e vocês querem saltar do caminhão em movimento para um avião em pleno processo de decolagem?

— "Saltar" não é bem a palavra apropriada – Gabriel explicou, abrindo as suas enormes asas de penas brancas. – E sim: voar!

— V-voar? – o americano arregalou os olhos.

— Por que o espanto? – o Arcanjo afirmou. – Somos cinco anjos e quatro humanos. Angelina distrai os demônios, enquanto isso nós os carregamos para o *Learjet*. Agora vamos, não há tempo a perder!

Nem bem terminou de falar, o Arcanjo pegou Sarah no colo e saltou para fora da carroceria, voando rumo ao avião. Angelina voou logo em seguida, de arco em punho, despejando uma chuva de flechas na direção dos jipes inimigos, que já haviam colado na traseira do caminhão.

Um dos demônios alados que acompanhavam Memnon foi atingido no pescoço e despencou pesado sobre o motorista do primeiro jipe, fazendo-o perder o controle do veículo, que rodopiou na pista e depois capotou por várias vezes, arremessando os seus ocupantes para todos os lados. O índio e os outros dois demons superiores assustaram-se e decidiram se afastar para longe do alcance das setas da anja de armadura negra, ficando atrás do segundo jipe, que também viu-se obrigado a reduzir a velocidade.

Micael e Kamael aproveitaram a súbita hesitação do inimigo, e arremeteram com Thomas e Duke a tiracolo, voando sobre o caminhão, até entrarem pela porta do jatinho em movimento.

— Uau! – Duke exclamou entusiasmado, ao sentir o piso firme do avião sob os pés. – Isso foi demais!

Outra granada explodiu no asfalto, abrindo uma enorme cratera, desta vez entre o *Learjet* e o caminhão, forçando ambos a se afastarem um do outro por alguns instantes. Ao cruzar pelo obstáculo, o caminhão deu uma forte guinada para o lado e emparelhou novamente com o jatinho, que começava a decolar. A pista estava quase chegando ao fi m, e logo Leon seria obrigado a arremeter de vez, ou todos morreriam.

— Vá – Erick gritou para Uriel. – Salve-se enquanto ainda é possível!

— Não – o anjo discordou. – Nós vamos juntos. Saia pelo parabrisa e segure-se firmemente em mim. Agora!

O anjo foi na frente e, de joelhos sobre o capô do caminhão, esticou a mão para o inglês, puxando-o para fora da cabine, enquanto o trem de pouso do avião deixava o solo. O motorista deixou-se levar, e os dois voaram, sustentados pelas asas do anjo. E ainda

encontravam-se no ar quando alguém do grupo de Memnon, enfim, acertou uma granada no caminhão, agora desgovernado. Por um momento, o veículo flutuou no ar, antes de transformar-se em uma imensa bola de fogo e metal retorcido. O deslocamento de ar atingiu-os em cheio, fazendo com que o inglês escorregasse e se soltasse dos braços do anjo. Entrementes, Uriel agiu rápido e o suspendeu pelo braço esquerdo, antes que ele caísse.

— Por Deus! – Erick Baker grunhiu apavorado, suspenso apenas por um braço, quando Angelina aproximou-se e segurou-o pelo outro. E, juntos, os três alcançaram a porta do *Learjet*, no momento em que Leon o arremetia de vez para o alto.

Ainda apavorado com o que acabara de fazer, Erick deixou-se cair sentado em pleno corredor, já que todas as poltronas da aeronave encontravam-se ocupadas pelas pessoas que ele salvara na noite anterior.

Vendo que todos estavam lá, Thomas correu para a porta do jatinho, e começou a fechá-la. Mas teve a intenção malograda, sendo impedido pela súbita intromissão de um braço de pele avermelhada pela abertura, que empurrou ferozmente a porta de volta, forçando o brasileiro a recuar alguns passos para trás.

E então, como um fantasma, Memnon adentrou pela abertura. O ex-agente ficou paralisado por uma fração de segundo, encarando o demônio com o lança-chamas nas mãos, apontado em sua direção.

Erick e Duke reagiram mais rápidos do que ele. Eles saltaram ao mesmo tempo, juntos e como se fossem um só, contudo para lados opostos do corredor. O motorista calvo jogou-se sobre Thomas, empurrando-o para longe do raio de ação da arma. Mas acabou, ele próprio, ficando no caminho da extensa língua de fogo que partiu dela. As suas roupas inflamaram-se instantaneamente, e o inglês urrou de dor, enquanto a sua pele derretia sob o ardor das chamas.

Nisso, Duke, que já havia retirado um extintor de incêndio da parede, avançou sobre o demônio, despejando um forte jato de espuma branca em cima dele e da sua arma flamejante. Ao entrar em contato com a espuma, o fogo do lança-chamas apagou-se, e Memnon, com ambos os olhos encobertos, perdeu o equilíbrio, agarrando-se na porta entreaberta do avião para não cair. Duke apontou o extintor para Erick, esvaziando-o sobre ele, antes que as chamas o consumissem ou, pior, se espalhassem pelo *Learjet*, o que poderia provocar uma catástrofe ainda maior. E então, voltou-se mais uma vez para Memnon, na porta da aeronave.

— O que há com você, seu índio estúpido? – o negro berrou furioso, avançando novamente sobre o demon, ainda aturdido pela espuma nos olhos. – Por um acaso, você andou fumando o cachimbo da paz pelo lado errado?

E, girando sobre o próprio corpo, o americano golpeou-o violentamente no peito com o extintor, arremessando-o para fora da aeronave.

Uriel adiantou-se e fechou de vez a porta do avião, enquanto Thomas colocava-se de pé, trêmulo.

— Senhor Baker! – April correu e se abaixou sobre o homem agonizante.

Ele encontrava-se com toda a metade superior do corpo e a face, completamente desfiguradas por queimaduras de terceiro grau. E, de sua boca, reduzida agora a uma cavidade negra horripilante, brotavam sons guturais de dor e agonia, que aos poucos foram se transformando em fracos gemidos.

— Aguente firme, Sr. Baker! – pediu ela, com os olhos cobertos de lágrimas. – Vai ficar tudo bem...

Com extremo cuidado e delicadeza, e sob os olhares chocados e assustados dos demais passageiros, a médica arrancou de um a um, os restos de tecido que cobriam a pele carbonizada do inglês. Alguém lhe alcançou uma caixinha de primeiros socorros, de onde April retirou uma seringa, com a qual injetou uma dose de morfina na coxa do moribundo, e ele instantaneamente aparentou acalmar-se um pouco. Só então, a médica passou a limpar as queimaduras com uma gaze levemente umedecida em soro fisiológico.

— Droga! – Thomas aproximou-se extremamente abalado, ajoelhando-se ao lado do homem que o salvara do lança-chamas. – O que você fez? Era para eu estar aí, no seu lugar. A regeneração celular me curaria em pouco tempo!

— Ele somente fez aquilo que julgou ser o certo... Não se culpe por isso! – Desirée o interrompeu, colocando a mão em seu ombro. – Agora, deixe a doutora cuidar dele, e venha comigo. Precisamos de você na cabine. Os outros já estão lá!

— Uma reunião na cabine? Assim, de repente? Para quê? – Thomas encarou-a, pressentindo que boa coisa não era.

— Há algo urgente que vocês precisam ver – disse ela, num tom de voz apreensivo, que serviu apenas para confirmar as suas suspeitas.

E, com uma pulga tamanho família atrás da orelha, o brasileiro seguiu a ruiva pelo estreito corredor do *Learjet*, rumo à cabine de comando.

# CAPÍTULO XXIV

— O que está havendo aqui? – Thomas indagou, ao entrar na cabine do *Learjet*. – Qual o motivo de todo esse "auê"?

— Eu estava aqui, tentando estabelecer um canal de comunicação com a sede dos Guerreiros da Luz em Londres, quando resolvi ligar a televisão para acompanhar as notícias sobre a invasão – Leon explicou sério. – E vocês não imaginam o susto que tomei quando, de repente, o noticiário foi interrompido pelo meio e, em seu lugar, bem... Eu consegui gravar quase tudo. Portanto, vejam vocês mesmos!

O piloto apertou um botão e a telinha encheu-se com o rosto maligno de Lúcifer, ao natural e destituído de qualquer disfarce, na sua tradicional armadura vermelha e com as enormes asas de morcego à mostra. O choque provocado pela insólita visão do líder dos demons ali, emudeceu a todos. E então, ele começou a discursar:

— Há milhares de anos que espero por este momento. Mas, antes de dizer a que venho, eu gostaria de apresentar-me. Não obstante, todos vocês já me conheçam de alguma forma... Se não a mim, à minha história!

Lúcifer aproximou-se um pouco mais da câmera.

— Para os que ainda não me identificaram, sou mencionado em quase todas as suas religiões e crenças. Alguns exemplos: a "*Estrela da Manhã*" citada pelo profeta Isaías, no Antigo Testamento, o "*Djin*" dos povos do antigo Egito e da Mesopotâmia, o "*Angra-Manyu*" dos persas, "*Prometeu*" dos gregos, "*Loki*" dos vikings e nórdicos, e o "*Ronga-Mai*" dos maoris. E estes são apenas alguns, dentre os muitos apelidos que me foram atribuídos ao longo dos tempos, sendo que o meu verdadeiro e único nome é Lúcifer!

E ele afastou-se da câmera, dando um tempo para que as suas palavras fossem assimiladas, causando um maior impacto.

— Isso mesmo – continuou. – Sou aquele a quem vocês chamam de "*Diabo*". O "*Anjo Negro*" à que a Bíblia se refere. O "*Senhor das Trevas e da Escuridão*", ainda que o meu nome seja um termo composto das expressões "*lux*" e "*ferre*", que em latim arcaico respectivamente significam: "*luz*" e "*trazer*", ou seja, "*O Portador da Luz*"...

— Lúcifer, "*O Portador da Luz*"? – Thomas fez um sinal para Leon interromper a gravação, com os olhos arregalados, voltados para Gabriel.

— Sim – o Arcanjo respondeu. – Mas, no caso dele, "*Portador da Luz*" é apenas uma alusão ao horário em que ele nasceu, já que Lúcifer despontou para a vida, após uma longa e escura noite, nos primeiros instantes do amanhecer, à luz dos primeiros raios de

sol que se fizeram presentes naquela manhã. O que também explica o apelido de "*Estrela da Manhã*", mencionado por Isaías no Antigo Testamento.

O piloto inglês liberou novamente o DVD, e a voz intensa do líder dos demônios preencheu mais uma vez a cabine do Learjet.

— E, quanto à minha história: conta-se que em um determinado dia, no "*Céu*", descrito como o lugar da absoluta e eterna bem-aventurança, da completa felicidade e da pura e perfeita união com Deus, ocorreu uma inexplicável revolta, onde um grupo de anjos rebeldes apresentou-se diante do trono do "Senhor", declarando não mais servi-lo; e que esse mesmo Deus, de "benevolência e misericórdia infinitas", ordenou ao seu general angelical, o Arcanjo Miguel, que expulsasse todos os insurgentes para fora do "*Reino Celestial*"; e ele o fez, com a sua espada flamejante. E, desde então, eu, o suposto líder da tal rebelião, e os meus "*anjos do mal*" estaríamos ardendo no fogo do "*Inferno"*...

Lúcifer encarou a câmera com um sorriso de desdém.

— Entretanto, como vocês podem comprovar, eu não estou ardendo em nenhum "*Inferno"*, lugar este em que, aliás, nunca estive, e cuja existência é tão falsa e irreal, quanto essa fábula ridícula de "*Rebelião no Céu*"; e tudo o mais que as suas religiões hipócritas e mentirosas lhes apregoaram, a fim de dominá-los, ao longo de sua breve história! Entrementes, não estou aqui para falar de mim ou de suas crenças...

Ele respirou fundo, antes de prosseguir.

— Portanto, vou logo ao que interessa: a esta altura, vocês já devem estar cientes de que Londres não existe mais. Nem a cidade, nem os seus infelizes habitantes...

E enquanto ele falava, a telinha preencheu-se com imagens da capital inglesa completamente devastada, percorrendo-a pelos seus principais bairros, ruas, avenidas e monumentos, destruídos ou ainda em chamas. O *Parlamento*, o *Big Ben*, a *Abadia de Westminster*, o *Palácio de Buckingham*, tudo arrasado. As ruas e avenidas se mostravam repletas de carcaças de veículos incendiados e de demônios. Milhares, ou melhor, milhões de demônios... E nenhum sinal da população local.

— Uma única noite... – Lúcifer continuou. – E Londres foi riscada do mapa para sempre. Uma terrível tragédia, que poderá tornar-se algo comum a todas as grandes metrópoles da Europa, e posteriormente, também ao resto do mundo, caso as minhas exigências não sejam prontamente atendidas!

Neste momento, a imagem passeou pelo centro da cidade, sobrevoando a *Cecil Court*, uma minguada ruazinha situada entre a *Charing Cross Road* e a *St. Martin's Lane*, no coração de Londres. Antiga parada para colecionadores de todas as partes do mundo, a viela repleta de lojinhas se encontrava agora mais para cenário de filme de terror, com os prédios semidestruídos e tomada por um mar de corpos humanos em

convulsão, amontoados uns sobre os outros. E a câmera avançou para a *Charing Cross Road*, focando tudo, até chegar à *Leicester Square*. Cada beco, rua e avenida do centro londrino encontrava-se tomado por milhares de homens e mulheres que, por causa da prévia contaminação com o agente biológico "D", sofriam os terríveis efeitos da mutação ali mesmo, a céu aberto e sob a constante supervisão dos demons, que riam e se divertiam com o sofrimento deles.

— Desgraçados! – Thomas não se conteve, calando-se logo em seguida, para escutar o resto do discurso.

— O meu exército está pronto para invadir cada uma das suas metrópoles, caso as minhas reivindicações sejam ignoradas pelos seus líderes – acrescentou Lúcifer. – Isto posto, as suas nações têm o prazo máximo, e não prorrogável, de quarenta e oito horas, a iniciar a partir do fim desta transmissão, para renderem-se formal e incondicionalmente! Os seus exércitos deverão depor as armas, e as suas populações de homens, mulheres e crianças de todas as idades, sadios ou não, deverão deslocar-se para os locais a serem posteriormente anunciados, em suas próprias cidades. Onde, de forma coletiva, todos deverão prestar juramento de lealdade e obediência incondicional, irrestrita e ilimitada, a mim e ao meu reinado sobre a Terra, que, para os efeitos legais, inicia-se a partir de agora!

— Mentira – Uriel esbravejou atônito. – Lúcifer não precisa de súditos fiéis. Ele os quer reunidos num único lugar para transformá-los em demônios!

— Minha Santa Edwiges... – Duke murmurou pasmo.

— Quietos – Thomas grunhiu, tentando escutar o que Lúcifer dizia.

— E eu lhes asseguro que ninguém mais morrerá ou verá a sua cidade destruída, se as coisas acontecerem conforme os meus anseios. Também lhes asseguro que, logo depois de jurarem lealdade a mim, todos vocês poderão retornar para as suas casas e suas vidas, com apenas uma exceção: o mundo em que passarão a viver será deveras melhor do que é hoje. Não haverá mais fome, nem miséria, desigualdade ou dor, e as guerras, santas ou políticas, perderão completamente o seu sentido, instalando-se na Terra um reino único e indissolúvel, de paz e harmonia. Sim... Eu possuo os meios para transformar essa utopia em realidade. E, queiram vocês ou não, agora é a minha vez de governá-los! A escolha é simples: viver sob a minha proteção, ou morrer da mesma forma horrível que os seus irmãos de Londres. A escolha é sua...

— O que ele pretende com essa conversa fiada? – Barrabás indagou confuso.

— Iludir a humanidade com falsas promessas para dominá-la e, depois, destruí-la – Gabriel explicou. – As pessoas comuns, ao desconhecerem o verdadeiro escopo por detrás dessa absurda chantagem emocional, acabarão cedendo às suas mentiras, e entregando-

se por livre e espontânea vontade para a mutação.

— Calem a boca... Vamos ouvir o resto! – Thomas perdeu a paciência.

— Os seus governantes têm quarenta e oito horas para anunciarem a rendição de suas nações em rede nacional e conduzirem-nos aos locais predeterminados. Não tentem me enganar, pois tenho agentes infiltrados em todos os países do mundo, de modo que saberei assim que os anúncios forem levados a cabo. Qualquer tentativa de evacuação em massa ou insurgência contra minhas determinações sofrerá represália imediata, e toda a população da localidade em questão será condenada ao extermínio. O mesmo acontecerá com cada nação que, ao findar deste prazo, não tiver cumprido a minha vontade. E, para encerrar essa nossa conversa com chave de ouro, a Inglaterra lhes mostrará agora o único caminho para a salvação, dando o exemplo e tornando-se a primeira nação a integrar a *Nova Ordem Mundial*!

— Mas, que diabos... – Thomas interrompeu.

— Prestem atenção – Leon pediu, com o semblante sério e entristecido. – A pior parte vem agora.

A imagem deslocou-se para uma gigantesca mesa retangular, onde se encontravam várias pessoas, que eles reconheceram, de imediato, como a elite do poder inglês. Além dos membros da Família Real Inglesa, encontravam-se lá o primeiro-ministro Britânico e os principais chefes do Estado Maior, tanto os civis quanto os militares. E a câmera correu de um por um até estacionar, de súbito, sobre uma mulher de idade avançada e grisalha, extremamente abatida e assustada.

— Minha Santa Edwiges – Duke apontou chocado para a tela. – É a Rainha!

* * * * *

Atônitos e impotentes, os guerreiros da luz assistiram à assinatura da rendição britânica pelas mãos trêmulas e nervosas da Rainha da Inglaterra, ratificada depois pela do Primeiro Ministro, que, diante da ameaça de aniquilamento de mais cidades inglesas, não tinham outra saída senão ceder à chantagem de Lúcifer. Ninguém, em sã consciência, poderia culpá-la por amar o seu país e o seu povo acima de tudo, até mesmo do orgulho pessoal. A gravação terminou e a imagem foi cortada.

Com os olhos marejados, Leon desligou o aparelho.

— Eu nunca pensei que viveria o bastante para ver o meu país passar por isso... – murmurou entristecido, sentindo as palavras arranharem a sua garganta como se fossem feitas de arame farpado.

— Não se preocupe – Duke consolou-o. – Nós podemos contra-atacar e reverter essa

situação – olhou para Gabriel. – Não podemos?

— Eu sinto muito – lamentou o anjo. – Mas infelizmente não há mais nada que possamos fazer por Londres ou pela Inglaterra! Pelo menos, não neste momento, até reunirmos todo o nosso exército!

— Hã? Você está dizendo que nós vamos permitir que Lúcifer se aposse de uma nação inteira e transforme milhões de pessoas inocentes em demônios, sem nem ao menos tentar impedi-lo? – o americano exaltou-se, inconformado.

— Qualquer tentativa de atacá-lo agora por nossa parte resultaria num desastre total – Uriel intrometeu-se na conversa. – Um ataque desordenado e intempestivo, além de não produzir efeito prático algum, poderia ainda acarretar significativas baixas às nossas fileiras. Um luxo de que não podemos dispor, se quisermos ter condições de enfrentá-los à altura quando chegar a hora certa!

— Uriel tem razão – Kamael acrescentou. – Sem a estratégia correta e a cabeça fria, nós jamais conseguiremos reverter situação alguma. E, além disso, nós devemos nos preparar, pois eu temo que Lúcifer não se contentará apenas com a Inglaterra. Ele logo cederá à ganância e à sede de poder, e começará a invadir uma nação após a outra, até ter o mundo inteiro aos seus pés!

— Todavia, devemos ter em conta que os estoques do "*Demon666*" são limitados e uma hora se esgotarão – Sarah comentou enfática. – Lembrem-se do que diz a Profecia do Armagedon: "*Lúcifer formará o seu exército;e a humanidade se dividirá em duas metades iguais, sendo que cada qual optará por um dos lados durante a derradeira Batalha do Apocalipse*".

— Não entendi aonde você quer chegar – Duke sacudiu a cabeça.

— Deixe-me explicar melhor – Sarah explanou. – Segundo a profecia: metade da humanidade sucumbirá à mutação e se juntará aos demons, não importando o que nós façamos para tentar impedir. Assim está escrito no *Livro do Destino*... No entanto, em contrapartida, também está escrito que a outra metade sobreviverá para se juntar a nós, não importando o que Lúcifer ou os seus façam para nos impedir!

— De acordo com isso, você está afirmando que não há nada que nós possamos fazer para impedir os demons de dominarem o mundo? – Thomas indagou perplexo.

Sarah anuiu.

— Assim como não há absolutamente nada que eles possam fazer para impedir-nos de montar nosso exército misto de anjos e homens, com o qual os enfrentaremos na Grande Batalha Final – ela ilustrou.

— E é por isso que nós devemos desviar, por ora, as nossas atenções das causas impossíveis e perdidas como Londres, a própria Inglaterra e todos os demais países que

invariavelmente acabarão sob o jugo dos demônios, para concentrarmos nossos esforços em reunir e treinar o poderoso exército que no futuro próximo os derrotará! – Gabriel complementou.

— Exatamente – Sarah concluiu. – E, para começar, devemos ir imediatamente para a Fortaleza da Montanha!

— Hã? – Thomas encarou-a surpreso. – E por que para lá? É fato consumado que Lúcifer não tardará a atacá-la!

— Não creio. Ele está muito ocupado no momento, para se preocupar com isso – a menina argumentou. – E, além do mais, há alguém nos esperando lá!

Desta vez, até mesmo o Arcanjo demonstrou surpresa. Porém, como os outros, também ele não se atreveu a perguntar de quem ela estaria falando...

E o jatinho projetou-se acima das nuvens, descrevendo um amplo círculo no ar, enquanto Leon o redirecionava para o coração do continente africano.

* * * * *

A limusine preta deslizava pela *Pennsylvania Avenue*, diminuindo a velocidade ao entrar na alameda de acesso à *Casa Branca* e estacionando ao lado da guarita. Os dois guardas saíram e examinaram atentamente o motorista e o único passageiro, fazendo sinal para que seguissem em frente. O veículo continuou o seu percurso até a entrada principal, seguido de perto por dois furgões do Serviço Secreto. Os carros pararam. E o motorista da limusine desceu, abrindo a porta para o seu ilustre passageiro.

E ainda que eles estivessem nos jardins da *Casa Branca*, quatro agentes saltaram de cada um dos outros dois carros, formando um muro protetor em volta do recém-chegado.

Na porta, esperando paciente, estava John Harris, chefe da segurança pessoal do presidente dos Estados Unidos da América. Harris adiantou-se para receber o recém-empossado presidente David J. Fynch, que desceu do carro pisando sobre um espesso tapete de folhas caídas.

— Bom dia, John – cumprimentou o presidente, que ocupava o cargo há apenas dois meses. – Eles vieram?

— Bom dia, senhor – Harris respondeu. – Estão todos aqui, conforme o senhor solicitou. Queira me acompanhar, por favor!

Entraram e seguiram para a ala oeste da *Casa Branca*, onde ficava a *Sala Oval*.

— Alguma novidade sobre Londres? – David quis saber. – Já descobriram quem foi?

— Eles divulgaram uma transmissão via satélite – John Harris revelou. – É tudo o que eu sei, senhor!

— Uma transmissão? – o presidente estranhou. – Quem a divulgou? E qual foi o seu conteúdo?

— Sinto muito, senhor – Harris sorriu constrangido. – Mas eu, realmente, não tive acesso a nenhuma dessas informações!

— Compreendo... – David não conseguiu esconder a irritação. Era o presidente da mais poderosa e influente nação do mundo atual, e encontrava-se tão acorrentado aos velhos conceitos políticos quanto qualquer outro cidadão. Não obtinha acesso a nenhuma informação sigilosa ou secreta, sem que antes a mesma passasse pela aprovação de várias outras pessoas.

Enquanto seguia Harris pelos corredores frios da *Casa Branca*, David bocejava, sentindo os olhos arderem devido ao cansaço e ao sono atrasado. Havia permanecido boa parte da noite em claro, em decorrência das notícias alarmantes que chegavam da Europa. E, não bastasse isso, logo pela manhã, vira-se obrigado a participar de uma longa e estressante reunião com os empresários de diversos ramos econômicos, que clamavam por soluções mais eficazes para conter a grave crise financeira que vinha assolando o mundo. Particularmente, David detestava essas reuniões chatas e intermináveis em que, no final das contas, nada se resolvia.

Ah! Que saudades dos seus tempos de fuzileiro naval. Na Marinha, pelo menos, ele não precisava suportar todo o fardo do mundo sobre os próprios ombros... E eram ocasiões como aquela que o faziam repensar os motivos de haver largado tudo para, de uma hora para a outra, ingressar na carreira política. Recordou-se que há apenas alguns anos atrás, nesta mesma época, sentava-se no alojamento apertado de um cruzador de guerra. E agora, numa simples virada de página em sua vida, era o dono da cadeira principal da *Casa Branca*...

Foi quando Harris parou em frente à porta da *Sala Oval*, abrindo-a para que ele adentrasse ao recinto. Dentro da sala, dois homens em trajes militares e outros três enfiados em ternos caros e bem alinhados, disputavam acirradamente um lugar nas três poltronas confortáveis de frente para a sua mesa. David cumprimentou-os, e os sujeitos prontamente levantaram-se de pé para saudá-lo.

Mas, pelos olhares que eles lhe dirigiram, Fynch deduziu que as notícias não deviam ser nada animadoras.

— E então, senhores – David sentou-se –, quais são as novidades?

Os homens se entreolharam, cada qual buscando a melhor desculpa para se eximir da responsabilidade de ser o mensageiro das más notícias. Até que um deles, o General-Brigadeiro Frank Simmons, adiantou-se aos demais.

— Veja o senhor mesmo – disse ele, simplesmente ligando o *notebook* acoplado a

um retroprojetor de alta definição que jogava as imagens sobre uma tela de fundo branco presa à parede oposta da sala.

Chocado e mal conseguindo acreditar nos próprios olhos e ouvidos, David J. Fynch assistiu petrificado ao discurso de Lúcifer, sem pronunciar-se uma única vez. E, antes mesmo do final daquela gravação, ele já estava amargamente arrependido de um dia ter-se candidatado ao posto maior da *Casa Branca*.

* * * * *

Duas horas depois, o *Força Aérea Um* decolava rumo a Nova York, levando um chefe de estado totalmente atônito, porém consciente da enorme responsabilidade que tinha nas mãos.

Afundado em sua poltrona, David J. Fynch não conseguia parar de pensar, nem por um minuto sequer, na esposa e na filha, enquanto voava rumo à assembleia geral que ele mesmo convocara na sede das Nações Unidas, onde seria decidido o futuro, não só da América, mas de toda a Terra...

# CAPÍTULO XXV

As Montanhas Mitumba surgiram no horizonte, desencadeando uma torrente de lembranças, boas e más, aos guerreiros da luz. Afinal de contas, naquelas paragens, havia sido escrita, a sangue, uma importante página da História. Sangue de milhares de vidas ceifadas. Dos inúmeros heróis que sucumbiram lá para que os seus irmãos de armas sobrevivessem ao terrível confronto em que o exército ethernytiano derrotara as tropas demoníacas de Lúcifer.

Thomas refletia sobre os últimos acontecimentos e suas implicações, enquanto observava, nostálgico, os imponentes paredões rochosos agigantando-se à frente do *Learjet*, na proporção em que este avançava rumo à Fortaleza da Montanha. Sentado ao lado de um Leon sisudo e retraído, na cabine de comando do jatinho, ele contava com uma vista privilegiada da base de operações dos anjos na Terra. De repente, sentiu o coração bater mais forte, e um filete de suor involuntário escorreu pela sua testa.

O jatinho ganhou altitude e atingiu o platô.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha... Lá estava ela: a Fortaleza da Montanha!

Mas foi outra coisa sobre o platô que chamou a atenção dos guerreiros da luz, que de tão perplexos, nem perceberam que eram escoltados por uma centúria de anjos armados com os poderosos lançadores de granadas Arpad/600, remanescentes da última batalha travada naquele local.

Thomas esfregou os olhos, para ter certeza de que estava enxergando direito, e então fixou-os no gigantesco objeto ovalado, pousado em campo aberto, entre o poço de lama e a muralha externa.

— Santo Deus! – Leon balbuciou boquiaberto. – Aquela coisa ali é o que eu estou pensando que é?

— Parece um... Um disco voador! – Thomas respondeu pasmo.

A porta da cabine abriu-se ruidosamente e o Arcanjo adentrou-a, os olhos fixos no estranho objeto, agora debaixo deles.

— Por *Ethernyt*! – murmurou exaltado. – São eles!

Thomas encarou-o, notando que o anjo empalidecera de súbito.

— Eles quem? – o ex-agente quis saber, com uma suspeita já formada.

Gabriel devolveu-lhe o olhar, respirando fundo antes de responder.

— Os cientistas de *Ethernyt*!

* * * * *

— Onde eles estão? – Gabriel indagou ao anjo de asas marrons, chefe substituto dos guardiões da Fortaleza da Montanha durante a ausência de Kamael.

— Na sala de reuniões, senhor – ele respondeu, olhando de soslaio para os sete novos humanos, que, além dos cinco guerreiros da luz já conhecidos, também desciam do *Learjet*.

— Ótimo. Assegure-se pessoalmente de que estas pessoas recebam comida, água e acomodações adequadas para descansarem – ordenou o Arcanjo, apontando para o avião. – Também há um homem ferido lá dentro. Providencie para que ele seja transportado imediatamente à enfermaria e que receba o melhor tratamento de que dispomos. Quanto à mulher que está com ele, é médica, portanto, poderá acompanhá-lo, se assim o desejar.

— Sim, senhor – o anjo anuiu, virando-se para cumprir as ordens que recebera.

E, enquanto Erick Baker era cuidadosamente retirado do *Learjet,* os guerreiros da luz penetraram nos corredores sombrios da Fortaleza da Montanha, seguindo em direção à sala de reuniões. Chegando, encontraram dois anjos de aparência bastante tranquila, cujas asas verde-oliva e azul-petróleo destoavam das vestimentas simples e rudimentares que usavam, feitas com peles de animais.

— Othoniel! Nizael! – Gabriel cumprimentou-os calorosamente. – Que bons ventos os trazem, após tanto tempo?

Ambos ergueram-se das respectivas poltronas e, educadamente, responderam aos cumprimentos, sendo apresentados aos Escolhidos.

— Maus ventos eu diria, meu bom amigo – Othoniel corrigiu-o, enquanto todos se acomodavam em volta da enorme mesa de reuniões oval, sobre a qual havia um jarro de água gelada, uma dúzia de copos de vidro e uma travessa de frutas frescas.

— Como assim... Maus ventos? – o Arcanjo questionou curioso, servindo-se de um copo de água.

— A gravidade da situação obrigou-nos a abandonar o exílio e a retornar – Nizael complementou. – Nós resolvemos procurá-los, assim que tomamos ciência dos terríveis acontecimentos que se abateram, primeiro sobre a Romênia e, depois, sobre Londres!

— Então, vocês já sabem de tudo? – Gabriel franziu as sobrancelhas.

— Exceto os detalhes não divulgados – o cientista confirmou. – Na verdade, sempre soubemos que esse nefasto dia chegaria. Que seria apenas uma questão de tempo até a Profecia realizar-se!

— Pode soar estranho para vocês – Othoniel acrescentou. –, mas nós esperamos ansiosamente por este terrível momento, durante os milhares de anos em que estivemos

ausentes. E foi tão somente por conta dele que os abandonamos logo após o término da segunda grande guerra contra os demons!

— Como assim? – Kamael indagou.

— Com as visões do Iluminado, nascia a *Profecia do Armagedon* – ele revelou. – E com ela, a necessidade de nos prepararmos para a prevista batalha final. Só que naquela época, a humanidade começava a dar os primeiros passos rumo à própria história, e vocês – o anjo pareceu procurar pelas palavras certas. –, vocês pareciam cansados demais para se preocuparem com certos detalhes. Pensaram em tudo o que acharam importante para o momento: ocultaram-se sob disfarces e permitiram à humanidade conduzir o próprio destino. Uma excelente estratégia para quem deseja observar sem ser visto. E, em pouco tempo, os homens espalharam-se pelo mundo, preenchendo e dominando-o de Norte a Sul e de Leste a Oeste... Mas vocês começaram a perder o controle e o poder que exerciam sobre eles e, para dominá-los novamente, criaram as religiões. Uma "tacada de mestre", à qual nós também recorremos algum tempo mais tarde. Você e Sarah criaram o falso *Cofre da Morte*, forjaram as suas duas chaves, igualmente falsas, e refundaram a Irmandade dos Guerreiros da Luz, apenas para pôr em prática uma bem arquitetada armadilha contra Lúcifer, idealizada pelos dois na vã esperança de que o horrendo futuro previsto pela Profecia pudesse ser reescrito!

O anjo cientista respirou fundo, antes de prosseguir.

— Sim. Vocês realmente pensaram em tudo. Tudo o que lhes era conveniente para aquele momento específico da História – ele repetiu. – Entretanto, esqueceram-se do mais importante: a própria *Profecia do Armagedon*!

— Eu não acho que... – Gabriel protestava, mas foi interrompido.

— Como eu dizia, vocês pensaram em tudo – Othoniel enfatizou –, exceto no fato de que as previsões de Sarah se concretizariam de qualquer jeito, independentemente dos seus esforços no sentido contrário!

— Discordo – Micael divergiu. – Tudo o que fizemos, foi inteiramente baseado na Profecia...

— Se isto é verdade, então me responda uma coisa – o cientista sorriu. – Onde fica a base que vocês pretendem utilizar para reunir e treinar o colossal exército que, segundo ela, lutará a batalha final?

Micael foi pego de surpresa pela pergunta repentina e inesperada.

— Nós temos essa – respondeu, apontando ao redor.

— Mas, certamente, vocês devem ter outra. Uma que Lúcifer não possa atacar, e que possua capacidade suficiente para abrigar centenas de milhões de soldados e não apenas alguns poucos milhares...

Micael percebeu a enorme besteira que havia feito e enrubesceu. Othoniel mais uma vez estava certo. A Fortaleza da Montanha era uma excelente fortificação, sim, mas ainda assim, uma minúscula base de operações, cuja capacidade máxima não suportaria mais do que uns poucos milhares de soldados, de modo que jamais poderia ser utilizada por um efetivo maior do que isso. Também não era segura, posto que os demons há muito já a conheciam. E, a bem da verdade, os guerreiros da luz não possuíam nenhuma outra base com as características descritas pelo anjo cientista. Ao longo de todos aqueles milênios de preparação, os ethernytianos haviam se concentrado exclusivamente na elaboração e na execução da armadilha do falso *Cofre da Morte*, esquecendo-se de todo o resto.

— Não, não temos – Micael obrigou-se a admitir, envergonhado.

— Mas nós sim! – Nizael revelou. – E é por isso que estamos aqui.

— Há muito tempo, nós encontramos o lugar ideal, onde construímos uma base com tais características – Othoniel esclareceu. – Claro que esperávamos nunca precisar usá-la, mas, infelizmente, a realidade do momento que estamos vivendo não nos deixa escolha. Assim sendo, estamos aqui para colocá-la à sua inteira disposição!

* * * * *

— Eu não acredito nisso! – Thomas exclamou incrédulo. – Vocês só podem estar brincando! Com tantas opções disponíveis, vocês resolveram erigir a tal base secreta logo na Antártida? No mais inóspito dos continentes?

— Exatamente – Othoniel afirmou sério. – Eu sei que, à primeira vista, tudo isso pode soar um tanto estranho. No entanto, com uma simples análise lógica vocês também concluirão que não existe, em toda a Terra, lugar mais apropriado!

— Uma base construída sobre o gelo? – Duke sacudiu a cabeça, rindo abertamente. – Muito apropriado... Para pinguins, focas e ursos polares!

— A bem da verdade – Othoniel encarou-o –, não a construímos sobre o gelo, e sim, sob ele!

— Uma base subterrânea? E com capacidade para abrigar milhões de soldados? – Desirée arregalou os olhos. – Isso é impossível... Inviável!

— Não para quem não possui o conhecimento e a tecnologia certa – Othoniel sorriu. – E isso nós tínhamos sobrando: tanto a tecnologia e o conhecimento, quanto o tempo necessário para a execução de uma obra de tal magnitude!

— Foram quase mil e quinhentos anos até a concluirmos – Nizael revelou.

— E por que na Antártida? – Thomas insistiu.

— Bem – Nizael suspirou. – Para que vocês compreendam a nossa preferência por

ela, precisamos recuar no tempo, ao ponto exato em que tudo começou, à aurora da nossa própria história neste mundo...

Então, ele descreveu a chegada dos anjos a este planeta, há exatos vinte e quatro mil anos atrás, quando a Terra ainda era formada por dois únicos e gigantescos continentes, chamados *Gondwana* e *Laurásia*. Ambos eram rodeados pelo mar e interligados entre si apenas por um pequeno istmo de terra. Naquela época, o planeta inteiro era habitado por criaturas extremamente agressivas, e nem um pouco domesticáveis: os dinossauros! Por um curto espaço de tempo, os anjos até que tentaram uma coexistência pacífica com eles. Não obstante, a constante disputa por território e por comida tornou essa coexistência praticamente impossível. De repente, a Terra tornou-se pequena demais para ambos, e os anjos resolveram promover uma faxina geral, ficando com ela só para si...

— Espere aí. Isso não faz nenhum sentido – Desirée contestou. – Até onde se sabe, os dinossauros viveram e foram extintos a milhões de anos atrás, de modo que eu não entendo como pode ser possível que vocês tivessem convivido com eles, há alguns poucos milhares de anos apenas?

— Trata-se de um grande engodo da paleontologia moderna – Othoniel rebateu. – Só porque os fósseis encontrados até hoje remontam a períodos bem mais longínquos, não significa que os dinossauros não possam ter existido até há pouco mais de vinte mil anos!

— O que ocorreu, entretanto, foi que, para limparmos o planeta, nós decidimos detonar centenas de artefatos semelhantes às suas atuais ogivas nucleares sobre a sua superfície, apagando, com isso, todo e qualquer indício da existência deles naquela época e, também, nas imediatamente anteriores – Nizael emendou.

— Céus! – Desirée arregalou os olhos, bastante assustada. – Então foram vocês os responsáveis pela extinção dos dinossauros? E com ogivas nucleares?

— Foi a solução mais rápida e limpa que nós encontramos para tomarmos a posse definitiva da Terra – o anjo cientista explicou. – Muito embora, tenhamos sofrido as suas consequências...

— Consequências? – Thomas franziu a testa, bebendo um grande gole de água, a fim de aliviar a ardência na garganta seca.

Othoniel assentiu, visivelmente desconfortável com aquela conversa.

— Graças às explosões simultâneas, os dois únicos continentes de que se compunha a massa terrestre do planeta, o *Gondwana* e a *Laurásia*, dividiram-se em várias partes menores, dando origem ao mundo como o conhecemos hoje. Da *Laurásia* surgiram as Américas Central e do Norte, a Europa e a Ásia. E do *Gondwana*, a África, a Oceania, a América do Sul e a Antártida – ele relatou catedraticamente, ante os olhares pasmos dos

guerreiros da luz, que agora testemunhavam a própria história da Terra sendo recontada. — E isso tudo aconteceu há pouco mais de vinte e três mil anos, e não há cento e setenta milhões, como hipoteticamente sugerem os cientistas humanos – continuou.

— Tudo isso é deveras interessante – Thomas encarou-os –, mas o que é que tem a ver com a sua escolha pela Antártida?

— As explosões aconteceram simultaneamente e em todo o planeta; e, devido à forte radiação desprendida, nós fomos obrigados a nos estabelecer temporariamente na Lua, para onde fomos obrigados a transferir também os nossos prisioneiros demons e muitas das inúmeras espécies de animais terrestres e ethernytianos dos quais dependíamos. E lá nós tivemos de permanecer por trezentos e cinquenta anos, até que a nuvem radioativa se dissipasse por completo – Nizael concluiu. – E durante todo esse tempo de exílio forçado, nós monitoramos constantemente os novos continentes que se formavam. Aos poucos, remapeamos todo o planeta, à procura de um local apropriado para nos estabelecer em definitivo. E escolhemos a Antártida, pela inexaurível quantidade de riquezas minerais contidas em seu subsolo e, também, pelo fato de ela estar localizada exatamente na base inferior do eixo de rotação da Terra, o que a transformava num gigantesco e potente pólo eletromagnético. Um ponto estratégico perfeito para o empreendimento que tínhamos em mente. Pelo menos, sob o ponto de vista científico...

— Porém, a nossa sugestão acabou sendo rejeitada pelo Conselho dos Guardiões e fomos obrigados a escolher outro local. Segundo eles alegaram, a Antártida encontrava-se isolada demais dos outros continentes recém-formados – Othoniel acrescentou. – E assim, quando finalmente chegou a hora de retornarmos à Terra, a contragosto, nos estabelecemos na África Central, onde a história desse novo mundo, pós-dinossauros, realmente começou.

— Verdade – o Arcanjo confirmou. – Eu estava lá e posso ratificar cada palavra.

— Putz! E eu pensei que nada mais que viesse de vocês me surpreenderia! – Duke exclamou completamente perplexo.

— A História seguiu o seu curso natural – o anjo cientista retomou o relato –, e nós também. Contudo, a Antártida ainda permanecia viva em nossas aspirações, qual brasa que nunca se apaga! E nós planejávamos explorá-la, quando estourou a segunda grande guerra contra os demons...

— De repente, a África inteira transformou-se em um imenso campo de batalha! – prosseguiu Othoniel. – O que praticamente nos obrigou a antecipar os nossos planos; e partimos imediatamente para a Antártida. Foi a única forma de garantir a integridade do *Cofre da Morte*, até então, sob a nossa tutela. Afinal, com a guerra novamente deflagrada, o seu conteúdo, o agente biológico, mais uma vez tornava-se uma ameaça!

Uma sombra de tristeza passou por seu semblante ao mencionar o "*Demon666*".

— Nós partimos e permanecemos incógnitos no continente gelado até as vésperas do último confronto, quando, após muita pesquisa, o nosso nobre colega Ethel conseguiu condensar as propriedades do *criometal*, criando a célebre *Bomba Criogênica*!

— E graças a ela, a guerra acabou. Porém, Lúcifer e a maioria dos seus generais demoníacos desapareceram sem deixar rastros – Nizael deu continuidade. – E, com a meteórica ascensão da humanidade aos domínios da Terra, análoga ao surgimento da terrível *Profecia do Armagedon*, nós achamos melhor ocultar o agente biológico em um local neutro, secreto e seguro. Para tal, elegemos as terras do Egito, por ele localizar-se estrategicamente no núcleo gravitacional do planeta. Muito antes de qualquer civilização humana se estabelecer lá, escavamos a *Câmara Subterrânea*, onde depositamos o *Cofre da Morte* e, sobre ela, edificamos a *Esfinge*. Vários milênios se passaram. Surgiu então a civilização egípcia. Em determinado momento de sua história, nos apresentamos a eles. E, passando-nos por "Deuses Celestiais", os dominamos e escravizamos. O tempo passou. E chegou a hora de partirmos novamente. Foi quando conferimos a segurança do *Cofre* ao faraó Quéops/Khufu, que o trasladou para a Câmara do Rei e erigiu a própria tumba sobre ele. Nós ainda o ajudamos a erguer as três pirâmides para servirem de ponto de referência à localização do precioso tesouro encerrado sob elas. Então, fomos embora. Depositamos a *Chave Um* aos cuidados do Iluminado, e deixamos a *Chave Dois* com o Rei David, em Israel, enquanto procurávamos por um lugar seguro para escondê-la, em definitivo. Tempos depois, descobrimos no continente americano povos atrasados e de culturas primitivas, os quais facilmente dominamos e influenciamos, seguindo o mesmo processo utilizado com êxito pelos Guardiões, no outro lado do mundo: as religiões! Mas recriadas à nossa maneira, através delas, trouxemos a evolução, as bases tecnológicas e o conhecimento a esses povos primevos que, em pouquíssimo tempo, assimilaram nossos ensinamentos e passaram a desenvolver, por si mesmos, todas as condições de segurança que julgávamos necessárias para a proteção da *Chave Dois*. Retornamos então para o oriente, e a requisitamos junto ao Rei David, levando-a em seguida para *Chichén Itzá*, no México, e a ocultamos no *Templo dos Guerreiros*. Bem no fundo, porém, nós sabíamos que seria totalmente improfícuo de nossa parte tentar impedir que o futuro previsto por Sarah acontecesse. Poderíamos, no máximo, retardá-lo durante o tempo necessário para construirmos, na Antártida, a maior base militar de todos os tempos; e a prepararmos para receber os exércitos que, no decurso do inevitável, se uniriam a nós para enfrentar os demons na batalha final!

Inspirou profundamente, renovando o fôlego antes de continuar.

— E foi o que fizemos. Escavamos o solo e erigimos uma base subterrânea com a

capacidade de receber um exército, cujo contingente, sabíamos: atingiria números nunca antes sonhados!

— Além do mais, a Antártida era perfeita para tal finalidade por outro motivo... – Nizael acrescentou. – Não só por encontrar-se bastante protegida e isolada do resto do planeta e, tampouco, por abranger o tamanho apropriado para o empreendimento. O que realmente nos levou a optar por ela foi sua autossuficiência em recursos de toda espécie: alimentação, água e matéria-prima para a geração de toda a energia que iríamos precisar!

— Outro fator que igualmente pesou bastante na nossa escolha foi a sua posição geográfica privilegiada, em relação aos locais onde se encontravam o *Cofre da Morte* e a *Chave Dois* – Othoniel ressalvou. – Ainda hoje, se nós traçarmos uma linha reta de *Gizé* a *Chichén Itzá*, e conectarmos as duas extremidades ao ponto exato onde construímos a base, na Antártida, obteremos um triângulo equilátero perfeito.

— Essa eu só acredito vendo! – Duke exclamou descrente, dirigindo-se ao fundo da sala, onde havia um mapa-múndi preso à parede.

Com uma caneta e uma régua, traçou as três linhas. E, para o assombro de todos que o observavam, lá estava ele: o triângulo equilátero, exatamente como fora descrito pelo anjo cientista.

— E o melhor de tudo – Nizael retomou a explanação. – é que, naquela época, a Antártida ainda não estava coberta pelo gelo que a torna tão peculiar hoje em dia...

— Não consigo imaginar a Antártida sem o gelo a cobrindo – Desirée comentou. – Seria o mesmo que imaginar o dia sem a noite!

— Era um continente perfeito e cheio de vida, bastante diferente do deserto em que se transformou depois que o congelamos – Othoniel ressaltou.

Duke cuspiu de volta toda a água que acabara de colocar na boca, molhando a mesa e um pedaço da armadura de Micael, que o fuzilou com os olhos.

— Vocês o quê? – o americano indagou perplexo, indiferente ao olhar recriminatório do general ethernytiano de asas cinza-chumbo.

— Nós a congelamos... – o cientista repetiu.

— Congelaram a Antártida? Minha Santa Edwiges! – ele levou as mãos à cabeça. – E você ainda tem coragem de dizer isso, com essa cara deslavada?

— Logo que retornamos ao continente, após garantirmos a segurança do *Cofre da Morte* e das suas duas *Chaves*, aos poucos, exploramos cada centímetro do lugar, até finalmente encontrarmos o local ideal para a construção da base, onde, com a ajuda de vários milhares de escravos humanos, convencidos a nos servir pelos mesmos princípios religiosos utilizados pelos Guardiões no resto do mundo, a erigimos – Othoniel relatou, ignorando a careta que o americano fazia.

— Também contamos com o auxílio dos milhares de anjos que vocês renegaram ao final da guerra por desertarem de suas fileiras e saírem mundo afora, explorando suas belezas. Muitos adotaram a Antártida como lar definitivo, e ainda permanecem por lá – Nizael ressaltou, mirando Gabriel, que abaixou a cabeça, envergonhado. – Sem eles, ouso afirmar que levaríamos o dobro do tempo para concluir a obra.

O cientista bebeu um generoso gole de água e continuou.

— E, somente mil e quinhentos anos depois, com as obras da base já completamente encerradas, nós percebemos que ainda faltava algo vital e de fundamental importância: a segurança do local, sem a qual, todo o nosso esforço teria sido em vão. Sem ela, aquela base acabaria se tornando apenas mais uma, dentre tantas outras. Passamos anos a fio, pensando em mil maneiras diferentes para protegê-la de um possível ataque dos demons. Até que novamente Ethel, o pai criador da *Bomba Criogênica*, teve uma ideia meio louca, beirando o absurdo, mas que poderia funcionar. E, juntos, passamos a desenvolver um artefato com os mesmos princípios básicos de condensação da energia criogênica usados na bomba, mas com uma única diferença: uma potência milhares de vezes superior à de sua predecessora, cujos efeitos congelantes poderiam prolongar-se por uma infinidade de anos!

— Uma segunda *Bomba Criogênica*, capaz de congelar um continente inteiro... – Othoniel complementou, ante a perplexidade geral de seus ouvintes.

— E, para evitar acidentes, antes de a utilizarmos na Antártida, optamos, por bem, de testá-la o mais longe possível dali – Nizael acrescentou. – E resolvemos detoná-la no outro extremo do planeta, em pleno mar do Ártico.

— Por conseguinte, nasceram as calotas polares... – Othoniel ressaltou. – E o Ártico transformou-se naquilo que é hoje: uma imensa crosta de mar congelado, cuja espessura atinge mais de dez metros de profundidade!

— Minha Santa Edwiges! – Duke levou ambas as mãos à cabeça, outra vez. – Eu não acredito nisso! F-foram vocês que congelaram o Pólo Norte?

— E também o Pólo Sul – Thomas lembrou-o. – Eu só não entendi, ainda, qual foi a vantagem disso?

— Veja bem – o anjo cientista de asas verde-oliva explicou. – Precisávamos de uma solução eficiente para proteger e ocultar a base que construímos, até o momento em que ela viesse a ser necessária. Sabíamos também que, mais cedo ou mais tarde, o homem se espalharia pelos quatro cantos do globo e acabaria chegando à Antártida! E que quando isso acontecesse, nada seria capaz de conter a sua curiosidade ante o desconhecido e o inexplorado!

— Assim sendo, a nossa estratégia baseou-se em dificultar, ao máximo, o acesso ao

continente e, por consequência, à nossa base – Nizael arguiu. – O que, em vias de fato, funcionou com perfeição absoluta até o ano de 1821, quando a expedição russa, liderada por Thaddeus Bellingshausen, aportou lá pela primeira vez. A partir daí, inúmeras outras expedições a sucederam. Contudo, graças ao ambiente extremamente hostil, a Antártida permaneceria completamente despovoada até meados do século XIX.

— E, até hoje em dia, em todo o continente, vivem apenas uns poucos cientistas, algo em torno de uns mil a quatro mil indivíduos, lotados em uma meia dúzia de bases científicas, pertencentes às vinte e seis nações participantes do Tratado da Antártida! – Othoniel acrescentou.

— Quanto a nós – Nizael resumiu –, passamos a viver escondidos, na maior parte do tempo, enclausurados no interior da base. Foram raras as oportunidades em que nos aventuramos a sair da base, e mesmo assim, os avistamentos de nossas naves geraram as mais diversas teorias de conspiração sobre *OVNIs* no continente gelado, o que nos fez repensar a necessidade de nos expor, e o perigo que isso representava, de modo que há muitos anos não botávamos os narizes para fora da base.

— Entretanto, por trás do congelamento da Antártida existe uma outra razão, ainda mais significativa do que manter os humanos à distância – Othoniel frisou. – Os demons, devido à sua natureza, forjada no fogo da metade negra de *Ethernyt*, são avessos ao frio, de maneira que não resistiriam mais do que algumas poucas horas em um ambiente tão gelado como aquele. Consequentemente, as chances de Lúcifer e o seu exército nos atacar lá são praticamente nulas!

Ao terminar, o cientista notou que os guerreiros da luz, sem exceção, encontravam-se boquiabertos. Era como se estivessem hipnotizados, alheios à realidade. Até mesmo Sarah, Gabriel e os demais anjos presentes na sala, demonstravam surpresa diante de tudo aquilo.

— E então? – Othoniel indagou de súbito, desfazendo o encanto que parecia ter se apossado de todos. – O nosso tempo está se esgotando. Devo ou não ordenar que a *Base Antártica* seja devidamente preparada para recebê-los?

* * * * *

Os cinquenta e um anos de idade do presidente americano David J. Fynch, naquelas últimas vinte e quatro horas, pareciam ter-se transformado em mais de cem, produto da tremenda pressão psicológica por que o governante passava. Extremamente aflito com o rumo que as coisas estavam tomando, ele caminhava apreensivo, de um lado ao outro, na suíte cinco estrelas que ocupava no *Grand Hyatt Hotel*, em Manhattan, Nova York.

Ele estava tão nervoso, que não conseguia parar de andar. Nem mesmo o luxo e o conforto exagerados da suíte o seduziam a ponto de fazê-lo esquecer-se do resultado da assembleia na Organização das Nações Unidas, em que os 192 estados membros votaram, por unanimidade, a favor de uma retaliação contra Lúcifer e seu exército de demônios, sitiados em Londres, através de uma implacável e avassaladora ofensiva militar de escala internacional. Uma investida sem precedentes, e cujo resultado final poderia alterar, para sempre, o destino da humanidade. E que a ele, David J. Fynch, caberia a responsabilidade de coordenar!

Ele fora eleito pela segunda vez, devido ao seu ilibado passado militar, e agora não havia mais como eximir-se de tamanha pressão. Se triunfasse, salvaria o planeta, mas se falhasse... Suspirou resignado. Mais do que nunca, todo o peso do mundo recaía sobre os seus ombros!

Havia retornado ao hotel na pretensão de descansar um pouco, antes de assumir de vez a difícil empreitada que tinha pela frente. No entanto, desde que ele chegara, não conseguira parar de andar de um lado para o outro da suíte. Foi quando ele se dirigiu à janela, toda em alumínio e sutilmente revestida com uma fina borracha que garantia total isolamento acústico ao quarto. E, olhando através dos grossos vidros fumê, divisou um horizonte imaginário, muito além do alcance das suas vistas. Um horizonte fictício de paz absoluta, sem Lúcifer, sem demônios e sem soldados.

Lá fora, a noite reinava absoluta, estendendo seu inexorável manto negro sobre a cidade, uma das maiores do mundo, que, mesmo mergulhada nas trevas, mantinha-se incrivelmente viva e bela.

Tomou um generoso gole de uísque, encarando o cruzamento da *Park Avenue* com a *42nd Street*, sem, no entanto, prestar atenção ao intenso tráfego de veículos e de pessoas que por ali passavam. A sua mente encontrava-se tão transtornada que nem mesmo a visão estonteante da *Grand Central Station*, localizada ao lado do hotel, o atraía. David não conseguiu conter um suspiro de resignação e desânimo. Nas últimas vinte e quatro horas, o mundo resolvera, de súbito, virar de pernas para o ar. E agora cabia a ele, como o atual Presidente dos EUA e recém-empossado coordenador da contra-ofensiva a Londres, restabelecer a ordem natural das coisas...

Nesse instante, o telefone tocou.

David J. Fynch limitou-se apenas a encarar o aparelho por alguns segundos. Então, o atendeu. Ele escutou atentamente. Agradeceu e desligou, desejando pela segunda vez naquele dia jamais ter-se candidatado a Presidente. Ah, se pudesse voltar no tempo, faria tudo diferente. Mas não podia.

O motorista havia chegado para levá-lo de volta à sede da ONU, de onde comandaria

o maior ataque conjunto da História, contra ninguém menos do que Lúcifer em pessoa e o seu amaldiçoado exército de demônios.

Nas próximas horas, muita coisa estaria em jogo. Tudo dependeria dele. A filha, a esposa, a nação e a própria humanidade dependeriam dele. E, como o zeloso pai, marido e cidadão que era, ele não pretendia desapontá-las, a nenhuma delas...

A campainha tocou. Era o motorista, acompanhado de seus guarda-costas.

David voltou-se para a janela, pela enésima vez, com o olhar perdido, voltado para o céu escuro e destituído de estrelas.

— Que Deus nos ajude! – suplicou baixinho.

E então, sem nenhuma pressa, bebeu um último gole do uísque. Vestiu o casaco e encaminhou-se para a porta.

# CAPÍTULO XXVI

Para o coronel Edward Lineman Johnson, da Força Aérea americana, aquela era apenas mais uma missão, como todas as outras pelas quais já passara. Não importava quem era o inimigo, ele seria esmagado. Do *cockpit* de seu *F-16 Falcon*, considerado o caça militar mais ágil do planeta, ele comandaria a parte aérea da ofensiva internacional da ONU contra os demônios que haviam destruído Londres e agora ameaçavam o resto do mundo, respondendo diretamente ao presidente Fynch.

Olhando para os lados, através da bolha de plexiglás do avião, mais uma vez, o coronel Johnson sentiu o peso da responsabilidade sobre os ombros. Em formação, voavam rumo à capital inglesa dezenas de aeronaves de combate e de transporte de tropas. Pelos flancos, à frente e pela retaguarda, vinham os caças – dezenas de *F-16* americanos, *Migs* russos e *Mirages* franceses –, escoltando ao centro da formação os gigantes do ar: aviões e helicópteros de grande porte, destinados exclusivamente ao transporte de tropas.

A escolta garantia a segurança dos boinas azuis da ONU, que saltariam sobre Londres e a libertariam da vilanesca ameaça de Lúcifer e seu exército amaldiçoado. Milhares de soldados de diversas nacionalidades seguiam ao centro, numa dúzia de *C-130 Hércules*, cuja capacidade permitia acomodar 92 soldados mais a tripulação, além de toneladas de armamento. E, por entre os *C-130 Hércules*, vinte helicópteros bimotores *CH-47 Chinook*, destituídos de armamentos, todavia com capacidade para 44 soldados e três tripulantes, todos com máxima lotação. Uma força de ataque como nunca antes se vira, a sobrevoar os céus da Inglaterra. Algo para ficar registrado na história da aviação militar mundial...

O coronel Johnson sentia-se orgulhoso por fazer parte daquele seleto esquadrão aéreo e, principalmente, de ser o seu oficial comandante. De repente, os instrumentos do *F-16* acusaram que a armada acabava de entrar no espaço aéreo de Londres. Segundos depois, a cidade apareceu no horizonte. E, à medida que eles se aproximavam, Edward pôde vislumbrar o tamanho e a proporção real dos estragos. Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

— Alvo à vista. Preparar checagem de segurança – o coronel ordenou, através do microfone acoplado ao capacete. – Aproximação em cinco segundos.

— Afirmativo – uma voz metálica respondeu. – Águia Dois deixando formação!

Naquilo, o *F-16 Falcon* que avançava ao seu lado descreveu um amplo círculo à

esquerda e, impelido pelo seu motor *P&W F100-229*, com cerca de 130kn de empuxo, logo alcançou os 2.100 km/h, distanciando-se como um raio da armada principal, e varrendo solitário o céu escuro de Londres.

* * * * *

David J. Fynch encontrava-se sentado à cabeceira de uma descomunal mesa de mogno e de frente para a tela do *notebook*, que reproduzia as imagens emitidas pelo avançado sistema de satélites espiões do Pentágono, de onde a "*Operação Inferno"* seria monitorada. Representantes de diversas nações, aglomerados ao longo de toda a Câmara do Conselho de Segurança da ONU, transformada em centro de comando da missão, acompanhavam apreensivos o que, para eles, personificava as últimas esperanças de suas nações para não terem que ceder à chantagem imposta por Lúcifer.

— Senhor – o general-brigadeiro Frank Simmons chamou-o do rádio, montado no canto leste da sala. – A nossa armada acaba de adentrar o espaço aéreo de Londres e solicita permissão para dar prosseguimento à "*Operação Inferno"*.

David J. Fynch fechou os olhos e inspirou profundamente. E, ainda com os olhos fechados, pesou as consequências do que estava prestes a fazer, hesitando por alguns segundos. Naquela situação e naquelas circunstâncias, uma ofensiva militar em larga escala seria mesmo a melhor alternativa? Mas, fora isso, o que mais poderia ser feito? Ceder à chantagem? Render-se aos propósitos nefastos de Lúcifer? Nunca! Jamais os EUA e o mundo abdicariam de sua liberdade...

— Senhor – Frank Simmons insistiu, interrompendo o seu raciocínio.

E então, sem pensar em mais nada, e com o coração inflamado pelos ideais de liberdade e democracia, tão fortemente enraizados em seu cerne, David J. Fynch, não como o atual Presidente dos Estados Unidos da América, mas como cidadão da Terra, dirigiu-se ao rádio; e pessoalmente deu a ordem.

— Permissão concedida! Acabem com eles!

Pronto. A sorte estava lançada. Só restava agora aguardar e torcer pelo desfecho daquela que, mesmo não consistindo na maior batalha já travada pela humanidade, seria, sem dúvida alguma, a mais importante...

* * * * *

— Permissão concedida! Acabem com eles! – a voz metálica ecoou no ouvido de Edward Lineman Johnson.

— Vocês ouviram o presidente, rapazes – o coronel falou, dirigindo a armada para a cidade. – Vamos acabar com os desgraçados! Eu quero os *C-130* e os *Chinooks* prontos para lançar as suas cargas. Nós lhes daremos cobertura!

E ele observou que os doze *C-130 Hércules* começavam a baixar as suas enormes rampas dos compartimentos de carga, localizadas na traseira das aeronaves.

— Águia Dois. Águia Um chamando. Reporte a sua localização – ele ordenou.

— Águia Dois na escuta. Neste momento estou sobrevoando o centro da cidade. Até agora não visualizei nenhum alvo. A cidade toda parece deserta. Repito: nenhum sinal de vida em Londres!

— E quanto aos demônios?

— Negativo. Nem sombra deles!

— Ok! Águia Dois retorne à sua posição original.

— Entendido... Câmbio e desligo!

"Mas o que significa isso?" – o coronel indagou-se. – "Teriam eles, os demônios, abandonado a cidade na calada da noite? Não... Isso seria improvável e impossível, já que Londres permanecera durante todo o tempo sob constante observação".

Ele não sabia o que pensar. Resolveu, então, não pensar. E a melhor técnica para não se pensar era partir logo para a ação. Com o canto dos olhos, notou que o *F-16* batedor retomava o seu lugar na formação, no exato instante em que eles atingiam os limites da cidade.

— Desfazer formação de cruzeiro. E preparar desembarque! – Johnson ordenou sem pestanejar.

Os *C-130 Hércules* separaram-se da armada principal, cada qual se dirigindo ao seu, dentre os doze quadrantes predeterminados nos arredores da cidade, para o salto dos paraquedistas. E cada gigante do ar, ao deslocar-se para sua nova posição, levava por escolta quatro caças. Já os *CH-47 Chinook*, por serem helicópteros bimotores e, como tal, menores, mais ágeis e não necessitarem de um espaço muito grande para pousarem, assumiram a empreitada de expurgar o centro de Londres, igualmente subdividido em quadrantes. Vinte setores menores, abrangidos por cinco quarteirões cada um.

— Reportar posições – o coronel solicitou, passados alguns minutos.

E, após receber a confirmação de que todos já se encontravam em suas devidas posições, ele ordenou o início da operação. O desembarque das tropas transcorreu de forma bastante tranquila. Tranquila até demais...

Os *C-130 Hércules* despejaram suas centenas de paraquedistas nos céus da capital inglesa, enquanto os *CH-47 Chinook* pousaram nos locais predeterminados, também liberando a sua parcela de soldados.

Os helicópteros terminavam de desembarcar os seus boinas azuis, e os primeiros paraquedistas começavam a chegar ao solo quando, de súbito, a "*Operação Inferno"* se transformou no próprio *Inferno*!

Milhares de demons inferiores, sem asas, materializaram-se repentinamente em todos os quadrantes da cidade, nos escombros do que um dia foram os edifícios e as casas. E, antes que os soldados pudessem reagir, recaíram sobre eles, com as espadas e lanças, promovendo uma verdadeira carnificina.

Entrementes, o inferno não permaneceu apenas em terra. Estendeu-se também para os confins do céu londrino, através de outros milhares de demônios superiores, dotados de volumosos pares de asas, que surgiram do nada, preenchendo cada espaço livre do firmamento. Estes, porém, além das tradicionais armas de *criometal*, ainda portavam os poderosos e ameaçadores lança-chamas com metralhadora e lança-granadas acoplados, criados por Magog.

* * * * *

O capitão Yuri Stancovitch, russo de nascença e comandante dos boinas azuis da ONU há mais de quinze anos, lograva nunca ter fracassado em nenhuma das muitas missões das quais participara. Até então, pois a realidade estava prestes a mudar este quadro. Como comandante do pelotão dos paraquedistas, fora o primeiro a saltar dos *C-130* e, por conseguinte, fora o primeiro a tocar o solo de Londres. Assim que pousou, desvencilhou-se do paraquedas e, com o M-16 nas mãos, aguardou pelos demais, que aos poucos juntavam-se ao seu redor, na medida em que também iam aterrissando.

Mais da metade do pelotão já se encontrava em terra firme, e a outra metade, a caminho, quando o próprio *Hades* materializou-se diante deles. De repente, e sem nenhum aviso, centenas de demônios destituídos de asas surgiram dentre as ruínas dos prédios semidestruídos, cercando-os por todos os lados. E, antes que os soldados tivessem tempo de esboçar qualquer reação, foram ferozmente atacados.

Instintivamente, os boinas azuis acionaram as suas armas e um sem-número de inimigos foi ao chão. Animados com a nova perspectiva, os experientes soldados da ONU formaram um amplo círculo, para que os companheiros que ainda não haviam chegado pudessem pousar em segurança, no centro da formação.

Todavia, dois fatos, tão inesperados quanto simultâneos, mudaram o rumo das coisas e desequilibraram a balança para o lado do inimigo.

Ao mesmo tempo em que os demônios mortos ressuscitavam e reerguiam-se de pé, para o assombro e a perplexidade dos soldados e do próprio capitão Stancovitch, vários

outros, alados e armados com poderosos lança-chamas, saltavam dos bueiros abertos, onde até então haviam permanecido ocultos, e voavam em direção aos céus.

Ao passarem pelos paraquedistas ainda no ar, ora os incineravam vivos, ora os atingiam com os cabos das armas, nocauteando-os.

No solo, os atônitos e desesperados boinas azuis, impotentes e acuados, faziam o possível para defender-se das espadas e lanças, que, curiosamente, não eram usadas para matá-los, e sim para somente feri-los ou simplesmente nocauteá-los. Por alguma razão desconhecida, a intenção dos demônios era única e exclusivamente a de torná-los seus prisioneiros.

O capitão não compreendia o que se ocultava por trás disso, mas estava convicto de que boa coisa não poderia ser...

Os boinas azuis da ONU lutaram bravamente. Contudo, não foram páreo para o invencível e sobrenatural exército de demônios, cujos integrantes caíam ante os seus projéteis, tão somente para se reerguerem segundos depois e atacá-los novamente.

Um a um, os soldados foram tombando, até restarem apenas Yuri e mais cinco homens, com as armas já quase sem munição. E, quando todas as perspectivas de sobrevivência do reduzido mas valente grupo se esvaíam, a salvação surgiu do céu, como um milagre, e sob a alongada forma de um míssil *BVR-AIM/120*, disparado por um *F-16 Falcon,* e que explodiu à direita deles, em meio ao contingente demoníaco. A detonação abriu uma enorme cratera no asfalto e, ato contínuo, formou-se um largo corredor entre a horda inimiga.

— Corram! – Yuri gritou a plenos pulmões, lançando-se na direção da passagem improvisada pela bomba.

* * * * *

Do *cockpit* de plexiglás de seu avião, o coronel Edward L. Johnson acompanhava impassível ao desembarque das tropas. Segundos após o seu comando, as estrelas do céu londrino receberam a companhia de centenas de paraquedistas e de duas dezenas de helicópteros em pleno processo de pouso e decolagem, cujas silhuetas delineavam-se contra a parca luminosidade da lua.

Foi neste instante, que a impassibilidade e a tranquilidade cederam lugar ao que o coronel aviador mais tarde definiria como o próprio *Inferno* na Terra!

No princípio, apenas alguns clarões isolados de armas de fogo dos comandos em solo, mas que rapidamente evoluíram para uma verdadeira e desesperada torrente de disparos, em todos os quadrantes da cidade.

Do alto e no escuro, era praticamente impossível para qualquer piloto ver o que acontecia lá embaixo. A intuição do coronel, no entanto, dizia-lhe que finalmente o inimigo havia dado as caras.

— Equipe de solo. Águia Um chamando. O que está havendo aí? – ele indagou preocupado.

E, como não obteve nenhuma resposta, resolveu verificar ele mesmo.

— Águia Um deixando formação – anunciou, inclinando a aeronave para baixo.

Nisto, uma repentina nuvem de demônios voadores surgiu do nada, e invadiu o firmamento, cruzando por ele e disparando projéteis de alto teor explosivo contra os caças que o acompanhavam. Um *Mirage* e dois *F-16* explodiram instantaneamente, transformando-se em imensas bolas de fogo que iluminaram, por frações de segundo, o céu a sua volta. Por muito pouco, e apenas graças à brusca manobra descendente, é que ele escapou de também ser atingido. Mas o *C-130 Hércules* que eles escoltavam não teve a mesma sorte. Um dos seus quatro turbopropulsores foi alvejado por uma granada, e o fogo que seguiu-se à detonação rapidamente espalhou-se pelo sistema de distribuição de combustível e, antes que a sua tripulação se desse por conta do que a atingira, o gigante do ar desintegrava-se em meio a uma estrondosa explosão.

— Abandonar formações! – o coronel gritou, totalmente desesperado, ao ver que as demais aeronaves também começavam a ser sistematicamente abatidas. – Repito: todas as aeronaves abandonar formações! Isso vale para todos: defendam-se como julgarem melhor!

Então, ele próprio tratou de tomar as devidas providências para sair da linha de tiro dos demônios voadores. Valendo-se de toda a sua experiência e habilidade como piloto, e das propriedades aerodinâmicas do caça que pilotava, baseadas unicamente na sua estrutura de grafite-epóxi e nas imperceptíveis junções de asa-fuselagem, cuja dinâmica de voo centrada na instabilidade direcional era totalmente controlada por um sofisticado e eficiente sistema de comandos *By-Wire*, fê-lo descrever um amplo círculo no ar, mantendo os dois pares de metralhadoras calibre 12,7 mm do *F-16* em um contínuo e incessante trovejar.

Muitos dos demônios alados foram alvejados pelos projéteis, despencando rumo ao chão, enquanto os outros eram incinerados vivos pelos próprios lança-chamas, que, ao serem atingidos, incendiavam-se ou explodiam.

E, por um instante, o caminho à frente do F-16 de Johnson ficou livre. O coronel aproveitou a chance e, em um voo rasante, percebeu que um reduzido grupo de soldados da ONU encontrava-se em sérias dificuldades no solo. Sem pensar duas vezes nos riscos implícitos daquela manobra, fez a volta e disparou um míssil *BVR-AIM/120* diretamente

sobre as hordas demoníacas que se afunilavam em torno dos seis boinas azuis.

Ao explodir, o míssil rompeu uma enorme cratera no chão e lançou dezenas de demônios para ambos os lados, liberando um largo e providencial corredor de fuga, pelo qual o sexteto arremeteu em desabalada carreira.

Não satisfeito, o coronel aviador manobrou e deu um novo rasante por sobre o exército demoníaco, acionando o mortal canhão Vulcan calibre 20 mm de seis canos, com o qual varreu toda a área atrás dos soldados humanos, proporcionando-lhes uma retirada segura e sem maiores problemas. E, para terminar, ainda disparou sobre os demons dois mísseis de curto alcance *SideWinder*, forçando-os a se protegerem e, assim, perderem o contato com o grupo perseguido. E Edward L. Johnson sorriu satisfeito. Pelo menos por ora, aqueles seis bravos soldados estavam em relativa segurança. Talvez agora, eles tivessem alguma chance, mesmo que remota, de saírem dali com vida.

Percebendo que voava para fora do perímetro da cidade, o coronel direcionou os olhos para o firmamento sobre Londres, onde o combate seguia violento. E o que viu deixou-o completamente desacorçoado. Sistematicamente, um após o outro, os *C-130 Hércules*, os caças e os helicópteros do seu grupo iam sendo abatidos, transformando-se em gigantescas carcaças incandescentes. Já os pilotos e tripulantes, que logravam ejetar a tempo de não serem incinerados vivos, eram sumariamente atacados por verdadeiros enxames de demônios voadores, que, após nocauteá-los, sempre usando de extrema violência, arrastavam-nos, ainda inconscientes, para o solo.

Só então, ele reparou em algo um tanto intrigante: bastara ultrapassar os limites geográficos da cidade, e os demônios o deixaram de lado. Naquele momento, Edward Johnson foi iluminado, no que tomou, por sua própria conta e risco, uma importante decisão.

— Abortar missão! Atenção, todos os pilotos: abortar missão! – ele gritou em alto e bom tom. – Repito: abortar missão! Voem imediatamente para bem longe dos limites da cidade!

* * * * *

O capitão Yuri Stancovitch corria desesperado à frente de seus homens, quando o *F-16* retornou e, pela segunda vez, atacou os demônios, rechaçando e forçando-os, através do chumbo quente de suas metralhadoras e sucessivas explosões causadas pelos projéteis de alto teor explosivo vomitados pelos seis canos do poderoso canhão Vulcan, a ficarem para trás, permitindo assim, que eles se distanciassem o bastante para sumirem por entre os becos em ruínas.

Mentalmente, o militar russo enviou votos de agradecimento ao corajoso piloto que arriscara a própria vida para garantir a sobrevivência deles. E, como em resposta aos seus agradecimentos silenciosos, o *F-16* deu um terceiro voo rasante sobre aquela parte da cidade e disparou sobre a horda demoníaca, que lograva reorganizar-se para partir atrás deles, dois mísseis *SideWinder* de curto alcance, que, ao explodirem bem no meio do exército de Lúcifer, arremessaram seus membros para todos os lados. E, de quebra, selaram, graças ao desmoronamento de um muro, a passagem por onde os boinas azuis haviam acabado de cruzar. Livres, Yuri e os demais correram para longe dali, seguindo sempre o rumo do centro da cidade, onde esperavam encontrar reforço nos companheiros que lá haviam descido dos helicópteros.

Acima de suas cabeças, o embate continuava, cada vez mais acirrado e violento, entre os demônios alados e as aeronaves. O *Inferno* literalmente transferira-se da terra para os céus londrinos. O firmamento noturno encontrava-se infestado pelas infindáveis hostes demoníacas em meio às aeronaves da ONU, que, uma após a outra, subitamente eram consumidas pelo fogo ou pelas granadas dos lança-chamas. As explosões podiam ser ouvidas a todo instante e por todo lado. De vez em quando, um avião em chamas caía por terra, em algum ponto próximo dali, fazendo o chão sob os seus pés estremecer.

Apesar do medo e do pânico que os assolava, os seis soldados prosseguiram em sua marcha, ocultos pela escuridão e pelos escombros.

E, não demorou muito para encontrarem o que procuravam...

Do alto de uma montanha de entulhos, avistaram um segundo grupo de boinas azuis amotinados ao redor de um *CH-47 Chinook* prestes a levantar voo. Os soldados saltavam para dentro do aparelho, cujas rodas já não tocavam o solo.

E as boas novas não se encerravam por aí. Parecia até um milagre: mas não havia nenhum sinal dos demônios por perto.

— Hei! Esperem por nós! – Yuri gritou, com as esperanças renovadas.

E os seis começaram imediatamente a correr em direção ao *Chinook*. Foi quando o inferno recaiu novamente sobre eles. De repente, um silvo agudo. E, no instante seguinte, o helicóptero explodiu, em meio a um ofuscante clarão e um ensurdecedor estrondo. Por uma fração de segundo, o tempo pareceu estagnar para o capitão e o seu malfadado grupo. Apenas uma falsa impressão, pois o deslocamento de ar provocado pela forte explosão logo arremessou os seis soldados da ONU para o chão, sob uma mortífera chuva de metal incandescente. Yuri sentiu uma forte pancada na cabeça e perdeu os sentidos.

Algum tempo depois, ao recobrar parcialmente a consciência, o lesionado oficial russo percebeu que se encontrava deitado de costas e com o rosto voltado para cima. Ele tateou o corpo com ambas as mãos, constatando que ainda estava inteiro. Apesar de todo

dolorido e coberto de arranhões e escoriações, ele não sofrera nada mais sério. Então, por que é que não ouvia? E pior, não enxergava nada, apesar de encontrar-se com os olhos abertos?

"A explosão" – lembrou.

Por isso, não podia ouvir nem enxergar: o possante estrondo decorrente da explosão do *Chinook* estourara os seus tímpanos, ao passo que o intenso clarão por ela emanado o cegara!

Um súbito desespero começou a se formar na mente do capitão. E agora? O que seria dele? Como faria para sair daquele inferno, sem contar com os imprescindíveis sentidos da visão e da audição?

Logrou sentar-se. Ele se preparava para erguer-se de pé, quando uma segunda pancada na cabeça, ainda mais forte do que a anterior, pôs fim ao dilema.

E, pela primeira vez em sua vida, o corajoso comandante dos boinas azuis, Yuri Stancovitch, desejou a própria morte sem nenhum medo, receio ou preconceito...

# CAPÍTULO XXVII

Como sombras invisíveis, porém reais, a desesperança e a desolação se haviam instaurado entre os representantes das 192 nações integrantes do Novo Conselho de Segurança da ONU, criado durante a assembleia extraordinária presidida pelo presidente norte-americano David J. Fynch, em que todos os países membros foram convidados a integrar esse novo conselho, para, juntos, deliberarem sobre como deveriam proceder a libertação do mundo da terrível ameaça perpetrada por Lúcifer e o seu nefando exército.

A chamada "*Operação Inferno*" resultara em um completo desastre.

A ofensiva militar lançada contra os demons e considerada a última esperança da humanidade não dera em nada. Pior: milhares de soldados haviam perdido suas vidas. E para quê? Para absolutamente nada. Conforme as últimas informações, apenas quatro caças, um *C-130* e dois *CH-47 Chinook* regressaram incólumes da catastrófica missão. Com eles, apenas dezessete homens, dentre os mais de dois mil e quarenta enviados a Londres...

Dois mil cadáveres em menos de meia hora de ação, por si só, já era um número bastante grotesco. Contudo, a impressão que se tinha era de que essa cifra mórbida expandia-se ainda mais, incomensuravelmente, em face da indigesta informação de que, inexplicavelmente, para esses mais de dois mil boinas azuis mortos em ação, não fenecera sequer um demônio.

David J. Fynch permanecia sentado em seu lugar à mesa, calado e com o olhar perdido, buscando uma explicação coerente e lógica para o que acabara de acontecer, de maneira que pudesse superar o insustentável fardo da responsabilidade que lhe recaía por tamanha tragédia. Afinal, fora dele que partira a ideia da intervenção militar em Londres. E também, a ordem para o início do ataque. Portanto, era apenas dele a responsabilidade pelo pior fracasso militar de todos os tempos e por todas as mortes dele decorrentes. Cada uma delas.

A culpa que lhe corroía o espírito era a mesma que lhe toldava os pensamentos e os sentidos. Tanto que ele não percebera, a princípio, a sinistra imagem projetada no telão, necessitando ter a atenção requisitada pelo General Frank Simmons, para regressar à realidade e encarar a macabra figura de Lúcifer na parede.

* * * * *

— Nesta noite – pronunciou-se o líder e senhor dos demônios –, nesta noite de sombras e precipitações, os seus líderes, em uma atitude impensada e insensata, em total desprezo às minhas advertências, resolveram desafiar-me, investindo contra as minhas tropas, temporariamente sediadas na cidade que outrora vocês conheceram como Londres. Creio que o resultado dessa irresponsável e desastrosa ofensiva, cujas mortes de mais de dois mil dos seus soldados para nenhum dos meus, revela o quão débeis e impotentes vocês humanos são perante nós...

A imagem saltou da malévola face do demônio para as ruas da capital inglesa, onde milhares de soldados contorciam-se pelo chão, ao lado de um sem-número de outros seres humanos, também afetados pelo *Demon666*, e em avançado processo de mutação, enquanto a sua voz continuava firme e forte, porém tranquila.

— Dois mil homens condenados à morte pela irresponsabilidade daqueles que se intitulam seus líderes. Dizem que uma imagem vale mais do que mil palavras...

A câmera focou os moribundos mais de perto.

— Vejam... Este é o produto final das decisões incoerentes e desatinadas desses que os regem.

A imagem retornou ao rosto malévolo de Lúcifer.

— Para evitar novos constrangimentos e mais mortes desnecessárias, sinto-me na obrigação de alertá-los de que, como esses dois mil infelizes puderam comprovar, nenhuma, repito, nenhuma arma criada pelo homem pode nos ferir, muito menos nos matar. Nem mesmo as suas temidas ogivas nucleares são capazes de nos afetar. Saibam que nada, absolutamente nada neste mundo, pode nos destruir, imortais que somos. Que os seus líderes tenham isso em mente, antes de resolverem desafiar-nos novamente!

Lúcifer inspirou profundamente, antes de continuar com o funesto porém inflamado discurso, hesitando propositalmente, para que as suas palavras causassem um maior impacto.

— Duas mil mortes. Um preço bastante alto a ser pago por tamanha ousadia e imbecilidade. Porém, irrisório, se comparado às demais consequências a que o seu mundo será submetido, graças a essa atitude insolente e desrespeitosa para comigo...

A câmera aproximou-se ainda mais do rosto avermelhado.

— Em represália a esse ato débil e inconsequente, escolhi cinco dentre as suas principais e mais notórias metrópoles, cinco capitais que acabam de ser condenadas a total devastação, e seus habitantes, à completa aniquilação!

Outra pausa providencial, enquanto a câmera afastava-se novamente, a fim de cumprir perfeitamente o papel a ela destinado, proporcionando uma maior e mais completa assimilação do que era dito.

— Cidadãos da Terra, dentro de alguns minutos, cinco cidades inteiras pagarão o preço pela inconsequência de seus líderes – Lúcifer prosseguiu. – E muitas outras trilharão por esse mesmo caminho, se o que aconteceu nesta caótica noite tornar a se repetir! E, aproveitando essa transmissão, eu gostaria também de lembrá-los de que o prazo final para a sua rendição total e incondicional está se esgotando...

E, da mesma forma abrupta como começara, a transmissão foi interrompida.

* * * * *

O telão parou de transmitir. Entretanto, o ameaçador teor do discurso de Lúcifer permaneceu ecoando reverberante pelas mentes de todos. Tal qual estátuas de pedra, os representantes das 192 nações ficaram imóveis e em silêncio por alguns segundos.

Igualmente chocado, contudo consciente de sua responsabilidade, o presidente David J. Fynch levantou-se, encarando o General Simmons.

— Frank. Seja sincero comigo. O que é que você acha disso tudo? – interpelou sério. – Eles possuem condições reais de cumprirem o que prometeram?

— Infelizmente, eu creio que sim – o general respondeu. – E o farão, não apenas como retaliação ao nosso frustrado ataque, mas, principalmente, para nos mostrarem do que serão capazes, caso voltemos a desafiá-los. E o pior nisso tudo é que não há nada absolutamente que possamos fazer para impedi-los, simplesmente porque não sabemos aonde ou em quais cidades ocorrerão os anunciados ataques. E mesmo que soubéssemos, não haveria tempo hábil para uma evacuação em massa ou para qualquer outra medida que resolvêssemos adotar!

— Jesus Cristo! – David J. Fynch murmurou perplexo. – Você está me dizendo que milhões de pessoas inocentes morrerão dentro de alguns minutos, e a nós caberá tão somente assistirmos a esse genocídio de braços cruzados?

— Sinto muito, senhor. Mas, como eu lhe afirmei antes, tudo o que sabemos até o presente momento é que serão cinco capitais – Simmons divagou. – Todavia, não temos como saber que cidades serão essas!

— Cinco capitais... – David repetiu desacorçoado. – Mas quais?

A resposta surgiu dos operadores de rádio dispostos ao redor de toda a câmara do Conselho de Segurança da ONU.

— Senhor – gritou um deles. – Roma encontra-se sob intenso ataque!

— Madrid também – alertou outro.

Uma após a outra, e em intervalos de poucos segundos entre si, as notícias de novos ataques foram chegando, avassaladoras. E, piores do que bombas incendiárias, elas foram

minando e aniquilando as esperanças de todos os presentes.

— Berlim... Estão destruindo a cidade!

— Moscou está em chamas!

— E Paris, sob acirrado bombardeio!

* * * * *

Na Fortaleza da Montanha, os guerreiros da luz assistiram pasmados ao breve, porém contundente, discurso de Lúcifer. E, desolados devido à impotência diante de tais circunstâncias, eles aglutinaram-se no escritório-biblioteca do Arcanjo, em busca de informações. Através de um sofisticado *notebook*, conectado diretamente ao sistema de satélites-espiões dos Estados Unidos, acompanharam ao vivo, a aniquilação das cinco capitais europeias. No momento, a telinha transmitia tomadas aéreas das metrópoles em completo colapso, seguindo um princípio de revezamento, focando por um determinado tempo em cada uma delas.

Roma, Madrid, Berlim, Moscou e Paris...

Em todas, a visão era desoladora: os monumentos históricos, as casas, os prédios, arranha-céus, praças, ruas e avenidas ilustres. Tudo em chamas. Nada, absolutamente nada, escapara da ira e da violência dos demônios.

Completamente extenuado por estar assistindo pela terceira vez, em menos de meia hora, àquele filme de terror real, Gabriel subitamente desligou o computador. E, sem pronunciar palavra alguma, encarou, soturno, os presentes. Os seus olhos diziam tudo o que os lábios não eram capazes. Deles, emanavam sentimentos mistos que iam desde repulsa, raiva e ódio, a dor, pesar, culpa e impotência, até tensão e medo...

— Valha-me Deus – Desirée murmurou, quebrando o silêncio sepulcral ao qual o escritório fora acometido. – Primeiro Londres, e agora, Roma, Paris, Moscou, Berlim e Madrid... Todas arrasadas!

As imagens da destruição de Paris, do Arco do Triunfo e do Museu do Louvre, e, depois, da Torre Eiffel sendo explodida e tombando em chamas, não saíam da cabeça da ex-agente francesa.

— Malditos demônios! – Thomas vociferou. – Nós precisamos fazer alg...

Foi interrompido por um anjo de asas bordô, que irrompeu de súbito pela porta, anunciando ao ouvido do Arcanjo algo que fê-lo empalidecer de repente.

Instantaneamente, ele religou o monitor. E, via internet, acessou o site do canal de notícias CNN. A tela abriu-se e o anjo buscou determinado *link*, clicando sobre ele, tão logo o encontrou. E então, leu em voz alta, o texto ali recém-postado:

“Em contrapartida à catastrófica e mal planejada ofensiva militar dirigida ontem pela ONU, e que resultou nas mortes de mais de dois mil soldados, na antiga Londres, Lúcifer, o Senhor dos Demônios, em represália, despachou as suas tropas para cinco capitais europeias: Paris, Madrid, Roma, Berlim e Moscou”.

“Neste momento, as cinco metrópoles encontram-se sob denso ataque, e estão sendo simultaneamente arrasadas e destruídas”.

“Destarte, alguns minutos atrás a nossa redação recebeu um informe especial da União Europeia, solicitando o imediato fim dos ataques e, ato contínuo, como prova de sua boa-fé, anunciando a rendição dos países que a compõem, em conjunto, e de comum acordo, com todo o restante do continente europeu...”.

— Em síntese: a Europa acaba de se render a Lúcifer – Uriel concluiu.

— Eles não podem fazer isso! – Thomas obtemperou perplexo. – Todos os humanos que se renderem serão sumariamente transformados em demônios.

— Só que eles ainda não sabem disso... – Desirée replicou. – Eles acreditam que, se rendendo, evitarão novos ataques contra as suas cidades e, portanto, encontrar-se-ão momentaneamente, a salvo da ira de Lúcifer!

— Pura ilusão – Uriel acrescentou. – Os ataques não cessarão, pelo menos não até Lúcifer conseguir montar todo o seu malogrado exército de demônios, ou então, o agente mutante acabar. Eles apenas ocorrerão sob outros pretextos.

— Uriel tem razão – Sarah pronunciou-se. – Lembrem-se da profecia: na grande Batalha do Apocalipse, metade da humanidade integrará as fileiras do mal, e apenas a outra metade as do bem!

E um novo silêncio, ainda mais sinistro e sombrio do que o anterior, abateu-se sobre o ambiente, tornando-o denso e carregado. Os guerreiros da luz se entreolharam, mas nenhum deles encontrou coragem e força suficientes para expor publicamente os seus pensamentos mais íntimos.

* * * * *

— Por favor, senhores... – o Secretário Geral da ONU pediu atenção, em meio ao burburinho sem fim de centenas de vozes e de sons diversos que se faziam presentes na reunião do Conselho de Segurança, onde os representantes e os líderes das 192 nações membros debatiam calorosamente a possibilidade de rendição unânime e total da Terra. – Escutemos agora o que tem a dizer vossa excelência, o presidente David J. Fynch, dos Estados Unidos da América.

— Como eu já dizia – o americano retomou o discurso, interrompido ao meio por

alguns dos ouvintes mais exaltados e que, ao enjeitarem as ideias postuladas pelo americano, se haviam auferido o pleno direito de tumultuar a sessão. – A posição do meu país é, e continuará sendo, contrária à rendição!

Mais burburinho.

— Senhores – insistiu ele. – Todos nós vimos o que acontece com os prisioneiros de Lúcifer – referia-se aos efeitos devastadores do *Demon666*. – O que nos garante que, ao render-nos, eles não farão o mesmo conosco e com as nossas populações? Ainda não sabemos quais são, de fato, as suas verdadeiras intenções para conosco e com os nossos povos, nem o que acontecerá depois que nos aprisionarem sob os grilhões da rendição total, tampouco se manterão as suas promessas.

— Mas nós sabemos o que acontece quando os desafiamos – alguém enfatizou, referindo-se às seis metrópoles europeias destruídas pelos demônios. – De forma que não queremos o mesmo para as nossas cidades e nossas populações!

— Não se iludam, senhores – David continuou firme e irredutível. – A rendição, por si só, não evitará que as nossas nações sejam atacadas pelos demônios. E elas o serão, de qualquer maneira. Ao render-nos, estaremos condenando, não somente a nós mesmos, porém, à humanidade inteira, à escravidão eterna. Com a rendição, toda a liberdade será cerceada, no que afirmo, sem hesitar, que se nos rendermos agora, incorreremos no grave erro de colaborarmos ativamente para a instauração de um austero regime de terror, ao final do qual nossas raízes evolutivas, assim como a nossa identidade e continuidade como raça humana, encontrar-se-ão severamente ameaçadas. Pois acredito que, em verdade, o que nos espera com a rendição é o extermínio. Portanto, e com base nisso, peço que, ao votarem, pela manhã, os senhores utilizem o bom senso, votando contra a rendição e a favor de uma aliança global contra Lúcifer!

Com essas palavras, o exausto David J. Fynch deixou a tribuna.

Tão logo afastou-se, o próximo orador, um homem negro e alto, trajando vestes de origem tipicamente africana, apressou-se em assumir o seu lugar, e um novo discurso fez-se ouvir.

Não podia ser diferente. O tempo era curto demais. E a importância do que seria decidido na manhã seguinte fazia com que todos os delegados e líderes de nações ali presentes desejassem expor o que pensavam e, de certa forma, convencer a maioria dos votantes a deliberar em favor do que acreditavam ser o melhor, ou o menos pior, para os seus países e, consequentemente, para a humanidade como um todo.

E assim, entre um discurso e outro, ora favorável, ora contra a rendição global, estendeu-se a assembleia madrugada adentro.

Ninguém reclamou. Afinal de contas, para aquelas pessoas, assim como para as

demais ao redor do planeta inteiro, seria praticamente impossível dormir naquela amaldiçoada noite, sabendo que as quarenta e oito horas inicialmente estipuladas por Lúcifer como o prazo limítrofe e improrrogável para a completa rendição global se esgotariam ao término da manhã seguinte...

# CAPÍTULO XXVIII

O firmamento noturno, encoberto pela escuridão, parecia um oceano desprovido de luz, completamente perdido nas trevas sem fim. Nem mesmo a lua atrevia-se a aparecer, ocultada por espessas e negras nuvens de chuva que se formavam sobre a Cordilheira Mitumba. Um relâmpago. Um trovão. Um segundo relâmpago, mais perto. E um segundo trovão, ainda mais forte. De repente, as primeiras gotas de chuva, grossas e pesadas, com intensidade crescente, precipitaram-se sobre o platô. E, paulatinamente, a chuva inicial transformou-se numa forte e implacável tempestade de verão, com direito, inclusive, a intermináveis sucessões de raios e trovões. Era como se a natureza, à sua maneira, também protestasse contra os últimos acontecimentos que assolavam o planeta.

A ascensão de Lúcifer ao, por ele, recém-criado posto de Imperador e Soberano do Mundo, aliada à rendição da Europa, após a destruição de suas seis metrópoles e à total aniquilação das suas populações, abalara até mesmo os alicerces mais profundos da Terra. Os espíritos da vida ressentiam-se diante de tais fatos sucedidos e, principalmente, diante do que ainda estava por vir, uma vez que tudo, até agora, não passara de um mero ensaio preparatório para o derradeiro espetáculo-show do apocalipse, programado para os dias vindouros.

E esse ressentimento, sob a forma da implacável e estrondosa tempestade, viria a servir aos propósitos dos demons. Devido à constância ininterrupta dos relâmpagos e dos barulhentos e frequentes trovões, as sentinelas dos anjos postadas ao longo das muralhas da Fortaleza da Montanha não perceberam em tempo hábil a terrível ameaça que se aproximava pelo céu escuro, acima das nuvens, assim como não escutaram o som dos motores de duas dezenas de helicópteros de combate, escoltadas por um trio de caças militares romenos.

Quando finalmente os perceberam, já era tarde demais... E, antes que qualquer alarme pudesse ser acionado, as Montanhas Mitumba literalmente explodiram.

* * * * *

O escritório do Arcanjo foi sacudido por um forte estremecimento, assim como todo o resto da montanha, em meio a um violento estrondo. Lascas das paredes e do teto desprenderam-se e projetaram-se sobre os desprevenidos guerreiros da luz.

— O que foi isso? – Duke indagou assustado.

Nesse instante, a porta do escritório abriu-se, dando passagem a um anjo de asas azul-petróleo, que sem qualquer cerimônia entrou e anunciou:

— Estamos sendo atacados! O platô encontra-se sob intenso bombardeio!

Um novo estrondo sacudiu a montanha.

— Vamos – Gabriel orientou-os. – Precisamos sair daqui. Dessa vez, não haverá um falso *Cofre da Morte* para impedi-los de destruírem a fortaleza!

Os guerreiros da luz deixaram o escritório e correram em direção aos portões, situados no outro extremo da gigantesca caverna. E já estavam no meio do caminho, quando, repentinamente, ambos os portões foram pelos ares, atingidos em cheio por uma dupla de mísseis ar-terra. E a madeira de que eles eram constituídos transformou-se em milhões de fragmentos incandescentes.

Os anjos que iam à frente precisaram parar e se proteger da chuva de estilhaços de madeira. De soslaio, Thomas avistou um segundo grupo de ethernytianos saindo de uma porta lateral, que desembocava na enfermaria improvisada, em escolta aos humanos que eles haviam resgatado de Londres.

Também eles precisaram abaixar-se para se proteger. Mas um dos resgatados, um homem gordo e de reflexos brandos, foi lento demais, e acabou sendo atingido no pescoço por um estilhaço de madeira, cuja ponta, extremamente afiada, perfurou-lhe as artérias, matando-o instantaneamente.

Ao ver o que acontecera ao companheiro morto, os outros entraram em desespero e, instintivamente, fizeram menção de retornar à aparente segurança propiciada pela sala da enfermaria, no interior da montanha. O que seria um tremendo erro e poderia custar-lhes as suas vidas, em vista das atuais circunstâncias. Se o bombardeio continuasse, seria apenas uma questão de tempo para que a fortaleza inteira viesse abaixo, e eles ficariam soterrados por milhares de toneladas de rocha e terra...

O brasileiro correu até o assustado grupo, interpondo-se entre eles e a porta que conduzia à enfermaria.

— Voltem para a saída – gritou ele, enquanto corria. – Não entrem aí!

Foi quando uma série de estrondos, praticamente simultâneos, abalou as sólidas estruturas da montanha, que começou a ruir. Enormes pedras, do teto e das paredes, soltaram-se, despencando ruidosamente sobre o piso plano de terra batida, afundando-se pesadamente nele.

— Rápido, vão para fora da caverna! – Thomas ordenou enfático, enquanto novas e sucessivas explosões continuavam a atingir a montanha.

Anjos e humanos correram com afinco e determinação rumo à saída da caverna, desviando-se da incomensurável quantidade de pedras que caíam ao seu redor. Um único

passo em falso e seriam esmagados.

Foi então que aconteceu... Quando estavam a poucos passos da saída, um batalhão de demônios inferiores, com seus dentes afiados, olhos negros e vítreos, e desprovidos de asas, invadiu a montanha, bloqueando-lhes o caminho.

Os guerreiros da luz instantaneamente reagiram. Os anjos desembainharam as suas espadas e partiram com tudo para cima deles, enquanto Thomas e os Escolhidos, mais Angelina e Uriel, formavam uma espécie de escudo protetor em volta dos dois cientistas ethernytianos e demais humanos.

Gabriel, Kamael, Micael e os outros sete anjos, movidos por reflexos puramente animais, destroçaram as hostes infernais, abrindo um corredor entre os demons, pelo qual todos eles, humanos e anjos, enveredaram, até encontrarem-se do lado de fora da fortaleza. Só então puderam observar o pandemônio instaurado no platô, onde dezenas de helicópteros de combate pousavam e alçavam voo em meio à terrível tempestade, despejando por terra várias centenas de demônios inferiores que, aproveitando-se das sequelas devastadoras do bombardeio perpetrado pouco antes pelos aviões, e de os anjos sentinelas do platô ainda estarem, em sua maioria, feridos e caídos, em pleno processo de regeneração celular, trucidavam-nos friamente com as suas lâminas de criometal.

O lugar todo estava completamente tomado pelos membros do novo exército de Lúcifer, de modo que não havia para onde escapar. E, para piorar a situação, os caças, a cada rasante, despejavam novas cargas explosivas sobre a montanha.

A visão era aterradora. E as circunstâncias, desesperadoras.

— E agora? – Leon indagou, procurando pelo jatinho do Arcanjo.

Mas, em seu lugar, encontrou somente um monte de ferro retorcido. O *Learjet* fora atingido e ardia em chamas. E, com ele, queimava-se também a última e derradeira esperança de eles saírem vivos daquele inferno.

— E agora? – Duke repetiu desolado, a pergunta do inglês. – Como é que vamos sair daqui?

— A espaçonave – Othoniel apontou. – Corram para a nossa nave!

Com o sangue fervilhando nas veias, o velho cientista ethernytiano, impelido por uma nova descarga de adrenalina, disparou a correr em desabalada carreira em direção à espaçonave, que, apesar do intenso bombardeio que continuava a agredir, sem trégua, o platô, surpreendentemente, e contrariando todas as expectativas, permanecia intacta.

— O seu campo de força eletromagnético a protegeu das explosões até agora – esclareceu ele, enquanto corria, percebendo a confusão nos olhares dos humanos. – É uma tecnologia bastante velha e ultrapassada, mas que ainda funciona!

* * * * *

April Heinfield corria o mais depressa que podia, com o menino que salvara em Londres nos braços. Para onde? Nem imaginava. Apenas seguia os anjos e humanos que se auto-intitulavam os guerreiros da luz.

Pela terceira vez, a segunda naquela mesma noite, o mundo desabava ao redor dela. Primeiro, a destruição de Londres, há duas noites. Depois, poucas horas atrás, a dor que a médica sentira pela perda definitiva de seu salvador, o corajoso motorista do "Ônibus da Salvação", Erick Baker, que não resistira às graves queimaduras que lhe cobriam a maior parte de corpo, vindo a falecer. E agora, a montanha, ou melhor, o mundo todo parecia explodir a sua volta.

Mas, apesar de tudo, o desespero que a dominava também funcionava como o combustível que a impelia a seguir os anjos e humanos que, com as suas espadas de lâminas azuis, abriam o caminho à força, entre as fileiras demoníacas.

Dois deles já haviam tombado. Entretanto, ainda restavam doze, mais os cinco humanos, que lutavam em igualdade de condições, ao seu lado. O grupo cruzou por uma pequena ponte de madeira sobre um lago de lama e barro, ao longo do qual se erguiam os escombros de uma antiga muralha. Só então, a médica descobriu para onde eles estavam indo, e precisou controlar-se para não cair de costas ante a inusitada e surreal visão da espaçonave. Estivera tão preocupada com Erick, que não a notara antes. Por toda a sua vida, escutara falar de pessoas que tinham visto, outras que afirmavam ter estado no interior, ou que apenas acreditavam na sua existência, e outras ainda que desacreditavam completamente...

Mas agora, ali no platô, à sua frente, indiscutivelmente encontrava-se um deles: um legítimo e real disco voador!

Ao aproximarem-se dele, uma rampa em forma de escada baixou até o chão, ao mesmo tempo em que uma intensa luz emanou do seu interior, iluminando todo o platô à frente deles. Dos anjos, apenas dois entraram no estranho objeto, seguidos pelos cinco guerreiros humanos e pelos sobreviventes de Londres. April foi a última. Hesitou diante da escada por um segundo, mas, vencida pela curiosidade, e na ânsia de escapar da morte, também entrou.

Os anjos que ficaram no platô, passaram a lutar violentamente a fim de manter os demons afastados e, só depois de um tempo, também embarcaram na espaçonave, no que a rampa começou a subir. Com suas mortíferas flechas, Angelina e outros três arqueiros encarregavam-se de impedir uma escalada inimiga para o interior da astronave, quando a mesma, sem prévio aviso, estremeceu, erguendo-se do chão, em meio ao poderoso rugido

de seus motores e envolta em uma espessa nuvem de poeira e fogo, que subitamente envolveu e calcinou a todos os demons que ousaram aproximar-se um pouco mais da rampa, ainda em elevação.

O ronco ficou mais forte e, num instante, eles ganharam o céu. Pelas frestas da rampa, os que olhavam, ainda puderam vislumbrar a forte explosão que decretou o fim da Fortaleza da Montanha. Um míssil de alto teor explosivo atingira em cheio o que restava da sua estrutura de sustentação. A montanha inteira estremeceu e, como um frágil castelo de areia, desmoronou sobre si mesma. Em segundos, o lugar onde antes funcionara a principal base de operações dos anjos na Terra, deixara de existir, transformando-se em desmesurados e disformes montes de pedras e terra revolta, resultantes da forte implosão a que fora submetido. Foi quando April sentiu que a nave ligeiramente enveredava para a direita, até perfazer um meio círculo no ar.

De repente, uma série de silvos se fez ouvir, como se fossem tiros, precedendo a sucessivas explosões, que a médica inglesa não podia ver de onde estava, mas julgava ser dos aviões e helicópteros dos demônios.

* * * * *

Thomas entrou em um compartimento semelhante a um depósito de carga vazio e seguiu os cientistas por uma pequena porta, depois, por um corredor estreito, até à ponte de comando da nave. Por onde passava, ele reparou que as paredes reluziam e brilhavam, como se fossem feitas de diamantes. O teto e a parede frontal da ponte de comando eram constituídos de um material sintético e refratário, e ostentavam ainda uma claraboia com vidro transparente, através da qual se tinha uma excelente visão de tudo o que acontecia em volta do veículo.

Othoniel e Nizael se sentaram à frente do que parecia o painel de controle, onde diodos de formatos geométricos diversos brotavam de uma espécie de metal escuro e opaco. E, entre eles, sobressaíam-se por volta de uns trinta hieróglifos em alto-relevo, cada qual relacionado a um diodo específico, a uma alavanca, marcador de leitura ou botão, todos iluminados por luzinhas internas coloridas.

Leon aproximou-se, extasiado com tudo aquilo. Expert que era, em aeronaves de todos os tipos e modelos, ele sentia uma indescritível emoção pelo fato de encontrar-se no interior de um verdadeiro "*VED*" (no jargão militar aeronáutico: Veículo Extraterrestre Dirigível).

— Ativar motores de manobra e decolagem – Othoniel ordenou.

Nizael acionou alguns diodos e ouviu-se um som rítmico e constante.

De repente, o ruído aumentou de intensidade. E eles sentiram a nave flutuando livremente, centímetros acima do chão.

— Motores a toda força. Decolar! – o anjo cientista comandou.

Os guerreiros da luz sentiram um nó no estômago, enquanto a nave se elevava e arremetia com força para o alto. Olhando através do domo translúcido, eles observaram as espessas nuvens de pó e fogo emanando dos vários foguetes de propulsão nuclear, situados sob e sobre o veículo. E, em questão de poucos segundos, o *VEP*, (no jargão militar ethernytiano: Veículo de Exploração Planetária), atingia o céu tempestuoso da África, dividindo espaço com os raios e trovões que o dominavam.

— Uau! – Duke exclamou, ao ingressar na ponte de comando. – Eu não acredito que estamos voando num disco voador de verdade!

— Radares de aproximação ativados. Alvos móveis identificados e enquadrados. – Nizael declarou.

— Ativar sistemas de armas central e periférico – Othoniel ordenou.

— Sistemas central e periférico ativados.

— Destruir alvos!

A espaçonave estremeceu e, através do material transparente da claraboia, os Escolhidos observaram, boquiabertos, aos múltiplos fios avermelhados que partiram da nave em todas as direções, acompanhados por fracos zumbidos. Cada laser tinha como destino um alvo específico, de forma que, um a um, os helicópteros dos demons foram explodindo, até que, segundos depois, não se via mais nenhum. Foi quando os três aviões retornaram, disparando vários mísseis contra a espaçonave.

— Ativar escudo eletromagnético! – Othoniel gritou.

— Escudo ativado – Nizael respondeu.

Os mísseis vieram, mas explodiram, bem antes de atingirem a couraça da nave.

— Enquadrando novos alvos – Nizael declarou, com os dedos deslizando agilmente sobre os diodos. – Pronto. Alvos enquadrados.

— Fogo neles! – Duke gritou empolgado, enrubescendo logo em seguida, diante dos olhares de reprovação dos cientistas e dos companheiros.

Simultaneamente, três novos raios vermelhos vararam os céus, abrindo caminho através da implacável tempestade, para, de forma precisa e calculada, alcançarem os caças romenos, que a exemplo dos helicópteros, também se desintegraram em pleno voo, transformando-se em volumosas esferas flamejantes.

Foi tudo muito rápido, menos de um minuto e meio, desde a decolagem. Mas a ação, em si, ainda não havia terminado. Pelo contrário, estava apenas começando...

O *VEP* enveredou para a direita, direcionando os seus canhões lasers para o platô, e

através deles, fez uma varredura completa por todo o cume das Montanhas Mitumba. Os demons inferiores sobreviventes das explosões das aeronaves que planavam sustentados por paraquedas ou pelas próprias asas, no caso dos superiores, assim como todos os que estavam no solo, viram-se, de súbito, em meio ao fogo cerrado. E, em poucos segundos, graças ao eficaz sistema de captura de alvos eletronicamente controlado da espaçonave, absolutamente nenhum escapou dos raios da morte.

— Putzgrila! – Leon exclamou perplexo. – Isso sim é que é poder de fogo!

— Realmente, é um sistema bastante eficaz – Othoniel declarou. – Entrementes, não se iludam: os demons não morrem pelos lasers. Logo eles estarão regenerados!

— Não se acabarmos com eles, antes disso acontecer – Thomas disse. – Vamos até lá. Pouse esta coisa, agora!

— É muito perigoso... – o cientista contrapôs-se à ideia do agente.

— Thomas tem razão – Gabriel aproximou-se, ajeitando o tapa-olho. – Devemos aproveitar a oportunidade que se nos revela! Pousem a nave e nos deixem acabar com eles, enquanto é tempo.

Os cientistas iniciavam o procedimento de pouso do *VEP*, quando os guerreiros da luz, de espadas em punho, reuniram-se aos demais anjos, no compartimento de carga da astronave. E, assim que tocaram o solo e a rampa móvel começou a descer, eles voaram ou correram para fora, penetrando na tempestade, atrás de vítimas para o *criometal* de suas armas.

Praticamente inexistiu qualquer tentativa de reação por parte dos demônios, que foram, um a um, friamente executados, enquanto que se regeneravam dos ferimentos provocados pelos poderosos lasers do *VEP* ethernytiano.

Pouco depois, já de volta à nave, os encharcados guerreiros da luz reuniram-se mais uma vez no centro de comando do veículo. E, enquanto os demais enxugavam-se, o Arcanjo foi ter com os dois cientistas.

— E então... – Othoniel quis saber. – Podemos seguir para a base na Antártida?

— Eu acredito que sim – Gabriel concordou. – Já está na hora de conhecermos a nossa nova base, uma vez que a Fortaleza da Montanha foi completamente destruída.

— Ainda não – Sarah objetou. – Antes de seguirmos para a Antártida, há algo, de caráter urgente e inadiável que precisamos fazer em Nova York. Othoniel, a América é o nosso destino. Leve-nos o quanto antes para lá, pois dispomos de menos de quatro horas para evitar uma terrível catástrofe global!

— E o que você tem em mente? – o Arcanjo encarou-a curioso.

— Recrutar o nosso exército para a Batalha Final! – respondeu ela, enigmática.

# CAPÍTULO XXIX

O termo "*Nações Unidas*" foi usado pela primeira vez durante a 2ª Guerra Mundial pelos, então, presidente americano Franklin Roosevelt e o primeiro-ministro britânico Winston Churchill, em referência aos Aliados. Porém, somente ao término da guerra, em 24 de outubro de 1945, a Organização propriamente dita seria fundada, com o objetivo de intervir em conflitos internacionais e evitar novas guerras, além de fomentar a paz, a igualdade social e o desenvolvimento econômico global. A sua sede, situada em Nova York, existente graças à fabulosa doação de 8,5 milhões de dólares pelo americano John Rockefeller Jr., cuja área ocupa sete hectares, em *Manhattan*, à beira do *East River*, é considerada zona internacional, com direito, inclusive, a selos e correio próprios.

Pensando em tudo isso e na soberba atuação da ONU ao longo desse mais de meio século de sua existência, em defesa constante dos princípios fundamentais e básicos da igualdade, da justiça e fraternidade e em detrimento de toda e qualquer restrição à liberdade, o atual presidente americano David Fynch, em sua concepção, jamais poderia sequer cogitar a imagem de uma rendição mundial. Algo dentro dele dizia-lhe que a aceitação dos termos impostos pelo Senhor e Líder dos Demônios somente arrastaria a humanidade a um destino sem volta de escravidão e sofrimento eternos. E isso, sem dúvida alguma, seria deveras e infinitamente pior do que a morte.

Ele não compreendia como é que grande parte dos seus colegas chefes de estado e seus representantes não enxergavam isso. Alguns deles, inclusive, discursavam a favor da rendição incondicional e total, sem ao menos, pesar as consequências que poderiam advir de tal ato. Em contrapartida, que se haveria de fazer? Lutar contra Lúcifer e o seu exército imortal e indestrutível de demônios? Seria loucura, para não dizer suicídio. Aguardar por algum milagre salvador? Ingenuidade. Fugir? Inútil, posto que não haveria lugar seguro na Terra, onde pudessem esconder-se para sempre. E então, o que fazer? Que decisão tomar? Qualquer uma, desde que não fosse a rendição.

A humanidade não podia entregar-se assim, numa maldita bandeja de prata, aos vis e sórdidos propósitos de dominação de Lúcifer. Pelo menos, não sem antes lutar, não sem antes tentar fugir desse destino cruel e devastador, que, a longo prazo, implicaria em sua total aniquilação.

Sim, David J. Fynch sabia, no recôndito de sua alma, que, no fundo, era isso que os demons planejavam: o total extermínio da raça humana! Porém, o tear do destino já não estava mais em suas mãos. Os discursos encerravam-se, e a votação final logo começaria.

Foi então, num ato inusitado e de uma fé há muito esquecida, que ele orou para que Deus, se realmente existisse, iluminasse as mentes daqueles homens e mulheres, que dentro de alguns minutos decidiriam o futuro de toda a vida na Terra...

* * * * *

Deslumbrados com a avançadíssima tecnologia da espaçonave dos anjos cientistas, Leon e Duke entrevistavam os cientistas, que espontaneamente respondiam a todas as suas perguntas.

— E como funciona o sistema de propulsão? – o piloto inglês indagou.

— Propulsão por íons – Othoniel explanou. – Os foguetes retiram a sua energia de um reator nuclear compacto, do tipo "fissão atômica", que, através de pequenas explosões termonucleares, provocadas por ignição a laser e por elétrons relativistas, transformam o combustível fóssil, baseado em hélio-três e deutério, em energia pura.

— Nossa! – Duke exclamou, sem entender bulhufas. – E a que velocidade esse troço pode chegar?

— No máximo, a 100 km/seg, com uma autonomia de voo para cerca de dez a doze mil horas ininterruptas – Nizael esclareceu.

— Mas isso não a torna capaz de perfazer uma viagem interplanetária, como a que vocês empreenderam de *Ethernyt* à Terra – Leon argumentou.

— Obviamente que não – Nizael concordou. – Cumpre saber, meu amigo, que esse é apenas um módulo de exploração planetária, uma parte menor, da nave-mãe que nos trouxe à Terra. Ou melhor, das cinco naves-mães nas quais atravessamos o cosmos, em nossa longa viagem a este belo planeta, e que, infelizmente, foram destruídas durante a rebelião dos demons, prendendo-nos para sempre neste mundo. Não fosse por isso, já teríamos retornado a *Ethernyt*, há milênios atrás...

— Existem mais desses veículos exploradores? – Leon interpelou.

— Sim, apesar de tudo, salvamos uma dúzia deles. Três ficaram com o Arcanjo e os Guardiões e os outros nove seguiram conosco para a Antártida.

— E quanto às naves-mães, elas atingiam velocidades ainda maiores do que os 100 km/seg? – Duke indagou incrédulo.

— Certamente – o anjo cientista assentiu. – Para que vocês entendam melhor, em uma fusão nuclear por íons, como a que propulsiona este *VEP*, apenas 0.3 por cento da massa fóssil é transformada em energia. O restante perde-se durante o processo de fissão. Já em uma nave-mãe, este processo acontece em uma escala muito menor, por meio da fusão entre posítrons e elétrons, de maneira que, sem perdas, praticamente toda a massa

fóssil seja revertida em energia pura.

— Resumindo – Nizael complementou –, o reator de uma nave-mãe condensa a matéria com a antimatéria, promovendo uma fusão recíproca de ambas, e evitando assim, desperdícios de energia.

— Dessa forma, podemos atingir velocidades muitas vezes superiores à própria velocidade da luz – Othoniel redarguiu. – Afetando também a autonomia de voo que, no espaço cósmico, e sem a interferência das ações da gravidade e da desaceleração, acaba se multiplicando em alguns milhares de vezes.

— E por que é que vocês não utilizam esta mesma tecnologia nos módulos de exploração planetária? – Leon mostrou-se interessado.

— Simplesmente pelo fato comprovado de que, pelo seu tamanho reduzido, eles não suportariam os efeitos de uma fissão tão poderosa, e se desintegrariam em pleno voo!

— Entretanto, mesmo com toda essa tecnologia à disposição, eu acredito que a sua viagem à Terra deva ter sido bastante longa – Leon ponderou.

— Realmente. Foram cerca de quatrocentos e vinte mil anos terrestres – o anjo respondeu.

— Mas vocês não possuem uma expectativa de vida de cem mil anos, apenas? – o piloto inglês pôs em xeque a explicação recebida. – Como, então, pode ser possível tal viagem de quatrocentos e vinte mil anos?

— Ela torna-se perfeitamente viável, se levarmos em consideração os efeitos da dilatação do tempo – Othoniel esclareceu.

— Dilatação do tempo? – Duke franziu as sobrancelhas.

— Desde há muito, a ciência humana comprovou algo que nós já conhecíamos há milhares de anos atrás: que em voos interestelares, a altíssimas velocidades, o tempo pode ser manipulado mediante a aceleração e a energia.

— Não entendi nada... – o americano coçou a cabeça.

— Vou tentar explicar: no interior de uma astronave, constantemente acelerada em 1G ou mais, o que equivale a mais ou menos 9,81 m/s², e frenada também a 1G, o tempo transcorre em ritmo bem mais lento do que nos respectivos planetas de origem e de destino daquela tripulação.

— Ou seja – Nizael acrescentou –, em uma longa viagem interplanetária, nessas condições específicas de aceleração e frenagem, verificam-se as seguintes dilatações do tempo, entre a tripulação a bordo da nave e os seus respectivos planetas de origem e destino: dez anos na espaçonave, correspondem a vinte e quatro anos nos planetas; vinte anos na espaçonave, a duzentos e setenta nos planetas; da mesma forma que trinta anos na espaçonave, a três mil e cem nos planetas; e assim progressivamente, até chegarmos à

máxima de cinquenta anos na espaçonave, para quatrocentos e vinte mil nos planetas em questão. Como vocês podem ver, a dilatação do tempo expande-se de forma progressiva e proporcional à aceleração.

— Resumindo – Othoniel completou a explanação. –, a longa viagem, que para nós demorou apenas cinquenta anos, custou cerca de quatrocentos e vinte mil, tanto para a Terra quanto para *Ethernyt*!

— Então, quer dizer que todos os que vocês conheceram no seu mundo, quando da sua chegada à Terra, já estavam mortos?

— Infelizmente sim – o cientista assentiu, com a voz embargada. – Foi com os seus descendentes que nós mantivemos contato, por milênios a fio, até o estourar da rebelião, quando toda a comunicação com o nosso planeta de origem foi subitamente cortada.

Perplexos com a aula de tecnologia espacial e física quântica, os dois humanos não conseguiam exprimir em palavras o quanto estavam deslumbrados e ao mesmo tempo chocados.

Foi quando uma luzinha verde acendeu-se no painel.

— Chegamos – Nizael anunciou. – Estamos sobrevoando Nova York!

E então, os guerreiros da luz vislumbraram, ao longe, a maior cidade do mundo, resguardada e protegida pelo seu símbolo maior: a *Estátua da Liberdade*. A dama de cobre com a tocha erguida, do alto dos seus cinquenta e sete metros de altura e suas duzentas e vinte e cinco toneladas de peso, encarava-os friamente de *Lybert Island*, na parte superior do porto de *NY*.

Nenhum deles jamais conseguiria explicar exatamente o porquê, mas diante das atuais circunstâncias, o monumento máster da democracia e da liberdade, doado pela França imperial, e inaugurado em 28 de Outubro de 1886, adquiria novas nuances e conotações, por vezes sombrias e ameaçadoras.

* * * * *

Com as primeiras luzes da manhã, começaram a partir os helicópteros e aviões de transporte, transportando os milhões de prisioneiros, procedentes das seis metrópoles europeias arrasadas pelos demônios.

Destino: a Romênia.

Por ordem de Lúcifer, o país havia se convertido em uma centena de campos de concentração, destinados a receber os humanos e transformá-los em novos demons.

Em uma daquelas aeronaves, seguia Magog, o cientista dos demons, extremamente satisfeito e exultante com o andamento das coisas até o presente momento.

“Lúcifer realmente é um exímio estrategista” – pensava ele.

O seu líder herdara esta importante qualidade do pai. Sim, ele pensara em tudo: previra que os humanos revidariam ao ataque a Londres, e, mais cedo ou mais tarde, seria necessária uma demonstração de força para obrigá-los a cair na real. Para tal, o senhor e líder dos demônios deixara outras cinco metrópoles predestinadas à aniquilação. Previra cada fiapo de reação dos governantes da Terra. E, chegado o momento, todas foram destruídas, aumentando o contingente de espécimes para ele trabalhar.

Lúcifer mandara erigir os campos, já prevendo que desse aniquilamento coletivo e simultâneo decorreria um incomensurável número de prisioneiros, que, por uma série de razões, não poderia ser mantido em suas cidades natais. Primeira: não havia ainda demônios suficientes para controlar de maneira eficaz e simultânea todas as cidades. Segunda: se aparentemente não houvesse sobreviventes, a comoção mundial gerada pelos ataques seria muito maior. E terceira: ele, Magog, precisava de um bom número de cobaias para poder testar e concluir as suas experiências, em prol de uma nova fórmula capaz de aumentar o rendimento do soro biológico em algumas dezenas de vezes.

Antevendo tudo isso, o líder dos demons ordenara a construção dos campos de concentração na Romênia.

– Campos de concentração, não... Fábricas para a produção em massa de novos soldados – concluiu, em voz alta e sorridente, o velho demônio.

Magog não podia negar que a ansiedade em começar logo com as suas pesquisas o corroía por dentro. E, talvez por isso, não via a hora de desembarcar em Bucareste, antigamente a capital e maior cidade do país; e atualmente, o maior campo de todos, de onde ele, como o principal cientista dos demons, comandaria todos os outros.

E o melhor de tudo: a guerra mesmo, ainda nem começara...

* * * * *

No céu de transparência interminável, o sol tornava-se cada vez mais ardente e altivo, transbordando a sua luz e energia sobre a gigantesca metrópole construída no arquipélago à foz do *Rio Hudson*, no nordeste dos EUA. Mesmo àquela hora da manhã, um turbilhão de pessoas já circulava pelas ruas.

Era como se a cidade houvesse se transformado, repentinamente, em um gigantesco e movimentado formigueiro humano. E na estação da *Linha Sete* do metrô, a situação não era diferente. Parecia até que os oito milhões de nova-iorquinos estavam ali. A aglomeração de pessoas alcançava níveis sufocantes, de modo que não havia espaço para uma mosca sequer no meio daquele enxame humano.

E, mesmo assim, os seis conseguiram, logo na primeira tentativa, embarcar num trem completamente lotado, rumo à *Grand Central Station*. Devidamente disfarçados, e inteiramente cônscios da complexa, mas relevante e significativa missão que tinham pela frente, nenhum deles, por todo o trajeto, abriu a boca.

Fazia um tempo que haviam desembarcado da espaçonave, assim que os anjos a pousaram envolta numa nuvem artificial, produzida a partir de vapores de água, em um terreno baldio nos arredores da cidade.

Tomando todas as precauções cabíveis e necessárias para não serem descobertos, eles seguiram camuflados pelas sombras e pelos compridos capotes negros, em direção à estação da *Linha Sete* do metrô, onde haviam tomado o trem para Manhattan.

Leon, Duke, Sarah, Nizael, Uriel e Micael saltaram na *Grand Central Station*, e prosseguiram, caminhando pela *42nd Street*, no sentido norte, até a *First Avenue*. E, de repente, lá estava ele: o seu destino final.

Entre o cruzamento da *First Avenue* com a *46th Street*, erguia-se o imponente e majestoso prédio da ONU.

* * * * *

Enquanto isso, no outro lado do mundo, dois meninos relativamente pequenos e assustados observavam, ocultos pelo mato alto, o pouso dos primeiros aviões de carga, trazendo novos prisioneiros ao recém-inaugurado campo de concentração de Borsec.

Seus nomes: Calin e Traian Taricescu...

# CAPÍTULO XXX

Os guerreiros da luz pararam em frente aos jardins da ONU, ornamentados com mais de vinte e cinco tipos de rosas, entre as diversas e monumentais estátuas doadas por países como a Iugoslávia, Luxemburgo e Japão, simbolizando os princípios gerais da organização: não violência, trabalho e paz.

De imediato, um soldado, pertencente ao quadro dos boinas azuis, escalado para fazer a segurança do prédio, veio ao seu encontro.

— Desculpem – disse ele. – Mas todas as visitas de hoje foram canceladas. Por favor, retornem outro dia.

— E quem te disse que estamos interessados em fazer visitas? – Duke exclamou sorridente, ao tempo em que os três anjos deixavam cair ao chão, os seus compridos casacos.

Ao ver as enormes asas angelicais brotarem das costas deles, o boina azul recuou alguns passos, visivelmente assustado e procurando pela pistola, enquanto três dos seus colegas corriam para os jardins, com os fuzis prontos para entrar em ação.

Sarah já esperava por uma reação desse tipo. Limitou-se a erguer ambas as mãos à frente do corpo com as palmas voltadas para os soldados. E, fechando os olhos, fez emanar delas um facho luminoso, que cegou-os momentaneamente e, ato contínuo, arrancou as armas de suas mãos, sem que um único tiro fosse disparado.

Os guerreiros da luz adiantaram-se e as recolheram do chão.

A visão dos soldados restabeleceu-se, e eles se viram rodeados pelos estranhos seres alados e seus amigos.

— Perdoem-nos por esse pequeno inconveniente. Apenas não queremos mais um derramamento de sangue desnecessário – Uriel desculpou-se. – Estamos aqui em missão de paz. E não pretendemos fazer-lhes nenhum mal.

Micael, Duke e Barrabás avançaram e, sob os olhares apavorados dos soldados, eles gentilmente devolveram-lhes as armas.

— Q-quem... Ou melhor, o que são vocês? – um deles indagou, com voz afetada.

— Somos aquilo que vocês conhecem por anjos – Micael esclareceu.

– O oposto dos desgraçados que destruíram Londres e as demais cidades...

— E cá estamos, como vossos aliados e contra eles! – Uriel expôs.

* * * * *

Na câmara do Conselho de Segurança da ONU, a votação transcorria de forma bastante tumultuada. A cada voto, explodiam inflamadas manifestações contrárias e a favor da opinião expressada, fazendo-se necessária, por diversas vezes, a intervenção do secretário-geral da entidade, a fim de aplacar os ânimos dos mais exaltados e de dar prosseguimento ao processo. Os votos e as opiniões dos líderes dos 192 países membros daquele conselho, e seus representantes, eram acompanhados pelos demais com tradução simultânea, em qualquer dos seis idiomas oficiais da ONU: inglês, francês, espanhol, russo, chinês e árabe, propiciando aos presentes um fácil e claro entendimento do que era dito.

Preocupado, David J. Fynch acompanhava atentamente o telão, onde cada novo voto era eletronicamente computado, somando-se aos anteriores. O resultado, ainda que parcial, acusava para uma esmagadora maioria a favor da rendição e apenas uns poucos contra ela. No fundo, o presidente americano sabia que não podia culpar seus colegas por isso.

Todos eles haviam assistido ao frustrado ataque a Londres, no qual milhares de soldados perderam suas vidas, diante de um inimigo poderoso e imortal. E o pior: horas depois, assistiram à total aniquilação de cinco das maiores metrópoles da Europa, conjuntamente ao extermínio em massa das suas populações. Talvez fosse por isso e, principalmente, motivados pelo medo de as suas nações se tornarem as próximas da lista, por razões de cunho religioso, ou pelas sensações de impotência e fragilidade diante de tal inimigo, que eles optassem em não desafiar os demônios, em detrimento da própria liberdade e da de seus povos.

Todos estavam cientes do que aconteceria após a rendição mundial se concretizar: a escravidão e o sofrimento que consequentemente adviriam de tal ato; e também, o fato de que, em um futuro próximo, aquilo poderia implicar até mesmo na completa extinção da raça humana. Todavia, o que poderiam eles, simples mortais, fazer contra as criaturas das trevas? Seres sobrenaturais que desconheciam a morte? Qual a probabilidade de sucesso em um embate entre homens comuns e os demônios expelidos das próprias entranhas do Inferno?

“Nenhuma” – remoeu David, desacorçoado.

Talvez os seus adversários naquela caótica eleição é que estivessem com a razão. Foi quando, pela primeira vez, ele cogitou a ideia da rendição.

Inexplicavelmente, a possibilidade já não soava mais tão absurda e, tampouco, inconcebível. Contudo, algo dentro de si insistia em rejeitá-la, como se o advertisse que aquele não era o melhor caminho a percorrer.

A votação encerrou-se.

Placar final: 153 votos a favor, e apenas 39 contra a rendição.

Com o olhar cansado e voltado a ele, o secretário-geral da organização preparou-se para a transmissão que, via satélite, anunciaria aos quatro cantos do planeta a total aceitação e submissão das nações da Terra ao Império das Trevas de Lúcifer.

Consciente de que os ideais, pelos quais batalhara a vida toda, desintegravam-se diante dele, David Fynch abaixou a cabeça e fechou os olhos, aguardando as palavras que selariam o início de uma fase negra e sombria para a humanidade.

Mas elas nunca vieram. O único pronunciamento que ele ouviu foi o da Providência Divina, em resposta às suas preces. Um pronunciamento infinitamente mais forte e abrasador do que mil vozes juntas, fundamentado no inesperado e absoluto silêncio que ecoou sibilante e inquietante por toda a Câmara do Conselho de Segurança.

Envolvido pela súbita calmaria, David tornou a abrir os olhos e a erguer a cabeça, reparando que todos, sem exceção, olhavam atônitos em direção às enormes portas do salão. Instintivamente, também ele dirigiu o seu olhar para lá, e o que viu deixou-o, a exemplo dos demais, completamente sem fala, boquiaberto, confuso e perturbado a ponto de suspeitar que estivesse vendo coisas.

Entre as portas escancaradas, encontravam-se seis inusitadas figuras, escoltadas por vários boinas azuis. Três pareciam-se com pessoas comuns; mas eram as outras três que atraíam a atenção de todos que se encontravam no salão, graças aos enormes pares de asas que ostentavam, cujas plumagens refletiam em três cores distintas: branca, cinza-chumbo e azul-petróleo.

— Jesus Cristo! – David J. Fynch exclamou perplexo, fazendo o sinal da cruz, e relembrando instantaneamente tudo o quanto sabia, ou que escutara, a respeito daqueles imponentes seres – Isto é inacreditável... S-são anjos de verdade?

— Tão reais quanto qualquer um de nós. – o general Frank Simmons soprou em seu ouvido.

* * * * *

Mesmo em trajes comuns, sem as reluzentes armaduras e os elmos, eles sabiam que o impacto visual que causavam era arrebatador. Sem perda de tempo, dirigiram-se ao palanque dos discursos.

Enquanto caminhava pelo salão, ao lado de um soldado claramente apreensivo e que não afastava os olhos dos anjos, nem por um milésimo de segundo sequer, Duke sorria, de peito estufado e orgulhoso de si mesmo, abanando para os presentes, que, por

sua vez, não prestavam nenhuma atenção nele.

— Eu sei bem o que você está sentindo – falou ao soldado. – Na primeira vez em que vi esses caras, também quase me borrei nas calças...

O boina azul limitou-se a dar um singelo olhar em sua direção, ao que o americano subentendeu como um incentivo para prosseguir com o monólogo.

— Você não precisa ter medo. Eles são meio esquisitos, mas, no fundo, até que são uns sujeitos legais.

Alcançaram o palanque. Nizael separou-se deles e dirigiu-se ao microfone.

— Senhoras e senhores... Meu nome é Nizael. E estes são Micael e Uriel – ele falou, apontando para os outros dois seres alados. – Como vocês já devem ter percebido, somos anjos, no sentido literal da palavra. Eu sei que essa nossa súbita aparição deve ter-lhes causado, além de um terrível susto, certa dose de inquietação a respeito do que queremos.

Algumas cabeças assentiram.

— Sosseguem os vossos espíritos, pois o nosso objetivo aqui é comum ao seu: nós desejamos tão somente libertar o planeta da atual ameaça que o assola, representada por Lúcifer e o seu amaldiçoado exército de demônios!

Escassos sorrisos delinearam-se em alguns rostos, cujos donos, sentindo a brisa da esperança soprar novamente naquele deserto de trevas, permitiram-se até um que outro "Graças a Deus", "Aleluia", "Até que enfim".

— Mas, para isso, faz-se necessário que a nossa história seja ouvida com muita atenção, já que nela encontram-se as respostas para quase todas as perguntas que os senhores seguramente devem estar se fazendo e, também, para a maioria das dúvidas e questões que ainda nem foram estabelecidas, mas que, certamente, após o meu relato, o serão.

E, sob os olhares incrédulos e atônitos dos presentes, o cientista, auxiliado pelos outros dois companheiros, narrou resumidamente toda a fascinante história dos anjos, desde a sua origem em *Ethernyt* até os últimos acontecimentos.

— E agora que os senhores já sabem a que viemos, que ainda existe a esperança de um futuro e, principalmente, que nosso inimigo comum não é invencível e, muito menos, imortal, sugiro que uma nova votação seja realizada, e cujo tema central deixe de ser a rendição global e passe a consolidar-se numa possível aliança militar entre a humanidade e o exército ethernytiano, para que, juntos, tenhamos condições de enfrentar a Lúcifer e ao seu exército.

Ninguém objetou. E, em menos de meia hora procedeu-se a nova eleição, cuja disposição, agora livre dos temores de antes, fez-se unânime e a favor da aliança com os anjos.

Nizael, Uriel e Micael, com o auxílio de Sarah e do secretário geral da entidade, elegeram dez representantes dentre os 192 líderes de estado presentes, com os quais se reuniram, isoladamente, num espaço anexo à Câmara do Conselho de Segurança, a fim de passar-lhes as instruções do que fazer e de como deveriam proceder, a partir de agora.

David J. Fynch, obviamente, encontrava-se entre eles...

* * * * *

Enquanto aquela reunião acontecia na ONU, uma outra reunião realizava-se a bordo da espaçonave dos cientistas, cuja posição, no momento, acusava algum ponto sobre o Oceano Atlântico. Participavam dela: Othoniel, Gabriel, Kamael, Angelina, Thomas, Desirée e Barrabás, os únicos remanescentes a bordo, uma vez que os outros, incluindo os sobreviventes de Londres, haviam desembarcado em Nova York.

— Vocês vão, ou não, dizer o que está acontecendo? Ou pelo menos, para onde nós estamos indo? – Thomas repetiu a pergunta.

— Está bem – o Arcanjo suspirou, encarando-os através do tapa-olho de couro. – Ao findar a segunda guerra contra os demônios, com o advento da Profecia do Armageddon, e assim que tomamos ciência de que Lúcifer e seu séquito infernal haviam sobrevivido, resolvemos adotar uma série de medidas de segurança, visando, além de preparar-nos para a grande batalha do final dos tempos, a proteger o nosso povo de possíveis ataques. Em face disso, escolhemos um local ermo, aonde construímos um novo lar para os nossos irmãos ethernytianos, mantendo-o completamente isolado do mundo, em compensação, a salvo e bem longe dessa guerra de sombras, na qual estivemos envolvidos durante todos esses milênios.

— Uma cidade dos anjos? – Desirée interpelou estupefata. – Nós estamos indo para uma cidade dos anjos, é isso?

— Digamos que se trata de algo um pouco mais complexo do que uma simples cidade – Gabriel declarou, anuindo enigmático.

— O que é que você quer dizer com isso? – Thomas quis saber, com a já familiar pulga atrás da orelha que sempre aparecia quando o brasileiro suspeitava de que não estavam lhe dizendo a verdade por inteira.

O Arcanjo abriu a boca para responder, quando foi bruscamente interrompido por Othoniel.

— Chegamos – o cientista declarou solene.

— Chegamos onde? – Thomas o encarou encafifado, erguendo as sobrancelhas. – Não existe absolutamente nada por aqui, além de céu e mar...

— De fato – Barrabás concordou, debruçando-se sobre o domo translúcido, que fazia às vezes de parabrisa para o disco voador. – Não estou vendo cidade nenhuma!

— Não é porque seus olhos não a enxergam, que ela não exista – o cientista alegou. – Segurem-se!

— Mas, que diabos... – Thomas mal teve tempo de agarrar-se a uma pilastra que ia do chão ao teto do veículo, quando Othoniel acionou o piloto automático, que, atraído pelo campo eletromagnético emitido pela hipotética cidade dos anjos, arremeteu a nave violentamente para baixo.

Naquilo, o *VEP*, ainda envolto pela nuvem artificial que o camuflava, girou num ângulo ascendente, perpendicular ao mar e ao céu, perfazendo 180 graus sobre si mesmo, para então, voltar-se para baixo e mergulhar bruscamente nas águas salgadas do Oceano Atlântico. O choque repentino contra as águas do mar pintou a claraboia frontal do disco com um turbilhão de bolhas e bolsões de ar, que, por intermináveis trinta segundos, obscureceu completamente a visão do mundo exterior.

Gradualmente, as bolhas de ar foram se dissipando e, em seu lugar, a extasiante paisagem submarina do Oceano Atlântico relevou-se, iluminada pelos potentes faróis subaquáticos da espaçonave, num indescritível espetáculo de beleza e cores, estrelado pelo riquíssimo e diversificado ecossistema marinho.

Cardumes de peixes de múltiplas cores e tamanhos dançavam de um lado para o outro, em meio a tubarões, baleias, golfinhos, crustáceos e toda a sorte de animais e plantas oceânicas.

Os três anjos, à exceção de Angelina, talvez por já terem vivido aquela experiência inúmeras vezes antes, não se mostravam tão extasiados quanto a ex-cafetina e o trio de humanos, que permaneciam grudados no domo transparente da nave, admirando e observando maravilhados aqueles encantos submarinos. E a cada baleia, golfinho, coral ou tubarão que cruzava por eles, rumo às profundezas do oceano, o êxtase aumentava.

Foi quando os emudecidos espectadores do fascinante espetáculo da vida marinha vislumbraram, ao longe, uma minúscula luzinha, que, à medida que se aproximavam, parecia aumentar de tamanho.

De repente, não era uma, e sim duas luzinhas. Depois, três, quatro... E, assim por diante, misturando-se umas às outras, numa verdadeira miscelânea de cores.

Ao atingirem os seis mil metros de profundidade, delineou-se diante deles uma colossal estrutura em forma de cúpula semitransparente, cuja dimensão, impossível de se calcular com os olhos, perdia-se muito além do alcance destes.

Através da abóbada transparente, aparentemente concebida por alguma espécie de energia desconhecida, capaz de suportar a gigantesca pressão das profundezas do oceano,

impedindo as águas de entrarem, podia-se distinguir os contornos do que supostamente seria a tal cidade dos anjos.

— Uau! – Desirée exclamou boquiaberta. – É uma legítima cidade submarina!

— Inacreditável – Thomas acrescentou. – Eu jamais poderia, em sã consciência, imaginar que pudesse existir algo assim!

— É tão grande, que não se parece com uma cidade... – Barrabás completou. – Mas com várias delas!

— Ao mencionar de que se tratava de algo mais complexo do que uma simples cidade, eu referia-me exatamente a isso – o Arcanjo esclareceu.

– O que vocês veem à sua frente, trata-se de uma ilha do tamanho de um continente.

— Um continente inteiro, submerso e habitado? – Desirée mostrou-se cética.

— Exatamente – Kamael confirmou. – Vocês estão diante do continente perdido descrito por Platão em seus famosos diálogos: *Timeu* e *Crítias*!

— Não pode ser... – Desirée empalideceu, ao compreender do que se tratava.

— Do que diabos vocês estão falando? – Thomas indagou, ainda mais confuso.

— Atlântida, meu caro – Othoniel solenemente declarou. – Nós estamos falando do famoso continente perdido de Atlântida!

# CAPÍTULO XXXI

Vista de cima, a ilha-continente de Atlântida tornava-se ainda mais inebriante e encantadora, dadas sua magnitude, beleza e tamanho. Os deslumbrados guerreiros da luz observaram a grandiosidade daquele novo mundo que se descortinava diante dos seus olhos, através do domo translúcido da astronave.

Após passarem pelo campo de força energético e eletromagnético que protegia a cidade, souberam que, por esta situar-se bastante próxima das ilhas Bimini, no Triângulo das Bermudas, interferia involuntariamente nos instrumentos das aeronaves e navios que por ali passavam, originando os mais diversos mitos sobre o lugar.

Atlântida era composta por um total de dez anéis de terra, com largura média de 50 estádios, ou seja, mais ou menos 9 km cada, concêntricos entre si e isolados um do outro por nove anéis menores de água. Conforme Othoniel, cada cinturão de terra originava um distrito independente, todavia, subordinado à administração central. As cidades de cada distrito eram interligadas por magníficas estradas e túneis, escavados sob as montanhas que se elevavam por toda a ilha. Já os anéis eram conectados entre si por inúmeras pontes, canais de navegação e passagens fortificadas, e eram protegidos por largos muros constituídos de estanho no interior e revestidos de bronze no exterior. Entre os muros de um cinturão de terra e outro e os imensos canais de irrigação e navegação, brilhavam as casas e edifícios, construídos com pedras vermelhas, brancas e pretas, e circundados por belos jardins. Templos e pirâmides colossais erguiam-se majestosos por todos os lados. Era onde funcionavam os observatórios meteorológicos e os laboratórios do continente. Já os palácios e estátuas espalhados pela ilha abrangiam tal grau de perfeição que, diante deles, a milenar arte egípcia e a arquitetura romana e grega pareciam uma simples miniatura empobrecida da arte e arquitetura atlante, em todas as suas manifestações.

Gigantescos aquedutos transportavam a água para as cidades e cruzavam por toda a ilha-continente. E, em todo o canto, milhares, ou melhor, milhões de anjos circulavam apressados e entretidos em suas tarefas cotidianas.

Muitos deles, ao observarem a espaçonave invadindo os céus da ilha-continente, tão artificiais quanto o Sol que neles brilhava, abanavam as mãos alegremente na sua direção. Alguns se limitavam a olhar, ou a apontar para ela. E outros, ainda, simplesmente a ignoravam, como se para eles a presença de um *VEP* fosse algo corriqueiro e normal.

Foi quando algo chamou a atenção dos Escolhidos. Entre os anjos de Atlântida havia uns muito pequenos. À primeira vista, pareciam anões... Anjos anões?

Thomas ia perguntar algo a respeito, quando percebeu o engano.

Eram crianças! Anjos crianças! E aos milhares, espalhados por toda a ilha...

— Minha nossa! – Thomas exclamou boquiaberto. – Não sabia que existiam anjos crianças!

— Claro que existem – o Arcanjo rebateu. – Ou, por acaso, você acha que nós já nascemos adultos?

— Atlântida é dotada de extrema riqueza vegetal e mineral – Othoniel mudou de assunto, ao reparar que a face do brasileiro enrubescia pelo fora que ele havia acabado de dar. – É uma terra magnificamente prolífica em depósitos subterrâneos de ouro, prata, cobre e ferro.

Nisso, o *VEP* alcançou os contornos do que parecia ser uma grande metrópole.

— Neste momento, sobrevoamos *Machimunn*, a segunda maior cidade atlante. – continuou o cientista.

E, um a um, os imensos círculos intercalados de terra e água foram ficando para trás, a medida que eles avançavam para o centro da ilha-continente, constituído por uma única e solitária ilha, cujo diâmetro total não ultrapassava os cinquenta estádios, algo em torno de nove quilômetros.

Ela era cercada, em sua totalidade, por uma alta e resplandecente muralha de pedras, que pelo brilho e tonalidade azulada parecia toda revestida de *criometal*.

Avançaram mais um pouco, até avistarem no coração insular, erguida ao pé de uma enorme montanha de três cumes, uma esplendorosa e brilhante cidade, toda em ouro e prata.

— Esta é Cernê, a cidade das portas de ouro – Othoniel anunciou. – A capital e, também, a maior e mais importante cidade de Atlântida.

— Uau! – Desirée tartamudeou, completamente extasiada com tamanha beleza, contudo, sem saber que o melhor ainda estava por vir.

A montanha de três cumes que, conforme Othoniel, originara a lenda do tridente netuniano, também abrigava um suntuoso e imponente palácio, que fazia as vezes de centro administrativo continental. Toda a estrutura do castelo, da mesma forma que os reforçados muros externos da capital atlante, refletia a luminescência azul do criometal, o que transmitia a quem o vislumbrasse de cima, como era o caso deles naquele momento, certo quê de sobrenatural e fantasmagórico. E também ele, mesmo se situando no cume central da montanha, encontrava-se protegido por altos e reforçados muros de pedra, igualmente revestidos com o metal originário de *Ethernyt*.

— Deslumbrante e inacreditável! – Desirée exclamou. – Mas como foi que vocês conseguiram construir tudo isso, no fundo do oceano?

— Atlântida não foi construída onde está agora – Othoniel explicou. – Quando as suas obras foram executadas, o continente ainda se encontrava flutuando sobre as águas do Atlântico e, devido a sua localização, no meio do oceano, funcionava como um elo terrestre entre as Américas e a Europa.

— E o que aconteceu, para que a ilha toda afundasse? – Barrabás quis saber.

— Durante muito tempo, por milênios, os humanos coabitaram conosco, neste lugar maravilhoso – Gabriel prosseguiu. – Mas, ao concluirmos as obras de base do continente e ao alcançarmos a tecnologia necessária para extrairmos dos cristais toda a energia que carecíamos para o que tínhamos em mente, nós os mandamos embora, servindo-nos de uma mentira muito bem contada, segundo a qual toda a ilha de Atlântida encontrava-se condenada a uma grande, inevitável e iminente catástrofe natural. Em pouco tempo, os boatos foram espalhados e, logo, os homens começaram a deixar o continente.

— Foi quando os humanos que residiam na Atlântida ainda emersa, por volta de 10.000 a.C., passaram a emigrar para os diversos pontos do planeta, onde originaram as mais avançadas culturas humanas da antiguidade – Othoniel foi mais além. – Eles dividiram-se em quatro distintas correntes migratórias, dirigindo-se cada qual para um ponto específico do globo: os primeiros a deixarem o continente rumaram para o oriente, onde com nossa ajuda, fundaram a Suméria. O segundo grupo elegeu o norte da África, estabelecendo-se no antigo Egito. Uns resolveram partir para o noroeste da Europa e criaram a civilização Celta. E os últimos foram para as Américas, originando as culturas meso-americanas dos Toltecas, Maias, Incas e Astecas, assim como as dos índios norte-americanos.

— Santo Deus! É por isso que existem tantas semelhanças entre esses povos... – Desirée concluiu pasmada. – Mesmo estando eles tão afastados geograficamente uns dos outros, todos eles possuem uma origem comum: Atlântida!

— É verdade – Gabriel ratificou. – E foi deste lugar que eles extraíram os vastos conhecimentos que os tornaram tão famosos ao longo da história terrena.

— Mas, toda essa ladainha, apesar de muito interessante e bonita, não responde a pergunta inicial: se esta ilha-continente ficava acima do oceano, como foi que veio parar aqui embaixo? – Thomas obtemperou.

— É simples – Othoniel acrescentou. – Nós a afundamos!

— O quê? – Thomas indagou perplexo. – Vocês afundaram Atlântida?

— Desde o princípio, tínhamos essa intenção. Pois, com Lúcifer e os demônios à solta, nós precisávamos de um lugar seguro para o nosso povo. Contudo, carecíamos da tecnologia certa para tal empreendimento, a qual desenvolvemos durante os milênios em que permitimos aos humanos coabitarem conosco. Quando finalmente atingimos o nível

tecnológico necessário para afundar a ilha, os dispensamos e passamos a nos dedicar com exclusividade ao projeto. Em 9.564 a.C., concluímos os preparativos para a submersão induzida da ilha e, em uma única noite, com o auxílio de uma dezena de bombas de nêutrons, rebaixamos em mais de sete mil metros o fundo do oceano sob ela, de forma que a ilha toda simplesmente submergiu.

— Como foi que vocês fizeram para que ela não se despedaçasse ao submergir? – Barrabás interpelou intrigado.

— Antes de a afundarmos, a envolvemos no escudo energético que até hoje a protege – Gabriel respondeu. – O que garantiu a sua integridade total e absoluta, ao mesmo tempo em que nos foi permitido controlar cada etapa do afundamento.

Durante o resto do voo, os humanos permaneceram calados, cada qual absorto em seus próprios pensamentos. A nave pousou em um espaço especialmente destinado a essa finalidade, dentro dos limites do palácio central.

Uma comitiva de boas-vindas os aguardava no centro da fortificação, diante do *Templo de Poseidon*, edificação extraordinária, cercada por um alto e robusto muro, todo em ouro maciço.

Após os cumprimentos e apresentações formais, eles foram conduzidos por um grupo de anjos através de um portão, também de ouro maciço, para além dos muros áureos, cruzando por bem cuidados e belos jardins, e então, através de treze degraus, para o interior do templo. A fachada externa do prédio de cento e oitenta metros de comprimento por noventa de largura e altura considerável, que agradava aos olhos, era revestida em sua totalidade de prata, exceto os pináculos, que eram de ouro.

Deslumbrados, eles seguiram os anjos para o interior do prédio, cujo teto era de marfim, adornado com ouro, prata e *criometal*. E o restante: as paredes, colunas e o chão eram revestidos em *criometal*, sob uma fina, mas resistente placa de vidro, que isolava as suas propriedades criogênicas. No centro do templo, erguia-se uma estátua de *Poseidon*, o deus dos mares, em uma carruagem puxada por seis cavalos alados. Era tão grande, que a cabeça do deus tocava o teto. Ao redor da carruagem havia uma centena de *Nereidas*, as ninfas dos mares, divindades menores montadas sobre golfinhos, além de várias outras estátuas que haviam sido doadas pelos antigos habitantes da cidade.

— Os humanos sempre sentiram a necessidade de crer em deuses reais e mitológicos – Othoniel redarguiu, percebendo os olhares curiosos dos escolhidos para as estátuas. – Nós apenas lhes fornecemos a matéria-prima.

Atravessaram o templo e adentraram os jardins internos com flores multicores e árvores diversas, de troncos grossos e alturas inimagináveis, regadas constantemente por um sistema de água canalizada que livremente circulava por todo o lugar.

O cientista explicou que a água remanescente era desviada, através de pequenos aquedutos, para inúmeras cisternas de água quente e fria, algumas ao ar livre e outras em aposentos fechados; e também para inúmeros e magníficos chafarizes espalhados por todo o pátio do templo, cujo suprimento era praticamente inexaurível.

Passaram por quadras de luta e pistas de corridas, uma pequena praça com uma fonte em forma de cascata, adornada por meia dúzia de *Nereidas*, dispostas em volta, e, finalmente, adentraram no palácio propriamente dito.

Por onde eles passavam, os anjos que lá estavam olhavam-nos curiosos. Afinal de contas, fazia dez milênios que nenhum humano era avistado por aquelas paragens. Além disso, todos no palácio, dos serviçais aos regentes, sabiam quem eram eles: os Escolhidos da Profecia.

Eles pararam defronte a duas grandes portas de marfim, guardadas por dois anjos em armaduras douradas, parecidas com a do Arcanjo, diferindo apenas nos detalhes e nas divisas militares. Ao reconhecerem-nos, prontamente os guardas saíram de lado e, ato contínuo, abriram a porta da esquerda, para que os visitantes adentrassem à imensa sala, com uma única mesa e seis cadeiras de mobília.

— Sejam bem-vindos! – um anjo alto de asas bordô exclamou sorridente, de trás da mesa. Os cabelos ruivos contrastavam com a pele de tez clara.

— Salathiel. Estou muito feliz em revê-lo, meu bom amigo – Gabriel rodeou a mesa e cumprimentou-o com um forte abraço.

— O que foi isso? – o anjo ruivo indagou, ao reparar no tapa-olho de couro negro do conterrâneo – Você andou metendo o olho onde não devia?

— Um presentinho de Lúcifer – o Arcanjo respondeu. – Mas ele também não saiu ileso da batalha da Fortaleza da Montanha!

— É. Fiquei sabendo... – Salathiel meneou a cabeça, voltando-se então para os três humanos, e fixando-se em Thomas. – Os Escolhidos da Profecia. É uma grande honra conhecê-los, principalmente a você, jovem Thomas, o humano que feriu Lúcifer!

— A honra é nossa! – Desirée antecipou-se, percebendo que o brasileiro ficara sem graça ante o comentário do anjo.

E então, a expressão no rosto do regente de Atlântida endureceu.

— Eu quase não acreditei, quando recebi o seu comunicado – ele disse, virando-se novamente para o Arcanjo. – Mas providenciei tudo exatamente como você me pediu. O *Conselho dos Doze* se reunirá amanhã, nesta mesma hora, na *Sala do Destino*. Alguns inclusive já chegaram. Todavia, os representantes dos distritos mais afastados ainda estão a caminho. Até lá, vocês podem aproveitar para descansar um pouco, depois, é claro, de saborearem uma boa refeição.

— Ótimo – Gabriel anuiu. – Vamos lá, então.

* * * * *

Após a frugal refeição à base de legumes e vegetais cozidos, frutas, pães, leite, flores comestíveis e nozes – pese-se que em Atlântida jamais se comia carne, de espécie alguma – os guerreiros da luz e os demais anjos recolheram-se em quartos individuais.

Sem conseguir dormir, Thomas rememorava tudo o que vira, ouvira e vivenciara naqueles sete meses; os últimos acontecimentos e o que estava por vir; a importante reunião do dia seguinte e o que adviria dela.

Foi quando escutou três batidas fracas na porta do quarto.

— Acordei você? – Desirée perguntou, assim que ele a abriu. – Desculpe, mas eu não conseguia dormir, então resolvi dar uma volta. E vim ver se você está a fim de andar um pouco comigo, por aí.

— Sei lá – Thomas ponderou sorridente. – Da última vez que nós fizemos isso, um exército inteiro desabou sobre as nossas cabeças!

Referia-se à invasão ao Mosteiro da Luz, ocorrida há mais de sete meses, quando ambos passeavam tranquilamente pelos jardins e, de repente, eles viram-se em meio ao exército inimigo, desarmados e sem ter para onde fugir. Fora uma tremenda sorte, os dois terem sobrevivido ilesos ao ataque.

— Ora, vamos – a moça insistiu. – Agora será diferente. Nós estamos a seis mil metros de profundidade, e bem no meio do Oceano Atlântico, o que torna praticamente impossível qualquer ataque dos seguidores de Lúcifer.

A ruiva aproximou-se dele propositalmente, e o delicado perfume amadeirado que exalava de seu corpo atingiu-o, despertando-o de vez, e fazendo-o prontamente aceitar o convite. Sem rumo definido e, conversando sobre diversas amenidades, os dois seguiram pelos corredores estreitos, até um ponto onde estes se alargavam e o piso de *criometal* revestido em vidro subitamente terminava numa larga escadaria descendente, cujos degraus também haviam sido revestidos com o metal ethernytiano.

— Onde vai dar essa escada? – o brasileiro perguntou a um anjo que passava por ali, posto que não se podia visualizar o que havia ao final dela, devido à tênue luminosidade do lugar, baseada unicamente no brilho natural e azulado do *criometal*.

— Na cisterna real – respondeu o anjo, solícito. – Ninguém desce lá desde que a notícia do retorno de Lúcifer e dos demônios chegou a Atlântida. Se vocês desejarem, porém, podem descer e banhar-se em suas águas quentes.

— Obrigado, mas não trouxemos roupas de banho – Thomas objetou.

— O que não impede que conheçamos o lugar – Desirée arguiu, pegando-o pela mão e lançando-se aos degraus.

E, sob os protestos do brasileiro, eles desceram.

— Então, este é o famoso "*Oricalco*"? – a francesa deduziu, apontando para o vidro que revestia os degraus de *criometal*.

— Hã? – Thomas encarou-a, sem entender a que ela se referia.

— As lendas de Atlântida falam de um metal que brilhava como o fogo, e que só os atlantes possuíam, e em grande quantidade – explicou. – E agora, sabendo que eles eram anjos, tudo me leva a crer que o "*Oricalco*", como o chamavam, nada mais era do que o *criometal* ethernytiano.

Mais alguns degraus, e eles desembocaram em uma pequena gruta, de aparência refinada, com uma convidativa piscina redonda de águas termais ao centro, e alguns bancos de mármore polido ao redor. Das águas, brotavam vapores que umedeciam o ambiente, transformando o lugar em uma espécie de sauna natural.

— Você conhece a lenda da origem de Atlântida? – Desirée indagou, de repente.

— Não – Thomas rebateu seco, sentindo-se novamente um analfabeto diante do vasto conhecimento histórico, mitológico e cultural da moça, o qual aparentemente não tinha fim.

— A palavra grega *Atlantis* ou *Aztlan*, significa "*A Ilha de Atlas*", o filho mais velho de *Poseidon*, cujo nome também batizou, mais tarde, o Oceano Atlântico ou "*O Oceano de Atlas*" – a francesa discorreu.

"Conta-se que quando os deuses helênicos partilharam a Terra, o continente de Atlântida tornou-se uma parte do reino de Poseidon, o deus dos mares. Os primeiros habitantes da ilha foram os mortais Evenor e Leucippe, os quais tiveram uma única filha, Cleito. Ocorreu, porém, que muito cedo os dois morreram. Desde então, a órfã Cleito passou a habitar nas montanhas ao centro da ilha, e, de acordo com as lendas mais antigas, Poseidon teria se apaixonado por ela. E, para que pudesse coabitar com o objeto de sua paixão, o deus teria isolado a ilha, cercando-a com inúmeras defesas naturais, constituídas da sucessão de anéis alternados de água e terra que vimos hoje, inacessíveis aos seres humanos comuns. Os dois viveram felizes, por muitos anos, e desta relação amorosa nasceram cinco pares de gêmeos, sendo Atlas o primogênito. Após dividir a ilha em dez áreas anelares, Poseidon entregou a cada um dos fi lhos o governo de um distrito ou anel de terra, sendo que todos os outros deviam obediência e submissão a Atlas, que herdou o distrito de *Cernê*, a capital continental, o *Templo de Poseidon* e o *Palácio Real Atlante*, assim como o nobre título de *Regente Absoluto de Atlântida*".

— E assim nasceu a ilha em que estamos. – ela emendou.

— O que não passa de uma lenda, já que nós sabemos não ter sido assim que a coisa realmente aconteceu. – Thomas concluiu.

— Mas não deixa de ser uma linda história de amor...

Naquilo, Desirée sentiu uma forte fisgada nas costas, o que a obrigou a sentar-se em um dos bancos de mármore polido.

— O que foi? – Thomas quis saber, preocupado com a palidez da francesa.

— As minhas costas – queixou-se a moça, com os olhos lacrimejantes. – Quando acho que me livrei dessas malditas dores, elas voltam, piores e mais intensas!

— Pena que não trouxemos roupas de banho – Thomas lamentou-se, olhando para a convidativa piscina de águas termais. – Senão, poderíamos dar um mergulho. A água quente faria bem para as suas costas.

— Quer saber – ela levantou-se e, sem nenhum pudor, começou a despir-se –, que se danem as roupas de banho, eu vou entrar de qualquer jeito!

Sentindo um imenso calor, muito maior do que realmente fazia ali, o brasileiro vislumbrou as curvas perfeitas do belo exemplar feminino a sua frente, e precisou de todo o seu autocontrole para não deixar transparecer o desconforto que sentia.

Só de calcinha e sutiã, a francesa entrou na cisterna, ao que se voltou para ele.

— Ei! O que é que você está esperando? – ela indagou. – Tire as suas roupas e entre também. Vamos, não precisa ter vergonha, ambos somos adultos!

O ex-agente, visivelmente envergonhado, despiu-se também e, apenas de cuecas, mergulhou nas águas quentes da cisterna real. Contudo, o contato direto com o calor, ao invés de acalmá-lo, produziu efeito contrário, deixando-o ainda mais excitado.

— E as suas costas? – perguntou, dissimulando.

— Ficariam melhores com uma boa massagem... – ela respondeu, aproximando-se, de costas para ele. – Você faria isso por mim? Por favor!

No limite do autocontrole, o brasileiro concordou. Esticou as mãos e, ao tocá-la, sentiu um calor crescente invadindo o seu corpo. A pele macia e aveludada enchia-o de desejos e vontades, mas procurou concentrar-se exclusivamente na massagem, tentando não pensar em mais nada. No entanto, era praticamente impossível conter a excitação a que o momento e a proximidade dos corpos inevitavelmente o induziam.

De repente, quando estava a ponto de explodir, a moça deslizou suavemente por baixo de suas mãos, virou de frente para ele e o encarou. Sem nenhum aviso, passou os braços ao redor do seu pescoço e aplicou-lhe um apaixonado beijo na boca. Por um instante, o ex-agente ficou sem reação, mas logo se recuperou do choque e entregou-se de corpo e alma àquele momento mágico, correspondendo com vontade e desejo, apertando-a junto a si pela cintura, enquanto sentia os dedos delicados da francesa deslizarem sobre

o seu corpo.

— Hum... Mas, o que é isso crescendo aqui embaixo? – ela sorriu maliciosa.

— Você nunca ouviu falar de certas coisas que crescem melhor quando estão sob a água? – Thomas respondeu sarcástico.

— Eu não costumo acreditar em tudo o que ouço – ela retrucou.

E entre beijos e abraços, os dois deram início a uma entusiasmada dança erótica, que só terminaria algumas horas mais tarde, entre os lençóis da cama de Desirée...

# CAPÍTULO XXXII

Naquele princípio de tarde, radiante e sombrio ao mesmo tempo, de sol ainda cálido, encaminhando-se gradativamente para o zênite, o mundo inteiro transpirava medo e ansiedade. Da hora estipulada por Lúcifer para o anúncio da rendição global, já haviam se passado mais de trinta minutos, sem que nenhuma notícia chegasse a Londres.

Na *Câmara Waterloo* do *Castelo de Windsor*, o líder dos demons andava de um lado para o outro, corroendo-se de ansiedade. Teriam os humanos se confundido com a hora limítrofe? Ou estariam eles tendo algum problema técnico com a transmissão da rendição? Não. Nenhuma das alternativas merecia ser levada a sério, já que ele havia sido muito claro a respeito do prazo final e, quanto à tecnologia, a ONU dispunha da mais avançada tecnologia em comunicações do planeta. Não. Eles não haviam esquecido nem confundido a hora, tampouco enfrentavam qualquer tipo de problema técnico. Alguma coisa estava errada... Era como se algo houvesse falhado em seu plano. Todavia, isso era impossível! O plano em si, assim como as estratégias para executá-lo, eram perfeitos. Cada detalhe, por mais insignificante que pudesse ser, havia sido previamente estudado, pensado e repensado milhares de vezes, antes de ser posto em prática.

Mas algo dera errado. A rendição não viera. E os humanos não se apresentavam nos locais preestabelecidos em suas respectivas cidades, divulgados horas antes. Pelo menos, não nos números esperados. Lúcifer caminhou até a janela e olhou para o sol, no apogeu de sua escalada pela abóbada celeste, irradiando luz e energia sobre o mundo.

Subitamente, o pensamento retornou ao plano de dominação global. E, repassando-o mentalmente, o líder dos demons chegou à conclusão de que não havia nada de errado com ele. Pelo contrário, a tática era perfeita e deveria ter funcionado como um relógio. A não ser que...

Uma voz interrompeu as suas divagações.

— Senhor – um demônio de linhagem superior o chamou. – Estamos recebendo uma transmissão dos EUA!

Lúcifer virou-se para o telão da *Câmara Waterloo* e, com súbita euforia, viu que o mesmo preenchia-se com a imagem do Secretário Geral da ONU.

"Finalmente: o anúncio da rendição global" – pensou.

* * * * *

— Quando se completarem os mil anos, Satanás será solto de sua prisão, sairá e seduzirá as nações dos quatro cantos da Terra, juntando-as para si e para uma grande batalha contra os anjos do Senhor – discursou o secretário-geral, citando trechos do Apocalipse Bíblico. – Mas eis que descerá do céu de "Deus" um fogo que os devorará. Os demônios serão postos num tanque incandescente de enxofre para todo o sempre. E então, veremos um novo Céu e uma nova Terra, porque os primeiros já não mais existirão. Não haverá mais morte, nem luto nem dor, e somente os que mantiverem a fé inabalada e permanecerem fiéis a "Deus", serão salvos e poderão desfrutar da vida eterna e do paraíso celestial! – ele fez uma pausa. – Com essas palavras, São João nos alertou sobre os terríveis acontecimentos pelos quais estamos passando neste exato momento. Que nós não nos esqueçamos do seu propósito: a salvação e a redenção da humanidade! Faz-se comum e natural o fato de estarmos confusos e temerosos diante da provação a que estamos sendo submetidos. Mas, apesar de tudo, devemos manter a nossa fé e a consciência de que a "Providência Divina" não falhará. Deus, Sadday, Yaveh, Elohim, Alá, o nome pouco ou nada importa, é onipotente e onipresente. "Ele" não nos abandonou como muitos imaginam, posto que o pai jamais abandona o filho. Neste exato momento, caros habitantes da Terra, venho a vós para corroborar essas palavras com a prova real de que o "Senhor" não só jamais nos abandonou, como se encontra entre nós, na figura de seus enviados celestiais!

A imagem girou e focou sobre Uriel, Micael e Nizael com as suas asas enormes, e agora com as armaduras resplandecentes e espadas de lâminas azuladas, bem à vista. O anjo-cientista avançou até a tribuna, postando-se diante do segundo microfone.

— Homens da Terra – Nizael começou o discurso. – Como muito bem definiu o vosso líder terreno, eu e meus irmãos somos os arautos do "Senhor", do único "Deus" de todos os povos e de todos os tempos. O único e eterno pai de toda a Criação. E se cá estamos, diante de vós, é com a importante missão de transmitir-vos a mensagem do "Altíssimo" e, através dela, conclamarmos a todos, homens e mulheres de todos os lugares, de todos os povos, todas as raças, religiões e ideologias, a unirem-se na fé ao "Deus da Esperança", como se fossem um só. E, a partir de então, erguerem-se contra as "Bestas do Apocalipse", personificadas por Lúcifer e pelo seu infausto exército de demônios! Eu, Nizael, o "Emissário do Senhor", conclamo cada homem e mulher da Terra, mesmo aos que se encontrem sob o domínio das sombras, a lutar e a resistir, sob a divina bandeira de "Deus"! Pois, para aqueles que mantiverem intacta a sua fé no "Criador Universal", apesar da dor, do medo, do sofrimento e da agonia a que se verão sujeitos, herdarão como recompensa o reino dos céus e a vida eterna. Por tudo isso, conclamo-vos, ó homens da Terra, a uma aliança permanente e indissolúvel com o

verdadeiro e invencível exército do “Senhor”, o qual, no momento oportuno, no ato final dessa infame guerra, descerá dos céus, onde permanece de prontidão, e trará consigo a redenção e a salvação, embaladas pela glória infinita do “Todo-Poderoso”! Por tudo isso, peço-vos que não desistais, resistindo até o fim. Lutai com todas as vossas forças e jamais percais a esperança e a fé. Além disso, buscai por toda a Terra aos anjos do “Senhor”, que desde há muito dela fizeram a sua morada, o seu templo e o seu campo de batalha. Jamais vos entregais à Lúcifer e ao seu séquito infernal e que cada um de vós saiba que os tempos de dor e de trevas logo passarão, e no final, só restará a “Glória de Deus”!

A imagem ainda focou os outros dois anjos e depois foi cortada.

Empapado de suor e ofegante, Nizael desceu do palanque, voltando para junto dos demais companheiros.

— Ufa! Como me saí? – indagou.

— Você leva jeito para pastor evangélico – Duke sorriu. – Nunca passou pela sua cabeça fundar uma seita? Se quiser eu entro como sócio. Poderíamos ganhar um bom dinheiro com isso...

Cinco pares de olhos sérios o fitaram, em clara reprovação ao comentário infeliz e discriminatório, no que o negro ficou vermelho como um pimentão.

— Ei, pessoal. Foi só uma brincadeira – ele tratou logo de se explicar.

E então, foi a vez de Leon manifestar-se sobre as palavras de Nizael.

— O que foi aquilo? – perguntou-lhe, referindo-se ao teor do discurso.

— Reconheço que exagerei um pouco. E que mentir e apelar para o sentimento de religiosidade dos homens não é lá algo muito digno de elogios – Nizael declarou. – Mas o que poderíamos fazer? Desde o início dos tempos, as pessoas são movidas por suas religiões e crenças. Só por conta delas é que são capazes de suportar os maiores martírios e provações que a vida lhes impõe. E nós sabemos que daqui para frente, a vida de milhões de pessoas passará por terríveis provações e tormentos, impossíveis de suportar sem o alento e a esperança que somente as suas crenças poderão oferecer. Ademais, estrategicamente falando, nós precisamos que elas resistam firmemente aos demons e sobrevivam, mesmo que sustentadas apenas pela sua fé, até conseguirmos recrutar e treinar todo o nosso exército para o dia da grande batalha final!

* * * * *

E Nizael tinha razão...

Por todo o mundo, bilhões de pessoas que assistiram à transmissão, ganharam novas esperanças e renovaram a sua fé em “Deus”, independentemente de religião ou

crença. Mas o principal foi que recuperaram a fé em si mesmas e na humanidade, e decidiram enfrentar de peito aberto a ameaça impetrada por Lúcifer e seu exército. E as igrejas, mesquitas, sinagogas e templos do mundo todo encheram-se de fiéis.

Até mesmo os que se diziam ateus, ou que haviam abandonado as suas crenças religiosas voltaram a acreditar, não na religião em si, mas no poder transcendental que rege o Universo. De norte a sul, de leste a oeste, as pessoas se conflagraram, reunindo-se em pequenos grupos ou em grandes multidões, decididas a combater os demônios como pudessem.

Outras, mais sensatas, optaram por manterem-se escondidas e a salvo, até que a "Providência Divina" lhes enviasse os seus anjos da salvação.

* * * * *

Num rompante de fúria, Lúcifer, descontrolado e furioso, arremessou a cadeira em que estivera sentado contra o telão de plasma, que se esfacelou em mil pedaços, antes mesmo de o discurso de Nizael ter-se encerrado.

— Malditos anjos! – esbravejou encolerizado. – Como se atrevem a me afrontar dessa forma? Quem eles pensam que são para interferirem em meus planos?

Memnon e os demais demônios de linhagem superior que estavam presentes na *Câmara Waterloo* o olharam assustados. E, temerosos do que poderia lhes acontecer caso o seu líder decidisse descarregar neles toda a cólera e ódio que afloravam de seus flamejantes olhos vermelhos, não se atreveram sequer a respirar. E, somente quando perceberam que ele se acalmara um pouco, é que voltaram aos seus afazeres normais. Com extrema cautela, o índio se aproximou.

— O que faremos agora? – interpelou.

Lúcifer encarou-o por alguns segundos que, para Memnon, representaram uma eternidade e, entredentes, friamente murmurou:

— Agora destruímos o mundo!

# CAPÍTULO XXXIII

A manhã iniciava-se como todas as manhãs em Atlântida: o agradável perfume das flores unia-se ao suave murmúrio das águas correntes, a descerem pela montanha através dos aquedutos, acompanhando a sinfonia da natureza, docemente embalada pela leve e delicada canção da brisa matinal.

No cais do porto, havia um imenso movimento de barcos de todos os tamanhos. Barrabás passeava tranquilamente entre eles, observando os detalhes do palácio do governo atlante e do *Templo de Poseidon*, no cume mais alto da montanha tríplice. E também da cidade de Cernê, a capital do reino submerso. Construções fantásticas, erigidas com o auxílio de alta tecnologia, e que desafiavam a sua imaginação no que concernia ao entendimento sobre como tudo aquilo fora feito.

A arquitetura era fascinante, com os seus edifícios maciços e de proporções monumentais, pirâmides e templos colossais, casas e prédios residenciais, separados um do outro e cada qual com o seu próprio jardim particular, ornamentado com belíssimas fontes de águas límpidas e mosaicos espetaculares esculpidos em suas paredes douradas, vermelhas, brancas e pretas protegidas pela grande e resplandecente muralha azul. Um misto de cores e formas que a deixavam com vida própria.

Após algumas horas de caminhada, o ex-monge novamente subiu a montanha de três cumes e, de frente para o portão de acesso ao palácio do governo, virou-se, para, pela segunda vez naquela mesma manhã, apreciar a paisagem formada pela ilha central em conjunto com os anéis alternados de terra e água que, devido à altura e posição em que se encontrava, tornavam-se nitidamente visíveis.

Maravilhado com tudo aquilo, Barrabás imaginava como teria sido a sua vida ali, caso tivesse sido trazido para aquele lugar, em vez do Mosteiro da Luz. Imaginava como seria se tivesse vivido em meio a tanta beleza e esplendor, harmonia e paz. E no mesmo instante, arrependeu-se de pensar tal coisa. Desde que fora resgatado, ainda bebê, pelo Arcanjo, ele fora recebido de braços abertos por Francesco Signati, o Grão-Mestre do Mosteiro da Luz, que o criara e educara como se fosse seu filho. O velho monge, torturado e assassinado por Lúcifer, fora mais do que um pai para ele. Fora amigo, professor e mestre conselheiro.

Naquele instante, a mente do negro viajou no tempo. De volta a seus dez anos de idade, quando, em uma caminhada pelos jardins floridos do mosteiro, ele interrogara o mestre a respeito da origem de seu nome...

— E por que você deseja saber isso, meu filho? – indagara-lhe Francesco. – O que realmente importa não é a alcunha pela qual somos conhecidos, e sim, quem nós somos, a vida que levamos e a herança que deixamos para o futuro. Veja o exemplo dos animais e plantas: não se importam com os nomes que lhes atribuímos. Para eles, interessa apenas cumprir a missão que o "Pai Criador" lhes designou, e que consiste, tão somente, em sobreviver pelo máximo de tempo possível e dar continuidade à sua espécie. Por isso são tão belos e sábios!

— É que eu não gosto do meu nome – confessara o menino. – Acho-o feio.

— Não diga isso – o velho fitara-o, mantendo a mesma serenidade de sempre. – Nós jamais devemos julgar coisa alguma sem conhecermos todos os aspectos que a envolvem.

— Como assim? – o menino perguntara, sem compreender onde o seu mestre queria chegar.

— Você diz que não gosta do seu nome – ele continuara. – Mas será que você já parou para refletir sobre o que ele significa? Sobre os reais motivos que me levaram a batizá-lo assim? Pois, como você sabe, fui eu quem lhe deu este nome...

O menino, pego de surpresa pela pergunta do ancião, não soubera o que dizer e, meditativo, limitara-se a um gesto negativo com a cabeça.

— Pois bem, minha criança... – Francesco sorrira. – Saiba que você não recebeu este nome fortuitamente. Sempre que alguém pronunciá-lo, lembre-se do seu significado em latim, onde "*Bar*" significa "Filho" e "*Abbas*" significa "Pai". Barrabás: "O Filho do Pai", aquele a quem eu considero meu filho. Portanto, sempre que ouvir o seu nome, tenha em mente que estarão se referindo ao filho amado de Francesco Signati!

Daquele dia em diante, ele nunca mais desprezara o próprio nome, pelo contrário, passara a orgulhar-se dele...

Voltando ao presente, não mais desejou que a sua vida tivesse sido diferente. Pois, se assim fosse, certamente ele não seria quem era. Não seria Barrabás, o filho único de Francesco Signati, o eterno Grão-Mestre do Mosteiro da Luz. E, por conseguinte, não seria um dos Escolhidos da Profecia do Armagedon.

Virando-se para o muro azulado, depois de uma última olhadela para os anéis concêntricos e alternados de terra e água, o negro adentrou o palácio do governo, com uma única e indissolúvel certeza: cumpriria, e com êxito, a difícil missão que lhe fora designada pelo "Pai Criador"!

* * * * *

Após a malograda e desastrosa ofensiva militar a Londres, o Coronel Edward L.

Johnson da Força Aérea dos EUA fora enviado temporariamente para uma base naval americana, na Suécia. E, para desviar a sua mente do malsucedido ataque de dois dias atrás, ele entretinha-se, examinando o novo caça *F-22A Raptor*, da *US Air Force*.

Ouvira falar que só uns cento e oitenta *F-22A Raptors* haviam sido construídos até hoje, ao custo médio unitário estimado em torno dos cento e quarenta milhões de dólares cada um, fora os custos extras de desenvolvimento e projeto. Contudo, eram aeronaves excepcionais, as mais modernas e mortíferas da atualidade, com um design futurista e uma capacidade de fogo inigualável. Ao longo dos seus dezenove metros de comprimento e envergadura de treze metros e meio, os *F-22* ostentavam seis mísseis *AIM-120* ar-ar, dois mísseis *SideWinder AIM-9*, oito bombas de alto teor explosivo *GBU-39*, de cento e vinte quilos, e duas bombas de impacto *GBU-32*, de quatrocentos e cinquenta quilos cada uma, além de um potente canhão-metralhadora de 20 mm.

De repente, sentiu uma imensa vontade de voar no *Raptor*. Mas, como na base sueca havia apenas quatro deles, isso praticamente se tornava impossível. Jamais lhe seria concedida tal autorização.

O coronel aviador preparava-se para retornar ao alojamento dos oficiais, quando uma sirene foi acionada, reverberando por toda a base.

Com o coração em disparada, ele pressentiu que algo estava errado. Muito errado, pois aquele tipo de alarme soava somente na iminência de um ataque inimigo. Olhou para o alto e estremeceu. O céu acima dele estava infestado de pontinhos negros, uns maiores e outros menores, mas que se aproximavam apressada e perigosamente da base.

De repente, dos pontos maiores partiram compridas nuvens de fumaça sibilantes, que riscaram o ar acima das montanhas que circundavam a base, caindo precisamente sobre os edifícios e galpões da mesma. As explosões que se seguiram foram tão intensas, que fizeram o chão tremer como se estivesse sofrendo um terremoto.

Edward precisou segurar-se na fuselagem do *F-22* para não cair.

Só então, os pontinhos maiores foram se definindo como poderosos e mortíferos helicópteros de combate *MI-8*, e os menores, como demônios alados e armados com os temíveis lançadores de foguetes que ele muito bem conhecia.

“Santo Deus! A base está sendo atacada!” – pensou, enquanto tomava uma séria decisão.

Olhou para os lados. E, sem pensar duas vezes, saltou para o *cockpit* do *F-22A Raptor*, colocando o capacete que estava sobre o assento. Ajustou o cinto e fechou o domo com uma mão, enquanto com a outra acionava os botões que davam partida na aeronave. E, sem se deixar afetar pelas bombas que continuavam a explodir tudo ao seu redor, Johnson guiou o avião até a pista de decolagem.

Centenas de soldados e oficiais corriam desnorteados, de um lado ao outro da base naval, numa tentativa desesperada de se protegerem das bombas que destruíam prédios e aviões estacionados e, ato contínuo, revidavam com os seus fuzis e canhões antiaéreos ao inusitado ataque. Muitos deles deram vivas, quando enxergaram o *F-22* avançando pela pista de decolagem.

Nisso, duas dezenas de demônios alados alcançaram a base. E, metodicamente, começaram a destruir as aeronaves que ainda não haviam decolado. Alguns deles até dispararam contra o *F-22* pilotado pelo coronel americano, mas, por sorte, erraram. As granadas explodiram muito perto, arrancando grandes porções do asfalto, forçando-o a desviar dos buracos, porém, sem causar dano algum ao avião. E, em meio às explosões, o *Raptor* rapidamente adquiriu a velocidade necessária para a decolagem, no que ganhou os céus.

Edward agradeceu aos céus pela enésima vez por ser curioso e ter lido todos os manuais do *F-22A Raptor*, bem antes de o avião propriamente dito sair do papel, pois graças a sua curiosidade, agora ele sabia exatamente como lidar com cada comando da aeronave e seus avançados sistemas de armas.

Perfazendo um amplo círculo no ar, direcionou o nariz do *F-22* para os mais de vinte e cinco helicópteros que agora descarregavam, através de cordas, um verdadeiro exército de demônios inferiores, sem asas, diretamente sobre a base. E estes, por sua vez, estranhamente encarregavam-se de apenas nocautear os soldados, ao invés de matá-los, amontoando os seus corpos desfalecidos em frente ao único galpão que ainda restava de pé, e que até há pouco tempo servira de refeitório.

Àquela altura dos acontecimentos, nenhum outro avião, fora o *F-22A Raptor* do coronel, lograra decolar. Os demais encontravam-se todos em chamas!

"Malditos demônios!" – pensou o aviador americano, enquanto disparava dois mísseis *AIM-120* sobre a dupla de helicópteros mais próxima.

Ambos estremeceram, transformando-se em duas esferas flamejantes, e então, desabaram sobre as cabeças dos demons que ainda desciam pelas cordas presas a eles e dos que haviam recém-chegado ao chão, mas que ainda não tinham conseguido se livrar delas. E, aproveitando a mesma investida, o exímio e experimentado piloto da ONU estabilizou o *F-22*, acionando o canhão-metralhadora de 20 mm diretamente sobre outros três helicópteros, que, tendo os rotores destruídos, também desabaram sobre a própria carga viva que transportavam.

E Edward arremeteu novamente para cima, mas não sem antes soltar uma *GBU-39* sobre um grupo de demônios que avançava na direção de meia dúzia de soldados solitários, que tentavam se esconder atrás de um jipe em chamas. A bomba de cento e

vinte quilos não caiu exatamente sobre eles, mas tão perto, que o efeito foi o mesmo. Como Edward desconfiava, os demônios não morreram com a explosão. No entanto, por um tempo, deixaram de perseguir os soldados, que aproveitaram a oportunidade e escapuliram por um enorme buraco aberto no cercado da base, direcionado para as montanhas. Todavia, não foram muito longe, posto que alguns demons alados logo os alcançaram e, como os outros, os nocautearam com os cabos de suas armas e alguns porretes de madeira.

Praguejando, o coronel executou outra manobra de reaproximação. E, quando se preparava para destruir outros dois helicópteros inimigos, um terceiro o enquadrou em seu campo de mira.

E Edward L. Johnson morreu, sem ao menos ver de onde tinha partido o míssil que literalmente desintegrou o seu *F-22A Raptor*...

* * * * *

Tão logo adentrou o portão do palácio governamental de Atlântida, Barrabás foi surpreendido por Thomas e Desirée, que vieram apressadamente ao seu encontro.

— Onde diabos você estava metido? Nós o procuramos por todo o palácio – o brasileiro falou irritado.

— Calma – ele se defendeu. – Eu estava apenas caminhando por aí, admirando as belezas deste lugar, e... Que caras são essas? O que aconteceu?

— A reunião já vai começar e os anjos querem que façamos parte dela – Desirée explicou.

— Ela não estava marcada só para a noite? – o negro indagou confuso.

— Estava. Mas, por motivo de força maior, precisou ser antecipada – a francesa reiterou.

— Motivo de força maior? – Barrabás repetiu, sentindo na própria pele a tensão que os dois emitiam por cada poro de seus corpos.

— Os demons resolveram investir, de uma só vez, contra toda a Europa – o ex-agente elucidou. – Eles começaram pelas bases militares, e depois partiram para as cidades. O continente inteiro foi transformado em uma verdadeira filial do *Inferno*!

— Vários países já foram atacados, e quase todas as capitais estão em chamas – a moça emendou, visivelmente nervosa. – E os que não foram, estão paulatinamente se rendendo às tropas de Lúcifer, apesar do discurso de Nizael!

— Céus! – o negro arregalou os olhos. – Isto não pode estar acontecendo...

— Não só pode, como está – Thomas completou. – Por isso, devemos nos juntar

imediatamente ao *Conselho dos Doze*.

— Vamos logo – Desirée acrescentou. – Eles estão nos aguardando.

E, enquanto caminhavam rumo ao palácio propriamente dito, o negro notou que os dois ex-agentes curiosamente haviam se dado as mãos, e assim seguiam, de mãos dadas e trocando expressivos olhares como um casal de namorados.

Ele abriu a boca para comentar, mas conteve-se, preferindo manter a discrição. Se eles estavam juntos ou não, era algo que não lhe dizia respeito...

— Vocês estão atrasados – Kamael repreendeu-os, apontando para o relógio na parede. – A reunião já começou!

— Vá catar minhocas no banhado! – Thomas respondeu mal-humorado. O que mais detestava na vida era ser cobrado. – Estamos aqui, não estamos?

Sem nenhuma cerimônia, passou pelo anjo, soltou a mão de Desirée e, abrindo a enorme porta dourada, entrou na sala de reuniões, seguido de perto pelos demais.

Treze anjos em trajes coloridos, entre os quais Gabriel, Othoniel e Angelina, os aguardavam ao redor de uma mesa oval de vinte lugares.

O Arcanjo e o cientista relatavam a gravidade da situação aos representantes dos dez distritos do reino submerso, que junto aos dois formavam o *Conselho dos Doze*. Com indisfarçáveis expressões de preocupação e ansiedade em seus rostos, os anjos mal cumprimentaram os Escolhidos e já deram início ao trabalho.

Durante duas horas inteiras, liderados por Salathiel, Othoniel e Gabriel, os anjos e humanos discutiram as implicações dos últimos acontecimentos, desde a avassaladora invasão a Londres até o ataque maciço a toda a Europa, ocorrido naquela madrugada; eles relembraram os detalhes relevantes da *Profecia do Armagedon*, debateram sobre a participação dos Escolhidos e da própria raça humana na sua concretização e, por fim, decidiram as estratégias a serem adotadas diante de tais circunstâncias.

Findada a reunião, arautos foram enviados aos dez distritos de Atlântida, com a missão de convocarem os guerreiros de *Ethernyt*, anjos e anjas, com idade suficiente e o mínimo de treinamento militar, para se reunirem no *Campo de Marte*, localizado no extremo oeste da ilha central, onde, a partir daquele dia, e até a hora da Batalha Final do Apocalipse, seriam submetidos a um árduo e intenso treinamento, monitorado de perto pelos melhores comandantes do exército ethernytiano, para que, chegando o momento certo e fossem requisitados por Gabriel, pudessem se juntar ao exército dos homens, preparados para doar as suas vidas pela Terra, se necessário fosse...

# CAPÍTULO XXXIV

O sol da tarde atingia o ápice quando a gigantesca frota de navios de guerra e de embarcações pesqueiras e particulares partiu, simultaneamente, de todos os portos das Américas e também de vários países da África, da Ásia e da Oceania, rumo ao continente antártico. Uma frota colossal, como nunca antes se vira na História da humanidade, constituída de milhares de embarcações lotadas de soldados, porém, destituídas de todo e qualquer armamento bélico, substituído por milhares de soldados humanos a mais, além da capacidade normal de cada navio.

Cruzadores, destroyers, fragatas, submarinos, porta-aviões e milhares de navios civis, entre quebra-gelos, comerciais, turísticos e até barcos pesqueiros, de dezenas de países, navegando lado a lado, guiados apenas pelas coordenadas fornecidas por Nizael. E constantemente vigiados por um comboio de aviões de transporte de tropas e um sem-número de caças militares, estes, sim, fortemente armados, a fim de garantir a segurança da incomensurável esquadra.

A visão era realmente impressionante. Os mares, até onde podia se enxergar, tanto do lado do Atlântico quanto do Pacífico, encontravam-se completamente tomados. Não havia sequer um único espaço vago em que não houvesse, pelo menos, um barco de pequeno porte.

De acordo com a contagem oficial, aliada aos relatórios recentemente recebidos dos países africanos, asiáticos e da Oceania, mais de duzentos e quarenta milhões de soldados dirigiam-se naquele primeiro momento à Antártida, por mar e pelo ar.

Os dez líderes da ONU, conjuntamente com Uriel, Nizael e Sarah, coordenavam a viagem da frota marítima a partir do *Air Force One*, seguindo à frente da esquadra para preparar a recepção aos demais.

— Só o que me aflige agora é o fato de que, com esse maciço deslocamento de nossos contingentes militares para o continente Antártico, as nossas nações ficarão praticamente desprotegidas e, no caso de um eventual ataque dos demons, não terão a mínima chance! – o presidente americano David J. Fynch expressou em palavras o pensamento latente da maioria dos demais líderes globais, cujas nações engajaram-se na Aliança ONU/Anjos versus Lúcifer.

— Estejam certos de que, se fossem atacados pelos demônios, com ou sem os seus contingentes militares, os seus países não teriam a menor chance, de qualquer forma – Nizael ponderou. – Assim como Londres e o resto da Europa não tiveram.

— Além de que as suas armas humanas são completamente inofensivas para os demons – Uriel continuou. – Os seus soldados jamais conseguiriam detê-los. E, no final das contas, apenas aumentariam o já estrondoso número de vítimas dessa guerra insana!

— Infelizmente, não pudemos trazer todos os humanos conosco, posto que a nossa base na Antártida, apesar de seu tamanho astronômico, não comportaria mais do que trezentos milhões – Nizael arrematou. – Afinal, quando ela foi construída, no mundo todo, não havia muito mais do que essa quantia de vocês.

— E por causa disso, nós devemos abandonar os nossos povos e nossas famílias à própria sorte? – David J. Fynch contra-argumentou, pensando na filha e na esposa, que, como todas as outras filhas e esposas, haviam ficado no continente americano.

Um burburinho de vozes claramente alteradas elevou-se pela apertada sala de reuniões do avião presidencial americano. Era óbvio que a opinião do americano era compartilhada pelos demais líderes mundiais.

— Senhores. Por favor! – Sarah impôs-se. – Repetindo o que já foi dito na nossa primeira reunião em Nova York, eu gostaria de relembrá-los que Lúcifer não é burro e, muito menos, inconsequente. Pelo contrário, é um excelente estrategista militar, dotado de uma imensa capacidade para discernir o melhor momento de atacar ou de recuar.

— E o que isso quer dizer? – o general Frank Simmons indagou.

— Que, por ora, os povos das Américas, Ásia e África, assim como da Oceania, estão seguros – a menina prosseguiu displicente. – Fiquem tranquilos, pois os seus países não serão atacados até que toda a Europa seja dominada. E, pelo que sabemos, ainda existem por lá, incontáveis focos de resistência, cidades e até países inteiros a serem tomados. Por isso, afirmo que somente quando a Europa for dominada, aí sim, eles atacarão a Ásia e a África. Mas apenas esses dois continentes, por serem os mais próximos do seu raio de ação, e interligados territorialmente com o europeu. Sugiro, portanto, que as populações da África e da Ásia migrem, o quanto antes, ou para a Oceania, ou para as Américas, onde permanecerão seguras e a salvo, até vencermos o exército do mal ou então sucumbirmos todos, na Grande Batalha Final!

Como os dez líderes já se encontravam a par dos poderes do Iluminado, nenhum deles contestou as suas palavras. Até porque elas soavam cobertas de razão e lógica. Analisando friamente: sem exércitos nos continentes Americano e Oceânico, restando só as mulheres, crianças, velhos e doentes, Lúcifer não teria por que atacá-los, já que ele buscava somente bons espécimes para a mutação. Da mesma forma, o deslocamento das tropas para a Antártida, indiretamente, protegia as suas populações, muito mais até do que se os soldados permanecessem em seus países de origem. E também os protegia, aos próprios soldados, uma vez que o frio intenso do continente gelado, por certo manteria os

demônios afastados. Como explicara Nizael, os malditos não suportavam temperaturas tão baixas.

Alguns representantes dos poucos países africanos e asiáticos que integravam a Aliança ONU/Anjos pediram licença e deixaram os seus lugares, para providenciar a migração forçada de suas populações para os denominados "*Continentes Seguros*".

Quanto aos demais, limitaram-se a discutir, junto aos dois anjos e o Iluminado, as estratégias a serem adotadas a partir dali, o sistema de hierarquia do novo exército mundial, as normas e regras de conduta na base e a segurança de contra-espionagem, além das atribuições de cada grupamento, as divisões de tarefas e o papel de cada um deles, anjos e homens, dentro do contexto geral...

* * * * *

Enquanto isso, na deslumbrante Atlântida submersa, um outro grupo mesclado de anjos e homens também se preparava para partir rumo à Antártida, só que no *VEP* de Othoniel. Na frente do estonteante e magnífico *Templo de Poseidon*, eram celebradas as despedidas. Os Escolhidos e seus companheiros alados trocavam fortes apertos de mão com Salathiel e os outros nove regentes da ilha-continente.

— Não se preocupem. Quando chegar a hora, nós estaremos prontos – Salathiel declarou, dirigindo-se a Gabriel. – Reuniremos e treinaremos o nosso exército e, ao seu sinal, levantaremos acampamento e nos uniremos a vocês, para enfrentarmos o nosso destino juntos, seja ele qual for.

— Obrigado, meus queridos amigos. Eu sempre soube que podia contar com vocês – o Arcanjo agradeceu, andando para a rampa de acesso à astronave, onde os outros já o aguardavam.

Ao entrar no *VEP*, escutou a tradicional saudação dos que haviam ficado no solo.

— Por *Ethernyt*!

— Por *Ethernyt*! – respondeu, virando-se para eles, no topo da rampa.

Cinco minutos depois, as reluzentes muralhas azuis do palácio administrativo do reino atlante ficavam para trás, assim como a magnífica cidade dourada de Cernê. E, gradativamente, um a um, os nove anéis concêntricos e alternados de terra e água dos dez distritos que formavam a Atlântida foram passando debaixo deles, com as suas casas de pedras coloridas, seus jardins, templos, pirâmides, monumentos, palácios, praças, fontes, aquedutos e estátuas. E, em todos os cinturões de terra, sem exceção, os guerreiros da luz puderam vislumbrar a mobilização do exército angelical-atlante, que se agrupava por distrito, preparando-se para marchar rumo ao *Campo de Marte*, onde se estabeleceria o

acampamento até o dia da indesejada, mas inevitável, Batalha do Armagedon.

Ao verem-nos varando os céus na espaçonave de Othoniel, muitos dos anjos, já trajando as suas armaduras e elmos de guerra, gritavam entusiasmados e brandiam as espadas e lanças contra os escudos ou agitavam-nas acima das cabeças. Parecia até que estavam alegres pela proximidade da batalha.

Eles chegaram aos limites da ilha-continente e lá estava ele, bloqueando-lhes a saída: o resistente e brilhante escudo eletromagnético que mantinha a estabilidade e a integridade da nação submersa. E, como da primeira vez, a astronave simplesmente o atravessou, como se ele não estivesse lá e sem que nenhuma gota de água do mar o penetrasse. Conforme o cientista explicara, isso se devia ao fato de que a energia produzida pelos cristais era uma energia de cargas positivas, e a produzida pelo campo de força da sua nave, de cargas negativas. Ao entrarem em conflito direto, ambas anulavam-se mutuamente, mas só na infinitesimal fração de segundos que durava a passagem da nave, e limitando-se apenas à área por esta ocupada.

Assim que atingiram o fundo do mar, embora já não fosse mais novidade para nenhum deles, os três humanos novamente ficaram extasiados com a inigualável e extraordinária beleza dos oceanos, na sua majestosa exibição de quanto a natureza podia ser magnífica. Peixes multicoloridos, lulas, crustáceos, polvos, tubarões, algas, baleias e golfinhos, enfim, tudo ali os encantava sobremaneira.

Mas, como tudo o que é bom e belo, uma hora termina...

Logo, eles atingiram a superfície. E, no instante seguinte, as águas salgadas do Oceano Atlântico não mais os envolviam, apenas o céu azul sobre este. E, enquanto seguiam para o seu destino, Thomas não pôde deixar de pensar sobre aquela última experiência. Ele nunca mais veria as águas do mar do mesmo jeito, agora que tinha a consciência de que, sob elas, existia um outro mundo, muito diferente do seu, mas igualmente belo, admirável e que merecia ser preservado e cuidado. Então deliberou sobre a existência de “Deus”, pois só mesmo uma força criadora dotada de sabedoria e poderes infinitos e ilimitados seria capaz de conceber tal maravilha...

* * * * *

A tarde avançava rápido e logo começaria a escurecer sob o céu de Bucareste, a antiga capital da Romênia, agora transformada num imenso campo de concentração dos demons. Para lá, eram gradativamente conduzidos todos os prisioneiros dos outros campos, espalhados pelo país e pelo continente afora, para serem submetidos ao soro biológico, aplicado única e exclusivamente por Magog e seus assistentes, em cada um

deles. Por ora, as operações de transporte de prisioneiros estavam suspensas, devido à enorme quantidade de cobaias na fila de espera. O trabalho transcorria lento demais e era bastante cansativo, já que se fazia necessário aplicar o soro biológico em cada espécime, individualmente.

Todavia, o velho cientista dos demons já há muito vinha estudando uma forma de maximizar o rendimento do soro e, ato contínuo, otimizar o processo de aplicação do mesmo, reduzindo o tempo e o esforço dispendidos por sua equipe. E foi durante uma de suas inúmeras experiências, levadas a cabo ali mesmo, em Bucareste, que ele descobriu a chave para ambos. Na noite anterior, após um dia inteiro aplicando manualmente o soro biológico em milhares de cobaias, recolheu-se à sua cabana individual e, ao ferver água para o seu já viciado café, observava o vapor que fluía da chaleira, quando teve uma ideia. E passou a noite toda e a manhã daquele dia trabalhando nela. Mas só há uns poucos minutos conseguiu concluir a sua obra-prima.

Agora, faltava apenas testá-la. E, para isso, uma centena de espécimes humanos de elevada qualidade – homens fortes e sadios, escolhidos a dedo por ele mesmo – foi arrastada para uma espécie de câmara, hermeticamente fechada e isolada do mundo exterior por uma impenetrável parede de vidro de uns três centímetros de espessura, através da qual o cientista e os seus asseclas podiam observar nitidamente tudo o que se desenrolava lá dentro.

— Meu senhor, está tudo pronto, rigorosamente como o senhor ordenou – um dos assistentes o avisou. – Devemos começar?

— Imediatamente – o velho rugiu. – Já perdemos tempo demais.

O assistente ergueu o rádio, através do qual emitiu a ordem.

— Acionar o compressor!

No mesmo instante, escutou-se ao longe o ronco de um motor, e uma fumaça esverdeada começou a invadir a câmara com os humanos, através dos dutos de ar. Os homens assustaram-se e, desesperados, tentaram em vão quebrar o vidro e arrombar a porta de aço maciço. Não conseguiram. E, em questão de poucos segundos, viram-se envolvidos pela névoa esverdeada, que inevitavelmente penetrou pelas narinas e por todos os demais orifícios de seus corpos. Um a um, foram caindo ao chão, entre espasmos e gritos de agonia.

Magog sorriu, plenamente satisfeito. E, sem esperar para ver o que aconteceria a seguir, o velho retirou-se para o seu escritório. Já o sabia de antemão: aqueles pobres infelizes, em questão de umas poucas horas, somar-se-iam aos milhares, ou melhor, aos milhões de novos demons inferiores que integravam as fileiras do Exército de Lúcifer.

Sim... Ele havia conseguido!

Descobrira como transmutar o agente biológico, de seu estado líquido primitivo, para o estado gasoso, sem qualquer prejuízo às suas propriedades metamórficas.

Graças a ele, os demons possuíam agora, um poderoso e eficiente gás mutante.

Uma arma capaz de alterar, para sempre, os rumos daquela guerra...

# CAPÍTULO XXXV

— Excelente notícia, velho! Mantenha-me informado sobre os seus progressos – Lúcifer comemorou a descoberta do novo gás mutante, desligando o telefone.

Com um incontido sorriso que se abria de orelha a orelha, o senhor dos demons recostou-se na cadeira, já imaginando as implicações daquele fato novo no desenrolar dos acontecimentos futuros. Graças ao poderoso gás, recém-criado por Magog, podia-se acelerar o processo de mutação nos humanos. Em questão de poucos dias, milhões de novos soldados somar-se-iam às numerosas fileiras de seu exército de demônios. E então, eles poderiam intensificar os ataques ao continente europeu e, com isso, num curto espaço de tempo, extinguir de vez todos os focos de resistência, que, embora reduzidos, ainda existiam no continente, abrindo o caminho para novas conquistas, entre as quais figuravam no topo da lista a Ásia e a África. Desse modo, muito antes do que ele imaginara, conseguiria induzir o inimigo (os anjos) a um enfrentamento direto: a esperada Batalha do Armagedon, em que eles e os seus insuportáveis lacaios humanos finalmente seriam destruídos.

Quanto à Terra... Com Gabriel e os anjos fora do seu caminho, a Terra seria toda sua, lhe pertenceria. Um planeta inteiro à sua disposição, para que fizesse dele aquilo que bem entendesse. Um planeta inteiro que, em curto prazo, seria transformado em um único e gigantesco reino: o *Reino dos Demons*.

Melhor: a Terra seria o seu reino... O *Reino de Lúcifer*!

* * * * *

No dormitório do submarino nuclear norte-americano *US Churchill*, que seguia rumo à Antártida, acompanhando a desmesurada frota da ONU, Leon lia em voz alta as anotações que havia feito em seu caderninho de bolso:

"Painel de controle de submersão e emersão – cor: cinza metálico – indicadores de profundidade, medidor de pressão, bússola giratória, sonar de máximo alcance, indicador de velocidade, vários sinais luminosos e alguns auditivos (para orientação do pessoal de proa e popa). Painel semelhante ao de um caça militar de última geração. Instrumentos responsáveis pela manutenção do submarino em sua posição horizontal, periscópio...".

— Mas que diabos você está fazendo? Não sei se deu para reparar, mas eu estou tentando dormir – Duke reclamou, da cama de baixo do beliche que os dois dividiam.

— Desculpe. É que estou estudando os controles do submarino, afinal de contas, um dia posso ter que pilotar um... – o piloto explicou.

— Cale a boca e me deixe dormir, senão a única coisa que você vai pilotar será uma bela cadeira de rodas, depois que eu acertar o seu traseiro – o americano resmungou mal-humorado.

Leon pensou em responder-lhe à altura, mas limitou-se a mordiscar a tampa da caneta, refletindo sobre a longa viagem que eles ainda tinham pela frente. Avançando à velocidade média de trinta e cinco nós, correspondente a aproximadamente uns 50 km/h, e uma distância a vencer de quase mil milhas marítimas, o inglês calculou que a viagem ainda demoraria um dia inteiro. Era óbvio que o submarino podia atingir velocidades bem mais altas, mas precisava acompanhar o ritmo do restante da frota, que os seguia nessa média entre os 50 a 58 km/h, no máximo.

Largou o bloco de anotações e fechou os olhos, tentando dormir. Porém, ele estava cansado de fazer isso. Desde que eles haviam embarcado, passavam a maior parte do tempo dormindo, já que não havia muito que se fazer a bordo do *US Churchill*, além de ler, jogar videogame ou assistir a filmes desgastados no aparelho de DVD da sala dos oficiais.

Na manhã seguinte, para a alegria do piloto inglês, eles foram convidados, junto com Micael, para irem até a ponte de comando da embarcação, onde o capitão, em pessoa, os recepcionou, informando que exatamente naquele momento eles atravessavam o *Estreito de Drake*, localizado entre a ponta inferior da América do Sul e o começo da península antártica. Os visitantes fixaram os olhos no monitor colorido, que mostrava uma vasta extensão de gelo à frente.

— Bem vindos à Antártida, senhores! – o capitão anunciou orgulhoso. – Talvez os senhores já tenham ouvido histórias de submarinos que navegaram sob o gelo do Polo Norte. Mas aqui, no Polo Sul, a coisa é um pouco diferente. Até onde sabemos, não se pode passar debaixo do gelo, assim como um submarino não pode cruzar por debaixo de NY ou de Washington. Nós estamos perto de um continente e não de uma gigantesca ilha flutuante, como muitos consideram a Antártida. Por isso, eu tomei a liberdade de chamá-los aqui hoje, já que acho conveniente que os senhores estejam cientes dos problemas que enfrentaremos a partir de agora.

— Problemas? – Duke indagou, franzindo as sobrancelhas numa careta. – Do que exatamente estamos falando?

— Como deve ser do vosso conhecimento, setenta por cento do estoque de água doce do planeta encontra-se ao nosso redor, nas grossas camadas de gelo que cobrem todo o continente e, também, sob a forma dos perigosíssimos *Icebergs* – ele explicou. – Devo

mencionar que navegar através deles torna-se extremamente arriscado. Todo o cuidado é pouco, principalmente com os pequenos, por serem os mais perniciosos. Foi um desses, dos menores, que afundou o "*Titanic*". Os tripulantes avistaram apenas uma modesta ponta de gelo acima da superfície, enquanto a parte submersa do *Iceberg* rasgava todo o casco do transatlântico.

— O que não vem a ser o nosso caso – Duke sorriu aliviado. – Nós podemos ver o que está debaixo da água através dos sonares de longo alcance do submarino, o que nos deixa muito mais seguros.

— Não é bem assim... – o capitão retomou. – Os submarinos possuem cascos de pressão única. Se colidirmos, em determinado ângulo, contra uma dessas montanhas de gelo flutuantes, mesmo as menores, podemos dar adeus às nossas vidas.

O americano engoliu em seco.

— Mas não se preocupem – o capitão acalmou-os. – Não bateremos em nada. O *US Churchill* possui um sistema de sonares passivos que monitora constantemente a água ao nosso redor, acima e abaixo de nós, e um segundo, de sonares ativos, com os quais podemos medir até mesmo a espessura do gelo na superfície, caso terminemos presos sob uma plataforma fechada.

— E isso pode acontecer? – Micael indagou. – Digo, ficarmos presos debaixo de uma plataforma de gelo?

— É claro que pode! E é mais frequente do que podemos imaginar – ele afirmou. – O único problema é que nenhum submarino nuclear que tenha passado por isso voltou. Mas, fiquem tranquilos, pois se acontecer conosco, basta detonarmos algumas das ogivas nucleares que carregamos a bordo e eu garanto que conseguiremos sair rapidinho...

— Ogivas nucleares? – o americano desesperou-se, levando as mãos à cabeça. – Minha Santa Edwiges! Com tantos barcos à disposição, nós fomos pegar carona logo num comandado por um doido e com armas nucleares a bordo!

E então, diante dos olhares preocupados dos três, o capitão caiu na gargalhada, junto com todo o resto da tripulação do submarino.

Sem compreender o que estava acontecendo, Micael, Leon e Duke limitaram-se a encará-los com a expressão abobalhada.

Somente após um longo tempo, depois de recompor-se, o capitão explicou-lhes que tudo aquilo, a história de ficarem presos sob o gelo e de detonarem as ogivas que eles supostamente traziam a bordo, era parte de um trote que sempre aplicavam nos novatos, em sua primeira viagem num submarino.

Duke ficou vermelho de raiva e fechou a cara. Zangado, resmungando e batendo os pés no chão, ele deixou a ponte de comando, sob o implacável coro de gargalhadas dos

marinheiros do *US Churchill* e, inclusive, dos próprios companheiros, que, ao contrário dele, levaram o trote na esportiva.

De tão exasperado que estava, o ex-traficante foi direto para a sua cabine, onde, por todo o resto da viagem, permaneceu trancado.

— Desculpem a brincadeira de mau gosto – o capitão disse, ainda rindo. – Nós não resistimos à tentação! Será que o seu amigo aceitaria as minhas desculpas, se eu fosse pessoalmente falar com ele?

— Esqueça-o – Leon aconselhou. – Se ele o vir, brabo como está, é bem capaz de esganá-lo. É melhor deixá-lo quieto!

— Mudando de assunto... – Micael interrompeu-os. – O senhor tem ideia de quando alcançaremos o nosso destino, capitão?

— Segundo as coordenadas que eu tenho, se o caminho estiver livre, como vocês informaram que estaria, e caso não ocorra nenhum imprevisto, acredito que devemos aportar na tal base dos anjos ainda hoje. No final do dia, para ser mais exato.

* * * * *

— Vocês sabem como surgiu o nome Antártida? – indagou Othoniel, de súbito, enquanto eles sobrevoavam o continente gelado, a bordo da espaçonave.

E, antes que os seus interlocutores pudessem pensar, ele próprio respondeu:

— Embora obscurecido pelas trevas culturais da Idade Média, o conhecimento de que a Terra era esférica já era a muito sabido pelos gregos. Chegou-se a calcular inclusive o seu raio, com pouquíssima margem de erro. Naquela época, os antigos já conheciam as terras geladas do norte e, como sobre o Polo Norte pairava a brilhante estrela polar (*Polaris*), pertencente à constelação da *Ursa Menor*, a região recebeu a denominação de "*Arkticus"*, que significava "*Ursa Menor"* em grego. E, imaginando a simetria de um corpo celeste esférico para a Terra, os pais da ciência concluíram que na extremidade sul do planeta também deveria haver uma região gelada, à qual, por ser o oposto do Polo Norte, recebeu o nome de "*Anti-Arkticus"*. E do adjetivo surgiu o substantivo Antártico, que latinamente sofreu a alteração para o atual: Antártida.

Enquanto eles sobrevoavam o continente glacial, Angelina e os dois ex-agentes, apesar do céu encoberto e dos fortes ventos, puderam vislumbrar a geleira *Stenhouse*, através do domo translúcido da nave. Situada na *Ilha Rei George*, chamava a atenção pelos seus cento e cinqüenta metros de altura e por encontrar-se cercada por *icebergs* de todos os formatos e todos os tamanhos, alguns inclusive com piscinas naturais; colônias de pinguins, focas, lontras, elefantes marinhos e *skuas* (espécie de aves rapineiras). Até

uma baleia jubarte, que numa saudação aos boquiabertos observadores, emergiu das profundezas do mar gelado no exato momento em que passavam sobre a *Ilha Elephant*. Pouco depois, sobrevoaram os picos dos *Montes Transantárticos*, bastante próximos ao estreitamento entre o *Mar de Ross* e o *de Weddell*, e que se estendiam por 4.800 km, desde a *Terra de Victória* até as *Coasts Land*, dividindo em duas metades, ocidental e oriental, o continente. O *VEP* seguiu rumo ao sul, pela metade ocidental, passando rapidamente pelos *Montes Ellsworth* e pelas famosas sete geleiras, das quais a maior era a *Geleira Byrd*, localizada entre as suas cordilheiras. E rumou diretamente para o *Maciço Vinson*, o ponto mais elevado de todo o continente, com os seus 5.140 metros de altitude.

Ao vê-lo, o anjo cientista esboçou um largo sorriso.

Foi quando, num repente, Thomas percebeu que a nave não iria alterar o curso. Eles seguiam em linha reta para o centro da formação rochosa, totalmente encoberta pelo gelo, e agora perigosamente próxima. Assustado, o brasileiro abriu a boca para gritar, mas algo o impediu. Atônito, observou a montanha estremecer e, subitamente, abrir-se diante deles.

— Segurem-se firme! – Othoniel recomendou, enquanto guiava o *VEP* através da abertura surgida na montanha.

A fenda, cujas paredes, chão e teto eram totalmente revestidos com *criometal*, tinha o dobro do tamanho da espaçonave, mas representava ser bem menor, devido à alta velocidade em que eles se encontravam. A impressão que se tinha era de que as laterais azuladas raspavam na fuselagem do disco voador. E, para piorar, logo depois da entrada, uma acentuada curva para baixo conduziu-os a um túnel descendente, cuja inclinação, praticamente perpendicular em relação ao solo, provocaria arrepios até no mais corajoso dos pilotos.

Mudos e completamente paralisados pela tensão da descida, os guerreiros da luz tentavam desesperadamente se segurar. Porém não era necessário, já que os sistemas de gravidade artificial da nave praticamente anulavam os efeitos da manobra. A descida continuou por uns três ou quatro quilômetros em linha reta. E então, da mesma maneira como começou, abruptamente terminou, com o túnel descendente desembocando em uma gigantesca galeria em “L”, onde várias outras naves como a que os transportava, além de uma infinidade de estranhos veículos com esteiras no lugar das rodas, e que Thomas julgou serem usados para o transporte terrestre sobre o gelo, permaneciam estacionados. Outros, que pareciam caminhões e ônibus, porém, com uma aerodinâmica totalmente diferente de tudo o que o brasileiro já vira e que, ao invés de esteiras ou rodas, simplesmente flutuavam no ar, alguns centímetros acima do chão.

Inicialmente, Thomas não acreditou nos próprios olhos. Aquele lugar superava, em

tamanho, tudo o que já tinha visto na vida. Até mesmo a ilha-continente de Atlântida não conseguia se igualar em grandiosidade, embora ali, a beleza e a ostentação cedessem lugar à praticidade. Tudo refletia a simplicidade e a austeridade tão peculiares de uma autêntica base militar. Não havia templos, estátuas, casas ou prédios requintados, e sim, milhares de prédios simples e invertidos, dispostos em diversos andares abaixo do solo, onde ficavam os alojamentos coletivos, além de refeitórios, enfermarias, salas de aula, campos de treinamento, laboratórios tecnológicos, centros de comunicações e um centro de comando, alojamentos dos oficiais e quatro imensos depósitos, um de armas e três de mantimentos, ambos abarrotados.

De onde eles se encontravam, Thomas não podia visualizar os extremos da base, em nenhuma direção que resolvesse olhar, no que imaginou o quanto dos quatorze milhões de quilômetros quadrados do continente fora escavado e aproveitado na construção.

Os anjos que trabalhavam na manutenção dos veículos e naves, ao verem-nos, deixaram por um instante os seus afazeres para acenar para eles.

Othoniel manobrou em direção à área reservada para o alto comando e pousou o *VEP* suavemente sobre uma plataforma retangular, onde um singelo grupo de anjos já os aguardava. Virou-se para os companheiros de viagem e sorriu.

— Sejam bem-vindos à nossa humilde casa – disse, desligando os motores.

* * * * *

O *Força Aérea Um* voava a 600 km/h sobre a imensa geleira *Beardomore*, que impressionava com os seus 200 km de comprimento por 60 de largura. Ele refazia o caminho descoberto em 1908 por *Shackleton* e, em pouco tempo, alcançou o *Maciço Vinson*. Mas, ao contrário da astronave de Othoniel, impossibilitado de executar as manobras no interior das montanhas, pousou sobre uma estreita e não muito longa pista, recém-aberta na plataforma de gelo pelos anjos da base.

— Senhores – o comandante anunciou, através do sistema de comunicação interna da aeronave –, a temperatura lá fora, neste exato momento, está em torno dos 37 graus negativos, e o vento sopra a onze nós (uns 20 km/h), o que exige o uso do equipamento polar e das roupas térmicas. Ao descerem, não se esqueçam de que a altitude em que nos encontramos é de mais de 3.000 metros acima do nível do mar, e o solo daqui não é cem por cento estável. Portanto, andem devagar e tenham muito cuidado onde pisam.

Somente depois de todos se encontrarem devidamente protegidos contra o forte frio polar é que a porta do avião foi aberta. Ao saírem e finalmente pisarem no solo antártico, os dez líderes da ONU, juntamente com Sarah, Nizael e Uriel, sentiram uma repentina

injeção de ar gelado, todavia, extraordinariamente seco e de uma pureza incomparável, que instantaneamente os reavivou, revigorando-os após a extenuante viagem.

Um veículo com esteiras rolantes no lugar de rodas já os aguardava no final da pista. As portas do inusitado ônibus para o gelo se abriram e dois anjos, igualmente vestidos em grossas roupas térmicas, fizeram sinal para que entrassem.

Enquanto o grupo avançava em direção ao ônibus, Uriel notou que, assim como nos outros, a mucosa do seu nariz congelava, dificultando a respiração. Ofegantes e tossindo, eles cruzaram lentamente e em total silêncio os quase duzentos metros que separavam o avião do veículo. O ruído das pesadas botas térmicas rompendo a crosta endurecida da neve provocava uma sensação inquietante. Nos metros finais, o anjo olhou para o lado e viu que alguns dos companheiros apresentavam os lábios em uma tonalidade azul-anil e eram presas de extrema exaustão.

Mais tarde, todos sofreriam os efeitos do frio e das elevadas altitudes, sob forma de náuseas, vômitos, desarranjos gastro-intestinais e fortes dores de cabeça. Apesar disso, ninguém do grupo se deixou abater e, como os líderes que eram, cumprimentaram de cabeça erguida os dois anjos e, um a um, foram se acomodando no interior do estranho veículo. Meia hora depois, também eles foram apresentados à fenomenal e incomparável estrutura da base dos anjos.

* * * * *

Enquanto isso, o restante da frota ainda seguia por mar, rumo às coordenadas preestabelecidas. Havia *icebergs* e pedaços menores de gelo por todos os lados. Leon e Micael, trajando roupagens grossas e térmicas, encontravam-se no *deck d*o submarino, agora emerso, na companhia do capitão e de seu oficial imediato.

— Por causa da deriva continental, a Antártida tem constantemente se movido para oeste – explicava o comandante. – E, devido às oscilações no Pacífico, o solo do oceano, durante todo este tempo, dezenas de milhares de anos, moveu-se na direção oposta, para o leste...

Inspirou profundamente, e depois continuou:

— O que me leva a crer que, em um passado longínquo, este lugar deve ter sido um verdadeiro paraíso, completamente habitável!

— Muitos fósseis já foram encontrados aqui, alguns com mais de um milhão de anos – o imediato continuou. – Surpreendente, não?

Enquanto os dois militares falavam, Leon e Micael imaginaram como haveria de ter sido aquele lugar antes do congelamento: muito verde e repleto de vida, com flora, fauna,

recursos minerais e naturais abundantes e inesgotáveis...

Nisso eles estavam, todos tão absortos em seus próprios pensamentos, que levaram um tremendo susto quando o rádio do imediato emitiu um bipe e, logo depois, uma voz metálica ecoou com indisfarçável preocupação.

— Senhor, o sonar detectou um perigoso aglomerado rochoso submerso, a vinte e cinco metros a estibordo.

— Ordene a parada dos motores – o comandante instruiu.

O imediato tirou o rádio da cintura e repassou a ordem.

— Ponte – ordenou ele –, parar os motores!

— Ponte confirmando. Motores em desaceleração.

Lentamente, mas de forma claramente perceptível, o submarino foi reduzindo a velocidade, enquanto os quatro desciam apressadamente as escadas para a ponte de comando.

— Tudo bem à popa? – o capitão indagou, ao entrar na sala.

— Afirmativo, senhor. Os sonares acusam tudo limpo a até quinhentos metros – respondeu o segundo imediato.

— Recuo um-três. Leme trinta graus à esquerda e depois, tudo à frente. Fiquem atentos ao gelo na superfície. Se for necessário submergir, avisem a todos, para que não ocorram acidentes.

— Sim, senhor.

O oficial cumpria as ordens, no que o capitão voltou-se para os dois passageiros:

— Daqui para frente, a nossa agradável viagem passará a ser assim, aos trancos e barrancos – ele anunciou. – Portanto, se forem tomar café, não encham demais as suas xícaras. O pessoal da lavanderia sempre reclama da quantidade de peças manchadas com café, cada vez que manobramos desse jeito.

— Ah! Se arrependimento matasse... Eu deveria de ter escutado os meus pais e me dedicado à emocionante e divertida carreira de professor primário, ao invés de entrar para escola de aviação – murmurou Leon, no ouvido de Micael.

Após mais de sete horas e incontáveis manobras a baixíssima velocidade, a frota finalmente alcançou as coordenadas passadas por Nizael. A superfície da água era de um azul tão escuro que, em determinados momentos, chegava a parecer preto. Em torno do *US Churchill*, construído essencialmente para ser estável debaixo d'água, mas que agora, emerso, sacudia-se todo ao sabor das ondas, pedaços de gelo do tamanho de cadernos universitários flutuavam livremente por entre os navios da incomensurável armada.

Do alto da torre do submarino, a tripulação e os guerreiros da luz avistaram ao longe o imenso comboio de veículos para o gelo, aguardando pacientemente por eles, ao largo

de uma espécie de cais improvisado.

* * * * *

Durante sete dias e sete noites sem descanso, os duzentos e quarenta milhões de soldados da frota, provenientes dos quatro cantos do globo terrestre, desembarcaram num organizado sistema de revezamento. Um a um, os navios militares e particulares aportavam, despejavam a sua carga viva, que era imediatamente transportada até a base subterrânea, e imediatamente deixavam o cais, cedendo o lugar para os outros que ainda aguardavam.

No oitavo dia, iniciou-se o treinamento do maior e mais espetacular exército de todos os tempos já reunido sobre a face da Terra.

# CAPÍTULO XXXVI

Várias semanas se passaram desde o desembarque das tropas sobre o inóspito solo gelado da Antártida. O treinamento, ministrado exclusivamente pelos guerreiros da luz e pelos anjos da base, seguia de vento em popa e sem muitas novidades. Em cada um dos múltiplos campos de treinamento espalhados pela incomensurável base subterrânea eram ensinados os mais variados conjuntos de técnicas necessárias para o adequado, correto e eficiente manejo de cada tipo específico de arma, que variava desde o uso do escudo, arco e flecha, machado, espada e lança, até adagas e toda uma verdadeira infinidade de pequenas, médias e grandes armas confeccionadas a partir do *criometal*. Além dos campos de treinamento com armas, havia também outros espaços destinados ao aperfeiçoamento do condicionamento físico e intelectual das tropas, dotados de equipamentos de musculação, pistas de corridas e obstáculos, quadras poliesportivas, bibliotecas completas e salas de aula com um avançadíssimo sistema de telões e som integrados e capacidade para milhares de alunos ao mesmo tempo.

Thomas e Desirée, após terem sido flagrados se beijando às escondidas em pleno dormitório dos oficiais e líderes globais assumiram publicamente o seu relacionamento, e, por conta disso, tiveram que aguentar as piadinhas dos companheiros, até que estes se cansaram e resolveram deixar os pombinhos em paz.

Barrabás, Leon e Duke haviam se juntado aos anjos na difícil tarefa de treinar o audacioso exército misto composto por homens e anjos. Soldados dos quatro cantos do planeta, de diversas nacionalidades, de todas as raças e cores de pele, de diferentes crenças religiosas e ideologias políticas, estavam unidos por uma necessidade maior. Inimigos entre si, que, por força das circunstâncias, eram obrigados a deixar de lado as rivalidades e animosidades para trabalhar juntos em prol da mesma causa comum: a sobrevivência da humanidade no planeta Terra. Judeus, muçulmanos, budistas, cristãos e ateus; ricos e pobres; democratas e republicanos; capitalistas, socialistas e comunistas unidos e trabalhando juntos, lado a lado. Eram brancos, negros, asiáticos e indígenas; ocidentais e orientais com um mesmo propósito. Era a realização plena do sonho máster dos maiores pacifistas e unificadores da história.

Pena que os sonhos não são eternos e nada perdura para sempre...

* * * * *

O tempo passava muito devagar e sem novidades, de modo que a longa espera, sem notícias do mundo exterior, tornava-se uma espécie de molho horripilante e indigesto que se derramava sobre os longos e intermináveis dias e noites, encharcando-os com amargas expectativas em relação ao futuro.

Mas eis que num determinado dia aconteceu...

As notícias chegaram, de repente, durante uma reunião entre os guerreiros da luz, os Escolhidos, os líderes da ONU e o alto comando dos anjos, com Sarah e os quatro cientistas de *Ethernyt*: Othoniel, Ethel, Nizael e Daniel. Eles debatiam sobre a aparente inércia do Exército de Lúcifer, que, após dominar toda a Europa e transformá-la num gigantesco campo de concentração e de extermínio continental, não havia mais dado nenhum sinal de vida, quando a reunião foi subitamente interrompida por uma anja alta e extremamente bonita, de asas e cabelos verdes, que pediu licença e num rompante invadiu a sala.

— Desculpem interrompê-los – disse ela. – Mas a gravidade da situação não me permitiu esperar.

A beldade alada atravessou a sala como um raio e ligou o telão de plasma de cem polegadas, conectado diretamente ao sistema de satélites-espiões norte-americano.

— Faz alguns minutos que começamos a captar o sinal – declarou a anja.

E então, homens e anjos assistiram ao vivo, mudos de pavor e perplexidade, às horrendas imagens dos primeiros ataques simultâneos dos demons à Ásia e à África.

Tóquio, Pequim, Bangladesh, Seul, Johannesburgo, Cairo, Jerusalém e Telavive se revezavam no telão, enquanto hordas sem fim de demônios as riscavam do mapa para sempre, junto com as suas populações.

Impossibilitados de reagirem contra os novos ataques ou de contra-atacarem, os guerreiros da luz, embora inconformados e dominados por sentimentos indutores de vingança, não tiveram outra opção, além de se conformarem.

* * * * *

Todos, menos o Iluminado...

Naquela mesma noite, ainda acometida pelo mal-estar e pela agonia das cenas de terror que havia assistido na sala de reuniões, Sarah tentava em vão descansar um pouco, já que dormir ela sabia que seria impossível.

Contudo, as horrendas imagens de destruição e morte insistiam em permanecer diante de seus olhos, mesmo estando eles fechados. A menina rolava de um lado para o outro na cama de campanha que lhe fora destinada, na ala feminina do alojamento dos

líderes e oficiais. A dor e a angústia pela perda daquelas milhões de almas inocentes apertavam-lhe o coração e atordoavam-lhe os sentidos. A sensação de impotência diante daquela desesperadora situação e o inconformismo, assim como a repulsa e até mesmo o ódio que sentia por Lúcifer e seu exército amaldiçoado, aos poucos, consumiam o seu espírito de luz. Sarah sentia que a chama da vida ainda tremeluzia dentro dela, mas lentamente começava a se extinguir.

E então, mentalmente, ela pediu às desconhecidas, porém poderosas, forças que regem os universos que a aconselhassem e lhe mostrassem o melhor caminho, enfim, que lhe dessem um pouco da tão sonhada paz, a qual procurara, sem sucesso, durante toda a sua longa e sofrida existência.

Naquele instante, ainda com os olhos cerrados, uma última e derradeira visão atendeu às suas súplicas. E, quando abriu os olhos, o Iluminado já sabia exatamente o que deveria fazer, como, quando, onde e por quê.

Decidida, Sarah levantou-se da cama e, em completo silêncio, vestiu-se. Depois, pé ante pé, deixou o setor dos alojamentos, com o capuz da longa capa negra a cobrir-lhe a cabeça e a face.

Passando pela sala de reuniões, entrou. E, apossando-se de uma folha de papel e uma caneta, ela passou a redigir a sua mensagem final para os guerreiros da luz e os Escolhidos.

* * * * *

À exceção das sentinelas encarregadas da ronda noturna, todo o restante da base dormia tranquilamente. Luzes apagadas. Silêncio absoluto.

O diminuto vulto encapuzado deslizava através das sombras, unindo-se a elas, de modo que sua sutil presença nos arredores do gigantesco estacionamento da base polar tornava-se quase imperceptível. Esperou até que a única sentinela de plantão naquele local completasse a ronda e se afastasse, para aventurar-se por entre os veículos e naves.

Até ali, tudo certo. Ninguém se apercebera da sua presença. Aproximou-se de um *VEP*, semelhante ao que os cientistas usaram para ir à Fortaleza da Montanha e trazê-los para a base. O disco voador encontrava-se com a rampa de acesso abaixada.

Quando estava prestes a subir por ela, escutou uma voz atrás de si.

— Pare onde está e vire-se devagar, com as mãos à vista! – a sentinela bradou, erguendo a espada em sua direção.

Sarah ergueu as mãos, retirou o capuz e virou-se.

— Por *Ethernyt*! – exclamou surpreso, o anjo. – Mas você é o Iluminado!

Porém, mesmo reconhecendo-a, ele não baixou a guarda.

— O que faz aqui? – indagou desconfiado.

— Eu estava com insônia – a menina respondeu sorridente. – E então, resolvi dar uma volta para espairecer.

— Infelizmente, terei que escoltá-la de volta ao alojamento. O toque de recolher ainda está vigorando. Ninguém deve circular pelas instalações da base à noite. Sinto muito, mas ordens são ordens e todos nós devemos cumpri-las.

— Não se preocupe – Sarah disse, calma e docilmente. – Eu compreendo a sua situação e o congratulo por sua eficiência e zelo às ordens que recebeu.

— Obrigado. Vamos indo então – ele embainhou novamente a espada e virou-se para a saída do estacionamento, já começando a andar.

– Por favor, siga-me.

Sarah pensou rápido, e, numa fração de segundos, tomou a decisão. Agindo por reflexo, aproximou-se do anjo por trás e esticou o braço, tocando-o de leve na nuca, no que uma intensa e vibrante luz azulada emanou de sua mão. Ato contínuo, o anjo desabou desacordado.

Apesar de um pouco tonta e debilitada por conta do esforço, a menina girou os olhos ao redor, constatando que estavam sozinhos e que ninguém mais a vira.

— Perdoe-me – disse, encarando o anjo desmaiado.

Então, virou-se e correu para a espaçonave. Subiu como um raio pela rampa de acesso, indo direto para o assento do piloto.

“E agora? Como eu farei para esta coisa voar, se nem mesmo sei como ativar os seus motores?” – pensou.

Sem outra opção, uma vez mais, recorreu aos seus poderes. Fechou os olhos e se concentrou. De repente, sentiu fluir de cada poro de seu corpo a mesma luz azul que pôs o anjo a nocaute e que, em diversas outras ocasiões anteriores, salvara sua vida, norteando e guiando os seus passos.

Um ruído sibilante fez-se ouvir, enquanto a nave estremecia e os motores eram telepaticamente acionados. Sarah concentrou-se então na rampa de acesso, e a mesma se fechou. E, da mesma forma, fez a nave flutuar e ganhar o túnel vertical que a conduziria para fora da base subterrânea, abrindo o maciço e voando rumo ao céu escuro porém estrelado da Antártida. Abriu os olhos e procurou por um botão específico.

Encontrando-o, acionou o piloto automático da astronave. O painel de controle iluminou-se em múltiplas cores e um hieróglifo começou a piscar intermitentemente. Sarah sabia o que era: precisava informar ao navegador eletrônico da nave o destino ou as coordenadas para onde desejava ser levada.

Sem titubear ou vacilar, fechou novamente os olhos e concentrou-se.

— Londres... Leve-me para Londres! – exclamou por fim, em voz alta.

* * * * *

Thomas, completamente ensopado de suor, revirava-se de um lado para o outro na cama de campanha, durante mais um horrível pesadelo. Por não haver camas ou quartos de casal na base, ainda, ele e Desirée foram obrigados a dormir separados nos respectivos alojamentos masculino e feminino dos oficiais.

Ele havia custado bastante a pegar no sono e quando finalmente se entregara, os pesadelos, constantes e implacáveis, passaram a atormentá-lo. E aquele, em especial, era o mais terrível de todos.

No sonho, durante a Grande Batalha do Apocalipse, eles eram derrotados e o mundo inteiro sucumbia aos demônios. Lúcifer torturava os seus companheiros e os matava, um a um, na sua frente. De repente, o cenário mudava e apareciam os seus pais, queimando em meio às chamas do velho apartamento em que moravam, e ele, adulto, assistia a tudo sem poder fazer nada para ajudá-los. Depois, em um último estágio do pesadelo, Desirée, grávida, era torturada por Lúcifer na sua frente e, antes de morrer, dava à luz um filho. Mas não se tratava de uma criança normal. Era um bebê demônio, que Lúcifer agarrava para si, alegando que o criaria como seu próprio filho.

— Thomas, acorde...

Em conjunto com a voz, ele sentiu uma mão sacudindo-o.

No mesmo instante, retornou à realidade e, com extrema dificuldade, descerrou os olhos, sentindo-se agradecido por ser arrancado daquele medonho pesadelo. Foi quando conseguiu vislumbrar as feições do seu benfeitor: Uriel.

— Obrigado – resmungou, ainda tonto. – Você me tirou de um sonho horrível.

— Não me agradeça ainda. Em algumas ocasiões, a realidade consegue ser bem mais horrível do que os nossos piores pesadelos – divagou o anjo sério.

— Hã? Do que diabos você está falando? – o brasileiro sobressaltou-se, agora sim, completamente desperto, com uma espécie de alarme silencioso ecoando em sua cabeça, posto que era capaz de sentir a aflição e o desespero no rosto do amigo alado.

— É Sarah... Ela desapareceu – o anjo disse.

— Como assim “desapareceu”? – Thomas repetiu incrédulo.

— Nós ainda não sabemos ao certo – Uriel discorreu. – Mas parece que deixou uma carta de despedida na sala de reuniões.

— Por Deus! – o ex-agente brasileiro bradou, socando violentamente a cama. – Isto

não pode estar acontecendo!

Cinco minutos depois, escancaravam-se as portas da sala de reuniões, e Thomas cruzava como um raio por Barrabás, Leon, Duke, Desirée, Kamael, Angelina, Micael e os anjos cientistas, indo direto ao Arcanjo e praticamente arrancando a folha de papel de suas mãos.

E, antes que alguém interferisse, começou a lê-la.

***"Queridos amigos,***

*Desde o início de minha existência, eu sempre soube que um dia a minha hora chegaria. Passei toda uma vida a par de qual seria o meu destino. O destino para o qual fui concebida, que jamais revelei e do qual não adianta querer fugir. E agora, que ele bateu à minha porta, foi necessário partir ao seu encontro. Confesso que estou com medo e que gostaria de poder mudar o ato final da minha existência. Porém, não posso. E, mesmo que pudesse, não o faria, posto que o futuro de todos na Terra depende disso. Sei o quanto a minha partida será difícil para vocês, mas peço sua compreensão e que aceitem a minha decisão. Não tentem me impedir, e nem mesmo me seguir. Apenas rezem por mim e torçam para que dê tudo certo, que eu consiga cumprir a minha sina sem esmorecer ou fraquejar. Não se deixem abater pela minha ausência e nem pelo que vier a acontecer comigo. Tudo será como foi previsto. Aconteça o que acontecer, saibam que jamais os esquecerei e que esteja eu onde estiver, sempre estarei ao seu lado. Portanto, jamais esmoreçam ou percam as esperanças. Pois, tão certo como é o Sol, que sempre ressurge após as trevas da noite, é também a certeza de que, no final, o nosso exército triunfará. E, lembrem-se de que nenhum adeus é definitivo. Por isso: até breve!*

***Ass.: Sarah."***

Thomas leu e releu o bilhete, várias vezes, antes de erguer a cabeça.

— Alguém sabe para onde ela foi? – indagou, de repente.

— Com certeza absoluta, não – Gabriel exclamou. – Mas eu tenho uma suspeita. Sarah foi vista por uma de nossas sentinelas, perto do estacionamento. E já sabemos que ela deixou a base a bordo de um dos nossos veículos de exploração planetária...

— E como todos os *VEP* possuem avançados sistemas de rastreamento, que nos fornecem a sua exata localização no globo, podemos rastreá-la – Nizael emendou.

— Quanto tempo faz que ela partiu? – o ex-agente quis saber.

— Algumas horas – Micael antecipou-se. – Mas só descobrimos quando a sentinela que Sarah "apagou", recuperou-se e nos avisou. Ainda demoramos mais um tempo até encontrar o seu bilhete e notarmos que uma de nossas naves havia desaparecido.

— Muito bem – Thomas grunhiu, já se dirigindo para a porta. – Leon, Barrabás, Duke e Gabriel vêm comigo. Os demais ficam e nos avisam, caso surja algo novo.

Então, virou-se para os anjos cientistas.

— Othoniel, enquanto nós nos preparamos, eu quero que você arranje o melhor piloto com a melhor nave da sua frota, e deixe-os à disposição no estacionamento.

— O que você pretende fazer? – Desirée encarou-o sisuda.

Thomas sabia que ela não ficaria nada satisfeita com a sua determinação de fazê-la permanecer na base. Mas, agora que eles estavam juntos, e principalmente depois do seu último pesadelo, não podia deixar que a moça corresse riscos desnecessários.

— O óbvio – ele respondeu, já com o pé do lado de fora da porta. – Ir atrás daquela cabeçuda e impedir que faça alguma besteira.

# CAPÍTULO XXXVII

Do outro lado do Atlântico, enquanto os guerreiros da luz se preparavam para partir em missão de resgate à Sarah, Lúcifer, alheio a esses fatos, deleitava-se com as últimas notícias dos ataques do seu exército à África e à Ásia, que acabavam de chegar. Haviam sido bem-sucedidos, de modo que ele esperava para qualquer momento a rendição total e incondicional de ambos os continentes.

Jamais imaginara que dominar o mundo seria tão fácil. Ele já sabia que a aliança dos anjos e homens havia se refugiado em uma gigantesca base secreta dos primeiros, na Antártida. Mas, por ora, isso não tinha nenhuma importância.

Enquanto os anjos estivessem entocados sob o espesso gelo do continente polar, não poderiam atacá-los, pois os seus demônios não suportariam temperaturas tão baixas, mas, em contrapartida, eles também não interfeririam em seus planos.

E, com o novo gás mutante de Magog em ação, o seu poderoso e já desmedido exército aumentaria substancialmente. Dia após dia, milhares de novos soldados somar-se-iam às suas fileiras, ao passo que muitos outros ainda aguardavam nas centenas de campos de concentração, agora espalhados por toda a Europa. Isso, sem contar com os bilhões de prisioneiros africanos e asiáticos que, em no máximo uma ou duas semanas, começariam a ser transferidos para esses campos, preenchendo os lugares vagos dos já transformados.

Pensava sobre isso, quando aconteceu algo que o deixou atônito.

“Lúcifer” – uma voz ecoou dentro da sua cabeça.

Assustado, ele levantou-se e olhou ao redor, procurando pelo dono da voz. Nada. O luxuoso escritório que o líder e senhor dos demons ocupava no último andar do *Castelo de Windsor* continuava vazio. E ele, como antes, permanecia sozinho. Ninguém entrara e ali não havia nenhuma espécie de alto-falante por onde aquela voz estranha, e ao mesmo tempo familiar, poderia ter saído.

“Lúcifer” – novamente a voz reverberou em sua cabeça.

Foi quando reconheceu-a. E, instantaneamente, o demon compreendeu o que estava acontecendo: era Sarah, a menina a quem os anjos conheciam por “Iluminado”, que se comunicava telepaticamente com ele.

— O que você quer? – perguntou, em voz alta.

“Quero que mande alguém me buscar além da entrada norte da cidade, dentro de meia hora. Eu estarei sozinha e desarmada. Portanto, não oferecerei resistência aos seus

soldados".

— E por que você está fazendo isso? – ele perguntou desconfiado.

"Dentro de meia hora, além da entrada norte" – foi a única resposta que ele obteve, antes de a comunicação ser interrompida.

Mesmo supondo que por trás da súbita decisão de Sarah de se entregar poderia haver algum subterfúgio dos anjos, Lúcifer decidiu pagar para ver. Retirou o celular do bolso e discou um número.

— Sim – uma voz gutural atendeu, do outro lado.

— Memnon, prepare os seus soldados – Lúcifer ordenou enfático. – Eu tenho um servicinho especial para vocês!

* * * * *

Na hora combinada, pouco antes de sair da nave e ir ao encontro dos faróis que se aproximavam pela auto-estrada, Sarah acionou dois diodos específicos, um de cor azul e o outro vermelho. Imediatamente, um conjunto de luzinhas começou a piscar de forma intermitente no painel do *VEP*, ao redor de um hieróglifo com o desenho de um pássaro em chamas – uma espécie de Fênix grega.

Superando o medo e o tremor involuntários que se apossaram de seu corpo, Sarah respirou fundo. E, resoluta, encaminhou-se para a rampa baixada, deixando para trás a relativa segurança da espaçonave. Mal ela teve tempo de se afastar quinhentos metros do *VEP*, três jipes militares repletos de demons inferiores a cercaram.

Enquanto um grupo a revistava, os demais, tomados por uma incontida curiosidade, prontamente correram para a espaçonave e, sem nenhuma cerimônia, a invadiram.

Memnon aproximou-se da garota e a encarou sério.

— Quando Lúcifer me falou, eu quase não acreditei – ele rosnou, com o rosto quase grudado no dela. – Mas agora vejo que é verdade. No entanto, continuo achando que há algo de errado nisso tudo.

— Apenas leve-me ao seu líder – Sarah ordenou, sem rodeios. –, pois eu tenho assuntos importantes a tratar com ele.

— Garota insolente – o índio riu. – Coloquem-na no meu jipe e esperem. Eu quero dar uma olhada nessa geringonça e já volto.

E ele começou a caminhar em direção à nave.

Sarah se deixou arrastar ao veículo, sem resistir. Ao sentar, cobriu a cabeça com o capuz e virou-se de costas para o *VEP*, com um leve sorriso na boca.

O índio ainda percorria os primeiros duzentos metros em direção à espaçonave,

quando esta, subitamente, elevou-se no ar, em meio a uma imensa bola de fogo, que lançou-o ao chão.

A Fênix em chamas, que na mitologia grega representava o renascimento a partir das cinzas, naquele momento representava simplesmente a morte do pássaro – no caso, a própria nave.

Os botões que Sarah apertara antes de sair acionaram os sistemas de autodestruição do disco voador, que, ao término da curta contagem regressiva previamente programada, simplesmente cumpriram o seu papel.

Sarah sorriu. Ela sabia que nenhum demônio morreria naquela explosão, já que a regeneração celular cuidaria deles. Porém, não teriam acesso à avançada tecnologia da espaçonave nem às suas armas. A menina arriscou uma olhadela por sobre o ombro, no que deparou com um Memnon desfigurado pelo efeito da explosão, avançando furioso em sua direção.

O sorriso desapareceu, cedendo lugar ao medo.

— Sua vadia desgraçada! – esbravejou o índio, desferindo-lhe um violento soco no rosto.

E então, como fora planejado desde o início, a escuridão apossou-se de seu ser.

* * * * *

— Mas que droga! – Thomas resmungou indignado. – Quando eu botar as minhas mãos naquela desmiolada, vou pessoalmente dar-lhe uma bela surra.

— Isto não resolverá o nosso problema atual – o Arcanjo encarou-o sério. – Nem desbloqueará o sinal do dispositivo de rastreamento da nave dela. Se é que o mesmo realmente está bloqueado.

— Hã? Como assim? – Barrabás indagou, olhando para o estacionamento da base antártica através do domo translúcido do *VEP* em que eles se encontravam.

— Há uma segunda alternativa para o sinal não estar mais chegando até nós – Othoniel declarou. –, que é a possibilidade de a nave de Sarah ter sido, de alguma forma, destruída. Ou pelos demônios, ou por acidente, ou mesmo intencionalmente, pela própria Sarah.

— Deus permita que não – Leon inquietou-se.

— Você disse que suspeitava do lugar para onde ela poderia ter ido... – Thomas olhou para o Arcanjo.

— Sim, porém é mera especulação, apenas um palpite que passou pela minha cabeça ao ler a sua carta de despedida – o anjo loiro respondeu. – Não sei por que, mas acredito

que Sarah foi para Londres.

— Santo Deus! – Leon arregalou os olhos, apavorado. – Não pode ser. Londres está infestada de demônios. O que Sarah iria querer fazer lá?

— Como eu acabei de dizer: realmente não sei – ele sacudiu a cabeça. – É muito difícil, até mesmo para mim, entender o que se passa na cabeça do Iluminado.

— Bem – Thomas encarou-os. – As razões e os motivos de Sarah não importam. O que interessa agora é que, se a única hipótese que nos ocorre é de que ela tenha ido para Londres, devemos partir para lá imediatamente.

— Vocês têm certeza disso? – Othoniel indagou, postando-se à frente do painel de controle do *VEP*. Ele mesmo se oferecera para pilotá-lo.

— Absoluta! Pode ligar os motores – o brasileiro ordenou.

Alguns minutos depois, a nave sobrevoava o continente gelado, deixando o *Maciço de Vinson* e a base dos anjos para trás. E, já se encontrava sobre as águas do Atlântico, a meio caminho entre a Antártida e o continente europeu, quando os radares captaram uma estranha e desconcertante, para não dizer bizarra, transmissão de TV, enviada pelo sistema de satélites-espiões norte-americano, encarregado da constante vigilância sobre a capital inglesa, agora transformada em centro de comando dos demons.

* * * * *

Na base antártica, Desirée e os outros monitoravam as imagens enviadas pelos satélites-espiões direcionados para Londres, em uma desesperada tentativa de localizar o *VEP* desaparecido. Esses satélites, através de seus *softwares* avançadíssimos e poderosas lentes de aumento, podiam revelar, sob a forma de imagens 3-D de alta definição, até mesmo um minúsculo objeto, como a cabeça de um alfinete, em qualquer ponto do planeta, bastando apenas que quem os manejasse possuísse as coordenadas corretas de sua localização.

Foi quando Nizael direcionou os satélites-espiões para o centro de comando do inimigo, no que eles captaram uma sucessão de imagens que os atordoou: um grupo de demons arrastava uma jovem menina em direção a uma espécie de altar de pedra, improvisado sobre o amplo terraço do *Castelo de Windsor*.

— Céus... – Desirée gritou aflita, ao reconhecê-la. – É Sarah!

* * * * *

Enquanto se permitia ser arrastada por seus algozes pelos corredores escuros e frios

do *Castelo de Windsor*, Sarah repassava mentalmente a curta, porém crucial, conversa que mantivera com Lúcifer, minutos atrás, e que, inevitavelmente, selara o seu destino. Exatamente como ela havia previsto que aconteceria.

— E então, por que você veio a mim? – ele indagara, observando-a com genuína curiosidade.

— Preciso da sua ajuda – ela baixara os olhos, surpreendendo-o.

— Minha ajuda? Confesso que não entendo...

— Como você sabe, eu possuo um grande poder precognitivo que, além de me permitir prever fatos e acontecimentos futuros, agraciou-me com o dom da telecinese (capacidade de mover objetos apenas com a força do pensamento); e o da telepatia, através do qual posso penetrar na mente de qualquer ser vivo e saber, de antemão, o que ele está pensando e quais são as suas intenções.

Lúcifer jamais saberia que fora deliberadamente induzido mentalmente por ela a relembrar, naquele instante, a imagem de seus três cães de estimação misteriosamente mortos na Áustria.

— Sim, fui eu – a menina confirmara, corroborando o que acabara de afirmar a respeito de seus poderes. – Os seus cachorros. Fui eu que os matei, com meu poder, sem ao menos precisar tocá-los.

— E, apesar de possuir todo esse poder, você diz que precisa da minha ajuda? – ele interpelara, visivelmente impressionado.

— Infelizmente sim – ela respondera. – Como eu acabei de dizer, posso penetrar na mente de quem eu desejar e assim descobrir tudo o que se passa pela cabeça dessa pessoa. Foi como me deparei, quase sem querer, com um plano sórdido do Arcanjo e dos outros para me matarem, pois eles descobriram que se o fizessem, o *criometal*, ao transpassar o meu coração, liberaria a luz conservada nele, a qual é a fonte de todo o poder que possuo.

— E por que eles fariam isso? – o líder dos demons quisera saber intrigado.

— Porque eles também descobriram que, com a minha morte, essa energia sob forma de luz, após liberada, assim como os meus poderes, seria atraída e absorvida por todos aqueles que estivessem dentro de um raio de três metros do meu corpo.

Então, ela abaixara a cabeça e começara a chorar copiosamente.

— E-eles desejavam matar-me para absorverem os meus poderes. Planejavam fazer isso ainda nesta noite. Por sorte, eu descobri a tempo as suas intenções e fugi. E-eu não quero morrer e, por isso, vim oferecer a minha lealdade a você, em troca da sua proteção.

Como previra, a ambição e a vaidade de Lúcifer, mesmo ele não tendo acreditado em uma só palavra do seu desabafo, falaram mais alto. E, com as vistas no poder que

poderia obter dela, no mesmo instante, o líder dos demons despachara as ordens que os seus soldados agora fielmente cumpriam.

Com a cabeça baixa, fingindo desolação e decepção, já que o medo e a aflição eram bastante reais, a menina ainda havia encontrado forças para esboçar um leve e singelo sorriso. Apesar do terrível tormento que estava por vir, o seu plano transcorria com a mais absoluta perfeição, exatamente como lhe fora revelado em sua última visão.

Chegando ao altar, improvisado sobre uma enorme pedra retangular, os demons a deitaram de costas e, esticando os seus braços e pernas, amarraram-na às quatro grossas argolas de ferro que se sobressaíam nos cantos da pedra, afastando-se logo em seguida.

Imóvel, e enquanto aguardava por Lúcifer, Sarah contemplou pela última vez a Lua cheia e as estrelas que preenchiam, como pequeninos diamantes suspensos, o céu londrino. Aproveitando o pouquíssimo tempo que ainda lhe restava, procurou por uma específica. E, assim que a encontrou, não desviou mais os olhos dela.

* * * * *

— Mas, que diabos eles pretendem fazer? – Thomas indagou, com os olhos fixos na tela improvisadamente adaptada ao painel de instrumentos da nave, na qual se podia nitidamente vislumbrar uma tomada aérea de Sarah sendo violentamente arrastada por quatro demons na direção de um altar de pedra, ao centro do terraço circular do *Castelo de Windsor*, em Londres.

— O mesmo que os malditos fizeram com Sophie Léfèvre d'Aurillac... – Barrabás comentou, visivelmente inconformado.

— Jesus Cristo – Leon gritou. – Eles vão sacrificá-la!

— Nós precisamos impedi-los! – Thomas desesperou-se, sabendo que, por mais que quisessem, eles jamais conseguiriam chegar a tempo de salvar a menina.

Foi exatamente aí que entrou uma sexta figura em cena: Lúcifer.

Os quatro demônios o cumprimentaram com movimentos de cabeça e deixaram o terraço. O líder dos demons aproximou-se de Sarah e falou-lhe algo. Mas a menina não respondeu, ignorando-o por completo, o que aparentemente o irritou, pois ele se afastou e, ato contínuo, desembainhou a espada.

— Seu desgraçado! Não se atreva a tocar em um só fio de cabelo de Sarah, senão eu juro que o caçarei até o inferno se for preciso e, quando o achar, vou transpassá-lo com a lâmina da minha espada, e só descansarei depois de ver a última gota do seu sangue maldito escorrer para fora de seu corpo! – Thomas ameaçou, mesmo sabendo que o alvo de suas ameaças não podia escutá-lo.

* * * * *

Lúcifer ergueu *Hell*, a espada herdada de seu pai, acima da cabeça, com a ponta da lâmina azulada voltada para o peito da apática e calada menina.

— Vamos, responda – rosnou ele. – Você achou mesmo que eu iria me contentar com as migalhas que me ofereceu, podendo me apossar do seu poder, integralmente?

Sarah manteve-se como estivera até então, ignorando-o por completo, com os olhos vítreos, fixos num ponto específico do firmamento estrelado.

— Como queira – ele vociferou. – Chegou a hora de me passar seu dom. Diga adeus a este mundo, Iluminado.

E, com uma horrenda expressão de ódio, o demônio deixou cair violentamente as mãos que seguravam a espada.

* * * * *

Para Sarah, aconteceu como se fosse um filme em câmera lenta. A comprida e reluzente lâmina azul desceu impiedosa em direção ao seu peito. Os músculos, seguindo um impulso involuntário, se retesaram. O coração bateu descompassado. E o medo da morte, por muito pouco, não a traiu. Então, veio a gélida sensação de ter a pele rasgada pelo *criometal* e, naquele ato final de sua existência, ela viu a sua vida, de milhares de anos terrestres, desenrolar-se diante dos seus olhos como um antigo pergaminho. E ela estranhamente não sentiu nenhuma dor, só um grande vazio.

Num último e supremo esforço, a menina iluminada fechou os olhos e concentrou-se na minúscula estrela, que sabia ser, nada mais nada menos, do que *Ethernyt*, o mundo dos anjos. Ao fazê-lo, ela sentiu um intenso calor brotar de seu coração despedaçado e espalhar-se por cada milímetro e por cada célula do seu corpo, enquanto os últimos resquícios da magnífica e inigualável criatura que havia sido esvaíam-se para sempre.

De repente, todo o seu ser transformara-se em luz, que, agrupada sob a forma de um facho luminoso, da espessura de um punho fechado, explodiu em direção ao céu. Em direção a *Ethernyt*...

Uma luz tão forte e intensa que arremessou Lúcifer para trás, fazendo-o cair. Com o braço à frente do rosto, e momentaneamente cego pela intensa claridade daquela luz azul que brotava do peito de Sarah e envolvia todo o seu corpo, o senhor dos demônios não ousou mover um músculo sequer. Permaneceu sentado no chão do terraço, durante os sete segundos inteiros em que o facho luminoso seguiu varando os céus, para muito além

dos limites do firmamento e do próprio planeta Terra. E então, da mesma forma abrupta como surgiu, a misteriosa luz azul, súbita e simplesmente, desapareceu.

Ainda aturdido, tonto e com a visão debilitada, o demônio levantou-se. Mancando, aproximou-se furioso do improvisado altar, plenamente consciente de que fora enganado pela ardilosa menina. Enganado e passado para trás por conta de sua própria ambição e vaidade. Nunca houvera uma possibilidade real de ele ou qualquer outro absorver os poderes do Iluminado.

E, enquanto avançava para o altar, tentava infrutiferamente imaginar que razões haviam levado Sarah a fazer aquilo. A se deixar destruir tão facilmente.

Quando finalmente alcançou-o e vislumbrou o que havia sobre ele, praguejou e amaldiçoou o Iluminado e, principalmente, a si mesmo. Pois ali, sobre a rocha, não havia absolutamente nada. Tanto o corpo físico de Sarah, quanto *Hell*, a sua espada, a sua fiel e estimada companheira, a espada que herdara de seu pai, Mephisto, e que o acompanhara durante todos aqueles milhares de anos, salvando-o da morte em tantas batalhas, haviam se desintegrado por completo.

* * * * *

— Nãããão! – gritou Thomas, ao assistir a centelha da vida esvaindo-se de Sarah.

— Maldito assassino! – Leon praguejou, enquanto Duke permanecia paralisado de terror, com os olhos arregalados diante do monitor.

— Vejam, está acontecendo algo. O que é aquilo? – Othoniel indagou, assim que o corpo da menina foi tomado por uma intensa e vigorosa luz azul.

E eles assistiram, atônitos, à inusitada explosão luminosa, cujo resplandecente facho de luz varou os céus como um raio e perdurou por exatos sete segundos.

Nisto, tão repentinamente como iniciara, a cegante emanação luminosa cessou. A escuridão novamente reinou absoluta. E sobre a rocha retangular não havia mais nada. Nenhum corpo. Nenhuma gota de sangue. Nem mesmo a espada que Lúcifer usara para transpassar o coração de Sarah.

— Minha Santa Edwiges! E-ela desapareceu! – foi tudo o que Duke, ainda perplexo, conseguiu articular.

Uma única e solitária lágrima escorreu pelas faces robustas de Barrabás, que assistia a tudo calado e introspectivo em sua própria dor, como que hipnotizado.

— Agora sabemos como desencarna um verdadeiro espírito de luz... – o Arcanjo declarou, com a voz embargada pela emoção.

# EPÍLOGO

A morte de Sarah, ainda mais naquelas circunstâncias cruéis, calara fundo nos guerreiros da luz. Era como se cada um deles, sem exceção, tivesse uma parte de si brutalmente arrancada. Contudo, em ninguém a dor daquela substancial perda calara mais fundo do que em Barrabás. O ex-monge ficara apático e fechado. Não falava nem se misturava aos demais, preferindo a solidão de si mesmo. Desde aquela trágica noite, em apenas uma única ocasião, no velório simbólico de Sarah, realizado alguns dias depois, escutara-se a sua voz.

Estavam todos lá. Thomas e Desirée, abraçados. Duke, Leon, Micael, Uriel e o Arcanjo, os quatro anjos cientistas, Angelina e Kamael, além de uma comitiva de chefes de estado – os dez líderes da ONU –, liderados pelo presidente norte-americano David J. Fynch, e centenas de outros anjos, muitos dos quais os Escolhidos nem sequer conheciam direito, mas que também desejavam prestar a sua última homenagem ao Iluminado.

Todos, menos Barrabás, que se encontrava desaparecido desde a noite anterior.

Os guerreiros da luz, os Escolhidos, os líderes globais e os demais anjos estavam reunidos diante de uma modesta cruz de aço erigida no lado de fora da base, sobre um promontório rochoso, com um retrato de Sarah soldado ao alto de seu metro e meio de altura.

Fazia um dia raro na Antártida. Apesar do frio intenso, não nevava, e os fortes ventos haviam se acalmado. O céu estava limpo e claro, e até mesmo o sol resolvera comparecer com a sua reconfortante luz e calor para um último adeus à menina, cuja própria luz moldara para sempre o destino de tanta gente.

O velório transcorreu no mais absoluto silêncio. Ninguém disse nada, pois não havia nada a ser dito. Apenas compareceram e choraram em total silêncio, pela morte de Sarah, um ser iluminado e raro, como nunca antes se vira e como jamais se veria novamente pisar sobre a Terra.

Depois de algum tempo, os presentes começaram a se retirar para o interior da base, quando, da porta da mesma, irrompeu um vulto todo desgrenhado, com a roupa suja e amassada e a barba por fazer.

Era Barrabás. O ex-monge parecia um zumbi. Um morto-vivo. Passou por todos, ignorando os olhares de surpresa e de estupefação que lhe eram dirigidos, e desabou de joelhos ao pé da cruz, chorando compulsivamente. Imerso em profunda dor e solitária melancolia, arrancou do peito uma pequena medalhinha e a prendeu firme em volta do

retrato da menina. E, ainda de joelhos, a mão trêmula em torno da medalhinha, ergueu-a até a altura dos olhos avermelhados. Engoliu com dificuldade, e com a garganta doendo como se cada palavra dita fosse feita de arame farpado e a arranhasse, pronunciou uma única frase:

— O que um dia pertenceu à minha mãe e depois a mim, agora é seu, da mesma forma como também o são a minha alma e o meu corpo, que só descansarão após a vingarem.

Estas foram as suas últimas e derradeiras palavras por muito tempo.

Ergueu-se de pé. Enxugou as lágrimas e, sem olhar para ninguém, retornou pelo mesmo caminho que o trouxera ali, sumindo no interior da base.

* * * * *

Vários dias se passaram.

O treinamento prosseguia, de vento-em-popa. E, assim como o exército misto de homens e anjos se preparava e se aperfeiçoava, também eles, os guerreiros da luz, dia após dia, se preparavam e se aperfeiçoavam para o que todos sabiam, já não podia ser impedido e agora se aproximava a passos largos: a decisiva Batalha do Armagedon.

Seria apenas uma questão de tempo até que Lúcifer resolvesse dar o próximo passo. Entrementes, quando o senhor dos demons assim o fizesse, eles estariam ali, prontos e determinados a enfrentá-lo. E, enquanto houvesse um mínimo fio de esperança no futuro, eles estariam ali, prontos e determinados para o combate.

Na verdade, acontecesse o que acontecesse, com ou sem Sarah, os Guerreiros da Luz, os anjos e os Escolhidos da Profecia sempre estariam ali, prontos e determinados a defenderem a Terra e a Raça Humana.

Custasse o que custasse...

Se você gostou deste livro, indique-o para um amigo!